



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

FREDERICO DE LIMA SILVA

**O PUDOR DA ESFINGE OU, SIMPLEMENTE, MAIS UMA DÍVIDA/DÚVIDA
SOBRE AS MULHERES?: UM ESTUDO DA PERVERSÃO FEMININA NA
LITERATURA DE RINALDO DE FERNANDES**

JOÃO PESSOA

2025

FREDERICO DE LIMA SILVA

**O PUDOR DA ESFINGE OU, SIMPLEMENTE, MAIS UMA DÍVIDA/DÚVIDA
SOBRE AS MULHERES?: UM ESTUDO DA PERVERSÃO FEMININA NA
LITERATURA DE RINALDO DE FERNANDES**

Tese elaborada por Frederico de Lima Silva e submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, Área de concentração: Literatura, Teoria e Crítica, Linha de pesquisa: Poéticas da Subjetividade, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

JOÃO PESSOA

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586p Silva, Frederico de Lima.

O pudor da Esfinge ou, simplesmente, mais uma dívida/dúvida sobre as mulheres?: um estudo da perversão feminina na literatura de Rinaldo de Fernandes / Frederico de Lima Silva. - João Pessoa, 2025.

324 f. : il.

Orientação: Hermano de França Rodrigues.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura - Perversão feminina. 2. Literatura - Rinaldo de Fernandes. 3. Psicanálise - Mulheres perversas. 4. Psicanálise freudiana - Sexualidade feminina. I. Rodrigues, Hermano de França. II. Título.

UFPB/BC

CDU 82(043)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**



**ATA DE DEFESA DE TESE DO ALUNO
FREDERICO DE LIMA SILVA**

Aos vinte e cinco dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e cinco, às catorze horas, realizou-se, por videoconferência, a sessão pública da defesa de Tese: “O PUDOR DA ESFINGE OU, SIMPLEMENTE, MAIS UMA DÍVIDA/DÚVIDA SOBRE AS MULHERES?: UM ESTUDO DA PERVERSÃO FEMININA NA LITERATURA DE RINALDO DE FERNANDES”, apresentada pelo aluno Frederico de Lima Silva, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de DOUTOR EM LETRAS, área de Concentração em Literatura, Teoria e Crítica, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Roberto Carlos de Assis, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. O professor Doutor Hermano de França Rodrigues (PPGL/UFPB), na qualidade de orientador, presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte o(a)s Professores Doutore(a)s Márcia Manir Miguel Feitosa (UFMA), Cristhiano Motta Aguiar (UPM), Carlos Gildemar Pontes (UFCG) e Maria das Mercês Maia Muribeca (UNIPÊ). Dando início aos trabalhos, o Senhor Presidente convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao doutorando para apresentar uma síntese de sua tese, após o que foi arguida pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final, ao qual foi atribuído o seguinte conceito: **Aprovado**. Proclamados os resultados pelo(a) Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Hermano de França Rodrigues (Secretário *ad hoc*), lavrei a presente ata, que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

João Pessoa, 25 de julho de 2025.

BANCA EXAMINADORA



**Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues
(Presidente da Banca)**



**Prof. Dra. Márcia Manir Miguel Feitosa
(Examinadora)**



**Prof. Dr. Cristhiano Motta Aguiar
(Examinador)**



**Prof. Dr. Carlos Gildemar Pontes
(Examinador)**

Documento assinado digitalmente
gov.br MARIA DAS MERCES MAIA MURIBECA
Data: 30/07/2025 10:06:09-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

**Profa. Dra. Maria das Mercês Maia Muribeca
(Examinadora)**



**Frederico de Lima Silva
(Doutorando)**

À memória de Maria José (mãe), Antônio (pai), Maria
José (avó) e Fábio (irmão).
Aos meus irmãos Fabiana, Flávio e Florêncio.
Ao Hermano.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo.

A Maria, minha mãe, que faleceu antes que eu tivesse idade e capacidade de lembrar do seu rosto, mas cujo amor, contaram-me, foi o maior do mundo. Ao Antônio, meu pai, homem cheio de defeitos, que começou a trabalhar na agricultura aos cinco anos e, forjado na dureza da lida, faleceu sem reconhecer o valor dos estudos. De onde estiver, saiba que seu filho, forjado na mesma terra, além de agricultor, também arrumou forças para se tornar cientista. A Maria, minha avó paterna, por ter sido um dos meus maiores exemplos de amor e abnegação. Ao Fábio, meu irmão, pelas poucas, porém valiosas lembranças da infância. Todos vocês se foram, mas também permaneceram em mim, em forma de amor. Aguardo, esperançoso, nosso reencontro.

Aos meus irmãos Fabiana e Flávio, que, às suas maneiras, também foram e continuam sendo meus pais. Por vocês, eu enfrento todos os desafios que a vida me impõe, e enfrentaria, novamente, todos os obstáculos pelos quais já passei, mesmo que doesse o dobro.

Ao Florêncio, irmão gêmeo e alma gêmea, por estar comigo desde sempre e para sempre, pelos sonhos, pelas mudanças de rumo, pelas críticas e, sobretudo, pelo amor.

Ao Rinaldo de Fernandes, cuja obra foi responsável por acender a fagulha que deu início a uma pesquisa de mais de uma década e por ter, gentilmente, concedido a permissão para que eu fotocopiasse e anexasse a esta tese os três contos selecionados para análise.

Aos professores doutores José Eider Madeiros e Silvio Tony Santos de Oliveira, membros da banca de qualificação, pelas valiosas contribuições para o andamento e conclusão deste trabalho.

Aos membros da banca de defesa, Prof. Dr. Carlos Gildemar Pontes, Prof.^a Dr.^a Márcia Manir Miguel Feitosa, Prof.^a Dr.^a Maria das Mercês Maia Muribeca e Prof. Dr. Cristhiano Motta Aguiar, pela honra que me concedem ao aceitarem participar, na condição de examinadores, da banca de defesa desta tese, e por serem referências para mim — alguns no que diz respeito ao estudo da obra do Rinaldo de Fernandes; outros pelo trabalho clínico e pelos estudos que sempre me forneceram um olhar particular sobre as psicopatologias.

Aos colegas do LIGEPSI, por terem feito e por fazerem parte desse percurso. Sei que cada um de vocês compreende muito bem quão importante foi nesse itinerário de laços (e nós).

Ao corpo docente do PPGL-UFPB, pelo conhecimento compartilhado no decorrer das disciplinas que cursei durante o doutorado, com especial reconhecimento à Prof.^a Dr.^a Alcione Lucena de Albertim, tanto pelo intercâmbio de saberes promovido em suas aulas quanto pela preciosa indicação de algumas das obras que compõem a seção histórica deste trabalho, e ao Prof. Dr. Arturo Gouveia de Araújo, por ter sido o primeiro professor a ministrar aula na minha graduação em Letras e, depois de tantos anos, estar também presente no doutorado.

Aos coordenadores e técnicos-administrativos do PPGL-UFPB, pela presteza no atendimento das demandas acadêmicas.

A Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba, cuja bolsa de doutoramento (obtida via edital 07/2021) foi de suma importância para a viabilização deste trabalho.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Certa vez, perguntaram-me por que eu sou tão “devoto” ao meu orientador. Respondi, de súbito, que era devido ao fato de que eu não teria chegado tão longe se Deus não tivesse proporcionado o nosso encontro. Foi uma resposta imediata, típica das minhas autorreconhecidas timidez e inaptidão para falar sobre sentimentos. Quem me conhece, de fato, sabe que escrever é o jeito que escolhi para dizer ao mundo o que sinto e o que penso, e é aqui, nessas poucas linhas, que reservo um espaço para dizer, escrevendo, o que não consigo dizer falando. Já ouvi da boca do Prof. Hermano, em mais de uma oportunidade, ao falar com meus colegas do grupo de pesquisa LIGEPSI, que eu poderia, desde a graduação, ter escolhido outros orientadores, que teria o mesmo sucesso devido à minha dedicação. Mal sabe ele a importância daquela ligação que fiz em meados de 2014, em que comentei ter encontrado alguns códigos perversos durante a leitura de um conto de Rinaldo de Fernandes (sendo esses códigos os que o Prof. Hermano havia mencionado em duas disciplinas ministradas por ele durante a minha graduação) e perguntei se ele estaria disposto a me orientar na confecção do Trabalho de Conclusão de Curso. Talvez, ainda hoje, não tenha consciência da relevância daquela aceitação não apenas para a minha carreira, mas para minha vida como um todo. Dos resultados do laço que formamos, os títulos acadêmicos e todas as produções científicas, mesmo que eu reconheça quão importantes são, representam a menor parcela dos meus ganhos. Os maiores proventos, afirmo com convicção, foram: *ser apresentado à psicanálise* — com o aceite que me tornou seu orientando de TCC, veio também o convite para fazer parte do LIGEPSI, o que me permitiu algo que os jovens orientandos de hoje, especialmente os da graduação, talvez não saibam aproveitar, que é o ensejo de poder contar com a imensa disponibilidade do Prof. Hermano para orientações. Lembro-me de algumas ocasiões, ainda no início da nossa parceria, em que passamos quase quatro horas conversando em seu ambiente; momentos nos quais ele não apenas me introduziu aos conceitos fundamentais da psicanálise, como também fez brotar em mim um anseio autodidata de aprendizagem que culminou tanto numa busca pessoal pelo aprofundamento dos conhecimentos em torno da teoria freudiana quanto pela realização de uma especialização em Teoria Psicanalítica, concluída em 2018, e a formação em psicanálise, concluída em 2023; *ser um modelo docente* — o Prof. Hermano, desde as aulas da graduação que tive a oportunidade de cursar, demonstra uma aptidão incrível para a docência, cujas

características seriam difíceis de numerar e detalhar neste agradecimento, todavia, dentre todas elas, as que mais admiro são o seu compromisso ético com os conteúdos selecionados, apresentados e discutidos, respeitando as singularidades subjetivas de cada um dos seus alunos, e a forma humanizada com que conduz os seus inúmeros projetos, ofertando um ambiente de acolhimento, de oportunidade de crescimento intelectual e humano que, com base na minha experiência de participação em muitos deles, só consegui encontrar nesses anos de cooperação junto ao LIGEPSI, o que já influencia a forma como auxilio os colegas de grupo, e que certamente terá reflexo na minha futura atuação docente; *tornar-se um amigo e, pela amizade, também uma forma de cura* — quem conhece o Prof. Hermano mais intimamente, decerto sabe que ele é um professor que valoriza e alimenta, entre os seus alunos e orientandos, o estreitamento dos laços de amizade. Lembro-me de que me tornar amigo dele foi um processo lento, não pela sua falta de esforço, mas pelo meu excesso de timidez, o qual ele enxergou desde o início e soube dar tempo e muitos motivos para que eu percebesse que tenho nele não apenas um orientador, mas também um amigo. Nesses onze anos de parceria, por mais que eu reconheça o valor do que produzimos academicamente, digo, sem receio, que o maior ganho está para além do aspecto acadêmico. Compartilhamos incontáveis momentos de felicidade, ficamos tristes com despedidas e perdas, choramos na frente um do outro, já nos chateamos e nos afastamos, mas nunca nos perdemos, talvez não porque eu merecesse, e sim porque ele é um combo (professor, orientador, amigo, pai, mãe e irmão) de tudo aquilo que faz com que uma pessoa nunca se desligue da outra. Pode parecer hiperbólico para muitos quando falo da minha gratidão pelo Prof. Hermano, mas a consideração não se deve apenas ao fato, por si só digno de gratidão eterna, dele ter sido o responsável por fazer com que um jovem agricultor, de origem humilde e morador de um sítio na zona rural de uma cidade do interior se tornasse um pesquisador relevante para a sua área de pesquisa, mas, acima de tudo, porque a sua amizade, que carrega tantas coisas que não cabem aqui, fez com que um rapaz com problemas de saúde e excessivamente tímido encontrasse, nesse afeto, uma espécie de antídoto, uma forma de cura.

Ao Hermano, meu professor-amigo/amigo-professor, gratidão por tudo!

“[...] mau é tudo aquilo que, com a perda do amor, nos faz sentir ameaçados. Por medo dessa perda deve-se evitá-lo”
(Freud in *O mal-estar na civilização*, 1930/1976, p. 148).

RESUMO

Os estudos relacionados à perversão, enquanto fenômeno clínico, sempre estiveram mais inclinados aos signos do masculino e do *falo*, mesmo que, cabe destacar, esse direcionamento não possuísse caráter insular. Todavia, sabe-se que, tanto no entendimento higienista da sexologia do final do século XIX, responsável por trazer o tema das perversões para a clínica, como na concepção promovida pela cisão originada com a fundação da psicanálise, sempre houve uma dificuldade em comum, que é compreender os pormenores da manifestação perversa na mulher, bem como descrevê-los nitidamente, seja pelas dificuldades inerentes aos primórdios da clínica freudiana do início do século XX, em que as perversões eram legadas quase que exclusivamente aos homens, em grande parte, devido ao ideário protecionista burguês em relação às mulheres, seja pela dimensão oblíqua que o feminino adquiriu ao longo de toda a teoria freudiana, algo que seus legatários, a exemplo de Lacan, vêm tentando dissolver no contemporâneo. Como elemento constitutivo do encontro do ser humano com seus pares, a literatura não só se apresenta como documento histórico, mas também como registro das configurações individuais e coletivas da humanidade durante o processo de desenvolvimento civilizatório, fato que a eleva à posição de instrumento basilar para a observação dos códigos, das manifestações subjetivas humanas e de como a cultura comportou esses fenômenos, dentre eles a perversão, a qual, desde tempos remotos até os nossos dias, ainda se apresenta como um desafio para a manutenção dos laços entendidos como mantenedores da vida em sociedade. À vista do exposto acima, a presente pesquisa busca lançar um olhar sobre algumas das personagens da literatura de Rinaldo de Fernandes, no intuito de dar lugar à figura da mulher que transgride, mas não um transgredir que a inferiorize, e sim um que grita a sua necessidade de *gozo*, por muito tempo cerceada e associada a uma negatividade da sua imagem, da sua feminilidade, da sua sexualidade. Por meio de um delineamento que converge contribuições histórico-literárias e psicanalíticas em torno das manifestações da perversa feminina, e tomando a literatura de Fernandes como ficção que evidencia essas representações, buscamos demonstrar como os atos de perversos das personagens se farão distintivos na assimilação de que não há monismo, não há artigo definido para a misteriosa e imprevisível sexualidade humana, sobretudo no que diz respeito à perversão.

Palavras-chave: mulheres perversas; literatura; psicanálise; Rinaldo de Fernandes.

RESUMEN

Los estudios relacionados con la perversión, como fenómeno clínico, siempre han estado más inclinados hacia los signos de lo masculino y del falo, aunque, cabe destacar, esta dirección no poseía un carácter insular. Sin embargo, se sabe que, tanto en el entendimiento higienista de la sexología de finales del siglo XIX, responsable de introducir el tema de las perversiones en la clínica, como en la concepción promovida por la escisión originada con la fundación del psicoanálisis, siempre ha habido una dificultad común: la de comprender y describir nítidamente los pormenores de la manifestación perversa en la mujer. Esto se debe, ya sea a las dificultades inherentes a los albores de la clínica freudiana de principios del siglo XX, en la que las perversiones se legaban casi exclusivamente a los hombres (en gran parte, debido al ideario proteccionista burgués en relación con las mujeres), o a la dimensión oblicua que lo femenino adquirió a lo largo de toda la teoría freudiana, algo que sus legatarios, como Lacan, han intentado disolver en la contemporaneidad. Como elemento constitutivo del encuentro del ser humano con sus semejantes, la literatura no solo se presenta como un documento histórico, sino también como un registro de las configuraciones individuales y colectivas de la humanidad durante el proceso de desarrollo civilizatorio. Este hecho la eleva a la posición de instrumento fundamental para la observación de los códigos, las manifestaciones subjetivas humanas y de cómo la cultura ha comportado estos fenómenos, entre ellos la perversión, la cual, desde tiempos remotos hasta nuestros días, sigue presentándose como un desafío para el mantenimiento de los lazos entendidos como sostenedores de la vida en sociedad. A la vista de lo expuesto, la presente investigación busca echar una mirada a algunos de los personajes de la literatura de Rinaldo de Fernandes, con el fin de dar lugar a la figura de la mujer que transgrede. Pero no una transgresión que la inferiorice, sino una que grita su necesidad de goce, por mucho tiempo cercenada y asociada a una negatividad de su imagen, de su feminidad, de su sexualidad. Mediante un delineamiento que converge contribuciones histórico-literarias y psicoanalíticas en torno a las manifestaciones de la perversa femenina, y tomando la literatura de Fernandes como ficción que evidencia estas representaciones, buscamos demostrar cómo los actos perversos de los personajes se harán distintivos en la asimilación de que no hay monismo, no hay artículo definido para la misteriosa e impredecible sexualidad humana, sobre todo en lo que respecta a la perversión.

Palabras clave: mujeres perversas; literatura; psicoanálisis; Rinaldo de Fernandes.

ABSTRACT

Studies related to perversion, as a clinical phenomenon, have always been more inclined towards masculine signs and the phallus. It's worth noting, however, that this direction wasn't insular. Nevertheless, it's known that both in the hygienist understanding of late 19th-century sexology, which brought the topic of perversions into the clinic, and in the conception promoted by the split originating with the founding of psychoanalysis, there has always been a common difficulty: understanding the intricacies of perverse manifestations in women and clearly describing them. This is due either to the difficulties inherent in the beginnings of early 20th-century Freudian clinic, where perversions were almost exclusively attributed to men (largely due to bourgeois protectionist ideology concerning women), or to the oblique dimension that the feminine acquired throughout Freudian theory, something that its inheritors, such as Lacan, have been trying to dissolve in contemporary times. As a constitutive element of human encounters with their peers, literature not only presents itself as a historical document but also as a record of humanity's individual and collective configurations during the process of civilizational development. This fact elevates it to the position of a fundamental instrument for observing codes, subjective human manifestations, and how culture has accommodated these phenomena, among them perversion. From ancient times to the present day, perversion still poses a challenge for maintaining the bonds understood as sustaining life in society. In light of the above, this research seeks to cast a gaze upon some of the characters in Rinaldo de Fernandes's literature, with the aim of giving space to the figure of the transgressing woman. However, this isn't a transgression that demeans her, but rather one that screams her need for jouissance, long restrained and associated with a negativity of her image, her femininity, and her sexuality. Through an approach that converges historico-literary and psychoanalytic contributions concerning the manifestations of the feminine pervert, and taking Fernandes's literature as fiction that evidences these representations, we seek to demonstrate how the characters' perverse acts will become distinctive in the assimilation that there is no monism, no definite article for the mysterious and unpredictable human sexuality, especially regarding perversion.

Keywords: perverse women; literature; psychoanalysis; Rinaldo de Fernandes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Pintura num vaso originado de Atenas, por volta do século VI a. C.	43
Figura 2 — “Moça treinando para correr”, estatueta em bronze, Esparta, século 550-520 a.C.	43
Figura 3 — <i>Penelope and the Suitors</i> , de John William Waterhouse (1912)	46
Figura 4 — Hídria ática de figuras vermelhas com gravura de Héracles, Nesso e Dejanira. Atribuição: Pintor de Oritia.....	50
Figura 5 — Aracne é transformada em Aranha por Palas.....	52
Figura 6 — “ <i>The Argo</i> ”, quadro de Lorenzo Costa, 1490.	55
Figura 7 — <i>Jason and Medea</i> , 1907, de John William Waterhouse	58
Figura 8 — Medeia prestes a assassinar seus filhos. Óleo sobre tela de Eugène Ferdinand Victor Delacroix, 1862. (Coleção Museu do Louvre).....	63
Figura 9 — Concílio de Viena (1311-1312), na Áustria, que condenou as beguinhas como hereges, por Cesare Nebbia.....	78
Figura 10 — “O Exame de uma Bruxa” (1853), retratando o julgamento da pregadora Mary Fisher em 1656. Óleo sobre tela, 97,8 x 137 cm (38,5 x 53,9 pol.). Museu Peabody Essex, Salem, Massachusetts.	84
Figura 11 — Exemplos de documentos relatando denúncias de “judaização” no Brasil.....	88
Figura 12 — Ilustração de João, Maria e a bruxa, por Hermann Vogel (1894).	93
Figura 13 — <i>Conformations vicieuses de la tête</i> (parte 1)	113
Figura 14 — <i>Conformations vicieuses de la tête</i> (parte 2)	113

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	16
	Caput 1 - Por que a mulher?	28
1	BREVE HISTORIOGRAFIA DA PERVERSÃO FEMININA	36
1.1	A MITOLOGIA GREGA COMO REPRESENTAÇÃO DA NÃO PASSIVIDADE E DO POTENCIAL TRANSGRESSOR FEMININO	36
1.1.1	O <i>métron</i> e a <i>hybris</i> como amálgamas da perversão	36
1.1.2	O “lugar” das mulheres na diagramação organizacional da sociedade grega clássica	41
1.1.3	A <i>hybris</i> /perversão feminina na tecitura mitológica	48
1.1.4	Medeia e o filicídio como ambivalência entre o amor e o ódio	53
1.2	IDADE MÉDIA E O FEMININO NA ORIGEM E NA PERPETUAÇÃO DO MAL	65
1.2.1	A Igreja, a heresia e a determinação do bem e do mal	65
1.2.2	A mulher como amálgama do pecado original e de seus desdobramentos....	70
1.2.3	O feminino perverso queimado nas chamas da Inquisição e na literatura ...	85
	Caput 2 – O que quer uma mulher?	97
2	MULHERES PERVERSAS?: (DE)LIMITAÇÕES E AMPLIAÇÕES	107
2.1	O EMBLEMA DAS PERVERSÕES NO CONTEXTO PRÉ-PSICANALÍTICO: A SEXUALIDADE VISTA COMO ANOMALIA, DEGENERAÇÃO E IMORALIDADE	107
2.2	A PSICANÁLISE E AS VEREDAS DA PERVERSÃO PARA AS MULHERES	133
2.2.1	A perversão enquanto substrato da sexualidade infantil	133
2.2.2	O masoquismo feminino ≠ passividade frente ao desejo	140
2.2.3	Complexo de Édipo e a (in)viabilidade estrutural da perversão feminina..	146
2.2.4	Lacan e a perversão feminina enquanto formação fantasística	158
2.2.5	Das críticas ao monismo fálico às exequibilidades para a perversão feminina	170
	Caput 3 - Literatura e Psicanálise: consubstanciação e impulsos críticos ...	195
3	CONFIGURAÇÕES DA PERVERSÃO REFLETIDAS EM PERSONAGENS RINALDIANAS	204
3.1	RINALDO DE FERNANDES	204
3.1.1	O autor e o interesse pela sua produção	204
3.1.2	As obras	206
3.1.3	A fortuna crítica	212
3.1.3.1	Artigos publicados em Periódicos Científicos e Anais de Eventos	213

3.1.3.2	Capítulos de livros	216
3.1.3.3	Prefácios, posfácios e comentários críticos	217
3.1.3.4	Ensaio	219
3.1.3.5	Resenhas	219
3.1.3.6	TCCs, dissertações e teses	221
3.2	A CONTÍSTICA E AS PERSONAGENS PERVERSAS DE FERNANDES ...	224
3.2.1	"Duas Margens"	232
3.2.2	"Oferta"	248
3.2.3	"Pescoço de frango"	263
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	275
	REFERÊNCIAS	283
	ANEXO A – "DUAS MARGENS"	310
	ANEXO B – "OFERTA"	319
	ANEXO C – "PESCOÇO DE FRANGO"	325

INTRODUÇÃO

A sexualidade humana, elemento medular da reflexão psicanalítica, funda-se a partir da convergência de múltiplos fatores, dentre os quais três são constantes para o processo de instituição de um indivíduo enquanto sujeito: a biologia, a cultura e a subjetivação, os quais representam os ingredientes basilares à formulação do nosso comportamento, da nossa arquitetura psíquica, da nossa relação com o outro e do modo como encaramos a vida, o mundo e os seus dilemas. Dentre os grupos que aglutinam esse arranjo, os nomeados como perversos certamente compõem uma das parcelas de maior desprestígio. Uns dirão que são indivíduos incapazes de se articularem ao intento comum do movimento civilizatório, fato que se busca comprovar através da existência de incontáveis entidades mitológicas/literárias/históricas que, graças aos seus atos desmedidos em relação aos pressupostos comunitários, especialmente os de essência agressiva e sexualmente desviante, a exemplo de Nesso, Calígula, a Igreja Católica, Gilles de Rais, Barba Azul, Marquês de Sade, Vlad, o Empalador/Drácula, Adolf Hitler etc., marcaram o itinerário memorial humano com sangue e práticas sexuais que, até hoje, escandalizam e promovem certo horror àqueles que se deparavam com suas narrativas.

Nesse percurso, o entendimento sobre a perversão e os perversos passou por algumas mudanças conceituais, considerando as particularidades típicas de cada contexto sócio-histórico. Na Grécia Antiga, por exemplo, o sentido de perverter estava irremediavelmente atrelado à *hybris*, pois o perverso era aquele que agia contra o preceito do *métron*, estabelecido pelo panteão olímpico no intuito de firmar uma distinção, uma fronteira entre o humano e o divino. Na Idade Média, a pluralidade das deidades cedeu lugar à unicidade de Deus, sob a representação da sua emissária na Terra, a Igreja Romana, a quem o monopólio de poder estabeleceu regras ainda mais abrangentes do que aquelas do período clássico, passando não só a requerer o imperativo sobre os limites do poder humano, mas de todas as particularidades da sua vida, o que estabeleceu a primazia dos sentidos de *perverso*, enquanto sujeito inclinado aos desencaminhamentos da agressividade, da violência, e da barbárie, e o de *perverso*, que convergia aqueles indivíduos cujas práticas sexuais adulteravam o contorno determinado para a natureza do homem e da mulher prescritas nos Evangelhos e na doutrina cristã. Na passagem do medievo para a modernidade, observou-se o declínio do imperativo religioso em torno da sexualidade, sem, no entanto, deixar de exercer seu poder, mas as ciências médicas, especialmente a psiquiatria, responsável maior pelo estabelecimento

das normativas sobre o comportamento, dito, saudável daquele período, tomou para si a prerrogativa sobre os estudos, o estabelecimento das concepções e a catalogação das perversões, trabalho que serviu como instrumento não apenas da comunidade científica da época, mas também às ciências criminais, em ascensão a partir do final do século XVIII, que utilizaram os pressupostos médicos para consubstanciar a alegação de desvios contra a ordem moral e demais práticas antissociais. Essa época ficou conhecida pela conotação higienista, pois, utilizando como base maior o discurso biológico, impôs o caráter patológico a toda e qualquer prática que aviltava o que se entendia como funções orgânicas do ser humano, seja na diferenciação entre os sexos, seja no modo com manifesta sua agressividade.

Com o advento da psicanálise, nas passagens dos séculos XIX e XX, por Sigmund Freud, especialmente após a publicação da sua controversa obra “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”¹, em 1905, a comunidade científica foi apresentada a uma nova e polêmica aceção em torno das perversões, graças ao fato de que a teoria psicanalítica tanto procurou desvincular o fator biológico da sexualidade humana, erigindo em seu lugar a noção de uma sexualidade voltada à satisfação da libido, como também a indicação de que a sexualidade humana se constituía muito antes do que se pressupunha, ainda na infância, mediante um modo de funcionamento nomeado de perverso-polimorfo, pois seus códigos não encontravam lugar na restrita formulação de uma sexualidade meramente fundamentada na genitalidade. Nesse panorama, a psicanálise retirou das perversões a compleição patológica até então em vigor como consenso, atribuindo na sua abordagem o entendimento de que se referiam a manifestações que desviavam do objeto e da meta sexuais, mas como forma de sustentação psíquica, como configuração válida de um processo de subjetivação, o qual demonstra certo grau de adoecimento como qualquer um de seus correlatos estruturais.

Mais do que isso, a psicanálise mostrou e continua mostrando, sobretudo em nosso hodierno tão marcado pela crise em torno de certos elementos caros às bases do projeto civilizatório, como a masculinidade, a família prototípica, as infinitas identidades etc., bem como os explícitos avanços — por que não dizer retrocessos? — hostis de nações, ideologias, políticas/políticos, que o termo perversão se alargou de tal modo que passou a servir para aqueles indivíduos que se consideram “normais” projetem sobre os outros, os diferentes, os incompatíveis, os marginais, os seus próprios pendores perversos, atribuindo a esses outros a

¹ FREUD, Sigmund (1905). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 7, p. 121-237.

classe de bodes expiatórios, práxis comum em relação aos perversos ao longo da história, como explicita aquela que é a melhor obra historiográfica que possuímos sobre a tônica das perversões, *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*², da historiadora e psicanalista francesa Elisabeth Roudinesco, obra essencial para quem busca um recorte mínimo e possível sobre o percurso dos perversos na história.

O que os materiais teóricos, críticos e históricos referentes a esses panoramas evidenciam, no entanto, é um patente desequilíbrio dos estudos referentes ao feminino em detrimento ao masculino, não por ausência de mulheres cujos processos de subjetivação comportassem manifestações perversas, mas, ao que nos parece, depois de mais de uma década de estudos em torno das perversões, é que houve uma predileção histórico-científica que permitiu a solidificação da perspectiva de que as perversões representavam um domínio da natureza do homem, a qual se torna evidente para qualquer pesquisador que se debruce sobre a temática. Como veremos no decorrer deste trabalho, são muitos os motivos que levaram a esse cortinar das mulheres no que se refere aos estudos da perversão, dos quais dois se destacam por: o primeiro é a sobreposição do princípio feminino imposto pelo masculino, sobretudo por influência do ideário judaico-cristão, que, mesmo alçando a mulher ao posto de primazia simbólica do pecado, da queda e da mortalidade humana, também buscou lançar sobre ela um véu, fundamentando, sob a prerrogativa divina, o controle mais acentuado sobre o corpo, o comportamento, os bens e outros aspectos de sua vida, o qual também era responsabilidade do homem vigiar e punir; o segundo se trata do movimento ocorrido após o fim da Idade Média, tendo como assoalho a ascendência da burguesia, que provocou, além da escalada das diferenças de classes, ainda assentou um movimento de preservação da intimidade e da moral familiar, em que as mulheres e crianças deveriam ser protegidas do itinerário perverso, mas que culminou, igualmente, em um conspícuo comprometimento desses sujeitos com a clínica psicanalítica em seus momentos iniciais, como se pode verificar nos textos psicanalíticos que abordam a perversão, nos quais as referências às mulheres geralmente derivam das observações feitas sobre os homens.

Como estudiosos da linguagem literária, cremos fortemente que a literatura é palco, entre outras coisas, de um composto subjetivo que comporta códigos subjetivos individuais e coletivos, marcados distintamente pelos elementos particulares dos períodos históricos em que foram compostos ou ganharam lugar no discurso social. Tal como Freud, conhecido por

² ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos: Uma história dos perversos*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

seu profícuo gosto pela leitura, na alvorada de sua psicoterapia, ao observar no texto literário os traços miméticos da subjetividade humana e, a partir deles, dar sustentação para noções até hoje reconhecidas como egrégias da teoria e da clínica psicanalíticas, partimos do esboço de que o texto literário nos fornece códigos capazes de evidenciar possíveis articulações entre o conteúdo metafórico e os arranjos subjetivos que se diluem no fio narrativo, servindo-nos como espelho das nossas próprias tramas, dramas e tragédias. Por sua vez, se a psicanálise funda o argumento de que a livre associação e a escuta atenta são os pontos articulatórios entre o discurso traumático do sujeito e a possibilidade de fazê-lo compreensível enquanto linguagem, é por meio desse mesmo princípio que buscamos na teoria psicanalítica subsídios que nos permitam observar o texto literário como sintoma da cultura e, mais intimamente, daqueles que a coadunam.

A literatura de Rinaldo de Fernandes, um dos nomes mais expressivos a integrar a chamada *Literatura de violência*, uma das linhas ficcionais de maior proeminência da literatura brasileira contemporânea, cuja obra integra os *corpora* de nossa pesquisa, além da tese, há mais de uma década, circunscreve uma gama riquíssima de personagens femininas, muitas delas cingidas por signos como homicídio (*Rita no pomar*), infanticídio ("Duas margens"), pedofilia ("Oferta"), psicopatia ("Pescoço de frango") etc., isto é, traços cristalinos de manifestações que demarcam a potencialidade sexual e agressiva desviante da subjetividade feminina. O intento que nos motiva a lançar um olhar sobre essas personagens se deve, inicialmente, tanto a essa parcela ainda não explorada da ficcionalidade de Fernandes, mas, a partir de um ponto de vista macro, de uma carência de materiais, em nível de pós-graduação, que coadjuvem a discussão sobre as mulheres e a perversão, cujo levantamento particular, realizado em grande parte dos repositórios brasileiros de teses e dissertações no período de formulação do pré-projeto deste doutoramento, que tinha como base a busca pelos termos *mulher perversa* e *perversão feminina*, constatou a inexistência de teses e dissertações que tenham como base o estudo de mulheres perversas no contexto literário, apenas escassas investigações empreendidas pela psicologia, mas que tomavam o texto literário não como *corpus* de fato, e sim como complementos às análises clínicas.

Levando em consideração o percurso que empreendemos desde o Trabalho de Conclusão de Curso³, no ano de 2014, seguido pela dissertação de mestrado defendida em

³ SILVA, Frederico de Lima. *Da letra ao inconsciente: dimensões do desejo perverso*. 2014. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

2017⁴, além dos estudos realizados e publicados no âmbito do LIGEPSI⁵, que anteferiram a análise dos registros perversos diluídos na escrita de Fernandes, julgamos pertinente um empenho, ainda que modesto e incompleto ao se atentar à temática, em evidenciar como essas personagens de Fernandes, mediante suas inscrições figurativas, possibilitam reflexões maiores no que tange a incidência de manifestações perversas no processo de subjetivação feminino.

De modo a possibilitar um lastro no qual se fundamente essa complexa discussão, o decorrer deste trabalho será dividido em três seções, nas quais incluiremos subseções, a fim de melhor delimitar os conteúdos apresentados. Na *primeira seção*, operamos um recorte geográfico, cultural e temporal que permitisse observar como as noções de perversão sempre estiveram atreladas às configurações da cultura pertinentes a cada contexto, e de como o feminino sempre esteve intimamente ligado a elas. Refiro-me a uma *delimitação geográfica*, porque os estudos historiográficos se restringiram ao ocidente, haja vista as sociedades que a compõem possuírem, salvo casos particulares, um eixo norteador uníssono. A visão da cultura oriental sobre a perversão, muito provavelmente, tem mais a nos contar do que talvez a nossa própria, graças à sua mitologia particular e ao modo como os orientais compreendem a sua relação com as divindades, cujo número, ainda hoje, excede em muito o caráter praticamente exclusivo do monoteísmo no ocidente. A *delimitação da cultura* se deu pelo fato de que, embora houvesse inúmeras civilizações precedendo à grega clássica, da qual partimos, nenhuma delas conseguiu infiltrar e permanecer tão distintamente marcada no ordenamento civilizatório do ocidente, em especial, pela sua literatura, pelas leis e pela educação, trecho do trabalho em que tivemos a oportunidade de expor a incoerência da perspectiva de que as mulheres gregas na antiguidade possuíam um papel secundário e/ou inerte na mitologia e, por conseguinte, na sociedade.

O recorte histórico se deu pelo motivo mais óbvio possível, o da impossibilidade de uma pesquisa doutoral de abarcar toda a historiografia em torno da temática da perversão feminina, ainda mais se levarmos em conta que, se a obra mais completa existente na atualidade sobre os perversos não conseguiu dar lugar à totalidade da história dos perversos, em sua maioria homens, que dirá as mulheres perversas, ainda mais desprestigiadas e cuja historiografia, predominantemente alimentada por homens, pouco se empenhou em preservar.

⁴ SILVA, Frederico de Lima. *Literatura e violência: efeitos do desmentido na contística de Rinaldo de Fernandes*. 2017. 205 f. Dissertação (Letras) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

⁵ Para visualização do título dos trabalhos, acessar: <http://lattes.cnpq.br/3527171068588687>.

A esse respeito, sempre que há uma diligência no sentido de trazer à tona qualquer registro histórico da incidência de mulheres perversas, deparamo-nos também com um processo de redescoberta das mulheres, embora elas, as perversas, nunca tenha se afastado de nós. Utilizando, preferencialmente, as informações cedidas pelos documentos literários de cada época, nosso recorte parte da civilização grega clássica, inicialmente expondo o *métron* e a *hybris* como os dois elementos que delimitavam tanto a ação do ser humano em relação aos deuses, quanto em relação a si mesmo, de modo a fazer conhecer que a sua condição efêmera e transitória, e punir exemplarmente quem, por livre iniciativa ou imposição de um deus, ousasse ir contra esses limites. Em continuidade, recorrendo a figuras como Medeia e Aracne, denotavam a caoticidade existente não apenas entre homens e deuses, mas, igualmente, entre as mulheres e as divindades, em especial, aquelas de jaez feminino, de modo a desmistificar o entendimento de que a natureza das mulheres gregas se fundava na passividade e na exclusão social, pelo contrário, além de deterem uma posição importante no organograma comunitário, muitas mulheres também se tornaram cógnitas por atentarem contra a estremadura imposta pelos deuses.

Deslocando-nos cronologicamente, deparar-nos-emos com o medievo e a mudança significativa na relação da sociedade com o divino, o qual foi “reduzido” em número, mas não em poder, afluindo o que antes cabia a infinitas entidades, poder exercido também por uma única personalidade representativa, a Igreja, a qual, por sua vez, apropria-se da prerrogativa sobre a definição do bem e do mal, do pecado, da salvação, da condenação, dos costumes, por meio de prescrições cujo poder estava acima de qualquer lei humana. Como é de vasto conhecimento, a Idade Média engendrou um momento muito restritivo às liberdades individuais, o que não impediu, de modo algum, a existência de comportamentos e práticas à margem das leis de Deus, inclusive dentro da própria cúria. Nesse cenário de intervenção doutrinal, a maioria das mulheres detinham poucas ou quase nenhum direito, vivendo à sombra da imagem transposta pela mitologia judaica, na qual foi graças a sua falha, ao pecado original, que o ser humano caiu em desgraça diante de Deus, o que resultou na limitação dos seus dias e em todas as mazelas enfrentadas pelo ser humano desde então.

Tendo em vista que seu corpo e seu espírito estavam demarcados pelo estigma da primeira mulher a perverter a ordem divina, a figura feminina permaneceu indissociável do correlato da *hybris* para os gregos, a heresia, o pecado contra Deus, por isso a facilidade de se encontrar na história medieval, escrita, em sua maioria pelos doutores da Igreja, a indicação de que as mulheres eram propensas às corrupções da carne e do espírito, e, em um período

demarcado pela religiosidade como suprema interpretação dos eventos, foram elas as escolhidas como alvos preferenciais para explicar os males naturais e sobrenaturais que frutificaram nessa época, não à toa os registros que chegaram ao contemporâneo são abundantes em relação à associação das mulheres com liturgias satânicas/bruxarias e práticas sexuais subversivas, mas poucas capazes de considerarmos os documentos escritos por elas mesmas, já que não cabia a elas ditarem a história, e sim o silêncio enquanto mandamento divino e conduta social, prescrito nos mandamentos e reiterado pelos pais da Igreja. Obviamente, como em todos os momentos históricos, havia aquelas mulheres cujas práticas atentavam contra a ordem divina e social, mas no medievo, ser mulher já incidia a cifra do componente diabólico, do corpo propenso à lascívia e aos encontros sexuais prevaricantes, ameaçando constantemente o princípio da castidade. Como resultado, incontáveis mulheres responderam na fogueira pelo temor dos homens, não apenas no contexto do pecado, *vide* as beguinas, mas também no de poder, como o emblemático caso de Joana D' Arc, cuja condição de mulher não a limitou enquanto guerreira, mas, mesmo vitoriosa, conduziu-a à fogueira. Como aporte teórico para o decurso dessa seção, lançamos mão de prontuários que nos permitiram conjugar as esferas histórica e literária a ela imanente, recorreremos a contribuições de nomes importantes dos estudos mitológicos e comportamentais da sociedade grega clássica, tais como Aristóteles (2012), Grimal (2005), Vermant (2006), Létoublon (2010) etc., e de conceituados medievalistas que trazem à luz os pormenores da sistemática oclusiva ao feminino, *verbi gratia* Falbel (1969, 1976), Klapisch-Zuber (1990), Zordan (2005), Perrot (1988, 2005, 2009, 2012), Lemaire (2018) entre outros.

Optamos por incluir o período seguinte, referente à higienização médica, na *segunda seção* deste trabalho, haja vista que, sem embargo ao seu componente histórico patente, é desse período em diante que a ciência exige para si o controle das determinações sobre a sexualidade e os comportamentos humanos, e no qual nascem algumas das considerações teóricas mais influentes sobre as manifestações perversas. Como sublinhado nas páginas iniciais deste proêmio, do limiar do século XVIII até as primeiras décadas do século XX, observou-se um esforço das ciências médicas, em especial a psiquiatria, mas também da sexologia e do poder judiciário, no intuito de estabelecer uma concepção comum em torno das configurações corporais humanas e das práticas sexuais consideradas saudáveis, as quais respeitassem os regimes biológico, de ordem social e religioso. Por meio de estudiosos e críticos desse período, a exemplo de Foucault (1988), Valas (1990), e Lante-ri-Laura (1994) e Roudinesco (1998), essa conjuntura foi responsável por destituir a conotação puramente

religiosa e atribuir às anormalidades comportamentais o selo de patologias da mente, instituindo conceito de perversão sexual e, graças aos manuais de psiquiatria publicados no período, elaborar uma lista oficial, discriminando todas as práticas sexuais consideradas desviantes, como por exemplo, incesto, fetichismo, inversão, pederastia, zoofilia, sadismo e masoquismo, coprofilia, necrofilia, exibicionismo, voyeurismo etc. Devido ao puritanismo presente na sociedade burguesa, a qual pregava a proteção da sexualidade feminina, as enciclopédias médicas refletiam a omissão e o apagamento da psiquiatria e a sexologia consoante à presença de mulheres na clínica das perversões, aspecto que comprovadamente contaminou e comprometeu os investimentos iniciais da clínica e da teoria psicanalíticas, marcadas pela passagem do entendimento estritamente patológico das perversões para o da sua inclusão como arranjo natural da intangível gama de manifestações da sexualidade humana.

Ao esquadrinhar as considerações freudianas sobre a sexualidade perversa, pontuadas assimetricamente em sua teoria, detectamos não só as dificuldades de se debruçar sobre a sexualidade feminina, ainda muito presentes no cômputo entre séculos XIX e XX, as quais restringiram a sua observação clínica, por muito tempo, à alçada dos adoecimentos neuróticos e psicóticos. Partindo do limitado horizonte freudiano acerca da sexualidade feminina, confirmou-se o que já havíamos observado nos trabalhos anteriormente publicados em nível de graduação e pós-graduação, que a viabilidade de se encontrar mulheres sustentadas psiquicamente em uma arquitetura perversa, mediante a operação da *Verleugnung*, não encontra arrimo na psicanálise freudiana, pois, mesmo levando-se em consideração os avanços realizados ao longo da consolidação da psicanálise, o neurologista vienense não conseguiu estender o entendimento sobre a sexualidade das mulheres para além da universalização do *falo*, cenário em que elas estavam, sob condição imanente, atreladas à castração, o que não as permitiria *desmentir* a realidade traumática, a qual está impressa não como temor, mas atada ao próprio corpo, isto é, a mulher não teria à sua disposição o expediente de negar o encontro com a realidade da castração, logo, presumir-se que só poderia ser neurótica, pela via do *recalque* (*Verneinung*), ou psicótica, mediante a *forclusão* (*Verwerfung*) da falta fálica. O que verificamos, a partir desse cenário inicial freudiano, que também é o limiar da psicanálise, é que restariam de possibilidades de acesso da mulher o próprio horizonte que o pai da psicanálise apontou como formas de entrada das meninas na posição feminina: a *primeira* delas seria através do retorno à sexualidade primordial, na qual seu autoerotismo lhe permitia fluir e desfrutar livremente de sua polimorfia, mas, agora, sob a

forma de uma fixação, o que poderia explicar manifestações de ordem sádico-anais, como a vingança e a violência, ou seja, diz de uma fixação em um tempo pré-edípico; a *segunda* se tornaria possível no contexto de uma tentativa de dissolução do complexo de Édipo, no qual a mulher, enquanto mãe, estabeleceria com o filho a integridade, assumindo-o, simbolicamente, como *falo*, o que, por si só, não constitui um vínculo perverso, apenas nos casos em que, tomado como esse objeto imaginário de totalização, não permita que a criança se desenvolva enquanto sujeito fora da sua jurisdição materna; a terceira seria o de assumir o próprio papel de objeto fetiche, o qual é amplamente visto na literatura, na qual a mulher seria contraparte na cena perversa, um par – o perverso e a mulher, graças a um espécie de perversão fetichista.

Ao se colocar na condição de (re)leitora crítica das postulações freudianas, a obra de Lacan foi a grande responsável por assumir as discussões em torno da perversão e, no que diz respeito às contribuições referentes à possibilidade de existirem mulheres perversas, assume um papel de validação da posição de seu antecessor, mostrando-se reticente em determinar que existam mulheres estruturalmente perversas, todavia, amplia significativamente o modo como o mestre vienense introduziu algumas questões, como o caso do fetichismo. A teoria lacaniana resgata a noção de fetiche, mas dando um destaque ao fato de que, já em Freud, a noção de *falo* não se restringe à concretude do pênis, o qual é apenas um símbolo, dos muito a se considerar na cartografia da plasticidade imaginativa da psiquê humana. A partir desse enfoque, Lacan demonstra que o *falo* só se torna um pênis no cenário da singularização sexual, proposto por Freud, na medida em que passa a servir como alegoria daquilo que falta (à mulher), em outras palavras, o *falo* é o pênis apenas enquanto característica do ter ou não-ter, partícula capital do estabelecimento da diferenciação sexual.

Ao lançar luz sobre esse aspecto, Lacan nos permite alargar a gama de possibilidades da instrumentalização fálica, por exemplo, nos quadros fetichistas, não obstante, seus escritos indicam que o fetichismo feminino se manifesta por meio de uma disposição subjetiva das coisas em que ela ostenta o papel do fetiche, argumento que substancia sua credulidade de que a posição masoquista feminina, descrita por Freud, nada mais é do que um fantasma do desejo do homem, o qual ela assume para si. Esse arranjo, como denotamos, parece sustentar-se na sapiência lacaniana que considera existir na perversa uma vocação de se oferecer como objeto de desejo para o outro. Também conseguimos aferir que sua obra tonifica a ótica da maternidade como meio de comparecimento do feminino no espectro perverso, tal como indicou Freud, no qual a escolha subjetiva de incorporar o filho como tamponador da falta, faz com que decaia a necessidade edípica da figura paterna, predisposta na falha da metáfora

paterna, sob a condição de interdito e de objeto de amor, deslocando esta última para a criança, que, por sua vez, tomada como ser fusionado, tem sua subjetividade intensamente limitada à identificação com a imago materna, cujo efeito primário é a incapacidade de separação ulterior.

Com vistas a trazer para discussão as visões complementares às conjecturas canônicas, optamos por concluir a segunda seção com um apanhado crítico que se desenhou nas últimas décadas, com especial atenção às formulações erigidas por mulheres, dentre as quais situam-se Karen Horney (1933/1991), Harriet F. Lerner (1982), Chasseguet-Smirgel (1991) etc., as quais propõem alguns comentários e reflexões acerca da presença feminina no constructo perverso, cujo ponto de partida é um repensar o monismo fálico que circunscreve o transcurso teórico sobre os fundamentos da manifestação perversa, explicitamente presente nas considerações freudiana e lacaniana sobre o tema, o qual é visto, por algumas estudiosas contemporâneas como sendo limitante ou insuficiente para dar contornos à sexualidade feminina. Os argumentos situam os elementos mais distintivos do fenômeno, como a primazia fálica, ingrediente balizador não apenas do fenômeno perverso, mas da instrumentalização do desenvolvimento psicosexual, a castração, de modo a fazer refletir se o entendimento do *falo* como instância central no pensamento freudiano e binário no lacaniano, substanciados pela lógica paradigmática da presença ou ausência, do sim ou do não.

Essas proposituras hodiernas, conquanto não pareçam querer esgarçar as formulações preceituais, ao ponto de reformulá-las e, disso, delinear um novo modo de compreensão da subjetividade perversa, decerto conseguem trazer à tona a carência que o pensamento psicanalítico (ainda) possui no que concerne à intelecção sobre a subjetividade feminina, algo imprescindível para uma percepção cristalina da sua sexualidade e, por conseguinte, da sua efetuação como criatura empertigada na perversão, momento em que a existência da mulher perversa poderia deixar de ser vista para além de um prisma da supressão fálica, dela enquanto apenas signo da negatividade do homem, impressa do *desmentido*, e se dirigiria para um modal missivo mais largo, no qual o próprio corpo da mulher — por que não o seu próprio órgão genital? —, possa compor o horizonte desse enigma, haja vista ser a vagina o nosso ponto de inserção na ambivalente experiência de sermos lançados ao mundo, bem como uma preeminência ainda mais capital na estruturação da ordenação psíquica humana, amplamente discutida nos fundamentos da psicoterapia freudiana, a relação mãe-bebê, a qual parece não ter o prestígio merecido no arcabouço das discussões sobre a perversão, mas que tem potencial para sinalizar o porquê de certas tendências violentas incorporadas ao processo

de subjetivação tanto de homens quanto de mulheres, como tão bem indigitaram literaturas psicanalíticas como a kleiniana, em que a dimensão do *ter* e do *não ter* se apresenta sem distinção no arcaísmo de nossa sexualidade. À medida que encerramos a segunda seção, salientamos que a teoria psicanalítica ainda não encontrou, a exemplo do que se tem da perversão nos homens, um ponto de compreensão que se possa estabelecer como um terreno menos movediço, já que tanto Freud como Lacan, os nomes mais importantes a depositar em sedimentos a temática da perversão, admitem sua incapacidade de ilustrar em detalhes aquilo que está mais adiante da fronteira que divide o tangível da sexualidade feminina e o seu conteúdo incorpóreo, informe, impreciso e, sob o valhacouto do inconsciente, não totalmente acessível.

O lastro argumentativo dessa seção teórico-crítica foi construído por meio de uma profunda e extensiva pesquisa de ordem bibliográfica, na qual se buscou comunhão entre as postulações fundantes e, até certo ponto, perenes de Freud, que se estendem no transcorrer de toda a sua obra; os pressupostos assumidos por Lacan em sua decodificação e ampliação dos princípios freudianos sobre a perversão; ambos considerados, ainda hoje, os nomes de maior influência no entendimento do fenômeno perverso; e as proposições contemporâneas que fomentam um fazer refletir acerca da visão estruturalista empregada, sobretudo no que concerne ao engessamento da mulher no cenário perverso e, com isso, mostrar que o desejo feminino não comporta um lugar meramente auxiliar na sintomática que dá contornos à perversão e o mal-estar dele proveniente, mas de protagonismo, como os atos incorridos pelas personagens da literatura de Fernandes espelham.

Apresentados os argumentos históricos, teóricos e críticos que sustentam o fio investigativo desta tese, compete-nos a asseveração, reiterada ao longo do texto, de que este trabalho doutoral não possui a pretensão de afirmar a existência de mulheres na estrutura perversa, pois, embora tenhamos um histórico de estudos teóricos sobre a temática da perversão, bem como suporte de formação, temos a convicção que essa tarefa não pertence à alçada de um estudo de natureza crítico-literária, de modo que a condução da análise a ser realizada no seccionamento de análise não propende interpretar se as personagens da literatura de Rinaldo de Fernandes, a saber, dos contos "Duas margens" (2005), "Oferta" (2005) e "Pescoço de frango" (2020) são perversas, não apenas pelo argumento anteriormente exposto, mas por levarmos em consideração que o *corpus* literário não deve ser assimilado enquanto passível de análise psicanalítica, já que se trata de um material ficcional, não de um indivíduo dotado de um percurso subjetivo e dos demais elementos necessários ao processo

fundamentado por Freud, mas de uma análise crítico-literária que se utiliza do método psicanalítico como artefato interpretativo, por meio do qual se pode extrair dos fios que tecem a narrativa, os códigos de sua mimese da subjetividade humana e do mal-estar na cultura, nos quais podemos vislumbrar o fato de que a perversão é um registro peculiar do trânsito civilizatório, portanto, impossível de ser prescrito em absoluto.

Antes de darmos prosseguimento ao *caput* da primeira seção, é de suma importância para o desenvolvimento desta tese mencionar que, para a psicanálise, o que denominamos de feminino não se refere exclusivamente às mulheres biologicamente definidas, e sim uma posição subjetiva, uma estrutura psíquica que pode ser assumida tanto por homens quanto por mulheres, na forma particular como cada sujeito se organiza na sua relação com o desejo, a linguagem e a castração, que pode ser experimentada por qualquer indivíduo, independentemente do seu sexo biológico. Todavia, com vistas a evitar quaisquer ambigüações que possam desencadear uma má compreensão do debate acerca das especificidades da perversão nas mulheres, salvo quando mencionado o contrário, o uso do termo “feminino” neste trabalho deve ser considerado como um sinônimo para mulher.

Caput 1 - Por que a mulher?

Partindo do firmamento da civilização ocidental, que se edifica em um alicerce majoritariamente judaico-cristão, percebe-se que muito se atribuiu às mulheres, no entanto, pouco foi dito por elas mesmas, um cenário de retenção que encontra respaldo nos escritos religiosos que balizaram os primórdios daquilo que viria ser a fé cristã, como podemos ver em um dos trechos exordiais do *Novo Testamento*: “no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (João 1:1), ou seja, nos primórdios, era o Verbo/a Palavra, e o Verbo/a palavra estava com Deus, era o próprio Deus. Dessa forma, a palavra cabia a Deus, à figura masculina, ficando a mulher sob a égide do silêncio⁶, um emblema que a acompanharia ao longo dos séculos, sempre reiterado pelos mecanismos de regulação social, tais como a religião, os manuais de comportamento, o próprio Estado em muitos casos, dentre outros, como um mandamento que a instituía enquanto sujeito. A história do ocidente é fortemente marcada pela oposição homem/cultura e mulher/natureza ou ainda homem/*logos*/razão e mulher/irracional/incapacidade; contraste que passaria a comandar os rumos da civilização, como se evidencia em alguns dos mitos fundadores da humanidade segundo as culturas grega e judaico-cristã, seja na temeridade de Pandora, filha primogênita de Zeus, cuja curiosidade se tornou quadro distintivo da origem das mazelas humanas, em contraponto, por exemplo, a Prometeu, que leva o fogo sagrado aos homens, mesmo sabendo da terrível punição que receberia; seja em Eva, a primeira mulher, aquela que instituiu o mal original e condenou todos à infelicidade, passando a representar, posteriormente, a potência noturna, a força das sombras, a rainha da noite – enquanto Adão, o primeiro homem, simboliza a razão lúcida, o princípio civilizador, a potência diurna e a ordem⁷.

À vista dessa conjuntura mítica, o silêncio se caracterizou como uma distinção das mulheres em diferentes períodos, marcando-as por um processo de apagamento, de invisibilização. Para boa parte dos estudiosos da condição feminina ao longo das eras, os registros históricos asseveram que as mulheres não pertenciam ao espaço público, mas ao

⁶ Em carta a Timóteo, o apóstolo Paulo afirma, sobremaneira, a necessidade do silêncio das mulheres, pois a elas não pertencia a Palavra. Segundo ele, “durante a instrução, a mulher conser-ve o silêncio, com toda submissão. Eu não permito que a mulher ensine ou domine o homem. Que conserve, pois, o silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão” (1 Timóteo, 2:11-14). Em outra passagem, o mesmo apóstolo ratifica: “Como acontece em todas as Igrejas dos santos, estejam caladas as mulheres nas assembleias, pois não lhes é permitido a palavra. Devem ficar submissas, como diz também a Lei. Se desejam instruir-se sobre algum ponto, interroguem os maridos em casa; não é conveniente que uma mulher fale nas assembleias (1 Coríntios, 14:34-35).

⁷ PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 168.

privado, vivendo confinadas dentro de suas casas, onde sua atuação marcava a ordem das coisas, haja vista que, em sociedades clássicas, como a grega, sua aparição em público, sozinha ou em grupos, causava temor social, identificado pelos gregos como *stasis*, a desordem, a discórdia, a selvageria, a bestialidade⁸. Esse signo acompanharia a história das mulheres nos mais variados âmbitos, sendo a sexualidade um dos elementos mais estigmatizados, porque a sexualidade feminina se relaciona a todo o contingente de transgressões humanas, ao pecado, ao desejo que põe em risco o homem, o seu poder e as suas representações.

No entanto, esse caráter transgressor atribuído à figura feminina nunca priorizou o aspecto violento do seu comportamento. Isso pode ser explicado, dentre outros fatores, pelo fato de que o desmedido da agressividade sempre foi uma característica associada ao masculino, desde a mitologia grega, com os seus heróis semideuses e, principalmente, pelo fato de a violência estar relacionada, quase que exclusivamente, ao ambiente de batalha, à guerra, local que, salvo exemplares da mitologia e raros registros históricos preservados⁹, afastava a presença de mulheres, incluindo-as no grupo daqueles considerados inaptos física e psicologicamente para o ambiente hostil e atroz da batalha¹⁰.

Ainda que tradicionalmente associada ao masculino, a violência, além de não ser um elemento circunscrito aos homens, faz parte de muitas esferas da vida humana. Tais esferas pertencem não apenas aos cenários colossais das guerras, mas também, ou sobretudo, às pequenas instâncias do viver social, ora privadas, internas à vivência de locais como a casa; ora coletivas, em ações que revelam o constante estado de tensão no qual a sociedade se encontra ante os desejos que, outrora, não encontravam barreiras como as que a civilização impõe, e hoje apontam para a dissolução progressiva do valor dos laços sociais.

⁸ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2012, p. 17.

⁹ A história se encarregou de preservar registros da participação feminina em guerras que mudaram os rumos da civilização. Personagens como Joana d'Arc (1412-1431), camponesa que lutou contra tropas inglesas e ajudou na libertação da cidade de Orleans, e as amazonas, figuras da mitologia grega, que desconstruíam a representação frágil das mulheres clássicas, são alguns dos exemplares.

¹⁰ Na contramão do pensamento de que as guerras não foram um ambiente transitado por mulheres que colocaram armas em punho e lutaram nas frentes, destacamos uma passagem do livro *A guerra não tem rosto de mulher*, da ganhadora do Nobel de Literatura Svetlana Aleksievitch (2016), onde a autora, em conversa com um historiador, destaca a participação das mulheres no exército vermelho, da antiga União Soviética, durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo a autora: “No Exército soviético lutaram aproximadamente 1 milhão de mulheres. Elas dominavam todas as especialidades militares, inclusive as mais ‘masculinas’. Surgiu até um problema linguístico: as palavras ‘tanquista’, ‘soldado de infantaria’, ‘atirador de fuzil’, até aquela época, não tinham gênero feminino, porque mulheres nunca tinham feito esse trabalho. O feminino dessas palavras nasceu lá, na Guerra [...]” (p. 8).

Freud, em seu escrito “Totem e Tabu”¹¹, de 1913, aponta razões que poderiam estar no cerne das motivações agressivas do ser humano. Para o fundador da teoria psicanalítica, os atos em que ocorre uma exacerbação da agressividade são prova da querela primitiva que constitui cada um de nós, composta pelas nossas necessidades arcaicas (sexuais e agressivas) e pelas privações concernentes à entrada do ser humano no corpo social. Devido a essas privações, que limitam os meios de satisfação eficazes, os indivíduos não conseguem lidar com a tensão provocada por uma demanda destrutiva e pela necessidade de submeter-se aos regulamentos sociais. Assim, como o fez em outros momentos, foi na mitologia grega que o neurologista vienense buscou os registros necessários à observação dessa característica nos laços que remontam aos mais antigos agrupamentos humanos.

O fundador da psicanálise analisou as manifestações de crueldade em povos primitivos¹², onde acabou observando a presença do mito do assassinato do pai tirano, levando-o a constatar a primazia violenta e cruel da origem da cultura. Embora fosse levado a conjecturar que o distanciamento dos costumes e práticas dos povos primitivos, em relação aos da civilização, dita, moderna, revestia-se, em alguns casos, de um tom animalesco, Freud enfatizou que as atitudes que entendemos como cruéis não são próprias dos povos com características próximas às de animais, muito menos dos animais em si, mas sim das sociedades desenvolvidas, cujo progresso denotava, sobretudo no contexto das Guerras Mundiais, não representava um avanço em direção ao bem comum, mas sim uma inflexão nos modos de manifestação do ódio humano pelos seus pares.

A despeito de sabermos não existir uma história concisa dos indivíduos denominados perversos, como salienta Roudinesco (2008), ainda é possível encontrar um amplo acervo documental em torno de homens que se destacaram pelo seu caráter cruel, deixando cicatrizes na cultura que reverberam ao longo das eras e servindo como alerta para os membros do corpo social sobre a potencialidade violenta da nossa natureza. No que corresponde ao feminino, sem embargo a tentativas de averbação de casos, o material dedicado às manifestações perversas femininas, se comparado ao dos homens, é infinitamente menor, o que não endossa a inexistência de comportamentos desmedidos por essa parcela da população, mas outros fatores, como por exemplo, o fato de que a história foi majoritariamente escrita

¹¹ FREUD, Sigmund (1913). Totem e Tabu. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 13, p. 13-194.

¹² Quando nos referimos a povos primitivos, não estamos, de forma alguma, desqualificando-os, muito menos os caracterizando como seres aculturados, tendo em vista que toda e qualquer cultura é rica na singularidade de suas configurações.

por homens, os quais, sob a pavês de uma valorização da potência patriarcal, elencaram a si mesmos como os merecedores de menção histórica, conjuntura que, embora capaz de ocultar parte significativa dos registros da perversão, não impediu que personagens femininas ficassem marcadas em nossos imaginário e memória.

Nesse intercuro, a linguagem literária representou um importante instrumento de registro das representações da subjetividade humana, dada a sua singular capacidade de metaforizar nossos conflitos particulares e coletivos em seus roteiros, dentre eles a crueldade, que acompanha o ser humano desde tempos imemoriais, representada nos mitos que chegaram até nós e se fazendo cada vez mais presentes nos escritos da nossa contemporaneidade. No plano literário, contudo, as personagens femininas cruéis, a nosso ver, nunca foram um alvo preferencial de análise, ficando, em sua maioria, restritas à demarcação da clivagem entre o ser humano civilizado e o animalesco, quase sempre ilustradas por homens, quando, na verdade, simboliza uma questão ainda mais englobante e fulcral no itinerário histórico, que é o conflito em relação ao desejo¹³. A disposição dos historiadores em relação ao testemunho que os textos literários podem oferecer, assim como dos escritores, críticos e teóricos da literatura pela historiografia, como meio de desenvolvimento e interpretação de contextos que podem ou estão inseridos nos textos literários é antiga e bastante frutífera. Esse binômio, no entanto, deve ser tratado com o devido cuidado que ambas as áreas do saber nos exigem. Levando em consideração que este é um trabalho crítico-literário, há na nossa parte um compromisso em manusear o texto literário levando em consideração seu caráter ficcional, sem, no entanto, esquecer seu potencial de capturar a essência do seu tempo, que é o responsável direto por grande parte dos recursos de que os autores usufruem. À vista desse compromisso de quem faz do trabalho crítico o seu ofício, cremos ser bastante pertinente o disposto por Bosi (1997) quando afirma que

O romancista não mente nunca, porque efetivamente está mexendo com representações da imaginação que podem ou não ter um conteúdo empírico historicamente atestado. Mesmo que maciçamente seja documentado o fato que ele está contando, o regime do texto no seu conjunto (daí a necessidade de não esquecer o conjunto, digo eu) é de ficção.¹⁴

¹³ Segundo a concepção psicanalítica freudiana, trata-se de um dos polos de conflito defensivo do inconsciente, isto é, corresponde a um elemento que “tende a realizar-se restabelecendo, segundo as leis do processo primário, os sinais ligados às primeiras vivências de satisfação” (Laplanche; Pontalis, 1991, p. 113).

¹⁴ BOSI, Alfredo. As fronteiras da literatura. In: AGUIAR, Flávio (Org.); MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.); VASCONCELOS, Sandra T. (Org.). *Gêneros de fronteira*. São Paulo: Xamã, 1997, p. 13.

Bosi impõe uma verdade que, para nós estudiosos da literatura, nem sempre é de fácil absorção, que o texto literário, na qualidade de composição ficcional, é resultado de um trabalho imaginativo, fantasioso, um produto que se utiliza do fingimento para alcançar a mimese, ou seja, a literatura não tem, nem precisa ter, compromisso com o real externo ao sujeito, com a realidade do mundo, com a veracidade daquilo que a integra, todavia, sendo os escritores sujeitos marcados, indissociavelmente, pelos meios de produção e aspectos constitutivos da cultura de seu tempo, é imperativo reiterar que sempre haverá uma conexão do *background* de suas produções com o contexto histórico do qual participam, o que nos permite ponderar que a matéria ficcional de um escritor sempre estará, em alguma medida, amalgamada ao real coletivo, ao recorte histórico no qual está localizado, perspectiva defendida de forma mais incisiva, inclusive por historiadores como Chartier (2002), na medida em que pondera que todo registro histórico, enquanto documento, seja ele literário ou não, é necessariamente uma representação do real que se apresenta ao autor e à cultura de determinada época, pois é impossível para o ser humano desconectar-se totalmente das regras de produção, dos princípios estéticos intrínsecos a cada gênero, constituindo na sua ficção um "real" que incorpora tanto a historicidade intrínseca à sua produção como a intencionalidade talhada na sua escrita¹⁵.

Essa perspectiva ganha ainda mais substância quando pensamos nos fragmentos míticos que chegaram até nós, já que a mitologia é um instrumento de preservação e transmissão de uma verdade inerente à memória de uma população, que, concomitantemente, possui tanto um aspecto individual quanto comunitário, isso porque, por uma parte, é um indivíduo que a registra (Homero, Eurípedes, Virgílio), mas é a sociedade que o recupera e o valida, fato que nos permite apontar a capacidade do mito de permanecer em constante evolução ou reelaboração, ao passo que, ao interligarmos mito e memória, nas palavras de Pierre Nora (1993/2012):

[...] ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado.¹⁶

¹⁵ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.

¹⁶ NORA, Pierre (1993). Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*. Tradução Yara Aun Khoury, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 2012, p. 9.

Tendo em conta que a transmissão do mito se deu, inicialmente, pela via oral, e a palavra, como salienta Barthes (1999), em sua obra *Mitologias*¹⁷, se entrelaça com a ideia de resguardo, de conservação de informações cruciais que moldam a compreensão da realidade, tanto a palavra quanto o mito atuam como repositórios, retendo nos quadros mentais dos indivíduos grande parte do que foi produzido pela sociedade ao longo do tempo, validando o que ponderamos anteriormente em relação à consubstanciação entre mito e memória possuir caráter dualístico, individual e coletivo, na medida em que aquele que tenta registrar extratos de um mito, sendo um indivíduo, agente ativo, registra e acumula experiências, conhecimentos e crenças, tecendo a sua própria teia de significados ao elaborar esse documento oral. Ao passo que o coletivo, como um organismo vivo, recupera essas narrativas, reinterpretando-as e ressignificando-as também no contexto de sua própria existência, daí a capacidade de certos componentes do mito serem incorporados ao inconsciente coletivo, à escrita ficcional, ao mesmo tempo preservando-os e adequando-os à contemporaneidade.

Essa dialogicidade inerente ao mito, que funde o individual e o coletivo, confere ao registro mitológico um caráter dinâmico e multifacetado. A memória individual, nutrida por experiências pessoais e influenciada pelo contexto social, molda a percepção do mito pelo escritor/autor, atribuindo-lhe, no processo de criação, significados únicos e subjetivos. Já a memória coletiva, construída a partir de um mosaico de vozes e narrativas, robustece o mito como um elemento fundamental da identidade cultural, transmitindo valores, crenças e tradições através das gerações. A palavra, a partir do que medita Barthes (1999), serve, nesse intrincado processo, como um elo que conecta o passado ao presente, o individual ao coletivo, em outras, ela é o veículo que transporta o mito através do tempo e do espaço, permitindo a sua adaptação em diferentes contextos. A cada nova interpretação, o mito é enriquecido, absorvendo novas camadas de significado e refletindo as transformações da sociedade ao longo da sua história.

É por isso que a primeira seção deste trabalho de doutoramento busca na mitologia grega, recorte que acreditamos ser o mais viável para traçar os rumos de uma contextualização ocidental, os alicerces histórico-literários necessários à verificação das personagens femininas consideradas desmedidas, posteriormente hereges e, por fim, perversas. Optamos por trazer à discussão dois momentos históricos: *Antiguidade Clássica Grega*, onde lançamos um olhar

¹⁷ BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

sobre o mito enquanto ordenador das relações divino-humano e humano-humano, do qual extraímos algumas ilustrações importantes sobre a não passividade feminina, expressa não apenas na sua atuação social, como também a rivalidade feminina, o ciúme, o medo da separação, a vingança etc., elementos recorrentes no contexto mitológico, que nos oferecem um delineamento do potencial dessas mulheres de perverter a ordem cósmica, de negar a medida estabelecida pelos deuses; a *Idade Média* adentra como recorte potencialmente mais deletério sob o ponto de vista das delimitações a que as mulheres estavam enquadradas, sobretudo pela conotação indissociável ao pecado original, que lança sobre elas a responsabilidade pela instituição das mazelas humanas, pela finitude da vida, fazendo com que sempre estivessem propensas ao pecado ou, elas mesmas, o fossem por meio da lascívia que seus corpos instaram nos homens. A todo o momento vigiadas, muitas mulheres foram acusadas, com ou sem provas, por atos que os representantes de Deus na Terra estabeleceram como diretamente ligados ao demônio, mesmo quando não passavam de práticas medicinais ou expressões da sexualidade, e, sem que pudessem ir contra o que prescrevia os manuais descritivos que as qualificavam como bruxas/feiticeiras, foram torturadas e, em muitos casos, queimadas vivas na fogueira, evidenciando que nem tudo aquilo que recebe o rótulo de perverso, de fato o é. Acreditamos que, apesar de não totalizantes, esses dois recortes temporais são capazes de nos abastecer de materiais condizentes com os propósitos desta investigação.

No que concerne a essa escolha, alguns apontamentos precisam ser demarcados. O *primeiro* deles é que, não obstante ao fato de delimitarmos a sociedade grega como o marco inicial, temos total discernimento de que a existência de figuras femininas perversas não está restrita ao enquadramento que propomos, na medida em que a manifestação perversa acompanha o ser humano desde, pelo menos, os primeiros contatos entre um ser humano e outro. *Segundo*, optamos por não avançar para a Modernidade, pois seu contexto se entrelaça com os conteúdos da seção teórica, que já miscigenam história e teoria. *Terceiro*, a seção que sucede este *caput*, de forma alguma, pretende dar conta de uma história da perversão feminina. Anuímos que essa não constitui a nossa intenção, e sim a de apresentar um breve, porém contundente decurso, capaz de remontar, mesmo que singelamente, como as configurações da perversão feminina foram erigidas, de modo que, ao ser publicada, possa humildemente contribuir para o debate acerca dessas personagens que influenciaram a maneira como enxergamos o feminino, tal como o masculino, a partir das suas potencialidades desviantes. Por fim, a seção a seguir apresenta a literatura e outros

documentos humanos como códigos capazes de armazenar/guardar as perquirições de um tempo, os jaezes de certos povos e dos lugares em que estavam/estão assentados, no intuito de lançar luz àquilo que a perversão feminina traz em seu bojo. Para sustentação desse intento historiográfico, recorreremos às contribuições de importantes estudiosos da mitologia e dos fenômenos comportamentais da sociedade grega clássica, tais como Aristóteles (2012), Grimal (2005), Vermant (2006), Létoublon (2010) etc, bem como de conceituados medievalistas que trazem à luz os pormenores da sistemática oclusiva ao feminino, *verbi gratia* Falbel (1969, 1976), Klapisch-Zuber (1990), Zordan (2005), Perrot (1988, 2005, 2009, 2012), Lemaire (2018) entre outros.

1 BREVE HISTORIOGRAFIA DA PERVERSÃO FEMININA

1.1 A MITOLOGIA GREGA COMO REPRESENTAÇÃO DA NÃO PASSIVIDADE E DO POTENCIAL TRANSGRESSOR FEMININO

1.1.1 O *métron* e a *hybris* como amálgamas da perversão

Sabe-se que o uso do termo perversão, como o conhecemos hoje, só veio a ocorrer no medievo, mais especificamente em 1444¹⁸, ou seja, antes disso, os sujeitos não eram entendidos por meio dessa configuração, pois eles, criados pelos deuses, possuíam um único movimento capaz de invocar um reflexo perverso: achar-se semelhante às deidades. Ao assumir uma postura que o colocava no mesmo patamar de suas divindades, o indivíduo ultrapassava o principal ou, quiçá, único limite estabelecido aos humanos, o *métron*¹⁹, a medida que servia como ordenadora não apenas da relação entre os deuses e os homens, mas também organizadora do próprio *kósmos*. Muito mais do que forças criadoras, os deuses eram entendidos e cultuados pelo seu papel como protetores do equilíbrio cósmico, lugar no qual o ser humano habitava apenas como elemento adicional que surgiu mediante à benevolência daqueles. Ao atentar contra essa balança, insurgem numa ofensa que constitui um movimento diametralmente oposto ao *métron*, o que provoca essas entidades a agirem frente à desmesura para que a harmonia seja restabelecida, quase sempre mediante punições severas e exemplares.

Ao incorporar parte dos preceitos mitológicos em sua filosofia, Platão pontua acerca de como se manifesta o desrespeito à ordem divina e a sua consequência na dinâmica humana, onde atribui ao castigo divino, vale salientar, um poder de promover o mal-estar psicológico

¹⁸ Lanteri-Laura (1994, p. 24) ‘indica que o significante *perversion* aparece registrado desde 1444; trata-se de um empréstimo do latim clássico *perversio*, criado a partir de *perversum*, supino do verbo *pervertere*, cujo sentido primário era ‘revirar’, ‘inverter’, mas que assumiu muito depressa a acepção de ‘virada inoportuna’; aliás, desde as primeiras vezes em que foi empregado, o termo perversão comportou uma significação pejorativa, e a metáfora subjacente era de uma reviravolta ruim”.

¹⁹ De acordo com Leite (2001, p. 24), *Metron*, ou *métron*, na mitologia grega, significa a linha invisível que separa o humano do divino. Um novo modo de agir que insere o homem numa condição em que ele perceberia as fronteiras da ação através da razão livre. Ou seja, ele tem conhecimento do seu fim (*Télos*). O agir humano deve, portanto, ter o seu próprio *Télos*. O fim do homem aconteceria quando entendesse o seu próprio arcabouço ontológico. Se o homem conhece a si mesmo como um ser que — e ele sabe disso — aprende a conhecer a origem, o seu *Arché*, assim como ele aprende a conhecer o seu fim, o seu *Télos*, até onde ele deve ir.

não apenas do seu causador, mas da sociedade como um todo²⁰, daí observam-se aspectos como por exemplo, a polis costumeiramente expatriar quem cometesse uma *hybris*²¹, de modo a preservar a proteção divina e, por conseguinte, evitar represálias por parte dos deuses. Conforme as palavras do notório pensador grego, presentes no Livro IV, d' *As Leis*²²:

Falemos, portanto, a eles da seguinte forma: “Homens, o deus que tem em suas mãos segundo a tradição antiga, o começo, o fim e o meio de todos os seres que existem, encaminha-se diretamente para sua meta entre as revoluções da natureza, acompanha-o sempre a Justiça, que se vinga daqueles que infringem a lei divina; e ela é, por sua vez, acompanhada por todo aquele que deseja a felicidade, que a ela, se liga com humilde e ordenado comportamento; mas aquele que se enche de soberba, exaltado por suas riquezas e suas honras ou ainda pela beleza física e que através desse orgulho associado à juventude e à loucura tem sua alma inflamada pela insolência, acreditando que prescinde de quem o governe ou conduza e crendo, ao contrário, que é capaz de conduzir os outros – esse é abandonado e preterido pelo deus, e sendo abandonado ele atrai para si outros de natureza semelhante a sua, e por seu pavoneamento desatinado mergulha a todos na confusão.”²³

Aristóteles (2012) também aborda a problemática da *hybris*, corroborando os preceitos platônicos de que esse fenômeno constitui um perigo à constituição do homem grego e dando a sua contribuição para o entendimento da temática nos aspectos éticos que a integram. O filósofo dispõe que a “*hybris* é a incorreção que faz os homens buscarem prazeres para eles mesmos enquanto leva outros à desgraça”²⁴. Assevera, ainda, o caráter anímico da manifestação, ao apontar que, em seus excessos, o ser humano se encontra regido pelo imperativo dos prazeres, em oposição aos preceitos do *logos*²⁵, o que tonifica um conflito

²⁰ Lembremo-nos, por exemplo, da tragédia *Édipo Tirano*, de Sófocles, na qual podemos observar como Tebas foi assolada por uma série de mazelas antes de Édipo reconhecer que assassinou seu próprio pai, Laio.

²¹ “*Υβρις* - Mãe de Coro (a “Saciedade”), personificação da “Insolência” e da “Violência” (Pind. *Ol.* 13, 10), carece de mitologia. A etimologia deste nome é desconhecida. Pokorny (*Indog. Etym. Wört.*, p. 477 e 1103) analisou-a como composto de *ũ, ù* = *ἐπί* e do radical **g eri-* na base de *βρι-αρός*, mas Chantraine (DELG) defende que se trata de uma análise morfológicamente pouco plausível. Szemerényi (“*Journ. Hell. St.*” 94, 1974, p. 154) defende que uma solução satisfatória poderia ser dada a partir do hitita: existe o verbo *huwap-*, “maltratar, ultrajar”; de tal verbo ter-se-ia formado um neutro abstrato em -ar: **huwappar*, contrato **huppar*, “maus-tratos, ultraje”, que teria dado em grego *ύβρις*.” (Demgol, 2013, p. 138-139, grifos do autor).

²² PLATÃO. *As Leis (ou Da Legislação)*: Incluindo *Epinomis*. Tradução e notas Edson Bini. Bauru: Edipro, 2010.

²³ Platão, 2010, p. 189.

²⁴ Aristóteles, 2012 *apud* SANTOS, Fábio Candido dos. O problema da *hybris* na filosofia da grega antiga. *Principia*, Rio de Janeiro, n. 39, jul./dez. 2019, p. 19.

²⁵ O termo *logos* pode ser traduzido como razão universal, discurso, palavra, argumento, princípio racional ou razão universal, assim como dispõem filósofos como Heraclito de Efeso (século VI a.C.), para quem o *logos* compreendia um elemento que governava o cosmos, portanto era um componente eterno e comum a todas as coisas, embora considerasse que a maioria dos sujeitos não a tomassem como princípio, preferindo se sustentar em um entendimento próprio das coisas.

capaz de inviabilizar o trabalho das virtudes morais do indivíduo, a *aretê*²⁶, característica cara à sua formação e amplamente atribuída à personalidade distinta dos heróis²⁷. Essa (in)disposição interna levaria o ser humano a incorrer em condutas danosas não apenas a si mesmo, mas a *polis* como um todo:

Se, com efeito, o que dissemos na Ética é exato, a saber, que a vida feliz é aquela que se persegue conforme à virtude, e esta, sem entraves, e que a virtude é uma mediedade, se segue necessariamente que a vida que se mantém no meio termo é a melhor, quero dizer um meio termo que cada indivíduo seja capaz de atingir. E esses mesmos princípios de determinação devem necessariamente também se aplicar à excelência ou à *perversão* de um estado e de uma constituição, a constituição sendo, de qualquer forma, a vida do estado.²⁸

Embora o entendimento da *hybris* constitua um ponto importante nas discussões filosóficas, sobretudo, da Grécia Helênica, essa temática está fundamentalmente ligada a um período muito anterior da sua formação, na verdade atemporal, já que se encontra alicerçada no contexto mítico da instituição da civilização grega. Como discorre a historiadora e psicanalista francesa Elisabeth Roudinesco, por muito tempo, julgou-se que as deidades regiam todas as instâncias da vida humana e, como promotores da ordem cósmica, agiam implacavelmente contra aqueles que colocassem à prova a medida estabelecida para diferenciar o humano do divino, “através do grande relato das dinastias reais — Atridas ou Labdácidas — que podemos melhor captar o movimento alternado que levava o herói, esse semideus, a ocupar ora o lugar de um déspota, arrebatado pela embriaguez do poder, ora o de uma vítima submetida a um destino implacável”²⁹.

Nesse contexto, os heróis, quase sempre semideuses, encontrar-se-iam na condição limítrofe entre as suas dimensões e, embora possuissem ascendência divina e certa proteção por parte dos seus genitores, também estavam à mercê dos infortúnios, justamente por sua dupla disposição, a qual ultrapassa facilmente a medida dos homens comuns, ou seja,

²⁶ *Aretê* ou *areté*, pode ser entendida, conforme Coitinho (2014, p. 124), “como uma disposição de caráter para uma escolha deliberada que consistirá em uma mediedade entre dois extremos”.

²⁷ Pires (1997, p. 153) descreve a *areté* como relacionada à excelência guerreira típica dos heróis, pois eles são “os *áristoi*, categoria diferenciada de guerreiros avançados, os *prómachoi*, que combatem à dianteira, assim distinguidos e mesmo dissociados da massa dos meros combatentes anônimos, que compõem exército apenas pela realidade coletiva do número. Qualificações de *melhor* e *primeiro* que definem a excepcionalidade da excelência, da *areté*, de sua dignidade guerreira. [...] a *areté* distinguidora de cada nome heroico, identificando dupla instância de determinação, por um lado circunstancial, por outro atributiva. Ser o *melhor* supõe a circunstância de uma dada e certa comunidade, um círculo demarcado de associação humana em que um indivíduo, bem nomeado, se distingue como o melhor de todos eles”.

²⁸ Aristóteles, 2005, *apud* Santos, 2019, p. 42, grifo nosso.

²⁹ Roudinesco, 2008, p. 15.

dispunham de características que os aproximavam dos deuses, mas eram efêmeros e transitórios como qualquer outro humano, porque, enquanto “os deuses são os *athánatoi*, os Imortais; os homens, os *brotói*, os perecíveis, fadados às doenças, à velhice e à morte”³⁰. Essa composição paradoxal do herói grego tornava-o permanentemente suscetível a ultrapassar o *métron*, como o caso, por exemplo, de Belerofonte, filho de Poseidon, que, alimentado pelo orgulho de realizar várias proezas sobre-humanas, decide por montar seu cavalo alado, Pégaso³¹, e ir de encontro aos deuses no Olimpo. Perante a afronta de ver um homem se achar digno de tamanha glória, Zeus, em algumas versões do mito³², lança seus raios sobre o herói, fulminando-o imediatamente.

O castigo empreendido por Zeus serviu, tanto aos heróis quanto aos humanos, não só como uma amostra da potência da ira divina, mas, sobretudo, de como a medida é importante para que os homens compreendam seus próprios limites. Schueler (2004) pondera acerca desse livre-arbítrio dos heróis gregos, condição trágica do seu destino, afirmando que eles “[...] não são joguetes passivos entregues aos caprichos dos deuses. O destino não determina a ação dos homens em todos os seus detalhes. Deixa-lhes um espaço em que podem escolher livre e responsavelmente”³³. Todavia, é importante destacar que a *hybris*, apesar de sempre constituir uma afronta aos deuses, poderia também ser cometida sob a forma de uma ação não cônica por parte do herói. Conforme indicamos em trabalhos anteriores:

[...] a *hybris*, como uma expressão englobante da desmedida, do excesso que, frequentemente, está associado à soberba, arrogância e insolência do herói, pode ser estimulada por diversos fatores, que vão desde uma motivação [própria do herói] [...], até a possibilidade mais comumente observável nas epopeias gregas, a circunstância, onde o herói, movido por uma determinada situação, geralmente trágica, é impelido a cometer a *hybris*. Ou seja, ela pode apenas alunar o ato desmedido praticado pelo herói.³⁴

Essa afirmação implica o entendimento de que nem toda *hybris* é fruto de uma ação consciente por parte de quem a comete. Prova dessa asserção pode ser observada em uma das

³⁰ VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Religião na Grécia Antiga*. Tradução Joana Angélica D’Ávila Melo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006, p. 47.

³¹ Grimal (2005, p. 360) afirma que foi graças a ele que Belerofonte pôde matar a Quimera e vencer a batalha contra as amazonas. Após a morte trágica do herói, o cavalo alado regressou para junto dos deuses.

³² Greene e Sharman-Burke (2001), em *Uma viagem através dos mitos...*, afirmam que outras versões do mito consideram que Belerofonte não chegou a morrer fulminado pelos raios de Zeus, e sim que teria caído das costas de Pégaso antes de chegar ao Monte Olimpo e, mediante a cada, vagou durante o restante da sua vida, solitário e aleijado.

³³ SCHUELER, Donaldo. *A construção da Iliada: uma análise de sua elaboração*. Porto Alegre: L&PM, 2004, p. 91.

³⁴ Silva, 2017, p. 39.

obras mais emblemáticas da literatura universal, *Édipo Tirano*, a qual Freud buscou sustentação simbólica para a fundamentação da noção mais conhecida dentro de sua teoria psicanalítica, o complexo de Édipo³⁵. Conhecido no ocidente, em especial, graças à tragédia composta pelo dramaturgo grego Sófocles (497-406 a.C.), Édipo tornou-se célebre por protagonizar uma narrativa que sintetizou o destino funesto e irremediável do herói trágico, onde a particularidade de seu infortúnio se dá por meio de um delito endógeno, do *scelus* praticado na consanguinidade, consequência direta e irrefreável de uma culpa hereditária que se dá no âmbito inconsciente, mas que culmina, no caso do herói trágico, numa espécie de passagem ao ato³⁶. Em outras palavras, Édipo pode ser considerado como um “protótipo da condição a que o herói grego estava fadado. Mesmo depois de perpetrar conquistas sobre-humanas e feitos memoráveis, ele ainda estaria condenado a falhar em algum ponto, muitas vezes, nem por sua própria culpa, mas ao sabor do querer dos deuses”³⁷, o que apoia o argumento de Roudinesco (2008), para quem, no contexto mitológico:

[...] todo homem era ao mesmo tempo ele mesmo e seu contrário — herói e velhaco —, mas nem os homens nem os deuses eram perversos. E no entanto, no cerne desse sistema de pensamento que definia os contornos da Lei e de sua transgressão, da norma e de sua inversão, todo homem que alcançava o topo da glória corria sempre o risco de ser constrangido a se descobrir perverso — isto é, monstruoso, anormal — e fadado a viver uma vida paralela, a de uma humanidade abjeta. Édipo é seu protótipo. Após ter sido o maior rei de sua época, viu-se reduzido ao estado de desonra — rosto marcado e corpo degenerado — por ter cometido, sem o saber e em virtude do erro de uma genealogia “claudicante”, o pior dos crimes: esposar a mãe, matar o pai e ser ao mesmo tempo pai e irmão de seus próprios filhos, condenado ao opróbrio de sua descendência. Nada é mais humano que esse sofrimento de um homem responsável — portanto culpado à sua revelia, sem ter errado — por um destino organizado pelos deuses.³⁸

Esses são apenas alguns dos inúmeros registros presentes no arcabouço mitológico grego, que sobreviveram à prova do tempo, os quais dão conta de parte significativa das infindáveis ações humanas que excederam a medida estabelecida e regida pelos deuses. A

³⁵ Segundo a dicionarização de Zimerman (2008, p. 73), trata-se de uma manifestação psíquica “Inspirada pela história grega de *Édipo Rei*, a expressão designa o conjunto de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta com relação a seus pais. FREUD situou esse complexo por volta dos três anos, postulando que o complexo de Édipo comporta duas formas: uma positiva e outra negativa. A positiva genericamente consiste num desejo sexual pelo genitor do sexo oposto, bem como de um desejo de morte do mesmo sexo. Na forma negativa, há um desejo amoroso pelo genitor do mesmo sexo e um ciúme ou desejo de desaparecimento do outro”.

³⁶ “Noção criada pelos psicanalistas de língua inglesa e depois retomada tal e qual em francês, para traduzir o que Sigmund Freud denomina de colocação em prática ou em ato, segundo o verbo alemão *agieren*” (Roudinesco; Plon, 1998, p. 5).

³⁷ Silva, 2017, p. 38.

³⁸ Roudinesco, 2008, p. 15.

hybris, enquanto transgressão da ordem divina, mostra-se não apenas como um ato individual, mas como uma manifestação que reverbera em múltiplas dimensões da existência humana, afetando relações sociais, instituições e até mesmo a própria percepção de moralidade. Isso posto, uma inquietação surge na contemplação desses assentamentos historiográficos, que é a representação das mulheres em meio ao ideário mitológico e a tragicidade dos seus destinos frente à *hybris*. Em um contexto frequentemente dominado por narrativas masculinas, as mulheres emergem como figuras simultaneamente desafiadoras e vítimas do desequilíbrio, desempenhando papéis que muitas vezes são marcados por complexidade e paradoxo. Essa dualidade convida a reflexões mais amplas sobre a forma como os mitos gregos capturam as nuances do comportamento humano e as consequências de ultrapassar os limites impostos pela ordem divina.

1.1.2 O “lugar” das mulheres na diagramação organizacional da sociedade grega clássica

Muito embora, na atualidade, grande parte dos estudos sobre o papel da mulher no contexto histórico-mitológico-literário se encontre voltado ao debate acerca de questões como os papéis de gênero e desvalorização da figura feminina em relação ao correlato masculino, é imprescindível pontuarmos que determinadas abordagens, ainda que possíveis dentro de um contexto alusivo, não levam em consideração as particularidades próprias da cultura grega clássica, a qual possui uma ordenação particular e essencialmente díspar de muitas das visões sobre ela lançadas em pesquisas que se apoiam em conceitos cuja proposição, em sua maioria, está afastada do horizonte cultural grego por um lapso milenar, o que as torna, em certa medida, diacrônicas quanto à conjuntura das funções, responsabilidades, cargos, posições, costumes e tradições. Essa assertiva pode ser mais bem evidenciada quando observamos determinados elementos do arranjo social, tal como a educação por exemplo. De forma equivocada, muitos tendem a acreditar que as formações intelectual e física eram vivências exclusivas dos jovens do sexo masculino, dotados do auxílio de pedagogos e preceptores cuja função era instruí-los quanto às letras e às artes, o respeito às leis da cidade/nação e à arte da guerra, restando às mulheres o gineceu como abrigo e local de reclusão feminina, o espaço doméstico feminino na Grécia antiga, isto é, um ambiente apartado do mundo masculino, em que as mulheres poderiam viver o ócio ou realizar atividades como a tecelagem.

Esse panorama encontra paridade no estudo de Perrot (2009)³⁹ sobre a história dos quartos, no qual nota-se a associação desses ambientes domésticos às noções de privacidade e intimidade femininas, simbolizadas pelo claustro, tal como se imagina o gineceu, esse recinto privado das mulheres no contexto do lar, como também afirmou Pomeroy (1997), em *Les femmes dans la Grèce antique*⁴⁰, para quem esse ambiente constituía “o espaço privado da casa, reservado às mulheres e às crianças. Ele estava frequentemente localizado no fundo da casa, longe da rua e dos estrangeiros. As mulheres passavam a maior parte do tempo no gineceu, cuidando das tarefas domésticas e da educação das crianças”⁴¹. Conquanto as pontuações de Pomeroy (1997) reflitam esse aspecto domiciliar, sobretudo em função da proteção das mulheres, algo preconizado em boa parte das cidades gregas, elas não estavam impedidas de participar da vida pública.

Marissal (2013) esclarece que há registros históricos a partir dos quais se observa um contexto de participação mútua de homens, mulheres, crianças e idosos nos processos sociais. A pesquisadora discorre que a sociedade ateniense, por exemplo, tinha sua economia baseada em vários setores, como a agricultura, o comércio, o artesanato, o cuidado dos idosos e das crianças etc., isto é, uma cadeia de atividades que exigia a participação de todos os indivíduos, não estando restrita apenas aos escravos e homens livres, mas também mulheres, crianças e idosos, classificando a ideia de que as mulheres viviam confinadas ao gineceu como um clichê discursivo que tem mais fundamento na teoria do que na realidade, inclusive no que tange o ambiente familiar, local em que as mulheres tinham o papel de gestão e administração em associação com os homens, já que as relações de produção eram desenvolvidas, em sua absoluta maioria, por meio de sistemas familiares. Não obstante o fato de que boa parte dos materiais históricos que chegaram até o contemporâneo induzam a uma crença dissociativa, também se preservaram documentos que apontam para uma participação comunitária da vida social⁴², como ocorria na atividade agrícola.

³⁹ PERROT, Michelle. *História dos quartos*. São Paulo: Paz & Terra, 2009.

⁴⁰ POMEROY, Sarah B. *Les femmes dans la Grèce antique*. Paris: Les Belles Lettres, 1997.

⁴¹ Tradução nossa do original em francês: “Le gynécée était l'espace privé de la maison, réservé aux femmes et aux enfants. Il était souvent situé à l'arrière de la maison, loin de la rue et des étrangers. Les femmes passaient la plupart de leur temps au gynécée, s'occupant des tâches domestiques et de l'éducation des enfants” (Pomeroy, 1997, p. 12).

⁴² MARISSAL, Claudine. *Femmes & Hommes dans l'histoire - un passé commun: Antiquité et Moyen âge*. Namur: Labor Éducation, 2013, p. 16.

Figura 1 — Pintura num vaso originado de Atenas, por volta do século VI a. C.



Fonte: Marissal (2013).

Na sociedade guerreira de Esparta, a aptidão física era valorizada não apenas entre os jovens garotos, mas igualmente entre as meninas, que eram treinadas, entre outras práticas, na corrida, no lançamento do disco e do dardo, assim como na luta ao lado dos homens, gozando de livre circulação e valorização, a qual excedia a já importante capacidade de fornecer novos membros à cidade-estado⁴³.

Figura 2 — “Moça treinando para correr”, estatueta em bronze, Esparta, século 550-520 a.C.



Fonte: Marissal (2013).

⁴³ SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. Plutarco e a participação feminina em Esparta. *Saeculum – Revista de História*, João Pessoa, n. 12, jan./jun. 2005, p. 14.

A respeito das mulheres espartanas, Mossé (1998)⁴⁴, inclusive, salienta que elas também tinham seu lugar na educação militar da cidade, conhecida como *agogé*, que delimitava não só o desenvolvimento corporal para o possível combate, mas também a conduta dos indivíduos para a edificação do caráter, fato que causava estranhamento entre os povos de outras cidades, como os de Atenas, cujas mulheres não eram incluídas na disciplina bélica. Segundo nos conta, “O que é inquestionável é o caráter peculiar da educação espartana, essa *agogé* que espantava os atenienses da época clássica, especialmente na medida em que também atingia as mulheres”⁴⁵. Oliveira (2019), corroborando esse disposto, ainda acrescenta que tal forma de educação se baseava na *sophrosýne*, que era substanciada pelos princípios da temperança, moderação e do autocontrole, ou seja, compunha uma espécie de treinamento de autocontrole, do domínio de si mesmo e da relação com o outro, de modo a evitar situações impulsivas, sem reflexão, comuns em situações de perigo, em batalhas, o que demonstra o seu “contraste com a *hýbris*, a “desmedida”, a “transgressão”⁴⁶.

Létoublon (2010)⁴⁷ observa que é comum, a partir dos registros iconográficos e textuais clássicos preservados, acreditar que mulheres e homens estavam fadados a exercerem “apenas” os seus papéis na conjuntura da *polis*, onde “a mulher em casa se ocupa de fiar, tecer, preparar a comida, o homem fora de casa fala, cuida dos assuntos públicos e, principalmente, faz a guerra”⁴⁸. A pesquisadora salienta que esse equívoco se dá mediante uma abordagem que privilegia o olhar moderno sobre as disposições entre os sexos, onde o homem estaria sempre em uma posição de privilégio e fadado à trágica ambivalência do seu destino, circunscrito no morrer pelo fio da espada, que, ao mesmo tempo, finda a fragilidade e a finitude da existência humana, e preserva a sua memória guerreira. Embora algumas correntes de estudos se debrucem sobre os textos clássicos, tais como os de Homero, com vistas a apontar neles um cenário de privilégios patriarcais, onde o homem seria privilegiado em detrimento da mulher, essa visão incorre em um anacronismo teórico que erra ao lançar sobre as sociedades clássicas uma espécie de alteração de gênero que não existia — ao

⁴⁴ MOSSÉ, Claude. *Dicionário da Civilização Grega*. Tradução Carlos Ramallete. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1998.

⁴⁵ Mossé, 1998, p. 189.

⁴⁶ OLIVEIRA, Luciene de Lima. A *agogé* espartana. *PRINCIPIA*, Rio de Janeiro, n. 38, pp. 63-74, 2019, p. 70.

⁴⁷ LÉTOUBLON, Françoise. Femmes, tissage et mythologie. *I Quaderni del Ramo d'oro On-Line* – Periodico del Centro Interdipartimentale di Studi Antropologici sulla Cultura Antica, n. 3, pp. 18-36, 2010.

⁴⁸ Tradução nossa do original em francês: “[...] *la femme à la maison s'occupe à filer, tisser, prépa-rer la nourriture, l'homme à l'extérieur parle, s'occupe des affaires publiques et surtout de faire la guerre*” (Létoublon, 2010, p. 18).

menos nos moldes das postulações modernas —, bem como numa desvalorização imprecisa dos papéis femininos naquela sociedade.

Nesse sentido, a pesquisadora helenista é enfática ao considerar que, não obstante os textos homéricos possam expressar um tom caricatural das disposições feminina e masculina, “a questão pode ser um pouco mais complexa se, à dimensão narrativa, a dos eventos contados e dos personagens representados com seus discursos respectivos, se acrescentar a da mitologia e dos modelos que ela apresenta para esses personagens”⁴⁹. Em outras palavras, a autora traz à tona a necessidade de que se vergue sobre o texto clássico a partir do respeito ao modelo de sociedade vigente em sua constituição, sob o risco da investigação resultar em uma deformação extemporânea, isto é, Homero não é misógino, a julgar pelo fato de que no “[...] vislumbre do estado de espírito generalizado na época da composição dos poemas: os discursos que o poeta atribui a seus personagens parecem, em certa medida, representativos dos costumes de sua época”⁵⁰.

Na contramão da crença de que era imposta às mulheres gregas uma passividade de espírito frente ao horizonte tempestuoso e proativo dos homens, podemos citar a tecelagem de Pénélope, prática aparentemente banal à primeira vista, como insígnia de que no seu ato de fiar reside um verdadeiro estatuto do amor ao seu amado, bem como à sua nação. Isso nos leva à consideração de que, se “Na *Iliada*, Helena tece assim como Andrômaca, e na *Odisseia*, Circe e Calipso assim como Penélope”⁵¹, tal atividade desempenhada pelas mulheres não diz de uma inocência, inércia ou omissão perante as vicissitudes de suas vidas.

⁴⁹ Tradução nossa do original em francês: “[...] la question est peut-être un peu plus complexe si à la dimension narrative, celle des événements racontés et des personnages représentés avec leurs discours respectifs, s’ajoute celle de la mythologie et des modèles qu’elle présente pour ces personnages” (Létoublon, 2010, p. 18).

⁵⁰ Tradução nossa do original em francês: “[...] aperçu sur l’état d’esprit généralisé à l’époque de la composition des poèmes: les discours que le poète prête à ses personnages semblent dans une certaine mesure représentatifs des mœurs de son temps” (Ibidem).

⁵¹ Tradução nossa do original em francês: “Dans l’*Iliade*, Hélène tisse tout comme Andromaque, et dans l’*Odyssée*, Circé et Calypso tout comme Pénélope” (Ibidem, p. 24).

Figura 3 — Penelope and the Suitors, de John William Waterhouse (1912)



Fonte: Waterhouse (1907).

Nesse escopo, os registros historiográficos nos oferecem informações que patenteiam o feminino apartado da conotação passiva em relação ao masculino e limitada em seu desempenho, como é o caso, por exemplo, das *astai*, as “cidadãs”, cuja atuação na organização social era considerada imprescindível para a manutenção e organização da *polis*, “sendo constantemente reiterado, aliás, pelos ideais normativos que impunham seus lugares a homens e mulheres (não necessariamente cidadãos), tanto na gestão cooperativa da casa quanto no domínio da condução de práticas e ritos religiosos”⁵².

No que concerne à mitologia, expressão primeira e íntima do ideário grego clássico, muitas são as representações do feminino tanto em paridade como em posição elevada de influência sobre o masculino. Dentre elas, algumas se destacaram pela potência guerreira, caso das famosas amazonas, povo lendário formado por mulheres e organizado em uma sociedade matriarcal, tão distintiva em sua constituição, que mereceram integrar passagens das mais importantes obras do mundo antigo. Na *Iliada*, são mencionadas como força aliada dos troianos em sua querela com os gregos; sendo regidas pela rainha Pentesileia, filha de Otrera⁵³ e de Ares, posteriormente morta em combate por Aquiles, que, por sua vez, admirado com sua bravura, concedeu a permissão para que o corpo da guerreira retornasse à sua terra

⁵² ANDRADE, Marta Mega de. Palavra de Mulher: sobre a “voz das mulheres” e a história grega antiga. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 40, n. 84, pp. 119-140, 2020, p. 119.

⁵³ Otrera, também conhecida como Hipo, foi uma das primeiras rainhas das Amazonas e fundadora da nação amazônica na mitologia grega.

natal para os rituais fúnebres"⁵⁴. É interessante comentar acerca do duplo viés na configuração das amazonas, que congregava tanto os aspectos tipicamente valorizados da estética feminina quanto os atributos comuns ao campo de batalha, local em que a presença masculina era quase absoluta.

De acordo com traduções dos escritos do historiador Heródoto (484-425 a.C.)⁵⁵, essa ambivalência constitutiva ocasionou mal-estar perante os gregos, os quais, ao constatarem que os corpos no campo de batalha eram de mulheres, ficavam perplexos, seja pela aptidão no combate, seja pela beleza de suas fisionomias, ambos fatores que promoveram o apaixonamento de muitos dos soldados helenos, a começar pelo próprio responsável pela morte de Pentésiléia, o pelida Aquiles, que, “ao ver morrer mulher de tão singular beleza, [...] se apaixona por ela, num amor lúgubre, necrófilo”⁵⁶. Em relação ao demais soldados

Enganados pela uniformidade da estatura e porte dos invasores, supuseram, a princípio, tratar-se de homens, e nessa convicção lhes deram combate; mas descobrindo, pelos mortos que ficaram em seu poder depois da luta, tratar-se de mulheres, resolveram, em conselho reunido especialmente para esse fim, não matar mais nenhuma e, em lugar disso, enviar os mais jovens dentre eles, em número correspondente ao das estranhas guerreiras, com ordens para estabelecer acampamento perto delas e imitá-las em todas as suas ações, fugindo, em vez de aceitar o combate, quando elas os atacassem, e retornando prontamente ao acampamento quando cessassem de persegui-los. Essa resolução dos Citas foi ditada pelo desejo de possuírem filhos de tão belicosas mulheres.⁵⁷

Tais atributos fizeram das amazonas personagens singulares, já que a mistura dos traços “tidos como femininos, como a beleza e a capacidade de sedução, com uma acentuada agressividade representada por fortes traços fálicos, prerrogativa do universo masculino, pois

⁵⁴ SILVA, Gelbart Souza. Uma mulher no campo de batalha: Pentésiléia em *Ephemeris belli Troiani*, de Dícitis Cretense. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 12, n. 2, pp. 236-251, 2020, p. 239.

⁵⁵ HERÓDOTO. *Los Nueve Libros de la Historia* - Tomo IV. [S. l.]: Domínio Público, 2013.

⁵⁶ SILVA, 2020, p. 239.

⁵⁷ Tradução nossa do original em espanhol: “No podían éstos atinar qué raza de gente y qué vio-lencia fuese aquella, no entendiendo su lengua, no conociendo su traje, ni sabiendo de qué na-ción eran, y se admiraban de dónde les había podido venir aquella manada de bandoleros. Te-níanlas, en efecto, por hombres todos de una misma edad, contra quienes habían tenido varias refriegas; pero apoderados despues de algunas muertes en el combate, al cabo se desengaña-ron comociendo ser mujeres aquellos bandidos. Habiendo com esto tomado acuerdo sobre ele caso, parecióles que de ningún modo convenía matar en adelante a ninguna, y que mejor fuera enviar suas mancebos hacia ellas en igual número al que podían conjeturar que sería el de las mujeres, dándoles orden de que plantando su campo vecino al de las enemigas, fuesen hacien-do lo mismo que las vieses hacer, y que en caso de que ellas les acometieran no admitiessen el combate sino que huyessen, y cuando vieran que ya no les perseguían, se acampasen de nue-vo cerca de ellas. La mira que tenían los Escitas em estas resoluciones era de poder tener en ellas una sucesion de hijos belicosos” (Heródoto, 2013, p. 57).

aí onde estava um seio encontra-se uma arma – um arco prestes a atirar”⁵⁸, tornando-se responsáveis pela morte de um incontável número de soldados da plêiade grega. As amazonas ainda são citadas, entre outras, na *Odisseia*, como guerreiras autointituladas filhas de Ares, as quais vivem na Ásia Menor⁵⁹. Na *Argonáuticas*, obra poética de Apolônio de Rodes, são descritas como mulheres guerreiras que não têm medo dos homens, pois sua força era equânime a deles, não coabitando com eles, mas vivendo com os seus filhos⁶⁰.

1.1.3 A *hybris*/perversão feminina na tecitura mitológica

Se, para alguns, meditar o feminino dentro da sociedade patriarcal da Grécia Antiga implica a visão de mulheres subalternas, passivas e reclusas, a historiografia insurge como um contraponto a essa visão limitante do feminino e da organização social do período. Nesse escopo, a mitologia nos mostra, através de relatos como o caso das lendárias guerreiras amazonas, como é inexato atribuir ao feminino, seja em qualquer sociedade e período, uma configuração padrão que contemple todas as possibilidades representativas. Em concordância com o mencionado outrora, as amazonas personificam um feitio que emerge justamente como fator de mal-estar, uma vez que, ao congregarem elementos comuns atribuídos ao feminino, como a beleza e a maternidade, com a aptidão à guerra, elas promovem um sentimento de inquietação nos homens, eivado de encanto e temor. Todavia, ainda que diversos estudos apontem tais personagens como emblemas de transgressão, pois estariam em desacordo com os atributos esperados para elas na sociedade patriarcal, parece-nos mais coerente, do ponto de vista diacrônico e mitológico, ponderar que a existência de mulheres que demonstraram inclinações agressivas e compleição ao campo de batalha está em perfeito acordo com os signos constitutivos da mulher grega, sobretudo quando refletimos acerca da proteção divina que as salvaguardava, como fica evidente “por meio das versões de alguns mitos, que a deusa [Ártemis] era tida como a grande protetora de seu cortejo — as Amazonas, caçadoras e

⁵⁸ MARTÍNEZ, Viviana Carola Velasco; SOUZA, Ivy Semiguel Freitas de. O mito das Amazonas em cena: uma discussão psicanalítica sobre a feminilidade e o gênero. Cadernos de psicanálise, Rio de Janeiro, v. 36, n. 30, pp. 171-197, 2014, p. 174.

⁵⁹ HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora Cultrix, 2006, versos 120-122.

⁶⁰ RODES, Apolônio de. *Argonáuticas*. Tradução Fernando Rodrigues Júnior. 1 ed. São Paulo: Perspectiva; Fapesp - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2021, versos 965-972.

guerreiras que a acompanhavam — e, juntas, percorriam os bosques e florestas fazendo suas caçadas”⁶¹, isto é, havia uma concessão divina ao estatuto das mulheres guerreiras.

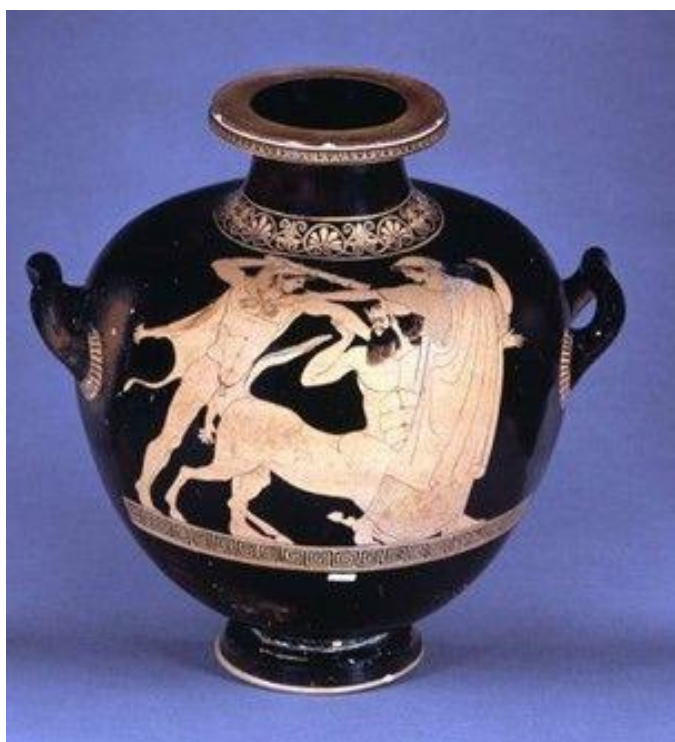
Para que possamos pensar numa perversão das mulheres dentro do ideário mitológico grego, precisamos tocar naqueles eventos cujas ações promoveram, em alguma medida, certa desordem no que tange ao conjunto de leis e princípios estabelecidos pelas deidades. Por conseguinte, a mitologia grega também é frutífera em perfis do feminino que, conscientes de suas ações ou influenciadas ao bel-prazer dos deuses, praticaram ações que atentaram contra questões sensíveis ao ideário da *polis*. A título de exemplificação, podemos aludir personagens como Clitemnestra, esposa de Agamenon, rei de Micenas, que o matou com a ajuda do amante, Egisto, com vistas a se vingar da morte de Ifigênia, sua filha. O crime cometido pela rainha de Micenas foi representado em algumas obras, inclusive servindo como subsídio para outros delitos no seio familiar, sendo as mais célebres *A Oresteia*, de Ésquilo, que narra a história da vingança de Orestes, filho de Clitemnestra e Agamêmnon, contra sua mãe e seu amante; e *Electra*, de Sófocles, tragédia que conta a história da filha de Clitemnestra e Agamêmnon, Electra, que, impelida pela sede de vingança, planeja uma terrível reparação pela morte de seu pai.

No Livro IX das *Metamorfoses*, Ovídio relata o trágico crime passional cometido pela esposa de um dos mais conhecidos heróis da mitologia grega. Segundo nos conta, Nesso, centauro que habitava as margens do rio Eveno, auxiliava pessoas em suas travessias. Certa vez, Hércules e Dejanira se apresentaram ao ser quimérico, no intuito de realizarem a passagem, sendo o semideus o primeiro a ser transportado. Ao regressar a outra margem, todavia, Nesso tenta violar Dejanira, a qual grita pelo socorro do marido, que, munido de um arco e flechas, transpassa o coração da criatura, ferindo-o de morte. Antes de sucumbir à lesão, o personagem trágico incute na mente da rainha tebana, simultaneamente, o sentimento de temor e esperança, ao afirmar que chegaria o dia em que o amor do filho do rei do Olimpo por ela cessaria, mas que havia uma forma de evitar tal destino, caso ela utilizasse o seu sangue, segundo ele, dotado de poder suficiente para fazer com que Hércules a amasse para sempre. Confiante naquelas palavras, ela recolhe o sangue do centauro, posteriormente, embebedando-o em uma túnica celebrativa que foi dada como presente ao marido. Ao entrar em contato com o sangue de Nesso, "O veneno queimou a carne de Hércules até os ossos, e

⁶¹ CASTRO, Larissa Lis Verlindo. *Literatura e mito em A Rainha do Ignoto, de Emilia Freitas*. 2023. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2023, p. 54.

ele morreu em agonia. Dejanira, ao saber o que havia feito, enforcou-se em desespero"⁶². A trágica versão do destino de Hércules, executado pelas mãos da sua própria amada, metaforiza como a “quebra de confiança, a esperança, o medo e a cegueira saudados pelo amor e o sentimento de posse simboliza, no fundo, o temor da traição e a esperança inglória pela devoção eterna”⁶³.

Figura 4 — Hídria ática de figuras vermelhas com gravura de Héracles, Nesso e Dejanira. Atribuição: Pintor de Oritia.



Fonte: <https://greciantiga.org/arquivo.asp?num=0642>

As Danaides, a quem o historiador e geógrafo grego Heródoto atribui os ritos das *Tesmofórias*⁶⁴ em homenagem à deusa Demeter, eram as cinquenta filhas do rei Dánao, cujo mito se tornou conhecido tanto mediante o assassinato coletivo dos seus respectivos cinquenta maridos como pela punição divina atribuída a elas no mundo dos mortos. Segundo a descrição de Grimal (2005)⁶⁵, Dánao era irmão gêmeo de Egipto, filhos do rei Belo do Egipto e da

⁶² OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução Haroldo de Campos. São Paulo: Editora 34, 2000, versos 252-274.

⁶³ FERNANDES, Paulo Kussy Correia. *Anatomia do Centauro: um ser hipotético*. 2014. 121 f. Dissertação (Mestrado em Anatomia Artística) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014, p. 34.

⁶⁴ O rito das Tesmofórias era uma celebração religiosa da Grécia Antiga dedicada à deusa Deméter, deusa da agricultura, da fertilidade e das estações, e à sua filha Perséfone. Esse festival era exclusivamente feminino e tinha como objetivo garantir a fertilidade da terra e a prosperidade das colheitas.

⁶⁵ GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução Victor Jabouille. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 100.

náíade⁶⁶ Anquínoe. Após o falecimento do rei e a ascensão de Egipto ao trono, Dánao foge com as suas numerosas filhas para impedir o seu casamento forçado com os igualmente numerosos filhos do seu irmão. Após se estabelecerem em Argos, são visitados pelos filhos de Egipto, que propõem o fim da querela entre seus pais, assumindo o compromisso de desposar suas primas. Dánao consente, mas, incrédulo quanto às intenções dos filhos do seu irmão, faz com que sua prole promettesse assassinar seus maridos por meio de adagas dadas por ele como presentes de casamento, o que aconteceu durante a noite de núpcias, onde os descendentes de Egipto foram decapitados, com exceção de Hipermnestra, a filha mais velha, que poupa a vida do seu marido, Linceu, “pelo desejo de ter filhos”⁶⁷. Grimal (2005) ainda salienta que há diversas versões do mito das Danaides, sendo uma das mais conhecidas aquela em que, após adentrarem ao Inferno, “receberam um castigo que consistia em tentar eternamente encher com água um recipiente furado”⁶⁸. Aludindo à versão do mito proposta por Ésquilo na peça *As Suplicantes*⁶⁹, é possível atribuir a *hybris* cometida pelas filhas de Dánao à sua *phyxanoria*, termo grego que pode ser traduzido como “aversão a homens”, fator caracterizado não apenas pela ojeriza das Danaides aos seus primos, mas também à sua devoção à deusa Ártemis, “negando, assim, os dons de Afrodite, necessários à manutenção da ordem cósmica. Aqui, encontramos uma postura que apresenta uma desmedida, pois o excesso cometido pelas Danaides consiste em se dedicarem cegamente a uma deusa virgem”⁷⁰.

Grande número de divindades femininas, até mais que os deuses de representação masculina, tornaram-se memoráveis pelos castigos/maldições empreendidos sobre os mortais, ora como forma de punição a um descomedimento que ultrajava a lei cósmica, como era o caso dos semideuses, ora como vendeta em relação a uma afronta particular. Deusas do panteão olímpico como Hera, Afrodite, Atena, assim como outras entidades de menor

⁶⁶ De acordo com Grimal (2005, p. 321), as náíades “são as ninfas do elemento líquido. Como ninfas, são seres femininos dotados de uma grande longevidade, mas mortais”.

⁶⁷ TORRANO, Jaa. *As súplicas a Zeus Suplicante na tragédia As Suplicantes de Ésquilo*. Classica, [S. l.], v. 20, n. 2, pp. 293-325, 2007, p. 295.

⁶⁸ Grimal, 2005, p. 110.

⁶⁹ Na versão apresentada na tragédia *As Suplicantes*, de Ésquilo, o assassinio se dá devido à perseguição dos Egípcíades, conhecidos pela truculência, sendo concedido por Zeus o perdão pelo crime cometido, isso porque, “na versão do mito apresentada por Ésquilo, ao alegarem dedicação a Ártemis, verificamos que sua escolha tem um forte caráter religioso, sendo a falta de respeito demonstrada pelos filhos de Egipto com relação à opção das Danaides considerada *hybris* pelas suplicantes” (Drumond, 2012, p. 57).

⁷⁰ DRUMOND, Greice. A *phyxanoria* das Danaides em *Suplicantes* de Ésquilo. *CALÍOPE: Presença Clássica*, Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Departamento de Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro: 7Letras, v. 23, pp. 47-61, 2012, p. 53.

destaque, porém bastante temidas, conhecidas como *Daemones* — caso de Éris⁷¹, primeira filha de Nyx⁷², e de seus descendentes —, embora não nos permitam incluí-las no âmbito da desmesura, pois são, elas mesmas, as ordenadoras de determinados aspectos da ordem universal, deixaram impressas na cultura registros de como concebiam certos códigos destrutivos também comuns à natureza humana.

No escopo das mulheres mortais com características/habilidades singulares, muitas se notabilizaram por sofrerem as consequências de maldições empreendidas por divindades femininas. Atena, por exemplo, a deusa da sabedoria, da guerra e da justiça, possui um elevado número de associações com figuras punidas devido à prática da *hybris*. Em *Metamorfoses*, Ovídio (2000) relata o dissabor de Aracne, filha do tintureiro Idmôn, que morava em Lídia, famosa por sua habilidade na arte da tecelagem.

Figura 5 — Aracne é transformada em Aranha por Palas.



Fonte: <https://greciantiga.org/img.asp?num=0419>

Alimentada pela soberba, atribuía à sua capacidade unicamente a si própria, desprezando qualquer associação à bênção de Atena, divindade também considerada protetora das fiadeiras e bordadeiras, a qual se sentiu desafiada pela arrogância da jovem tecelã, indo ao

⁷¹ Mais conhecida pelo seu papel no famoso Julgamento de Páris, incluso no mito do pomo da discórdia, o qual culminou na lendária Guerra de Tróia.

⁷² Grimal (2005, p. 332) situa Nyx como sendo a “personificação e a deusa da noite. [...]”. “[...] irmã de Érebo, unindo-se ao qual gera incestuosamente Αἰθήρ e Ἥμέρα, Éter e Dia; quase completamente isenta de mitologia, senão por ter gerado também Hipno e Tánatos, o Sono e a Morte” (Demgol, 2013, p. 210).

seu encontro sob o disfarce de uma idosa. Acreditando se tratar de uma anciã, a filha do tintureiro continuou a se vangloriar de sua destreza. Atena, então, revela-se e desafia Aracne para um concurso de tecelagem. A tecelã, insuflada pela certeza de que nem a deusa seria capaz de confeccionar algo com a mesma perícia que ela possuía, aceitou o desafio e as duas começaram a tecer. Palas tece uma tapeçaria que retrata os doze deuses olímpicos em sua majestade, acrescentando nos quatro cantos da peça, como forma de admoestação, quatro episódios que retratavam derrotas de mortais que ousaram desafiar os deuses. Aracne, por sua vez, teceu um painel que retrata amores entre deuses e mortais, mas aqueles cuja conotação era a de desonra, como as relações de Zeus com Europa⁷³, Dánae⁷⁴ etc. Embora fosse perfeito em sua tecitura, o painel insultava a imagem dos deuses, o que provocou a ira da divindade de olhos glaucos, que rasgou o painel de Aracne e a feriu com uma *naveta*⁷⁵. Humilhada com a reação de Atena, Aracne tenta o suicídio por enforcamento, mas é impedida pela filha de Zeus e Métis⁷⁶, a qual a transforma em aranha, condenando-a a fiar e a tecer para sempre⁷⁷.

1.1.4 Medeia e o filicídio como ambivalência entre o amor e o ódio

Sem embargo, dentre as muitas figuras femininas mortais que se tornaram alegorias canônicas de descomedimento frente à autoridade divina, algumas ousaram ir além da afronta comum praticada pelos humanos, que era assoberbar-se diante de suas habilidades, fazendo com que suas imagens permanecessem até hoje enraizadas no imaginário descritivo de crimes considerados como “males absolutos” no que concerne o espectro civilizatório. Dos mitos capazes de personificar crimes que, na atualidade, são tidos como hediondos, o da princesa Medeia percorreu a história ocidental como uma das, quiçá a maior insígnia do filicídio.

⁷³ Nome atribuído a várias heroínas gregas, sendo a mais célebre delas a filha de Agenor e Telefassa, pela qual Zeus transformado em um touro branco para conquistá-la e raptá-la, sendo le-vada para Creta, onde teve três filhos do soberano do Olimpo: Minos, Sarpédon e Radamente. Posteriormente, casou-se com o rei de Creta, Astérion, que não podia ter filhos, assumindo para si os de sua esposa com Zeus. Recebeu honras divinas após sua morte, tendo o touro em que o rei dos deuses se metamorfoseou transformado em constelação (Grimal, 2005, p. 161).

⁷⁴ Dánae era filha de Acrísio, rei de Argos. Acrísio havia sido avisado por um oráculo de que seria morto por seu neto. Para evitar isso, ele trancou sua filha em uma torre de bronze, onde ela se-ria mantida segura. No entanto, Zeus, que se apaixonou por Dánae, transformou-se em uma chuva de ouro e penetrou na torre. Dánae concebeu um filho, Perseu, o qual se tornaria um dos mais proeminentes heróis da mitologia grega, responsável, entre outras proezas, pela decapitação da Medusa (Santos, 2023).

⁷⁵ Instrumento utilizado para fazer passar os fios da trama entre os fios de um tecido. A *naveta* é geralmente feita de madeira, metal ou plástico, e possui um formato alongado e arredondado, semelhante a um barco.

⁷⁶ Conforme Grimal (2005, p. 309), Métis, ou Prudência, é uma divindade primordial, filha de Oceano e Tétis, creditada como a primeira das amantes de Zeus, com quem teve Atena.

⁷⁷ Grimal, 2005, p. 39.

Trazer a imagem de Medeia para a discussão tende a suscitar nas sociedades que se alimentaram do pensamento grego, como movimento involuntário, a imagem da mãe cujo imperativo do ódio foi capaz de se sobressair frente ao amor materno. Isso posto, é de suma importância situar o mito de Medeia dentro do contexto cultural grego, tentando preservar, como se deve em uma pesquisa que busca isonomia científica, o caráter geral das dinâmicas presentes na narrativa, de modo que esse mito possa ser entendido em seu aspecto amplo, não se restringindo ao foco desta investigação, caso contrário incorreríamos no erro de interpretar os signos mitológicos sob o viés engessado, o que não constitui o objetivo da nossa pesquisa.

O mito de Medeia foi preservado graças aos variados registros que a literatura clássica promoveu, dentre os quais, podemos mencionar dois como sendo os mais recorrentes em relação à sua figura: *Argonáuticas*, de Apolônio de Rodes, onde Medeia é uma das personagens centrais do poema épico, e a peça trágica *Medeia*, de Eurípides. Na versão atribuída a Apolônio de Rodes, somos apresentados ao contexto mais profuso da história da princesa da Cólquida⁷⁸ e de como se deu o seu enamorar por Jasão, líder dos Argonautas, auxiliando-o a roubar o velocino de ouro⁷⁹ é, por meio das ações subsequentes, o desenrolar do seu trágico destino; e pela tragédia escrita por Eurípides, a qual se centra no drama marital da estrangeira, bem como o desfecho celerado dos seus filhos.

A narrativa situa, de forma mais ampla, a trama amorosa entre um homem da progenitura de Poseidon e a princesa de Cólquida. Segundo nos conta o poeta grego, Jasão era filho de Esão, legítimo herdeiro de Creteu, rei de Iolco. Após a morte do rei, Pélias, meio-irmão de Esão, assassina o irmão e usurpa o trono, forçando a mãe de Jasão a retirá-lo às pressas da cidade, haja vista que a criança era descendente de Esão e, por consequência, herdeira legítima do trono. Levado para longe do olhar do seu tio, Jasão passa a ser cuidado pelo centauro Quirão, que se torna responsável pela sua educação integral. Após concluída a sua formação, o príncipe de Iolco regressa ao reino do seu pai. Ameaçado pela presença do sobrinho, sobretudo por vê-lo calçando apenas uma sandália, já que havia uma profecia afirmando que se tornaria rei um homem que chegaria sem uma das sandálias à cerimônia dedicada à honra dos deuses, Pélias exige do jovem a realização de algumas tarefas, dentre as quais estaria a recuperação do velocino de ouro, “um tesouro sagrado que se encontrava no

⁷⁸ Cólquida é uma região histórica localizada no sul do Cáucaso, onde, na atualidade, situa-se a Geórgia.

⁷⁹ Segundo nos conta Bulfinch (2002, p. 159), o Velocino de ouro era um manto de pele de carneiro com propriedades mágicas, o qual atraía a prosperidade a quem o possuísse. Foi dado por Frixo ao rei da Cólquida, Eestes, por este tê-lo recepcionado em seu reino. O Velocino foi colocado numa gruta sagrada, sob a proteção de um dragão que nunca dormia.

reino de Cólquida, em uma gruta, num bosque encantado e sob a proteção perene de um dragão que jamais dormia”⁸⁰, dando origem à expedição argonáutica, cuja tripulação reunia cinquenta dos mais conhecidos heróis da mitologia grega, dentre os quais, a título de exemplificação, encontravam-se Héracles, Aquiles, os irmãos gêmeos Castor e Pólux, Peleu, Teseo etc.

Figura 6 — "The Argo", quadro de Lorenzo Costa, 1490.



Fonte: Costa (2002).

Após uma laboriosa excussão marítima, a nau capitaneada por Jasão desembarca em Cólquida, cujo rei, Eestes, após ouvir do forasteiro a motivação da sua viagem, dissimuladamente aceita adjudicar-lhe o valioso tesouro, todavia, seria necessário o cumprimento de uma excelsa tarefa para que se mostrasse merecedor: arar “a terra com dois touros de pés de bronze que lançavam chamas pelas narinas, e matasse os monstros gigantes que nasceriam dos dentes semeados de um dragão”⁸¹. Assim como a maioria dos heróis, Jasão também possuía o protetorado de uma divindade, no caso Hera, cuja intervenção diante da angustiosa situação do filho de Esão culminou no enlace amoroso entre o príncipe de Iolco e a princesa de Cólquida. Afrodite, a pedido da esposa de Zeus, convence Eros a golpear Medeia

⁸⁰ MATIOLI, Aline Spaciari; MARTINEZ, Viviana Carola Velasco. De Medeia à alienação parental: traduções trágicas para o excesso pulsional. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 53, n. 2, pp. 164-193, 2021, p. 170.

⁸¹ Matioli; Martinez, 2021, p. 170.

com uma de suas flechas, culminando num sentimento de enamoramento que mescla tanto êxtase quando agonia, descrito por Rodes da seguinte forma:

Rapidamente no vestíbulo, sob o umbral, esticou o arco e puxou
do carcás uma fecha portadora de muitas dores, numa lançada.
De lá, escondido, ele atravessou imperceptível a soleira com pés
Ágeis, observando atentamente. Pequeno, agachado abaixo
Do próprio Esônida, ele posicionou o entalhe no meio
Da corda e, ao esticá-la, com ambas as mãos, disparou
A flecha na direção de Medeia. Um estupor tomou-lhe o ânimo.
Voando para fora do palácio de teto elevado,
Ele se retirou gargalhando. Mas o dardo ardia dentro
Do coração da garota, semelhante a uma chama. Não cessava
De lançar olhares brilhantes ao Esônida, sua prudente
Alma era expelida do peito em sofrimento, não pensava
Em mais nada e o ânimo era inundado numa doce aflição.⁸²

A narrativa não deixa de expor o conflito interno enfrentado por Medeia, que, antes de ceder ao efeito do desejo incutido na flecha do deus *pothos*, cogita suicidar-se, de modo a evitar o constrangimento e dor que a traição ao seu pai e ao reino causaria: “Que vergonha não será a minha? / Ai de mim, que loucura a minha. Decerto seria muito mais útil que, nesta noite, eu abandonasse a vida em meu quarto com sorte inesperada, fugindo de todos os vis opróbrios, antes de cumprir estes atos reprocháveis e inomináveis”⁸³. Medeia, no entanto, já havia cedido às forças irremediáveis de Eros, decidindo-se por ajudar o esônida a escapar da morte iminente: “Fora com a minha vergonha, fora com a minha boa reputação, por minha vontade ele regressará para onde lhe aprouver”⁸⁴. Ao encontrar-se com Jasão, Medeia mune-o com ervas e porções capazes de fazê-lo invulnerável ao ferro e ao fogo, tornando-o capaz de matar a besta que protegia o almejado velocino. Na passagem que descreve o primeiro encontro entre Medeia e Jasão, a filha de Eestes profere um pedido que demarcará seu anseio em não se desligar do herói, pedindo que não a esqueça em seu regresso às terras helênicas:

Por isso, não me fales nada de hospitalidade.
Mas somente tu, quando retornares a Iolco,
lembra-te de mim; ao passo que eu, apesar dos meus genitores,
lembrar-me-ei de ti. Que nos venha de longe uma voz profética
ou uma ave mensageira quando te esqueceres de mim.
Ou que velozes tempestades me arrebatem, sobre o mar,
E me transportem deste lugar em direção a Iolco,
Para, censurando-te diante dos teus olhos, relembrar-te

⁸² Rodes, *Argonáuticas*, Livro 3, versos 278-290.

⁸³ *Ibidem*, versos 797-801.

⁸⁴ *Ibidem*, versos 785-787.

que fugiste graças à minha vontade. Oxalá eu esteja
inesperadamente junto à tua lareira, em teu palácio.⁸⁵

Diante da aflita e apaixonada declaração, em resposta, Jasão tranquiliza-a, prometendo que ele a honraria. Seja como forma de gratidão, seja pelo fato de que percebera a necessidade do auxílio local e posterior da feiticeira, o grego, diante das bênçãos da deusa protetora do casamento, sela um pacto de fidelidade e reciprocidade com Medeia, cujo trecho mais patente já salienta a dinâmica trágica dos seus destinos: “Nada poderá nos separar do amor, / Antes que a destinada morte nos encubra”⁸⁶. A partir desse compromisso assumido por ambos, uma série de eventos dão contornos à caoticidade daquela relação, onde o desejo de Medeia pelo capitão da nau Argo se faz determinante na caracterização da sua figura como um arquétipo, em parte, aversivo.

Ao levarmos em conta a configuração dos acontecimentos, assim como documenta a versão de Apolônio de Rodes, nota-se, ao menos, três ações que podem ser interpretadas sob o signo da *hybris*. A *primeira* delas se trata da sua aliança com o estrangeiro esônida, a qual institui o crime de traição tanto contra sua casa quanto em relação à sua nação, o que torna Medeia, mesmo a contragosto, agente das determinações de Hera, “pois assim [...] havia tramado, para que, como um mal a Pélias, Medeia de Ea fosse à sagrada Iolco, abandonando a terra pátria”⁸⁷. Aristóteles sublinha que a peripécia é “a mudança dos acontecimentos para o seu reverso, mas isto, como costumamos dizer, de acordo com o princípio da verossimilhança e da necessidade”⁸⁸, compõe os infortúnios da ação trágica. Nesse primeiro descomedimento, o revés se dá quando o rei de Cólquida descobre que Jasão vencera o desafio sobre-humano que lhe fora proposto, creditando à sua filha a assistência insídica ao grego.

⁸⁵ Rodes, *Argonáuticas*, Livro 3, versos 1108-1117.

⁸⁶ *Ibidem*, versos 1129-1130.

⁸⁷ *Ibidem*, versos 1134-1136.

⁸⁸ ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução e notas Ana Maria Valente. 3 ed. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, p. 57.

Figura 7 — *Jason and Medea*, 1907, de John William Waterhouse



Fonte: Waterhouse (1907).

A *segunda* ação descomedida ocorre a partir da fuga dos amantes. Portando um tesouro de valor inestimável e atentos ao fato de que a fúria de Eestes não repousaria diante da traição da sua filha, Jasão e Medeia partem da Cólquida na nau Argo. Levando em consideração o que dispõe Grimal (2005), há, ao menos, duas versões para o terrível evento que decorre dessa partida. Em uma delas, remonta-se que Medeia, sabendo que seria perseguida por seu pai, rapta um de seus irmãos, Apsirto, e, em certa medida do percurso, de modo a atrasar os navios que estavam em seu encalço, mata-o e esquarteja-o, lançando seus membros em várias direções diferentes, o que fez com que Eestes perdesse “tempo a recolhê-los e, quando acabou, era demasiado tarde para pensar em alcançar os fugitivos. Por isso, levando consigo os membros do filho, alcançou o porto mais próximo, que era em Tomos, [...] e aí o sepultou”⁸⁹. Em outras versões, cabe a Eestes a tarefa de encaminhar Apsirto à perseguição da sua irmã e de Jasão; nela, seria o esônida o responsável pela morte do príncipe, tendo Medeia como uma auxiliar no morticínio. Diante de tamanha barbárie, Zeus

[...] enviou uma tempestade que afastou a nau da sua rota. A nau então começou a falar e revelou a cólera de Zeus, acrescentando que esta cólera não passaria antes de os Argonautas serem purificados por Circe. [...] Aí, a feiticeira, que, tal como

⁸⁹ Grimal, 2005, p. 44.

Eestes, era filha do Sol, e, por conseguinte, tia de Medeia, purificou o herói e teve uma longa conversa com a jovem, mas recusou categoricamente conceder hospitalidade no seu palácio a Jasão.⁹⁰

O *terceiro* dos passos em falso cometidos por Medeia na versão apolônia do mito sucede no regresso de Jasão ao seu reino, acompanhado por uma estrangeira. Mesmo em posse do velocino de ouro, Pélias recusa-se a cumprir a promessa de devolver o trono de Iolco e ainda qualifica a relação de Jasão com uma alóctone como desonrosa. Para se vingar, a feiticeira usa dos seus conhecimentos míticos para rejuvenescer um velho carneiro, o qual, mesmo depois de ser despedaçado e cozido em um caldeirão de bronze, retorna à vida em sua plenitude. De modo premeditado, Medeia convence as filhas de Pélias, que almejavam rejuvenescer seu pai, a procederem com as suas instruções, o que é feito pelas princesas. Não obstante, ao tentarem remontar o corpo paterno, percebem ser impossível. Esse evento atroz culmina na ira dos habitantes de Iolco, não somente pelo assassinato do soberano, mas pela constatação de que a forasteira, cônjuge de Jasão, se tratava de uma feiticeira. Em decorrência, o casal é banido por Acasto, filho de Pélias, e buscam refúgio em Corinto, lugar em que se inicia a tradução dramática proposta por Eurípides.

A versão euripidiana do mito de Medeia é, sem ressalvas, uma das mais famosas tragédias gregas preservadas ao longo da história, responsável por introjetar no ideário ocidental a figura de Medeia como uma das mais tristemente afamadas da mitologia clássica. Após dez anos de sua estadia em Corinto, Jasão toma uma decisão que implicou numa *hamartia*⁹¹, que, por sua vez, suscita a *hybris* com a qual Medeia permanece atrelada até nossos dias. Jasão decide tomar Glaucé, filha do rei Creonte, governante de Corinto, como sua esposa. Por ser estrangeira, o casamento da neta do deus Sol com filho de Esão não era visto como válido pelos gregos, todavia, a ação de Jasão representa para Medeia tanto um perjúrio quanto uma traição. Nesse ponto, pedimos anuência para abrir um breve parêntese em torno da posição freudiana acerca do desamparo fálico, em especial aqueles introduzidos em seu escrito “As neuropsicoses de defesa”⁹², de 1894, a partir do qual ponderamos que tal atitude do herói pode ser interpretada como promotora do sentimento de perda do objeto amado para

⁹⁰ Grimal, 2005, p. 45.

⁹¹ Segundo Aristóteles (2008), a *hamartia* pode ser traduzida como “erro” ou “paço em falso”, que estava ligado a uma falha na avaliação da atitude tomada frente às suas possíveis consequências. Cabe salientar que a *hamartia* nem sempre diz de uma ação carregada de maldade (*kakia*) ou perversidade (*mokhtheria*) do sujeito, já que elas também passavam pela influência dos deuses.

⁹² FREUD, Sigmund (1894). As neuropsicoses de defesa. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 3, p. 57-82.

a subjetividade de Medeia, que, inconscientemente, toma a rejeição do seu amado pela via da quebra de promessa e traição como um reflexo da sua conjuntura castrada. Na condição de esposa de Jasão, Medeia não seria mais uma posse do seu pai, sendo o casamento realizado na ilha de Feácios, pela rainha Arete, uma necessidade tanto de Jasão, para ter a constante e proveitosa presença da feiticeira ao seu lado, como uma forma de evitar que ela fosse reconduzida ao pai. Sendo o casamento, como discorre Freud (1931/1974)⁹³, uma possibilidade de entrada da mulher na dinâmica fálica, o amor, a promessa e o casamento celebrado — embora não reconhecido pelos corintos pela natureza estrangeira da filha de Eestes — são o seu *falo*⁹⁴. simbólico, já que, em tese, representa o *poder* de ser reconhecida como esposa de Jasão. À vista disso, ao ser rejeitada pelo seu amado, restaria para Medeia todo o desalento da sua condição castrada, desamparada pelo objeto de amor.

Por se tratar de uma obra trágica, levemos em conta que há certas particularidades próprias do gênero, como o fato de que não sobejaria para Medeia outro destino senão o de responder à infidelidade de Jasão sob a forma de uma ação desmedida, tendo em vista que só assim poderia lhe infligir uma dor similar àquela por ela sentida. A respeito desse aspecto trágico, Aristóteles (2008) pontua que, para que a narrativa possa, de fato, ser considerada bela, é necessário que:

[...] a mudança se verifique, não da infelicidade para a ventura, mas, pelo contrário, da prosperidade para a desgraça, e não por efeito da perversidade, mas de um erro grave, cometido por alguém dotado das características que defini, ou de outras melhores, de preferência a piores.⁹⁵

Destarte, o célebre filósofo salienta a importância da mudança da felicidade para a infelicidade como elemento chave para que a ação trágica ocorra, como se evidencia no drama euripídiano, pois é através da percepção do seu infortúnio que Medeia compreende o itinerário nefasto que a conduziu até àquela ignonímia, a qual ela mesma foi a principal partícipe em nome do amor pelo esônida; percepção essa nomeada de *reconhecimento*, isto é, “a passagem da ignorância para o conhecimento, para a amizade ou para o ódio entre aqueles

⁹³ FREUD, Sigmund (1931). A sexualidade feminina. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 21, p. 255-279.

⁹⁴ Laplanche e Pontalis (1991, p. 166-167) afirmam que, em psicanálise, “o uso deste termo sublinha a função simbólica desempenhada pelo pênis na dialética intra e intersubjetiva, enquanto FALO o termo “pênis” é sobretudo reservado para designar o órgão na sua realidade anatômica”.

⁹⁵ Aristóteles, 2008, p. 23.

que estão destinados à felicidade ou à infelicidade”⁹⁶, que podemos observar com nitidez no momento em que a feiticeira lamenta o percurso das *hybris* cometidas:

salvei-te, como sabem todos os gregos
que embarcaram no mesmo navio Argo,
na missão de montar touros ignívoros
subjugados e semear lavoura mortífera;
a serpente que envolvendo o velo de ouro
em anéis de muitas voltas guardava insone,
matei, retendo acima a tua luz salvadora,
mas eu mesma traidora de pai e casa meus
cheguei assim a Iolco do monte Pélion
contigo, mais animada do que sábia;
matei Pélias, como mais dói ser morto,
pelas próprias filhas, e destruí toda a casa.
Ainda assim tratado por nós, ó pior varão,
traíste-nos e contraíste as novas núpcias,
já com filhos. Se fosses ainda sem filho,
seria perdoável a tua paixão por núpcias.
A fé das juras se foi, e não posso saber
se pensas que os Deuses não regem mais
ou que novas leis de homens agora vigem,
quando tu sabes que para mim és perjuro.⁹⁷

Na passagem acima, Medeia expõe como a traição de Jasão à promessa proferida em Cólquida, bem como aos votos matrimoniais, realçam a sua *hamartia*, a qual, ainda que tenha conhecimento, atribui ao caráter leviano do herói, o que torna o furor da filha de Eestes ainda mais inflamado, pois essa situação a levaria a um novo degredo, uma vez que, agora, estaria desprovida, em absoluto, da proteção e do amor simbolizados pelo laço conjugal: “Agora aonde me volto? À casa do pai / E a pátria que traí por ti e vim para cá? / Ou às míseras Pelíades? Muito bem / Me aceitariam em casa cujo pai matei. / Pois assim está: inimiga me tornei / Dos de casa e os que eu não devia / Maltratar fiz inimigo por favor a ti”⁹⁸. No tocante à *hamartia* de Medeia, embora saiba-se que, em essência, suas ações principiaram pelo envenenamento amoroso arquitetado pelos deuses, ou seja, pelo *erro sem culpa*, a *hybris* foi manifestada de modo objetivo e “com toda a gravidade, [sendo] odiosa aos homens e aos deuses”⁹⁹, assim como reforça Silva (2012)¹⁰⁰:

⁹⁶ Aristóteles, 2008, p. 57.

⁹⁷ EURÍPIDES. *Teatro completo*. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Editora 34, 2022. v. 1., versos 475-495.

⁹⁸ Eurípedes, *Medeia*, versos 502-508.

⁹⁹ LESKY, Albin. *A tragédia grega*. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 44.

¹⁰⁰ SILVA, Márcia Regina de Faria da. *Medéia, amor e erro*, em Ovídio. *PRINCIPIA*, Rio de Janeiro, v. 22, pp. 95-106, 2012.

[...] ela traiu o pai (*genitor*), deixou o reino e a pátria (*regnum patriamque*), abandonou a mãe (*matre*) e a irmã (*soror*), levou as riquezas (*munus*) e assassinou o irmão (*germane, dilaceranda fui*), embora não diga abertamente isso. Ela mesma se considera uma criminosa (*nocens*), mas se defende afirmando que o crime, a fraude (*fraudis*), foi realmente cometida por Jasão ao vê-la apaixonada e prometer-lhe casamento. O erro dela teria sido apenas apaixonar-se e acreditar no amado (*credulitatis*).¹⁰¹

Apedeuto aos planos nefastos de vingança, Jasão parece não considerar que a sua união com a filha de Creonte, ocasionando a consequente separação com Medeia, lesa em alguma medida o laço entre eles, é por isso que, diante das queixas da feiticeira, salienta o seu compromisso em não a abandonar em seu exílio, provendo-a, bem como aos seus filhos. Medeia, no entanto, desconsidera as promessas de Jasão, haja vista o seu atual estado de desalento estar solidificado pela quebra do compromisso anteriormente selado, isto é, apenas ela cumprira com o critério da reciprocidade (*ἀντιφίλησις*) e o de querer bem a alguém (*βούλησις ἐκείνω ἀγαθοῦ*) constituídos pelo vínculo matrimonial¹⁰², ambos refletidos nas atitudes de proteção no tocante ao seu amado, os quais, como mencionamos acima, são salientados por Medeia, todavia, de forma temerária, Jasão, que outrora teve sua vida preservada graças às intervenções da filha de Estes, agora as toma como diminutas: “Eu, já que alças demais teu favor, / penso que entre Deuses e mortais / só Cípris¹⁰³ salvou a minha viagem”¹⁰⁴.

Tal agravo cometido e reiterado por Jasão alimenta em Medeia, na certeza do seu irremediável aziago, os crimes pelos quais se tornou notadamente conhecida. Tendo o desejo de vingança como seu novo impulso, Medeia utiliza sua habilidade no preparo de poções e, a partir delas, promove primeiramente o assassinato de Creuza e Creonte, assim como o incêndio do palácio real de Corinto. Embora o duplo homicídio impossibilitasse que Jasão contraísse núpcias com a sua rival, parece-nos válido considerar que o ferimento narcísico infundido no âmago de Medeia não conseguiu ser aplacado ou restituído pela morte desses indivíduos, em certa medida, alheios ao afeto que costurava a união dos cônjuges, isso poque, apesar de que seu delito pudesse entristecer Jasão, só um crime de sangue poderia, decerto, proporcioná-lo uma dor congênere àquela que sentia, sobretudo se direcionado à sua

¹⁰¹ Silva, 2012, p. 98.

¹⁰² PORTANSKY, Thais. O infanticídio à luz das emoções na Medeia de Eurípides. *Classica*, v. 36, n. 2, p. 1-18, 2023, p. 5.

¹⁰³ Um dos epítetos de Afrodite, certamente em associação ao seu nascimento na ilha de Chipre.

¹⁰⁴ Eurípides, *Medeia*, versos 525-528.

descendência. Perante o coro, ainda atordoado com o assassinato de Creonte e de sua filha, Medeia revela seu último e pesaroso gesto:

Amigas, decidi agir o mais rápido,
Matar os filhos e partir desta terra,
E não, por protelação, dar os filhos
Ao massacre de outra mão inimiga.
De todo devem morrer; e porque
Devem, nós, genitores, mataremos.
Arma-te, coração! Por que tardamos
Fazer os terríveis e necessários males?
Ó minha mísera mão, pega a faca!
Pega! Vai à mesa dolorosa da vida!
Não fraquejeis! Não lembres filhos
Caríssimos que geraste! Esquece
Neste mesmo breve dia teus filhos
E depois chora! Ainda que os mates,
São caros, e eu, mulher de má sorte.¹⁰⁵

Figura 8 — Medeia prestes a assassinar seus filhos. Óleo sobre tela de Eugène Ferdinand Victor Delacroix, 1862. (Coleção Museu do Louvre).



Fonte: Delacroix (1862).

¹⁰⁵ Eurípedes, *Medeia*, versos 1236-1250.

De antemão, o filicídio de ambos os filhos, cometido por Medeia, sugere uma motivação nobre, a de livrá-los da retaliação que sofreriam nas mãos dos corintos, afastando, até certo ponto, a premissa de que a morte de Feres e Mérmero serviria ao propósito de causar uma terrível dor ao esposo perjuro¹⁰⁶. Não obstante, ao observarmos de forma mais abrangente, nota-se que as falas de Medeia possuem uma nítida ambivalência, pois “apontam ora para o filicídio altruísta, no qual Medeia refere um desejo de proteger os filhos de males provocados por outrem, ora para o filicídio por vingança, em resposta aos sentimentos de ira e revolta contra Jasão”¹⁰⁷, ou seja, mesmo que seja explícita a desolação de Medeia ao atentar contra a vida dos seus próprios filhos, o ressentimento e o desejo de se vingar da rejeição conjugal também comparecem como elementos substanciadores, como se observa na declaração feita a Creonte que a “Mulher é cheia de pavor / e má em resistir e enfrentar faca, / mas quando injustiçada no leito, / não há nada mais sujo de sangue”¹⁰⁸, e, em um diálogo final com Jasão, afirma de modo contundente:

J. Ó filhos, que maligna mãe tivestes!
 M. Ó filhos, morrestes por mal do pai!
 J. Não os destruiu esta minha destra.
 M. Mas o teu ultraje e novas núpcias.
 J. Pelas núpcias decidiste matá-los?
 M. Crês pequena a dor para a mulher?
 J. Se for sábia. A ti, todos os males.
 M. Eles não vivem mais, isso te doerá.¹⁰⁹

No final da peça de Eurípides, Medeia não é punida pelas suas últimas ações, como se poderia pressupor como desfecho, pelo contrário, assume uma posição de superioridade perante Jasão, o que não a livra, no âmbito simbólico, de carregar consigo as sequelas do crime filial. A tragédia da feiticeira Medeia, nesse sentido, mostra-se mais como uma perversão sob a forma de metáfora da vingança egóica, isto é, à *hybris* da feiticeira como uma resposta feminina ao desamparo narcísico, anteriormente suplantado pelos votos matrimoniais, mas que desfizeram ante a quebra promovida pelo Esônida, o que consolida

¹⁰⁶ Sarmet (2016, p. 483) argumenta que essa dualidade que a peça euripediana suscita não é um fator circunstancial à narrativa, e sim premeditado por parte do tragediógrafo, à medida que “dá-se muita ênfase aos sentimentos de Medeia e ao seu grande sofrimento, de modo que sua psicologia domina o drama. Quando foi escrito, havia provavelmente um interesse de Eurípides em colocar em evidência, e denunciar para a sociedade, as humilhações às quais o feminino era submetido”.

¹⁰⁷ SARMET, Yvanna Aires Gadelha. Os filhos de Medeia e a Síndrome da Alienação Parental. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 27, n. 3, pp. 482-491, 2016, p. 483.

¹⁰⁸ Eurípides, *Medeia*, versos 263-266.

¹⁰⁹ *Ibidem*, versos 1363-1370.

uma repetição da destituição filial da figura paterna, como ela ocasionou ao seu próprio pai, ao matar Apsirto, na versão argonauta do mito, consumando, em ambos os casos, uma vingança com ares edípicos.

1.2 IDADE MÉDIA E O FEMININO NA ORIGEM E NA PERPETUAÇÃO DO MAL

1.2.1 A Igreja, a heresia e a determinação do bem e do mal

O termo Idade Média, do ponto de vista conceitual, é atribuído ao intervalo de tempo entre dois dos mais importantes eventos históricos e geopolíticos, a queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.) e a conquista de Constantinopla pelos turcos otomanos (1453), marcado por um distanciamento temporal de quase mil anos, por isso a terminologia faz referência à “idade do meio”, o que conota, muitas vezes, uma acepção errônea de que esse período foi marcado pela falta de expressividade histórica. Diferente das sociedades clássicas que a antecederam, onde a vida humana estava atrelada ao destino organizado pelos deuses, os sujeitos medievais não eram regidos por um panteão de divindades que determinavam tanto a sua glória quanto o seu infortúnio; lugar em que a perversão/*hybris* não estava associada ao livre-arbítrio de cada indivíduo, mas à sua revelia, à vontade das deidades. O indivíduo nascido na sociedade medieval era regido por uma única divindade, Deus, sendo Ele o seu único criador, mantenedor e juiz. No entanto, díspar das entidades helênicas, não cabia a Deus o direcionamento dos mortais, aos quais era oferecido apenas orientações para que buscassem a salvação de suas almas, por isso o homem medieval se distinguiu dos seus predecessores históricos, por ser um sujeito cingido por uma “consciência culpada, dividida entre queda e redenção, [por isso] estava destinado a sofrer tanto por suas intenções como por seus atos”¹¹⁰.

Pensando na sociedade grega clássica, onde os deuses se faziam intrinsecamente presentes no cotidiano humano — inclusive com representações mitológicas que sinalizavam suas manifestações físicas como um elemento comum dessa dinâmica —, quando não se personificavam e intervinham diretamente no itinerário dos mortais, cabia aos oráculos a importante tarefa de interpretar e transmitir a mensagem dos deuses, papel que trouxe expressividade histórica para personagens como por exemplo, Tirésias, “célebre adivinho

¹¹⁰ Roudinesco, 2008, p. 16.

tebano, filho de Éveres e da ninfa Cáriclo, que viveu durante muitas gerações”¹¹¹, e cujo nome é citado em alguns dos textos mais notórios da literatura grega. Na cultura medieval, Deus, embora presente, não mantinha mais contato direto com as suas criaturas, relação que se distanciou com o final do *Velho Testamento* e teve o último grande ato na sua presentificação, sob a forma de Cristo¹¹². Coube a uma instituição, autoproclamada representante de Deus na Terra, a Igreja Católica Apostólica Romana, fundada na Antiguidade¹¹³, o exercício que já coube aos adivinhos na mitologia grega e aos profetas na própria tradição judaico-cristã, sendo que a sua interpretação decorria da transmissão direta da Palavra de Deus, transcrita por homens considerados santos.

Essa centralização da intermediação entre Deus e a humanidade pela Igreja Católica é de suma importância, e passa a vigorar como verdade social a partir da sua institucionalização pelo governo romano, que dá seus passos mais sólidos no ano de 325 d. C, quando o Concílio de Nicéia estabeleceu a igualdade entre os patriarcas cristãos (chefes espirituais) de locais como Jerusalém, Alexandria, Antióquia e Roma, no entanto, tendo o bispo de Roma uma autoridade reconhecidamente maior sobre os demais, defendida com base no próprio *Texto Sagrado*, que expõe como Pedro, considerado apóstolo fundador da Igreja de Roma, foi cognominado por Jesus como o primeiro chefe da Igreja. Esse reconhecimento da autoridade do bispo de Roma sobre toda a cristandade ocidental foi um processo gradual que se iniciou no século IV e encontrou consolidação no século V, sobretudo a partir do imperador Teodósio I, que, em 380 d. C., oficializou o cristianismo como religião do Império Romano. A partir

¹¹¹ DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA MITOLOGIA GREGA (DEMGOL). [S. L.]: ISPSN, 2013, p. 260.

¹¹² A *Bíblia*, texto sagrado para o cristianismo, considerado a expressão direta de Deus aos homens, contém muitas passagens que sinalizam que Jesus é Deus personificado. Aqui estão algumas dos excertos mais contundentes: João 1:1 diz que "no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus". Essa passagem afirma que Jesus é eterno e coexistente com Deus. Em João 1:14, "o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai". Essa passagem afirma que Deus se fez homem para salvar a humanidade. João 10:30 afirma que "Eu e o Pai somos um". Essa passagem afirma que Jesus tem a mesma natureza e substância de Deus. Filipenses 2:6-11 diz que Jesus "esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens; e, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz". Essa passagem afirma que Jesus voluntariamente se humilhou para se tornar homem, mas que manteve sua natureza divina. 1 Timóteo 3:16 diz que "Deus manifestou a si mesmo neste último tempo, na pessoa de seu Filho". Essa passagem afirma que Jesus é a manifestação de Deus na terra. Apocalipse 22:13 diz que "Eu sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim". Essa passagem afirma que Jesus é o Criador e o Redentor do universo.

¹¹³ Em se tratando do contexto histórico, a Igreja Católica Apostólica Romana foi instituída no seio do Império Romano, na chamada Antiguidade Tardia, entre os séculos II e VIII (Raimundo, 2016, p. 25). Não obstante, para o Catolicismo, "A Igreja tem sua origem em Jesus no sentido de que suas raízes se fundam na missão de Cristo. Essa missão compreende: o chamado feito aos discípulos e a escolha dos doze e de outros discípulos para partilhar de seu próprio ministério. Assim a fundação da Igreja, em última análise, consiste no 'dom total de Cristo para nossa salvação, antecipado na instituição da Eucaristia e realizado na cruz'" (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO).

daí, a Igreja Católica Romana passou a desempenhar um papel cada vez mais importante na vida política e social do Império. Também é atribuída a Teodósio I a primeira utilização da palavra "papa" para se referir ao bispo de Roma, a qual tem sua origem na expressão grega *πάππας* (*páppas*), que significa "pai" e foi utilizada para ressaltar a importância e a autoridade do bispo romano como líder espiritual da Igreja. Tal estabilização ocorreu, de fato, no ano de 445 d. C., quando o imperador Valentino III publicou o *Edito da Supremacia Papal*, que reconheceu oficialmente a autoridade do bispo de Roma sobre todos os bispos do Ocidente¹¹⁴. Esse *edito* foi crucial para consolidar a autoridade papal, mas não foi o único fator que contribuiu para isso. Outros fatores determinantes foram a queda do Império Romano do Ocidente, que deixou a Igreja Católica como a única instituição de poder estável na Europa ocidental, e a Reforma gregoriana¹¹⁵, que fortaleceu ainda mais a autoridade do papa sobre a Igreja.

Com o passar do tempo, a autoridade papal se tornou cada vez mais forte, atingindo seu ápice, como aponta Franco Júnior (1986), durante o pontificado de Inocêncio III (1198-1216), momento em que o papa passou a exercer um poder supremo, *plenitudo potestatis*, sobre toda a cristandade ocidental, tanto na esfera espiritual quanto na secular, onde a precedência papal em relação aos demais bispos se efetivou. Seu pontificado também foi o responsável pelo endurecimento da posição da Igreja frente ao que se considerava pecado, onde foram instituídos mecanismos persecutórios institucionalizados para vigiar, perseguir e punir aqueles que agissem em desacordo, isto é, pervertendo o seu *designñum*¹¹⁶, o que fundamentou, posteriormente, as bases de empreendimentos como a Inquisição, um tribunal eclesiástico responsável por torturar e matar milhares de pessoas, cujo legado é ainda hoje objeto de calorosos debates. A esse respeito, Pimenta *et al.* (2012), sugere que “Tudo começou por volta de 1199, quando Inocêncio III qualificou a heresia como crime de *Lesá Majestade* (crime contra o Rei, o Estado - Traição). Como para esses crimes o Estado aplicava pena de morte, defende-se a mesma pena para os hereges que não conseguissem se

¹¹⁴ ARRUDA, José Jobson de Andrade; PILETTI, Nelson. *Toda a História*. História Geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 1999, p. 105.

¹¹⁵ Também conhecida como Reforma papal, a Reforma Gregoriana foi um movimento complexo que teve como objetivo principal fortalecer a autoridade do papa e da Igreja Católica. O movimento foi liderado pelo papa Gregório VII, que defendeu a primazia do papa sobre os outros bispos, a necessidade de reformar a Igreja para torná-la mais pura e moral, e a independência da Igreja do poder secular (Rust, 2013).

¹¹⁶ Como bem enfatiza Souza (2018, p. 1), “A perseguição aos hereges não era nenhuma novidade, mas o papado de Inocêncio estabeleceu uma forte ligação entre o poder papal e a repressão ao herege. Cabia ao líder da cristandade, e vigário do próprio Cristo, eliminar os males das heresias e inimigos da fé. Para isso acontecer seria necessário extirpar do mundo as lideranças do mundo que não cumprissem a vontade do sucessor de Pedro e não seguissem corretamente as palavras dirigidas pela Igreja”.

emendar”¹¹⁷, salientando-se que mesmo nos territórios de senhores feudais tidos como de postura laica, severas punições, incluindo a pena de morte, eram aplicadas àqueles que agissem em desacordo aos preceitos dogmáticos e sociais estabelecidos pelo poder eclesiástico, como se registrou, a título de exemplificação, em Aragão (1197), Lombardia (1224), França (1229), Roma (1230), Sicília (1231) e Alemanha (1232), tanto antes como depois de eventos como o IV Concílio de Latrão, considerado o maior concílio ecumênico da Idade Média, convocado pelo próprio Inocêncio III e realizado em Roma entre 11 e 30 de novembro de 1215, no qual participaram mais de 400 bispos e 800 delegados de todo o mundo cristão, com base no qual foram estabelecidas diversas medidas de repressão às heresias, tais como a penitência, a prática da confissão, no mínimo, anual para todos os cristãos, e a determinação de práticas tidas como pervertidas, isto é, que se configuravam de forma contrária à natureza sexual delimitada pelas prescrições da Igreja¹¹⁸.

O papa passou a ser considerado o chefe espiritual e temporal do cristianismo, e sua influência se estendeu a todos os aspectos da vida social, política e cultural, como é observável na passagem da Antiguidade para a Idade Média. A ascensão da autoridade papal teve um impacto significativo na história da Europa. O papado se tornou uma das instituições mais poderosas do continente, e seu papel foi fundamental no desenvolvimento da civilização ocidental. Por ser a entidade mais poderosa da Idade Média e agindo como agente direta de Deus, coube a ela determinar o que constituía o bem e o mal e, por consequência, aquilo que podemos associar como a interpretação do sentido de perversão para a época, a *heresia*, uma vez que:

A própria noção de heresia só adquire sentido na medida em que a Igreja se transforma em uma instituição preocupada em fixar a doutrina que fundamenta sua organização e seu domínio sobre a sociedade. O problema da heresia emergiu, então, apenas na medida em que a Igreja se transformou em uma instituição preocupada em definir os dogmas que baseavam sua organização e seu domínio sobre a sociedade.¹¹⁹

Frangiotti (1995)¹²⁰ argumenta que o termo *heresia*, cuja etimologia encontra-se alicerçada na palavra *háiresis*, perdeu o seu sentido em comparação à expressão grega, visto

¹¹⁷ PIMENTA, Leonardo et al. Considerações jurídicas sobre a Inquisição. *Revista Eletrônica de Direito do Centro Universitário Newton Paiva*, [S. l.], n. 18, p. 200-204, 2012, p. 200.

¹¹⁸ FALBEL, Nachman. *Heresias medievais*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

¹¹⁹ BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: do ano 1000 à colonização da América*. Tradução Marcelo Rede; prefácio Jacques Le Goff. São Paulo: Editora Globo, 2006, p. 222.

¹²⁰ FRANGIOTTI, Roque. *História das heresias (século I a VII)*. São Paulo: Paulus, 1995.

que, enquanto *háíresis* possui um sentido de elo com uma característica própria da verdade; a heresia, na ideação católica medieval, passa a ter como significado a ideia de afastamento e/ou negação de uma verdade universal e amplamente aceita, assim como a deturpação tanto do Evangelho transmitido pela Igreja quanto às suas prescrições clericais, argumento que corrobora a dicionarização proposta por Ferguson e Wright (2009), os quais situam que o entendimento desse desviar estava enraizado em um “desvio doutrinário, a partir de verdades fundamentais ensinadas pelas Escrituras e pela ortodoxia da Igreja Cristã, e a propagação ativa de tal desvio”¹²¹. No que concerne à aproximação entre o sentido de heresia empregado pela Igreja Romana e a noção já amplamente disseminada naquele período, de perversão enquanto desvirtuação, depravação, podemos inferir que ambos os termos indicavam uma explícita desobediência em relação a uma lei, fosse ela divina ou social, em especial na Idade Média, momento em que esses âmbitos não estavam particularizados, e sim sob a égide do poder eclesiástico, o que se contempla ao buscamos os primeiros usos da terminologia perversão em língua portuguesa, os quais ocorrem

[...] entre os anos de 1562 e 1575. Trata-se de um empréstimo do latim clássico *perversione*, que além do significado corrente de depravação, traz o sentido adicional de alteração de um texto, a inversão da construção no estilo. Entretanto, antes mesmo de ser uma questão jurídica, e posteriormente uma patologia clínica, a perversão era uma matéria religiosa demarcada pela igreja cristã, associada, apropriadamente, ao pecado original^{122, 123}

É justamente no interstício entre os séculos XII e XIII, que se viu com maior pujança o combate promovido pela Igreja em relação aos desvios da ordem divina, tal como argumenta Falbel (1969), ao afirmar que eles “poderiam ser chamados os séculos heréticos, caso pudéssemos olhar a História de uma época ou período sob um único prisma, ou seja, a História da Igreja Ocidental”¹²⁴. Como vemos, na Idade Média, *heresia*, pecado e perversão eram elementos uníssonos na determinação de como a Igreja entendia e conduzia a sociedade medieval. Isso posto, passemos à compreensão do lugar destinado às mulheres nessa conjectura do mal.

¹²¹ FERGUSON, Sinclair Buchanan; WRIGHT, David F. Novo dicionário de teologia. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 488.

¹²² CARDOSO, Ronnie Francisco. Por uma estética da perversão. In: *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações e Convergências*. USP. São Paulo, 2008, p. 2.

¹²³ Observemos que Cardoso (2008) desloca os primeiros registros do uso do termo perversão para o século XVI, diferindo de Lanteri-Laura (1994), já mencionado nesta seção, que desloca essa ocorrência para o século XV.

¹²⁴ FALBEL, Nachman. As heresias dos séculos XII e XIII. *Revista de História*, São Paulo, v. 38, n. 78, pp. 325-352, 1969, p. 325.

1.2.2 A mulher como amálgama do pecado original e de seus desdobramentos

Consoante ao que fora anteriormente exposto, a Idade Média foi um período marcado por uma forte influência da religião, especialmente da Igreja Católica Romana, cujas ideias, valores e prescrições, tidos como chancelados por Deus graças à qualificação do *Vicário de Cristo*¹²⁵, como Seu representante direto na Terra, permeavam todos os aspectos da vida social, o que incluiu de modo decisivo a representação do gênero feminino. No contexto medieval, a mulher era comumente representada por meio de imagens e estereótipos que ora se contradizem, ora se complementam. Por um lado, a mulher era vista como um ser frágil e dependente, que precisava da proteção masculina. Por outro lado, também era vista como um ser perigoso e sedutor, capaz de corromper os homens e levar à desordem social.

Essa representação ambígua atribuída à mulher fundamentou-se na perspectiva teológica cristã que conferia a Eva o encargo pelo pecado original, do qual falaremos mais adiante, onde se tem registrado que Adão, o primeiro homem, segundo a *Bíblia*, foi tentado por Eva, constituída dele¹²⁶, sendo a primeira mulher e sua companheira, a comer do fruto proibido, o que resultou na expulsão de ambos do paraíso e na consequente condenação de toda a humanidade à dor e ao sofrimento. Embora não seja a nossa intenção destrinchar a mitologia judaico-cristã, cabe-nos trazer à discussão uma personagem solene no que se refere à associação do feminino ao pecado, à perversão propriamente dita, cuja não menção neste trabalho representaria uma falta inescusável. Referimo-nos a Lilith, figura que não possui referência nítida na Bíblia cristã¹²⁷, considerada por muitos como integrante da literatura apócrifa ou deuterocanônica, ou seja, sem validade para o cristianismo, mas graças à sua presença em alguns textos da tradição judaica, como o *Talmud*¹²⁸, também se estabeleceu como ilustração no imaginário do potencial transgressor feminino. Segundo nos orientam

¹²⁵ Outras denominações atribuídas à figura papel são Pontífice Romano, Sumo Pontífice, Santo Padre etc.

¹²⁶ De acordo com a *Bíblia*, “Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a todo o animal do campo; mas para o homem não se achava ajudadora idônea. Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar; e da costela que o Senhor Deus tomou da carne do homem, formou uma mulher, e a trouxe a Adão. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada” (Gênesis 2:20-24).

¹²⁷ Gomes; Almeida (2007, s.p., grifos do autor) salientam que “A palavra, que aparece em Isaías 34:14: “*Os gatos selvagens conviverão aí com as hienas, os sátiros chamarão os seus companheiros. Ali descansará Lilith, e achará um pouso para si*”. Em português foi traduzida por lârnias, fantasmas e por vezes Lilith. No hebraico, derivado do aramaico *lilitu* que na Babilônia e na Assíria significa demônio feminino. A etimologia judaica derivou *Lilith* do aramaico *layil*, que significa ‘noite’ a lua ‘negra’ correspondente a lârnia grega”.

¹²⁸ O *Talmud* é uma coletânea de textos judaicos rabínicos, o qual congrega reflexões sobre as leis, a ética, os costumes e a história, servindo como guia essencial para o pensamento e práticas judaicas ao longo dos séculos.

Silva (2012), a primeira aparição de Lilith não ocorre na mitologia judaica, e sim na babilônica, a partir do épico *Gilgamesh*, escrito por volta de 2000 a.C., onde é retratada como uma prostituta estéril, com os seios secos e pés de coruja, o que demarcava a sua natureza noturna, ainda que possuísse um belo rosto. Todavia, é no *Talmud* (século VI a.C.) que a personagem adquire o destaque de ser considerada a primeira esposa de Adão, não derivada de sua costela, como ocorre com Eva, mas do mesmo barro do seu companheiro. Sem embargo,

Logo, porém, houve um desentendimento pelo fato de Adão não querer ceder aos pedidos de Lilith para que ela também ficasse na posição dominante durante o ato sexual. Ela então abandonou o marido e se refugiou em uma caverna no Mar Vermelho. Diante da reclamação de Adão, Deus enviou três anjos ao plano terrestre com a missão de ordenar a Lilith que retornasse para Adão. Lilith, no entanto, recusou obedecer a Deus e, após saber da criação de Eva, jurou vingança contra todos os filhos de Adão.¹²⁹

Humilhada pelas figuras de Adão e de Deus, Lilith tornou-se sinônimo para o caráter indômito, rebelde e vingativo do feminino. Considerando-se lesada tanto pela rejeição como pela imposição de um papel submisso, ela jurou que sua vingança flagelaria toda a descendência de Adão, portanto, toda a humanidade, dedicando-se a um destino sombrio que lhe conferiu o *status* de entidade associada à noite, à lascívia, ao caos e à morte infantil. De acordo com uma versão do mito encontrada no *Alfabeto de Ben Sira*¹³⁰, no século XVII, Lilith teria direcionado sua ira para os recém-nascidos, onde, no que diz respeito aos meninos, o perigo se estendia desde o momento de seu nascimento até o oitavo dia de vida, período coincidente com a cerimônia da circuncisão, um marco ritualístico de grande importância nas tradições judaicas. Quanto às meninas, a vingança de Lilith era ainda mais perdurável, sendo sua possibilidade entendida até o vigésimo dia após o nascimento, uma referência que muitos interpretam como uma alusão a práticas rituais relacionadas à feminilidade, talvez ecoando formas de controle ou mutilação que atravessaram séculos e que ainda persistem em algumas culturas contemporâneas¹³¹. Esse retrato de Lilith, com suas ações carregadas de simbolismo, reflete não apenas a visão dualista da mulher na antiguidade e no medievo, mas também a

¹²⁹ SILVA, Alexander Meireles da. A redenção de Lilith: o corpo feminino como estratégia transgressora na ficção de Octavia E. Butler. *REDISCO – Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo*, Vitória da Conquista-BA, v. 1, n. 2, pp. 7-15, 2012, p. 10.

¹³⁰ Também conhecido como *Alfabeto de Ben Sirak*, de acordo com Gomes e Almeida (2007), trata-se do registro mais antigo que se conhece sobre Lilith, datado entre os séculos VIII e X a.C.

¹³¹ ROBLES, Martha. *Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos*. Tradução William Lagos e Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006.

construção de mitos que exploram a tensão entre submissão e autonomia, pureza e transgressão. Com o tempo, Lilith tornou-se uma figura central em debates teológicos, culturais e feministas, simbolizando tanto o perigo da desobediência quanto a força inabalável de quem se recusa a se curvar diante de opressões do desejo.

A partir dessa associação judaico-cristã do pecado original, todas as mulheres foram consideradas pecadoras por natureza, portadoras de traços de caráter como a curiosidade, a concupiscência, o orgulho, a fragilidade e, sobretudo, a desobediência à autoridade, todas encaradas como temerárias para a ordem eclesial e, por conseguinte, também para a social, cujos arrimos estruturantes se baseavam na hierarquia masculina/patriarcal. Nesse ponto, salienta-se que a visão depreciativa em torno da mulher e do feminino não é proveniente do medievo, sendo apenas mais um recorte particular em que se fundamentou esse construto, o qual, inclusive, remonta uma perspectiva já laudatória, panegírica da filosofia aristotélica, isto é

[...] herdeira de tradições clássicas que foram acentuadas no período medieval [...] situam o homem e a mulher em uma hierarquia funcional de superioridade e inferioridade, atribuindo as características de seco, quente, alto e reto ao masculino; e frio, úmido, baixo e curvo ao feminino, extrapolando os limites de uma suposta inferioridade física para uma inferioridade moral.¹³²

Em sua obra *Política*, por exemplo, Aristóteles afirma que a mulher é uma criatura inferior ao homem, tanto física quanto moralmente, argumentando que ela é significativamente mais propensa à luxúria, à vaidade e à fraqueza. Ao tratar da autoridade marital e paternal, afirma que o homem “governa a mulher como cidadão, os filhos como súditos. O homem está mais apto para mandar, por natureza, do que a mulher, a menos que a união de ambos contrarie de algum modo a natureza”¹³³, pois essa “não tem faculdade de decisão”¹³⁴. Não obstante, além da submissão à autoridade masculina, que a tornava membro do corpo social, Aristóteles, na obra *Geração dos animais*, situa o corpo feminino como similar ao de todas as fêmeas, onde se destaca o fato de que todas são desprovidas das características próprias do masculino, que são essenciais para o exercício da política e da guerra:

¹³² PIRES, João Davi Avelar. Visões sobre o feminino e o corpo na Idade Média. *Revista Feminismos*, v. 3, n. 2, pp. 14-23, mai./dez. 2015, p. 15.

¹³³ ARISTÓTELES. *Política*. Tradução António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Vega, 1998, p. 91.

¹³⁴ Aristóteles, 1998, p. 95.

A fêmea é menos musculada, tem as articulações menos pronunciadas; tem também o pelo mais fino nas espécies que possuem pêlos, e, nas que os não possuem, o que faz as suas vezes. As fêmeas têm igualmente a carne mais mole do que os machos, os joelhos mais juntos e as pernas mais finas. Quanto à voz, as fêmeas têm-na sempre mais fraca e mais aguda, em todos os animais dotado de voz, com exceção dos bovinos: nestes, as fêmeas têm a voz mais grave que os machos. As partes que existem naturalmente para a defesa, os cornos, os esporões e todas as outras partes deste tipo pertencem em certos gêneros aos machos, mas não às fêmeas. Em alguns gêneros, estas partes existem em ambos, mas são muito fortes e desenvolvidas nos machos.¹³⁵

O pessimismo em relação à figura feminina na Idade Média tornou-se um espectro amplamente aceito e difundido, que encontrava reflexo na filosofia, na literatura, nas artes em geral, na religião e em outros escopos sociais, onde a mulher era frequentemente retratada como criatura inferior e pecaminosa. Essa representação da mulher teve um impacto significativo no seu cotidiano em meio à sociedade medieval, sendo frequente e oficialmente limitadas em seus direitos e oportunidades, cabendo-lhes a subordinação aos homens em todos os aspectos da vida, incluindo a família, a sociedade, os bens e a religião. No entanto, é importante ressaltar que, embora fossem vistas essencialmente como de natureza frágil e propensa ao pecado, nem todas as figuras femininas no medievo se enquadravam nos estereótipos negativos, especialmente quando se refere àquelas que desempenhavam papéis importantes no âmbito religioso. Conforme argumenta Pires (2016)¹³⁶,

[...] as visões sobre o feminino não atuavam em uníssono, pelo contrário, foram criadas categorias móveis, às quais, na perspectiva clerical, as mulheres se identificavam a partir de seu comportamento. Tais categorias móveis - Eva, Maria Madalena e Maria - frequentemente se entrelaçavam atribuindo às mulheres características inerentes a cada uma dessas representações, como frágeis ou fortes, vítimas ou culpadas, santas ou pecadoras.¹³⁷

Apesar disso, a negatividade em torno da mulher medieval teve um legado predominante e duradouro, em especial graças à sua associação ao pecado que impôs à humanidade sua mortalidade e outras privações, o qual a marcava como emblema maior ao olhar da Igreja e de seus legisladores. Na "Introdução" de *História das Mulheres no*

¹³⁵ Aristóteles, 1961, p. 37 *apud* COLLING, Ana Maria. O corpo que os gregos inventaram. In: STREY, Marlene Neves (Org.); CABELA, Sonia T. Lisboa (Org.). *Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 49-64.

¹³⁶ PIRES, João Davi Avelar. Misoginia medieval: a construção da justificação da subserviência feminina a partir de Eva e do pecado original. *Faces da História*, Assis-SP, p. 128-142, jan./jun. 2016.

¹³⁷ Pires, 2016, p. 130.

*Ocidente*¹³⁸, Klapisch-Zuber (1990) destaca que o fato da imagem da mulher personificar um mal sinistro e enganador diz de uma situação comum ao longo da história, em sua maioria, são os homens os responsáveis pela descrição, documentação e transmissão das imagens de sua época, o que, para o cenário medieval, onde o clero influenciou não só o senso comum, mas as ciências como um todo, representa um notório desserviço a tudo aquilo que o feminino estava associado. Conquanto a Igreja Romana só venha a impor uma postura mais voraz em relação ao feminismo tardiamente, especialmente a partir do século XV¹³⁹, já se podia observar, desde os primeiros séculos da Alta Idade Média, condições para uma descredibilização da mulher naquela sociedade sabidamente erigida sob a ordem patriarcal, em que uma das principais recomendações aos homens era o celibato, instituído e imposto aos clérigos já nas reformas papais ocorridas no século IV, onde se estabeleceu aos membros da Igreja a proibição do casamento, com vistas a preservar a pureza e a dedicação dos sacerdotes, bem como afastá-los da luxúria e da lascívia femininas. Klapisch-Zuber (1990) comenta que esse foi um dos coeficientes para a instrumentalização histórica do negativismo que circunda a figura feminina, levando-se em consideração que são

[...] os clérigos, homens de religião e de Igreja que governam o escrito, transmitem os conhecimentos, comunicam ao seu tempo, e para além dos séculos, o que deve pensar das mulheres, da Mulher. A nossa escuta do discurso medieval sobre as mulheres é durante muito tempo tributária dos seus fantasmas, das suas certezas, das suas dúvidas. Ora, diferentemente de outras épocas, esta palavra masculina impõe de forma peremptória as concepções e as imagens que delas faz uma casta de homens que recusam a sua convivência, homens a quem o seu estatuto impõe o celibato e a castidade: por isso mesmo tanto mais áspersos em estigmatizar os seus vícios e imperfeições quanto elas lhes continuam inacessíveis na vida quotidiana; e forçando tanto mais o traço quanto as heranças do seu imaginário são largamente livrescas.¹⁴⁰

Isso posto, pode-se chegar ao entendimento de que, salvo casos isolados, cujo registro fora preservado e nos alcançou, onde mulheres tomaram para si o protagonismo escrito de suas narrativas¹⁴¹, o que foi documentado sobre as mulheres coube ao discurso monástico, do

¹³⁸ KLAPISCH-ZUBER, Christiane. Introdução. In: DUBY, Georges (Org.); PERROT, Michelle (Org.). *História das Mulheres no Ocidente: A Idade Média*. Tradução Maria Helena da Cruz Coelho, Irene Maria Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilhermina Mota. Porto: Edições Afrontamento, v. 2, 1990, p. 9-23.

¹³⁹ GEVEHR, Daniel Luciano; SOUZA, Vera Lucia de. As Mulheres e a Igreja na Idade Média: misoginia, demonização e caça às bruxas. *Revista Acadêmica Licencia&acturas*, Ivoti, v. 2, n. 1, pp. 113-121, jan./jun. 2014, p. 114.

¹⁴⁰ Klapisch-Zuber, 1990, p. 16.

¹⁴¹ A esse respeito, aconselhamos a leitura integral do importante livro *Vozes de mulheres da Idade Média*, organizado pelas professoras Cláudia Costa Brochado e Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne, de 2018, com especial atenção ao artigo “Escritoras medievais: transgressões silenciadas”, escrito por Maria Simone Marinho Nogueira.

qual partia uma visão explicitamente afastada da vivência com o feminino cotidiano, edificada graças a uma interpretação dúbia da mulher enquanto personagem da mitologia cristã, que tanto causava temor pela associação à Eva como admiração pela possibilidade de redenção representada pela imagem santificada de Maria. Christine de Pizan (1364-1430), uma dessas personalidades de natureza destoante, que parte do material de sua autoria se conservou até nossos dias, pontua o absolutismo masculino nas funções que os garantem como redatores da história, assim como o seu estranhamento frente à disposição masculina de imputar ao feminino uma configuração temerária. Em *A cidade das damas*¹⁴², Pizan (2012)¹⁴³ questiona

[...] quais poderiam ser as causas e motivos que levavam tantos homens, clérigos e outros, a maldizer as mulheres e a condenar suas condutas em palavras, tratados e escritos. Isso não é questão de um ou dois homens, [...] mas, pelo contrário, nenhum texto está totalmente isento disso. Filósofos poetas e moralistas, a lista poderia ser bem longa, todos parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício.¹⁴⁴

Associada ao pecado original e, por isso, considerada responsável pelas dores e a implementação da morte no gênero humano, a mulher passou a ser vista como símbolo da tentação, do pecado e do mal, cabendo-lhe a total submissão aos homens de sua família (similar ao *patria potestas* romano) e, sobretudo, à Igreja, ambos poderes patriarcais, os quais, como signo maior de sua autoridade, exigia-lhes o silêncio, haja vista que, na condição de propensas a promover a persuasão pecaminosa, seu discurso era visto como uma ação capaz de induzir o homem a se aproximar do mal, conforme descreve o livro de Eclesiástico¹⁴⁵, nenhum mal está em pé de igualdade com o mal que a mulher engendra. Esse silenciamento se fez prescrito na *Bíblia*, como reflexo do fato de que, pelo seu pecado, à mulher cabia aprender em silêncio, não ensinar, assim como prescreve Paulo, um dos patriarcas do

¹⁴² *A cidade das damas* retrata um local habitado apenas por mulheres, em que podem desfrutar, sobretudo, da segurança, e onde atuam efetivamente de vários contextos sociais, como a política. Traduzida e publicada em livro no ano de 2012, pela pesquisadora Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne, a obra de Pizan reflete o desejo feminino por uma sociedade equânime, na qual as mulheres dispusessem das mesmas prerrogativas civilizatórias oferecidas aos homens e não fossem mais vistas a partir de uma inferiorizante.

¹⁴³ PIZAN, Christiane de. *A cidade das damas*. Tradução e apresentação Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012.

¹⁴⁴ Pizan, 2012, p. 58-59.

¹⁴⁵ Em Eclesiástico 25:19-25, está escrito que “[...] toda malícia, não, porém, a malícia da mulher; toda vingança, não, porém, a que nos causam nossos adversários; toda vingança, não, porém, a de nossos inimigos. Não há veneno pior que o das serpentes; não há cólera que vença a da mulher. É melhor viver com um leão e um dragão que morar com uma mulher maldosa. A malícia de uma mulher transtorna-lhe as feições, obscurece-lhe o olhar como o de um urso, e dá-lhe uma tez com a aparência de saco. Entre seus parentes, queixa-se o seu marido, e, ouvindo-os, suspira amargamente. Toda malícia é leve, comparada com a malícia de uma mulher; que a sorte dos pecadores caia sobre ela!”

cristianismo e importante doutrinador, em sua primeira carta endereçada aos Coríntios, onde orienta que “As vossas mulheres estejam caladas nas igrejas; porque não lhes é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei”¹⁴⁶, bem como na primeira epístola direcionada a Timóteo, na qual reafirma que “A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o homem, mas que esteja em silêncio. Pois primeiro foi formado Adão, e depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão”¹⁴⁷. Ainda assevera, em Colossenses, que “As mulheres sejam submissas aos seus maridos, como convém a quem está no Senhor”¹⁴⁸. Refletindo sobre o silêncio imposto às mulheres ao longo da história, Perrot (2005)¹⁴⁹ argumenta que ele:

[...] é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento. Silêncio das mulheres na igreja ou no templo; maior ainda na sinagoga ou na mesquita, onde elas não podem nem mesmo penetrar na hora das orações. Silêncio nas assembleias políticas povoadas de homens que as tomam de assalto com sua eloquência masculina. Silêncio no espaço público onde sua intervenção coletiva é assimilada à histeria do grito e uma atitude barulhenta demais como a da ‘vida fácil’. Silêncio até na vida privada.¹⁵⁰

Com vistas a se posicionar contra essa perspectiva que as impunha baixa ou quase nenhum prestígio perante a sociedade da época, mulheres fizeram-se numerosas nas incontáveis seitas que frutificaram na Europa, em especial a partir do século XII, e, em sua maioria, tinham como principal legado o questionamento da autoridade absolutista do clero. Movimentos religiosos e políticos como os dos *hussitas*, surgido na Boêmia, durante o século XV, além de confrontarem o poder dos clérigos e a hierarquia entre os sexos, ainda acreditavam em uma série de doutrinas que eram consideradas heréticas pela Igreja Católica. Entre elas estavam a crença na comunhão sob as duas espécies (pão e vinho) para todos os indivíduos, a importância da leitura da *Bíblia* em língua vernácula e o direito de o povo escolher seus próprios líderes religiosos. Além dos *hussitas*, outros grupos como o dos *begardos*¹⁵¹ e dos *lolardos*¹⁵² propunham uma maior igualdade nos cultos¹⁵³. Graças a esses

¹⁴⁶ I Coríntios 14:34.

¹⁴⁷ I Timóteo 2:11-14.

¹⁴⁸ Colossenses 3:18.

¹⁴⁹ PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005.

¹⁵⁰ Perrot, 2005, p. 9.

¹⁵¹ Begardos, era o que podemos classificar como a versão masculina do movimento beguino, profícuo entre os séculos XV e XVI, os quais, embora compusessem uma comunidade de homens, era simpáticos, entre outras coisas, a uma comunhão abrangente também as mulheres. Ruysbroek, em seu *Ornement des Noces Spirituelles*, critica-os de vido à “[...] tranquilidade natural que sentem e possuem de si próprios, julgam-se

fundamentos, Jan Hus (1373/75-1415), teólogo e reformador religioso tcheco, percussor dos pensamentos a partir dos quais se fundou o movimento *hussita*, foi queimado na fogueira pela Igreja Católica em 1415.

No que tange mais precisamente às mulheres, um caso bastante simbólico é o das beguin¹⁵⁴, um agrupamento religioso feminino que surgiu na região dos Países Baixos, no século XII, formado, quase totalmente, por mulheres leigas que viviam em comunidades semimonásticas, dedicadas à oração, ao trabalho e ao serviço aos pobres e doentes. Tiveram um crescimento considerável de adeptas, tanto que “Na Alemanha e em Flandres¹⁵⁵, onde havia um excesso de mulheres [...], suscitava uma ‘questão das mulheres’: *frauenfrage*”¹⁵⁶. Embora não fossem obrigadas a realizar votos religiosos, seguiam um conjunto de regras e regulamentos que governavam sua vida comunitária. Elas eram obrigadas a viver em castidade, a obedecer a uma superiora e a participar das atividades religiosas próprias da comunidade. Tornaram-se insígnies por desempenharem um papel importante na sociedade medieval, sendo responsáveis por uma série de serviços sociais, como a educação, a saúde e a assistência aos pobres, todavia, devido a essa mesma eminência e ao fato de não estarem vinculadas a uma ordem religiosa submetida à autoridade da Igreja, passaram a ser consideradas perigosas, iniciando-se, por volta do século XIV, uma feroz perseguição, a qual resultou em várias acusações de heresia, cujo saldo foi o de muitas beguin¹⁵⁴ presas, julgadas, torturadas e mortas.

livres, unidos a Deus sem intermediário, elevados acima de todas as práticas da Santa Igreja, acima dos mandamentos de Deus, acima da lei” (Ruysbroek *apud* Barros, 2008, p. 152).

¹⁵² Movimento organizado por John Wycliffe (1330-1384), teólogo inglês formado em Oxford, em meados do século XIV, que se opunha à grande parte das diretrizes ortodoxas da Igreja medieval. Entre as ideias defendidas pelos lollardos, destacavam-se a perspectiva de que “os textos sagrados deveriam ser divulgados em inglês e colocados ao alcance de todos. Ele condenava a vida monástica e a manutenção pela Igreja de suas riquezas – questão em relação à qual a maioria dos movimentos anticlericais estava de acordo – e defendia, ao contrário, o casamento aos clérigos” (Selvatici, 2007, p. 17).

¹⁵³ Perrot, 2012, p. 88.

¹⁵⁴ Swan, no livro *The wisdom of the beguines. The forgotten story of a Medieval Women's Movement*, descreve as beguin¹⁵⁴ de forma mais específica, ponderando que as: “Mulheres chamadas “beguin¹⁵⁴” provinham de todas as classes sociais – aristocratas e burguesas, mercadores e membros de guildas, viúvas e filhas de cavaleiros, mulheres pobres urbanas e rurais. Beguin¹⁵⁴ tinham todas as idades – de quatorze a oitenta anos e possivelmente além. Se autossustentando, como solteira e viúva, mulheres se destacaram pela independência espiritual e pessoal, pregação em público e debate com teólogos e estudiosos bíblicos. Muitas beguin¹⁵⁴ viveram em casas particulares, feitas para poucas. Algumas passavam parte de suas vidas como eremitas ou reclusas ainda que em contato com suas famílias, com seus guias espirituais e com outras beguin¹⁵⁴. Muitas viviam solitárias enquanto diariamente encontravam com outras irmandades beguin¹⁵⁴ em capelas ou igrejas para celebração da Santa Ceia e encontros de oração” (Swan, 2014, p. 11 *apud* Oliveira, 2018, p. 70).

¹⁵⁵ Região geográfica situada na Bélgica, mas de língua predominantemente holandesa.

¹⁵⁶ Perrot, 2012, p. 88.

Figura 9 — Concílio de Viena (1311-1312), na Áustria, que condenou as beguinhas como hereges, por Cesare Nebbia.



Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cer2krllk7go>

Mesmo diante desse cenário, muitas mulheres ousaram se distanciar da submissão ao poder clerical e se aproximar de práticas consideradas heréticas, como a participação em seitas; ao buscar um conhecimento da natureza humana, em geral, de forma autônoma, que ofendia a razão médica estabelecida¹⁵⁷, promovendo a cura dos corpos “não somente com ervas, mas com elixires elaborados por elas e com fórmulas esotéricas”¹⁵⁸; a vivência, em muitos casos, de uma sexualidade que contrariava diametralmente as prescrições do clero, como por exemplo, mulheres fazendo sexo numa idade avançada, quando se sopesava ser pecado alimentar o desejo sexual, isto é, após a menopausa, assim como a “Subversão de gestos: fazem sexo por trás, ou cavalgam os homens, invertendo a posição que a Igreja considera a única possível: a mulher deitada, o homem sobre ela”¹⁵⁹.

Essa perspectiva de vida baseada na dissolução, não totalmente e nem em todos os casos, mas de modo considerável, da submissão plena à autoridade patriarcal, fosse ela familiar ou religiosa, onde se acreditava na “unidade indissociável de corpo, mente, emoção e

¹⁵⁷ Ehreireich e Deidre (2010 *apud* Gomes, 2017, p. 13) destacam que durante o período de perseguição às bruxas, “[...] a Igreja legitimou explicitamente o profissionalismo dos médicos, denunciando por heresia os tratamentos feitos por não profissionais. “Uma mulher que tem a ousadia de curar sem ter estudado é uma bruxa e deve morrer”. Por último, o frenesi contra as bruxas proporcionou aos médicos uma cômoda desculpa para seus cotidianos fracassos: tudo o que não podiam curar era, logicamente, um feitiço”.

¹⁵⁸ Perrot, 2012, p. 89.

¹⁵⁹ *Ibidem*.

espírito, doutrina radicalmente oposta à da Igreja católica, cujo dogma principal era o da separação e hierarquização de corpo e do espírito e da diabolização do corpo e da sexualidade como essencialmente inferiores e fontes do pecado”¹⁶⁰, foram alguns dos motivos pelos quais “algumas beguinhas e centenas de milhares de mulheres sábias, desde o século XII e bem adiante nos tempos modernos, foram queimadas nas fogueiras da Inquisição, acusadas de serem histéricas, loucas, heréticas, bruxas, amantes do... diabo”¹⁶¹, entendimento esse que, de acordo com Zordan (2005)¹⁶², enraizava a lógica patriarcal do medievo, onde se acreditava que

[...] o poder da bruxa advinha de sua convivência com os demônios e do seu pacto com o diabo. Era inconcebível imaginar que a mulher, por si própria, tivesse a capacidade de curar e lançar malefícios sobre o corpo ou realizar certos fenômenos ditos “sobrenaturais”. [...] se alguma bruxa operou algum prodígio sem a ajuda do diabo, certamente foi porque serviu como instrumento para que Deus realizasse alguma das obras necessárias para o aperfeiçoamento do ‘plano divino’.¹⁶³

Nesse contexto de hegemonia do pensamento religioso, acreditava-se que quanto maior a autonomia dos sujeitos para resolverem, por exemplo, suas próprias doenças, igualmente seria o seu distanciamento de Deus, já que a cura era, naquela perspectiva, uma *Providência Divina*, e, mais ainda, deixavam evidente a não dependência da Igreja para intermediar a Sua interseção. Por isso que quase a totalidade das mulheres acusadas de feitiçaria eram camponesas, portanto, “pertencentes a uma classe social não dominante que viviam à margem do *modus vivendi* da época: sozinhas, sem proteção masculina, solteiras, conectadas aos conhecimentos sobre cura, natureza, parto e higiene”¹⁶⁴. Essa justaposição com a natureza, própria da vivência camponesa, exigia dessas mulheres a habilidade para atuarem frente às inúmeras mazelas do corpo e do espírito que se propagavam naquela época, onde técnicas de cura que alinhavam natureza e espiritualidade eram tipicamente consideradas feitiços. Quase sempre entendidas como uma punição aos pecados do corpo, as doenças eram frequentemente tratadas por meio de orações e penitências, o que atrelava a sua eficácia ao

¹⁶⁰ LEMAIRE, Ria. Song for a sleepless night: um imenso palimpsesto... In: BROCHADO, Cláudia Costa (Org.); DEPLAGNE, Luciana Calado (Org.). *Vozes de mulheres da Idade Média*. João Pessoa: Editora UFPB, 2018, p. 189.

¹⁶¹ *Ibidem*.

¹⁶² ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. Bruxas: figuras de poder. *Estudos Femininos*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 331-341, 2005.

¹⁶³ Zordan, 2005, p. 333.

¹⁶⁴ GOMES, Bárbara Lemos Corrêa. *Malleus Maleficarum*: a imagem da mulher no manual da caça às bruxas. 2017. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2017, p. 12.

controle e aprovação da Igreja, diferente dos métodos empregados pelas camponesas, uma vez que “as curas mágicas, ainda quando dessem resultados, constituíam uma interferência perversa contra a vontade divina e seu êxito era resultado da intervenção do demônio. A própria cura aparecia como um feito maligno”¹⁶⁵.

Como a luxúria era considerada um dos pecados mais graves a que o ser humano poderia se submeter, haja vista estar diretamente associado ao pecado original¹⁶⁶, a sexualidade deveria ser regulada e restringida ao máximo, pois sucumbir ao desejo sexual seria ceder às tentações demoníacas. Haja vista o feminino estar aglutinado à figura de Eva, de modo precípua, da sua incapacidade de resistir ao ímpeto diabólico, havia a crença de que “o diabo servia-se da bruxa para testar a fé dos homens e também de mulheres virtuosas. Mesmo as damas de ‘boa conduta’ eram suscetíveis aos cortejos infernais porque as mulheres eram mais ‘facilmente seduzidas pelo pecado’”¹⁶⁷. Em outras palavras, a mulher estava configurada a partir de um pecado imane e iminente, que colocava em risco a ordem das coisas, religiosa e patriarcalmente falando, onde qualquer desvio para mais ou para menos em torno das normativas, não apenas sexuais, mas também as matrimoniais e gestacionais, estabelecidas pela Igreja poderia ser interpretadas como indícios de que aquela mulher poderia carregar a marca do demônio, sendo sua amante e propiciadora de luxúria para outros homens e mulheres, a julgar pelo fato de que

Toda corrupção era oriunda do ato venéreo e as impossibilidades em praticar o ato carnal, conceber ou abortar após ter concebido eram consideradas bruxaria. Com o auxílio dos demônios, as bruxas tinham o poder, direto ou indireto, de impedir a aproximação dos corpos de homens e mulheres, pois “Deus outorga ao diabo poderes muito maiores sobre o ato venéreo”. Copuladora, a bruxa é a mulher perversa que “ardentemente tenta saciar sua lascívia obscena”, aquela cuja cobiça carnal é causa de infidelidade e cujo “fascínio desmedido” pela concupiscência faz dela alegoria da ambição e da luxúria. Mulher fatal, mortífera, causa de perdição, a bruxa advém das antigas deusas, da Lilith hebraica, dos ritos dionisiacos e dos bacanais.¹⁶⁸

Isso posto, chega-se à perspectiva de que a mulher medieval comportaria, em sua essência, uma constituição ainda mais pecadora, herege e, portanto, perversa que a do homem, o que tornava as suas múltiplas dimensões propensas a repetição da primeira queda, ou seja, a natureza feminina expunha uma tríplice ameaça à redenção humana: ao se reunirem em seitas

¹⁶⁵ Ehreireich e English, 2010 *apud* Gomes, 2017, p. 12.

¹⁶⁶ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O Martelo das Feiticeiras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2015.

¹⁶⁷ Zordan, 2005, p. 333.

¹⁶⁸ *Ibidem*, p. 333-334.

e comunidades apartadas, em alguma medida, da égide clerical, afrontavam a governança dos tidos “legítimos representantes de Deus na Terra”; quando assumiam uma postura independente em relação à hierarquia patriarcal e ao domínio masculino, tornavam-se instituidoras de desordem social; caso possuísem habilidades como o manejo de mecanismos curativos de qualquer espécie, os quais se destacassem e, em alguma medida, colocassem-se acima da oração como instrumento maior de cura, adquiriam a classificação de feitiçaria. Esse entendimento alinha-se ao argumento proposto por Ehreireich e English, (2010) acerca do arranjo periculoso que a mulher correspondia frente àqueles aspectos que alicerçavam o ideário civilizatório da época, em especial, para a Igreja: “era mulher e não se avergonhava de ser; aparentemente formava parte de um movimento clandestino organizado de mulheres camponesas; e finalmente era uma curandeira cuja prática estava baseada em estudos empíricos”¹⁶⁹.

Todos esses elementos alimentavam, e continuam alimentando até o hodierno, o imaginário popular em torno de uma “Europa das feiticeiras”, que ganhou traços ainda mais distintivos com a publicação de duas obras que tiveram repercussão massiva, principalmente a partir do século XIV. Seguindo a ordem cronológica de escrita, a primeira se trata do *Directorium Inquisitorum* ou *Manual dos Inquisidores*, escrito em 1376¹⁷⁰, um tratado jurídico de autoria do frade dominicano Nicolau Eymerich (1320–1399), considerado uma das obras mais importantes da Inquisição, pois forneceu aos inquisidores um guia completo para o exercício de suas funções, que contemplava a explicação dos fundamentos, direitos e processos promovidos pelo Tribunal do Santo Ofício, classificava as heresias e os hereges, os métodos para detectá-los e puni-los, bem como tratava dos procedimentos de julgamento e de sentença, sendo um dos materiais responsáveis pela classificação do que seria “bruxaria e a enquadrrou como um crime na sociedade passível de julgamento legal”¹⁷¹.

Antes mesmo da publicação de seu *opus magnum*, Eymerich já dispunha de certo prestígio, sendo nomeado pelo papa Inocêncio VI (1282-1362) ao posto de inquisidor geral do reino de Aragão no ano de 1357, a partir de onde perseguiu com mão forte todos os hereges, suas atitudes por vezes desencadeavam oposição e fortes críticas, isso fez com que ele fosse

¹⁶⁹ Ehreireich e English, 2010 *apud* Gomes, 2017, p. 12.

¹⁷⁰ Boff (1993, p. 14) ressalta que a importância dessa obra era tão grande que “depois da Bíblia (o Livro dos Salmos é de 1457), foi um dos primeiros textos a serem impressos, em 1503, em Barcelona”.

¹⁷¹ PEREIRA, Juliana Avila. O *Malleus Maleficarum* e a questão da bruxaria: a mulher nos tempos da Inquisição. *Revista Eletrônica Trilhas da História*, v. 11, n. 21, pp. 209-227, 2021, p. 212.

afastado de suas funções no ano de 1360¹⁷². Devido à sua posição extremada, que causava questionamentos dentro do próprio Santo Ofício, foi retirado de sua função, retornando ao mosteiro de Girona no ano de 1397, local onde faleceu dois anos depois. Levando em consideração a importância do *Directorium Inquisitorum* naquele período e contexto, bem como o considerável aumento no número de novas heresias catalogadas, a obra obteve uma reedição e ampliação no ano de 1585, pelas mãos do monge dominicano Francisco De La Peña (1540-1612), também autor de obras relacionadas à Inquisição. Seu trabalho resultou em uma “obra com 744 páginas de texto, com 240 outras de apêndices”¹⁷³, adicionando-se às outras reedições pelas Europa e se destacando por ser a única obra “do gênero a conhecer as honras da impressão no início do século XVI”¹⁷⁴.

A segunda obra é a *Malleus maleficarum* (*O Martelo das Feiticeiras*), publicada em 1486, de autoria de Heinrich Kramer (1430–1505) e James Sprenger (1436/1438–1495), ambos frades dominicanos, professores de teologia e inquisidores, tratava-se de um “manual no processo de identificação, perseguição e condenação das mulheres acusadas de bruxaria”¹⁷⁵. Sua escrita teve como fundamento primeiro a concessão dada dois anos antes, em 1484, pelo papa Inocêncio VII, o qual conferiu a ambos, por meio de uma bula papal, a tarefa de desenvolver um material que instruisse à

“[...] para a justa correção, aprisionamento e punição de quaisquer pessoas, sem qualquer impedimento, de todas as formas cabíveis, conforme as normas da Inquisição contra quaisquer pessoas de qualquer classe ou condição social, corrigindo-as, multando-as, prendendo-as, punindo-as, na proporção de seus crimes”.¹⁷⁶

Com o aval do sumo pontífice, as prescrições da obra de Kramer e Sprenger possuíam valor papal, ou seja, deveriam ser seguidas à risca por todos aqueles que estavam sob o domínio da Igreja Católica, ou seja, ninguém deveria agir em

[...] desobediência ao teor da presente por ser molestado ou impedido por qualquer autoridade que seja: haverá de ameaçar a todos os que vierem a dificultar ou impedir

¹⁷² BOFF, Leonardo. *Introdução do Manual dos Inquisidores*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

¹⁷³ ALTENHOFEN, Maiara Cristina. *Manuais Inquisitoriais: A Bruxa vista sob a ótica do Malleus Maleficarum e Directorium Inquisitorum* (Séculos XIV a XVI). 2017. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC, 2017, p. 36.

¹⁷⁴ Altenhofen, 2017, p. 37.

¹⁷⁵ PIMENTEL, Rhayana Antunes. *A Fonte de todo Mal: sexualidade e bruxaria no Malleus Maleficarum*. 2023. 121 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2023, p. 9.

¹⁷⁶ Kramer; Sprenger, 2015, p. 51.

a ação dos Inquisidores, a todos os que se lhes opuserem, a todos os rebeldes, de qualquer categoria, estado, posição, proeminência, dignidade ou de qualquer condição que seja – não importando o privilégio de que disponha – haverá de ameaçá-los com a excomunhão, a suspensão, a interdição e, inclusive, com as mais terríveis penas, as piores censuras e os piores castigos, como bem lhe aprouver, sem qualquer direito de apelação, e se assim o desejar poderá, pela autoridade que lhe concedemos, agravar e renovar tais penas quantas vezes for necessário, recorrendo, se assim convier, ao auxílio do braço secular. *Non obstantibus...* Que ninguém portanto... Mas se alguém assim ousar agir – que Deus o proíba –, saiba que sobre si recairá a ira de Deus Todo-Poderoso e a dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo. Roma, Basílica de São Pedro, 9 de dezembro do Ano da Encarnação de Nosso Senhor de 1484, no primeiro Ano de Nosso Pontificado.¹⁷⁷

Ao ostentar tamanho arbítrio, *Malleus maleficarum* passou a ser o guia para a perseguição às mulheres cujas ações contrariavam os preceitos estabelecidos pela Santa Sé, portanto, reconhecidas como influenciadas por elos demoníacos, pois “as bruxas, não pelo exercício de seus poderes naturais, mas tão somente pelo intermédio do diabo, é que são capazes de executar efeitos maléficos”¹⁷⁸, os quais também são explicitados no *Directorium Inquisitorum*¹⁷⁹. Pimentel (2023) sublinha que a obra alcançou fama em toda a Europa, sendo a primeira a, de fato, incorporar sem desvios a prática da bruxaria ao gênero feminino, fomentando uma visão da mulher até então vista como secundário aos olhos da sociedade, da Igreja e da Inquisição. Devido à sua ampla utilização, não somente em territórios católicos, mas também nos protestantes, foram realizadas “34 edições em latim entre os séculos XV e o final do século XVII. Nos séculos seguintes, XVIII e XIX as edições foram suspensas, retornando apenas no século XX”¹⁸⁰. Mainka (2002), valida esse dado, aludindo que, embora os homens fossem igualmente alvos do manual, também discorrendo sobre os bruxos (*maleficorum*), de fato

[...] a maioria das vítimas em quase todas as regiões europeias foi mulheres, isto é, mais de 75%, às vezes mais de 90% de todas as vítimas. As mulheres foram especialmente escolhidas de cair em suspeita devido às suas estreitas relações com crianças, doentes e velhos, à sua proximidade com o parto e a morte e à sua tarefa de providenciar a alimentação.¹⁸¹

¹⁷⁷ Kramer; Sprenger, 2015, p. 52.

¹⁷⁸ *Ibidem*, 2015, p. 68.

¹⁷⁹ Eymerich apontou três categorias principais de *maleficarum* (bruxas) e *maleficorum* (bruxos), a saber: “1- Aqueles que prestam aos demônios um culto idolátrico, oferecendo-lhe sacrifícios, prostrando-se diante deles, cantando cânticos, queimando velas ou incensos em sua honra etc. 2 - Aqueles que se limitam a prestar-lhes um culto de filiação ou hiperdulia, misturando nas suas ladainhas os nomes dos santos e dos demônios e suplicando a estes últimos que sejam seus intercessores diante de Deus etc. 3 - Aqueles que os invocam com a ajuda de figuras mágicas, colocando uma criança no assunto no interior dum círculo, servindo-se de uma espada, de um espelho, etc” (Baroja, 1978, p. 130 *apud* Pimentel, 2023, p. 9).

¹⁸⁰ Pimentel, 2023, p. 10.

¹⁸¹ MAINKA, Peter Johann. A Bruxaria nos tempos modernos: Sintoma de crise na transição para a Modernidade. *Revista História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 37, pp. 111-142, 2002, p. 128.

Como descrito no próprio manual, as mulheres estavam mais propensas à bruxaria porque sua constituição mostrava-se mais fraca, tanto em relação ao corpo como à mente, consideradas intelectualmente similares às crianças. Esse argumento pressupõe “fundamentar uma imagem estereotipada e negativa sobre as mulheres. As emoções, assim como seus corpos e características, foram condenados porque podiam ser usados como ferramentas para a perdição dos homens”¹⁸². Não à toa, mesmo que os inquisidores se mostrassem abertos a buscar a salvação das almas hereges das bruxas, eram os seus corpos, de fato, os maiores alvos da tortura. A esse respeito, Zordan (2005) argui que, mesmo que a relação das bruxas com os demônios não fosse de uma ordem estritamente carnal, tendo o espírito como conexão maior, contudo seus corpos não só serviam como mecanismos de tentação para os homens, como elementos indispensáveis aos eventos satânicos nos quais as bruxas copulavam com o diabo, tais como os sabás, rituais que envolviam sexo e luxúria, onde se prestava culto a Satã por meio de oferendas como a morte de crianças recém-nascidas, cujos sangue e carne eram posteriormente consumidos, como uma alegorização profana e macabra da Santa Ceia, entrava-se em “transe e após danças frenéticas as bruxas copulavam com o diabo. Foram descritos como missas negras, nas quais os adeptos renegavam a fé cristã por meio do que a Inquisição supunha ser um arremedo das práticas católicas”¹⁸³.

Figura 10 — "O Exame de uma Bruxa" (1853), retratando o julgamento da pregadora Mary Fisher em 1656. Óleo sobre tela, 97,8 x 137 cm (38,5 x 53,9 pol.). Museu Peabody Essex, Salem, Massachusetts.



Fonte: <https://www.theartnewspaper-com.translate.goog/2020/09/24/what-can-we-learn-from-the-salem-witch-trials>

¹⁸² Pimentel, 2023, p. 37.

¹⁸³ Zordan, 2005, p. 334.

Por esse motivo, ao serem julgadas por bruxaria, as mulheres tinham seus corpos analisados como forma de se verificar a existência de uma “marca da bruxa”, também chamada de “marca do diabo”, que poderia ser, por exemplo, um sinal de nascença ou alguma outra sinalização corpórea, “uma deformidade, uma mancha insensível na pele ou, na tradição inglesa, uma “teta” usada para alimentar o espírito com sangue”¹⁸⁴, que explicitaria a conexão da bruxa com o diabo, assim, ao serem capturadas sob suspeita, muitas mulheres eram depiladas, com vistas a um exame minucioso dos seus corpos em busca do sinal acusatório. Chiovatto (2022) também pontua que, apesar da possibilidade de se condenar uma mulher por bruxaria somente pela presunção de pacto, ainda assim a confissão era um elemento muito importante no processo de condenação por heresia, por isso o corpo dessas mulheres também era submetido a várias formas de tortura para que se obtivesse a declaração da ré. Nesses procedimentos, eram utilizadas máquinas como “a donzela de ferro”, um instrumento de tortura medieval que consistia em um sarcófago de ferro com espinhos afiados no interior. A acusada era colocada dentro do sarcófago, e a porta era fechada. Os espinhos perfuram o corpo da vítima, causando dor e sangramento. Também era submetida a “torturas sobre a água, no aquecimento dos pés e na introdução de ferros sob as unhas, a ré passava por tantos suplícios que acabava por admitir as sentenças elaboradas pelo inquisidor”¹⁸⁵.

1.2.3 O feminino perverso queimado nas chamas da Inquisição e na literatura

Nesse contexto de perseguição sistemática ao feminino, algumas mulheres tornaram-se conhecidas não somente pelas ações que empreendiam em um período tão desfavorável, mas, sobretudo, pelas punições a elas infligidas, quase sempre escassas de material comprobatório, mesmo assim, suficiente para sentenciá-las à morte na fogueira. No entanto, antes de citarmos aquelas cuja historiografia alçou os nomes ao posto de signos da perseguição inquisitória à heresia, meditemos acerca de como os juízes clericais agiram em nosso país, perseguindo certas classes e indivíduos e tendo as mulheres de etnias negras e nativas como alvos mais desassistidos.

No Brasil, O Tribunal do Santo Ofício também acusou e condenou mulheres por bruxaria nas suas quatro passagens documentadas, as quais se deram nas últimas décadas do

¹⁸⁴ Oldridge, 2012, p. 36 *apud* CHIOVATTO, Ana Carolina Lazzari. *A consolidação do estereótipo da bruxa e sua resignificação na contemporaneidade: nuances de uma alteridade disforizada*, 2022. 310 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Modernas, São Paulo, 2022, p. 85.

¹⁸⁵ Zordan, 2005, p. 335.

século XVI e as primeiras do século XVII, período em que vigorou a prerrogativa inquisitorial em nosso país. A *primeira visita* ocorreu entre 1591 e 1595, na qual o inquisidor Heitor Furtado de Mendonça chegou ao Brasil para investigar as atividades dos cristãos-novos, geralmente judeus recém-convertidos ao cristianismo, que ainda praticavam determinados aspectos de sua antiga doutrina, dentre os quais muitos foram acusados de heresia e condenados à prisão ou ao exílio, deixando “na Bahia um rasto de excessos, motivados pelo desejo de mostrar serviço”¹⁸⁶. A *segunda* (entre 1618-1620) foi conduzida por Marcos Teixeira, na Bahia, inquisidor conhecido por ter “um comportamento pouco apropriado à sua função, pois abusava da bebida e, ao que parece, amancebou-se com uma negra”¹⁸⁷. Essa, assim como a *quarta* (entre 1763-1769) visita, coordenada por Geraldo José Abranches, no Pará, Maranhão e Rio Negro, foi realizada no intuito de investigar os recém-convertidos, assim como as atividades das religiões afro-brasileiras, a partir das quais centenas de pessoas foram condenadas à prisão ou ao exílio, e vários terreiros de candomblé e de outras religiões de matriz africana foram destruídos, isso se deve ao fato de que, nas palavras de Oliveira (2015), “As religiões de matriz afro-brasileira eram consideradas feitiçaria pelo Tribunal da Santa Inquisição”¹⁸⁸, as quais, “juntamente com o protestantismo e o judaísmo”, eram consideradas heresias, isto é, crimes contra a fé. A *terceira* (entre 1627-1628) visita, diferente das demais e pouco explorada pela nossa história, como aponta Pereira (2011), foi direcionada às capitanias do Sul, sob o comando de Luis Pires da Veiga, e teve como um dos principais propósitos a investigação de acusações graves de heresia, em especial relacionados às práticas de judaísmo e de luteranismo, cujo número de confissões registradas foi “muito baixo e o de denúncias, mais ainda. Umas e outras, somadas, pouco passariam da meia centena, delas tendo resultado não mais do que três processos, um número irrelevante”¹⁸⁹. O que se destaca, nesse contexto, era o modo como se procediam as visitas, que ocorriam, em geral, da seguinte forma:

Havia procissão, à qual se seguia a celebração de uma cerimônia litúrgica, durante a qual eram lidos o Édito da Fé – que informava os presentes, indicando-lhes os desvios passíveis de castigo, e os intimava a comparecer perante o visitador para dar conta das suas culpas e das alheias – e o da Graça – que estabelecia um certo número

¹⁸⁶ PEREIRA, Ana Margarida Santos. Terceira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil: capitanias do Sul, 1627-1628. *Politeia: História e Sociedade, Vitória da Conquista*, v. 11, n. 1, pp. 35-60, 2011, p. 49.

¹⁸⁷ Pereira, 2011, p. 49.

¹⁸⁸ OLIVEIRA, Nathália Fernandes de. *A repressão policial às religiões de matriz afro-brasileiras no Estado Novo (1937-1945)*. 2015. 173 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2015, p. 94.

¹⁸⁹ Pereira, 2011, p. 50.

de dias durante os quais os confitentes que se apresentassem de livre vontade à Mesa seriam tratados com benevolência e não teriam os seus bens confiscados.¹⁹⁰

No que concerne às punições por bruxaria, cujas penas levaram mulheres à fogueira, alguns casos ganharam evidência, tal como o de Mima Renard, queimada ainda viva e em praça pública na vila de São Paulo, no ano de 1692. Francesa e residente no Brasil, Mima prostituía-se para sobreviver. “Quando dois clientes casados tiveram uma desavença por sua causa que resultou em morte, ela foi considerada culpada, acusada de enfeitiçar os homens com sua beleza e roubar maridos”¹⁹¹; Ursulina de Jesus, também queimada viva em praça pública em São Paulo, “acusada de bruxaria por ser considerada culpada de causar a esterilidade de seu marido por intermédio de magia demoníaca. O próprio marido foi quem a entregou à Inquisição”¹⁹²; Joana e Custódia, mortas em 1758, foram escravas que confessaram praticar pactos diabólicos no Piauí. Na confissão, registrou-se uma mistura sincrética de rituais, como a magia popular, dos calundus e do Sabá praticado na Europa. Devido à falta de documentos, algo comum nas acusações direcionadas às mulheres de cor, pouco se sabe sobre o destino das duas, a não ser que foi o jesuíta Manuel da Silva “foi o responsável por registrar e encaminhar o documento à Inquisição em Lisboa, na intenção de alarmar contra o “abandono religioso” da Ordem nos interiores da colônia”¹⁹³, fatores que explicitam como o “paradeiro final dos prisioneiros é um reflexo do quão pouco essas vidas importavam para o reino — e a escravidão, a exploração e o genocídio de indígenas e africanos já deixam suficientemente clara a desimportância dada a essas vidas humanas por parte dos portugueses”¹⁹⁴.

¹⁹⁰ Pereira, 2011, p. 43.

¹⁹¹ OLIVEIRA, Aline Fabre de. *Nós estamos aqui: os sentidos da bruxa, da opressão à resistência*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social) - Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021, p. 44.

¹⁹² Oliveira, 2021, p. 44.

¹⁹³ *Ibidem*.

¹⁹⁴ *Ibidem*, p. 44-45.

Figura 11 — Exemplos de documentos relatando denúncias de “judaização” no Brasil.



Fonte: Almeida (2021).

Um dos, quiçá o caso mais emblemático da ação da Inquisição em terras brasileiras é o de Branca Dias. Figura mítica da cultura nordestina, Branca Dias é uma intrigante personagem de nosso imaginário, cujos registros de sua existência, conquanto contestados por muitos historiadores, permaneceram guardados na memória popular, chegando até nós graças ao poder da tradição oral, a qual nos conta que ela se tratava de uma filha de senhor de engenho, que foi chamada a comparecer perante o Tribunal do Santo Ofício de Lisboa, sendo posteriormente julgada por bruxaria e heresia, e queimada na fogueira. Há, ainda hoje, muitas divergências por parte de historiadores acerca da precisão em relação ao local do seu nascimento, apontado por alguns como sendo a Capitania de Pernambuco e, por outros, como a cidade da Parahyba, nome que João Pessoa passou a ter após a saída dos holandeses em 1654. Há, ainda, os que apontam o seu nascimento em Portugal, de onde teria partido, ainda jovem, para morar em Recife. Diante de tamanha pluralidade de versões de sua existência, parece-nos muito sensata a ponderação de Joffily (1971) quanto ao fato de que “Não é o local do nascimento desta Branca Dias o que mais nos interessa, e sim, e muito particularmente, o reflexo dessa imagem na ‘tradição popular’ confirmada por ambos”¹⁹⁵.

À vista disso, o que se tem de consenso é que Branca Dias foi uma mulher de descendência judia, a qual teve que se autodeclarar, assim como seus familiares, como cristã nova, nome dado aos judeus recém-convertidos ao cristianismo, de modo a tentar escapar à perseguição do Santo Ofício, cujo olhar esteve voltado para o Nordeste brasileiro por mais de

¹⁹⁵ JOFFILY, Geraldo. Branca Dias, legendária vítima da Inquisição. *Revista de História*, São Paulo, v. 43, n. 87, pp. 221-224, 1971, p. 221.

dois séculos, deixando cicatrizes inextinguíveis no cotidiano local. Julgada em um dos autos-de-fé de meados do século XVIII, foi levada para Lisboa e queimada em praça pública no dia 20 de março de 1761, sendo uma das cerca de quarenta mulheres procedentes do Brasil que foram condenadas pela Inquisição naquele século¹⁹⁶.

A lenda de Branca Dias tornou-se ainda mais notória com a publicação, em 1966, da peça *O Santo Inquérito*¹⁹⁷, de Dias Gomes, obra em que o escritor realiza uma espécie de contingenciamento do conhecimento histórico e popular em derredor da figura nordestina, confeccionando uma Branca Dias que privilegia a origem paraibana, mas que abarca um pouco de todas as narrativas acerca da lenda, além de acrescentar certo tom emulativo, próprio da escrita do dramaturgo, no tocante à repressão empreendida pela Inquisição em consonância àquela promovida pelo regime militar na década em que a peça foi publicada, demonstrando o seu engenho estético ao fazer “[...] o tempo ficcional da trama localizar-se no Brasil colonial; mas, no tempo da enunciação, o seu significado político reverberar nos tempos da Ditadura [...]”¹⁹⁸.

Em nível mundial, há inúmeros casos de mulheres condenadas à fogueira por bruxaria, dentre eles, citemos um que expôs, de modo contundente, como tais sentenças eram eivados de fragilidades e contradições, mesmo representando uma verdade absoluta para a época, observada em seus desacertos apenas posteriormente. Referimo-nos a Joana d’Arc, nascida em Domrémy-la-Pucelle, na França, em 1412. Ela era filha de Jacques d’Arc, um agricultor, e Isabelle Romée, uma tecelã. Joana teve uma infância humilde e simples, mas desde cedo demonstrou ter uma forte fé religiosa, fruto de uma educação centrada nos princípios cristocêntricos e marianos. Ao longo de sua breve vida, a jovem francesa teve inúmeras experiências espirituais, em que uma das primeiras e mais relevantes foi quando, “Através da «voz» do arcanjo são Miguel, [...] sente-se chamada pelo Senhor a intensificar a sua vida cristã e também a comprometer-se pessoalmente pela libertação do seu povo”¹⁹⁹. A partir desse evento, Joana passa a participar ativamente da Guerra dos Cem Anos, um conflito armado entre a Inglaterra e a França que durou de 1337 a 1453, considerado como um dos conflitos mais significativos da Idade Média, graças aos impactos profundos decorrentes na história da Europa. Em 1428, aos 16 anos, Joana convence o rei Carlos VII a lhe dar um

¹⁹⁶ NISKIER, Arnaldo. *Branca Dias: o martírio*. [recurso digital]. Rio de Janeiro: Consultor, 2007.

¹⁹⁷ GOMES, Dias. *O Santo Inquérito*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

¹⁹⁸ ASSIS, Luciara Lourdes Silva de. Personagens judeus: O Santo Inquérito, de Dias Gomes, e Sobre os rios que vão, de Maria José de Queiróz. *Revista Estudos Judaicos Brasil*, Belo Horizonte, 2007.

¹⁹⁹ PAPA BENTO XVI. Santa Joana d’Arc. *Audiência Geral de 26 de Janeiro de 2011*, Libreria Editrice Vaticana, 2011.

exército para liderar, com o qual obteve um grande número de vitórias contra os ingleses. Esses fatos, substanciados pelas visões marianas que a jovem camponesa declarava ter, fizeram com que seu nome ganhasse cada vez mais uma conotação de guerreira abençoada por Deus. Sua vitória mais significativa aconteceu em 1429, quando liderou o exército francês na libertação da cidade de Orleans, que se encontrava sitiada pelos ingleses. Essa conquista foi um ponto de virada na guerra, permitindo que Carlos VII fosse coroado rei da França.

A desventura de Joana d'Arc ocorre em 1430, quando é capturada pelos soldados ingleses e levada a Rouen, local onde ocorreu o longo “e dramático Processo de Condenação, que começa em fevereiro de 1431 e termina a 30 de maio, com a fogueira”²⁰⁰. De acordo com Régine Pernoud (1996), a jovem foi levada a julgamento pela Igreja Católica, cujos principais personagens desse evento foram o bispo Pierre Cauchon e o inquisidor Jean le Maistre, que, munidos de uma visão colegiada já desfavorável à guerreira francesa, a qual contava com muitas figuras aristocráticas e clericais francesas, simpáticas às intenções inglesas na guerra, promoveram uma densa batalha pela sua condenação. A esse respeito, Andrade e Tannus (2018) inferem que a congregação entre ingleses e franceses se dava porque ambos os lados tinham a intenção de retirá-la “do cenário público, pois todas as lendas relacionadas aos seus feitos causavam pânico nos seus guerreiros”²⁰¹. Tal constatação relacionada à perseguição de Joana d'Arc foi admitida pelo próprio Papa Bento XVI, em Audiência Geral, realizada na Sala Paulo VI, no dia 26 de janeiro de 2011, ao considerar que essa

[...] é uma página devastante da história da santidade e também uma página iluminadora sobre o mistério da Igreja que, segundo as palavras do Concílio Vaticano II, é «simultaneamente santa e sempre necessitada de purificação» (LG, 8). É o encontro dramático entre esta santa e os seus juízes, que são eclesiásticos. Joana é acusada e julgada por eles, a ponto de ser condenada como herege e enviada à morte terrível na fogueira. Diversamente dos santos teólogos que tinham iluminado a Universidade de Paris, como são Boaventura, são Tomás de Aquino e o beato, Duns Scoto, dos quais falei em algumas catequeses, estes juízes são teólogos aos quais faltam a caridade e a humildade de ver nesta jovem a obra de Deus. Vêm à mente as palavras de Jesus, segundo as quais os mistérios de Deus são revelados àqueles que têm o coração das crianças, enquanto permanecem escondidos aos doutos e sábios que não têm humildade (cf. Lc 10, 21). Assim, os juízes de Joana são radicalmente incapazes de a compreender, de ver a beleza da sua alma: não sabiam que condenavam uma santa.²⁰²

²⁰⁰ Papa Bento XVI, 2011.

²⁰¹ ANDRADE, Paulo; TANNUS, Lara. Joana d'Arc é executada pela Igreja Católica. *Hoje na História*. São Paulo, 2018.

²⁰² Papa Bento XVI, 2011.

Diante de um júri amplamente desfavorável à sua pessoa, Joana viu-se incapaz de se defender das acusações de heresia, entre as quais constava o uso de vestimentas masculinas, considerada uma acusação menor, mas que também foi usada em seu desfavor, já que a Igreja Católica entendia como pecado uma mulher usar roupas masculinas, e o fato de Joana alegar receber visões divinas do arcanjo Miguel, de Santa Margarida e da Santa Catarina, ao que foi mais duramente atacado pelos julgadores, os quais acreditavam que essas visões eram falsas e que a ré as utilizava para alicerçar uma rebelião contra a autoridade católica. O fato é que não houve clemência por parte da Igreja, como se tornou evidente na negação do apelo enviado por Joana ao papa Eugênio IV (1383-1447), em 24 de maio de 1431, assim como o total desamparo de Carlos VII, a quem as vitórias da camponesa em batalha permitiram a coroação, que não realizou nenhum esforço apologético em prol de sua liberação²⁰³. No dia 30 de maio daquele mesmo ano, Joana d’Arc, ainda no cárcere, recebe a última Comunhão, levada em seguida “ao suplício na praça do velho mercado. Pede a um dos sacerdotes que conserve diante da fogueira uma cruz de procissão. Assim, morre contemplando Jesus Crucificado e pronunciando várias vezes e em voz alta o *Nome de Jesus*”²⁰⁴. Vinte e cinco anos mais tarde, Eugênio IV aprovou a realização de uma investigação sobre o caso. A investigação concluiu que Joana era inocente das acusações de heresia e bruxaria, mediante o *Processo de Nulidade*, que reuniu depoimentos de testemunhas e teólogos que evidenciaram a sua inocência e fidelidade à Igreja, o que resultou na sua reabilitação em 7 de julho de 1456. Séculos depois, em 1929, sob a tutela de Bento XV, a Igreja Romana procedeu com a canonização de Joana d’Arc.

No campo da literatura, a presença das bruxas se dá, sobretudo, a partir dos contos de fadas, narrativas adaptadas do discurso oral proveniente, em sua maioria, das regiões campestres da Europa medieval, tais como *Branca de Neve*, *João e Maria*, *Rapunzel*, *Bela Adormecida* etc., sempre representadas por meio de personagens estereotipadas, de modo a despertar propositalmente o medo nas crianças. Por isso sua caracterização sempre acompanhava elementos como vestes escuras, personalidade fria, embora sedutora, pele enrugada e com verrugas. Seu habitat, quando não era uma espécie de caverna ou cabana na floresta, o que ampliava seu aspecto soturno, lúgubre, era um castelo ou uma casa mal-assombrada, repleta de objetos encantados e animais que, com características noturnas, a exemplo da coruja e do corvo, ou os de ambiente frio e úmido, como sapos e lagartos. Essas

²⁰³ Andrade; Tannus, 2018.

²⁰⁴ Papa Bento XVI, 2011.

características amplamente associadas às bruxas, como mencionado, não aparecem à toa nas narrativas infantis, pois têm a função de intensificar

[...] com a metalinguagem, a consciência de imagem construída e caricatural: Tinha um par de olhos perfeitos para uma bruxa, isto é, grandes, esbugalhados, com riscas de sangue e cada um virado para um lado. Motivo de orgulho, o nariz enorme, em forma de bico de papagaio, com a ponta quase entrando na boca de um único dente amarelado e carcomido, compõe o reflexo devolvido pelo espelho, que se completa com o cabelo despenteado, cor de cinza, roupas gastas e esfarrapadas.²⁰⁵

Tomando como referência *João e Maria*, na versão de Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), podemos observar como essas características estão presentes e fazem parte de uma perspectiva marcante dessas personagens, em que as feições da velhice são trazidas não como códigos de sabedoria e passividade, mas como forma de potencializar o horror das crianças à imagem da mulher, quase sempre acompanhada por figuras animais soturnas. Esses destaques são necessários porque, diferente do que muitos pensam, as bruxas tinham, muitas vezes, o papel central da narrativa, já que graças à “Mistura de ser místico e ser humano, elas são um dos meios para causar o medo e, conseqüentemente, recurso para educar os mais jovens”²⁰⁶. Sabe-se que a intenção inicial dos irmãos Grimm não estava centrada na moralidade das narrativas, tal como o fez o francês Charles Perrault (1628-1703), que realizou livres adaptações das narrativas originais, com o objetivo de suprimir “questões referentes à violência e sexualidade, fazendo com que as histórias sejam aceitas diante da população erudita”²⁰⁷, tal ocorrência pode ser explicada pelo fato de que o seu propósito estava direcionado ao estudo e à catalogação das histórias folclóricas alemãs, todavia

Em meio à imensa massa de textos que lhes servia para os estudos linguísticos, Os Grimm foram descobrindo o fantástico acervo de narrativas maravilhosas, que, selecionadas entre as centenas registradas pela memória do povo, acabaram por formar a coletânea que é hoje conhecida como Literatura Clássica Infantil.²⁰⁸

²⁰⁵ JACOBY, Sissa. A bruxa no imaginário infantil: A última bruxa de Josué Guimarães. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 44, n. 4, pp. 86-91, 2009, p. 89.

²⁰⁶ AMÉRICO, Anna Carolyn Franco; BELMIRO, Celia Abicalil. A representação da personagem bruxa nos livros de literatura infantil contemporâneos. In: *XII JOGO DO LIVRO E II SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO: PALAVRAS EM DERIVA*. 2018, Belo Horizonte, p. 5.

²⁰⁷ FALCONI, Isabela Mendes; FARAGO, Alessandra Corrêa. Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro-SP, v. 1, n. 2, 2015, p. 90.

²⁰⁸ COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos*. São Paulo: DCL, 2003, p. 23.

Todavia, como sinalizam Falconi e Farago (2015), nas reedições de suas pesquisas, os irmãos Grimm mudaram os seus objetivos, o que direciona os textos ao universo infantil. Essa reorientação, que não ocorre por livre demanda, está ligada às grandes mudanças culturais em curso na Europa moderna, que levaram, por um lado, ao surgimento de novos conceitos de infância e, por outro lado, à identificação dos adultos. Com isso, tanto as versões de Perrault quanto a dos Irmãos Grimm passam a circular na Europa sob a alcunha de “contos de fadas”, apesar de, em sua maioria, as narrativas não apresentarem fadas, mas são assim caracterizadas por “existirem em um espaço ‘maravilhoso’, isto é, fora da realidade concreta”²⁰⁹. Ao direcionarem o foco das narrativas às crianças, seja para alinhá-las às prerrogativas da corte ou aos novos entendimentos em torno da infância, os contistas acrescentam às historietas a disciplina pelo medo, recurso já muito comum no universo familiar, em que os mais velhos, munidos de narrativas orais repletas de figuras monstruosas, incutiam a disciplina nos mais jovens. Assim, os contos de fadas também se alimentaram dessa perspectiva, na qual personagens como a bruxa e a aura que a circunscreve estavam inseridas, como se evidencia em iconografias datadas dos séculos XIX e XX.

Figura 12 — Ilustração de João, Maria e a bruxa, por Hermann Vogel (1894).



Fonte: Tatar (2003).

²⁰⁹ Falconi; Farago, 2015, p. 90.

A imagem acima serve-nos como ponto de reflexão não apenas por trazer a feição estereotipada da bruxa²¹⁰. Como dito anteriormente, as versões dos contos de fadas popularizadas, em especial, por Perrault e pelos Irmãos Grimm, não obstante sofrerem reescritas para que se adequassem às prerrogativas da época, limitando o teor das expressões sexuais e de violência, não as tornaram nulas. Na aventura *João e Maria*, a bruxa tem em sua casa um atrativo às crianças, que são “enfeitiçadas” pelas guloseimas que a estruturam, atraindo-as para o perigo que se encontra dentro daquele local, cuja moradora, contrastando a feiura assustadora com a doçura das suas palavras, captura os jovens com o objetivo de devorá-los. Nesse aspecto, pelo próprio contexto de proliferação dos contos de fadas na modernidade nascente, é válido sublinhar a existência de um maniqueísmo patente em tais narrativas, com vistas a alimentar no imaginário infantil, a partir de elementos trazidos das mitologias próprias de cada povo, a necessidade de estabelecer as demarcações do bem e do mal, as quais aparecem metamorfoseadas em personagens como as fadas/bruxas, mães/madrastas, príncipes/monstros etc., coadunando a asserção de que

Ao contrário do que acontece em muitas estórias infantis modernas, nos contos de fadas o mal é tão onipresente quanto a virtude. Em praticamente todo conto de fadas o bem e o mal recebem corpo na forma de algumas figuras e de suas ações, já que bem e mal são onipresentes na vida e as propensões para ambos estão presentes em todo homem. É esta dualidade que coloca o problema moral e requisita a luta para resolvê-lo.²¹¹

Na margem negativa desse paralelismo do imaginário, a bruxa serve, em uníssono, tanto como componente capaz de sintetizar o mal quanto meio receptor dos impulsos agressivos, dos registros de ódio em elaboração pela criança, o que nos leva a meditar sobre os porquês da escolha da imagem da mulher bruxa como componente ominoso do enquadre narrativo, talvez pelo fato de que sempre foi vista como um ser que perverte as ordens divinas e civilizacionais, operando com vistas a prejudicar os outros, portanto, merecedora dos castigos a ela infligidos, mesmo que esses se consolidem em formas tão cruéis e abomináveis quanto aqueles que lhe são atribuídos, considerando que

²¹⁰ Castro (2021, p. 109), em seu texto *Em cena: a Bruxa, a diva dos contos de fadas*, assevera que é nesse contexto que a bruxa surge enquanto personagem nos contos infantis, com “[...] a aparência de uma mulher velha, feia, vestida de andrajos, quase sempre acompanhada de um animal preto, um gato ou um corvo. A partir do isolamento na floresta, essa mulher passa a ser promovida como uma figura aterrorizante e vários elementos são utilizados para compor essa imagem: a vassoura, para facilitar sua locomoção às aldeias; o caldeirão, para realizar seus feitiços; e a gargalhada horrenda, para acirrar o tom apavorante”.

²¹¹ BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, p. 7.

Quando todos os pensamentos mágicos da criança estão personificados num bom conto de fadas – seus desejos destrutivos, numa bruxa malvada; seus medos, num lobo voraz; as exigências de sua consciência, num homem sábio encontrado numa aventura, suas raivas ciumentas, em algum animal que bica os olhos de seus arquirrivais – então a criança pode finalmente começar a ordenar essas tendências contraditórias. Isto começado, a criança ficará cada vez menos engolfada pelo caos não manejável.²¹²

Não obstante, as bruxas e seus correlatos (madrastas, meias-irmãs etc.) nos parecem diametralmente instituídas em oposição ao arquétipo da Grande-mãe, isto é, mulheres apartadas das características associadas/atribuídas/impostas à maternidade/maternagem ideal, essa que foi inscrita no seio da sociedade com o passar das eras, funcionando, portanto, como contraponto à ordem vigente do modelo materno idealizado. Grimberg (2003)²¹³ reforça esse entendimento ao passo que dispõe sobre a ambivalência das figuras arquetípicas, tal como a Grande-mãe, que contempla em sua conjuntura aspectos criativos e estruturantes, em sincronicidade aos códigos negativos e destrutivos, não existindo em plenitude sem o seu espelho. Atrelado aos contos de fadas, esse pensamento indica a dupla disposição de forças, onde, por lado, temos as figuras da mãe e da fada como protetoras e orientadoras, ao passo que as madrastas e bruxas, no outro polo, assumem o arranjo da sedução, abandono e predação. A própria bruxa, no intuito de ludibriar os irmãos, disfarça-se sob um manto bondoso e convidativo, fazendo com que, mesmo diante do espanto causado por sua fisionomia, João e Maria cedessem ao convite da personagem:

[...] de súbito, a porta da casa se abriu e apareceu uma mulher velhíssima, que se aproximou das crianças, arrastando-se, apoiando-se em muletas. João e Maria ficaram tão apavorados, que deixaram cair o que estavam comendo. A velha, porém, não os ameaçou. Ao contrário, parecia muito satisfeita e perguntou:

- Oh, queridas crianças! Quem vos trouxe até aqui? Entrai e ficai comigo. Não vos acontecerá mal algum.

[...] A velha, porém, apenas fingira ser boa. Na verdade, era uma perversa feiticeira, que fizera aquela casa de pão doce, bolos e açúcar-cande com a intenção de atrair crianças. [...] As bruxas têm os olhos vermelhos e enxergam muito mal, mas, por outro lado, têm um faro igual ao de certos animais e, mesmo sem vê-lo, percebem quando um ser humano se aproxima.²¹⁴

Esse fato também nos move a refletir como as personagens são apresentadas por meio de uma estrutura comportamental insubmissa e ausente de virtudes como a ingenuidade e a mansidão, onde a presença do masculino serve apenas aos seus desejos/interesses escusos,

²¹² Bettelheim, 2007, p. 82.

²¹³ GRIMBERG, Luís Paulo. *Jung: o homem criativo*. São Paulo: FTD, 2003.

²¹⁴ GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Contos de fadas*: obra completa. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000, p. 284.

invertendo o *standard* patriarcal, e fazendo uso da sedução, de artimanhas e feitiços para controlar não apenas os sujeitos, mas a física das coisas²¹⁵.²¹⁶ Essa configuração nos contos infantis é pertinente, haja vista que, assim como fora no contexto das perseguições medievais,

Esse saber mítico promove uma imagem da mulher assinalada por possuir poderes sobrenaturais, o que, de igual modo, favorece e assusta o grupo social do qual faz parte. Essa concepção ajuda a compreender, desde essa origem, o quanto a imagem dessas feiticeiras é relacionada às questões maléficas: mesmo elas possuindo um saber que as promove como figuras detentoras de saberes muitas vezes necessários à comunidade, são esses mesmos conhecimentos que as tornam hostis à ordem social.²¹⁷

Não por acaso, é fácil notar que os contos de fadas, em virtude das suas referências às bruxas, têm constituído um excelente material para representar no imaginário as regras de pensamento e de comportamento que reforçam, em alguma medida, a subordinação das mulheres. Talvez isso se deva ao facto dessas narrativas existirem mais no mundo das mulheres do que no dos homens, quer devido à sua narração e transmissão, quer devido às personagens que são frequentemente protagonistas e ouvintes. Isso se torna ainda mais emblemático se levarmos em consideração o fato de que, no conto de fadas *João e Maria*, não coube ao rapaz a tarefa de dar cabo da bruxa, e sim a jovem, representando ela mesma uma oposição à figura que almejava devorá-la.

²¹⁵ SILVEIRA, Danieli Munique Fontes da. *O arquétipo da Grande Mãe na representação da bruxa em contos fantásticos hispânicos*. 2015. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto-SP, 2015, p. 49.

²¹⁶ Cashdan (2000, p. 47) acrescenta que a bruxa dos contos de fadas “tem a habilidade de colocar as pessoas em transes mortais – e, com a mesma facilidade, trazê-las de volta à vida. Capaz de conjugar encantamentos e preparar poções mortais, ela tem o poder de alterar a vida das pessoas. Poucas figuras, num conto de fada, são tão poderosas ou cheias de autoridade como as bruxas”.

²¹⁷ CASTRO, Valdiney Valente Lobato de. Em cena: a Bruxa, a diva dos contos de fadas. In: ROCHA, Denise. *Matizes da Literatura Contemporânea*. Ponta Grossa: Editora Atena, 2021, p. 109.

Caput 2 – O que quer uma mulher?

É de amplo conhecimento o fato de que, tratando-se das formulações acerca do fenômeno das perversões, a figura masculina sempre serviu e continua servindo como modelo preferencial. Embora, à primeira vista, tal inclinação suscite o entendimento, por parte de leigos em relação ao processo de constituição dos postulados psicanalíticos, de que houve/há um desdenho quanto ao papel da mulher, o aprofundamento das leituras nos permite constatar que as bases interpretativas que dão suporte ao alçamento masculino não são primordiais e exclusivistas, já que, como veremos mais adiante, as questões essenciais propostas por Sigmund Freud, que dariam à perversão um contorno mais voltado aos homens, só encontrariam lugar tardiamente no estabelecimento da teoria do desenvolvimento psicosssexual, especificamente a partir do cenário da diferenciação sexual. Quando Freud apresenta a sua controversa teoria da sexualidade, em 1905, a distinção entre os sexos ainda não exprimia um destaque na sua tese. Na ocasião, o fundador da psicanálise direciona a maior parte do seu trabalho argumentativo no intuito de demonstrar, a exemplo daquilo que está expresso nas primeiras linhas da obra, como a sexualidade infantil serve de modelo patente para a observação e a interpretação das leis inconscientes que governam a conjuntura *psiquê + desejo + soma*.

Freud introduz o conceito de pulsão de modo a tentar corrigir a opinião médica, ainda prevalescente na passagem entre os séculos XIX e XX, de que as perversões eram evidências claras de um processo de degeneração mental, aludindo ao fato de que muitas das manifestações tidas como aberrações sexuais estavam imbricadas ao cotidiano de muitas culturas, desde as consideradas mais primitivas até as mais civilizadas, sendo, em muitas delas, toleradas e, em certos casos, reconhecidas socialmente, como foi o caso da homossexualidade, que, embora Freud não tenha retirado do panorama das perversões sexuais, defendeu a exclusão do entendimento patológico atribuído e escudado pela psiquiatria da época. Como contraponto, utiliza o exemplo grego para contestar o argumento psiquiátrico da degenerescência homossexual, afirmando que “certamente não devemos esquecer que a perversão que é a mais repelente para nós, o amor sensual de um homem por

outro homem, não só foi tolerada por um povo muito superior a nós em cultura — os gregos — como foi por eles considerada digna de importantes funções sociais”²¹⁸.

Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, o psicanalista demonstrou como a não fixação das crianças em uma única possibilidade de satisfação, por intermédio das zonas erógenas, evidenciava a origem não exclusiva da sexualidade no adulto. Assim, ele supera a visão médico-patologizante de seus contemporâneos e inscreve a sexualidade perversa no âmbito da busca pela satisfação, do imperativo pulsional do equilíbrio das tensões, característica emblemática da sexualidade infantil. Seu argumento é o de que a sexualidade humana é um fenômeno para além do sexo e do princípio de reprodução da espécie estabelecido pela ciência e pela Igreja em torno dos cânones instintivo e religioso, que direcionam o indivíduo à busca de um/a parceiro/a fértil para ter com ele/ela coito com fins de procriação, e passa a ser vista, a partir de Freud, como proveniente da pulsão, a qual, segundo infere o autor, “[...] é um processo de excitação que ocorre num órgão e o objetivo imediato da pulsão consiste na eliminação deste estímulo [...]”²¹⁹. Logo, qualquer objeto/órgão/parte atrelado ou não ao corpo pode ser elencado como objeto de desejo, pois a sexualidade, a partir desse modelo, não está mais exclusivamente a serviço da reprodução. Com base na observação da sexualidade perverso-polimorfa infantil, Freud pontua uma de suas principais constatações acerca do comportamento perverso dos adultos, reconhecendo na sexualidade de todos nós traços de uma inclinação à perversão. Em “Fragmento da análise de um caso de histeria”, o célebre psicanalista averba que:

A vida sexual de cada um de nós se estende ligeiramente — ora numa direção, ora noutra — além das estreitas linhas impostas como padrão de normalidade. As perversões não são bestiais nem degeneradas no sentido emocional da palavra. São o desenvolvimento de germes os quais se contêm, todos, na disposição sexual indiferenciada da criança e que, suprimidos ou desviados para objetivos assexuais mais altos — ‘sublimados’ — destinam-se a fornecer a energia para um grande número de nossas realizações culturais. [...] as psicose neuroses são, por assim dizer, o negativo das perversões.²²⁰

Nos “Três Ensaio...”, ratifica sua posição acerca da universalidade perversa da sexualidade humana ao argumentar que:

²¹⁸ FREUD, Sigmund ([1901] 1905). Fragmento da análise de um caso de histeria. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 7, p. 47.

²¹⁹ Freud, 1905/1972, p. 171.

²²⁰ *Idem* [1901] 1905/1972, p. 47-48.

A experiência cotidiana tem mostrado que a maioria destas extensões, ou, pelo menos, as menos graves dentre elas, são constituintes que raramente estão ausentes da vida sexual das pessoas sadias e são julgadas por elas de forma não diferente de outros acontecimentos íntimos. Se as circunstâncias favorecem tal ocorrência, as pessoas normais podem também substituir o objeto sexual normal por uma perversão desta espécie por bastante tempo ou podem encontrar lugar para uma juntamente com a outra. Nenhuma pessoa sadia, ao que parece, pode deixar de adicionar alguma coisa capaz de ser chamada de perversa ao objetivo sexual normal, e a universalidade desta conclusão é em si suficiente para mostrar quão inadequado usar a palavra perversão como um termo de censura. Na esfera da vida sexual, defrontamo-nos com dificuldades peculiares e, na verdade, insolúveis, tão logo tentamos traçar uma linha nítida para distinguir nos sintomas patológicos meras variações dentro da escala do que é fisiológico.²²¹

Assim como o ponto de vista da polimorfia perversa da sexualidade infantil, os primeiros comentários freudianos acerca do caráter hostil da natureza humana também estão presentes em seus “Três Ensaio...”. Ao apresentar sua teoria psicossexual, Freud expõe não apenas a plasticidade da sexualidade humana, como também a agressividade na condição de característica universal da nossa constituição. O neurologista vienense sinaliza que “com independência ainda maior das outras atividades sexuais vinculadas às zonas erógenas desenvolve-se na criança o componente de crueldade da pulsão sexual”²²², situando sua manifestação mais visível na organização pré-genital²²³ infantil devido ao fato de que

O componente cruel do instinto sexual se desenvolve na infância ainda mais independentemente das atividades sexuais ligadas às zonas erógenas. A crueldade em geral aparece facilmente na natureza infantil, já que o obstáculo que detém o instinto de domínio diante da dor de outra pessoa – ou seja, a capacidade para a piedade – se desenvolve relativamente tarde.²²⁴

No entanto, é visível que o psicanalista ainda situa o caráter hostil/agressivo como vinculado à pulsão sexual, e não como pulsão específica, o que só começa a ocorrer em 1915, por meio da publicação de “Os instintos e suas vicissitudes”, quando desassocia a agressividade do âmbito da sexualidade. Segundo ele, “pode-se asseverar que os verdadeiros protótipos da relação de ódio se originam não da vida sexual, mas da luta do ego para preservar-se e manter-se”²²⁵. Com isso, Freud põe as pulsões sexuais como um elemento

²²¹ Freud, 1905/1972, p. 162-163.

²²² *Ibidem*, p. 180.

²²³ Ao postular sua teoria da sexualidade infantil, Freud (1905) dá o nome de pré-genital ao período do desenvolvimento psicossexual infantil em que as zonas genitais ainda não assumiram lugar de destaque na sexualidade dos indivíduos.

²²⁴ Freud, 1905/1972, p. 198.

²²⁵ FREUD, Sigmund (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 14, p. 160.

ulterior à agressividade, tendo em vista que o amor “deriva da capacidade do ego de satisfazer autoeroticamente alguns de seus impulsos instintivos pela obtenção de prazer do órgão”²²⁶, enquanto o ódio “é mais antigo que o amor. Provém do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulos. Enquanto expressão da reação do desprazer evocado por objetos, sempre permanece numa relação íntima com os instintos autopreservativos”²²⁷.

A agressividade só veio a ser reconhecida como pulsão específica por Freud a partir de 1920, quando ele inaugura a segunda fase da sua teoria pulsional, atribuindo-lhe um lugar de destaque na sua teoria metapsicológica das pulsões humanas, o qual corresponderia à pulsão de morte enquanto voltada para o exterior, com vistas à destruição do objeto alvo da tensão. Segundo o autor, “existem essencialmente duas classes diferentes de pulsões: as pulsões sexuais, compreendidas no mais amplo sentido – Eros se preferem esse nome – e pulsões agressivas, cuja finalidade é a destruição [Thanatos]”²²⁸. Dessa forma, estabelece que a pulsão de vida e a pulsão de morte são forças constitutivas da espécie humana, jamais podendo ser arrancadas de um indivíduo, apenas canalizadas para propósitos socialmente úteis através do processo de sublimação²²⁹.

Outros célebres psicanalistas também compartilharam da mesma perspectiva freudiana como por exemplo, Melanie Klein (1882-1960), Winnicott (1896-1971) e Lacan (1901-1981). Klein, contemporânea de Freud e publicamente partidária da linha psicanalítica freudiana, foi seguramente a que melhor contemplou a perspectiva freudiana em sua própria teoria da agressividade²³⁰, principalmente pelo fato de que sua grande fonte de investigação foram as crianças. A psicanalista fez da pulsão de morte um elemento essencial para o entendimento da constituição psíquica do ser humano e, assim como Freud, viu na infância o momento ideal

²²⁶ Freud, 1915/1974, p. 160.

²²⁷ *Ibidem*, p. 161.

²²⁸ FREUD, Sigmund (1933 [1932]). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 22, p. 129.

²²⁹ Conforme nos orientam Laplanche e Pontalis (1991, p. 495), sublimação foi um “processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força sexual. Freud descreveu como atividades de sublimação principalmente a atividade artística e a investigação intelectual. Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo objetivo não sexual e em que visa objetos socialmente valorizados”.

²³⁰ A título de curiosidade, Green (1988, p. 11) afirma que, durante a realização do Congresso Internacional de Psicanálise, de 1971, onde se debateu a temática da agressividade, foram os psicanalistas kleinianos que primeiro manifestaram alinhamento à teoria freudiana de uma pulsão de morte em meio a um público que permanecia relutante em relação à sua existência.

para a observação dos processos mentais preconizantes do psiquismo no adulto, diferindo de Freud no que diz respeito à especificidade da fase em que esses registros se manifestavam.

Na visão kleiniana, a criança já esboça registros pulsionais num momento em que “Freud tratou como sendo um provável ponto de partida, atentando para o fato de que, desde tenra idade, as crianças já são acometidas pelas angústias oriundas da instituição e desenvolvimento de um superego precoce”²³¹. Mediante a investigação das brincadeiras infantis, a psicoterapeuta foi capaz não apenas de patentear a existência do mecanismo pulsional, mas também de inaugurar uma visão ainda mais tenra e abrangente do que aquela apresentada por Freud em sua teoria psicosssexual, dando lugar de destaque às angústias psíquicas infantis, como culpa, medo, ansiedade, e delineando-as como fundamentais para a compreensão dos impulsos agressivos delas decorrentes. É por meio de sua teoria que a pulsão de morte se transforma em temática recorrente, granjeando um prestígio notável no domínio dos fenômenos clínicos.

Winnicott, psicanalista britânico, teve sua teoria muito influenciada pelo pensamento kleiniano, mesmo que não tenha reconhecido isso em sua obra. Apesar de partilhar do ponto de vista de sua antiga supervisora em relação à precocidade dos impulsos destrutivos infantis, recusou-se a aceitar a concepção kleiniana da agressividade com base na relação de hereditariedade, sem levar em conta fatores ambientais, o que acabou constituindo o ponto principal de seu estranhamento em relação à teoria de Klein, como deixa evidente em uma passagem do seu “Raízes da agressão”²³². Inicialmente, Winnicott (1964/2012) reconhece que Klein contribuiu consideravelmente para a compreensão e ampliação dos conhecimentos apresentados inicialmente por Freud acerca dos fenômenos psíquicos da agressividade nos primórdios da formação egóica infantil, na medida em que

É sensato presumir que fundamentalmente todos os indivíduos são essencialmente iguais, e isso apesar dos fatores hereditários que nos tornam o que somos e nos tornam individualmente distintos. Quero dizer, existem algumas características na natureza humana que podem ser encontradas em todos os bebês, em todas as crianças e em todas as pessoas de qualquer idade, e uma declaração abrangente do desenvolvimento da personalidade humana desde a mais tenra infância até a independência adulta seria aplicável a todos os seres humanos, independentemente de seu sexo, raça, cor da pele, credo ou contexto social.²³³

²³¹ Silva, 2017, p. 111.

²³² WINNICOTT, Donald Woods (1964). *Roots of Agression*. In WINNICOTT, Donald Woods (Org.). *Deprivation and Delinquency*. London and New York: Routledge Classics, 2012, pp. 80-85.

²³³ Tradução nossa do original em inglês: “*It is wise to assume that fundamentally all individuals are essentially alike, and this in spite of the hereditary factors which make us what we are and make us individually distinct. I mean, there are some features in human nature that can be found in all infants, and in all children, and in*

Todavia, no que diz respeito à ausência de um entendimento acerca da influência ambiental, discorda de Klein por considerar que as tendências agressivas infantis derivam do seu contato um objeto/mundo externo a si mesmo, representado inicialmente pela figura materna. Acerca disso, o psicanalista argumenta que

Podemos ver que essas primeiras agressões infantis levam à descoberta de um mundo que não é o próprio bebê e ao início de um relacionamento com objetos externos. O que logo será um comportamento agressivo é, portanto, no início, um simples impulso que leva a um movimento e ao início de uma exploração. A agressão está sempre ligada, dessa forma, ao estabelecimento de uma distinção clara entre o que é o *self* e o que não é.²³⁴

Relacionando esse posicionamento ao modelo winnicottiano de entendimento da agressividade infantil, torna-se evidente que, para o psicanalista britânico, o comportamento agressivo das crianças não é algo espontâneo, mas oriundo das suas primeiras interações sociais/com o ambiente, pois “necessita de algo contra o qual fazer força, caso contrário, permanecerá não experimentada, constituindo-se em uma ameaça ao bem-estar”²³⁵, ou seja, conquanto a agressividade esteja relacionada ao funcionamento psíquico humano, a violência não é sua resultante natural. Sua divergência é ainda maior quando a questão é a análise freudiana da origem da agressividade com base na pulsão de morte. As experiências vividas por ele em lares para crianças durante a Segunda Grande Guerra lhe conferiram um olhar discordante da visão de retorno ao inorgânico, sendo a agressividade, para ele, um fenômeno que tem sua genealogia na motilidade inerente aos impulsos vitais.

O psicanalista francês Jacques Lacan também considerou a agressividade como uma energia constitutiva humana e, assim como indicou Freud previamente, sua ação poderia ser sublimada, recalcada, pois o ser humano conta com o engenho da palavra e a sua mediação simbólica²³⁶. No entanto, ao mesmo tempo que corrobora a hipótese freudiana de uma

all people of whatever age, and a comprehensive statement of the development of the human personality from earliest infancy to adult independence would be applicable to all human beings whatever their sex, race, colour of skin, creed, or social setting” (Winnicott, 1964/2012, p. 80).

²³⁴ Tradução nossa do original em inglês: “We can see that these early infantile hittings lead to a discovery of the world that is not the infant’s self, and to the beginnings of a relationship to external objects. What will quite soon be aggressive behaviour is therefore at the start a simple impulse that leads to a movement and to the beginnings of exploration. Aggression is always linked in this way with the establishment of a clear distinction between what is the self and what is not the self”.

²³⁵ Winnicott, 1958, p. 366 *apud* DIAS, Elsa Oliveira. Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 2, n. 1, pp. 9-48, jun. 2000, p. 12.

²³⁶ FERRARI, Ilka Franco. Agressividade e violência. *Revista Psicanálise Clínica*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 32, 2006, p. 52.

primazia das pulsões na estruturação do psiquismo, sua teoria discordava da dualidade pulsional proposta por Freud, subentendendo que toda pulsão é, concomitantemente, formada pela junção das pulsões de vida (sexual) e de morte (agressiva). Em sua teoria, Lacan (1948/1998) destacou a importância da relação do eu com o outro, sendo as pulsões parte do processo de constituição do eu a partir das experiências de reconhecimento, por isso a agressividade é, para o teórico, “a tendência correlativa a um modo de identificação a que chamamos narcísico, e que determina a estrutura formal do eu do homem e do registro de entidades característico de seu mundo”²³⁷.

Voltando-nos ao grande tema das perversões, o segundo importante momento para o entendimento das perversões na teoria psicanalítica freudiana estaria demarcado no momento em que ocorre a distinção entre os sexos, ainda na fase pré-genital infantil. Em seu artigo sobre a posição feminina, de 1933, Freud salienta a importância desse momento de distinção entre os sexos e como ele ocorre de forma singular para homens e para mulheres. Vislumbrando a sexualidade dos adultos por meio da sexualidade infantil, o psicanalista observou o contraste entre meninos e meninas ante a constatação da ausência do *falo* no corpo materno. Nos meninos, o encontro é com o algo que falta – no caso, o *falo*/pênis, o ter/não-ter – no corpo da mãe, que ele possui e teme perder. No caso da menina, ela vê que a mãe não tem, sabe que também não tem, que nunca teve e que jamais poderá vir a ter o *falo*/pênis. É nesse momento de encontro com a linguagem do corpo, no embate entre o ter e o não ter, de identificação e/ou de não identificação, que se encaminha a dessemelhança e a identificação com um dos sexos. Essa constatação infantil ocorreria entrelaçada à vivência do complexo de Édipo:

[...] um desejo sexual próprio de um adulto, vivido na cabecinha e no corpinho de uma criança de quatro anos e cujo objeto são os pais. A criança edipiana é uma criança alegre que, em toda inocência, sexualiza os pais, introduzindo-os em suas fantasias como objetos de desejo e imitando sem pudor nem senso moral seus gestos sexuais de adultos. É a primeira vez na vida que a criança conhece um movimento erótico de todo seu corpo em direção ao corpo do outro. Não se trata mais de uma boca tendendo para um seio, mas de um ser integral que quer apertar o corpo inteiro da mãe.²³⁸

²³⁷ LACAN, Jacques (1948). A agressividade em psicanálise. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 112.

²³⁸ NASIO, Juan-David. *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 10.

Esse fenômeno, a partir de então, passa a ser responsável por determinar o posicionamento infantil frente à angústia do reconhecimento do desfusão em relação ao corpo materno, do poder da imago paterna no tocante à presença da mãe e, conseqüentemente, do temor de castração operado pelo pai. Nas palavras de Freud (1923b/1976), “a falta de um pênis é vista como resultado da castração e, agora, a criança se defronta com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em relação a si própria”²³⁹. Essa crise edípica à qual a criança é submetida torna-se determinante para a cisão, para a saída do estado de prazer absoluto (*princípio de prazer*²⁴⁰) e a entrada na realidade (*princípio de realidade*²⁴¹), quando então ela, menino ou menina, “recalca vigorosamente fantasias e angústia, para de tomar seus parentes por parceiros sexuais e torna-se com isso disponível para conquistar novos e legítimos objetos de desejo”²⁴², ou seja, mais especificamente, o menino superaria o complexo de Édipo afastando-se do corpo materno, já não mais fálico, submetendo-se ao temor simbólico, e passaria a buscar essa relação em outras configurações, sempre parciais.

No caso da menina, de forma díspar, o encontro com a diferença sexual a distanciaria de sua mãe, antes poderosa ou completa num imaginário fálico, em direção àquele que detém a prerrogativa antes atribuída à mãe, isto é, o pai e as figuras paternas que viessem depois dele. Dessarte, a perversão constituiria uma saída possível à crise edípica, na qual o sujeito reconheceria a falta, mas, como alternativa à defesa psíquica do *recalcamento*²⁴³, desmentiria a castração materna por meio do processo de *recusa*²⁴⁴, uma solução, um desvio à realidade traumática. O sujeito perverso, então, seria aquele que renega a castração do *falo* materno e, por consequência, a saída do complexo de Édipo. Com isso, os limites, normas e leis tornam-

²³⁹ FREUD, Sigmund (1923b). A organização genital infantil. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19, p. 183.

²⁴⁰ Tal como descrevem Laplanche e Pontalis (1991, p. 364), trata-se de “um dos princípios que, segundo Freud, regem o funcionamento mental: a atividade psíquica no seu conjunto tem por objetivo evitar o desprazer e proporcionar o prazer. É um princípio econômico na medida em que o desprazer está ligado ao aumento das quantidades de excitação e o prazer à sua redução”.

²⁴¹ Segundo a teoria freudiana, é um princípio que “forma par com o princípio de prazer, e modifica-o; na medida em que consegue impor-se como princípio regulador, a procura da satisfação já não se efetua pelos caminhos mais curtos, mas faz desvios e adia o seu resultado em função das condições impostas pelo mundo exterior” (Laplanche; Pontalis, 1991, p. 368).

²⁴² Nasio, 2007, p. 11.

²⁴³ Também conhecido como recalque, é o operador da estrutura neurótica e constitui uma “operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão. O recalque produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão — suscetível de proporcionar prazer por si mesma — ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências” (Laplanche; Pontalis, 1991, p. 430, grifos nossos).

²⁴⁴ “Termo criado por Sigmund Freud, em 1923, para caracterizar um mecanismo de defesa pelo qual o sujeito se recusa a reconhecer a realidade de uma percepção negativa e, mais particularmente, a ausência do pênis na mulher. No Brasil também se usam: ‘desmentido’ e ‘recusa da realidade’” (Roudinesco; Plon, 1998, p. 656).

se frágeis, já que a imago paterna perde sua força simbólica e os impulsos incestuosos não se deparam com delimitações precisas.

Surge, assim, um impasse quanto à existência de uma perversão feminina: se a perversão constitui um mecanismo de *recusa* ante a ausência fálica da mãe, essa configuração impediria à menina a possibilidade do mecanismo de *recusa*, base da entrada na estrutura perversa. A razão para isso é que a angústia de castração experimentada pelo menino, na menina não se configura, sendo insuperável o seu encontro com a falta, restando-lhe alternativas como o *recalque* da constatação traumática, a *foraclusão*²⁴⁵ da percepção da falta fálica, a alienação ao desejo alheio etc. Dessa forma, chegamos ao nosso próprio impasse: como analisar os atos de violência das personagens de Fernandes como uma manifestação de ordem perversa da mulher? Embora a formulação do fenômeno das perversões, proposto por Freud, ainda permaneça como hegemônica no discurso psicanalítico, os psicanalistas citados há pouco e outros mais nupérrimos, que mencionaremos adiante, também nos oferecem, se não uma mudança de perspectiva, ao menos inquietações pertinentes, que, refletindo as mudanças históricas e de comportamento na sociedade contemporânea, têm colocado as manifestações perversas novamente no centro das discussões clínicas e teóricas, onde se observa um esforço maior em relação aos estudos sobre as mulheres que configuram esse tipo de sustentação traumática.

Na seção teórica à frente, ampliaremos e aprofundaremos a discussão sobre a perversão feminina, iniciada nestes parágrafos, estabelecendo como ponto de partida as formulações canônicas de Sigmund Freud, articulando-as com perspectivas teórico-críticas da psicanalíticas de alguns de seus pares históricos, a exemplo de Melanie Klein, Karen Horney e Jacques Lacan, bem como de autores hodiernos, uns endossando; outros contestando, responsáveis por ampliar o debate em torno da sexualidade feminina, os quais são imprescindíveis para a compreensão dos mecanismos articulatórios que dão sustentação à manifestação perversa na mulher, como Harriet F. Lerner (1982), Granoff e Perrier (1991), Chasseguet-Smirgel (1991), Adams (1997), Martin-Mattera (2014), Caillot (2022) etc., e, com isso, intentamos demonstrar de que forma a visão de uma exclusividade masculina da perversão tem sido debatida e complementada. Todavia, ressaltamos que o trabalho de revisão

²⁴⁵ Como nos orientam Roudinesco e Plon (1998, p. 245), trata-se de um “conceito forjado por Jacques Lacan para designar um mecanismo específico da psicose, através do qual se produz a rejeição de um significante fundamental para fora do universo simbólico do sujeito. Quando essa rejeição se produz, o significante é foracluído. Não é integrado no inconsciente, como no recalque, e retorna sob forma alucinatória no real do sujeito”.

de literatura que apresentamos a seguir não tem por finalidade estabelecer quaisquer novas interpretações acerca da categoria analítica, no máximo contribuir para o entendimento de que a posição feminina na sexuação também comporta expressões perversas.

2 MULHERES PERVERSAS?: (DE)LIMITAÇÕES E AMPLIAÇÕES

2.1 O EMBLEMA DAS PERVERSÕES NO CONTEXTO PRÉ-PSICANALÍTICO: A SEXUALIDADE VISTA COMO ANOMALIA, DEGENERAÇÃO E IMORALIDADE

Como evidenciamos na seção anterior, a noção de perversão se confunde com a própria inauguração das relações interpessoais entre os seres humanos, tendo em vista que, desde que existem acordos de cooperação entre dois indivíduos, seja de que natureza for, há a possibilidade de que um ou ambos ajam de forma a burlar esses contratos, de modo a tirar proveito em benefício próprio, algo que está encrustado nas inúmeras mitologias que dão conta das origens do universo e da criação da humanidade. Pode-se atribuir isso ao fato de que a existência de uma transgressão pressupõe a presença de uma autoridade divina que dê substância à lei. Essa perspectiva, tão amplamente discutida por estudiosos de diversas áreas do saber, mesmo que não empregando, literalmente, o termo perversão, pode ser resumida nas palavras proficientes da historiadora e psicanalista francesa Elisabeth Roudinesco, que, a partir de um exame profundo das manifestações perversas ao longo de um recorte da nossa história, exprime a perversão como uma marca distintiva da nossa caminhada sobre o mundo, servindo como selo que nos isola na *metazoa* em que estamos todos inclusos, isso porque “é uma circunstância da espécie humana: o mundo animal está excluído dela, assim como do crime, [...] presente em todas as culturas, como supõe a preexistência da fala, da linguagem, da arte, até mesmo de um discurso sobre a arte e sobre o sexo”²⁴⁶.

Em outras palavras, a autora sublinha a perversão como elemento que nos desarraiga dos demais membros da *animalia*, tal pelo motivo de, em divergência, sermos os únicos animais propensos a certas práticas, nas quais residem o típico maniqueísmo que nos leva a dividir o mundo entre luz e sombra, bem e mal, algo ainda mais pujante no caso dos perversos; estes que lidam de maneira extremada com o paralelismo, já que sua inscrição os faz donos de um discurso onde apontam para o outro a sombra a qual devem a sua existência, ou seja, em oposição, por exemplo, ao neurótico, cujos entraves constitutivos à vivência da sua sexualidade são mais ostensivos, o perverso deleita-se entre a virtude e o vício, entre o pecado e a salvação, entre a sanidade e a loucura, “fascinado pela ideia de poder libertar-se do tempo e da morte”²⁴⁷.

²⁴⁶ Roudinesco, 2008, p. 11.

²⁴⁷ *Ibidem*, p. 12.

Esses sujeitos, a quem o projeto civilizatório ostraciza, marginaliza e pune, diverso ao que se imagina, não constituem um número isolado dos entes sociais, tendo em vista sua presença em todas as instituições, contextos e épocas de nosso transcurso, importância esta que fez emergir a necessidade da implementação de mecanismos coibitivos, como “proibição do incesto, delimitação da loucura, designação do monstruoso ou do anormal”²⁴⁸, o que, paradoxalmente, a coloca como um elemento tanto temerário aos propósitos delimitados pelos fundamentos sociais quanto, diametralmente, necessário, levando-se em consideração que é na existência de um elemento elencado como deletério, que a civilização, usando-os como bodes expiatórios, pode valer-se do seu firmamento, isto é, ao “mesmo tempo em que preserva a norma, assegura à espécie humana a subsistência de seus prazeres e transgressões”²⁴⁹.

A entrada das perversões no contexto das ciências médicas coincide justamente com o entardecer da Idade Média, onde o poder da Igreja, embora ainda quase absoluto no que se refere à influência no cotidiano ocidental, começava a ser desafiado pelas mudanças socioeconômicas impostas pelo desenvolvimento das grandes cidades, pela ampliação do acesso à educação superior e pelas problemáticas que insurgiam no seio da própria instituição, responsáveis, entre outras coisas, pela dissidência protestante, um dos, quiçá o maior cisma enfrentado pela Igreja Romana. No que tange à sexualidade, Foucault (1988) atenta para o fato de que até o século XVI, apesar dos mecanismos persuasivos da *cúria*, tais como a regulamentação das penitências e da posterior implementação das técnicas de confissão, não existia, por parte do clero e da sociedade em geral, uma repressão sistematizada contra as práticas sexuais, inclusive aquelas tidas, hoje, como hediondas, como a relação sexual entre adultos e crianças, já que ela mesma, a Igreja, favoreceu essa configuração, ao estabelecer os sete anos como “a idade mínima legal para iniciar as crianças nas relações sexuais com adultos”²⁵⁰, o que reforça a asserção de que, “ainda que a temática seja enfrentada pela humanidade há vários anos, apenas recentemente se tornou objeto de estudo no âmbito das ciências jurídicas e da psicologia”²⁵¹.

²⁴⁸ Roudinesco, 2008, p. 12.

²⁴⁹ *Ibidem*, p. 12-13.

²⁵⁰ LABADESSA, Vanessa Milani; ONOFRE, Mariangela Aloise. Abuso Sexual Infantil: Breve Histórico e Perspectivas na Defesa dos Direitos Humanos. *Revista Olhar Científico*, v. 1, n. 1, pp. 1-17, jan./jul. 2010, p. 7.

²⁵¹ ULISSES, Layssa Franco Jacob. O monstro da sexualidade infantil: a resposta penal mais adequada ao pedófilo. *Revista de Doutrina e Jurisprudência*, Brasília, v. 111, n. 1, p. 152-165, jul./dez. 2019, p. 153.

Dessarte, somente a partir do século XVII surge a preocupação relacionada às práticas sexuais, sobretudo aquelas que não atendessem aos ideais morais e religiosos da burguesia, cuja família nuclear passou a servir de norte delineador. Esse movimento em torno da moralização da sexualidade estratificou-se ao longo desse período, principiando o século XVIII já como uma perspectiva inserida nos costumes sociais, onde o foco ainda não era o estabelecimento de uma normalização das formas de prazer como um todo, mas daquelas que, ao escaparem do ambiente privado, atentassem contra a moral pública e religiosa, nomeadamente o adultério, o estupro, o incesto, o rapto, a sodomia, o exibicionismo²⁵². O passo seguinte foi em direção, de fato, da condenação de todo o conjunto de manifestações sexuais cujo alvo não se destinasse à reprodução, o que estabeleceu o entendimento de que “[...] todo desvio deste objetivo é considerado como uma aberração, ligada a uma degenerescência do instinto sexual natural”²⁵³. Nesse ponto, dissemina-se um ideal da sexualidade que passaria a conter todas as práticas sexuais que escapassem, desviassem do objetivo da reprodução da espécie, congregando no mesmo caixilho tanto as que estavam inseridas numa relação consensual entre adultos, como as que já eram identificadas como crimes torpes, isto é

É perverso – e portanto patológico – aquele que escolhe como objeto o mesmo que ele (o homossexual) ou ainda a parte ou o desejo de um corpo que remete ao seu próprio (o fetichista, o coprófilo). São igualmente definidos como perversos aqueles que possuem ou penetram por efração o corpo do outro sem seu consentimento (o estuprador, o pedófilo), os que destroem ou devoram ritualmente seus corpos ou o de um outro (o sádico, o masoquista, o antropófago, o autófago, o necrófago, o necrófilo, o escarificador, o autor de mutilações), os que travestem seus corpos ou sua identidade (o travesti), os que exibem ou apreendem o corpo como objeto de prazer (o exibicionista, o voyeurista, o narcísico, o adepto do autoerotismo). É perverso, enfim, aquele que desafia a barreira das espécies (o zoófilo), nega as leis da filiação e da consangüinidade (o incestuoso) ou ainda contraria a lei da conservação das espécies (o onanista).²⁵⁴

Esse discurso assinalado por Roudinesco (2008) situa a preocupação da medicina em “tomar para si” os perversos, pois, já no século XVIII, existia o entendimento de que tais sujeitos também estavam sob a égide do sofrimento psíquico, não merecendo, na maioria dos casos, o julgamento por suas ações, mas tratamento psiquiátrico para que, “educados e curados”, pudessem ter a chance de ser reintegrados à sociedade; pensamento esse que nos

²⁵² O exibicionismo enquanto conceito só viria a ser a existir em 1877, mediante o trabalho do neurologista francês Ernest-Charles Lasègue (1816-1883).

²⁵³ VALAS, Patrick. *Freud e a perversão*. Tradução Dulce Duque Estrada e reunião de textos Manoel Barros Motta. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, p. 10.

²⁵⁴ Roudinesco, 2008, p. 82.

impõe a dúvida: tratava-se de uma visão humanista das ciências médicas ou apenas de um argumento que lastreasse os interesses médico-jurídicos para a política higienista que se disseminou na Europa daquele período? O que os registros históricos situados na passagem do século XVIII para o século XIX nos apresentam como resposta é uma cinesia com vistas a retirar totalmente os grilhões religiosos em torno das perversões, tornando-os uma questão de saúde do corpo e da mente, não mais do espírito, e, para isso, utilizaram como paradigma um entendimento, ao que tudo indica, deturpado das postulações evolucionistas de Charles Darwin (1809-1882), no intuito de sedimentar o entendimento das perversões como uma espécie de ferida não cicatrizada dos humanos com seus antepassados mais primitivos, os quais ainda estariam enraizados no signo da fereza, porque

[...] se o animal, inferior ao homem, o precedera no tempo, o homem civilizado conservara em graus diversos – tanto em sua organização corporal como em suas faculdades mentais e morais – o traço indelével dessa inferioridade e dessa anterioridade. Em seu foro íntimo, o animal humano podia então transformar-se, a qualquer momento, numa besta humana.²⁵⁵

Mediante esse esteio darwiniano, a medicina do século XIX apontou o perverso como um traço de animalidade humana que não foi capaz de ser revogado no decorrer da sua evolução. Nesse sentindo, os desvios à normatização social da sexualidade não mais representariam uma afronta, uma heresia, um pecado à ordem divina, “e sim como aquele cujo instinto traduz a presença, no homem, de uma bestialidade originária, despida de qualquer forma de civilização”²⁵⁶. Logo, o processo de higienização promovido pelas ciências médicas, a qual tinha como propósito nuclear o “cuidar de si mesmo”²⁵⁷, inicialmente buscou abranger uma disciplina coletiva em prol do controle e erradicação de doenças comuns às metrópoles, a partir de um *slogan* que a definia como “arte de conservar a vida”²⁵⁸. Todavia, não demorou para que alargasse o seu campo de atuação, tornando-se um “veículo de formação harmônica do corpo e do espírito”²⁵⁹, passando a contingenciar não apenas as doenças infecto

²⁵⁵ Roudinesco, 2008, p. 84.

²⁵⁶ *Ibidem*, p. 85.

²⁵⁷ MARQUES, Vera Regina Beltrão. Instruir para fazer ciência e a medicina chegar ao povo no Setecentos. *Varia História*, v. 20, n. 32, pp. 171-183, jul. 2004.

²⁵⁸ AROUCA, Sergio. *O dilema preventivista: contribuição para a compreensão e crítica da medicina preventiva*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003.

²⁵⁹ LAROCCA, Liliana Müller; MARQUES, Vera Regina Beltrão. Higienizar, cuidar e civilizar: o discurso médico para a escola paranaense (1920-1937). *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 14, n. 35, pp. 753–766, out. 2010, p. 648.

contagiosas, mas tudo aquilo que os vários ramos da medicina, em especial a psiquiatria, acreditavam se tratar de manifestações degenerativas da mente.

Muitos foram os nomes que se destacaram durante o movimento higienista, que ganhou força com a colaboração do judiciário, o qual não sabia como lidar com todas as expressões sexuais que prorrompiam, em especial aquelas que atentavam contra os ideais burgueses já estabelecidos desde o remate do século XVIII. Dentre eles, podemos citar Benedict-Augustin Morel (1809-1873) como o responsável por influenciar toda uma geração de médicos a compreender as perversões a partir de quadros de transtorno mental. Seu *Tratado das degenerescências físicas, intelectuais e morais da espécie humana e das causas que produzem essas variedades doentias*²⁶⁰, foi a obra que introduziu a teoria da hereditariedade dos transtornos mentais, no qual é apresentado o conceito de degenerescência, que, difuso em sua semântica, contemplava vários aspectos do comportamento humano, tais como:

1) no sentido moral, degradação dos costumes; 2) no sentido anátomo-patológico, a transformação de um tecido corporal normal em um tecido menos diferenciado ou mesmo francamente mórbido (canceroso, por exemplo) e 3) um registro “bio-antropológico” (Dupeu, *apud* Serpa Jr., 1998) que corresponderia “à idéia da existência de um tipo primitivo perfeito que sofreria um processo de decadência gradual e progressiva, tal idéia podendo ter uma referência teológica mais (Morel) ou menos (Buffon) evidente”.²⁶¹

Vemos que a visão moreliana das degenerescências, embora tentasse transparecer uma perspectiva científica, estava explicitamente alimentada por um profundo laço com o ideal religioso que conduziu a vida do autor, como demonstrado na introdução do livro, onde evoca o livro de Gênesis como meio de subsidiar sua tese²⁶². Segundo suas postulações, “O Homem não é nem produto do acaso e nem manifestação última de pretensas transformações incompatíveis com as mais banais noções sobre a sucessão das espécies segundo seu tipo primitivo”²⁶³, dessa forma, “Criado para atingir o objetivo designado pela sabedoria eterna, o Homem não pode fazê-lo se as condições que asseguram a duração e o progresso da espécie humana não fossem ainda mais potentes do que as que contribuem para destruí-la e fazê-la

²⁶⁰ MOREL, Benedict-Augustin. *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine et les causes qui produisent ces variétés malades*. Paris: Baillière, 1857.

²⁶¹ PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Morel e a questão da degenerescência. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 11, n. 3, pp. 490-496, set. 2008, p. 492.

²⁶² Pereira, 2008, p. 492.

²⁶³ MOREL, Benedict-Augustin (1857). *Tratado das degenerescências na espécie humana*. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. Tradução Maria Vera Pompeo de Camargo Pacheco, São Paulo, v. 11, n. 3, pp. 497-501, 2008, p. 498.

degenerar”²⁶⁴. Nesse ponto, as degenerescências seriam o produto da corrupção física, mental e moral dos sujeitos que nasceram perfeitos em sua criação, a qual se dá mediante práticas primitivas que foram repetidas e introjetadas no percurso hereditário de certos indivíduos, que foram concebidos sob “a influência funesta das condições imorais ou viciosas dos pais”²⁶⁵, ou seja, no que tange às perversões e todos os “*nôsos*”²⁶⁶ (*νόσος*) e *páthos*²⁶⁷ (*πάθος*), presente no quadro dos degenerados de Morel, pode-se defini-las como

[...] um desvio doentio de um tipo primitivo. Este desvio, por mais simples que possamos supô-lo na sua origem, traz em si, todavia, elementos de transmissibilidade de uma tal natureza, que aquele que porta o germe torna-se cada vez mais incapaz de cumprir sua função na humanidade, e o progresso intelectual, já travado na sua pessoa, encontra-se ainda mais ameaçado na dos seus descendentes.²⁶⁸

Portanto, com sua noção de degenerescência, Morel ampliou no discurso psiquiátrico o contexto da anormalidade hereditária dos desvios físicos, mentais e morais, os quais se encontravam todos transpassados pela égide da sexualidade, causa capital de todos os males, que serviu como cifra para a irradiação de mecanismos raciais/racistas de compreensão das anormalidades de comportamento em sociedade; essas sempre alocadas na configuração dos sujeitos marginais, cuja descendência se encarregaria de prover a manutenção das anomalias que os caracterizam, tornando, até que a evolução os tornem estéreis, uma ameaça perene de contaminação desses males por parte dos demais membros do corpo social, por isso a imposição do diagnóstico e da consequente segregação, com ares eugenistas, dos degenerados, como forma de preservação da espécie e do processo civilizatório. Essa perspectiva pode ser evidenciada em muitas das gravuras presentes em sua obra, a exemplo das que apresentamos abaixo, extraídas do *Tratado das degenerescências físicas, intelectuais e morais da espécie humana e das causas que produzem essas variedades doentias*, em que Morel (1857) descreve anomalias comportamentais humanos com base nas proporções cranianas.

²⁶⁴ Morel, 1857/2008, p. 498.

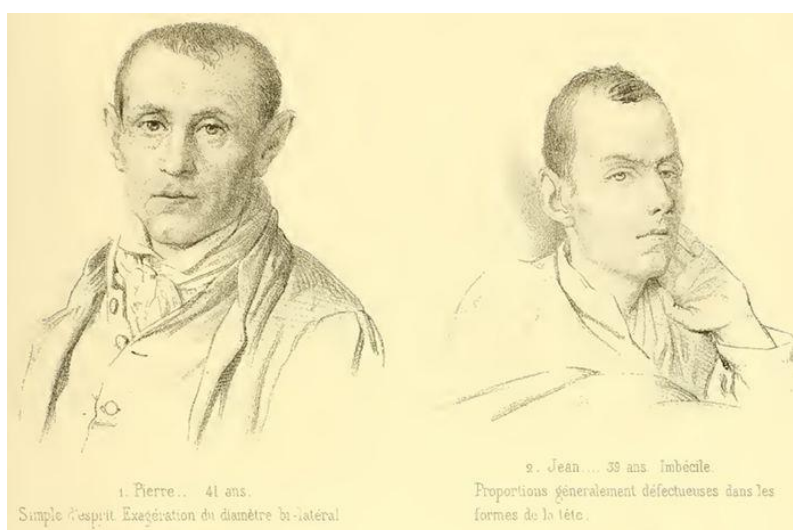
²⁶⁵ Morel, 1857, p. 567 *apud* SERPA JR., Octavio Domont de. O degenerado. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 17, supl. 2, pp. 447-473, dez. 2010, p. 452.

²⁶⁶ Termo usado por Hipócrates para descrever doenças do corpo, bem como, para a filosofia platônica e aristotélica, para representar desvios da harmonia do corpo e/ou da alma.

²⁶⁷ Em uma perspectiva platônica, a exemplo do diálogo *Fédon*, a expressão *páthos* é utilizada para designar desordens emocionais que afastam a alma da verdade e da razão.

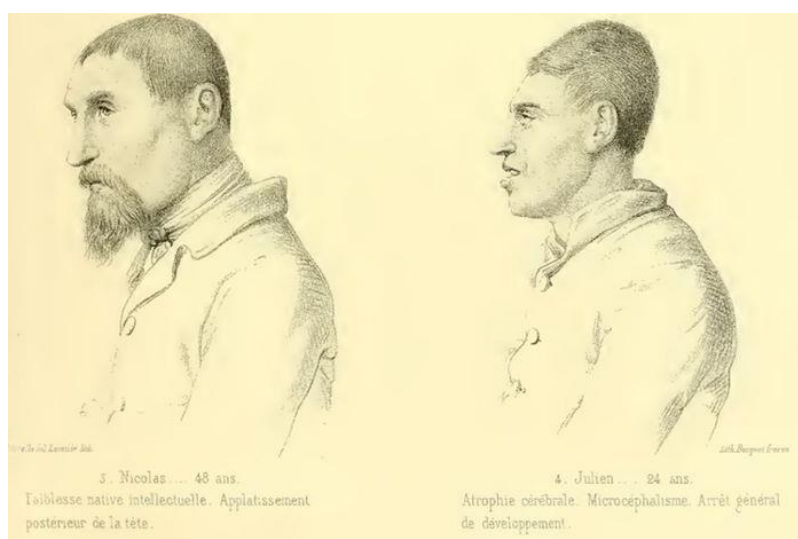
²⁶⁸ Morel, 1857, p. 567 *apud* Serpa Jr., 2010, p. 450.

Figura 13 — Conformations vicieuses de la tête (parte 1)



Fonte: Morel (1857).

Figura 14 — Conformations vicieuses de la tête (parte 2)



Fonte: Morel (1857).

Dentre os discípulos de Morel, o psiquiatra francês Jacques-Joseph-Valentin Magnan (1835-1916) foi o que mais se destacou, dando continuidade aos estudos relacionados às degenerescências mentais, as quais considerava como uma condição hereditária que predispunha os indivíduos a uma variedade de problemas, incluindo alcoolismo, epilepsia, criminalidade, loucura e desordens sexuais, incluídas em uma concepção psiquiátrica que influenciou toda a medicina francesa na segunda metade do século XIX, classificadas como loucuras dos hereditários degenerados. Em seu livro *Les dégénérés: (état mental et syndromes*

épisodiques)²⁶⁹, Magnan (1895) expõe seu pensamento acerca das sexualidades desviantes, as "degenerescências sexuais", dentre elas, a homossexualidade é uma das que mais tem relevo, ao passo que considerava os homossexuais, como "invertidos" e "degenerados", eivados de uma doença hereditária que tinha seu núcleo na genealogia, isto é, sua manifestação em um determinado indivíduo estava relacionada a uma transmissão familiar que o precedia, já descrita por Morel no âmbito das *aliénations héréditaires*²⁷⁰, sujeitos que, dotados de anomalia no instinto sexual, não conseguiriam respeitar o princípio biológico do *Pacte de la reproduction*²⁷¹ ou *Pacte copulateur lui-même*²⁷², duas funções consideradas na observação da saúde mental dos seres humanos, porque a perturbação levaria, segundo a sua interpretação, “[...] pervertido ou aniquilado ou, pelo contrário, exagerado; esta destruição da harmonia que existe entre todos estes fatores e que pré-existente ao cumprimento da função deixará o espaço para as anomalias mais singulares, ao mesmo tempo como o mais variado”²⁷³. Afirma, ainda, que é no campo da sexualidade onde se pode encontrar o maior número de expressões da degenerescência, dada a pluralidade dos desvios a ela atinentes. Segundo averba o autor:

A própria inteligência exhibe as anomalias mais estranhas quando se trata do ato sexual. O indivíduo encontra então a sua excitação habitual, não mais num ser do sexo oposto que escolheu, mas muitas vezes em um ser do seu próprio sexo (inversão da direção genital, pederastia), na associação com animais (bestialidade), de seres inanimados (necrofilia), no uso de coisas inanimadas (avental branco, fita vermelha etc.).²⁷⁴

Aqui se faz importante destacar que tanto homens quanto mulheres estavam contemplados pela insígnia degenerativa, apesar da nítida inclinação dos pesquisadores e manuais da época ao privilegiarem as manifestações no masculino, algo que ocorria, entre outros motivos, como forma de evitar a escandalização da moral feminina, cuja imagem de

²⁶⁹ MAGNAN, Jacques-Joseph-Valentin. *Les dégénérés: (état mental et syndromes épisodiques)*. Paris: Rueff, 1895.

²⁷⁰ Magnan, 1895, p. 11.

²⁷¹ Pacto de Reprodução.

²⁷² Pacto Copulatório.

²⁷³ Tradução nossa do original em francês: “[...] a perverti, ou annihilé on au contraire exagéré; cette destruction de l’harmonie qui existe entre tous ces facteurs et qui préexiste à l’accomplissement de la fonction laissera la place aux anomalies les plus singulières eu même temps que les plus variées” (Magnan, 1895, p. 99).

²⁷⁴ Tradução nossa do original em francês: “L’intelligence elle-même présente les anomalies les plus étranges en ce qui concerne l’acte sexuel. L’individu trouve alors son excitant habituel, non plus dans un être de sexe contraire qu’il a choisi, mais souvent dans un être de son sexe (inversion du sens génital, pédérastie), dans la fréquentation des animaux (bestialité), d’êtres inanimés (nécrophilie), dans l’usage de choses inanimées (tabliers blancs, rubans rouges etc.)” (Magnan, 1895, p. 99).

pureza sexual a sociedade burguesa se esforçava em proteger. Nesse contexto, a literatura, como fotografia da realidade incrustada no seu tempo, incorporou e representou, à sua maneira, o espírito higienista do *fin-de-siècle*, fazendo com que muitas das mais distintas narrativas do período trouxessem elementos evidentes do discurso da degenerescência mental, o qual tocava, sobretudo, nos desafios ao pudor, à moral e ao equilíbrio sexual e mental, onde as mulheres figuravam como objetos indefesos e merecedoras de total proteção contra as ameaças estrangeiras e da degenerescência por elas trazidas, caso de um dos maiores clássicos escritos na passagem dos séculos XIX e XX, *Drácula*²⁷⁵, do romancista anglo-irlandês Bram Stoker (1847-1912), publicado em 1897, cujo drama nos conta o ingresso de um misterioso nobre na sociedade inglesa, a partir do qual invoca a ação de aristocratas vitorianos ingleses a atuarem com vistas a eliminá-lo, bem como todos os seus servos, que são contaminados pela sua mordida e passam a agir de igual maneira ao seu senhorio, ou seja, expressam os mesmos comportamentos degenerados.

Em *Drácula*, nota-se que o discurso higienista está incluso na narrativa fantástica, em especial, no temor do aliciamento feminino, haja vista que as mulheres são as vítimas preferenciais da criatura, por serem facilmente seduzidas pelo seu encanto. A maneira com que alguns personagens o qualificam também denota o caráter degenerativo/higienista que a sociedade inglesa da época vivenciava, por exemplo, quando a personagem Mina Murray afirma que o “Conde é um criminoso e tem a natureza de um criminoso [...]. Nordau²⁷⁶ e Lombroso²⁷⁷ haveriam de classificá-lo assim, e, *quã* criminoso, a formação da sua mente é imperfeita”²⁷⁸. Adiante, Mina acrescenta: “[...] como ele é criminoso, é egoísta; seu intelecto é pequeno e sua ação é baseada somente em seus interesses; ele se restringe a um único objetivo. Nesse objetivo, não há espaço para remorso”²⁷⁹. A esse respeito, Gruner e Silva (2015) ponderam ser axiomática a apropriação de elementos típicos da criminologia e da degenerescência como meios de configuração e caracterização do personagem de Stoker, “um decrepito aristocrata estrangeiro que se esgueira entre as ruas enevoadas de Londres,

²⁷⁵ STOKER, Bram (1897). *Drácula*. Tradução Adriana Lisboa. [edição especial]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. (Saraiva de Bolso)

²⁷⁶ Max Nordau (1849-1923) foi um médico, escritor e ativista sionista húngaro, célebre pela publicação, entre outros, do livro *Degeneração*, de 1892, no qual argumenta que a sociedade moderna estava em declínio devido à proliferação de indivíduos “degenerados”.

²⁷⁷ Cesare Lombroso (1835-1909) foi um médico, psiquiatra, criminologista e antropólogo italiano, a quem se atribui a instituição da antropologia criminal, que postulava a existência da criminalidade congênita, segundo o qual um indivíduo predisposto ao crime carregaria características físicas e mentais hereditárias.

²⁷⁸ Stoker, 1897/2011, p. 440.

²⁷⁹ *Ibidem*, p. 441.

evidencia a aproximação do discurso ficcional e das práticas científicas pautados nos saberes médicos vigentes”²⁸⁰. A forma como os ingleses presentes na narrativa vampiresca deixa inequívoco como esses discursos dão consistência não apenas ao pensamento médico vigente, mas também o juízo burguês em torno de uma hostilidade social ao diferente, fosse ele pátrio ou estrangeiro. Quanto a isso, uma passagem em que o jovem advogado Jonathan Harker, recém-qualificado de Exeter²⁸¹ e um dos principais protagonistas da narrativa, viaja para a Transilvânia para encontrar o Conde e finalizar a transação da compra de algumas propriedades no território inglês e contextua seu encontro com três mulheres residentes no castelo de Drácula, notabilizando os feitiços que congregava, ao mesmo tempo, um tom sombrio e animalesco, mas também sugestionava sedução. No diário de Jonathan Harker, o advogado comenta, em detalhes, suas impressões e sensações ao se encontrar diante daquelas mulheres:

Todas as três tinham dentes brancos e brilhantes que cintilavam como pérolas contra o fundo cor de rubi de seus lábios voluptuosos. Havia algo nelas que me causavam desconforto, desejo e ao mesmo tempo um terrível temor. Senti em meu íntimo um desejo ardente e depravado de que elas me beijassem com aqueles lábios vermelhos. [...] A loira aproximou-se e se curvou sobre mim, até que fui capaz de sentir sua respiração. O hálito era doce, num certo sentido; doce como mel, e causava em meus nervos a mesma sensação que suas risadas. Havia algo de amargo sob o aroma doce, porém, e um tanto repugnante, com o cheiro do sangue. Havia uma voluptuosidade deliberada que era ao mesmo tempo excitante e repulsiva [...].²⁸²

Outra obra que foi capaz de lapidar o espírito inquieto do período higienista foi a analogamente polêmica *Madame Bovary*²⁸³, do escritor francês Gustave Flaubert (1821-1880). Publicada pela primeira vez entre 1º de outubro e 15 de dezembro de 1856, no formato folhetim, na revista *Revue de Paris*, o romance causou um considerável desconforto na sociedade, isso se deve ao fato de que a sua protagonista, Emma Rouault (nome de solteira), trouxe à tona alguns aspectos considerados inapropriados aos costumes sociais, a saber, os desejos e a sexualidade feminina. Emma, cuja criação se deu aos moldes conservadores, casa-se com o, até então, oficial de saúde, futuro médico, Charles Bovary, com quem almejava uma vida similar àquela das novelas que costumava ler, as quais a livravam da monotonia da

²⁸⁰ GRUNER, Clóvis; SILVA, Evander Ruthieri S. da. História e Literatura: monstruosidades femininas, degenerescência e ansiedades modernas em *Drácula* (1897), de Bram Stoker. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 19, n. 2, pp. 183-193, maio/ago. 2015, p. 185-186.

²⁸¹ Exeter é uma cidade histórica situada no sudoeste da Inglaterra, capital do condado de Devon.

²⁸² Stoker, 1897/2011, p. 54-55.

²⁸³ FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. Tradução Araújo Nabuco. — São Paulo: Abril Cultural, 1981.

vida provinciana, porém o casamento lhe apresenta um contexto de falta de paixão, o que a decepciona grandemente. Embora casada e mãe, Emma ainda ansiava por um amor grandioso e emocionante, o qual surge na narrativa através de relações extraconjugais, um deles é Rodolphe, um rico e galanteador fazendeiro, que reacende as aspirações românticas de Emma, mas cuja relação acaba em abandono, o que a torna ainda mais insatisfeita com a vida que possui. Emma também se envolve com Léon, um jovem escrivão, por quem contrai inúmeras dívidas graças a presentes dados como demonstração de seu afeto, mas o relacionamento também perde o fôlego com o passar do tempo e se desfaz. Perante a constatação da ruína de suas relações paralelas e de seu casamento com um homem que não amava, e incapaz de enfrentar a realidade que não lhe permitiu a consumação dos seus desejos, Emma toma arsênico e morre tragicamente. Fragilizado com a descoberta da traição da sua esposa e as dívidas deixadas por ela, Charles sucumbe à dor e morre em seguida.

Ainda na versão em folhetim, *Madame Bovary* custou a Gustave Flaubert e ao diretor da revista *Revue de Paris*, Laurent Pichat, um processo por ofensa à moral e à religião, supostamente pela narrativa incentivar a imoralidade e apologia ao adultério, do qual Flaubert foi absolvido em fevereiro de 1857, mas cujo escândalo contribuiu significativamente para catapultar o romance no cenário literário europeu e, posteriormente, mundial. A recepção pública a obras como *Drácula* e *Madame Bovary* sintetizam bem como o desejo feminino que desvia da “normalidade civilizatória” promove um sentimento de desassossego, sobretudo nos homens, já que essas ficções instituem personagens femininas que possuem a capacidade de contornar as leis e vivenciar seus desejos, mesmo que de forma claudicante, sinalizando com exatidão como tais mulheres simbolizam a capacidade do feminino de exaurir e destruir os homens, seja devorando-os ou nulificando-os pelo desejo feminino²⁸⁴, cenário esse que contribui para o entendimento médico e jurídico do período em relação ao comportamento dos entes sociais, não apenas no que concerne à criminalidade, mas também à sexualidade, ambas dimensões da degenerescência humana.

Outro personagem que obteve grande destaque nos anos finais do século XIX foi o psiquiatra e neurologista alemão, naturalizado austríaco, Richard von Krafft-Ebing (1840-1902), considerado por muitos como um dos mais importantes pioneiros nos estudos modernos sobre a sexualidade humana, cujos estudos contribuíram para a disseminação da visão degenerativa comportamental de seus antecessores e contemporâneos atrelada aos

²⁸⁴ FELSKI, Rita. *O Gênero da Modernidade*. Tradução Maria Lúcia Santaella Braga. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

vários fenômenos sexuais, sobretudo a partir do lançamento da aclamada obra *Psychopathia Sexualis*²⁸⁵, publicada originalmente em 1886, uma enciclopédia de tipos e casos que veio a se tornar um dos primeiros livros de medicina a catalogar, classificar e descrever as manifestações sexuais desviantes, denominadas como perversões. A obra causou tanto impacto no meio científico e cultural, que foi referenciada por inúmeros estudiosos, em especial da sexologia, ou “ciência do sexual”, da qual Krafft-Ebing é considerado um dos pais fundadores, ao lado de Albert Moll (1862-1939), autor de *Libido Sexualis*, de 1897, e de Havelock Ellis (1859-1939), autor de Estudos de psicologia sexual, também de 1897. Michel Foucault (1988), no primeiro volume da sua *História da Sexualidade*, especificamente no capítulo “*Scientia sexualis*”, faz uma objetiva menção à obra do sexólogo, ao discorrer sobre como a sua enciclopédia fez parte do movimento histórico que tornou o sexo um objeto do discurso médico corrente, atribuindo-lhe a possibilidade de servir como meio para se alcançar uma verdade velada no indivíduo. Sem abdicar da crítica merecida, o filósofo francês inscreve Krafft-Ebing no escopo histórico em que o confessionário não se restringia mais ao domínio da Igreja Romana, mas também ao consultório médico, local em que o interesse confessional não estava centrado somente no

[...] dizer o que foi feito - o ato sexual - e como; mas de reconstituir nele e a seu redor, os pensamentos e as obsessões que o acompanham, as imagens, os desejos, as modulações e a qualidade do prazer que o contém. Pela primeira vez, sem dúvida, uma sociedade se inclinou a solicitar e a ouvir a própria confiança dos prazeres individuais. [...] Estabeleceram o herbário, instauraram a classificação desses prazeres; descreveram tanto as deficiências cotidianas quanto as estranhezas ou as exasperações.²⁸⁶

No prefácio da sua obra mais celebrada, o sexólogo instrui que a intenção é proceder com uma investigação científica dos “sintomas psicopatológicos da vida sexual, de conduzi-los a sua origem e deduzir as leis de seu desenvolvimento e de suas causas”²⁸⁷. Os cento e vinte e sete casos contemplados na primeira edição, cujo número aumentou nas edições seguintes²⁸⁸, estavam englobados em grupos distintos, agregados mediante a sintomatologia

²⁸⁵ KRAFFT-EBING, Richard von (1886). *Psychopathia Sexualis*: as histórias de casos. Tradução Claudia Berliner. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

²⁸⁶ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I*: a vontade de saber. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 63.

²⁸⁷ KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia Sexualis*: Contrary Sexual Instinct; a medico legal study. London: The F.A. Davis Company London: F.J. Rebman., Publishers, 1894, p. VI.

²⁸⁸ Na última edição, de número 12, de 1903, *Psychopathia Sexualis* contava com 238 casos catalogados e descritos, em sua maioria por Alfred Fuchs e Albert Moll, amigos de Krafft-Ebing, os quais foram os responsáveis pela continuação das edições após o seu falecimento.

que melhor as definia, totalizadas no escopo das neuroses cerebrais. São elas: *Paradoxia* — “isto é, excitação que ocorre independentemente do período dos processos fisiológicos dos órgãos de reprodução”²⁸⁹; ou seja, fora da idade que se acreditava corretas para o início e declínio das funções sexuais, onde o início se daria por volta da puberdade e o final na velhice, entendimento esse desacreditado posteriormente por teorias como a psicanálise, que demonstrou que a sexualidade não está vinculada aos órgãos genitais; *Anestesia* — antônima à anterior, corresponde à ausência de instinto sexual, de impulsos orgânicos e de estímulos proporcionados pelos sentidos visual, olfativo e auditivo em um período da vida em que tais componentes deveriam exercer suas funções a plenamente, reservando-se, como mencionados acima, apenas à infância e à velhice²⁹⁰; *Hiperestesia* — em que os desejos sexuais e os estímulos orgânicos se apresentam de maneira exacerbada, caracterizando-se nos homens por meio da satíriase e das mulheres mediante a ninfomania. Segundo Krafft-Ebing, “A mulher ninfomaniaca procura homens por exposição, ou para atraí-los pela sua conduta sensual; ao ver os homens, ela fica intensamente excitada sexualmente e se satisfaz com a masturbação, ou por movimentos pélvicos de coito”²⁹¹. Diferentemente dos homens, onde a satíriase²⁹² era percebida com menor frequência, o sexólogo argumenta que a ninfomania

[...] é observada com mais frequência, e não raramente no climatério [período de transição para a menopausa]. Pode ocorrer na senilidade. A abstinência, com excitação constante da esfera sexual como resultado de irritação psíquica ou periférica (prurido vulvar, oxiúros etc.), pode causar essas condições, mas provavelmente apenas nas predispostas.²⁹³

A noção de perversão, tal como se entendia durante a passagem do século XIX para o século XX, estava abarcada no quarto grupo, o das *Parestesias* — formado pelas

²⁸⁹ Krafft-Ebing, 1886/2000, p. 6.

²⁹⁰ *Ibidem*, p. 6.

²⁹¹ Tradução nossa do original em inglês: “*The nymphomaniacal woman seeks men by exhibition, or to attract them by her sensual conduct; at the sight of men she is intensely excited sexually, and satisfies herself by masturbation, or by pelvic movements of coitus*” (Krafft-Ebing, 1894, p. 373-374).

²⁹² A satíriase faz referência aos sátiros, criaturas mitológicas masculinas frequentemente representadas como hídracos de homem e cabra, os quais acompanhavam Dionísio, divindade do vinho e da fertilidade, associação que os levava a serem conhecidos por seu comportamento lascivo, luxurioso, brincalhão. Ao trazer a figura do sátiro para alimentar seu conceito, Krafft-Ebing atrelar o teor compulsivo do fenômeno sexual já que, para ele, tratava-se de aumento mórbido do desejo sexual no homem, que se manifesta em uma excitação persistente e incontrolável, com ereção frequente, e em um desejo sexual incontrolável e violento, que se torna o foco exclusivo de toda a atenção e atividade mental do indivíduo, levando-o a atos impulsivos e inapropriados.

²⁹³ Tradução nossa do original em inglês: “*Nymphomania is more frequently observed, and not seldom in the climacteric. It may occur in senility. Abstinence, with constant excitation of the sexual sphere as a result of psychical or peripheral irritation (pruritus pudendi, oxyuris etc.), may cause these conditions, but probably only in those predisposed*” (Krafft-Ebing, 1894, p. 374).

manifestações que pervertiam o “instinto sexual, isto é, excitabilidade das funções sexuais por estímulos inadequados”²⁹⁴. Aqui se apresenta um horizonte em que é possível verificar quão generalista era a visão médica daquele período, já que estavam inclusas nesse extrato tanto os casos em que o desvio sexual se delimitava à escolha do objeto, caso dos homossexuais, conhecidos como *invertidos* naquele momento, (onde um indivíduo de quem procede a atração sexual é do mesmo sexo), como os desvio sexuais conhecidos como parafilias, ou seja, atos a que a pulsão conduz, cuja atuação normalmente estava nuclearizada em objeto e objetivo sexuais incapazes de corresponder como membro participante da relação, onde se encontram presentes toda uma gama de configurações, em sua maioria, alinhadas a uma psicopatologia sexual propriamente dita, como a pedofilia, zoofilia, necrofilia etc., o que reforçou o estigma de que todos esses personagens sociais comportavam um adoecimento mental, daí a preocupação de Krafft-Ebing em incluir a sua obra aos manuais técnicos de criminologia, influenciando, sobremaneira, o modo como certos indivíduos e comportamentos eram entendidos e julgados, alguns não como criminosos, mas como doentes. Nesses moldes, seu nome e sua obra se tornaram um marco do pensamento médico-jurídico-higienista que predominou nas duas últimas décadas do século XIX e boa parte das décadas iniciais do século seguinte. Acerca disso, Grieco (2009)²⁹⁵ argumenta que, como os crimes sexuais estavam ganhando destaque no seio social, portanto, necessitavam de uma ação com vistas a entendê-las e controlá-las, surgiu também a necessidade da imposição de “[...] restrições sociais que visam conter as práticas sexuais dentro dos limites estabelecidos pelas convenções e pelas leis”²⁹⁶.

Para Krafft-Ebing, as perversões poderiam ser interpretadas de uma forma bastante simples, pois seriam, por definição, o conjunto de comportamentos que causariam repulsa, indignação e nojo em pessoas biológica e psiquicamente saudáveis. Nos perversos, haveria uma anástrofe, em que essas afecções, desvios, excitações descontroladas estariam a serviço do seu prazer, o que perverteria aquela que, para a medicina da época, seria, por excelência, a baliza comportamental do ser humano: a função biológica. Em outras palavras, os perversos atuariam contra a natureza humana, já que sua conduta sexual não estava sob a égide da função procriadora e mantenedora da civilização, dessa forma, “Com a oportunidade para a

²⁹⁴ Krafft-Ebing, 1886/2000, p. 7.

²⁹⁵ GRIECO, Sara. Corpo e sexualidade na Europa do Antigo Regime. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do Corpo: da Renascença às Luzes*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009, p. 217-301.

²⁹⁶ Grieco, 2009, p. 217.

satisfação natural do instinto sexual, toda expressão dele que não corresponda ao propósito da natureza — a propagação — deve ser considerada perversa”²⁹⁷.

Em sua enciclopédia sexual, Krafft-Ebing agrupa as perversões através de quatro mantos distintos, os quais influenciariam não apenas a perspectiva corrente em torno dessas manifestações desviantes, mas para além da sexologia, como mostraremos mais à frente. O primeiro é o *sadismo*, que se caracteriza, segundo o autor, pela “associação de volúpia e crueldade, indicada na consciência fisiológica, torna-se fortemente marcada por uma base psiquicamente degenerada, e esse impulso voluptuoso combinado com representações de crueldade aumenta até se transformar em poderosos afetos”²⁹⁸. O termo foi cunhado como uma referência a uma das figuras mais controversas da história, o filósofo e aristocrata francês Donatien Alphonse François de Sade, mais conhecido como Marquês de Sade, cujos escritos literários-filosóficos, dentre eles os clássicos *Justine ou os Infortúnios da Virtude*, *Juliette ou a Prosperidade do Vício* e *Os 120 Dias de Sodoma*, os quais apologizam o ideal libertino, calcado na prática da violência, da crueldade e da humilhação alheia, tornaram-lhe sinônimo de devassidão e da obtenção de prazer mediando o sofrimento de outrem. Entre os poucos casos de perversão feminina catalogados por Krafft-Ebing, dois nos parecem merecedores de registro, pois desmentem o estigma dócil do feminino e agressivo do masculino, o qual discorreremos de maneira mais extensiva mais adiante. O primeiro caso é o de número 48, referente a um homem casado, cujo nome não foi descrito, que

[...] apresentou-se com várias cicatrizes de cortes nos braços. Segundo seu relato, a origem destes era a seguinte: quando desejava aproximar-se sexualmente da esposa, que era jovem e algo ‘nervosa’, primeiro tinha de fazer cortes no próprio braço. Então ela sugava a ferida e durante o ato ficava violentamente excitada.²⁹⁹

O segundo caso é o de número 49, onde faz menção à Sra. H., de vinte e seis anos, que não possuía registros de anomalias sexuais pregressos em sua família. Segundo sua descrição, “Ao beijar o marido, extraía forte prazer em mordê-lo. Sua maior satisfação ocorria quando o sangue fluía. Também ficava feliz quando, em vez do coito, ela e o marido mordiam-se mutuamente”³⁰⁰.

A contraparte do sadismo, ficou por conta do *masoquismo*, para quem o prazer ganha contornos significativos unicamente graças a culminância de “atos temerários de violência

²⁹⁷ Krafft-Ebing, 1886/2000, p. 53.

²⁹⁸ *Ibidem*, p. 7.

²⁹⁹ *Ibidem*, p. 48.

³⁰⁰ *Ibidem*, p. 49.

sofridos nas mãos do parceiro”³⁰¹. Historicamente, as primeiras considerações da medicina sobre o tema têm seu lastro ainda no século XVII, por intermédio do médico historiador e filólogo alemão, Johann Heinrich Meibom (1590-1655), que teceu algumas observações quanto ao uso da flagelação como ferramenta terapêutica e como elemento de auxílio à prática sexual. Em conformidade com o entendimento de Meibom, percebia-se que em determinados atos de flagelação existiria um ligame entre o teor doloroso infligido a si mesmo e uma excitação decorrente, indicando uma possível conexão entre as partes do corpo eleitas para a flagelação e os órgãos genitais, via sistema nervoso, o que culminaria na ejaculação como forma de expressão do excesso de estímulo. Em uma passagem do seu livro *De flagrorumusu in reueneria*, o médico alemão ainda foi capaz de perceber o fio que interligava as dores provocadas contra si mesmo e contra o outro, afirmando que “se essas pessoas ficarem esgotadas fisicamente a tal ponto de não poderem mais infligir torturas em si mesmas, a fim de satisfazerem seus desejos vergonhosos não poderiam, também para agradarem a si mesmas, infligir o mesmo tratamento para os outros?”³⁰².

Após a leitura dos vários textos escritos por Meibom, Krafft-Ebing ficou inclinado a denominar de *flagelomania* o fenômeno perverso que vinha investigando em sua clínica, o qual também era caracterizado pelo mesmo sentimento de bem-estar compreendido no texto do seu compatriota, no entanto, devido ao perfil muito restrito do termo, optou por outro que abarcasse uma dimensão mais ampla de arranjos, alcançado por meio da terminologia masoquismo. Por sua vez, o termo foi constituído mediante a referência de um nome atrelado à sintomatologia masoquista, no caso o escritor austríaco Leopold von Sacher-Masoch (1836-1895), que ganhou notoriedade por meio de suas personagens fortemente marcadas pela necessidade da obtenção de prazer através da dor e da humilhação proporcionados por aqueles a quem amavam, ou seja, tratava de uma experiência de excitação que aglutinava sofrimento físico e psicológico, o que resultaria no “par perverso perfeito”, ao passo em que o sadismo configurar-se-ia sob a forma de uma degeneração ativa contumaz, onde a excitação sexual plena só se obtém no cenário da flagelação e da humilhação de outra pessoa, o masoquismo situar-se-ia no campo da degeneração passiva, na qual ser ferido e ser humilhado desempenharia a função de condutores do estímulo sexual. Diferentemente de Sade, cuja crítica o retrata como sendo tão sádico quanto seus personagens, o que posteriormente se

³⁰¹ Krafft-Ebing, 1886/2000, p. 7-8.

³⁰² Meibom, 1665, p. 75 *apud* SIMIÃO, Anna Rita Maciel. Extrato de Estudo em História da Psicologia: o Masoquismo na Psychopathia Sexualis de Krafft-Ebing. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v. 14, p. 1-16, 2023, p. 5.

comprovou um erro interpretativo da sua história, Sacher-Masoch fazia questão de se colocar como fonte inspiradora de suas próprias obras, asseverando que,

[...] todos os meus romances, quando não tratam de um assunto histórico, nasceram de minha vida, banharam-se no sangue do meu coração [...] em cada uma de minhas narrativas há um nervo que é meu, há motivos que são extraídos de minha vida. Mesmo quando a fábula é inteiramente inventada [...]. Na minha obra a pintura é sempre propriedade do poeta, mas a tela em que nasceu assim como sua impressão pertence à minha pessoa, à minha vida. [...] houve uma época em que a pálida Olga deitava ternamente em meu peito a cabeça cansada da vida e uma outra época em que, realmente, fui o escravo de uma mulher bela e cruel.³⁰³

Uma obra eleita como representante maior do masoquismo é a famigerada *Vênus das Peles*, cuja infiltração polemista nos meios literários foi a grande responsável por alçar o nome de Sacher-Masoch ao cenário literário, bem como atrelá-lo à manifestação concebida por Krafft-Ebing. Na narrativa em questão, temos dois arcos centrais. O primeiro é ambientado na Galícia do século XVII e conta a história de Severin, que se apaixona por Wanda, uma bela condessa. Wanda é uma mulher forte e independente, e ela rejeita os avanços de Severin, que, obcecado por ela, dispõe-se a se tornar seu escravo sexual. O segundo ocorre na Viena do século XIX e conta a história de Severin, que agora é um escritor famoso. Ele conhece uma jovem chamada Wanda, que é a reencarnação de sua amante do século XVII. Severin se apaixona por ela novamente, e eles embarcam em um relacionamento sadomasoquista. Nesse ponto, é importante destacar que, embora obras como *Justine ou os Infortúnios da Virtude*, do Marquês de Sade, estejam associadas ao sadismo, assim como *Vênus das Peles* está para o masoquismo, em ambos os casos, mas também em outras de suas obras, é intrínseca a presença das duas manifestações, algo que foi percebido e exposto em um comentário crítico à obra de Krafft-Ebing, feita por Deleuze (2009)³⁰⁴, na qual afirma que, embora não tenha atentado mais profundamente, também

[...] há uma espécie de masoquismo nos personagens de Sade: em Os 120 de Sodoma, são descritos suplícios e humilhações que os libertinos infligem a si próprios. O sádico gosta tanto de ser chicoteado quanto de chicotear; Saint-Fond, em Juliette, é atacado e flagelado por homens que ele próprio encarregara disso, e Borghèse vocifera: ‘Eu bem queria que meus caminhos me levassem, como se fosse a última das criaturas, ao destino que merece o abandono; inclusive o cadafalso seria para mim o trono das volúpias’. De maneira inversa, há uma espécie de sadismo no masoquismo: no final das suas provações, Severin, o herói de A Vênus das Peles, se

³⁰³ Sacher-Masoch, 1879 *apud* MICHEL, Bernard. *Sacher-Masoch (1836-1895)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992, p. 8.

³⁰⁴ DELEUZE, Gilles. *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

diz curado; ele chicoteia e tortura as mulheres, e se quer “martelo” em vez de “bigorna”.³⁰⁵

No que tange às mulheres, havia uma distinção inequívoca na forma de interpretação das manifestações da perversão. Conforme já apontamos anterior, havia certa dificuldade, própria da época e dos costumes, em torno da investigação dos casos femininos, em especial porque existia sobre elas um manto de proteção que dava substância para um discurso em que as mulheres, frágeis e inocentes por natureza, eram, acima de tudo, alvos da corrupção sexual masculina, o que as alçava ao ponto de merecedoras de proteção social, uma visão bem diferente daquela que sedimentava o entendimento do feminino no medievo. A obra de Krafft-Ebing, assim como as de seus antecessores e contemporâneos, notabilizam como entender as manifestações sexuais femininas nunca constituiu uma tarefa pacífica de investigações das ciências da sexualidade e da mente. Devido a essa visão social e clínica, poucos casos de mulheres com sintomatologia perversa eram observados na clínica do século XX, ainda assim, acreditava-se que a maioria dos eventos dessa ordem estavam relacionados ao masoquismo, uma vez que o entendimento da época era que a psicologia das mulheres estava mais propensa à posição passiva, o que as impediria de cometer atos de crueldade. Em outras palavras, o sexólogo defendia que, do ponto de vista psicopatológico, a perversão feminina estaria diametralmente canalizada para uma disposição masoquista, isso porque, segundo sua perspectiva, as mulheres possuíam um psiquismo voltado a imagem de dominação e abuso masculinos. Em um dos casos narrados acerca do masoquismo, revela-nos a situação da paciente Srta. X., de 21 anos, repleta de casos de adoecimento na família, dentre os quais a morfínomania por parte da mãe, já falecida, e do pai, ainda vivo. O irmão também era descrito como *sadomasoquista*, que tinha o desejo de “ser surrado com uma bengala por senhoras nobres e orgulhosas”³⁰⁶. Srta. X., desde muito nova, fantasiava em ser açoitada, deliciando-se com a ideia de ser severamente punida com uma vara de junco, tanto que a “[...] mera menção das palavras ‘vara de junco’ e ‘acoitar’ causavam-lhe intensa excitação”³⁰⁷. Segundo lhe contou a própria paciente, o desejo de ser punida dessa forma surgiu certa vez em que, aos cinco anos, um amigo do seu pai a colocou sobre as pernas, de brincadeira, e fingiu bater nela.

³⁰⁵ Deleuze, 2009, p. 39.

³⁰⁶ Krafft-Ebing, 1886/2000, p. 89.

³⁰⁷ *Ibidem*.

É também nesse esteio da passividade das mulheres que advém a perspectiva de que os homossexuais seriam sujeitos pendentes ao feminino, mas sob a forma de um masoquismo diferente, já que, quando se trata de heterossexuais, o alvo de sua escolha objetal para proporcionar-lhes dor e humilhação seria um indivíduo do sexo oposto, haja vista que essa escolha o direcionaria a alguém do mesmo sexo. Percebe-se, no entanto, que esse parecer não se aplicava em igualdade quando comparados os sexos, pois ao mesmo tempo em que se consideravam os invertidos do sexo masculino iguais as mulheres no que diz respeito à

[...] posição (“passiva”) de eventual receptor do pênis. Logo, são vistos como “efeminados”, deixando de fazer parte do universo viril. Por isso, o estereótipo de que todos os homossexuais masculinos são “mulherzinhas”, “desmunhecados” e/ou “marica”. De outro lado, as mulheres homossexuais são [...], em sendo homo, supostamente deixam de cumprir sua função de “fêmea” reprodutora dos filhos “de um macho”, e não são aceitas no universo viril, ainda que emasculadas, pois não possuem o pênis.³⁰⁸

É interessante observar também que, em suas vagas e limitantes ponderações sobre a sexualidade feminina, Krafft-Ebing julgava as mulheres e a sua “passividade” muito mais como instrumentos do que merecedoras de atenção ativa, refletindo-se no modo como se reputava o corpo feminino no período em que a sua obra influenciou as narrativas médica, jurídica e social, levando-nos a meditar como sua obra desempenhava um espelho pré-psicanalítico em torno do como o feminino servia apenas como instrumento, quase nunca como agente, da satisfação do desejo masculino, em um contexto histórico no qual as mulheres “não tinham nenhuma experiência ou entendimento de sexo — muito menos de parafilias —, forçadas pela sociedade a permanecerem casadas com maridos estranhos, frios e perversos”³⁰⁹. Não raro, as mulheres eram utilizadas por médicos da época como ferramentas de “prova, controle e cura” de vários dos desvios sexuais catalogados, a exemplo da homossexualidade³¹⁰, o fetichismo, o sadismo etc., independentemente da classe social em que elas estavam integradas, uma vez que, “Se fossem da mesma classe social que o paciente, as mulheres eram condenadas a “curar” [...] pelo simples fato de serem uma força social que

³⁰⁸ TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Homofobia e sua relação com as práticas “psi”. In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 6ª REGIÃO. *Psicologia e diversidade sexual*. São Paulo: CRPSP, 2011, p. 52.

³⁰⁹ SELLERS, Terence. Introdução. In: KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia Sexualis: as histórias de casos*. Tradução de Claudia Berliner. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. XIV.

³¹⁰ Antes de meados do século XIX, a terminologia empregada era homossexualismo, o que viria a mudar em 1869, graças ao jornalista, escritor, tradutor e ativista dos direitos homossexuais austro-húngaro Karl Maria Kertbeny (1824-1882), responsável por cunhar o termo homossexualidade em sua luta contra a criminalização dos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo.

levava à normalidade”³¹¹, ao passo que “Se fossem de classes *inferiores*, essas mulheres — descritas pelo doutor como “de caráter baixo”, “más”, “de natureza moral degradada” — também recebiam a tarefa de curar”³¹², por isso que pacientes eram costumeiramente encaminhados para prostíbulos ou ao serviço de acompanhantes aptas para a função, comprovando um registro apontado por muitos historiadores, o de que os prostíbulos, por correlato à prostituição, tinham uma função social muito maior e mais benéfica que se supunha os olhares conservadores. No Brasil, por exemplo, Soares (1992)³¹³ afirma que o avanço alarmante na identificação dos casos de pederastia, uranismo e homossexualidade, durante o século XIX, levou a necessidade da “importação das primeiras meretrizes *“ilhoas”*”³¹⁴ *foi a necessidade de conter, naquela época, o crescimento assustador da “aluviação de uranistas”, que se propagou principalmente no “baixo comércio”, ocupado majoritariamente por caixeiros de origem portuguesa*”³¹⁵. Ou seja, a utilização bem-sucedida de prostitutas no tratamento de perversões sexuais “era para esses homens [médicos] um tipo de padrão normativo, [pois] provava que um comportamento sexual ‘normal’ era possível para eles”³¹⁶.

Essa função, ampliando o horizonte de observação e guardadas as devidas proposições e usos, passou a ser exercida, para o bem ou para o mal, também pela pornografia digital no contexto contemporâneo, a qual é capaz tanto de robustecer determinadas fantasias e/ou padrões de desejos daqueles que a consomem, como também agindo como narrativa latente ao verdadeiro “drama”, o desejo sexual propriamente dito, permitindo àqueles cuja sexualidade viola os pressupostos sociais, manterem desejos, padrões e comportamentos no nível da encenação, permitindo-lhes a satisfação parcial por meio da excitação.

O *terceiro* quadro das perversões proposto por Krafft-Ebing foi o do fetichismo. Embora lhe seja atribuído as considerações mais importantes dentro dos estudos da sexualidade e da psicopatologia, o primeiro emprego do radical não foi conferido a nenhum desses âmbitos, tratando-se de uma transformação para o francês do termo português *fetisso*,

³¹¹ Antes de meados do século XIX, a terminologia empregada era homossexualismo, o que viria a mudar em 1869, graças ao jornalista, escritor, tradutor e ativista dos direitos homossexuais austro-húngaro Karl Maria Kertbeny (1824-1882), responsável por cunhar o termo homossexualidade em sua luta contra a criminalização dos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo.

³¹² Sellers, 2000, p. XIV.

³¹³ SOARES, Luiz Carlos. *Rameiras, ilhoas, polacas...: A prostituição no Rio de Janeiro do século XIX*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

³¹⁴ “Ilhoas” foi um termo utilizado para se referir às prostitutas oriundas das ilhas portuguesas.

³¹⁵ Soares, 1992, p. 70, grifo do autor.

³¹⁶ Sellers, 2000, p. XV.

uma forma obsoleta do termo feitiço, que foi registrada pela primeira vez por intermédio de relatos de marinheiros portugueses que transitaram na costa africana durante o período das Grandes Navegações, os quais se referiam a um tipo de cerimônia “realizada pelos africanos para a adoração aos *fetissos*, ou seja, objetos feitos à mão pelos líderes religiosos das tribos, os *fetisseros*”³¹⁷. O termo fetichismo viria a ser usado pela primeira vez em meados do século XVIII, quando o estudioso francês Charles De Brosses (1709-1777), ao proceder uma investigação comparativa entre o culto africano dos fetiches e a religião do Egito Antigo, atribuiu a esses rituais o nome de fetichismo, que corresponderia a um processo de adoração a um objeto cuja materialidade comportaria uma divindade, inclusive dotado de poderes sobre-humanos, entendida por De Brosses como na manifestação arcaica do que posteriormente se chamaria de religião, ou seja, “fetiches divinos nada mais são que o primeiro objeto material que cada nação ou cada tribo particular tem o prazer de escolher e de consagrar em uma cerimônia por intermédio de seus sacerdotes”³¹⁸. Antes da apropriação da nomenclatura pela sexologia, foi matéria de pesquisa do psicólogo francês Alfred Binet (1857-1911), prolífico estudioso da inteligência, desenvolvedor daquele que é considerado o primeiro teste de inteligência bem-sucedido, a Escala Binet-Simon³¹⁹. Além do trabalho *Le fétichisme dans l'amour*, de 1888, onde discorre sobre a relação do fetiche nas relações amorosas, creditando que o fetichismo amoroso teria a mesma configuração do homônimo religioso, já que “um objeto físico dotado de poder especial e que passa a ser objeto de adoração”³²⁰, Binet também articulou sobre a relação fetichismo e inteligência, em que, por considerar o fetichismo como uma perversão sexual, sublinhou que os fetichistas eram indivíduos marcados por uma regressão no aspecto cognitivo, pressupondo que esse fenômeno teria uma incidência muito maior em pessoas com níveis de inteligência abaixo do que se espera.

Por sua vez, Krafft-Ebing recupera o termo e a simbologia em torno do culto a um objeto tanto para nomear como para dar contornos ao adoecimento fetichista, descrevendo-o como um investimento de “sensações voluptuosas a representação imaginária de partes

³¹⁷ Bry, 1604 *apud* SIMIÃO, Anna Rita Maciel; SIMANKE, Richard Theisen. Extrato de estudo em História da Psiquiatria: o fetichismo na Psychopathia Sexualis de Richard von Krafft-Ebing. *Revista Latinoamericana.de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 24, n. 1, pp. 164-187, jan. 2021, p. 166.

³¹⁸ De Brosses, 1988, p. 15 *apud* Simião; Simanke, 2021, p. 166, tradução dos autores.

³¹⁹ Desenvolvido em 1905, a Escala de Inteligência Binet-Simon, considerada o primeiro teste de inteligência prática efetivo, foi fruto do trabalho dos trabalhos de Binet, Vitor Henri (1872-1940), Theodore Simon (1873-1961). Mäder (1996, p. 14) afirma que “Com o objetivo de graduar retardo mental, é a primeira escala que se preocupa com a idade mental e desenvolvimento cognitivo em relação a idade, compõe-se de testes com graduação de dificuldades”.

³²⁰ Simião; Simanke, 2021, p. 167.

isoladas do corpo ou peças de vestiário do sexo oposto”³²¹, onde estaria caracterizada a perversão devido ao fato de que a parte do corpo ou o objeto escolhido como fetiche não teria uma ligação direta com os órgãos sexuais, portanto, não estariam a serviço da reprodução, algo marcante em sua interpretação, já que o médico alemão era influenciado pela perspectiva darwinista da autopreservação, seleção natural e da gratificação sexual; essa última servindo apenas como uma função primordial com vistas a promover um estímulo necessário aos seres humanos para que busquem o coito com o sexo oposto. Em relação à importância dada ao objeto fetichizado, pondera que, para os fetichistas, a ausência do fetiche comprometeria totalmente o intercuro sexual, tornando impossível o coito, tendo em vista ser ele o objeto, o elemento mais importante na cena. Para Krafft-Ebing, assim como também pensou Binet, a atração sexual centrada no objeto, denominada por eles de *charme*, implicaria no elemento fulcral da determinação do par sexual, não patológico em sua essencial, pois também constituiria um componente comum das relações saudáveis, influenciando na escolha sexual de um sujeito por determinado alvo, corroborando a acepção do laço entre *fetisso* nas religiões e o fetichismo sexual, a partir do qual o fetiche seria a característica que mais atraísse um sujeito para o investimento reprodutivo, o que poderíamos qualificar como gatilho para o instinto sexual, ao passo que “O fetichismo do corpo e da alma não deixa de ter importância na propagação; favorece a seleção do mais apto e a transmissão das virtudes físicas e mentais”³²².

Todavia, esse caráter de determinador, ao passo que compunha um aspecto inerente à escolha do par sexual, portanto necessário ao desenvolvimento da espécie, também sinalizava o direcionamento do fetiche para o aspecto patológico, porque, na visão do psiquiatra alemão, seriam as degenerações hereditárias, decorrentes de linhagens familiares normalmente afetadas por desordens perversas ou de outra ordem, e hábitos sexuais considerados, até então, inadequados por serem entendidos como de caráter vicioso, como a masturbação, teriam como consequência o deslocamento da função sexual normal para uma conduta perversa, ou seja, patológica, na qual

[...] todo o interesse sexual estaria concentrado na impressão causada por apenas uma parte da pessoa do sexo oposto, de modo que todas as outras impressões desapareceriam ou se tornariam indiferentes. A masturbação seria priorizada e o coito, quando efetivamente buscado, também priorizaria a visão ou o contato com o fetiche. O coito normal poderia, no entanto, ser possível para um fetichista mesmo

³²¹ Krafft-Ebing, 1886/2000, p. 9.

³²² *Ibidem*, p. 20.

longe do seu objeto de fetiche, mas de qualquer maneira, sem o fetiche, seria sempre insatisfatório e exaustivo.³²³

Nesse sentido, Krafft-Ebing esclarece que, em última instância, o fetichista estaria envolto em um comportamento de fundo egoísta, já que nas perversões sexuais, tais como o *fetichismo*, o indivíduo não colocaria o envolvimento do seu par sexual como premissa para o ato, assim como ocorre na masturbação excessiva, onde a satisfação não estaria direcionada ao encontro com o outro, mas na solitária conquista de prazer sem qualquer destinação da *vita sexualis* para os fins de desenvolvimento da espécie, configurando-se, assim, como uma perversão ao princípio da vida, fazendo do ato sexual um mero promotor de prazer, portanto, deturpa o entendimento de que o encontro sexual entre os indivíduos de sexos opostos constituiria, por si só, um movimento altruísta da espécie humana, como defendia o psiquiatra.

Em nossa leitura do manual enciclopédico de Krafft-Ebing, não verificamos a descrição de casos femininos diagnosticados como fetichismo, algo que acreditamos ser decorrente da fragilidade interpretativa existente dos fenômenos naquele momento, o que não pressupunha a não existência de mulheres fetichistas, como também observou Gatian de Clérambault (1872-1934), na obra *Passion érotique des étoffes chez la femme*, na qual adverte que os autores daquele período ainda não haviam constatado a existência do fetiche nas mulheres, a não ser casos de histeria com certos traços fetichistas, que não permitiam a classificação como tal³²⁴, no máximo, descrições de mulheres que narraram as excentricidades sexuais de seus maridos ou parceiros sexuais, como ocorreu, a título de conhecimento, no Caso 98, que transcrevo, em parte, abaixo:

Uma senhora relata que na noite de núpcias e na noite seguinte o marido contentou-se em beijá-la e percorrer os dedos por toda extensão de suas tranças. Em seguida, adormeceu. Na terceira noite, o sr. X. apareceu com uma imensa peruca, de cabelos extremamente longos, e implorou à mulher que a vestisse. Assim que o fez, compensou-a fartamente com seus deveres maritais negligenciados. Pela manhã demonstrou novamente uma profunda ternura, enquanto acariciava a peruca. Quando a sra. X. retirou a peruca, perdeu imediatamente todo o atrativo para seu marido. A sra. X. identificou isso como um passatempo e prontamente aquiesceu aos desejos do marido, a quem amava muito e cuja libido dependia do uso da peruca. [...] O resultado do casamento foi, depois de cinco anos, dois filhos e uma coleção de 72 perucas.³²⁵

³²³ Simião; Simanke, 2021, p. 167.

³²⁴ Clérambault, 1908/2007, p. 451 *apud* Massara; Pinto, 2010, p. 590.

³²⁵ Krafft-Ebing, 1886/2000, p. 104.

O quarto e último escopo presente na enciclopédia sexual de Krafft-Ebing é a *sexualidade antipática*, cuja expressão maior se dá no caso das homossexualidades, ou como se denominava na época, dos invertidos, conjunto de indivíduos que se caracterizavam, segundo o autor, pela “total ausência de sentimento sexual em relação ao sexo oposto”³²⁶, condição em que o investimento sexual não encontraria lugar na sexualidade oposta, mas na própria, isto é, “Somente os atributos físicos e psíquicos das pessoas do mesmo sexo exercem um efeito afrodisíaco e despertam o desejo de união sexual”³²⁷. Dos quadros propostos pelo psiquiatra alemão, esse é, sem dúvida, um dos mais problemáticos devido ao pouco aprofundamento, algo que o texto introdutório da obra, escrito por Terence Sellers para a 13ª edição de *Psychopathia Sexualis*, tenta fazer uma defesa parcial, ao firmar que “quando uma ciência é nova e, portanto, ainda muito dependente da criatividade do novo cientista, certos erros lógicos podem ocorrer”³²⁸. A homossexualidade era para o higienista uma forma consoante da sodomia, deixando de ser uma prática contestável e pecaminosa dos séculos passados, para uma patologia sexual que não se manifestava apenas em uma conduta, mas em todo uma configuração própria, já que, como descreve Foucault (1988) acerca do pensamento da época, “[...] a homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática sodomita, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie”³²⁹. Destaca-se que, dentre os 238 casos de “sexualidades desviantes” que compõem a enciclopédia em questão, 22 casos são classificados como “homossexualidade”, um número elevado se considerarmos a quantidades de manifestações sexuais tidas como perversas pela sexologia, o que se constata, por exemplo, devido ao fato de que ele diagnosticou nessa categoria apenas as ocorrências em homens, deixando os casos de homossexualidade feminina ou transexualidade como fenômenos distintos.

Faz-se necessário ponderar que a homossexualidade, no contexto higienista do século XIX, era percebida tanto como uma doença mental, degenerativa, pois ia contra a realidade procriativa preestabelecida pela biologia; quanto moral, na qualidade de um vício, ou seja, colocava em risco a saúde física do indivíduo e o ordenamento social, portanto, eram considerados incompatíveis com os princípios legados pela cultura para as funções masculina

³²⁶ Krafft-Ebing, 1886/2000, p. 8.

³²⁷ *Ibidem*.

³²⁸ Sellers, 2000, p. VII.

³²⁹ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 44.

e feminina, já que não estavam aptos à reprodução e poderiam, devido ao comportamento, transmitir seus vícios. Devido à marginalização social a que os homossexuais eram submetidos, sobretudo na Europa burguesa e vitoriana que coibia e punia manifestações afetivas entre pessoas do mesmo sexo, instituiu-se uma demanda volumosa por tratamentos terapêuticos com vistas à reversão, isto é, “tratamentos curativos” que iam desde terapias de aversão por meio de hipnose, até mais severos, como lobotomia e, em casos extremos, castração. Em uma passagem da sua celebrada obra, Krafft-Ebing comenta acerca de um relato que havia recebido, Caso 125, no qual o sujeito, um oficial, diz remetê-lo a carta, pois gostaria de se adequar à vida social. No relato, afirma que

Se minha condição anormal não se modificar, estou decidido a colocar-me sob o seu tratamento; e isso principalmente porque, depois de uma cuidadosa leitura de sua obra, não consigo incluir-me na categoria dos homossexuais; e também porque tenho a firme convicção, ou pelo menos esperança, de que uma vontade forte, assistida e combinada com um tratamento especializado, poderiam me transformar num homem com sentimentos normais.³³⁰

Em se tratando das mulheres, os relatos são nomeados como sexualidade antipática e/ou transexual feminina, quase sempre descritos como associados a famílias cujos membros também possuíam graves transtornos nervosos ou mentais. Os relatos, se comparados aos de homossexuais do sexo masculino, são escassos, devido, em sua maioria, aos motivos já referidos anteriormente, como a preservação da moral feminina e a pouca procura das mulheres, via familiares, em busca de tratamento para manifestações dessa ordem, algo compreensível se imaginarmos o contexto moralista do período. Observemos, por exemplo, o Caso 126, em que temos o relato de uma mulher ainda jovem, cuja menção inicial à sua família denota a intenção de atribuir uma dimensão hereditária à sua condição:

Ilma S., 29 anos, solteira, filha de um negociante; família com péssimas taras nervosas. O pai era alcoólico e se suicidou, como também ocorreu com o irmão e a irmã da paciente. Uma das irmãs sofria de histeria convulsiva. O pai de sua mãe matou-se com um tiro quando estava insano. A mãe era doentia e ficou parálitica depois de uma apoplexia. [...] O instinto sexual antipático dessa paciente, que foi claramente adquirido, expressa-se de maneira tempestuosa e decididamente sensual. [...] O caráter e a profissão continuam femininos. Não havia manifestação de viragindade. De acordo com as informações posteriormente recebidas pelo autor, essa paciente, depois de dois anos de tratamento num manicômio, libertou-se por completo de sua neurose e inversão sexual e foi considerada curada.³³¹

³³⁰ Krafft-Ebing, 1886/2000, p. 136.

³³¹ *Ibidem*, p. 136-138.

Dentre as constatações possíveis dentro do recorte — considerando a extensão do relato — destacam-se algumas problemáticas, sendo a primeira o aspecto patológico atribuído à sexualidade feminina marginal, já que se pressupunha que as mulheres eram dotadas de um caráter inocente e virtuoso, próprio da sua natureza destinada à maternidade, a partir da qual a possibilidade de um desvio do instinto sexual representaria, ainda mais do que nos homens, não um aspecto criminal, e sim uma anomalia mental, por isso, com recorrência, o tratamento das perversões femininas se dava em manicômios. Por meio da análise do caso, também se invoca a reflexão acerca de como o entendimento das ciências da sexualidade do século XIX, das quais Krafft-Ebing é o seu maior representante, frequentemente confundiam expressão de gênero e orientação sexual no tocante às manifestações femininas descritas. Essa situação decorre do fato de, quase sempre, o detalhamento dos casos apresentava a homossexualidade feminina sob a perspectiva de uma apropriação da masculinidade em termos de gênero e desejo sexual, apesar de que já fosse de largo conhecimento que a atração afetiva/sexual entre mulheres, embora menos representada do que a dos homens, ocorreu ao longo de toda história humana, independentemente das configurações normativas das culturas, nas quais esses códigos sexuais nem sempre eram vistas como estigma negativo, mas como signos da conexão entre humanos, natureza e o divino.

Psychopathia sexualis foi uma das, quiçá a obra mais influente acerca da sexualidade no século XIX, convergindo e ampliando todo o entendimento das manifestações sexuais marginais a partir do ideal higienista, acumulado desde o século XVII, servindo como conteúdo teórico e clínico para as ciências médicas, assim como técnico as ciências jurídicas, em especial a criminologia, para se julgar os comportamentos considerados imorais e os crimes sexuais que começavam a requerer uma maior atenção por parte do Estado. Como pudemos observar, a visão higienista da medicina em relação à sexualidade, na passagem dos séculos XIX-XX, sintetizadas no manuscrito de Krafft-Ebing, expressa como a concepção de perversão estava sedimentada, como podemos afirmar na atualidade, em um moralismo mais atento à erudição descritiva, à nosografia dos casos, do que propriamente à esfera terapêutica, o que explica, em parte, o porquê de manifestações sexuais como homossexualidade, bissexualidade, travestismo, transexualismo, zoofilia, necrofilia etc., estarem dispostas como sendo de uma mesma ordem. Na aurora do século passado, testemunhou-se o nascimento de ciências da mente, como a psicanálise, que viriam a contestar veementemente esse discurso sobre a sexualidade, atribuindo não apenas às perversões uma compreensão menos patologizante, mas a sexualidade humana como um todo.

2.2 A PSICANÁLISE E AS VEREDAS DA PERVERSÃO PARA AS MULHERES

2.2.1 A perversão enquanto substrato da sexualidade infantil

Ao adentrarmos no âmbito da Teoria Psicanalítica, com vistas a dela retirar as contribuições necessárias ao entendimento do fenômeno perverso nas mulheres, é de extrema valia ressaltarmos que não iremos trazer, aqui, um panorama do que foi a perversão ao longo de toda a obra freudiana, algo que já possui um conjunto considerável de obras à respeito, para o qual já contribuimos, humildemente, através do capítulo teórico, dedicado exclusivamente a tratar do percurso freudiano das perversões, em nossa dissertação de mestrado. Nosso objetivo, nesta seção, é o de nos debruçar, dentro da vasta obra de Sigmund Freud, nos pontos fulcrais em que se pode extrair considerações acerca do funcionamento perverso feminino, dessa forma, evitando um itinerário prolixo e pouco efetivo. Dito isso, estabelecemos, nas linhas a seguir, um olhar sobre os dois grandes arcos da perversão para os quais nos direcionaremos, o da sexualidade humana, delineado pela perversão-polimorfa, e o processo de subjetivação presente na dialética edipiana, epilogada na estrutura perversa.

A primeira incursão de Freud no território das perversões se deu justamente em paralelo aos seus adentramentos iniciais no domínio da sexualidade feminina, mais especificamente durante a sua clínica da histeria, onde surgiu-lhe a possibilidade de que os fenômenos histéricos pudessem estar atrelados a uma crença de suas pacientes nas cenas de sedução por elas relatadas, algo que o instigou consideravelmente, levando a pressupor, como revelam algumas de suas correspondências com Wilhelm Fliess (1858-1928), que a “histeria é consequência de um *choque sexual pré-sexual*”³³², referindo-se ao trauma como sendo pré-sexual porque, ainda no prisma de que a criança era isenta de uma sexualidade, concluiu que a única explicação viável seria a de que no núcleo sintomático de toda histérica residia uma pré-condição, o abuso infantil, isto é, a histeria seria resultado de uma sedução por parte do adulto e, ainda, que por trás da histeria estaria presente um pai perverso. Mais adiante, no entanto, ao atentar para o fato de que havia uma quantidade muito elevada de histéricas, deduz ser inviável conjecturar que todas elas foram vítimas dos seus genitores, por conseguinte, levando-o a formular uma explicação que viria a se tornar o marco fundador para a sua

³³² Freud, 1895 *apud* MASSON, Jeffrey Moussaieff. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 145.

psicoterapia, a ordem da fantasia³³³. Em 25 de maio de 1897, Freud descreve para o seu interlocutor o que são fantasias, alicerçando uma noção que fundamentaria, em paralelo, tanto o operador das neuroses, isto é, o *recalque*, quanto a teoria psicosexual infantil, responsável por instituir uma nova compreensão sobre a sexualidade, que estaria apartada da condição naturalista do desejo:

As fantasias emergem de uma combinação inconsciente de coisas vivenciadas e ouvidas, de acordo com certas tendências. Essas tendências têm o sentido de tornar inacessível a lembrança da qual provieram ou podem provir os sintomas. As fantasias são formadas por amalgamação e distorção de modo análogo à decomposição de um composto químico que esteja combinado com outro. E isso porque o primeiro tipo de distorção consiste numa falsificação da lembrança por fragmentação, na qual precisamente as relações cronológicas é que são negligenciadas. (As correções cronológicas parecem depender especificamente da atividade do sistema da consciência.) Um fragmento da cena visual combina-se então com um fragmento da cena auditiva, formando a fantasia, enquanto o fragmento liberado se liga a alguma outra coisa. Assim, a conexão original torna-se impossível de rastrear. Em consequência da formação de fantasias como essas (nos períodos de excitação), cessam os sintomas mnêmicos. Em lugar deles, acham-se presentes ficções inconscientes que não estão sujeitas à defesa. Quando, nessas circunstâncias, a intensidade de uma dessas fantasias aumenta a tal ponto que ela é obrigada a forçar sua entrada na consciência, a fantasia é submetida ao recalque e um sintoma é gerado, através de um [processo] de rechaçar a fantasia para as lembranças que a constituíram.³³⁴

Como se percebe, embora a sexualidade tenha se feito presente desde os textos pré-psicanalíticos, falar sobre o tema na obra do fundador do método psicanalítico é, inevitável e protocolarmente, trazer à tona aquela que é considerada uma de suas obras mais importantes, os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, onde instituiu, de fato, a primeira formulação sistemática sobre o assunto na teoria psicanalítica. Freud nasceu e se formou médico na segunda metade do século XIX, momento em que, conforme vimos na seção anterior, a perspectiva médico-jurídica-higienista dominava a narrativa sobre a sexualidade, em que *Psychopathia Sexualis* representava a forma de pensar e julgar as configurações sexuais humanas, divididas, naquele momento, em duas distintas categorias: por um lado, a “*sexualidade normal*”, própria dos sujeitos cuja baliza sexual era a biologia, portanto, heteronormativa do ponto de vista reprodutivo; e a “*sexualidade perversa*”, cujas manifestações eram, quase sempre, interpretadas como anomalias de foro hereditário, algo

³³³ O emprego do termo fantasia pela psicanálise é extenso, comportando várias vertentes de entendimento. Laplanche e Pontalis (1991, p. 169), ao verbetarem o termo, creditam-lhe como um “Roteiro imaginário em que o sujeito está presente e que representa, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente”.

³³⁴ Freud, 1897 *apud* Masson, 1986, p. 248.

muito significativo do ângulo interpretativo, haja vista que é ao enfatizar um caráter hereditário das perversões que o discurso higienista promoveu a necessidade de se atentar para as consequências nocivas que as práticas “contra a natureza sexual” representavam. Com a publicação dos “Três Ensaio...”, Freud tanto demonstra o poder de penetração da visão higienista que predominava mesmo depois do trânsito para o novo século, como também simbolizou uma verdadeira e irremediável mudança de paradigma, ou seja, subverteu os esquemas tradicionais no tocante à sexualidade, sobretudo no que diz respeito à noção, até então predominante, de que o instinto sexual estava condicionado pela natureza biológica do ser humano.

Por meio da descoberta da fantasia enquanto componente da vida psíquica, Freud estabeleceu uma teoria da sexualidade que se apartou, dentro do possível, do entendimento regente, ao fundamentar a concepção de pulsão sexual como resultado de uma força motriz que nos impulsiona para consumação das demandas, isto é, “a representação psíquica de uma fonte endossomática de estimulações que fluem continuamente, em contraste com a estimulação produzida por excitações esporádicas e externas. A pulsão, portanto, é um dos conceitos da demarcação entre o psíquico e o somático”^{335, 336} diferenciando-a do instinto, algo mais estanque e engessado, responsável por princípios sexuais básicos, e, com isso, atestou que o ser humano não está circunscrito no princípio de uma sexualidade que visa apenas a manutenção e preservação da espécie, dessa forma, o que a medicina da época qualificava como desvio, aberração, anomalia, para Freud fazia parte da sexualidade humana, em menor ou maior grau. Em termos gerais, o psicanalista introduz uma ideia menos restrita da função da sexualidade, até então centrada nas genitais, no prazer do coito e na função reprodutiva, evidenciando que todo aquilo que se encontrava à margem desse escopo, como os desvios quanto ao objeto sexual, caso da homossexualidade, ou os desvios quanto ao alvo sexual, a exemplo da masturbação e outras formas de obtenção de prazer, não se tratavam de aberrações ou patologias, e sim expressões outras do reflexo dinâmico da sexualidade, as quais também encontram território — umas mais; outras menos — na dinâmica sexual tida como normal. Nas palavras do autor:

³³⁵ ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário da psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 629.

³³⁶ Na visão de Laplanche e Pontalis (1991, p. 394), trata-se de um “Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir a sua meta”.

É natural que os médicos, que inicialmente estudaram as perversões em exemplos bem marcados e em condições especiais, tenham-se inclinado a adjudicar-lhes o caráter de um sinal de degeneração ou doença, tal como havia ocorrido com a inversão. Não obstante, é ainda mais fácil descartar tal opinião no presente caso. A experiência cotidiana mostrou que a maioria dessas transgressões, no mínimo as menos graves dentre elas, são um componente que raramente falta na vida sexual das pessoas sadias e que é por elas julgado como qualquer outra intimidade. Quando as circunstâncias são favoráveis, também as pessoas normais podem substituir durante um bom tempo o alvo sexual normal por uma dessas perversões, ou arranjar-lhe um lugar ao lado dele. Em nenhuma pessoa sadia falta algum acréscimo ao alvo sexual normal que se possa chamar de perverso, e essa universalidade basta, por si só, para mostrar quão imprópria é a utilização reprobatória da palavra perversão. Justamente no campo da vida sexual é que se tropeça com dificuldades peculiares e realmente insolúveis, no momento, quando se quer traçar uma fronteira nítida entre o que é mera variação dentro da amplitude do fisiológico e o que constitui sintomas patológicos.³³⁷

É nesse lastro que a introdução do conceito de pulsão se fez importante, pois, a partir dela, Freud contesta a premissa de que a sexualidade humana tem como único fim a reprodução, onde a obtenção de prazer teria também como única finalidade o auxílio da prerrogativa seminal, ou seja, o fundador da psicanálise estabeleceu a compreensão de que o instinto visa o encontro com o outro, parceiro sexual, com vistas à reprodução, portanto de aspecto fixo, a dimensão pulsional estaria a serviço de uma demanda muito mais oblíqua, variável, em que todos os objetos são de caráter parcial, e cujo destino é a pura obtenção de satisfação/prazer, algo que Freud viria a acentuar mais veementemente no seu “Um estudo autobiográfico”, onde deixa claro que a busca pela satisfação pressupõe o princípio reprodutivo, ao passo que a sexualidade se encontra “divorciada da sua ligação por demais estreita com os órgãos genitais, sendo considerada como uma função corpórea mais abrangente, tendo o prazer como a sua meta e só secundariamente vindo a servir às finalidades de reprodução”³³⁸. Mediante esse olhar insigne, o mestre vienense pôde implementar outra ponderação, tão polêmica quanto, para aquele momento, a de que, sendo a sexualidade também pulsional, seus registros já se fariam presentes desde momentos muito anteriores à puberdade, isto é, já teria nas crianças não só os seus primeiros códigos, mas os mais importantes no contexto da determinação do horizonte sexual do adulto, o que implica a máxima freudiana de que as configurações de prazer experimentadas na infância não se apagam totalmente no processo de desenvolvimento psicosssexual infantil, permanecendo, em

³³⁷ Freud, 1905/1972, p. 162-163.

³³⁸ FREUD, Sigmund ([1924] 1925). Um estudo autobiográfico. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 20, p. 51.

certa medida, fixadas à dimensão anímica como peças que contribuem, inconscientemente, para a constituição da sexualidade de cada indivíduo na vida adulta. É dessa compreensão que Freud descreve a vida sexual infantil como autoerótica, portanto, “encontra seu objetivo sexual no corpo do próprio infante”³³⁹, e polimorfo-perversa, porque “Parece provável que o instinto sexual seja, em primeiro lugar, independente de seu objeto; nem é provável que sua origem seja determinada pelos atrativos de seu objeto”³⁴⁰.

Ao situar a primazia da sexualidade humana na infância, por meio dos caracteres perverso-polimorfo e autoerótico, Freud empra um regime de satisfação sobre o qual se assentará toda a sistematização do amadurecimento sexual da criança, nas chamadas fases do desenvolvimento psicosexual, diferenciadas pela complementariedade de novas formas de satisfação autoeróticas. Nesse ponto, podemos ponderar acerca da interpretação precípua da sexualidade perversa para o célebre psicanalista, para quem ela se diferenciaria da sexualidade “normal” por dois atributos: *o primeiro seria a fixação*, que resulta no fato de que “certas perversões caracterizam-se pela prática de determinada organização comportamental que se mantém inalterada na vida do indivíduo, como ocorre no caso de algumas práticas que são vistas na fase pré-genital e que se perpetuam até a fase adulta”³⁴¹, destacando-se na dinâmica sexual do indivíduo, como ocorre no voyeurismo, no alcoolismo, na masturbação excessiva, por exemplo. Freud entende essa fixação como constituinte de um esquema perverso na medida em que a sua manifestação evidencia uma submissão ao funcionamento das pulsões parciais³⁴², ou seja, à ligadura da pulsão com a plasticidade do corpo em oferecer zonas erógenas, portanto, a perversão no adulto implicaria numa persistência da energia pulsional em atar-se a um esquema parcial erógeno da sexualidade; *o segundo corresponderia a exclusividade*, isto é, “[...] da prática quanto ao desvio em relação ao objeto”³⁴³, referindo-se ao fato de que as manifestações perversas no adulto, embora permeadas por uma moldabilidade muito maior do que a do neurótico, também possui um roteiro pré-estabelecido, onde algumas variáveis podem ser adaptadas para obtenção do *gozo* perverso,

³³⁹ Freud, 1905/1972, p. 203.

³⁴⁰ *Ibidem*, p. 149.

³⁴¹ Silva, 2017, p. 126-127.

³⁴² Em sua vertebização por Laplanche e Pontalis (1991, p. 402), orientam que essa “[...] expressão designa os elementos últimos a que chega à psicanálise na análise da sexualidade. Cada um destes elementos se especifica por uma fonte (por exemplo, pulsão oral, pulsão anal) e por uma meta (por exemplo, pulsão de ver, pulsão de dominação). O termo “parcial” não significa só que as pulsões parciais são espécies que pertencem à classe da pulsão sexual na sua generalidade; deve ser sobretudo tomado num sentido genético e estrutural: as pulsões parciais funcionam primeiro independentemente e tendem a unir-se nas diversas organizações libidinais.

³⁴³ Valas, 1990, p. 28.

enquanto certos componentes permanecem inalterados, sob a pena de inviabilização do prazer, como ocorre com o fetiche, haja vista que

A situação só se torna patológico quando o anseio pelo fetiche passa além do ponto em que é meramente uma condição necessária ligada ao objeto sexual e efetivamente *toma o lugar* do objeto normal, e, mais, quando o fetiche se desliga de um determinado indivíduo e se transforma no *único* objeto sexual. Estas são, com efeito, as condições gerais sob as quais as meras variações do instinto sexual se transformam em aberrações patológicas.³⁴⁴

Isso implica no que podemos determinar como a primeira conceituação freudiana de perversão, em que a principal qualificante seria a permanência, na fase adulta, de características perverso-polimorfas típicas da sexualidade infantil, em outras palavras, da “inscrição de certos conteúdos representativos (experiências, imagens, fantasias) que persistem no inconsciente de forma inalterada e aos quais a pulsão permanece ligada”³⁴⁵, dessa forma, os perversões estariam impossibilitados “de a corrente genital da sexualidade impor-se perante às demais, em função de uma fixação, ocorrida na infância, que elevaria uma corrente pré-genital à condição de eixo organizador da vida sexual”³⁴⁶, argumento que foi reforçado entre 1916-1917, nas suas “Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise”, oportunidade em que dedicou parte de suas exposições para ressaltar que “a essência das perversões não está na extensão do objeto sexual, nem na substituição dos genitais, e, mesmo, nem sempre na escolha diferente do objeto, mas sim unicamente na exclusividade com a qual se efetuam esses desvios”³⁴⁷. O fato é que o autor irá se referir a polimorfia perversa não somente como uma etapa, mas como um pendor que está algemado a todas as manifestações da perversão, logo, fazendo-se presente, como marcador inerente, também na compleição estruturante de todo ser humano, o que direciona para o argumento de que a vivência sexual de todos nós foi marcada por uma iniciação perversa, isto é, perverso-polimorfa e autoerótica, a qual poderá se perpetuar de modo mais acentuado em alguns indivíduos, estendendo-se em suas vidas sob a forma de uma sustentação psíquica, de um mecanismo de defesa frente às agruras da vida, o que a psicanálise freudiana assentou como perversão positiva, mas que também se fará presente, em menor grau, na vida sexual de todos os indivíduos a partir do que se estabeleceu

³⁴⁴ Freud, 1905/1972, p. 155-156.

³⁴⁵ LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. 11 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 190.

³⁴⁶ FERRAZ, Flávio Carvalho. *Perversão*. 5. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010., p. 33.

³⁴⁷ FREUD, Sigmund (1916-1917). Conferências introdutórias sobre psicanálise (Parte III). In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 16, p. 325-326.

como perversão negativa, isto é, a presença de tendências perversas em indivíduos neuróticos, constatação que o fez ser veemente ao criticar o uso e o entendimento pejorativo do termo, alegando que “Em nenhuma pessoa sadia falta algum acréscimo ao alvo sexual normal que se possa chamar de perverso, essa universalidade basta, por si só, para mostrar quão imprópria é a utilização reprobatória da palavra perversão”³⁴⁸.

Por intermédio desse cenário em que a perversão é inscrita como a ordenação, por excelência, da sexualidade humana, Freud averba que “há, na verdade, algo inato atrás das perversões, mas que é algo inato em todas as pessoas, embora, como uma disposição, possa variar de intensidade e ser aumentado pelas influências da vida”³⁴⁹, assertiva que, por sua vez, dá corpo a um dos mais categóricos axiomas freudianos sobre essa temática, o de que “*a neurose é o negativo da perversão*”³⁵⁰, entendimento que foi ratificado pelo autor em outros momentos de sua obra, como em “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna”³⁵¹, texto de 1908, no qual arrazoa que a existência de arestas das características típicas da sexualidade perversa infantil nos neuróticos adultos chancela a inconcussa asserção de que também neles, “os impulsos pervertidos, após terem sido reprimidos, manifestam-se a partir da parte inconsciente da mente – porque as neuroses contêm as mesmas tendências, ainda que em estado de repressão, das perversões positivas”³⁵².

Esse ponto do entendimento freudiano se faz importante porque o psicanalista expõe ser incorreta a perspectiva moralista por trás da sexologia da época, que apresentava as perversões na condição de uma anomalia, de uma categoria totalmente afastada da vida sexual “normal”, quando na verdade ela é aspecto constitutivo, inclusive, das neuroses, pois, conforme argumenta o célebre neurologista, quanto mais casto o psiquismo de um neurótico tenta transparecer, mas as afecções manifestarão o contrário, sendo proporcional a quantidade de esforço do aparelho psíquico de tentar, por meio da *negação* [*Verneinung*], demonstrar-se indiferente ao desejo, como já aludia em 1901, ao afirmar que “todos os psiconeuróticos são pessoas de inclinações perversas fortemente acentuadas, mas recalçadas e tornadas inconscientes no curso de seu desenvolvimento”³⁵³, ou, mais amplamente:

³⁴⁸ Freud, 1905/1972, p. 152.

³⁴⁹ *Ibidem*, p. 156.

³⁵⁰ *Ibidem*, p. 157, grifo do autor.

³⁵¹ FREUD, Sigmund (1908a). Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 9.

³⁵² Freud, 1908a/1976, p. 196.

³⁵³ *Idem*, 1901/1972, p. 56.

Nos neuróticos, a constituição sexual, na qual está contida a expressão da hereditariedade, atua em combinação com as influências acidentais de sua vida que possam perturbar o desenvolvimento da sexualidade normal. O curso d'água que encontra um obstáculo em seu leito reflui para leitos antigos que antes pareciam destinados a permanecer secos. As forças impulsoras da formação dos sintomas histéricos não provêm apenas da sexualidade *normal* recalcada, mas também das moções perversas inconscientes.³⁵⁴

Com base no entendimento freudiano sobre a sexualidade humana, faz-se necessário aprofundar a discussão acerca do masoquismo feminino, abordando suas origens conceituais e implicações dentro da psicanálise. Essa temática envolve não apenas uma análise histórica das formulações de Freud, mas também uma reflexão sobre como essas ideias evoluíram e foram reinterpretadas ao longo do tempo, especialmente no contexto das críticas feministas e culturais. Além disso, será explorada a complexa dinâmica entre o masoquismo e a feminilidade, considerando os desafios teóricos e práticos que essa intersecção apresenta.

2.2.2 O masoquismo feminino ≠ passividade frente ao desejo

No desenrolar de sua teoria do desenvolvimento psicosssexual infantil, Freud segue situando como as experiências autoeróticas infantis, também sob a influência do seu laço com aqueles que exercem as funções materna e paterna, são determinantes no processo de subjetivação da criança, cujos resíduos farão parte da maneira como o adulto responderá a si próprio e à cultura mais à frente. Nesse ponto, podemos observar alguns termos que o fundador da psicanálise se apropriou da medicina do século XIX, mais especificamente, da já citada obra *Psychopathia sexualis*, de Krafft-Ebing, mas tendo a destreza de tomar os conceitos da sexologia de forma a não os autenticar como signos degenerativos, e sim como partícipes do itinerário sexual. Atentemo-nos, por exemplo, para o sadismo e para o masoquismo, ambas as manifestações consideradas anomalias degenerativas pela medicina higienista, que são retomados por Freud em seus “Três ensaios...” para demonstrar como essas manifestações se encontram expressas nos domínios da sexualidade dos infantes como pulsões parciais, ou seja, energias acumuladas que buscam descarga através de diferentes zonas do corpo, denominadas de zonas erógenas, de maneira a sublinhar que tanto o masoquismo como o sadismo participam da organização libidinal basilar, onde o sadismo representaria uma atitude ativa frente ao desejo sexual, que se alinha com a inclusão de certa porcentagem de violência, de dor e de humilhação como ingredientes condicionantes para a

³⁵⁴ Freud, 1901/1972, p. 56.

satisfação sexual, enquanto o masoquismo estaria circunscrito na passividade em relação ao objeto sexual, servindo como receptáculo das dores físicas, psicológicas e humilhações por parte dele.

A esse respeito, revisitemos a questão da etapa sádico-anal estabelecida por Freud, a qual se dá entre 2 e 4 anos, momento em que entra na cena erótica infantil as atividades de excreção, a partir das quais se estabelece uma dinâmica simbólica e obsessiva com as fezes, que resulta no par atividade-passividade; o motivo é que é nesse momento em que “[...] a oposição que se encontra em toda a vida sexual surge claramente [...]. O elemento ativo é constituído pela pulsão de dominação, por sua vez ligada à musculatura; o órgão cuja meta sexual é passiva será representado pela mucosa intestinal erógena”³⁵⁵, entendimento esse que subsidia outros pares, como fálico-castrado e masculinidade-feminidade. Embora Freud destaque que a pulsão de domínio exerce o predomínio nessa fase, marcado pelo controle do esfíncter pela criança, há de se ponderar a existência de uma *ambivalência* em atuação no contexto — que também ocorre na fase oral, mas cuja manifestação ainda não possui caráter antagônico e complementar tão atuantes —, isso porque, como nos referimos acima, deve-se levar em consideração não só o autoerotismo da criança, mas, com igual importância, os demais integrantes desse cenário. Isso implica em uma reflexão mais abrangente, onde estão situadas as experiências erógenas das crianças e a influência que a figura materna, geralmente ela, exerce nesse jogo, daí o motivo de coexistirem, concomitantemente, sentimentos e tendências opostas em relação ao mesmo objeto/pessoa, tais como amor e ódio, atração e rejeição, desejo e repulsa. Desse contexto, por exemplo, resultam configurações sexuais nitidamente correlacionadas a um ou aos dois polos, assim como se pode julgar simbolizados no exibicionismo e no voyeurismo.

Em 1915, Freud revisita a questão, oferecendo maior visibilidade à complementaridade do par sadismo-masoquismo, para quem o horizonte pulsional passa a ganhar mais relevância. No artigo, autor menciona a complexidade com a qual as pulsões (inter)agem na mecânica anímica, que se revela turbida, conflituosa, até mesmo contraditória, pois o que antes era considerado um fenômeno isolado em sua manifestação, agora ganhava outra expressão. Dentre os quatro destinos que Freud atribui às pulsões na referida obra — a transformação em seu contrário, o redirecionamento contra a pessoa, o *recalque* e a sublimação — observemos o redirecionamento contra a pessoa, já que esse toca no assunto

³⁵⁵ Freud, 1905 *apud* Laplanche; Pontalis, 1991, p. 43.

em questão e é através dele que Freud menciona a possibilidade de se interpretar a transformação do sadismo em masoquismo, o que implica no entendimento de que há uma passagem da condição ativa à passiva, considerando-se, portanto, uma inversão dos papéis entre aquele que inflige e o que é vítima dos sofrimentos, corroborando com as suas observações preliminares de 1905, onde já observa que: “o sádico é sempre e ao mesmo tempo um masoquista, o que não impede que o lado ativo ou o lado passivo³⁵⁶ da perversão possa predominar e caracterizar a atividade sexual que prevalece”³⁵⁷ ou, de modo mais contundente “o masoquismo é um sadismo voltado contra a sua pessoa e que o masoquista compartilha o *gozo* implicado na agressão contra sua pessoa e que o exibicionista se compraz com seu desnudamento. O essencial nesse processo é, portanto, a troca de objeto sem alteração da meta”³⁵⁸.

Em termos práticos, pode-se considerar que o entendimento de Freud acerca do par masoquismo-sadismo se expressa em três tempos possíveis: *no primeiro*, ainda muito ligado à primeira tópica, ele entende que há uma passagem direta da pulsão sádica para a masoquista, pois presume que o sadismo é uma experiência sentida anteriormente ao masoquismo, mediante uma agressividade infligida a um outro, o qual é apreendido como objeto; *no segundo*, haveria uma transformação quanto a esse objeto, que é substituído pela própria pessoa como alvo da agressividade, transmutando o intento pulsional de ativa para passiva; portanto, masoquista³⁵⁹; *no terceiro tempo*, Freud estabelece a necessidade de um terceiro personagem como simbolizador do papel de carrasco, de executor da pena, fazendo com que retorne à posição inicial por meio desse sujeito externo, que desponta como representante da satisfação que “segue o caminho do sadismo original, voltando o ego passivo, em fantasia, ao seu papel inicial, que foi agora, de fato, assumido pelo sujeito estranho”³⁶⁰.

Vemos um maior adentramento freudiano no que concerne à configuração feminina a partir da virada para a segunda tópica, momento que marca a entrada em jogo do conceito de

³⁵⁶ Ressalta-se que quando Freud fala em passividade ao mencionar o masoquismo, ele não está se referindo a uma passividade plena, onde o sujeito é apenas um receptáculo das dores e humilhações, e sim de uma passividade no sentido que os gregos entendiam a voz reflexiva média em sua gramática, onde o sujeito e o objeto da ação são a mesma pessoa ou coisa, ou seja, cuja compreensão passa pelo cenário em que o sujeito está realizando a ação em seu próprio benefício ou interesse, ou seja, que é o masoquista quem costura o fio do seu próprio tecido, de sua própria tortura, porque é dele a disposição de achar um partícipe da cena, bem como permitir-lhe que exerça sobre ele o espancamento, o qual também é por ele roteirizado.

³⁵⁷ Freud, 1905/1972, p. 151.

³⁵⁸ *Ibidem*, p. 152.

³⁵⁹ Tal como Freud (1905/1972, p. 160) também já meditava nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, ao deduzir que o masoquismo constitui uma “continuação do sadismo que se volta contra a própria pessoa, que com isso assume, para começar, o lugar do objeto sexual”.

³⁶⁰ Freud, 1915/1974, p. 149.

pulsão de morte³⁶¹, o que leva à reformulação do pressuposto de que o princípio de prazer³⁶² seria o condutor exclusivo da vida anímica. No manuscrito “O problema econômico do masoquismo”³⁶³, o mestre vienense passa a meditar sobre o porquê da existência de um fenômeno como o masoquismo no portfólio sexual humano, já que ele obsta a prognose da regência psíquica do princípio de prazer, o que ocasiona um problema econômico, já que existia o entendimento de que o prazer confluiria com um declínio da tensão psíquica e o desprazer, por seu turno, com uma elevação dessa tensão. A solução encontrada por Freud foi a elaboração do conceito de pulsão de morte, resultante de uma força inata que busca o retorno do indivíduo ao estado inorgânico, onde a dor e o sofrimento passam ser vistos como uma forma do psiquismo viabilizar a descarga dessa pulsão. A partir dessa definição, Freud propõe uma nova assimilação quanto aos códigos do masoquismo. *O masoquismo erógeno* ou *primordial* é, como o próprio nome sugere, primário em relação à pulsão sádica e à vida sexual, pois atravessa todas as fases do desenvolvimento psicosexual, desde o nascimento, manifestando-se como a raiz da pulsão de morte, na satisfação pela dor e sofrimento, que a torna alicerce das outras duas formas de manifestação. *O masoquismo moral* diz respeito à busca pelo de prazer mediante formas de sofrimento moral, que podem ser obtidos através do sentimento de culpa e autopunição, por meio dos quais se consegue uma espécie de expiação inconsciente dos pecados arcaicos. *O masoquismo feminino*, polêmico desde a sua concepção, aponta para várias abordagens; a mais problemática delas, certamente, é a de que a feminilidade diz da passividade, tanto sexual quanto emocional, da posição feminina em relação à masculina, o que, à primeira vista, contradiz sua própria visão de que o masoquismo não é um correlato de passividade, já que ele quem conduz “ativamente a cena do espancamento, muitas vezes sob o disfarce da passividade”³⁶⁴.

³⁶¹ “No quadro da última teoria freudiana das pulsões, designa uma categoria fundamental de pulsões que se contrapõem às pulsões de vida e que tendem para a redução completa das tensões, isto é, tendem a reconduzir o ser vivo ao estado anorgânico. Voltadas inicialmente para o interior e tendendo à autodestruição, as pulsões de morte seriam secundariamente dirigidas para o exterior, manifestando-se então sob a forma da pulsão de agressão ou de destruição” (Laplanche; Pontalis, 1991, p. 407).

³⁶² “Um dos dois princípios que, segundo Freud, regem o funcionamento mental: a atividade psíquica no seu conjunto tem por objetivo evitar o desprazer e proporcionar o prazer. É um princípio econômico na medida em que o desprazer está ligado ao aumento das quantidades de excitação e o prazer à sua redução” (Laplanche; Pontalis, 1991, p. 364).

³⁶³ FREUD, Sigmund (1924a). O problema econômico do masoquismo. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19, pp. 195-212.

³⁶⁴ RIBEIRO, Carolina Nassau. A metapsicologia do masoquismo: o enigma do masoquismo feminino e sua relação com a fantasia masculina. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, pp. 477-490, ago. 2017, p. 484.

Por certo, a escolha pelo termo *masoquismo feminino* já implica em controversa por se tratar de uma associação que leva ao entendimento de que feminilidade, passividade e perversão são correlatas. Não obstante, os indícios deixados por Freud dão conta de que esse termo foi proposto em associação não às mulheres em si, mas à posição feminina frente à fantasia masculina, como o autor salienta ao explicar ter chamado

[...] essa forma de masoquismo, a posteriori por assim dizer [isto é, com base em seus exemplos extremos], de forma feminina, embora tantas de suas características apontem para a vida infantil. Essa estratificação superposta do infantil e do feminino encontrará posteriormente uma explicação simples. Ser castrado — ou ser cegado, que o representa — com frequência deixa um traço negativo de si próprio nas fantasias, na condição de que nenhum dano deve ocorrer precisamente aos órgãos e aos olhos.³⁶⁵

Ou seja, o autor não inscreve as mulheres como indivíduos instituídos no âmbito do masoquismo. A razão para isso é que, nas suas palavras, também é possível observar “suficiente familiaridade com esse tipo de masoquismo nos homens”³⁶⁶, mas situa a feminilidade mediante o contexto de uma fantasia masoquista alocada no espectro da castração, de “uma marca delineada pelo efeito da comparação imaginária do corpo. Inferimos, portanto, que os traços negativos possibilitaram que Freud estabelecesse uma conexão entre masoquismo e feminino, pois o que eles têm em comum nada mais é do que a marca de uma subtração”³⁶⁷. Em outras palavras, a narrativa por trás da fantasia masoquista traduz o movimento da produção de uma lesão que, simbolicamente, equipara-se à castração, processo do qual decorre a associação à condição feminina, não em sua realidade concreta, mas no sentido de uma incompletude imaginária que lhe é conferida no cenário da comparação, da diferenciação dos corpos, assumindo-se, assim, que a castração está relacionada, no nível da imaginação, ao feminino. Esse posicionamento foi reforçado no texto “Feminilidade”, em que Freud pondera sobre a relação masoquismo e feminino ao citar a supressão da agressividade feminina na cultura, fator esse que favorece um direcionamento das tendências eróticas destrutivas para o próprio sujeito, o que explicaria a incontornável assertiva de que não é o feminino que é masoquista, e sim o masoquismo que é feminino³⁶⁸.

³⁶⁵ Freud, 1924a/1974, p. 203.

³⁶⁶ *Ibidem*, p. 202.

³⁶⁷ Ribeiro, 2017, p. 485.

³⁶⁸ Freud, 1933/1974, p. 143-144.

Lerner (1982)³⁶⁹, em seu posicionamento crítico ao entendimento freudiano, propõe um olhar sobre a não passividade psíquica das mulheres, onde questiona esse cenário absolutista que imprime a imagem de que as mulheres são essencialmente passivas, portanto, marcadas por um masoquismo originário que as institui. Mediada por uma lente crítica feminista, a estudiosa nos impõe algumas meditações acerca do fator intrínseco dessas conjecturas em torno da sexualidade feminina, dentre os quais se destaca a sua compreensão de que esse quadro inibitório não é originário no contexto do desenvolvimento psicosssexual, como Freud sugere, e sim uma consequência alimentada e reiterada pelo modo com a sexualidade e a agressividade são incutidos tanto pelas figuras parentais, como pela cultura no processo da sua formação subjetiva. Se as mulheres espelham um comportamento majoritariamente passivo frente ao ambiente em que estão inseridas, isso não diz de uma ausência da pulsão de agressividade, de desejos destrutivos em sua configuração psíquica. Tal visão pode ser explicada pelo fato de que aspectos como a inveja, o ciúme, a raiva, a assertividade e tantos outros tidos como reprováveis no sentido comportamental, quando são reprimidos, eles não desaparecem, podendo se manifestar de formas indiretas, manipuladoras ou destrutivas, inclusive sob o signo da perversão. Lerner sugere, desse ponto de vista, que o comportamento disfuncional de uma mulher pode entendido sob a ótica de uma tentativa desviante de exercer poder ou expressar uma frustração profunda quando não há uma saída saudável para aqueles desejos inconciliáveis.

Como observável na clínica, e respaldado por inúmeras representações na literatura, desde figuras mitológicas como Medeia até personagens rinaldianas que refletem a psique feminina, a não passividade feminina, inclusive sob a forma de agressividade e violência destrutiva em mulheres, pode escapar a essa inibição por diversos fatores, por exemplo, intensos sentimentos de privação, mágoa ou perda — sejam eles reais ou apenas percebidos. Nesse sentido, Lerner (1982) apresenta um contraponto que tenta aglutinar tanto o aspecto psicosssexual ao histórico no que se refere às mulheres, com vistas a observar não somente o que acreditar serem limitações no arranjo psicanalítico canônico, mas, principalmente, como de fato sexualidade e agressividade agem em comunhão na vida consciente e inconsciente das mulheres frente às barreiras ao desejo, aos escarmentos à sua agressividade, signatários do modelo patriarcal em que todos nós estamos inscritos. Ou seja, em vista disso, podemos

³⁶⁹ LERNER, Harriet F. A má rotulação dos genitais femininos como determinante da inveja do pênis e das inibições de aprendizagem. In: BLUM, Harold P. *Psicologia feminina: uma visão psicanalítica contemporânea*. Tradução Helena Mascarenhas de Souza, Porto Alegre: Artes Médicas, 1982, p. 190-200.

entender que, diferente daquilo que prega o discurso comum, onde a agressividade feminina parece ser aceita e celebrada socialmente apenas quando associada à defesa dos filhos, é importante reconhecer que a agressividade, igualmente, é um impulso tão fundamental quanto a afetividade, já que se pode construir agressivamente, ao mesmo tempo em que se pode matar afetivamente.

2.2.3 Complexo de Édipo e a (in)viabilidade estrutural da perversão feminina

De todas as contribuições freudianas à teoria do desenvolvimento psicosssexual humano, a postulação do complexo³⁷⁰ de Édipo, sem dúvida, é a que mais se destaca em associação ao seu nome, não à toa constitui, até hoje, apesar das discussões acaloradas sobre a sua universalidade, um elemento nuclear ao argumento psicanalítico, haja vista que, além de se tornar, para Freud, o conflito decisivo para a formação da dialética arcaica entre desejo e interdição, sendo, portanto, central para o processo de subjetivação neurótico, descobriu-se, no decorrer de sua teoria, também compor o dilema primordial para os demais rumos de sustentação psíquica. Assim como a tragédia na qual Freud foi buscar referência histórica, subjetiva e terminológica, *Édipo Rei*, do dramaturgo grego Sófocles, o complexo edípico também se institui por meio de uma narrativa, na qual a tríade familiar compõe o conjunto de personagens, em que a criança, peça central desse cenário, experimentará sensações ambivalentes em relação aos seus genitores, fruto das angústias de ordem libidinal e identitária, projetadas e introjetadas nessa relação. A historiografia psicanalítica nos diz que a primeira menção freudiana ao tema ocorreu ainda no período pré-psicanalítico, quando, em uma epístola direcionada ao seu maior interlocutor, Wilhelm Fliess (1858-1928), Freud afirma ter se deparado com uma cena perturbadora em sua autoanálise, cujo conteúdo simbólico o despertou para um fenômeno que acreditava ser comum a todos os seres humanos, que até a literatura clássica grega substanciava:

Descobri também, em meu próprio caso, o fenômeno de me apaixonar por mamãe e ter ciúmes de papai, e agora o considero um acontecimento universal do início da infância [...]. Se assim for, podemos entender o poder avassalador do *Oedipus Rex*, a despeito de todas as objeções que a razão levanta contra a hipótese de uma

³⁷⁰ O termo “complexo” começou a ser utilizado por Freud por volta da primeira década do século XX, mais especificamente em 1906, a partir de sua postulação pelos psiquiatras suíços Eugen Bleuler (1857-1939) e Carl Gustav Jung (1875-1961), com quem iniciou um profícuo contato. Em Jung, complexo determina “um conjunto de ideias carregadas afetivamente e que era [é] capaz de conduzir o curso associativo” (Bleichmar, 1984, p. 10).

inexorável fatalidade; e podemos entender por que os recentes ‘dramas do destino’ estavam destinados a fracassar tão lastimavelmente. Nossos sentimentos se rebelam contra qualquer compulsão individual arbitrária [...], mas a lenda grega capta uma compulsão que todos reconhecem, pois cada um pressente sua existência em si mesmo.³⁷¹

O que o autor expõe nessas palavras preliminares é que, assim como o herói da tragédia grega, todos nós sofremos de reminiscências infantis, as quais funcionam como forças que nos obrigam a desvendar o código por trás dos dilemas de nosso nascimento, mas, ao fazê-lo, corremos o risco de nos colocarmos nus diante da culpa e do castigo, elementos que expõem o poder do destino, sobre o qual pouco podemos fazer, como se mostra explícito, em especial, na infância. No entanto, a descoberta freudiana só veio a figurar enquanto complexo específico com a publicação daquela que é considerada a obra inaugural da psicanálise, *A Interpretação dos Sonhos*³⁷², em 1900³⁷³, oportunidade em que o autor reforçou a importância da cena edípica para o esclarecimento dos padecimentos anímicos, sublinhando como a mitologia testifica essa dinâmica em sua potência criadora, assim como através da aflição com que tomamos o fadário do rei tebano, o que também denotaria o nosso reconhecimento diante da tragédia comum que nos integra. Nas palavras do autor, sua descoberta é

[...] confirmada por uma lenda da Antiguidade Clássica que chegou até nós: uma lenda cujo poder profundo e universal de comover só pode ser compreendido se a hipótese que propus com respeito à psicologia infantil tiver validade igualmente universal. O que tenho em mente é a lenda do rei Édipo e a tragédia de Sófocles que traz o seu nome.³⁷⁴

Em termos conceituais, o complexo de Édipo aduna os desejos amorosos e agressivos que as crianças sentem em relação aos genitores, cuja expressão se acentua, segundo Freud (1905/1972) entre os três e cinco anos, correspondente à chamada fase fálica³⁷⁵, ocasião em

³⁷¹ Masson, 1986, p. 273.

³⁷² FREUD, Sigmund (1900). *A Interpretação dos Sonhos*. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 4.

³⁷³ Salientamos que, embora na capa da obra conste que a publicação ocorreu em 1900, a primeira edição foi lançada, de fato, no final de 1899. A intenção de datá-la em 1900 parte da visão de que isso marcaria a inauguração dos fundamentos da psicanálise em paralelo ao limiar do novo século.

³⁷⁴ Freud, 1900/1972, 277.

³⁷⁵ Muito embora a expressão seja quase sempre associada aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905, sua utilização, de fato, só ocorreu em 1923, com a publicação do artigo “A organização genital infantil”, onde o autor a institui como a fase de organização infantil da libido posterior às fases oral e anal. Laplanche e Pontalis (1991, p. 178) que ela se caracteriza “[...] unificação das pulsões parciais sob o primado

que a presença da figura paterna se intensifica, ao ponto de estabelecer a tríade que a psicanálise denomina de cena edípica ou, mais dramaticamente, romance familiar³⁷⁶. Embora seja substituído pela entrada do sujeito no período de latência, torna a ser vivenciado na puberdade, momento em que a forma como se dá o seu declínio será determinante para as escolhas objetais futuras. Para o pai do argumento psicanalítico, a manifestação desse complexo pode ocorrer de três formas³⁷⁷: a primeira delas, a *positiva*, configura-se por meio do investimento amoroso para com o genitor do sexo oposto, enquanto os sentimentos de hostilidade são dirigidos para aquele de mesmo sexo. A *forma negativa* compreende a configuração inversa, onde os sentimentos positivos seriam direcionados ao genitor do mesmo sexo e os de ódio para o do sexo oposto. A terceira modalidade é a chamada *forma completa* do complexo de Édipo, na qual amor e ódio são dirigidos, de forma ambígua e desnivelada, para ambos os genitores ou para apenas um, como podemos evidenciar no famoso caso clínico do "Homem dos Lobos", descrito na obra "História de uma neurose infantil", de 1918, em que apresenta um estudo sobre o caso de Sergei Constantinovitch Pankejeff (1886-1979), um aristocrata russo que buscou a clínica freudiana com vistas a tratar uma série de sintomas, os quais o psicanalista posteriormente, por meio da análise dos sonhos do paciente, descobriu se tratarem do resultado da ambivalência pulsional destinada à figura paterna, decorrente do fato de que "Serguei quando bebê teria observado a relação sexual dos pais e teria compreendido a cena como sua complexidade"³⁷⁸, isto é, teria, paralelamente, identificando-se com a própria mãe e introjetado a lei simbólica da castração, por consequência, tornou-se o exemplo clássico da formação de um sonho a partir de desejos edípicos reprimidos.

Como elemento central do processo de desenvolvimento psicosssexual freudiano, o complexo de Édipo compreende um cenário que implica não apenas o contexto incestuoso inscrito na tríade familiar, mas como um substrato decorrente da condução natural da sexualidade perversa infantil, a partir da qual, como ocorre no processo de *fixação*

dos órgãos genitais; mas, o que já não será o caso na organização genital pubertária, a criança, de sexo masculino ou feminino, só conhece nesta fase um único órgão genital, o órgão masculino, e a oposição dos sexos é equivalente à oposição fálico-castrado. A fase fálica corresponde ao momento culminante e ao declínio do complexo de Édipo; o complexo de castração é aqui predominante".

³⁷⁶ Romance familiar é um conjunto de fantasias operadas na vida anímica infantil, a partir do qual a criança modifica, na esfera da imaginação, os laços que possui com seus pais, de modo a dar lugar à série de conflitos sentimentais que circunscrevem essa relação.

³⁷⁷ Compete-nos ponderar que, conquanto Freud utilize os termos positivo e negativo, não o faz no sentido valorativo, e que, embora o complexo de Édipo registre quantidades energéticas de amor e ódio em diferentes graus, ambos são igualmente transpostos na relação da criança com as figuras paterna e materna.

³⁷⁸ CARVALHO, Priscila dal Molin; FULGENCIO, Leopoldo. O caso do Homem Dos Lobos: um estudo psicanalítico sobre as interpretações pós-Freud. In: *XVII ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA*. Anais [...] Campinas-SP: Puc Campinas, 2012, 2012, p. 3.

autoerótico, pode desencadear-se como uma conjuntura que persistirá “por toda a vida, uma perversão que consuma toda a vida sexual do sujeito”³⁷⁹, a depender de como cada indivíduo vivencia o percurso edipiano, do mesmo modo tendo a chance de que a experiência perversa infantil seja interrompida, “permanecendo ao fundo de um desenvolvimento sexual normal, do qual no entanto, continua a retirar uma determinada quantidade de energia”³⁸⁰, levando-nos a considerar que a polimorfia perversa da sexualidade infantil não tem como destino certo a perversão no adulto, mas, necessariamente, será uma marca indelével, um signo anímico que ganhará ainda mais expressão a depender dos rumos subjetivos do Édipo. Destarte, impõe-se o seguinte questionamento: se o complexo de Édipo é uma dinâmica universal no modelo de entendimento dos rumos comportamentais do ser humano, como ele se configura nos itinerários subjetivos do homem e da mulher? Vejamos.

Ao enveredar pela teoria psicanalítica freudiana das perversões, nota-se um denominador muito contundente, o de que houve uma predileção do estudioso em relação às configurações da perversão no masculino, algo que, como assinalado anteriormente, também representou o modelo de investimento laboral dos sexólogos no século XIX e daqueles que os antecederam, haja vista uma mesma problemática que até hoje dificulta o olhar mais detalhado em torno das perversões no feminino, a qual se apresentava mais fortemente no período freudiano, o fato de que, clínica e socialmente, os perversos não encontravam lugar na clínica psicanalítica. Levemos em consideração a controvertível crença de que o perverso não procura análise. O que move um sujeito a procurar auxílio psicanalítico é, em primeiro lugar, uma angústia que promove a precarização de certos aspectos da vida, caso comum dos sujeitos neuróticos. Em se tratando dos perversos, esse fator não encontra lugar, porque o perverso não é marcado por uma consternação psíquica, e sim por *gozos*, logo, “Por que alguém procuraria se desvencilhar dos gozos? [...] O perverso sabe sobre o gozo, portanto não tem razões de buscar uma análise”³⁸¹. Isso posto, e levando em consideração que em todo o século XIX e início do XX havia uma “proteção”, própria do discurso burguês, quanto à imagem casta do feminino, restou aos investigadores da subjetividade, como Freud, a inclinação pela dimensão masculina dos fenômenos perversos, algo que, tornamos a dizer, está enrustado em toda a incursão freudiana pelas perversões, todavia, de modo algum,

³⁷⁹ FREUD, Sigmund (1919). 'Uma criança é espancada': uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 17, p. 240.

³⁸⁰ Freud, 1919/1976, p. 240.

³⁸¹ QUEIROZ, Edilene Freire de. *A clínica da perversão*. São Paulo: Escuta, 2004, p. 29.

suscitou em um esvaziamento, uma omissão para com as mulheres, embora, certamente, não as colocou em paridade com o masculino, fato esse que nos faz reconhecer, desde já, e levando em consideração a pergunta feita no parágrafo acima, que o complexo de Édipo está centrado no menino na obra freudiana. Estabelecida essa afirmação, passemos às particularidades descritas pelo excelso pesquisador.

Assim como o complexo de Édipo é um fenômeno de caráter universal para a psicanálise, outra asserção com *status* invariável é a determinação da figura materna como objeto de amor primevo, tanto para as meninas, como para os meninos, estes tomando o pai como objeto de identificação, o qual servirá como recipiente da ambivalência afetiva do filho. A razão para isso é que, ao passo em que é tomado como *standard*, também surge na cena do amor incestuoso entre o filho e a mãe sob a forma de um adversário, a quem interpela o poder sobre a figura materna, privando-o da condição de fusão até então estabelecida, dessa forma, aos olhos do filho, “o pai assume então uma coloração hostil e transforma-se num desejo de livrar-se dele, a fim de ocupar o seu lugar junto à mãe”³⁸². Nesse mesmo período, o qual Freud denomina fase fálica, em que os investimentos pulsionais encontram nos genitais um meio de satisfação, mas não de forma central, como ocorre nos adultos, ou seja, as crianças passam a erogenizá-los sem fixação, todavia, diferindo do adulto, as crianças não tomam os órgãos genitais femininos como atuantes, levando em consideração que sua percepção é muito ligada ao caráter anatômico, visual, o que contribui para que, em ambos os casos, tanto meninos quanto meninas, passem a ser regidos por uma genitalidade infantil operada pelo domínio fálico, isto é, por meio do *falo* como única referência.

Como as respostas para as dúvidas infantis nem sempre encontram lugar num processo cognitivo maduro, Freud (1923a)³⁸³ parte do ponto de vista de que a percepção das crianças toma a fantasia como lugar comum de suas resoluções, o que implica dizer que, quando um menino se depara com o fato de que sua irmã, mãe, tia, avó ou outra figura feminina não possui esse objeto que lhe proporciona prazer, logo, é na fantasia que tenta encontrar alguma acuidade. Por não compreenderem a diferença anatômica entre os sexos, os meninos acabam partindo de um pressuposto que visa suplantar o estranhamento da ausência, atribuindo, em fantasia, algumas explicações possíveis, de modo que não se apodere sobre ele uma explicação mais dolorosa, como: “é pequenino ainda, mas vai crescer”, ‘ela o tinha, mas

³⁸² FREUD, Sigmund (1923a). O id e o ego. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19, p. 46.

³⁸³ Freud, 1923a/1976, p. 25-83.

perdeu’, ‘o pênis foi cortado como castigo’ etc”³⁸⁴. Dentre essas respostas, uma assume um lugar especial e terrífico na dinâmica do triângulo edípico, a de que as meninas perderam o pênis por intermédio de uma punição, como constatado no caso do "Homem dos Lobos" e, de modo ainda mais contundente, no do "pequeno Hans". Recordemos, brevemente, o caso. Os relatos de que Hans começara a apresentar alguns sintomas fóbicos se deram quando ele estava às vésperas de completar três anos, que se diluíram no medo de ser mordido por cavalos, animal que ainda fazia parte do cenário urbano ocidental no início do século XIX, fazendo com que o menino passasse a limitar bastante as suas saídas de casa. Como explicar a ligação temerária da criança em relação a cavalos e como isso diz algo acerca do complexo de Édipo?

Hans, naquela idade, começa a apresentar curiosidade em relação à anatomia dos animais e dos seres humanos, tendo o pipi, representante fálico, como ponto de especial atenção, sobretudo os pênis de animais de médio e grande porte. Em certa ocasião, já aos três anos e meio, passa a tocar o seu órgão genital, fato que, ao ser visto pela mãe, é logo repreendido por esta, a qual afirma que se ele voltasse a praticar aquela ação, ela chamaria um médico para retirar seu pipi, momento que instaurou um conflito singular na dinâmica subjetiva desse menino, o da possibilidade da perda desse elemento importante, instituindo a entrada de Hans no domínio da cultura, isto é, da imposição da possibilidade de punição frente a uma prática considerada aviltante para o meio social. Embora sinalize o primeiro contato de Hans com a ameaça de castração, o episódio não o marcou de forma inviabilizante, pois continuou a apresentar a curiosidade quanto aos órgãos genitais. Certa vez, observando sua mãe despida, é questionado por ela sobre os olhares direcionados ao seu corpo, momento em que Hans intercala se ela também tem um pipi: “Hans: ‘Eu só estava olhando para ver se você também tem um pipi.’ Mãe: ‘Claro. Você não sabia?’ Hans: ‘Não. Pensei que você era tão grande que tinha um pipi igual ao de um cavalo.’”³⁸⁵, pergunta que Hans também já tinha feito ao seu pai.

No entanto, o evento mais distintivo para ele, segundo narra o próprio psicanalista, ocorre com a chegada de sua irmã, a qual passará a compor o cenário de inquietação do menino, não só pela importância dada à recém-nascida, em detrimento aos cuidados anteriormente dedicados exclusivamente a ele, como a observação da diferenciação anatômica

³⁸⁴ POLI, Maria Cristina. *Feminino/Masculino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007, p. 19.

³⁸⁵ FREUD, Sigmund (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (O pequeno Hans). In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 10, p. 19-20.

entre eles, como ocorreu certa vez, ao observar darem banho na sua irmã e perceber a aparente ausência do pênis, cuja solução, em sua fantasia, como apontamos anteriormente, se deu por meio de apaziguamentos: “‘Mas o pipi dela ainda é bem pequenininho’, observou; e acrescentou, à guisa de consolo: ‘Quando ela crescer, ele vai ficar bem maior’”³⁸⁶.

Ao reunir os dados do caso, que fora reportado pelo pai de Hans³⁸⁷, Freud tenta entender os porquês do sintoma fóbico relacionado a cavalos, já levando em consideração a curiosidade do menino em relação a esse tipo de animal devido ao tamanho do pênis. Em suas anotações, o analista retoma um sonho que o jovem teve pouco antes de completar cinco anos, do qual acordou em lágrimas. Sonhara que o pai havia ido embora e que levava a mãe junto, fazendo com que não pudesse mimar juntos, ou seja, tranquilizá-lo frente aos sonhos terríficos que tinha e o medo de ser mordido por cavalos. Um fato que o psicanalista salienta como digno de bastante atenção foi o resultado dos pais terem esclarecido a Hans que, diferente do que haviam contado antes, as mulheres, na verdade, não possuíam pipi. Tal revelação, que tinha a intenção de promover um alívio nas dúvidas do menino, ao que tudo indica, tiveram o efeito oposto, potencializando seu bulício. O motivo é que, ao que tudo indica, as elucidações serviram como fonte de constatações outras: “‘Seria possível haver seres vivos que não tivessem pipis? Se assim fosse, não mais se poderia duvidar de que eles pudessem fazer desaparecer seu próprio pipi e, se assim fosse, transformá-lo em mulher!’”³⁸⁸, ou seja, introjeta-se em Hans o temor de que poderia lhe ser retirado, tal como as mulheres, um elemento que para ele representava algo muito valioso e prazeroso.

Apesar de já se suspeitar que a fobia de Hans por cavalos ter uma ligação óbvia com o caráter fático, a associação desses eventos com a fobia do menino só começou a ganhar contornos mais precisos por intermédio de um sonho do jovem com duas girafas, em que uma delas estava amassada e Hans a retirava de perto da outra, a qual gritava por ele fazer isso. Esse sonho trouxe uma visão assertiva da fobia do menino, o qual o próprio pai se encarregou de detalhar:

A girafa grande sou eu mesmo, ou melhor, o meu pênis grande (o pescoço comprido), e a girafa amarrotada é minha esposa, ou melhor, seu órgão genital. Trata-se, por conseguinte, do resultado do esclarecimento que lhe fora dado. ‘Tudo isso é a reprodução de uma cena que se desenrolara durante quase todos esses últimos dias, pela manhã. Hans sempre entra em nosso quarto, bem cedinho, e minha mulher não pode resistir, levando-o com ela para a cama por alguns minutos.

³⁸⁶ Freud, 1909/1976, p. 21.

³⁸⁷ A análise se deu por intermediação do pai, que era analisando de Freud.

³⁸⁸ Freud, 1909/1976, p. 46.

Em resposta a esse procedimento, invariavelmente passo a admoestá-la para não levá-lo consigo para a cama (“a girafa grande gritava por que eu tirei a amarrotada de perto dela”); e ela responde, às vezes sem dúvida com certa irritação, que tudo é uma bobagem, que afinal um minuto não conta, e assim por diante. Desse modo, Hans fica com ela por um instante. (“Aí a girafa grande parou de gritar; e então eu sentei em cima da amarrotada.”) ‘Esta, portanto, é a solução dessa cena matrimonial, transportada para a vida da girafa; à noite, ele fora arrebatado por uma ânsia de ter sua mãe, suas carícias, seu órgão genital, e por essa razão veio para nosso quarto. Tudo isso é continuação de seu medo de cavalos’.³⁸⁹

Concatenando esse a outro episódio, no qual Hans confessou um desejo de natureza proibida, em que viajava de trem com o pai e ambos quebravam uma das janelas do veículo, provocando as suas prisões. Freud (1909) encara essa como a perfeita continuação da narrativa das girafas, pois ambas as fantasias indicavam que a psiquê de Hans trabalhava no sentido de mostrá-lo que a ação de tomar a mãe para si correspondia a um ato proibido, representativo dos interditos da cultura. Essa apuração se testificou ainda mais graças a fato de que Hans só tinha esses pensamentos de teor interdito quando na presença do seu pai, porque “Ele pensava que seu pai também fazia aquela coisa proibida e enigmática com a sua mãe, que ele substituíra por um ato de violência tal como quebrar uma vidraça ou forçar a entrada num espaço fechado”³⁹⁰.

Logo, tem-se um modelo exemplar do conflito edípico em andamento, talvez o mais contundente na obra freudiana, no qual o filho expõe, em minúcias, a dualidade das pulsões nesse panorama afetivo, ao mesmo tempo, direcionando a sua hostilidade para o pai, pois, inconscientemente, ele tornou-se um rival na sua relação, até outrora, quase plena com a mãe, bem como no evidente e concomitante processo de identificação que também compõe a cena, expresso no embate desigual de forças, fator que desencadeia a ansiedade em Hans, cujo psiquismo, de modo a atenuar o fato do menino não ter capacidade de lidar com esse conflito de forma crua, toma-o como matéria bruta e dele extrai uma narrativa metafórica, nos moldes de um labirinto, o qual, em sua natureza desviante, também se institui como um provedor de angústia, em que o cavalo assume o lugar do pai e o selo da sua ameaça, entendida por Freud como uma alegoria da lei simbólica, do temor de castração.

Olhemos, com a devida atenção, para o denominador de que o *falo*, elemento simbólico e sem representante definitivo, que Freud postula como uma das peças bases do conflito, pois Hans tinha medo de que, assim como o cavalo poderia mordê-lo, seu pai pudesse retirar seu pênis — *falo* simbólico —, seu objeto de interesse, de curiosidade, de

³⁸⁹ Freud, 1909/1976, p. 49.

³⁹⁰ *Ibidem*, p. 51.

prazer, dotando-o de uma angústia que só poderia ser suportada, no universo infantil, pela translação inconsciente dessa realidade para uma de teor fantasístico. Todavia, é imperativo indicar que, em suas raízes, o temor de castração também não diz de uma exclusividade da ameaça ao pênis no menino, mas, indiretamente, em outros receios que podemos destacar como infinitamente maiores e mais primitivos, os quais se condensam sob a forma de desamparo, algo que Freud não se privou de pontuar em sua obra, apesar de deixar claro que o pênis é o símbolo fálico por excelência desse enquadre da diferenciação sexual na sua teoria:

Já foi sugerido com insistência que o bebê, toda vez que o seio materno é afastado dele, sente essa privação como uma castração (isto é, como perda daquilo que ele considera como uma parte importante de seu próprio corpo); ademais, sugeriu-se que ele não pode deixar de ser identicamente afetado pela perda regular das fezes; e que, afinal, o ato do próprio nascimento (que consiste, de fato, na separação da criança da mãe, com a qual ela até então esteve unida) constitui o protótipo da castração. Mesmo reconhecendo todas as raízes do complexo, expus o ponto de vista de que a expressão “complexo de castração” deve restringir-se àquelas excitações e consequências decorrentes da perda do pênis. Qualquer um que, analisando pessoas adultas, se convenceu da presença invariável do complexo de castração irá sem dúvida encontrar dificuldades em atribuir sua origem a uma ameaça causal, aliás, de espécie nada comum; será levado a admitir que as crianças constroem para si mesmas esse perigo, utilizando os mais indiretos indícios, os quais jamais deixarão de existir. Tal circunstância é também, com efeito, o motivo que estimulou a busca daquelas raízes mais profundas do complexo que têm ocorrência universal.³⁹¹

Para Freud, a maneira como se institui a dissolução do drama edípico tem uma importância cruciforme no alicerçamento comportamental e subjetivo do indivíduo em sociedade. Ao assumir para si que a figura paterna detém a prerrogativa sobre a mãe, primeiro objeto de amor para ambos os sexos, o menino passa a ser regido pelo temor de castração, reconhecendo, inconscientemente, a incapacidade do prazer ilimitado, essencial para a sua entrada menos caótica no meio social, o qual lhe imporá cerceamentos igualmente desagradáveis do ponto de vista pulsional, mas imprescindíveis para a manutenção da cultura. Nesse sentido, pode-se considerar que é com base no declínio do complexo de Édipo que o menino assume a posição neurótica frente ao mundo, que, em se tratando do entendimento freudiano, não corresponde a um processo de subjetivação isento de sofrimentos — os sintomas são marcas permanentes dessa assertiva —, e sim em um estar no mundo com menor grau de disrupção frente às imposições civilizatórias. Como vimos no caso do pequeno Hans, foi necessário que o menino abandonasse a exclusividade do amor materno, da identificação

³⁹¹ Freud, 1909/1976, p. 12.

com a mãe, que não é totalmente descartada, pois permanece incorporada à lógica primitiva do narcisismo infantil desse sujeito, para tomar seu lugar na ordem social.

Levando-se em consideração que a teoria psicosexual freudiana parte de um pressuposto fálico, então, na mesma direção em que o menino, acreditando ser portador do *falo*, se inscreverá subjetivamente através do receio de perdê-lo, é na condição de não ter um pênis/*falo* que as meninas se constituirão de maneira contrastiva a dos meninos e, assim, encontrar o acesso à feminilidade. Se o componente organizador da subjetivação do menino, no trânsito edípico, é o temor de perder o que se tem, na menina essa angústia não se constitui, haja vista a castração ser uma marca indelével da sua anatomia. Esse panorama só foi mais bem trabalhado por Freud a partir de 1924, com a publicação de “A dissolução do complexo de Édipo”³⁹², momento em que o estudioso assume a necessidade de investigar e delimitar a diferenciação da vivência edípica entre meninos e meninas. Nela, Freud constata que, antônimo ao movimento do menino, que se estabelece homem na dissolução do complexo edípico, a menina empreende em direção oposta, já que não sofre os efeitos de uma ameaça de castração. É interessante observar, nesse ponto, como são distintas as formas como meninos e meninas vivenciam o processo edípico, em especial no que tange à relação com a figura materna. No caso dos meninos, o Édipo é superado através da desistência, na dimensão anímica, quanto ao laço incestuoso com a mãe, sob a promessa simbólica de que essa cisão lhe permitirá, futuramente, ser compensado com um objeto de amor semelhante/substituto. Notemos que, na formação positiva do Édipo masculino, o menino passa a se identificar com o pai, amando-o e temendo-o, enquanto permanece amando a mãe e, igualmente, dirigindo-lhe certa carga de hostilidade, materializado no ciúme, mas, ainda assim, não tem uma mudança na sua escolha objetal. Na menina, o caminho é acentuadamente mais tortuoso. Ela direciona sua agressividade para a mãe, pois ela detém a posse do pai, simultaneamente, também se identifica com ela, percurso que fomenta uma angústia frente à possibilidade de que a sua hostilidade a faça perder esse primeiro objeto de amor, ou seja, antitético ao esquema masculino, a menina tem que se deslocar inicialmente pela forma negativa para, só depois, poder se erigir na positiva.

É nessa disposição invariavelmente conflituosa que a primazia do *falo* adquire o *status* articulador na elaboração freudiana, não só das perversões propriamente, mas de todas as

³⁹² FREUD, Sigmund (1924b). A dissolução do complexo de Édipo. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19, p. 215-224.

arquiteturas comportamentais. Lembremo-nos de que, no caso dos meninos, é o temor de serem castrados pela imago paterna que institui sua saída do complexo de Édipo, no entanto, é pela fantasia de castração que as meninas se constituem na dimensão feminina³⁹³, pois não há temor de que se possa perder o *falo*, pois seus corpos já carregam a “cicatriz” da castração simbólica desde tempos imemoriais de sua formação. Em seu “A organização genital infantil”, Freud (1923b/1976) sublinha algo que já consideramos anteriormente, o fato de que o *falo* não diz respeito diretamente ao pênis nem a qualquer outro representante específico, haja vista não constituir um elemento concreto, e sim o paradigma do *ter* ou *não ter*, o que coloca meninos e meninas em condições antagônicas em seus direcionamentos, já que, enquanto os meninos creem possuir o *falo* e se angustiam diante da menor possibilidade de perdê-lo, as meninas, por seus corpos carregarem o emblema de que não o possuem, seja porque o perderam ou lhe foi retirado, empreendem esforços no intuito de reconquistá-lo, o que explica, entre outras coisas, segundo o psicanalista vienense, o movimento de agressividade da menina no tocante à mãe, pois, também como resultado do processo de identificação, ela foi a “responsável” por tê-la castrado, desapropriado do *falo*.

Se levarmos em conta que o operador freudiano da perversão é o *desmentido*, a *recusa* da castração, a *negação* da percepção traumática da ausência do pênis na mulher, tem-se por denominador que a estrutura perversa encontra lugar na vivência de um complexo edípico em que a lei simbólica não foi instituída de modo suficientemente capaz de promover a clivagem neurótica, por isso ainda a teoria psicanalítica dispõe de um outro termo para aludir à *renegação*, ou seja, uma dupla *recusa* na sistemática subjetiva do perverso, na qual uma corresponde ao reconhecimento da existência de uma lei simbólica, da autoridade paterna, mas cuja eficácia é negada pelo sujeito, e a outra diz respeito à *recusa* da ausência fálica no corpo materno, portanto no feminino, fato que é tamponado, no caso da perversão enquanto mecanismo de defesa psíquica, pelo ingresso de “um substituto para o pênis de que sentia falta nos indivíduos do sexo feminino, o que equivale dizer, um fetiche”³⁹⁴, que possibilita a tais indivíduos se sustentarem por intermédio de manifestações psicosssexuais como sadismo, masoquismo, canibalismo, voyeurismo, exibicionismo etc.

Mas como pode a mulher estabelecer-se perversa se a castração não lhe é uma opção, e sim um signo? Aqui, chegamos ao impasse que dá substância à problemática estrutural da

³⁹³ Freud, 1933/1974.

³⁹⁴ FREUD, Sigmund (1940 [1938]). A divisão do ego no processo de defesa. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. 23, p. 311.

perversão feminina. Diferente do homem, salientam Barros e Mendonça (2013), a mulher não dispõe desse recurso, já que “ela não tem como fugir ao encontro com o real da castração, só lhe restando o *recalque* ou a *foraclusão* da falta fálica. Pode ser louca, histérica ou obsessiva, mas nunca perversa”³⁹⁵. Diante desse horizonte, a entrada das mulheres na estrutura perversa seria psiquicamente inviável. Todavia, mesmo no cenário conservador europeu das décadas iniciais do século XX, mostrar-se-ia irreal afirmar a não existência de mulheres cujas ações explicitamente apontavam para os desvios típicos das perversões. A esse respeito, e mesmo diante das limitações de entendimento da própria natureza feminina, do enigma do feminino ainda existente por parte das ciências da mente naquele momento, Freud buscou apresentar em que medida as mulheres poderiam ser incluídas nesse arranjo. Partindo do entendimento pré-estabelecido de que tanto para homens quanto para mulheres a castração simbólica exerce uma função ordenadora, isto é, que lhes impõe a entrada nas suas respectivas posições na sistemática social, logo, será a partir desses lugares que o acesso à perversão poderá ocorrer.

Em se tratando de Freud, podemos sinalizar, mais nitidamente, dois trâmites; ambos derivados do escrutínio que realizou do feminino, a saber, a maternagem e o fetiche. Pensemos o seguinte: se a mulher não possui um objeto fálico que instaure a possibilidade de padecimento pela angústia de perdê-lo, isso implica em uma posição hipoteticamente mais privilegiada do ponto de vista da acomodação sexual, ou seja, não estaria tão limitada quanto o masculino e, em oposição ao percurso do menino, que deve buscar um afastamento da figura materna para, só então, tornar-se “sujeito de si mesmo”, pode permanecer, em um primeiro momento, ocupando o lugar de objeto faltante para a mãe, isto é, pênis simbólico/fetiche, havendo também a opção de tomar seus filhos, mas não somente eles, posteriormente, como fetiches para tamponar a sua falta. Não obstante, pode-se direcionar seus esforços anímicos no sentido de ser amada “pelo pai, na esperança de obter deste a compensação de sua falta. Ela desloca para o pai os fins passivos de sua ligação libidinal com a mãe”³⁹⁶. Esses destinos denotam um panorama singular às mulheres, pois lhes é impossibilitado negar a falta, no entanto, podem negá-la em seu posicionamento frente às imposições da castração, sua e do masculino. Clavreul (1990)³⁹⁷ sugere que o componente singular da perversão não é a forma como o indivíduo lida com a falta, mas com a presença,

³⁹⁵ BARROS, Rita Maria Manso de; MENDONÇA, Ligia Gama e Silva Furtado de. Mulher Perversa? *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 218-231, jun. 2013, p. 220.

³⁹⁶ QUEIROZ, Edilene Freire de. A perversão no feminino. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 5, n. 3, pp. 92-108, set. 2002, p. 96.

³⁹⁷ CLAVREUL, Jean. O casal perverso. In: CLAVREUL, Jean et al. *O desejo e a perversão*. Campinas-SP: Papirus, 1990, p. 113-155.

então, sendo castrada constitutivamente, a transgressão do feminino se dilui na forma como a mulher busca ocupar o lugar do objeto e reforçar a sua presença, permitindo-se vivenciar, na mutualidade, uma configuração que substitui a lei simbólica pela lei do desejo, posicionamento que não mudará significativamente na retomada do tema por pós-freudianos como Jacques Lacan, que, assim como Freud, argumenta que a possibilidade de entrada da mulher na estrutura perversa se dá exclusivamente pelo modo como ela se coloca frente ao objeto libidinal, ou, mais precisamente, no interlúdio da relação mãe-filha e no desígnio de se colocar na posição de objeto exclusivo e imprescindível ao prazer do outro, a quem se submete e, dessa colagem, extrai a sua viabilidade de gozo perverso³⁹⁸.

2.2.4 Lacan e a perversão feminina enquanto formação fantasística

Jacques Lacan, a quem muitos atribuem o encargo de ter retomado a obra freudiana e expandido-a em vários aspectos, não se distancia, em essência, do fundador do argumento psicanalítico quanto ao posicionamento em relação à condição da mulher na estrutura perversa. *Em seu Seminário 4: a relação de objeto*³⁹⁹, Lacan (1956-1957/1995), ao investigar o percurso feminino pelo complexo edípico, reafirma a interpretação freudiana de que a inclusão da menina no cenário edípico, díspar ao que ocorre com o menino, se dá no reconhecimento da castração, derivando-se dessa constatação os impulsos negativos em relação à figura materna, pela identificação na falta e pela disputa em relação a quem o tem; e os amorosos no que tange ao ente paterno, o qual a menina crer possuir o *falo* e a capacidade de restituí-la com um objeto de satisfação. Em contraposição ao argumento de Clavreul (1990), que citamos anteriormente, Lacan averba que é na falta, não na presença, que o sujeito é amado, ou melhor, que os indivíduos amam em maior grau o que lhes falta, não o que possuem, discurso que alimenta, animicamente, o direcionamento da menina para o pai, sujeito que, na cena edípica, é o único capaz de lhe dar o que ela não tem, o *falo*. Como o incesto não pode se consumir, o que resultaria na obtenção de um filho proveniente desse pai, a menina torna a fortalecer o vínculo identificatório com a mãe, aceitando, tal como os meninos o fazem, a “promessa” de serem compensados na vida adulta, no caso das meninas,

³⁹⁸ Queiroz, 2004.

³⁹⁹ LACAN, Jacques (1956-1957). *O seminário, livro 4: A relação de objeto*. Tradução de Dulce Duque Estrada e revisão de Angelina Harari. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

de receberem esse *falo*/filho de um substituto paterno, um parceiro que, de fato, possa presenteá-las com um filho⁴⁰⁰. Nas palavras de Lacan, o

[...] pai é para ela, inicialmente, objeto de seu amor - isto é, objeto do sentimento que se dirige ao elemento de falta no objeto, na medida em que é pela via desta falta que ela foi conduzida a esse objeto que é o pai. Esse objeto de amor se torna em seguida aquele que dá o objeto de satisfação, o objeto da relação natural de procriação. A partir daí, só é preciso que ela tenha um pouco de paciência para que o pai venha enfim ser substituído por aquele que irá preencher exatamente o mesmo papel, o papel do pai, dando-lhe, efetivamente, uma criança.⁴⁰¹

Levando em consideração que a feminilidade é um componente construído a partir do olhar de um Outro, é por meio do desejo deste que a menina descobre se o possui ou não, isto é, a passagem entre a condição de criança para mulher necessita de um olhar desejante que a auxilie nesse descobrimento, que, nos primeiros tempos, busca obtê-lo pelo amor paterno⁴⁰², corroborando a perspectiva de Freud (1933) de que há um movimento de identificação com a mãe e o desejo de receber do pai aquilo que a mãe foi incapaz de lhe dar. Essa identificação ocorre como consequência da constatação de que sua mãe, também castrada, não pode lhe dar o que ela almeja e, ao mesmo tempo, percebe que o desejo de sua mãe está amalgamado ao do pai. Por consequência, com vistas a conquistar o lugar de desejo paterno, aproxima-se da mãe, a quem o desejo do pai pertence, e se inscreve na mesma feminilidade para, assim, lograr o tão almejado amor do pai. É por isso que, tal como afirma Aulagnier-Spaurani (1990), em seu artigo “Observações sobre a feminidade e suas transformações”⁴⁰³, não seria exagero inferir que “a feminidade é, antes de mais nada, uma invenção dos homens”⁴⁰⁴, pela intervenção do seu desejo, conquanto, aludindo o pensamento lacaniano, não é raro perceber, seja na neurose ou na perversão, a mulher

[...] assumir o papel que se lhe propõe, cobrir sua nudez com os ornamentos de um desejo que não é seu e que, no entanto, o cruza, pois fala dela o objeto, permitindo que o prazer se torne resposta ao apelo do desejo. Simulacro, se quisermos, mas que alcança a própria essência de seu desejo, pois esse ornamento com o qual se cobre para se oferecer ao olhar do homem deve ser concebido como estando no próprio

⁴⁰⁰ CARVALHO, Gilzi Franco e Lima. *Perversão no Feminino: do Desejo Neurótico ao Gozo Perverso*. 2013. 115 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Goiânia, 2013, p. 31.

⁴⁰¹ Lacan, 1956-1957/1995, p. 207.

⁴⁰² DÖR, Joel. *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1991a.

⁴⁰³ AULAGNIER-SPAIRANI, Pietra. Observações sobre a feminidade e suas transformações. In: CLAVREUL, Jean (Org.). *O desejo e a perversão*. Campinas-SP: Papirus, 1990, p. 67-111.

⁴⁰⁴ Aulagnier-Spaurani, 1990, p. 69.

centro daquilo que vincula para a mulher prazer e desejo. Por isso ela pode ver nele a própria essência de seu prazer.⁴⁰⁵

Essa perspectiva de que o pai, por ser o primeiro homem, contribui decisivamente para a entrada da feminilidade no itinerário da menina alicerça o porquê do seu movimento narcisista em direção ao genitor, no intuito de se tornar, ela mesma, o ideal narcisista do pai. Esse arranjo, sublinha Lacan (1956-1957/1995), contempla o narcisismo primário feminino, o do reconhecimento da ausência fálica, submete-a a uma autodesvalorização enquanto sujeito, nisto, aproximando-se do pai, portador desse dom, como uma forma de compensar aquilo que não foi possível obter com a mãe. Nesse sentido, existe um proeminente cotejo entre a renúncia do *falo* (proveniente da identificação com a mãe) e a prevalência da relação narcísica (na aproximação com o pai), e isso se dá, como nos orienta o psicanalista francês, porque o *falo* é “abjurado por ela como pertence, e torna-se propriedade daquele a quem, desde então, se liga o seu amor, o pai, cuja criança ela efetivamente espera”⁴⁰⁶, mas que também não o terá devido ao já apontado interdito ao incesto. É por meio desse firmamento na crença narcísica de um substituto da figura do pai, o qual lhe dará o fruto da promessa, ou seja, o que lhe deve ser dado por direito, que se funda a dependência particular de muitas mulheres, as quais podemos denominar perversas, muitas vezes trajadas no limiar com a neurose obsessiva, a exemplo de *Medeia*, de Eurípides, e do conto “Duas margens”, de Fernandes (2005), que revelam fixações propriamente narcísicas. Ela é, de fato, “o ser mais intolerante a uma certa frustração”⁴⁰⁷, por isso o psicanalista argumenta que o componente narcísico presente no laço entre a filha e o pai, a princípio, levará a menina a necessitar de um outro que a ame, muito mais do que a própria necessidade de amá-lo, isto é, seu trajeto para entrada no campo do desejo compreenderia, anteriormente, uma admissão na posição de sujeito amado. Em outras palavras, ser um objeto de amor é uma carência prévia à condição de objeto de desejo, pois, “Através do amor a mulher se cobrirá de um desejo que não é o seu, para assim mostrar-se ao olhar do homem. Diante disso, a feminilidade só pode ser reconhecida por um Outro”⁴⁰⁸.

Nesse sentido, Lacan (1956-1957/1995) pondera que a experiência da castração possui um ponto similar nos processos de subjetivação masculino e feminino, porque ambos, menino e menina, são privados/castrados da presença do Outro, da ilusão de uma mãe fálica, a quem se mantinham fusionados e detinham a exclusividade do amor. Ao passo que a castração lhes

⁴⁰⁵ Aulagnier-Spairani, 1990, p. 80.

⁴⁰⁶ Lacan, 1956-1957/1995, p. 208.

⁴⁰⁷ *Ibidem*, p. 208.

⁴⁰⁸ Carvalho, 2013, p. 33.

é apresentada, meninos enquanto ameaça; meninas na constatação corpórea, o que lhes instituem o imprescindibilidade humana da falta, decorre um esforço no intuito de reconquistar esse objeto, ou melhor, esse lugar outrora ocupado, do qual foi desalojado, que ganha traços na identificação do menino com a figura paterna, condição para ter a mãe, mesmo que de forma parcial; enquanto a menina, através da própria identificação com a mãe, volta-se para o pai no sentido de elencá-lo como objeto de amor. Isso demonstra que, assim como os meninos, as meninas não buscam a materialidade do pênis, como erroneamente se interpreta, e sim o *falo*, o qual, para o argumento psicanalítico, é um elemento sem representante fixo, não à toa, Lacan (1956-1957/1995) dirá que a busca feminina pelo *falo* se refere não ao órgão ou a quem o detém, mas à possibilidade de um retorno àquela posição perdida com a castração, a de ser *falo* de alguém. Assim sendo, na esfera amorosa, manifestações de cunho perverso feminino se lastreiam comumente na revisita à posição de desamparo, à ruína da ilusão de ocupar novamente a posição de *falo*, de objeto de amor desse substituto paterno.

Do ponto de vista técnico e clínico, Lacan sofre com a mesma carência de Freud, a escassez de materiais sobre o tema da perversão feminina, quase sempre muito esparso dentro daquilo que podemos considerar como uma teoria em relação a determinado tópico, em outras palavras, as “referências de Lacan à perversão feminina são escassas; e quando ele aventou uma afirmação sobre a possível existência dessa entidade, foi sem desdobrá-la em detalhes”⁴⁰⁹. O que se dilapida do conjunto possível de leituras sobre a perversão feminina para o psicanalista francês, embora tente conduzir o discurso para o âmbito da fantasia, afastando-se, em parte, da visão centralizada do fetichismo de Freud, mesmo assim recai sobre o componente fálico atrelado a esse escopo, tornando a postulação da existência desse fenômeno nas mulheres muito mais uma incógnita do que uma assertiva. Se para o mestre vienense o fetichismo ocupa um lugar de destaque na posição da mulher frente à perversão, colocado em ação graças à fragilidade sexual masculina, carente de um objeto que exerça a função de intermediador para a *recusa*, nas mulheres esse elemento é dispensado na medida em que o próprio pênis ocupa esse lugar, fomentando a lógica lacaniana do pênis enquanto fetiche para as mulheres.

Todavia, ao estabelecer o mesmo caminho de Freud ao erigir o *falo* como paradigma da perversão, Lacan discorre sobre algo além do que está presente nesse constructo, o objeto

⁴⁰⁹ IZCOVICH, Luis. *A perversão e a psicanálise*. Tradução Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Aller Editora, 2019, p. 181.

mais-de-gozar. O termo *gozo* (*Genuß*) aparece na teoria psicanalítica desde Freud, que, mesmo o utilizando inúmeras vezes e com diversos significados, não expressou um aparente desejo de atribuí-lo um entendimento específico, o que nos força a constatação de que “*Genuß* não foi tratado como um conceito por Freud, que se limitou a utilizá-lo de maneira coloquial”⁴¹⁰. Díspar do fundador da psicanálise, Lacan manuseia o termo como um conceito extremamente relevante para a sua teoria. Como afirmado anteriormente, Lacan também parte da crença da castração enquanto emblema do limite em relação à ilusão da onipotência desse Outro⁴¹¹, ou seja, do limite ao qual num indivíduo pode/deveria ultrapassar, e é nessa ótica, da falta no Outro que aponta para a própria falta presente no sujeito, que o estudioso sedimenta o conceito de *gozo*, de uma “busca, tão repetitiva quanto inútil, do momento da satisfação de uma necessidade, que só se constitui como demanda”⁴¹², que Roudinesco e Plon (1998), na tentativa de estabelecer uma distinção do uso freudiano, muito mais direcionado à noção de prazer, situam-no como algo além, cujo esforço se concentra na tentativa de ultrapassar os limites do *princípio de prazer*, na procura da coisa extraviada que falta no lugar do Outro, o que necessariamente indica uma posição de sofrimento; mas cuja força nunca erradica por completo a busca de sua consumação. Nesses termos, a noção de *gozo* desempenha um papel crucial no horizonte conceitual lacaniano, sobretudo no que tange à perversão, pois está associado à “ideia de uma transgressão da lei: desafio, submissão ou escárnio”⁴¹³.

Levando-se em consideração que o termo *mais-de-gozar* possui uma estreita consonância com o conceito de *mais-valia* de Karl Marx (1818-1883), tem-se a perspectiva de que não existe um *gozo* absoluto, como muito se atribui aos perversos, e sim de fazer crer que ele existe, já que mesmo no caso dos perversos, esse algo além, esse *gozo* excedente, também está sublinhado, originalmente, em algo perdido. Nesse modelo referencial, Lacan põe em questão não uma perversão feminina propriamente dita, aos moldes estruturais, mais um

⁴¹⁰ COUTO, Luis Flávio Silva. Uma classificação dos sentidos do termo gozo em Freud. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 11, n. 2, p. 179-190, mai. 2006, p. 186.

⁴¹¹ Roudinesco e Plon (1998, p. 558) dizem trata-se de um termo “utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico — o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda, Deus — que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intra-subjetiva em sua relação com o desejo. Pode ser simplesmente escrito com maiúscula, opondo-se então a um outro com letra minúscula, definido como outro imaginário ou lugar da alteridade especular. Mas pode também receber a grafia grande Outro ou grande A, opondo-se então quer ao pequeno outro, quer ao pequeno a, definido como objeto (pequeno) a”. Em outras palavras, Lacan buscou distinguir a dimensão inconsciente proposta por Freud das demais perspectivas entendidas pela psicologia, ou seja, para delimitar “o que é da alçada do lugar terceiro, isto é, da determinação pelo inconsciente freudiano (Outro), do que é do campo da pura dualidade (outro) no sentido da psicologia”.

⁴¹² Roudinesco; Plon, 1998, p. 658.

⁴¹³ *Ibidem*, p. 299.

modo de subjetivação em que o *mais-de-gozar* constitui uma forma de se remover o véu que recai sobre o Outro, a qual lhe impede de gozar plena e totalmente. Em outras palavras, o psicanalista francês argumenta que a entrada do feminino em um possível cenário perverso se dá na irremediável necessidade de restituição do corpo do Outro, de encontrar o *gozo* perdido. Se, como propôs Marx, a *mais-valia* é o produto do discurso capitalista, que opera no sentido da obtenção do *gozo* ao custo da alteridade alheia, o *mais-de-gozar* entra em cena como uma forma de se sustentar em uma posição faltosa que busca o objeto perdido incansavelmente, que deve ser encarado como um elemento a ser recuperado a todo custo, assim, a mulher pode se colocar como aquela que supre a inconsistência do Outro, ou seja, tendo a perversão uma relação mais íntima com o *gozo*, conforme argumenta Lacan, ela pode ser encarada como

[...] uma operação do sujeito enquanto ele tendo sinalizado esse momento de disjunção pela qual o sujeito separa o corpo do *gozo*, mas *sabendo* que o *gozo* não foi somente, nesse processo, *gozo* alienado, que há também isto: que permanece em alguma parte uma possibilidade de que haja alguma coisa que tenha escapado disso.⁴¹⁴

É por meio dessa condição intangível do feminino que Lacan grifa que entender o seu gozo é escancarar “as portas de todos os atos perversos”⁴¹⁵. Tal assertiva lacaniana se fundamenta no fato de que, diferente do homem, cuja perversão está equidistante à problemática da castração, reconhecendo a autoridade paterna, mas negando o seu poder frente ao *falo* materno, na mulher há uma entrada no discurso subjetivo, assim como ocorre na *mais-valia*, de Marx, em que o indivíduo já se torna sujeito do discurso na condição de ser faltoso, por intermédio de um *mais-de-gozar*, o que significa que, em antinomia à lógica perversa masculina, na qual o único caminho é *denegar* a lei simbólica, nela o reconhecimento da falta lhe permite não um roteiro prototípico, e sim uma “experiência que não permite saber o uso que se fará da referida experiência”⁴¹⁶. Logo, falar em *gozo* feminino, ou perversão feminina, em Lacan, pressupõe a admissão da existência da castração, no âmbito inconsciente, mas de uma busca, no ato perverso, de inverter essa realidade, na qual *a mulher*⁴¹⁷. não tem o *falo*, mas pode adquiri-lo, já que em seu manuscrito *De um Outro ao*

⁴¹⁴ LACAN, Jacques (1966-1967). *A Lógica do Fantasma*. Tradução Amélia Lyra et al. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2008, p. 393.

⁴¹⁵ Izcovich, 2019, p. 156.

⁴¹⁶ *Ibidem*, p. 157.

⁴¹⁷ Como se destaca em *O seminário, livro 20: Mais, ainda*, Lacan ([1992-1973] 1985) opta por não utilizar a expressão totalizante “as mulheres” ou A mulher (enquanto conjunto desses indivíduos), e sim “a mulher”, pois crer ser necessário observá-las uma a uma, não de forma totalizante.

*Outro*⁴¹⁸, testifica que é preciso haver uma mulher não castrada na cena perversa⁴¹⁹, podendo estar ou não de modo físico, no entanto, invariavelmente, sempre achar-se-á no discurso anímico.

Esse entendimento aponta para uma configuração em que a cena perversa suporta admitir a falta na mulher, desde que sempre exista uma que sirva de contraponto à castração, isto é, uma que disponha do *falo*, de modo a permitir que a narrativa perversa se consuma, levando-se em consideração que é nessa não-castrada em que a perversão está firmada, o que não quer dizer que, para Lacan, de fato, exista essa “uma”, mas que a perversão proporciona a essa “uma” a sua existência simbólica. Assim como no entendimento da *mais-valia*, em que o desejo pelo lucro contínuo se torna um objetivo imperativo para o capitalismo, no mais-degozar, esse quadro se apresenta como uma necessidade contínua de perpetuação do (re)encontro com o *gozo* original perdido, reeditado no constante recomeço da cena perversa, pois havendo uma pausa na narrativa, o seu maior medo vem à tona, o de deparar-se com a falta. Aqui nos encontramos com o que tanto Freud como Lacan consideram o lugar privilegiado da perversão, sobretudo o lugar do feminino, que é o uso do saber atrelado ao reconhecimento da castração, o qual não dispõem nem neuróticos, nem psicóticos.

Até aqui, tornam-se evidentes alguns pareceres lacanianos em torno da discussão sobre a possibilidade de existirem mulheres perversas, dentre as quais a mais patente é a de que há uma notável rejeição em declarar a existência cabal de mulheres estruturalmente perversas, o que está ancorado no fato de que o caráter fálico, assim como ocorre com Freud, pressupõe o indicador do registro das arquiteturas psíquicas para Lacan, o qual assume que o *falo* “tem interesse como significante na relação do sujeito com o outro, faz que ele venha aí como alguma coisa que pode ser procurada neste além do amplexo do outro sobre a qual se esboça, toma toda espécie de forma-tipo mais ou menos acentuada no sentido da perversão”⁴²⁰, por isso, não raramente, o vemos salientar a pouca incidência de perversão na mulher, como o faz ao ponderar sobre a relação econômica da mulher com o *falo* e seus substitutos simbólicos:

Se e tudo o que descobrimos da economia inconsciente da mulher diz respeito as equivalências simbólicas do *falo* com todos os objetos que podem se separar dela e nisto compreendido em primeiro plano o objeto mais natural a separar-se dela, ou seja seu produto infantil, se está aí o que ela encontra para situar em uma série de

⁴¹⁸ LACAN, Jacques (1968-1969). *O seminário, livro 16: De um Outro ao outro*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

⁴¹⁹ Lacan, 1968-1969/2008, p. 284.

⁴²⁰ LACAN, Jacques (1958-1959). *O seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação*. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2002, p. 217.

equivalências fálicas — eu apenas reproduzo aqui o próprio texto da doutrina analítica —, nós vamos nos encontrar em presença disto que para ela, da forma mais natural do mundo, os objetos naturais terminam por realizar essa função de objeto do desejo, na medida em que são objetos dos quais nos separamos. *E é isto o que nos explica, creio, a menor frequência da perversão na mulher.*⁴²¹

Joel Dor ratifica o argumento nuclear do código fálico para as arquiteturas psíquicas quando defende que “o perverso não cessa de fazer desta assunção da castração a base, sem nunca conseguir [...], sem nunca conseguir aí assumir essa parte perdedora, da qual se poderia dizer que assim o é, justamente, porque lhe falta ganhar”⁴²², assertiva que, inclusive, já foi defendida quando, na obra *Estrutura e perversões*⁴²³, Dor (1991b) ratificou os obstáculos descritos no entendimento lacaniano da não existência de mulheres estruturalmente perversas, mesmo aquelas que entram em conflito diante do Real⁴²⁴ da castração e se manifestam a partir de dinâmicas propriamente atreladas à perversão, que, de acordo com o autor, constituiriam apenas cicatrizes mais acentuadas da experiência da perversão-polimorfa infantil. Em vista disso, Dor (1991b), conhecido estudioso da obra de Jacques Lacan, entende que as ocasiões em que as mulheres parecem perversas não o são no domínio estrutural, tão somente estariam conjecturadas no que ele acredita ser uma espécie de perversão da libido, como é o caso das homossexualidades, da maternagem, do narcisismo e dos processos de identificação ao objeto de amor masculino, o que a colocaria na condição de fetiche⁴²⁵.

Por sua vez, esse argumento vai ao encontro da perspectiva de que o fetichismo feminino estaria a serviço da perversão enquanto instrumento de tamponamento da falta, negativa à castração do homem, levando-se em consideração o fato de que a sexualidade feminina, no horizonte da perversão, “surge como o esforço de um gozo envolto em sua própria contiguidade (da qual toda circuncisão talvez indique a ruptura simbólica), para se realizar rivalizando com o desejo que a castração libera no macho, dando-lhe seu significante no *falo*”⁴²⁶, o que leva a compreensão de que fenômenos como por exemplo, o masoquismo, em que a mulher estaria em uma suposta posição passiva, compreenderia uma inversão do fantasma do desejo masculino. É nesse viés analítico que Lacan expõe aquela que para ele é uma das mais eloquentes diferenciações entre as posições neuróticas e perversas, ao sublinhar

⁴²¹ Lacan, 1958-1959/2002, p. 481, grifo nosso.

⁴²² Dor, 1991a, p. 40.

⁴²³ DÖR, Joel. *Estrutura e perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991b.

⁴²⁴ Lacan utiliza a expressão Real, com inicial maiúscula, para delimitar o campo do não simbolizado, do que não atingir o âmbito da linguagem e da representação, ou seja, os conteúdos traumáticos inconscientes.

⁴²⁵ Dor, 1991b.

⁴²⁶ LACAN, Jacques (1960). Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 744.

que ao passo que o neurótico busca, inconscientemente, proteger-se do desejo perverso, seja o próprio ou do Outro, o perverso interpresa o caminho contrário, requerendo e assegurando o seu desejo e o do Outro, ou, no caso das mulheres, pela via do Outro, assim dizendo, enquanto para o neurótico o desejo do Outro representa uma ameaça, para o perverso ele é um acessório⁴²⁷.

Sirois (1999)⁴²⁸, ao dissertar sobre a noção de fetichismo no escopo da perversão feminina, parece-nos esboçar consonância ao posicionamento de Lacan, haja vista interpretar que "a mulher manifesta a perversão da sua libido pela mudança narcísica onde ela procura [...] fazer desaparecer o objeto parcial como manifestação do desejo identificando-se a ele"⁴²⁹ e, por meio dessa identificação, já que assume a configuração simbólica do *falo*, autentica "o desejo de ser admirada em vez de ser amada, exercendo uma fascinação mais do que um atrativo, inacessível e impenetrável"⁴³⁰, assim, a perversão na mulher estaria sujeita ao arranjo que ela faz de si, do seu corpo no cenário da *negação*, diferente do movimento perverso do homem, o qual injunge ao corpo de outrem o seu desejo em relação ao objeto parcial que o direciona, o fetiche. Destarte, considerando o esquema lacaniano de entendimento de a mulher como *não-toda fálica*⁴³¹, o que lhe permite constituir-se enquanto enigma, enquanto ser desprovido de uma configuração fálica tal qual os homens, podemos inferir, até então, que Lacan sugere que, ao se colocar como instrumento de viabilização do gozo, a *mulher não-toda* tem como objetivo, na ordem do inconsciente, fazer-se existir como a *mulher toda*, o que a coloca, de forma relativa, na dinâmica fálica perversa. Mas de que modo?

Granoff e Perrier (1979)⁴³², ao tecerem algumas considerações acerca do aspecto enigmático das mulheres propostas por Freud e reiteradas por Lacan, ressaltam que qualquer afirmação contundente é imprópria, pois, embora o tema da perversão feminina tenha se reacendido nos últimos anos, sobretudo para os psicanalistas de linha lacaniana, ainda faltam estudos suficientemente congruentes, em especial, em torno do destino feminino da libido, bem como o ponto que tocamos insistentemente neste trabalho, o da inexistência de uma

⁴²⁷ Lacan, 1960/1998.

⁴²⁸ Sirois, 1999 *apud* MARTIN-MATTERA, Patrick. Perversão nas mulheres ou perversão feminina. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia. Fundamental*, São Paulo, v. 17, n. 3 (supl.), p. 720-737, set. 2014.

⁴²⁹ Sirois, 1999, p. 291 *apud* Martin-Mattera, 2014, p. 724.

⁴³⁰ *Ibidem*.

⁴³¹ Lacan desenvolve melhor essa noção no *Seminário 20. Mais, ainda*, em que estabelece a, até hoje, polêmica concepção de que "as damas não existem", por meio da qual delimita o juízo de que a mulher, por não estar inscrita totalmente na lógica da lei simbólica, isto é, fálica, ela não se submete ao mesmo gozo do homem, e sim um próprio, que Lacan (1972-1973/1985) denominou de gozo *suplementar*, pois, como o termo sugere, encontra-se para além do limite referencial fálico.

⁴³² GRANOFF, Wladimir; PERRIER, François. *Le désir et le féminin*: Paris. Éditions Aubier Montaigne, 1979.

teoria ou pensamento que consiga carregar certo consenso no que concerne a uma definição da possibilidade ou não da estruturação perversa comportar o feminino. Todavia, os autores mencionam alguns aspectos que mostram a flagrante revisita de Lacan à perspectiva freudiana. Por um lado, pontua a questão do fetiche, que não existirá para as mulheres sob a forma de objeto-fetiche de maneira plena, já que a própria concepção de fetiche não se coloca como elemento condizente ao seu saber sobre a castração, por outro, no entanto, sugere que há de se reconhecer certa silhueta perversa em algumas manifestações femininas, como a homossexualidade, quadro em que a mulher, diante do reconhecimento da diferenciação sexual, posicionar-se-ia com o próprio *falo*, tornando-se, simbolicamente, sua representação na relação, de modo a oferecer a esta outra mulher, substituta materna, o *falo* do qual não dispõe, e se distanciando do cenário de aproximação da figura paterna ao se colocar na posição da mãe, aos moldes do complexo de Édipo positivo, uma vez que

O que realmente acontecerá não será de forma alguma uma repetição da relação do pai com a mãe. Porque ela não está no lugar do pai. Ela construiu essa personagem artificial, “fetichizada”, inteiramente envolvida na representação da falta do seu primeiro objeto de amor, que encontra no parceiro.⁴³³

Nesse ponto, faz-se interessante trazer à discussão a distinção entre perversão feminina e perversão das mulheres, aos moldes de Martin-Mattera (2014), para quem a perversão feminina está mais alinhada ao contexto da posição psíquica feminina, ou seja, sendo de ordem mais profunda e complexa, ao passo em que a perversão das mulheres abrangeria uma gama infindável de aspectos, tais como a anatomia e aspectos sociais, convergindo muito mais para o que costumamos mencionar em nossos trabalhos no LIGEPSI como perversão social ou perversão da cultura. A exemplo da afirmação de Lacan (1972-1973/1985) de que a mulher é muito mais do que uma determinação biológica, Martin-Mattera (2014) pondera que “[...] ser homem ou ser mulher não depende unicamente da contingência biológica, mas pertence ao compromisso psíquico do sujeito a um momento da sua história (no tempo de Édipo), momento durante o qual ele se situa como menino ou menina, em relação ao outro sexo”⁴³⁴, o que pressupõe não um entendimento para a homossexualidade, mas um caminho para se compreender como a dualidade da sexuação, que é de diferente de sexualidade, tanto se

⁴³³ Tradução nossa do original em francês: “*Ce qui arrivera en fait ne sera nullement la répétition des rapports du père à la mère. Car elle n'est pas à la place du père. Elle a construit ce personnage factice, "fétiché", entièrement engagé dans la représentation du manque de son première objet d'amour, qu'elle retrouve dans sa partenaire*” (Granoff; Perrier, 1979, p. 86-87).

⁴³⁴ Martin-Mattera, 2014, p. 729.

divide, como se converge. Entender essa sistemática é, para Lacan, o rumo possível de entendimento da perversão feminina, pois ao realizar uma “escolha” psíquica quanto à sexuação que se contrapõe ao domínio da dinâmica da realidade, a mulher entraria no domínio de uma posição feminina não toda inscrita no paradigma fálico.

À vista do olhar lacaniano sobre a posição frente à sexuação, que tenta distanciar-se da formulação clássica referente ao paradigma perverso, cuja centralidade se encontra na *recusa*, Martin-Mattera (2014) indica que haveria sempre algo que escapa ao processo de alienação do corpo, o que permite pensar que também haja espaço para que se desenvolva a possibilidade de sujeitos que, nesse sentido, possam escapar à lei, no caso do sujeito circunscrito em posição masculina, o movimento de se manter, diante de qualquer preço, o *falo* materno, enquanto aquele indivíduo que se encontra em posição feminina realizaria esse escape mediante o seu próprio corpo e com os outros

[...] que arrasta o sujeito para uma alteração da relação, alteração que é feita para verificar sistematicamente a realidade da não submissão ao registro fálico, seja afirmando a conservação da não castração (o *falo* materno), seja optando por um gozo Outro que em vez de reenviar, como isso deveria acontecer, à assunção da castração, reenvia desta vez ao seu contrário.⁴³⁵

Suscita, assim, o argumento de que ambas as posições possibilitam um viés perverso, seja feminino ou masculino. Se na posição masculina, pensa-se existir um sujeito que tudo pode, tal como a figura paterna/pai da horda primitiva no discurso freudiano, ao passo que os demais estão subalternos e resignados à sua lei, à castração, precisa existir um que o destitua dessa posição isolada de superioridade, que mesmo não sendo fálico, o é, invertendo a lógica tanto do *status* da figura que tudo pode, como daquela que não poderia, aquiescendo as configurações necessárias à *denegação* da castração materna, da *recusa*. No que tange à posição feminina, não é a superioridade do pai da horda que é isolada, e sim os demais, os que estão submetidos ao seu poder, à sua lei, colocando-se como um *não todo*, o qual desmente o taxativo ordenamento de que nenhum indivíduo escapa à castração. Destarte, podemos contingenciar o silogismo lacaniano através da cognição de que a perversão masculina sustenta-se na dialética da *negação* (*Verleugnung*), à medida que a feminina, conforme sugere Martin-Mattera (2014), volta-se à acentuação da *clivagem* (*Spaltung*), fenômeno que foi

⁴³⁵ Martin-Mattera, 2014, p. 731.

mencionado por Freud (1893-1895/1974)⁴³⁶ já nos seus estudos sobre a histeria, o qual passou por muitas revistas ao longo do aprofundamento da teoria psicanalítica, mas que pode ser bem entendimento, no contexto do argumento lacaniano, se tomarmos como base o comentário freudiano no texto “Fetichismo”, em que o autor diz se tratar de “duas atitudes, uma que se ajustava ao desejo, e outra que se ajustava à realidade, coexistiam lado a lado, em um desses meus dois casos essa *divisão* [*altung*] chegou a causar uma neurose obsessiva moderada”⁴³⁷, isto é, uma divisão em que se foge do laço com a lei, mas nunca o abandonando totalmente, numa conformação que pode ser entendida, por exemplo, se considerarmos que, no caso do fetichista,

[...] o objeto escolhido, se ele constitui o *falo* materno, supõe, mesmo assim, a clivagem do eu: o sujeito que rouba à sua vizinha as calcinhas e que se faz apanhar em flagrante sabe bem que realiza um ato ao mesmo tempo irrisório e proibido, mas apesar de tudo, ele faz. E no caso dessas mulheres ou desses sujeitos em posição feminina que falamos mais acima, determinados pela duplicidade ou a impostura, eles mantêm a clivagem entre o que os outros esperam deles e os seus atos, e é, sem dúvida, o que mais lhes importa, mas eles recuperam assim — de qualquer maneira antes que o segredo seja revelado — um benefício secundário fálico, no interesse que eles encontram na própria situação: mais-de-gozar sexual, pecuniário, social etc. Todavia, o que na realidade está em jogo no cenário deles não é propriamente este ganho: ele reside, antes de tudo, na dupla existência que supõe e no fato de se determinar num certo registro racional: o do não todo, não todo submetido ao limite da condição humana.⁴³⁸

Ou seja, a perversão feminina, diferente da masculina, que representa um escape à lei simbólica, constitui um não todo que com o seu corpo seu submetido à castração, assim, diante da angustiante condição que a inscreve, como um processo de defesa que é a própria perversão, pois está no fluxo conflitual entre as demandas do Real e as exigências da realidade externa, a psiquê da mulher perversa desenvolve um processo de cisão em que ambas as dimensões são restituídas à sua maneira. Desse modo, a manifestação perversa nas mulheres, para Lacan, apoia-se numa posição fantasística do desejo, ou seja, na crença inconsciente de que o outro não é um sujeito castrado, faltante, insuficiente, incompleto, logo, ao tomá-lo como par, seja sob a forma de fetiche ou de um *objeto a*, simboliza para essa mulher o fechamento que a sua arquitetura demanda, o que resulta na congruência de uma

⁴³⁶ FREUD, Sigmund (1893-1895). Estudos sobre a histeria. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 2.

⁴³⁷ FREUD, Sigmund (1927). Fetichismo. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 21, p. 183.

⁴³⁸ Martin-Mattera, 2014, p. 732.

dimensão Outra, “a do corpo, do homicídio do eu ou do outro, homicídio simbólico ou real do narcisismo e da morte — dimensão na qual o parceiro é arrastado, apesar de si mesmo, pelo outro, não esburacado, uma em que *todo o corpo não foi tomado no processo da alienação*”⁴³⁹, portanto, concedendo à mulher transitar — e por que não transgredir? — os determinismos sexuais.

2.2.5 Das críticas ao monismo fálico às exequibilidades para a perversão feminina

Como observado no decorrer das páginas que antecedem esta subseção, o debate em torno da mulher alicerçada de modo psiquicamente perverso, a despeito das pontuais tentativas de ampliação dos constructos de autoria de Freud e Lacan, dificilmente conseguem se descolar dos arranjos por eles elaborados, em especial o que denota a construção do homem e da mulher em torno do símbolo fálico, e, por conseguinte, subjetivamente ajoujados à sua equação, que tem como principal elemento a castração, na qual ambos os sexos encontram-se “condenados” ao medo da ausência ou a ela própria. Ao levarmos em consideração os desdobramentos propostos por Lacan, a quem esse tema parece ter florescido mais acentuadamente no campo psicanalítico, vê-se que há uma expressa limitação na escolha subjetiva da mulher, algo que Freud já assinalou em seus inconclusos escritos sobre o feminino. Em outras palavras, a mulher encontra-se irremediavelmente cingida na condição de castrada, possuindo pouco ou nenhum espaço além de tomar seus filhos como aplacadores da sua inadequação corpórea e aquiescer ao Nome do Pai e à sua Lei simbólica, o que a faz ocupar, como resultante dessa equação, “o lugar do significante para o outro masculino, que pode dar rédeas livres às suas fantasias e obsessões e, ainda por cima, implicá-la nestas”⁴⁴⁰.

Recordemos que, segundo a teoria freudiana sobre o complexo edípico, momento em que a diferenciação entre masculino e feminino ganha contornos no itinerário humano, o *falo* passa a ser o significante central da dinâmica do desejo, tanto para meninos quanto para meninas, pois é nesse ponto que ocorre uma passagem significativa na forma como se configura a relação do sujeito com o meio que o cerca, traço primordial da cultura, outrora puramente narcísica, agora ganha suporte objetual, o qual pode ser entendido nas teorias do neurologista vienense e nas do psiquiatra francês a partir do *falo*, elemento que, apesar de não

⁴³⁹ Martin-Mattera, 2014, p. 371, grifo do autor.

⁴⁴⁰ WRIGHT, Elizabeth. Crítica feminista inteiramente pós-moderna. In: BRENNAN, Teresa (Org.). *Para além do falo: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher*. Tradução Alice Xavier. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 190.

possuir um signo que o consuma na psiquê, na cena da diferenciação, foi legado ao pênis. A prova de que o *falo* não é o pênis, erro que estranhamente ainda persiste na interpretação não apenas concernente ao senso comum, mas também na academia, pode ser identificado nas decorrências traumáticas da própria dissensão dos gêneros, a julgar que o *falo*, que passa a ser o direcionador da economia do desejo, é atribuído ao pai, não sob a concretude do seu pênis, mas no apanágio simbólico que o alberga, ao passo em que a mãe, por sua vez, marcada pela falta, será, em parte, eroticamente desinvestida, haja vista que a economia do desejo passa a ser orientada, no paradigma fálico, mediante a insuficiência da descoberta para o menino e a não-existência para a menina, isto é, como corolário de que o “valor erótico do objeto é dependente da questão de se o homem ou a mulher tem o *falo*. O desejo é engendrado pela diferença”⁴⁴¹.

Como resultado, a menina não encontraria dissolução frente ao complexo de Édipo e todas as tentativas de se desligar seriam ora obstruídas pela organização edípica, ora apenas um efeito derivado, tendo em vista que, como Freud (1924b/1976) afirmou, desconforme ao movimento do menino, em que o complexo de Édipo precede o temor de castração, só posteriormente renuncia ao amor materno, e o do próprio pai, através da identificação, em nome da ambivalência entre a angústia de castração e a identificação com o pai; no que se refere à menina, é a castração que se coloca como fenômeno primário ao processo edípico, ofertando a ela as três vias possíveis de entrada na sexualidade: *rescindir à sexualidade*, fenômeno expresso pela angústia, pelo sentimento inconsciente de que existe um desamparo, decorrente do traumatismo gerado pelo reconhecimento da castração, cujos efeitos mais patente são os de permanecer lastreada pelo complexo de Édipo, pois a falta, embora incomode, também obstrui as saídas do complexo, e pela inveja do *falo*; *feminilidade*, como a possibilidade para aquelas que, inconscientemente, descobrem na maternidade, ou melhor, no bebê um substituto possível àquela falta sem nome/indizível; e a *masculinidade*, que, para as mulheres, dar-se o nome de complexo de masculinidade, baseado no direcionamento do psiquismo da menina em linha à identificação com o pai, dessa forma, “saíndo” da alçada do complexo edípico, mas, como consequência dessa mudança de posicionamento frente ao desejo, já que passa a fantasiar possuir o *falo*, também lhe é imputada à angústia de castração em alguma medida. Notemos que para todas essas possibilidades, o *falo*, enquanto ausência ou objetivo, ainda se encontra centralmente inscrito, o que torna a passagem da sexualidade

⁴⁴¹ ADAMS, Parveen. A servidão feminina. In: BRENNAN, Teresa (Org.). *Para além do falo: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher*. Tradução Alice Xavier. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 334.

infantil para a adulta substancialmente mais complexa para o feminino, fomentando o axioma lacaniano de que “a mulher não existe”, haja vista que para a menina não há saída prototípica para o complexo de Édipo⁴⁴². Destarte, ainda que as teorias freudiana e lacaniana tentassem dar lugar a certas vias para uma atuação perversa da mulher, o que se intensificou, sobretudo, com os psicanalistas de orientação lacaniana, apesar disso o discurso inevitavelmente retoma o *falo* como signo determinante, testificando a sua inerência nos estatutos da neurose e da perversão, porque, longe de ser um mero simulacro do pênis, ele é representante do desejo.

Por conseguinte, a primazia fálica não escapou de algumas críticas dos contemporâneos de Freud, visivelmente acentuadas nas décadas de vinte e trinta do século passado, com o advento das elucubrações feministas, as quais apontavam para um discurso falocêntrico e de viés hierarquizante entre os sexos por parte do psicanalista vienense, que até hoje gera calorosas discussões, e cujos desdobramentos nos afastamos, porque julgamos que entram em uma seara que pouco acrescenta aos propósitos desta tese, devido ao fato de se limitarem, quase que exclusivamente, ao eixo social, negligenciando o verdadeiro foco da empreitada psicanalítica, que é o domínio subjetivo, portanto inconsciente. Talvez a primeira mulher a questionar a posição totalizante do *falo* a partir do próprio horizonte psicanalítico foi Klein (1952/1986)⁴⁴³, responsável por colocar em debate o entrelaçamento inato do *falo* à figura paterna, sugerindo que nos primeiros momentos da vida pós-uterina, a criança, em quem já se instituía o Édipo primitivo, desenvolveria a crença de que o pênis, assim como tudo aquilo que seria da ordem do desejável, encontrar-se-iam alojados no corpo materno, sob a forma de uma ambivalência configurada mediante a fantasia dos pais combinados. Nesse sentido, o *falo* que é atribuído exclusivamente ao pai na teoria freudiana, adquire o estrato não de um ordenador primário, mas secundário, pois ele só começa a ocupar lugar de destaque na dinâmica do desejo por intermédio da “permissão” materna, cenário em que a criança, no seu primitivismo subjetivo, toma-o como os demais objetos internos da mãe, tal como o seio, o leite, os bebês e as fezes, negligenciando seu valor estruturador do campo sexual⁴⁴⁴, posicionamento que ganha ainda mais contundência na medida em que se conjectura que elemento fálico só adquire valor significativo na medida em que desempenha um substituto para o lugar ocupado pelo seio materno.

⁴⁴² Adams, 1997, p. 335-337.

⁴⁴³ KLEIN, Melanie (1952). *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

⁴⁴⁴ COSTA, Ana; BONFIM, Flávia. Um percurso sobre o falo na psicanálise: primazia, querela, significante e objeto a*. *Ágora (Rio de Janeiro)*, v. 17, n. 2, p. 229-245, jul./dez 2014, p. 234.

Karen Horney (1885-1952) foi outro nome a divergir do argumento fálico como determinante da sexualidade feminina, particularmente a questão da inveja do pênis proposta por Freud. A psicanalista alemã, reconhecida por seus estudos relacionados à maternidade e ao feminino, buscou na abordagem culturalista um meio para apresentar seus contrapontos à perspectiva fálica como elemento norteador do desejo para ambos os sexos, discorrendo que a vagina possuía um valor para a psiquê da menina semelhante ao do pênis para o menino, o que lhe permitiria superar o trauma da castração sem o tamanho dispêndio apontado pelo fundador da psicanálise. No artigo "A negação da vagina"⁴⁴⁵, Horney (1933/1991) demonstra discordância quanto aos constructos freudianos de que a vagina é um órgão desconhecido tanto para meninos quanto para meninas até a puberdade:

Embora Freud não afirme expressamente, é evidente que, se a vagina permanece "desconhecida", este é um dos argumentos mais fortes a favor da hipótese de inveja primária do pênis biologicamente determinada nas meninas ou da sua organização fálica original. Se não existissem sensações ou anseios vaginais e toda a libido estivesse concentrada no clitóris, falicamente concebido, poderíamos compreender como as meninas, por falta de fonte específica própria de prazer ou desejos especificamente femininos, seriam levadas a concentrar toda a atenção no clitóris, a compará-lo com o pênis do menino e depois, comprovada sua desvantagem nesta comparação, a sentirem-se definitivamente menosprezadas. Se, por outro lado, como penso, a menina experimenta desde o início sensações vaginais e impulsos correspondentes, deve ter, desde o princípio, forte senso do caráter específico do próprio papel sexual, e é difícil responsabilizar a inveja primária do pênis na intensidade postulada por Freud.⁴⁴⁶

Partindo desse argumento, Horney (1933/1991) pondera que fenômenos como o complexo de Édipo, o temor de castração e a inveja do pênis não possuem para a sexualidade feminina a importância que lhes são atribuídas, tendo em vista que a menina teria recursos para contornar todos esses eventos, caso se sentisse em desvantagem pela ausência de algo que acredita merecer, pois são apenas resultados de sentimentos de desvantagem em relação às oportunidades de gratificação comuns ao sexo masculino. Nesse ponto, a inveja do pênis só encontraria lugar diante de uma rejeição que a forçasse a revisitar aquela experimentada outrora, com o pai, o que a levaria a um retorno à pré-genitalidade, da qual decorreria a presença de uma dinâmica relacional com o masculino alicerçada nos sentimentos de decepção e vingança, o que poderia ser um vislumbre de manifestação de (im)postura perversa feminina.

⁴⁴⁵ HORNEY, Karen (1933). A negação da vagina. In: HORNEY, Karen. *Psicologia feminina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991, p. 145-158.

⁴⁴⁶ Horney, 1933/1991, p. 158.

Apesar de constituírem colocações tidas como instituidoras do que se conhece por psicanálise feminina — as quais fomentaram o entendimento de que a inveja do pênis e o complexo de masculinidade constituíam, na verdade, uma demanda por qualidades e privilégios tipicamente atribuídos aos homens — as proposições de Horney se encontram envoltas em algumas problemáticas, em especial o fato de se basear em demasiado no aspecto cultural/sociológico, como afirmam Costa e Bonfim (2014), em detrimento ao que “de fato interessa ao campo psicanalítico — a dimensão inconsciente”⁴⁴⁷. Moustapha Safouan (1977)⁴⁴⁸, em sua obra sobre a sexualidade feminina, é bastante elogioso em relação ao trabalho de Horney, a quem atribui o mérito pelo primeiro trabalho a dar uma explicação racional para o complexo de Édipo na mulher, e lastima o fato de a psicanalista não ter recebido a atenção devida dos seus pares graças às suas postulações estarem apoiadas em visões biológicas e sociais.

No entanto, mesmo que vista por muitos como dotada de uma concepção deslocada do âmbito psíquico, Safouan (1977) argumenta que a crítica de Horney à ênfase excessiva de Freud na inveja do pênis como o arco central do desenvolvimento feminino não constituiu uma simples negação da sua parte, mas uma tentativa de trazer à luz as implicações biológicas e culturais subjacentes à teoria freudiana. Para Horney, defende Safouan, a inveja do pênis, se de fato existe, nada mais é do que um reflexo da subordinação social da mulher do que uma verdade biológica inerente. O psicanalista egípcio acrescenta que Horney percebeu que as construções freudianas sobre a feminilidade acabavam por reproduzir e naturalizar o discurso patriarcal da época, o qual, mesmo com os seus avanços, ainda carregava em seu modo de pensar a sexualidade da mulher. Safouan (1977) ainda salienta que, ao realizar uma apologia ao desejo feminino como ativo e primário, e não simplesmente uma derivação ou mesmo uma falta em relação ao masculino, Horney questionou a ideia de que o desejo da menina surge apenas na qualidade de uma compensação pela ausência do pênis, sugerindo a existência de uma sexualidade feminina autônoma desde o início. Essa perspectiva da psicanalista alemã, embora, como mencionado, não tenha encontrado o merecido destaque no momento de sua formulação, ao menos abriu espaço para se pensar e questionar a sexualidade da mulher a partir de sua própria experiência, e não a partir de um modelo masculino/fálico. Em face disso, Safouan (1977) pontua que reprová-la “significaria reprovar sua data de nascimento,

⁴⁴⁷ COSTA, Ana; BONFIM, Flávia. Um percurso sobre o falo na psicanálise: primazia, querela, significante e objeto a*. *Ágora (Rio de Janeiro)*, v. 17, n. 2, p. 229-245, jul./dez 2014., p. 236.

⁴⁴⁸ SAFOUAN, Moustapha. *A sexualidade feminina na doutrina freudiana*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

uma vez que é do fracasso de sua tentativa, como de tentativas análogas, que deveria aparecer a insuficiência de uma referência não criticada (mas inevitável, no início) à *realidade*”⁴⁴⁹.

Todavia, ao que parece, a crítica de Horney (1933/1991) encontra maior sustentação no discurso contemporâneo quando se dirige para a contestação de que os modelos estabelecidos sobre a sexualidade feminina foram erigidos a partir da visão médico-científico-social explicitamente deficitário para as mulheres. Harriet Lerner (1982), coadunando neste ponto com Horney, acrescenta que as ilustrações da anatomia feminina sempre foram incompletas, pobremente diferenciadas e anatomicamente incorretas, cenário que deve ser levado em consideração como fomentador de sérias consequências psicopatológicas para as meninas, já que se trata do resultado da instituição de um paradigma, porque, ao mesmo tempo em que sente comportar um órgão de prazer, estranhamente, não o vê reconhecido, designado ou confirmado pelos seus pais, isto é, vivencia um discurso no qual “o menino tem e a menina não tem”, cujo resultado não pode ser interpretado como sem consequências subjetivas.

Atentemo-nos ao ambiente comum das tratativas dos adultos ao apresentar as primeiras elaborações sobre anatomia às crianças, em que, na absoluta maioria dos casos, ensina-se que os meninos possuem um pênis e as meninas uma vagina. Apresenta-se a vagina à menina, um “órgão interno na realidade difícil de examinar, mas não que tem vulva, que inclui o clítoris e os lábios”⁴⁵⁰, constituindo, portanto, um enunciado omissivo que pode ser introjetado penosamente no seu processo de desenvolvimento psicosssexual, haja vista que isso alimenta no psiquismo feminino o enunciado de que aquilo que (não) possui é, na verdade, uma cicatriz, “inevitavelmente experienciado como ‘não feminino’ (isto é, só os meninos têm algo do lado de fora)”⁴⁵¹. Desse modo, reflexionar sobre a inveja do pênis requer a devida atenção ao panorama geral dos modos e dos costumes presentes no senso comum e das parcas e transitórias concepções científicas apresentadas no decorrer da história, cabendo a todo sujeito que lance seu olhar sobre essa temática específica a tarefa de observar essa educação errônea como um fator contribuinte para a manifestação da inveja do pênis. Nas palavras da autora:

[...] considero a inveja peniana não simplesmente como o desejo de ter um pênis (isto é, desejar-se o que o menino tem), mas, antes, como o desejo de validar os

⁴⁴⁹ Safouan, 1977, p. 25, grifo do autor.

⁴⁵⁰ Lerner, 1982, p. 190.

⁴⁵¹ *Ibidem*.

órgãos sexuais femininos e ter “permissão” para possuí-los, inclusive os genitais externo sensíveis. Em nível mais profundo, considero a inveja peniana um sintoma que pode, em certas mulheres, exprimir um desejo não satisfeito de obter permissão da mãe para ser uma mulher sexualmente operante e responsiva.⁴⁵²

Lerner (1982) é enfática ao dissertar que mesmo na melhor das relações parentais, a falta de um verdadeiro reconhecimento, bem como da designação correta da genitália feminina, sobretudo na sua parcela externa, no clitóris, não pode deixar de ter consequências patológicas, dentre elas, algumas muito perceptíveis, como o enfraquecimento da capacidade da menina para realizar um saudável, preciso e discriminado desenvolvimento da sua representação física, de “um mapa de seus genitais”. Essa imprecisão a fragiliza na difícil tarefa de diferenciar não apenas as genitais masculina e feminina, mas, em especial, a parte externa e interna do seu próprio órgão genital, podendo levar a situações como ansiedade, confusão e vergonha no que diz respeito à sua sexualidade. Todo esse horizonte de supressão frente à realidade genital, comenta a autora, contribui para um fenômeno pouco discutido pela sexologia e demais ciências médicas no decorrer da história, a catexia da genital feminina como um pênis pequeno e inadequado, em detrimento da sua valorização enquanto parte axiomática e feminina da sexualidade da menina. Vale destacar que, em uma nota de rodapé do seu artigo “A má rotulação dos genitais femininos como determinante da inveja do pênis e das inibições de aprendizagem”, Lerner (1982) arrazoa que seu ponto de vista não é canônico entre seus pares, e sugere haver

[...] um acordo generalizado de que esse sintoma não tem suas raízes primárias em realidades objetivo-anatômicas. Escritores atuais⁴⁵³ estão enfatizando que a inveja peniana frequentemente tem sua origem na relação diáde entre mãe e filha e é um sintoma que reflete as dificuldades da criança em identificar-se com e em conseguir diferenciar-se da mesma, vivenciada como ciumenta, intrusa e castradora.⁴⁵⁴

Janine Chasseguet-Smirgel, em seu intrigante livro *Ética e estética da perversão*⁴⁵⁵, recorre a um detalhamento de todo o percurso do *falo* na teoria freudiana, que parte desde o

⁴⁵² Lerner, 1982, p. 191.

⁴⁵³ Referindo-se a autores como Chasseguet-Smirgel (1970), com as ideias expressas no livro *Female Sexuality*, e Maria Torok (1970), no que diz respeito aos comentários feitos em seu artigo “The significance of penis envy in women”.

⁴⁵⁴ Lerner, 1982, p. 194.

⁴⁵⁵ CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine. *Ética e estética da perversão*. Tradução Vera Jacques. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

período pré-psicanalítico, citando como texto inaugural a carta “Carta 75”⁴⁵⁶, de 14 de novembro de 1897, endereçada a Fliess, em que Freud já assinala existir, no processo de desenvolvimento psicosssexual de ambos os sexos certa ignorância em relação à vagina, para os quais, desde a pré-genitalidade, o clítoris nada mais é do que um homólogo do pênis, mais, ainda assim, bastante central na sexualidade feminina, algo que mudaria próximo à puberdade, quando o clítoris é “substituído” pela vagina, ocasionando, nesse movimento, a perda do caráter masculino em detrimento do feminino no que tange à sexualidade, como se nota na seguinte passagem da carta:

Contudo, a principal diferença entre os sexos emerge na época da puberdade, quando as meninas são acometidas por uma repugnância sexual não-neurótica, e os meninos, pela libido. Pois, nesse período, extingue-se nas adolescentes (total ou parcialmente) mais uma zona sexual, que persiste nos adolescentes masculinos. Estou me referindo à zona genital masculina [...].⁴⁵⁷

Nos “Três ensaios...”, Freud (1905/1972) vai além, asseverando que a sexualidade masculina se mantém incólume durante o percurso da infância à vida adulta, ao passo que nas meninas, a substituição das zonas erógenas, isto é, do clítoris para a vagina, relevaria a raiz sexual comum entre a feminilidade e a histeria. Dessa forma, a puberdade seria o momento de cisão entre a sexualidade masculina e feminina, já que a observação atenta da infância revela o desinteresse das crianças por qualquer diferenciação antes desse período. Nesse processo, os meninos são instituídos de um aumento considerável da libido, enquanto nas meninas ocorre o oposto, com o surgimento de sintomas inibitórios patentes. Chasseguet-Smirgel (1991) disserta que essa percepção foi um dos pontos norteadores para explicar, por um lado, as dificuldades em relação às formulações posteriores da sexualidade feminina, já que a sua sustentação sexual, conquanto parecesse precingida pela perda, nem por isso tornava-se menos ruidosa de se debruçar; por outro, a inclinação da teoria/clínica freudiana ao masculino como modelo de exemplificação, já que, como dita acima, o trajeto de maturação sexual comporta pouca variação para a grande maioria dos homens.

⁴⁵⁶ FREUD, Sigmund (1897). Carta 75. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 1, p. 361-366.

⁴⁵⁷ Freud, 1897/1977, p. 364.

Não obstante, em “Sobre as teorias sexuais das crianças”⁴⁵⁸, Freud (1908b/1976) evidencia que as circunstâncias diferenciais, ou seja, “desfavoráveis de natureza interna e externa, as observações que se seguem aplicam-se principalmente ao desenvolvimento sexual de apenas um sexo — isto é, o masculino”⁴⁵⁹, propositura que o autor sacramentou em 1923, em uma passagem do artigo “A organização genital infantil”, quando estabelece o *falo* como eixo norteador para ambos os sexos: “a característica principal dessa ‘organização genital infantil’ é sua *diferença* da organização genital final do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital [...] o que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo*”⁴⁶⁰. Interrompemos o percurso de Chasseguet-Smirgel perante a obra de Freud nesse ponto, pois pouco se modificou a partir desse momento, e passemos à crítica que a psicanalista empreende em relação ao totalitarismo fálico das interpretações sobre o feminino, cuja expressão máxima a autora parece apontar para o argumento do fundador da psicanálise de que

A antítese aqui é entre possuir um órgão genital masculino e ser castrado. Somente após o desenvolvimento haver atingido seu completamento, na puberdade, que a polaridade sexual coincide com masculino e feminino. A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero.⁴⁶¹

A esse respeito, a autora argumenta que em termos de economia psíquica, a perspectiva monista fálica parece ser uma solução bastante plausível, pois consegue aplacar grande montante da ferida narcísica comum ao ser humano e ao seu processo de desenvolvimento social, no entanto, reconhecer a vagina como mero signo determinante da falta, da ausência e, por vezes, ignorando-a, é um discurso que já não deveria encontrar tamanho consenso entre os estudiosos da psicanálise, inclusive, redigindo uma crítica peremptória aos analistas franceses, os quais são atrelados a uma visão mais progressista diante de temáticas voltadas ao feminino, ao constatar que grande parte desses analistas “entendam ‘diferenças entre os sexos’ como puro e simples reconhecimento da ausência do

⁴⁵⁸ FREUD, Sigmund (1908b). Sobre as teorias sexuais das crianças. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 9, p. 213-228.

⁴⁵⁹ Freud, 1908b/1976, p. 215.

⁴⁶⁰ *Idem*, 1923b/1976, p. 180, grifos do autor.

⁴⁶¹ *Ibidem*, p. 184.

pênis na mulher, como se a suposta fase fálica, que só distinguia entre fálica e castrada (e não entre masculino e feminino) representasse a verdade sexual [...] encarrega de trazer uma solução a um conflito substituindo a realidade⁴⁶².

Além da crítica ao pensamento restrito de que o *falo* é o organizador por excelência da sexualidade masculina e feminina, Chasseguet-Smirgel também nos convida a tentar realizar releituras de alguns dos axiomas mais importantes dos postulados freudianos sobre a perversão, os quais nos parecem úteis ao exame da temática. O primeiro deles é certamente uma das ponderações freudianas mais utilizadas como conceito para a arquitetura perversa, na qual sentenciam-se que “*a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão*”, mas que já se encontrava formulada por Freud alguns anos antes, o que se comprova na “Carta 52”, de 6 de dezembro de 1896, na qual confia para Fliess acreditar que a “histeria não é a sexualidade repudiada, mas, antes, perversão repudiada”⁴⁶³, formulação que iria se estabelecer, mais tarde, como a arquitetura subjetiva comum aos seres humanos na fase pré-genital, conhecida tanto pelo autoerotismo, como pela polimorfia-perversa. Chasseguet-Smirgel (1991), então, disserta que se Freud estabelece a sexualidade infantil como inerentemente perversa, e entendendo a sexualidade adulta a partir do ponto de vista de uma incapacidade de maturação completa, haja vista sempre pender para um retorno à sexualidade infantil, logo tanto homens quanto mulheres estão suscetíveis a uma fixação que desvirtue, que perverta a lógica da genitalidade, considerando o perverso “continua nas suas satisfações aparentemente anacrônicas que, pode-se dizer banalmente, ‘não são mais para a sua idade’”⁴⁶⁴, corroborando o que Freud (1917) diz acerca da sexualidade perversa no adulto, a qual “não é outra coisa senão a sexualidade infantil aumentada e decomposta em suas tendências particulares”, não sendo digna de espanto quando voltada para questões de fixação ou de agressividade, pois esses elementos são “de uma relação inteiramente natural, porque se a criança possui uma vida sexual, esta só pode ser de natureza perversa, visto que [...] falta-lhe tudo o que faz da sexualidade uma função procriativa”⁴⁶⁵.

Observemos, a título de convergência, o que Meltzer (1977), psicanalista de linha kleiniana, discorre sobre o fenômeno da inveja na manifestação perversa, e de como esse posicionamento se alinha a uma espécie de retorno, revisita aos sentimentos/experiências,

⁴⁶² Chasseguet-Smirgel, 1991, p. 103.

⁴⁶³ FREUD, Sigmund (1896). Carta 52. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 1, p. 322.

⁴⁶⁴ Freud, 1917, p. 290 *apud* Chasseguet-Smirgel, 1991, p. 103.

⁴⁶⁵ *Ibidem*, p. 296.

muitas vezes, destrutivas da sexualidade infantil. Para o autor, a perversão pode contemplar “[...] os estados psicosssexuais provocados, de modo momentâneo ou permanente, pela preponderância dessa parte destrutiva da personalidade”⁴⁶⁶, que se dirige, não inauditamente, contra o objeto proporcionador de gratificação, podendo ser estabelecido por diversas formações de laço, dado que, como afirma Klein (1957/1991)⁴⁶⁷ a inveja desse objeto se alimenta de uma fantasia de apropriação, ao passo que a destruição só se torna viável quando o desejo de suprimir a inveja é insuportável, configurando-se no que Racamier (1993), por sua vez, conceitua como perversão narcísica, a qual não precisa, necessariamente, instituir-se mediante uma estrutura, haja vista que a sua ocorrência pode ser tanto durável como transitória, ou seja, “pela necessidade, pela capacidade e pelo prazer de se colocar ao abrigo dos conflitos internos e, em particular, do luto, ao se fazer valer às custas de um objeto manipulado como um utensílio e um fazer-valer”⁴⁶⁸, dessa forma, na perversão, seja masculina ou feminina, o conflito se instaura, concomitantemente, através da inveja e do controle irrestrito do objeto pelo sujeito, os quais se diluem em ações multifacetadas, como a “sedução narcísica, a dominação sádica ou masoquista ou a opressão paradoxal e desqualificante”⁴⁶⁹, tomando proporções intoleráveis quando ocorre um atrito inconcebível no laço em que esse sujeito está integrado com outro indivíduo (objeto amado/admirado), a quem se sente dependente, porque, no íntimo do perverso, encontra-se uma ferida que sangra continuamente a sua intolerância à essa dependência do objeto.

Retomando as considerações de Chasseguet-Smirgel (1991), vemo-la também meditar sobre o complexo de Édipo como fenômeno nuclear das neuroses e das perversões. A autora inicia a discussão por meio do registro da fantasia de espancamento, que constituiu um dos pontos basilares para a formação do sadismo e do masoquismo, e faz menção à fantasia desse processo na menina, cuja formulação possui caráter sádico, já que se seu arranjo se volta à cena em que o pai, ou um sujeito alçado ao seu posto, bate numa criança, o que resultaria na construção subjetiva de que *a figura paterna bate em um outro que é odiado por mim*, inscrito na rivalidade fraterna. A segunda fase permeia a fantasia do espancamento na ordem do amor incestuoso da menina pelo seu pai, cuja ação de bater em uma outra criança introduz uma realidade em que esse fato se traduz na assertiva de que o pai não ama essa outra criança, ele

⁴⁶⁶ Meltzer, 1977, p. 140 *apud* CAILLOT, Jean-Pierre. A Inveja e a Perversão. In: PRADO, Maria do Carmo Cintra de Almeida (Org.). *Perversão Narcísica: incesto, assassinato e seus equivalentes*. Belo Horizonte: Artesã, 2022, p. 179.

⁴⁶⁷ KLEIN, Melanie (1957). *Inveja e Gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

⁴⁶⁸ Racamier, 1993, p. 59 *apud* Caillot, 2022, p. 179.

⁴⁶⁹ Caillot, 2022, p. 181.

só ama a mim, ponto em que a seu desenvolvimento psicosssexual alcança o estágio genital. Todavia, pela própria entrada na genitalidade, o amor incestuoso tem que ser superado, o que também marca a entrada em jogo do sentimento de culpa referente à experiência de satisfação desfrutada no primeiro momento, cuja inscrição se deve à inevitabilidade do *recalque*, levando à transformação da fantasia sádica em fantasia masoquista, mediante a inversão de *o pai espanca a criança que eu odeio, porque ele só ama a mim para o pai não me ama, porque me espanca*. Ao mesmo tempo em que a fantasia incestuosa adquire um feitiço de culpa, proporciona paralelamente um sentimento de satisfação, provocado pela ação da regressão⁴⁷⁰, que se fará presente em escolhas futuras da menina, inserindo, assim, as fantasias de fustigação contidas no sadismo e no masoquismo, por assim dizer, como sedimentos do complexo de Édipo. Nas palavras de Freud (1905), “a perversão é o resíduo de um desenvolvimento do complexo de Édipo após o *recalque* do qual prevalecerá o componente que, segundo a constituição, seria o mais importante na pulsão sexual”⁴⁷¹.

Esse construto, como fica evidente, diz da perversão também enquanto corolário de um processo de regressão, o que explica, em parte, como alguns sujeitos, aparentemente neuróticos, encaram certos processos de frustração, por exemplo, mediante uma solução sádica no laço com o outro, digo através de violência/desejo de destruição, o que, paradoxalmente, não revela apenas uma aproximação problemática entre neurose e perversão, mas também da perversão e da psicose, uma vez que a manifestação sádica de um sujeito para com o seu objeto pode igualmente revelar uma barreira contra o colapso da realidade presente no desejo, não obstante, “quando Freud se aplica, na primeira parte de sua obra, a cercar os mecanismos próprios da perversão, é levado a compará-los com os mecanismos psicóticos”⁴⁷², a exemplo da própria regressão.

Adiante, Chasseguet-Smirgel (1991) discorre sobre os mecanismos presentes no fetichismo e como ele se tornou paradigma para a compreensão dos comportamentos perversos na teoria freudiana. Inicialmente, a pesquisadora evoca o fato de que o fetiche nem

⁴⁷⁰ Acerca da regressão, Laplanche e Pontalis (1991, p. 440, grifos dos autores) a descrevem como um fenômeno que implica em “um retorno em sentido inverso desde um ponto já atingido até um ponto situado antes desse. Considerada em sentido *tópico*, a regressão se dá, de acordo com Freud, ao longo de uma sucessão de sistemas psíquicos que a excitação percorre normalmente segundo determinada direção. No seu sentido *temporal*, a regressão supõe uma sucessão genética e designa o retorno do sujeito a etapas ultrapassadas do seu desenvolvimento (fases libidinais, relações de objeto, identificações etc.). No sentido *formal*, a regressão designa a passagem a modos de expressão e de comportamento de nível inferior do ponto de vista da complexidade, da estruturação e da diferenciação”.

⁴⁷¹ Freud, 1905 *apud* Chasseguet-Smirgel, 1991, p. 41.

⁴⁷² Chasseguet-Smirgel, 1991, p. 42.

sempre representou um elemento exclusivamente desviante para Freud, o qual apontou que certo grau de fetichização poderia ser encontrado nas relações sexuais consideradas normais, onde a supervalorização de um determinado elemento adjacente (partes do corpo ou objetos), mesmo caracterizando um desvio do objeto sexual, nem sempre atingia o nível de fixação capaz de tamponar o objeto de desejo materializado no outro, o que indicava, para Freud (1905/1974), tratar-se de um processo comum da vida amorosa dos seres humanos, já que a “*supervalorização* das partes do corpo ou dos objetos inanimados pertencentes à amada derivam da *supervalorização sexual* que caracteriza o investimento do objeto total. A parte é supervalorizada enquanto associada à pessoa inteira”⁴⁷³, isto é, o fetiche assume um papel de metonímia daquele que, de fato, é o alvo sexual, não representando um entrave para a relação genital. O fetichismo só adentra à casta da perversão quando o investimento libidinal direcionado à parte ou ao objeto toma a posição de alvo, ou seja, substituem real e inteiramente o objeto, processo que torna a presença de um outro apenas acessória, como *background* para o fetiche, como sublinhou Freud (1905/1974), ao afirmar que o que pode ser apenas um acréscimo à sexualidade normal adquire teor patológico a partir do momento em que o fetiche deixa de ser metáfora e passa a ter uma forma fixa, a qual passa a desempenhar o lugar que se espera ser o da figura amada; esta que passa a se constituir o item suplementar da cena, que pode ser obstrutivo, caso promova qualquer empecilho à relação do perverso com o seu objeto de adoração.

Fazendo uso desse pensamento freudiano, podemos ponderar que a mulher não estaria no cenário perverso apenas como meio para obtenção do fetiche ou ela mesma como o objeto de supervalorização, outrossim, como fetichista, já que nas “Conferências introdutórias sobre psicanálise”, Freud (1916-1917/1976) discorre que o ser humano está suscetível à fixação por determinadas partes de um corpo ou por um objeto, no momento em que esse elemento o tome de uma forma traumática tamanha que passa a servir como receptáculo daquilo para o qual aponta. Em analogia, podemos citar o caso do homem que desenvolvera um amor patológico por pés calçados de uma forma específica, o qual Freud observou se tratar de uma fixação de origem infantil, mais especificamente, o pé de uma mulher que fora governanta na casa desse sujeito, dotada de feições que lhe eram desqualificadoras, mas cujo um dos pés, que possuía um problema, a mulher o mantinha

⁴⁷³ Chasseguet-Smirgel, 1991, p. 42, grifos da autora.

[...] calçado num chinelo de veludo, estendido sobre uma almofada. Sua perna, propriamente, estava com decência recoberta com a roupa. Um pé fino, magricela, como aquele que vira pertencendo à sua governanta, desde então se tornou (após tímida tentativa de atividade sexual normal na puberdade) seu único objeto sexual; e o homem se sentia irresistivelmente atraído se um pé assim se associava mais a outros aspectos, do que lembrassem a figura da governanta inglesa. Essa fixação de sua libido, porém, fazia dele não um neurótico, mas um perverso - o que denominamos feticista do pé.⁴⁷⁴

Em uma nota acrescida aos “Três ensaios...”, em 1910, o fundador da psicanálise erigiu a possibilidade de uma dupla origem para o feticismo: como resultado de um *amor recalçado*, o que promove, entre outros efeitos, a alteração de determinados aspectos para que haja conformidade com a escolha, a exemplo do odor dos pés, já que, normalmente, ele afastaria o prazer sexual, mas no feticismo ocorre um ajuste em favor do objeto, tornando aspectos como o odor não mais um dispensador, e sim um promotor do *gozo*, característica que abarca tanto o caso dos pés, como outros em que exista um aparente paradoxo entre prazer e desprazer quanto ao objeto-fetice; e a necessidade de se encontrar *um pênis que falta à mulher*, o que o aproxima mais da noção do primado fálico, mais empregada nos estudos ulteriores, em que defende o pênis como articulador sexual primário, ou, nas palavras do autor, “zona erógena diretriz”, “o objeto sexual autoerótico primordial”⁴⁷⁵. Essa premissa se funda na visão de que não só o menino, mas também a menina seria originalmente provida de um pênis, o que se torna um fator de difícil abandono para a subjetividade de ambos os sexos.

Quando situa o emblemático texto freudiano “Feticismo”, de 1927, Chasseguet-Smirgel (1991) direciona a discussão sobre esse fenômeno em relação ao operador da perversão, a *recusa*, afirmando que o feticismo pode representar uma negação de perda de um objeto, o que o levaria para muito perto de uma tentativa de restituição, a qual, concomitantemente, efetivaria uma perda da realidade, por isso o estranhamento que certos fetiches provocam em quem os encara de modo ignorante, pois, a esses olhos, falta uma conexão, um porquê que oriente a costura entre o objeto e a satisfação. Nisto, a autora evoca uma problemática intriguista acerca da anfigamia de que há uma *recusa* no perverso que se dá diante da falta do pênis no corpo da mulher, colocando em consideração que essa negação da realidade, de natureza igual ao que ocorre na psicose, seria não uma negativa da ausência do

⁴⁷⁴ FREUD, Sigmund (1916-1917). Conferências introdutórias sobre psicanálise (Parte III). In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 16, p. 407-408.

⁴⁷⁵ Freud, 1923b/1976, p. 180.

pênis da mulher (primazia fálica), mas, na verdade, institui um repúdio à diferença dos sexos devido a uma *recusa da vagina*⁴⁷⁶, como já adiantara Karen Horney. O que se constata, segundo ambas as autoras, é que houve, da parte de Freud, a necessidade de intrinsecar o discurso monótono em relação ao pênis, afirmando não se tratar do órgão puramente masculino, mas de um em específico, o da mãe, que torna impossível de renunciar devido ao princípio da unicidade de percepção da primazia do *falo* que alimenta tanto meninos como meninas. Mas é justamente por essa mesma perspectiva que coloca o *falo* não enquanto materialidade, mas como representação mnésica, que Chasseguet-Smirgel (1991) é categórica ao proclamar que o “fetiche, substituto do *falo* que falta à mulher, nem sempre é um símbolo do pênis”⁴⁷⁷.

Por fim, Chasseguet-Smirgel (1991) adentra em um âmbito que torna ainda mais abrangente a manifestação perversa, inclusive já elencado enquanto fator historiográfico no primeiro capítulo desta tese, que é o declínio à lei pré-estabelecida ou, no termo clássico que alguns psicanalistas costumam tomar de empréstimo da cultura grega, *hybris*, fenômeno que a autora evoca a partir de um ponto de vista que privilegia seu aspecto anímico para, só então, tentar entender sua imbricação no mal-estar do laço civilizatório, afirmando, já de início, tratar-se de um pleito intrínseco ao debate, dado que, em suas palavras, o “mundo da perversão nos parece ser o da *hybris*, ao mesmo tempo, a indiferenciação à qual leva, produz a abolição da lei ou sua total subversão. Agora, o que nos reterá serão os laços entre a perversão, o ‘hybris’ e a lei”⁴⁷⁸.

“Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, conhecedores do bem e do mal”⁴⁷⁹. Essa passagem do *Antigo Testamento*, referente a um dos momentos mais cruciais da mitologia cristã, no qual a serpente tenta Eva a comer do fruto proibido da árvore do conhecimento do bem e do mal, prometendo-lhe que isso a tornaria como Deus, desencadeando a *queda do ser humano*, talvez seja uma das que melhor descrevem a posição subjetiva do perverso frente a si mesmo e ao mundo. Chasseguet-Smirgel (1991) nos conta que a perversão é, antes mesmo daquilo que dita o complexo de Édipo, uma manifestação cujos conteúdos atrelados se desenrolam com um plano de fundo similar ou idêntico ao constituído pelo contexto sádico-anal, em que o coito genital não adentra — pelo menos, não inicialmente — como o objetivo para a obtenção do *gozo*, e sim o desejo de destruir a realidade, “feita de diferenças para instaurar, em seu lugar, o reino da

⁴⁷⁶ Chasseguet-Smirgel, 1991, p. 65.

⁴⁷⁷ *Ibidem*, p. 66.

⁴⁷⁸ *Ibidem*, p. 214.

⁴⁷⁹ Gênesis 3:5.

analidade, onde todas as diferenças são abolidas. Trata-se de substituir Deus, para tornar-se o criador de uma nova realidade, para tornar-se o Criador”⁴⁸⁰. A *hybris*, nesse aspecto, traduz em muito a visão do componente sádico-anal principiada por Karl Abraham (1877-1925) e retomada por Melanie Klein, em 1935, a qual afirmou existir no contexto autoerótico infantil uma aspiração “à destruição, outra à *dominação do objeto* (ou do mundo dos objetos)”⁴⁸¹, que denota o feitio de ambivalência afetiva entre o sujeito e o seu objeto de amor, representado, inicialmente, no pós-uterino, pela mãe, revelando como o bebê, perverso por excelência, possui caráter impiedoso e despótico no que concerne às suas sanções. Quando essas tendências são externalizadas, costumam provocar um sentimento de horror naqueles que acreditam no espírito impoluto da infância, em razão de que

É uma ideia assustadora, para não dizer incrível, a que oferece a nosso espírito a imagem de um bebê de seis a doze meses, procurando destruir a mãe com os dentes, as unhas, os excrementos e todo o corpo, isto é, servindo-se de todos os meios que suas tendências sádicas lhe colocam à disposição e que sua imaginação transforma em armas perigosas. Sei por experiência como é difícil admitir que essas ideias revoltantes correspondam à realidade, mas a análise de crianças de tenra idade não permite que duvidemos delas, já que nos oferece, com precisão e evidências, o espetáculo das crueldades imaginárias que acompanham esses desejos em toda sua abundância, força e multiplicidade.⁴⁸²

Klein (1934), posteriormente, indicará que dilemas narcísicos enfrentados pelas crianças em relação às suas demandas constitutivas e ao laço que, contra a sua vontade, une-a a outro com poderes sobre sua vida e morte, quando não elaboradas corretamente, podem implicar em uma permanente vivência do círculo vicioso da angústia, que, por sua vez, resultará na configuração de indivíduos com tendências antissociais e criminosas, porque a excelsa psicanalista britânica compreende que a “angústia da criança leva-a a destruir seus objetos, o que provoca um aumento da angústia e esta, por sua vez, impele-a de novo contra seus objetos”⁴⁸³, algo valioso para ponderarmos, por exemplo, o fato de que, em certas manifestações perversas tanto masculinas quanto femininas, o componente sádico, a violência, nem sempre encontra resolução em um episódio isolado de destituição, de privação do desejo, pois a sua ansiedade reforça a compulsão de repetição, com vistas a conseguir, pela via da agressão, retomar o estado de satisfação que lhe foi defraudado. Isso não implica dizer,

⁴⁸⁰ Chasseguet-Smirgel, 1991, p. 215, grifo da autora.

⁴⁸¹ Klein, 1935/1966, p. 262 *apud* GEETS, Claude. *Melanie Klein*. Tradução Fernando de Castro Ferro; revisão técnica de Amélia Thereza de Moura Vasconcelos. São Paulo: Melhoramentos, Editora da Universidade de São Paulo, 1977, p. 49.

⁴⁸² Rivière, 1932 *apud* Geets, 1977, p. 62.

⁴⁸³ Klein, 1934, p. 307 *apud* Geets, 1977, p. 75.

por associação, que a manifestação perversa faça do sujeito que comete uma violência em relação ao corpo ou à alteridade alheia, alguém desprovido de uma consciência moral, que não sente remorso ou arrependimento, ou, ainda, que lhe falta um superego atuante, pelo contrário, salvo casos específicos, como em psicopatias graves, os perversos, em sua maioria, possuem todos esses mecanismos, todavia, permaneceram fixos em uma fase arcaica do seu desenvolvimento psicosssexual, por isso é incapaz de utilizar sua consciência moral, sentir remorso ou arrependimento como mecanismos de defesa inibitórios em relação à angústia de alienação. Mas em que sentido essa visão de Klein pode contribuir para o entendimento da *hybris*? Como descrito por Cintra e Figueiredo (2004), no livro *Melanie Klein. Estilo e Pensamento*, a psicanalista tratou da *hybris* no intuito de entender como ela compõe um desequilíbrio das pulsões, uma extrapolação do desejo, que se apresenta à proporção que os níveis de excitação entrem em patamares que não podem ser refreados pelas forças moderadoras da cultura, isto é, a preocupação de Klein se dirige no sentido de entender as consequências do excesso, da acoria do desejo e o seu desdobramento como violência pulsional.

À vista disso, podemos dizer que Klein, como uma evidente freudiana, contribui para que cheguemos à constatação de que, se a sexualidade do neurótico é qualificada como infantil, mesmo no adulto, pois teve que abdicar de grande parte dos seus desejos em nome de uma lei majoritariamente externa, o perverso nunca encontrou saída desse lugar, pois seu desejo ainda permanece cravado em uma dimensão infantil atemporal, lugar em que a lei simbólica existe, mas que não consegue agir frente à outra consideravelmente mais tirânica e impositiva, a sua própria, que é a do gozo, da qual advém a sua relação com a *hybris*, a desmesura do desejo, assim como ocorria com os semideuses ao tentarem, por conta própria ou acarreado por sufrágio divino, equipar-se aos deuses, instituidores das *monoi*, das leis. Por isso, pensar sobre a *hybris* é atentar para uma relação com uma lei superior, até mesmo divina, como nas épicas gregas.

É seguindo essa mesma lógica que Chasseguet-Smirgel (1991), ao tornar a *hybris* material de discussão, sugere que, se a neurose obsessiva é uma espécie de “religião privada”, como indicou Freud (1907/1976) no pequeno artigo intitulado “Atos obsessivos e práticas religiosas”⁴⁸⁴, a perversão pode ser interpretada como uma “religião do diabo”, cuja expressão

⁴⁸⁴ FREUD, Sigmund (1907). Atos obsessivos e práticas religiosas. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 9, p. 121-131.

pode ser evidenciada em figuras mitológicas célebres por ações que desafiaram diretamente os éditos divinos. Basta ver exemplos como o de Belerofonte, filho de Poseidon, que, “após finalizar vários feitos heroicos, embebedou-se de tal orgulho que se achou poderoso o suficiente para ir até o Olimpo para desafiar os deuses”⁴⁸⁵, mas, diante de tamanha afronta, foi fulminado por Zeus com um de seus raios, assim também o fez Lúcifer em relação a Deus na mitologia judaica, como descrito na versão da *Vulgata*: “Então! Caíste dos céus, astro brilhante, filho da aurora! Então! Foste abatido por terra, tu que prostravas as nações! Tu dizias: Subirei às nuvens mais altas, me tornarei igual ao Altíssimo”⁴⁸⁶. A perversão enquanto “religião do diabo” já havia sido mencionada por Freud em uma de suas cartas a Fliess, na qual transmite que está

[...] prestes a acreditar que seria necessário considerar as perversões, cujo negativo é a histeria, como traços de um culto sexual primitivo, que foi, talvez no Oriente semita, uma religião do (Moloch, Astartéia). Os atos sexuais perversos são, aliás, sempre os mesmos; eles contêm uma significação e estão calcados em um modelo possível de ser encontrado. Dessa maneira, eu imagino uma *religião do diabo* extremamente primitiva, cujos ritos são exercidos em segredo, e agora compreendo a vigorosa terapêutica que os juízes aplicavam às bruxas.⁴⁸⁷

Como afirma Roudinesco (2008), graças à influência do cristianismo no ocidente, o diabo se tornou o grande signo para aqueles que desvirtuam as leis, tenha-se em consideração que os perversos, no decorrer da história, foram aqueles cujas ações atentavam tanto contra os desígnios de Deus quanto os dos homens, em relação à ordem natural determinada para a sexualidade e os limites da agressividade no seio social, que sempre colocou, e ainda coloca, à mercê da volatilidade de alguns indivíduos todo o projeto civilizatório, perspectiva que corrobora a dupla característica de Satã, descrita por Chasseguet-Smirgel (1991), as do “(Diabo, enquanto ligado à analidade, Lúcifer enquanto representante do orgulho humano que se rebela contra Deus)”, cuja formulação, pondera a autora, “parece ser essencial para a compreensão da posição da oposição entre lei e perversão e do elo que a perversão mantém com o *hybris*, o orgulho e o descomedido”⁴⁸⁸. Dessa forma, o perverso será aquele que, achando-se similar a Deus, não só desrespeitará as leis de diferenciação entre Deus e o homem ou entre o homem e seu semelhante, assim como descrito em inúmeras passagens da

⁴⁸⁵ Silva, 2017, p. 42.

⁴⁸⁶ Isaías 14:12-15.

⁴⁸⁷ Freud, 1897/1977, p. 329, grifo nosso.

⁴⁸⁸ Chasseguet-Smirgel, 1991, p. 217.

Bíblia, a exemplo de “A quem, pois, comparareis Deus? Com quem o igualareis?”⁴⁸⁹, “A quem, pois, me comparareis para que eu seja igualado?”⁴⁹⁰, “Onde estavas tu quando eu lançava os fundamentos da terra? [...] Quem mediu as suas dimensões, quem dispôs o seu alicerce, quando as estrelas da manhã juntas jubilaram e todos os anjos da luz bradavam de alegria?”⁴⁹¹, “Acaso, entraste nos mananciais do mar ou percorreste o mais profundo do abismo? Porventura, te foram reveladas as portas da morte ou viste essas portas da região tenebrosa?”⁴⁹², “Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros”⁴⁹³, “Haja em vocês o mesmo sentir que houve também em Cristo Jesus, o qual, subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus algo a ser retido, mas sim, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a forma de servo, tornando-se semelhante a um humano, e, em sua condição humana, humilhou-se, obedecendo até à morte, e morte de cruz”⁴⁹⁴; mas também desobediência em relação às inúmeras distinções entre *o bem e o mal* (“Aparta-te do mal e pratica o bem; busca a paz e segue-a”⁴⁹⁵ e “Ninguém é tentado por Deus, pois Deus não tenta ninguém para o mal. Pelo contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e o seduz. Então, a cobiça, depois de conceber, dá à luz o pecado; e o pecado, quando consumado, gera a morte”⁴⁹⁶) entre *macho e fêmea* (“E, semelhantemente, também os homens, deixando o uso natural da mulher, inflamaram-se em sua sensualidade uns para com os outros, homens com homens, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro”⁴⁹⁷), entre *espécies* (“Todo aquele que tiver relações sexuais com animal terá que ser morto”⁴⁹⁸, “Se um homem tiver relações sexuais com um animal, terá que ser executado, e vocês matarão também o animal. Se uma mulher se aproximar de algum animal para ajuntar-se com ele, vocês matarão a mulher e o animal. Eles certamente morrerão; o seu sangue é sobre eles”⁴⁹⁹, “Maldito seja quem se deitar com qualquer animal. Todo o povo dirá: ‘Amém’”⁵⁰⁰), entre *parentes/incesto*

⁴⁸⁹ Isaías 40:18.

⁴⁹⁰ Isaías, 40:25.

⁴⁹¹ Jó, 38:4-7.

⁴⁹² Jó, 38:16.

⁴⁹³ Filipenses 2:3-4.

⁴⁹⁴ Filipenses 2:5-6.

⁴⁹⁵ Salmos 37:27.

⁴⁹⁶ Tiago 1:14-15.

⁴⁹⁷ Romanos 1:27.

⁴⁹⁸ Êxodo 22:19.

⁴⁹⁹ Levítico 20:15-16.

⁵⁰⁰ Deuteronômio 27:21.

("Ninguém se unirá à sua parenta próxima, pois isso é uma abominação"⁵⁰¹) etc.. Nessas passagens, nota-se duas vertentes importantes para o entendimento da *hybris* nos contextos anímicos e externos. A *primeira* é a de que Deus, assim como os deuses do panteão grego, concede livre-arbítrio à humanidade, mas a desobediência é severamente punida, a título de exemplo para aqueles que tentarem expressar o descomedimento, afrontarem os desígnios do Pai. A *segunda*, recorrendo ao que postula Eliade (1988)⁵⁰², é a de que a natureza humana não aceita a limitação que lhe é imposta, pois, assim como os heróis trágicos buscavam a *arete* (a excelência), sempre estavam suscetíveis ao risco de se tornarem orgulhosos de si mesmos, esquecendo do auxílio dos deuses e, desmesurados, tendiam à insolência (*hybris*).

A esse respeito, Chasseguet-Smirgel (1991) faz uma interessante observação, a de que parece tênue a linha que separa os insolentes filhos dos deuses, os semideuses, e os anti-heróis sadeanos, espelhos da dinâmica subjetiva humana, cujas *hybris*, ao que nos parece, condição trágica da nossa natureza perverso-polimorfa, tornam-lhes tentados a se misturar, hibridizar e desviar, ao passo que o próprio termo *híbrido* deriva do grego *hybris*, cuja significação engloba, ao mesmo tempo, "violência, excesso, descomedimento, exagero"⁵⁰³, ou seja, tal como os heróis da literatura clássica grega, propensos à hamartia (falta trágica), o ser humano também é, por natureza, predisposto à *hybris*, pois já é lançado ao mundo pós-uterino sob o manto da perversão. Não obstante, Quinet (2015)⁵⁰⁴ observa que, apesar do desmedido conduzir o herói à morte, seu *gozo* reside justamente nesse fator trágico do seu destino, o qual aglutina a essência do teatro dionisíaco, em que os regentes são a desmesura (*hybris*), a volúpia, o êxtase e a morte. A fatalidade do perverso, nesse panorama trágico da sua manifestação, é o desejo de roubar o poder de Deus, semelhante à inveja da criança em relação ao poder absoluto do seio em lhe interpor entre a vida e a morte; morte esta que não lhe impõe medo, pois representa o fim pelo prazer, na consumação do desejo, decorrendo no sentido sadeano lancinante em relação ao *gozo* derivado da morte, o de que "Destruí e obedecereis à Natureza. Destruir não é aniquilar. A morte não existe. Ela é apenas uma *transmutação*"⁵⁰⁵.

Como consequência de saber do perigo que reside dentro de si mesmo, o ser humano promulga leis que tentam elidir ou, pelo menos, contornar essa parcela da sua constituição.

⁵⁰¹ Levítico 18:6.

⁵⁰² ELIADE, Mircea. *História das Ideias e Crenças Religiosas*. Porto: RÉS-Editora, 1988. v.1.

⁵⁰³ Chasseguet-Smirgel, 1991, p. 221.

⁵⁰⁴ QUINET, Antônio. *Édipo ao pé da letra*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

⁵⁰⁵ Chasseguet-Smirgel, 1991, p. 225, grifo da autora.

Chasseguet-Smirgel (1991), como exemplo, cita o fato de existirem tratados que, embora não explicitamente, tentam afastar o ser humano dos códigos da perversão que outrora foram o palco da sua vida, como a proibição na cultura judaica referente à mistura da carne do cabrito ao leite materno, cuja textualidade pode ser observada em múltiplas passagens do *Antigo Testamento*, a exemplo de “Traga o melhor dos primeiros frutos da sua terra à casa do SENHOR, o seu Deus. Não cozinhe o cabrito no leite da própria mãe”⁵⁰⁶, “Traga as primícias das colheitas da sua terra à casa do SENHOR, seu Deus. *Não cozinhe o cabrito no leite da própria mãe*”⁵⁰⁷ e “*Não cozerás o cabrito no leite da própria mãe*”⁵⁰⁸. De acordo com o argumento da autora, essa proibição se destina a coibir a mistura incestuosa dos corpos do filho e da mãe, isto é, do retorno do filho ao seio materno, mediante a entrada em cena da figura paterna, o Senhor, com vistas a assenhorear-se da mulher o papel central que o feminino ocupava no itinerário das primeiras civilizações, nas quais o *falo*, certamente, não encontrava lugar no pênis, mas na própria potência feminina, já que era a natureza criadora de todos, cuja imago materna ora mostrava-se generante e frutífera, ora exprimia-se pela fúria, pestilência e destruição. A cultura judaico-cristã sedimentou as bases da cultura que conhecemos hoje na elevação da figura paterna como detentora do *falo* para que, além de afastar o primado fálico feminino das culturas pagãs, erigisse um ideário patriarcal e monoteísta, em que não mais as deusas/mães reinassem, mas Deus/pai unicamente, entidade que, por sua, está sempre relacionada à inscrição da separação, enquanto o perverso, em oposição, luta tanto para retornar ao seio/corpo materno, quanto para revocá-lo do que lhe foi retirado. Acerca disso, podemos tomar novamente como empréstimo a narrativa sadeciana como vital para o entendimento da mãe enquanto núcleo da configuração perversa, pois nela, tanto homens quanto mulheres são sustentados pelo princípio de uma mãe-natureza, como descreve Dolmancé a Eugénie no clássico *A Filosofia na Alcova*⁵⁰⁹

Foi para este único fim que a natureza a criou. [...] Toda a lei humana que contraria as da natureza só merece o nosso desprezo. [...] A natureza, mãe de todos, só nos fala de nós mesmos; nada é tão egoísta quanto sua voz; e o que reconhecemos nela de mais claro e imutável é seu santo conselho de deleitar-nos não importando à custa de quem quer que seja. Mas os outros, vos dizem a propósito, podem se vingar... Tanto melhor! Somente o mais forte terá razão. Eis o estado primitivo de

⁵⁰⁶ Êxodo 23:19.

⁵⁰⁷ Êxodo 34:26.

⁵⁰⁸ Deuteronômio 14:21

⁵⁰⁹ SADE, Marquês de. *A Filosofia na Alcova, ou, Os Preceptores Imorais*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

guerras e de destruição perpétuo em que nos lançou, o único em que lhe é vantajoso estarmos.⁵¹⁰

Não obstante, Chasseguet-Smirgel (1991) nos revela a dupla disposição presente nesse estatuto da perversão que a obra sadiana enseja. Se, por um lado, há uma identificação com essa imago materna permissiva e terrífica com a finalidade inconsciente de desafiar Deus/pai/lei; por outro, como a ficção do famigerado marquês expõe, também se une a esse feminino a fim de “expressar seu ódio por sua mãe pelo ataque ao seio, a destruição de seus filhos e o matricídio”⁵¹¹. Nota-se, assim, que há na perversão um avesso da lei, em que a lei do desejo deve sempre sobrepor a lei divina/paterna/civilizatória, sob a forma de desprezo. O perverso, então, desloca a posição que lhe fora oferecida, a de obediência aos ordenamentos divinos, familiares e sociais para, ele mesmo se fazer mestre de um saber que falta aos outros — especialmente os neuróticos —, corrompendo o entendimento comum da função de educador, como facilmente observamos em manifestações perversas a exemplo da pedofilia, em que o pedófilo age como um “educador” para o saber sobre a sexualidade que ele crer estar silenciado no corpo infantil, cenário esse que já evidenciamos em pesquisas anteriores, como no artigo “O itinerário concupiscente do desejo: signos perversos em Pierrô da caverna, de Rubem Fonseca”⁵¹², no qual salientamos haver no regime do pedófilo o “argumento de reciprocidade do desejo”⁵¹³, o qual parece servir, inclusive, como mecanismo de defesa contra as censuras internas (superego) e externas (leis sociais), estabelecendo “vínculos passionais e sensuais com as crianças, pois entende que há uma permissão infantil para o estreitamento do laço amoroso”⁵¹⁴. Essa elucubração sinaliza um deslocamento do homem ou mulher perversos sobre o papel de mestre ou mestra desempenhado pelo pai ou pela mãe, ou ainda o casal parental (casal perverso), “mas se trata, sobretudo, de utilizar sua função de educador, de legislador, não para conter as pulsões, mantendo as proibições e o medo da punição, mas *subvertendo-as*”⁵¹⁵, afinal, está a serviço do gozo.

A subjetividade perversa, ao que tudo indica, parte de uma paródia da educação, que é, em si, também substrato da lei e da cultura, já que seu objetivo é separar o ser humano da

⁵¹⁰ Sade, 2000, p. 32, grifos nossos.

⁵¹¹ Chasseguet-Smirgel, 1991, p. 225.

⁵¹² SILVA, Frederico de Lima; RODRIGUES, Hermano de França. O itinerário concupiscente do desejo: signos perversos em Pierrô da caverna, de Rubem Fonseca. *Guaracá Revista de Filosofia*, Guarapuava-PR, v. 39, n. 2, p. 146-158, 2023.

⁵¹³ Silva; Rodrigues, 2023, p. 152.

⁵¹⁴ HISGAIL, Fani. *Pedofilia: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Iluminuras, 2007, p. 64.

⁵¹⁵ Chasseguet-Smirgel, 1991, p. 227.

ignorância e do seu estado animalesco, cujo alvo é a subversão do seu objetivo, ou seja, não o de separar, mas o de resgatá-lo ao estado arcaico do autoerotismo perverso-polimorfo, no qual ainda se nutria o sentimento de indivisão, de fusionamento com o corpo materno, premissa que lastreia, consoante Chasseguet-Smirgel (1991)⁵¹⁶, “práticas sexuais de grupo, da sodomia, do incesto homo e heterossexual”, porque “A lei, que é limite, separação, como vimos, é, aqui, desviada, a fim de estabelecer o reino do indiferenciado”⁵¹⁷, por isso o temor que se estende nas fundações da cultura ocidental de se ver erigida a posição feminina, na verdade, reedificada, que não se justifica se levarmos em conta que uma sociedade matriarcal jamais se consolidou na história, não obstante, induz a essa tão patente oposição dos discursos, os quais, infelizmente, inclinam-se para reforçar visões dignas das mais veementes críticas, como a da autoridade divina e nuclear do homem, virilidade como signo de poder, a total submissão das mulheres e das crianças etc., congregação de fatores que nos levam a interpretá-los como

[...] uma combinação de formações reativas contra a tentação do caos e de elementos próprios ao “retorno do recaiado” (a fase sádico-anal). Uma sociedade em que os valores “paternos”, genitais estariam plenamente assegurados, perderia todos estes vestígios da luta entre a Lei o caos e levaria em conta a totalidade dos valores Maternos.⁵¹⁸

É por meio dessa circunstância que vemos ação e reação eclodirem como uma constante entre o projeto civilizatório/lei e os perversos, pois há um temor em relação a esse caos que o perverso restaura a partir da sua regressão ao estado arcaico, sádico-anal, no qual as barreiras agora existentes não possuem validade na conformação psíquica do sujeito, isto é, a essência do desejo, dos seres e das coisas se amalgamam, formando o universo de *gozo* do perverso, que é aquele em que a diferença não existe, a separação nunca ocorreu. O mal-estar da cultura ante esses indivíduos não se dá, no entanto, pelo estranhamento em relação à diferença, mas a inquietação pela paridade do desejo, pelo querer e não poder, pelo saber, mas enganar a si mesmo, posto que tudo “[...] indica que a diferença entre os sexos e a diferença entre as gerações constituem um obstáculo à onipotência e que recusar/renegar este obstáculo é um antigo sonho da humanidade”⁵¹⁹.

⁵¹⁶ Chasseguet-Smirgel, 1991, p. 227.

⁵¹⁷ *Ibidem*, p. 229.

⁵¹⁸ *Ibidem*, p. 235.

⁵¹⁹ Chasseguet-Smirgel, 2005, p. 38 *apud* CUNHA, Eduardo Leal. Sexualidade e perversão entre o homossexual e o transgênero: notas sobre psicanálise e teoria Queer. *Rev. Epos [online]*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2. dez. 2013.

Nesse escopo caótico, as barreiras e freios que o ser humano impõe a si mesmo, mas utilizando os perversos como bodes-expiatórios, não constituem unicamente as leis, mas o protótipo da separação, do limite, cisão que ele gostaria de renunciar, mas não pode. Na perversão, a fê direciona-se para o caminho oposto, o de ir ao encontro do desejo, de unir-se e novamente experimentar o estado de sentimento oceânico, no qual há a fíducia de que a falta não comparece ou a separação deixa de existir, ou seja, a *hybris* se consoma na mística de que não há limites entre o humano e o divino, entre o homem e a mulher, entre o humano e o humano, porque, na mitologia perversa, a crença se funda no princípio de que não havendo diferença, ele/ela torna-se Deus. Dessarte, não nos impressiona a querela travada nos planos consciente e inconsciente entre os perversos e aqueles que se julgam guardiões do fundamento civilizatório. Por um lado, os perversos abominam o que para eles possa significar a separação, a impotência, o desamparo, tudo aquilo ou todos aqueles que frustram o seu dispositivo cênico subjetivo, ao passo que gozam tanto através de sua plasticidade sexual, como no deleite de contemplarem aflitos aqueles que os relegam à marginalização.

Por outro, a sociedade se vê refém de uma luta na qual nunca poderá vencer, haja vista que a perversão, como apontou Freud nos textos fundamentais da sua teoria psicossexual, e cujo postulado ainda se sustem após completados seus cento e vinte anos, sem encontrar quem o invalidasse, é por meio de uma arquitetura perversa que somos lançados ao mundo e pela qual nossa subjetividade se apresenta nos primeiros momentos, ou seja, no fim das contas, a cultura não *recusa* a perversão alheia, mas o que a perversão do outro diz da sua própria, a qual, como se observou até este momento do trabalho, que, apesar da psicanálise ainda não encontrar consenso no sentido de outorgar às mulheres a entrada na estrutura perversa, a própria teoria e clínica instituídas por Freud e suplementadas por seus pares, antecedida pela mitologia, pela literatura e pela historiografia, evidenciam que a perversão não comporta monismo em relação à sexualidade, ao gênero ou quaisquer outras formas de desmembramento, de ambiguidade, pois a configuração perversa trabalha continuamente no sentido de anular a diferenciação.

Como expresso na introdução desta tese, não nos cabe a confirmação de que há mulheres estruturalmente perversas, não somente devido ao fato desta investigação não possuir este objetivo específico ou porque não é das Letras a prerrogativa de enveredar sob o domínio dos códigos que ultrapassam a fronteira da linguagem, e sim, mais do que tudo, em razão de que, se Lacan está certo em dizer que as mulheres são não-todas, certamente estão sob a égide de Outra Coisa, a qual ainda não nos foi permitido determinar. Por ora, isso nos

basta. Mas como a literatura, especificamente a de Rinaldo de Fernandes, pode contribuir para o entendimento desse fenômeno que excede o horizonte da estrutura perversa? Como antecipamos em nosso pré-projeto, fundamentamo-nos no pressuposto de que a Literatura e a Psicanálise, “mesmo constituindo dois domínios díspares do saber, possuem uma estreita ligação [...], principalmente quando entendemos a primeira como uma forma tangível de representação da subjetividade humana e a segunda como uma ferramenta de investigação” desses signos da alma. Ao abarcar personagens femininas que se mostram insubmissas às leis, aos cerceamentos, às fragmentações e aos desfusionamentos impostos tanto pelo projeto civilizatório como pelos laços atinentes à cultura, as narrativas de Fernandes substanciam retratos dos processos de subjetivação que irrompem os determinismos de passividade por muito tempo atrelados ao feminino, às mulheres, às mães etc., o que nos permite evidenciar como se configuram nessas personagens tais códigos da perversão.

Caput 3 - Literatura e Psicanálise: consubstanciação e impulsos críticos

Embora a relação entre Literatura e Psicanálise esteja bem estabelecida, é notório que essa colaboração também encontra objeções por parte de estudiosos de ambas as partes. De tempos em tempos, encontrar-nos-emos com críticos/literatos que veem nas ideias propostas pelo advento do método freudiano de análise da mente a responsabilidade, até certo ponto, pelo declínio — com “o parecer comum em 1882, em 1925 e ainda em 1940”⁵²⁰ —, das “narrativas de peripécias”, como explicitaram autores do quilate de Jorge Luis Borges (1899-1986), que salientou no prólogo ao livro *A invenção de Morel*, do também argentino Adolfo Bioy Casares (1914-1999), sua inquietação em relação a essa corrente literária⁵²¹ que, segundo a sua visão, seria responsável por fazer surgir ou fomentar uma escrita de cunho “informe”, isto é, graças a ela, tornou-se comum uma hibridização do caráter delineador das personagens, a exemplo de

[...] suicidas por felicidade, assassinos por benevolência, pessoas que se adoram a ponto de se separarem para sempre, delatores por fervor ou por humildade... Essa liberdade plena acaba a equivaler a plena desordem. Por um lado, o romance “psicológico” também se pretende romance “realista”: prefere que esqueçamos seu caráter de artifício verbal e faz de toda vã precisão (ou de toda lânguida vagueza) um novo toque do verossímil.⁵²²

Do lado da psicanálise, talvez com um tom ainda mais incisivo, encontra-se o discurso de que a crítica literária psicanalítica força uma interpretação sintomática em um cenário desprovido dos elementos propiciadores da técnica psicoterapêutica, delimitados por Freud ao estabelecer os parâmetros para a análise de pacientes, ou seja, de que não é válida a utilização da psicanálise no alicerçamento de interpretações literárias graças à premissa de que personagens literários não são pessoas reais e, à vista disso, não têm “psiques” que possam ser analisadas, resultando na confecção de trabalhos críticos excessivamente carregados de terminologias, as quais, ao invés de contribuir para o entendimento dos fenômenos da mente, dificultam a recepção tanto por parte da comunidade acadêmica quanto da psicanalítica. Embora ambos os argumentos encontrem lugar no ambiente acadêmico e extra-acadêmico, é preciso refletir como os dois pontos de vista limitam-se à defesa de uma certa homogeneidade propositiva, como se tanto a Literatura não fosse uma agregadora dos fenômenos histórico-

⁵²⁰ BORGES, Jorge Luis. Prólogo. In: CASARES, Adolfo Bioy. *A invenção de Morel*. Tradução Vera Neves Pedroso. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 8.

⁵²¹ Referindo-se ao que conhecemos como romance psicológico.

⁵²² Borges, 1986, p. 8.

culturais do itinerário humano, ou a Psicanálise não tivesse nascido e se solidificado enquanto teoria e prática mediante a observação histórica e clínica de como as narrativas humanas se encontram no cerne do processo de subjetivação. Ademais, é imperativo evocar a capacidade da psicanálise de servir ao ser humano para além da clínica, a julgar que o método desenvolvido por Freud não existiria sem que houvesse uma exigência da cultura no que diz respeito à angústia. Mediado por uma leitura pressurosa das teses psicanalíticas, é normal alimentar a falsa impressão de que essa ciência da mente se ajusta apenas ao estudo do psiquismo atrelado à subjetividade, isto é, aos conteúdos inconscientes, aos desejos, ao imbricado jogo articulatório das pulsões; concepção solipsista se pensarmos que Freud foi um pensador da cultura, portanto, observador dos expedientes sociais, que o orientaram na formulação dos seus postulados sobre as articulações decorrentes do conflito entre o desejo e a cultura, revelados tão sombriamente, por exemplo, no modo como formula seu ajuizamento em torno do conceito histórico-cultural-psíquico de mal-estar na civilização, e, nesse enquadramento, a literatura se destaca como alimento reflexivo e documental para as bases da psicanálise, basta que nos atentemos para o seu fundador, um leitor lúcido e comprometido, o qual nos faz questionar ser possível a existência de um analista que, antes de se autorizar como tal, isto é, um profissional que busca nas entrelinhas dos discursos do seu paciente uma verdade possível sobre o desejo, não tenha sido e seja um legente de ficção.

Ora, Literatura e Psicanálise, mesmo constituindo dois domínios díspares do saber, possuem uma estreita ligação no que tange à fundação do método freudiano de interpretação da mente humana, principalmente quando entendemos a primeira como uma forma tangível de representação da subjetividade humana e a segunda como uma ferramenta de investigação dessa mesma subjetividade. Essa ligação adquire ainda mais sintonia a partir do acúmen de que ambos – tanto a literatura, quanto o método psicanalítico – encontram-se fundamentados num contexto ficcional, haja vista que a experiência psicanalítica se funda numa montagem, tanto na relação entre o analisando e o psicanalista, como na matéria resultante do processo de inventividade da narrativa fomentada pela *associação livre*.

Na obra *O ouvido do analista e o olho do crítico: repensando psicanálise e literatura*⁵²³, composta pelo trabalho cooperativo do psicanalista Thomas Ogden e do crítico literário Benjamin Ogden, os pesquisadores promovem uma afluência entre a crítica literária e a prática psicanalítica, com vistas a demonstrar que é possível convergir para um objetivo

⁵²³ OGDEN, Benjamin H.; OGDEN, Thomas H. *O ouvido do analista e o olho do crítico: repensando psicanálise e literatura*. Tradução Tania Mara Zalberg. Rio de Janeiro: Escuta, 2014.

comum as qualidades presentes em cada âmbito, ilustrando como ambas podem se beneficiar dos conhecimentos ostentados em suas particularidades. Por intermédio de uma revisita a trabalhos de análise literária de alguns gêneros ficcionais, que tomaram a teoria psicanalítica como alicerce epistemológico — a saber, considerações sobre o poema "Nunca mais o canto dos pássaros seria igual", de Robert Frost (1874-1963), do conto "Um artista da fome", de Franz Kafka (1883-1924), e do romance *O escritor fantasma*, de Philip Roth (1933-2018) —, Ogden e Ogden (2014) evidenciam a viabilidade de certos elementos trabalharem em comunhão, sem que, com isso, exista um uso simplório, exagerado ou descompromissado tanto com os fundamentos da psicanálise quanto com os da literatura, em especial, indicando como as duas disciplinas lidam, entre outros aspectos, com um elemento em comum, a linguagem humana, da qual as duas extraem sua matéria viva e substanciadora. Seja na leitura de um dos muitos gêneros literários ou na prática clínica, o recurso demandado no encontro com a linguagem, que nos dois horizontes possuem certo caráter ficcional, é sempre o de tentar dar lugar aos códigos que se apresentam como fios ou nós nas narrativas, nos dramas e/ou nas tragédias concernentes a cada objeto de análise (personagem ou pessoa).

Em seu livro *Psicanálise e Literatura*⁵²⁴, Bellemin-Noël (1978) nos mostra como a escrita literária consegue abarcar, sem muito esforço, questões que demandam considerável labor do psicanalista em sua escuta clínica. Essa capacidade própria dos escritores criativos, como por exemplo, a de Fernandes, de suscitar demandas inconscientes em sua escrita, ganhou destaque na teoria psicanalítica desde seus primórdios. Freud é conhecido como um notável apreciador de clássicos da literatura mundial, o que contribuiu indubitavelmente para fazer com que o fundador do argumento psicanalítico voltasse o seu olhar para o potencial que o texto literário possui de fornecer informações armazenadas nos labirintos do inconsciente, figurando, “justamente pelo comércio especial com o inconsciente, como um precursor da psicanálise, que deve colocar-se na posição respeitosa de aprender com ele”⁵²⁵. Bellemin-Noël (1978) adverte que, sim, a literatura é algo diferente do corpo, extensão primeira e última do inconsciente, portanto, da psicanálise, mas, assim como essa matéria cheia de desequilíbrios e sintomas que nos sustenta em nossa realidade concreta, o discurso literário também é uma estrutura desequilibrada sobre a realidade e nisso está o seu encanto, o seu drama e a sua sorte

⁵²⁴ BELLEMIN-NOËL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. Tradução Álvaro Lorencini e Sandra Nitirini. São Paulo: Cultrix, 1978.

⁵²⁵ SOUBBOTNIK, Olga Maria M. C. Souza. A psicanálise e as Letras. In: MORAES, Alexandre (Org.). *Modernidades e pós-modernidades: literatura em dois tempos*. Vitória: Edufes, 2002, p. 268.

maravilhosa, porque a literatura, ao mesmo passo em que é fotografia, também é questionamento dessas realidades que nos constituem.

Ao recorrermos ao texto do neurologista vienense, do qual a crítica literária mais se utiliza para fundamentar o que podemos chamar de "psicanálise aplicada aos estudos literários", o breve artigo "Os escritores criativos e devaneio"⁵²⁶, Freud (1907-1908/1976) é peremptório ao cancelar a perspectiva de que os escritores criativos são exímios lapidadores dos conteúdos inconscientes, possuindo, de ofício, uma sensibilidade mais elevada frente ao manejo com a linguagem, assim como o condão de traduzi-la para uma forma "menos traumática" à leitura daqueles que tomam suas produções de forma despreocupada, ao passo que produções artísticas servem à cultura como verdadeiros espelhos da mente, onde é possível ver o reflexo metaforizado daquilo que nenhum outro produto humano consegue transportar tão facilmente. Seria, dessa forma, tentador supor, como colocam em ruminação Ogden e Ogden (2014), que

[...] os personagens literários se comportam e pensam como seres humanos reais; que os personagens fictícios têm problemas psicológicos inconscientes que o leitor pode identificar e diagnosticar; e que o autor e seus personagens partilham os mesmos dilemas inconscientes.⁵²⁷

Todavia, os pesquisadores são enfáticos ao alertarem que pensar as personagens literárias como representantes irrepreensíveis da instituição humana é o passo em falso que coloca em xeque uma aplicação responsável dos conceitos psicanalíticos a serviço da crítica literária, posto que, ao atribuir a um elemento de criação ficcional a plena paridade com um indivíduo, seja analista ou, ainda mais gravemente, um literato, acaba-se incorrendo na não observância dos estatutos que definem uma composição como sendo de natureza literária/artística, como por exemplo, a forma, a estrutura, a estética, a utilização da poesia, do conto, da crônica, da novela, do romance, do teatro, da música, da pintura etc., que não podem ser utilizados para definir a natureza humana, muito menos serem utilizados como emuladores concisos do seu caráter. É preciso a firme observação de que nem o crítico nem o psicanalista são detentores de um saber exclusivo sobre a linguagem, o texto e/ou a subjetividade, ao mesmo passo em que não cabe a ambos utilizarem-se dos conceitos e conhecimentos de suas disciplinas no intuito de diligenciar sobre o texto literário, ainda mais especificamente sobre

⁵²⁶ FREUD, Sigmund (1907-1908). Escritores criativos e devaneio. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 9, p. 149-158.

⁵²⁷ Ogden; Ogden, 2014, p. 31.

as personagens, uma espécie de “psicanalização” de sua conduta, chegando, não fortuitamente, ao ponto de se partir para um biografismo autoral, em que se consideram as vicissitudes do(a) autor(a) como tergiversação para atribuir às suas criações/personagens determinados alinhamentos “sintomáticos/diagnósticos”.

Críticas como Lois Tyson (2006)⁵²⁸ nos fazem ponderar sobre que “papel a produção literária de um autor deve desempenhar na psicanálise de sua vida? Até que ponto é legítimo realizar uma psicanálise de personagens literários como se fossem pessoas reais?”⁵²⁹. Sua resposta aponta para o entendimento de que o trabalho de se aplicar o argumento psicanalítico à análise literária deve ser realizado no intuito de observar “quais conceitos estão operando no texto de tal maneira a enriquecer nossa compreensão da obra e, se planejamos escrever um artigo sobre ela, produzir uma interpretação psicanalítica significativa e coerente”⁵³⁰, ao passo que Literatura e Psicanálise obtenham ganhos resultantes desse encontro, a exemplo do que também sentencia Bellemin-Noël (1978) ao se autoquestionar acerca de que, operando sobre a linguagem, “fator de verdade e alienação nas relações entre pessoas e no próprio interior da pessoa: o que me ensina ela sobre este lugar de exercício privilegiado da linguagem que é o conjunto da literatura, onde a realidade secreta do indivíduo se exprime que em outra parte?”⁵³¹ Sua resolução sinaliza que “A finalidade da investigação torna-se então esta: *descrever os princípios e o leque de meios que a psicanálise colocou à nossa disposição para nos permitir ler melhor a literatura*”⁵³².

Fora desse enquadramento, portanto, não há quase contribuição para esses campos do saber, considerando-se que o psicanalista não estaria operando com os meios e fins estabelecidos pela ética psicanalítica, pois teria como resultado meramente um material que “valida sua sapiência”, à medida que o crítico, ainda mais extraviado em sua prática, apenas veria materializada a legitimação do uso inapropriado e pouco produtor de conceitos precedentemente estabelecidos. Em ambos os casos, crítico e psicanalista, deve-se sempre atentar para o fato de que interpelar conteúdos subjetivos, a exemplo do que faz o crítico em relação aos códigos e engenhos que compõem a narrativa, e do psicanalista no que tange

⁵²⁸ TYSON, Lois. *Critical theory today: a user-friendly guide*. 2 ed. New York: Routledge, 2006.

⁵²⁹ Tradução nossa do original em inglês: “*What role should an author’s literary output play in our psychoanalysis of his or her life? To what extent is it legitimate to psychoanalyze literary characters as if they were real people?*” (Tyson, 2006, p. 34).

⁵³⁰ Tradução nossa do original em inglês: “[...] *is to see which concepts are operating in the text in such a way as to enrich our understanding of the work and, if we plan to write a paper about it, to yield a meaningful, coherent psychoanalytic interpretation*” (*Ibidem*, p. 35).

⁵³¹ Bellemin-Noël, 1978, p. 13.

⁵³² *Ibidem*, grifo do autor.

conteúdos livremente associados, é uma espécie de trabalho de arqueologia, haja vista que, para a realização desses ofícios, é necessário ir além do olhar superficial das narrativas as quais são expostos, o que lhes permite, assim, avançar sobre diferentes camadas de leitura e compreensão.

De um ponto de vista mais abissal, podemos nos atrever a sugerir que esse processo de escavação opera na ordem de uma busca pela narrativa da narrativa, pois acreditam que a escuta atenta quanto ao que dizem esses sujeitos trágicos (personagens e analisandos) acaba por lançar seus interlocutores numa história dentro da outra, naquele lugar em que todos os personagens (ficcionais ou não) encontram-se, de maneira metaficcional, com o que há de comum naquilo que integra a vida e as suas representações. Busca-se, logo, seja na leitura atenta de um texto literário pelo crítico ou na escuta da livre associação por um analista aqueles conteúdos que se escondem por trás do engelho ficcional, o qual Freud, como mencionamos anteriormente, diz ser o escritor criativo um sujeito privilegiado em seu acesso a essa dimensão: o inconsciente, elemento de valor inestimável, em concordância à asserção de que “A descoberta do inconsciente questiona o conhecimento que temos do psiquismo humano, conhecimento do qual vivemos a cada minuto. O que se escreveu e se escreve ainda, aquilo que leio, tudo é trabalho, sem que eu saiba, por energias fabulosas (e fabuladoras): o que acontece com minha leitura hoje?”⁵³³.

A esse respeito, incumbe-nos nunca esquecer de que lugar do imensurável alfarrábio literário Freud partiu para fomentar e consolidar o seu argumento interpretativo — a mitologia —, uma vez que é de largo conhecimento que a literatura sempre esteve presente no itinerário humano, desde os mitos fundantes⁵³⁴, ou seja, sua ligação com a história da humanidade é quase que embrionária; por isso o mestre vienense, ao propor as bases do método psicanalítico, viu no discurso literário não um pretexto, como muitos ainda pensam, mas uma ponte para o inconsciente, uma fonte consubstancial da matéria armazenada nas lacunas da nossa existência, conteúdo que não finda, incompleto como quem conta uma história, escreve ou lê um texto, impassível de resolução cabal:

[...] antiquário, lugar de coisas arcaicas e mágicas, como também são os trabalhos do ferreiro, do tapeceiro, do alquimista ou do pintor do início do texto, mestres criadores e transformadores. É processo e produção, espaço do sonho, do desejo realizado, da fabricação de objetos, lugar onde as coisas mortas ou perdidas são

⁵³³ Bellemin-Noël, 1978, p. 13.

⁵³⁴ Freud teve uma estreita relação com a literatura, sobretudo a clássica. Desta relação, vimos nascer postulações que até hoje fundamentam a disciplina psicanalítica, como, por exemplo, o complexo de Édipo.

recuperadas de forma imaginária, onde a falta é transformada em gozo, onde o tempo é suprido [...].⁵³⁵

É este mesmo processo que vemos em ação ao nos inclinarmos sobre a ficção de Fernandes há onze anos — a plena ação desse binômio, um exemplo pungente das relações entre Literatura e Psicanálise, em que a linguagem ficcional se apresenta como o possível do desejo, com seus impasses, seus meios de sobressair-se às contenções oriundas do processo civilizatório e assinalar aquela parcela do nosso íntimo que, às vezes, não admitimos: a parte obscura de nós mesmos, algo que nos causou interesse desde o primeiro encontro com os escritos do autor, no ainda mais longínquo 2010, mesmo que, de início, na forma de um choque ante à visceralidade do conteúdo das narrativas. Esse espanto, necessário e originário do nosso interesse pela literatura de Fernandes, gerou seus primeiros frutos quatro anos depois, ao encontramos o Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues, que viria não apenas a introduzir o argumento psicanalítico em nosso cotidiano acadêmico, mas a transformar essa experiência leitora em ciência, fazendo da associação literatura/psicanálise o alicerce para a nossa cooperação com vistas a produzir materiais críticos em torno da ficção de Fernandes, tais como TCC, Dissertação, artigos científicos, capítulos de livros, palestras, mesas-redondas etc.

No entanto, imbuídos da percepção de que uma obra literária não é passível de saturação interpretativa, pois, como *documentum*⁵³⁶, ela é marcada pela historicidade e intencionalidade de sua produção — ou seja, é fundamentalmente sublinhada pelo modo de produção e subjetividade do seu tempo⁵³⁷ e, como resultado, sempre será a representação de um real/Real que se pretende alcançar —, tínhamos e temos a convicção de que a literatura de Fernandes ainda carece de muitos olhares interpretativos, dentre eles o nosso, uma vez que, mesmo utilizando-a como objeto de análise durante esses anos, ainda é objeto de interesse para a nossa pesquisa de doutorado. A relevância que permanece condicionando o estudo da obra de Fernandes se dá, entre outras razões, pela análise dos nossos trabalhos, assim como

⁵³⁵ BRANDÃO, Ruth Silviano. *Literatura e psicanálise*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1996, p. 24.

⁵³⁶ Le Goff (1990), em sua *História e memória*, assinala que o termo latino *documentum* deriva de docere, ensinar, e que, posteriormente, evoluiu tornou-se sinônimo de “provar”, como vemos comumente difundido no âmbito jurídico. Segundo o célebre historiador francês, “O documento que, para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início do século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica. A sua objetividade parece opor-se à intencionalidade do monumento. Além do mais, afirma-se essencialmente como um testemunho escrito” (Le Goff, 1990, p. 462-463).

⁵³⁷ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990, p. 62.

pela revisão de outros estudos acerca da obra do autor, em que verificamos a inexistência⁵³⁸ de investigações relacionadas à representação da mulher como figura perversa. Essa intrigante constatação deflagrou os questionamentos que resultam nesta tese, cujo capítulo de análise virá a seguir, certificando que “toda investigação se inicia por um problema, com uma questão, com uma dúvida ou uma pergunta, articulada a conhecimentos anteriores, mas que também podem demandar a criação de novos referenciais”⁵³⁹.

A questão da mulher perversa na obra de Fernandes já nos inquietava desde os nossos primeiros estudos sobre esse fenômeno psíquico, durante a graduação, intensificando-se no decurso do mestrado. No entanto, optamos por deixar essa problemática para o doutorado, e isso se deu por dois motivos básicos: o *primeiro* diz respeito à complexidade do tema em si — perversão feminina —, que, inclusive, ainda não encontrou unanimidade em meio a mais que centenária teoria psicanalítica, como pudemos salientar no capítulo anterior. Apesar dos avanços da psicanálise em tentar dar lugar aos fenômenos da perversão ligados à mulher, são relativamente poucos os estudos que validam a ligação entre mulher e perversão ou até mesmo orientem um entendimento, a julgar pelo fato de que, à luz do discurso psicanalítico ainda em vigor, a perversão é um fenômeno mais ligado à figura do homem, dadas as particularidades do processo de constituição psicosexual de ambos os sexos. O *segundo* motivo pelo qual deixamos a questão da mulher perversa para o doutorado liga-se à necessidade que tínhamos de entender o fenômeno das perversões na literatura de Fernandes de um solo mais firme, de forma a conseguirmos alicerçar as bases de uma pesquisa tão contingencial, movediça e complexa, que, segundo nossa visão, não caberia nos estudos básicos da graduação, ou mesmo em estudos mais avançados como os do mestrado, mas certamente calharia no âmbito do doutoramento, dada a originalidade e o desafio da proposta.

Ancorados na certeza de que a sexualidade humana não comporta padrões, pois é resultado, entre outros fatores, do nosso encontro com o que é, psicologicamente, faltoso em nós, com as nossas relações arcaicas, nossos traumatismos primários, questionamos se a primazia do *falo* constitui uma prerrogativa suficientemente capaz de vetar às mulheres a possibilidade de perverter. Não seriam os atos de violência das personagens de Fernandes o vislumbre de uma forma de desmentir a falta, de poder gozar sem estar atrelada à existência

⁵³⁸ Faz-se necessário ressaltar que Glória Maria Oliveira Gama defendeu a tese de doutorado intitulada *Escrita masculina/personagens femininas: os contos de Rinaldo de Fernandes*, no ano de 2012, na qual apresentou uma análise detalhada das personagens femininas em contos do autor, de modo a demonstrar a viabilidade da representação da mulher na escrita de um autor do sexo masculino.

⁵³⁹ MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 17 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994, p. 17.

de um *falo*, mas como forma, também, de comunicar ao mundo a sua não passividade, de modo a suplantar a insígnia de figura castrada e passar a ser também, por meio da violência, ela mesma “castradora”? Essas são algumas das perquirições que a próxima seção buscará responder. Em sua organização estrutural, optamos por iniciar por meio da apresentação de um breve resumo biográfico de Fernandes, uma listagem de toda a sua produção bibliográfica (coletâneas de contos, romances, antologias e outras colaborações), bem como de produções críticas acerca da produção ficcional do autor, a exemplo do que já fizemos no tópico “Mestre do conto”, presente em nossa dissertação de mestrado, de 2017, que recuperamos para esta tese, com o cuidado de revisar e ampliar com novas informações, de modo que, após a sua publicação, sirva de apoio referencial aos demais pesquisadores que possam vir a se interessar pela investigação da sua obra.

Por conseguinte, apresentaremos análises de três contos de Fernandes, a saber “Duas margens”, “Oferta” e “Pescoço de frango”, cuja finalidade é lançar um olhar sobre as personagens violentas/perversas da literatura de Fernandes, de modo a oferecer “escuta” à figura da mulher que transgride, mas não um transgredir inferiorizante, e sim um que grita a sua necessidade de *gozo*, por muito tempo cerceada e associada a uma negatividade da sua imagem, da sua feminilidade, da sua condição de mulher. Nestas análises, o homem deixará de ser a principal referência, pois já demos lugar a ele, bem como à lógica fálica e à sua imprescindibilidade e univocidade no entendimento do fenômeno das perversões, preconizando, em seu lugar, uma análise mais ampla, múltipla, em que os atos de violência das personagens se farão distintivos na assimilação de que não há monismo, não há artigo definido para a misteriosa e imprevisível sexualidade humana, sobretudo no que diz respeito à perversão.

3 CONFIGURAÇÕES DA PERVERSÃO REFLETIDAS EM PERSONAGENS RINALDIANAS

3.1 RINALDO DE FERNANDES

3.1.1 O autor e o interesse pela sua produção

Rinaldo de Fernandes, nascido Rinaldo Nunes Fernandes, na cidade de Chapadinha, interior do Estado do Maranhão, em 18 de abril de 1960, concluiu a graduação em Letras na Universidade Federal do Ceará, obteve a titulação de mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal da Paraíba e o doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas. Desde 1993, ocupa a função de professor de literatura no *Campus I* da Universidade Federal da Paraíba, situado na cidade de João Pessoa, município no qual também reside há mais de 30 anos. A opção por assinar como Rinaldo de Fernandes advém da adolescência, fruto da sua admiração pelo também escritor maranhense e imortal da Academia Brasileira de Letras Humberto de Campos⁵⁴⁰, cuja obra o inspirava devido ao esmero estilístico, de modo que decidiu por suprimir o sobrenome Nunes em favor da adoção da preposição “de”⁵⁴¹.

Escritor premiado, Fernandes é autor, entre outros, do romance *Rita no pomar*, finalista da segunda edição do Prêmio São Paulo de Literatura, em 2009, e do Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon, cuja narrativa foi roteirizada e, em breve, tornar-se-á um longa-metragem. “Beleza”, conto que estreia o livro *O Professor de Piano*, de 2010, obteve o primeiro lugar no Prêmio Nacional de Contos do Paraná, bem como selecionado entre os melhores do Prêmio UNICAMP Ano 40 de Conto. O autor também é nacionalmente conhecido pelo seu trabalho na organização de coletâneas de ensaios e contos, dentre os quais se destacam *Chico Buarque do Brasil* (Editora Garamond/Fundação Biblioteca Nacional, 2004), *Chico Buarque: o poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos* (Editora Leya, 2013) e *Contos cruéis: as narrativas mais violentas da literatura brasileira*

⁵⁴⁰ Humberto de Campos foi um celebrado jornalista, político e escritor brasileiro, nascido em 25 de outubro de 1886, em Miritiba, Estado do Maranhão. Em 1919, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, ocupando a Cadeira nº 20. Ele faleceu em 5 de dezembro de 1934, no Rio de Janeiro.

⁵⁴¹ De acordo com seu texto/confissão “Leituras de alpendre”, publicado na coluna *Rodapé*, do Jornal Rascunho, em 2019. Disponível em: <https://rascunho.com.br/colunistas/rodape/leituras-de-alpendre/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

contemporânea (Geração Editorial, 2006). Acerca do trabalho com antologias, Fernandes teceu o seguinte comentário ao portal Paraíba Criativa (2016)⁵⁴²:

Preparar antologias não é só juntar textos, é permitir ao leitor uma compreensão mais abrangente e/ou consistente de um tema. Já a minha produção ensaística decorre, sobretudo, de minhas atividades como pesquisador. O ato crítico é um ato de alteridade, de atentar ou se voltar para o outro. Também tenho essa necessidade de apreciar a produção dos colegas escritores, de ver como eles estão elaborando as suas obras, como estão crescendo em sua arte.

O interesse pela investigação da obra de Fernandes teve seu ponto inaugural antes mesmo da primeira leitura de sua obra, ainda na condição de aluno, em duas disciplinas de Teoria da Literatura cursadas nos anos iniciais da graduação em Letras da UFPB e ministradas pelo autor, nas quais obtive um contato muito profícuo com as teorias que me conduziram à análise literária. No ano de conclusão da graduação, estabelecemos o contato preambular com a coletânea *O perfume de Roberta*, publicada em 2005, em especial o conto homônimo que dá título ao livro, cuja narrativa nos remeteu a considerações do Prof. Hermano, então ainda não nosso orientador, introduzidas em duas de suas disciplinas que também cursamos na mesma graduação, em relação a uma determinada estrutura da personalidade que fazia parte de uma teoria de investigação da mente, do processo de subjetivação humano, proposta por Sigmund Freud. A estrutura em questão, a perversão, a partir dessa associação, passou a compor a categoria medular do nosso percurso crítico no que tange à literatura do escritor.

Em mais de onze anos de pesquisas contínuas em colaboração com o Prof. Hermano, pudemos contribuir com a crescente fortuna crítica do autor, assim como apresentaremos resumidamente à frente, a qual acreditamos ainda estar longe da atenção merecida, dada a sua qualidade e extensão da sua bibliografia. Autor de atuais vinte e uma publicações, Fernandes destaca-se pela diversidade da sua produção, congregando livros de contos, romances, crítica literária e antologias, cujo conjunto foi minuciosamente explorado em nossa dissertação de mestrado e, a partir de um esforço de revisão, reapresentaremos de maneira atualizada a seguir:

⁵⁴² FERNANDES, Rinaldo. Preparar antologias não é só juntar textos... *Paraíba Criativa*, João Pessoa, 22 dez. 2016.

3.1.2 As obras

Fernandes é autor dos livros de contos:

- *O Caçador* (Paraíba: Editora da UFPB, 1997) reúne cinquenta contos escritos entre 1986 e 1996, com prefácio de Amador Ribeiro Neto intitulado "Um narrador gritando a urgência da vida". Os contos criticam o enfraquecimento da esquerda brasileira após a queda do socialismo real e abordam temas como sexo, repressão sexual, violência, morte, machismo, preconceito contra mulheres, racismo etc.
- *O perfume de Roberta* (Rio de Janeiro: Garamond, 2005) é uma coletânea composta por dezoito contos, entre inéditos e relançados. O livro aborda, em sua maioria, o cotidiano caótico do ser humano urbano na sociedade brasileira. O prefácio, intitulado "A arte do conto", é assinado por Moacyr Scliar.
- *O Professor de Piano* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2010): com posfácio de Regina Zilberman, o livro é composto por onze contos e suas temáticas vão desde a crítica política expressa no texto alegórico "O Caçador", passando pela reflexão sobre como o capitalismo influencia negativamente a subjetividade humana na atualidade em "Ilhado" e "Oferta", até a ficção científica presente no conto "Onde Está o Agente?".
- *Confidências de um amante quase idiota* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2012): com prefácio do crítico literário Luís Augusto Fischer, o livro reúne contos, minicontos e microcontos que têm como principal mote o universo das relações amorosas. Na obra, o autor apresenta textos inéditos e alguns já publicados em redes sociais.
- *Contos Reunidos* (Rio de Janeiro: Novo Século, 2016): coletânea que reúne os contos publicados nos livros *O perfume de Roberta* (2005), *O Professor de Piano* (2010), *Confidências de um amante quase idiota* (2012) e alguns dos textos presentes em *O livro dos 1001 microcontos*, que Fernandes desenvolve, no Facebook, entre os anos 2003 e 2006.

- *A paixão mortal de Paulo* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2020): agrupa um conjunto de 112 textos curtos, entre mini e microcontos, selecionados entre os muitos presentes no projeto *Livro dos 1001 microcontos*, e cuja publicação, conforme assevera Silva (2022) “pode ser classificada como o resultado de um [do maior] processo de experimentação artístico-criativa do escritor paraibano”⁵⁴³.

- *A mulher que sequestrou Chico Buarque* (Rio de Janeiro: Garamond, 2024): coletânea que reúne contos inéditos e alguns já publicados em outras coligações, em que Fernandes utiliza abordagens sociológicas e psicológicas para tecer narrativas que versam sobre temas comuns à sua estética, como as múltiplas manifestações da violência, em especial no contexto urbano, desordens familiares, preconceito de classe, conflitos amorosos etc., e encontrando espaço para incursões experimentais neonaturalistas e de adentramento no gênero fantástico.

Como romancista, o autor publicou os livros:

- *Rita no pomar* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2008): foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura e do Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon. Na atualidade, *Rita no pomar* é a obra mais estudada da literatura de Fernandes, tanto pela crítica como pela academia. A obra é composta, de forma alternada, por vinte e dois capítulos de monólogos, sete capítulos com anotações de agenda e cinco capítulos contendo contos. O romance narra, de forma fragmentada, a história de Rita, uma jornalista que, decidida a refazer/dar novos rumos à sua vida, muda-se para a fictícia Praia do Pomar, no litoral da Paraíba. No decorrer da trama, eventos da vida da protagonista são revelados, mostrando, por meio de rememorações, que a personagem é marcada por um passado traumático, cruel e perverso.

- *Romeu na estrada* (Rio de Janeiro: Garamond, 2014): romance em que o autor revisita dois contos presentes em obras já publicadas por ele anteriormente (“O perfume de Roberta” (2005) e “O Professor de Piano” (2010)) para contar a história de Romeu, um professor universitário de música, parente de um implacável torturador da

⁵⁴³ SILVA, Frederico de Lima. Rinaldo de Fernandes e a inquietante escrita do mal. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 11, n. 4, p. 205-211, dez 2022, p. 207.

cidade de Recife, nos anos setenta. Apesar do parentesco, a narrativa se fixa num fragmentado drama romântico vivido pelo protagonista.

- *Rita no pomar* (Barueri: Novo Século, 2017): devido à repercussão da publicação original, o primeiro romance do autor foi relançado em 2017, agora pelo selo Talentos da Literatura Brasileira, contando com o acréscimo de alguns estudos críticos realizados por pesquisadores nacionais e estrangeiros, a saber: “*Rita no pomar*, um belo livro” (Raimundo Carrero), “Nordeste: Paraíso ou Purgatório?” (Silvia Marianecchi), “Rita e suas histórias” (Sônia van Dijck), “A feroz paisagem interiorizada de *Rita no pomar*” (Luiz Antonio Mousinho), “Até tu, Pet, ou *Rita no pomar* e a arte de (des)pentear cachorros” (Ravel Giordano Paz), “Rita e Paulo Honório: um estudo sobre a bioficção como álibi” (Rosângela de Melo Rodrigues), “Travessia dramática” (Carlos Ribeiro), “Siga em frente e não vire à direita: uma protagonista inusitada em *Rita no pomar*” (Paloma do Nascimento Oliveira), “*Rita no pomar*: um romance para os nossos tempos” (Eduardo Sabino), “*Rita no pomar* ou quando o menos é mais” (Carlos Vasconcelos) e “Atração e rejeição em Rita” (Bruna Belmont de Oliveira).

- *Eu não quis te ferir* (Rio de Janeiro: Garamond, 2022): terceiro e último romance da trilogia rinaldiana do “trágico familiar”, o qual narra as vicissitudes de três personagens principais, “Rosa, Ismael e Jonas, cujas vidas são marcadas por uma dinâmica que se dilui num quadro de violência física, psicológica e moral, o qual tem como eixo comum as severas injustiças sociais que os afligem” (2024, p. 417)⁵⁴⁴.

- *Eu sou Miguel dos Passos* (João Pessoa, DigitalPud, 2023): romance desenvolvido a partir do mesmo esteio temático de *Eu não quis te ferir* (2022), que traz o ambiente escolar para a cena, situando-o como um local que, além do âmbito educacional, também concentra conflitos típicos do mal-estar civilizacional. Tendo uma escola de classe média como palco, Fernandes faz de seus protagonistas, Enéas e sua mãe, Meire, a faxineira da escola em que o filho estuda, símbolos de perversões sociais

⁵⁴⁴ SILVA, Frederico de Lima; RODRIGUES, Hermano de França. Violência enquanto sintoma social em *Eu não quis te ferir* de Rinaldo de Fernandes. *A Cor das Letras*, Feira de Santana, v. 25, n. 2, p. 417-421, dez. 2024, p. 417.

comumente vistas no cotidiano escolar brasileiro, tais como o racismo estrutural, a homofobia, o preconceito de classe entre outros.

Fernandes também é um profícuo antologista. Foi responsável por organizar:

- *O clarim e a oração: cem anos de Os sertões* (São Paulo: Geração Editorial, 2002): uma homenagem aos cem anos do clássico *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, em que o autor reúne figuras notórias da prosa, poesia, crítica literária, sociologia, história e da semiótica, como Ariano Suassuna, Augusto de Campos, Roberto Pompeu de Toledo, Benedito Nunes, Regina Zilberman, Gilberto Mendonça Telles etc., para demonstrar como a obra euclidiana metaforizou questões sociais presentes no cotidiano nacional.
- *Chico Buarque do Brasil: textos sobre as canções, o teatro e a ficção de um artista brasileiro* (Rio de Janeiro: Garamond/Fundação Biblioteca Nacional, 2004): em homenagem aos sessenta anos de Chico Buarque de Hollanda, Fernandes reuniu aclamados escritores, críticos literários, ensaístas e jornalistas, como José Saramago, Antonio Candido, Regina Zappa, Adélia Bezerra de Meneses etc., no intuito de contribuir com a compreensão das muitas nuances presentes na obra de um dos mais conhecidos artistas brasileiros.
- *Os Cem Melhores Poetas Brasileiros do Século XX* (São Paulo: Geração Editorial, 2004): seleção, organizada pelo jornalista, poeta e escritor José Nêumanne Pinto, dos melhores poetas brasileiros do século XX, na qual os poetas são listados em ordem alfabética e agrupados segundo seis tendências/movimentos estéticos, a saber: Pré-Modernismo, Modernismo, Geração de 45, o grupo que contempla a fase do Concretismo, Práxis e Poema Processo, os contemporâneos e os poetas populares. Conquanto a seleção dos textos que compõem essa coletânea tenha sido realizada por José Nêumanne Pinto, cumpre-nos elencá-la nesta biografia devido ao fato de que Fernandes teve um papel crucial, enquanto colaborador, na sua composição, sendo responsável pela confecção dos textos introdutórios e pelas notas bibliográficas.
- *Quartas Histórias: contos baseados em narrativas de Guimarães Rosa* (Rio de Janeiro: Garamond, 2006) é uma coletânea de contos organizada por Rinaldo de

Fernandes, que reimagina e expande narrativas do aclamado autor brasileiro Guimarães Rosa. A obra celebra os 60 anos de lançamento de Sagarana e os 50 anos de Grande Sertão: Veredas. O livro apresenta a (re)interpretação de 40 escritores contemporâneos sobre o universo rosiano, estabelecendo um diálogo entre a obra do autor e a literatura brasileira atual. A antologia é uma homenagem ao alcance da influência de Guimarães Rosa e uma demonstração da vitalidade da literatura brasileira. Os contos podem ser apreciados independentemente de o leitor conhecer ou não a obra original, servindo, entre outras coisas, ao despertar do interesse pela literatura de Guimarães Rosa. Nesse sentido, Quartas Histórias se destaca pelo arrojo, vigor e atualidade da proposta, reunindo diferentes abordagens e estilos de escritores contemporâneos.

- *Contos cruéis: as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea* (São Paulo: Geração Editorial, 2006): na obra, Fernandes reúne 47 contos que, segundo ele, são os mais cruéis da literatura brasileira contemporânea, considerando um recorte temporal que delimita a escolha dos contos a partir da década de setenta até a atualidade. Na coletânea, somos (re)apresentados aos textos de escritores célebres, como "Venha ver o pôr-do-sol", de Lygia Fagundes Telles, e "Feliz Ano Novo", de Rubem Fonseca, assim como às obras de escritores menos conhecidos, mas não menos talentosos, tais como, "Irmão", de Ataíde Tartari, e "Pelos pobres de Tegucigalpa", de Arturo Gouveia.

- *Capitu mandou flores: contos para Machado de Assis nos cem anos de sua morte* (São Paulo: Geração Editorial, 2008): nos cem anos da morte daquele que é considerado o maior escritor brasileiro, Fernandes reúne 40 escritores brasileiros com a proposta de recriarem dez dos melhores contos de Machado de Assis. A coletânea traz dez contos originais e, em seguida, os textos baseados em cada um deles. O resultado é uma seleta de narrativas que recontam, de forma ousada e de um ponto de vista atual, as histórias que Machado de Assis tornou célebres.

- *50 versões de amor e prazer* (São Paulo: Geração Editorial, 2012): coletânea em que Fernandes congrega 50 contos eróticos de treze escritoras brasileiras. As narrativas — que fogem do modelo proposto pelo movimento que ficou conhecido

como “*Mommy Porn*”, encabeçado pelo sucesso de vendas *Cinquenta Tons de Cinza* —, trazem um erotismo refinado, pouco embebido em romantismo, que faz dos textos um verdadeiro convite ao sexo, seja ele implícito, explícito, perverso/pervertido, indo até mesmo à fronteira do grotesco. A obra reúne textos de autoras conhecidas, como Márcia Denser e Cecília Prada, bem como de jovens autoras da literatura nacional, como a gaúcha Luísa Geisler.

- *Chico Buarque: o poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos – ensaios sobre a mulher, o pobre e a repressão militar nas canções de Chico* (São Paulo: LeYa, 2013): coletânea que coliga 24 ensaios produzidos por renomados ensaístas do cenário acadêmico e da crítica literária brasileira e internacional que — assim como a coletânea de 2004, que homenageava os sessenta anos de Chico Buarque — desta vez, homenageia os setenta anos desse grande nome da cultura brasileira. Os ensaios presentes no livro fazem uma consistente análise da obra poética de Chico Buarque, transitando pelas vielas, pelas entrelinhas, buscando significados presentes nas canções compostas pelo autor.

Como ensaísta, Fernandes publicou a obra:

- *Vargas Llosa - Um Prêmio Nobel Em Canudos - Ensaios de Literatura Brasileira e Hispano-americana* (Rio de Janeiro: Garamond, 2012): Na obra, Fernandes publicou uma série de ensaios sobre diversos autores, obras e literatura hispano-americanos. O título do volume faz alusão à obra *A Guerra do Fim do Mundo*, do escritor peruano Mario Vargas Llosa, ganhador do prêmio Nobel de Literatura de 2010, que serviu como base para a escrita da tese de doutorado de Fernandes, defendida em 2002. O livro conta ainda com ensaios sobre Gabriel García Márquez, Julio Cortázar, Ferreira Gullar, José Lins do Rêgo, Miguel Sanches Neto, Aleilton Fonseca, Carlos Ribeiro, Renato Tardivo, Sérgio de Castro Pinto, Mercedes ‘Pepita’ Cavalcanti, W. J. Solha, Antônio Mariano, André Aguiar, entre outros.

Fernandes já participou de antologias de contos nacionais e internacionais como por exemplo:

- *Futuro Presente - Dezoito Ficções Sobre o Futuro* (Rio de Janeiro: Record, 2009): Organizada também pelo escritor Nelson de Oliveira, a antologia reúne contos de escritores como Rinaldo de Fernandes, André Carneiro, Márcio Souza, Ivan Hegenberg, Carlos Moraes, Andréa del Fuego, Roberto de Sousa Causo, entre outros. Todos os dezoito contos que compõem o livro exploram um dos gêneros literários mais ricos e crescentes no cenário literário nacional e mundial, a ficção científica.
- *90-00: cuentos brasileños contemporâneos* (Lima: PetroPeru/Ediciones Cope, 2009): na antologia organizada pelos escritores e pesquisadores Maria Alzira Brum Lemos e Nelson de Oliveira, cuja proposta é demonstrar ao mercado literário internacional que a contística brasileira vai além dos textos dos já consagrados Clarice Lispector e Rubem Fonseca, encontramos contos de escritores de peso no cenário da literatura brasileira contemporânea, a saber: André Sant'Anna, Fausto Fawcett, João Filho, Paulo Sandrini, Edyr Augusto, Marcelino Freire, Paulo Scott, Rinaldo de Fernandes, Ronaldo Bressane, Santiago Nazarian, Ana Paula Maia, Daniel Galera, Sérgio Fantini, Joca Reiners Terron, Ademir Assunção, Andréa del Fuego, Marcelo Barbon, Luci Collin, Maria Esther Maciel, Michel Melamed e Veronica Stigger.
- *Tempo bom*,⁵⁴⁵ (São Paulo: Iluminuras, 2010): em prol das vítimas e da recuperação das cidades atingidas pelas inundações que assolaram algumas cidades do nordeste brasileiro em 2010, Sidney Rocha e Cristhiano Aguiar organizaram uma antologia que reúne 43 contos de escritores como Rinaldo de Fernandes, Raimundo Carrero, Marcelino Freire, Ronaldo Correia de Brito, Xico Sá e mais.

3.1.3 A fortuna crítica

Em mais de uma década de pesquisas relacionadas à obra do escritor Rinaldo de Fernandes, testemunhamos um salto considerável não apenas na vastidão da sua produção bibliográfica, a qual tem início nos anos 90, como também um aumento na atenção da crítica frente à importância dos seus escritos, que o coloca não apenas como um escritor consumado, mas também como parte do *hall* dos grandes nomes da literatura brasileira contemporânea, em especial no estrato de autores que produzem aquela que convencionamos chamar de

⁵⁴⁵ A vírgula compõe o título do livro.

“literatura da violência”, composta por nomes como Rubem Fonseca, Marçal Aquino, Paulo Lins, Férrez, Isabel Moustakas etc., cuja associação não se aplica apenas pela distinta presença do componente hostil que vocifera explicitamente no cotidiano social brasileiro, bem como aquelas expressões que se diluem no contexto mais tortuoso e turvo da relação do sujeito consigo mesmo e em suas incursões interpessoais.

Conquanto concordemos com a ponderação de Paz (2009) no que concerne ao fato de que Fernandes “não é propriamente um escritor conhecido do grande público”⁵⁴⁶, parece-nos que a academia tem desempenhado um papel inverso ao movimento canônico de que é a partir da atenção do público em geral que decorre o posterior interesse do ambiente acadêmico em explorar os porquês, haja vista que o interesse dos pesquisadores do curso de Letras, nos níveis de graduação, mestrado e doutorado tem ganho notável expansão, sobretudo, mas não unicamente, em investigações sobre os códigos da violência que servem como mote à tecitura das suas obras. Assim como fizemos no trabalho dissertativo, onde se promoveu um esforço com o objetivo de listar todas as produções científicas em torno da produção de Fernandes, optamos por apresentá-la novamente, devidamente atualizada, a fim de que possa servir como um acervo informacional para outros pesquisadores que venham a analisar a literatura do autor.

3.1.3.1 Artigos publicados em Periódicos Científicos e Anais de Eventos

- Ravel Giordano Paz (2009), publicou o artigo intitulado “Até tu, Pet, ou Rita no pomar e a arte de (des)pentear cachorros”, na revista *Remate de Males* (Universidade Estadual de Campinas), onde propôs uma leitura do romance de estreia de Rinaldo de Fernandes com um olhar mais restrito ao fato da protagonista narrar suas agruras passadas e presentes ao seu cachorro, o Pet, no intuito de revelar o que não se pode ver, num primeiro momento, no diálogo entre as duas personagens.
- Em 2014, Bruna Belmont de Oliveira publicou “A Semiose em Rita no pomar”, no volume 16 da *Revista Graphos* (Período do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba). O artigo, como apontou a pesquisadora, buscou analisar o romance Rita no pomar a partir da Teoria do Signo, de Charles Sanders

⁵⁴⁶ PAZ, Ravel Giordano. Até tu, Pet, ou Rita no pomar e a arte de (des)pentear cachorros. *Remate de Males*, Campinas, SP, v. 29, n. 2, p. 333–342, 2009, p. 333.

Peirce, “buscando perceber como se organizam na sua estrutura os arranjos dos signos na produção do efeito de descontinuidade e antecipação da trama”⁵⁴⁷.

- Em 2015, Márcia Manir Miguel Feitosa publicou o artigo intitulado “O caçador, de Rinaldo de Fernandes: o viver o jogo e a experiência urbana da ocupação”, no número 34, volume 1 da *Revista de Letras* (Universidade Federal do Ceará), onde a pesquisadora analisa, à luz da teoria da percepção do espaço sob o viés fenomenológico-existencialista, a espacialidade no conto “O caçador”, que dá título ao primeiro livro escrito por Fernandes, lançado originalmente em 1997 e relançado na coletânea *O Professor de Piano*, de 2010.

- Rosângela de Melo Rodrigues (2015) elaborou o artigo “Os amores de Romeu: o anti-Édipo em Romeu na Estrada, de Rinaldo de Fernandes”, publicado no volume 7, número 11 da *REVELL – Revista de Estudos Literários* (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul) em que realiza uma incursão sobre o caráter anti-heróico do protagonista do segundo romance de Fernandes, Romeu, o qual apresenta, segundo a autora, uma subjetividade plural, marcada pela elo de amor e ódio em relação a figuras femininas que atravessam a sua vida, expondo o conflito traumático que o sujeito possui ante a sua figura materna, a quem deseja matar, em um movimento anti-Edípico.

- Os pesquisadores Silvana Kelly Gomes de Oliveira, Olavo Barreto de Souza e José Mário da Silva Branco (2016) desenvolveram o artigo “A representação da violência no conto “Ilhado”, de Rinaldo de Fernandes”, publicado no volume 1, número 1 da revista *Letras & Ideias* (Universidade Federal da Paraíba), pesquisa que se deteve na investigação das representações das violências em contexto periférico representadas no embate entre dois dos coprotagonistas da narrativa, cujas consequências fazem refletir como a violência atinge não somente quem por meio dela se manifesta, como também aqueles alheios ao conflito.

⁵⁴⁷ OLIVEIRA, Bruna Belmont de. A semiose em Rita no pomar. *Graphos*, João Pessoa, v. 16, n. 2, 2014, p. 6.

- Frederico de Lima Silva (2018) publicou o artigo “Corpos à deriva ou o naufrágio da alteridade em “Ilhado”, de Rinaldo de Fernandes”, no volume 9, número 22 da revista *Lumen et Virtus* (JackBran Consult Ltda.), em que o autor se debruça sobre as configurações da violência contemporânea, com foco especial para a segunda metade do conto “Ilhado”, do escritor Rinaldo de Fernandes, com a finalidade de demonstrar, à luz da teoria psicanalítica, como o cenário brutal representado na narrativa consegue metaforizar a falência dos princípios instituidores do projeto civilizatório.
- Antonio Naéliton do Nascimento, Márcia Tavares e Roberto Barbosa Costa Filho (2019) publicaram o artigo intitulado “Letramento literário e constituição estética em uma experiência com “Pássaros”, de Rinaldo de Fernandes”, presente no volume 3, número 2 da *Revista de Letras Juçara* (Universidade Estadual do Maranhão), no qual os pesquisadores tomam o conto de Fernandes como material de análise da recepção alcançada por esta com os alunos de uma turma de 9º ano, levando em consideração os conceitos de estética da recepção e de letramento literário.
- Amanda Torres Trajano e Carlos Gildemar Pontes (2024) publicaram o artigo intitulado “Uma leitura decolonial de *Eu não quis te ferir*”, no volume 2, número 1, da *Revista de Estudos Decoloniais* (Universidade Federal de Campina Grande), onde analisam a construção das personagens do romance de Fernandes, de forma a apontar como elas sintetizam um processo de exclusão social (e consequentemente política) destes desvalidos que transitam entre a marginalidade social e a loucura.
- Frederico de Lima Silva e Hermano de França Rodrigues (2024) publicaram o artigo “Fetichismo como o possível do desejo no aroma incestuoso de “O Perfume de poberta”, de Rinaldo de Fernandes”, no volume 4, número 1, da *Revista LiteralMENTE* (Universidade Federal da Paraíba), em que os autores se detiveram no exame da representação do fetiche apresentado pelo protagonista, cuja manifestação perversa, que toma uma moradora de rua como objeto meio, viabiliza o desejo incestuoso em relação à sua própria filha, Roberta.
- José Neres (2025) publicou o artigo intitulado “Dor e violência nos contos de Rinaldo de Fernandes” nos *Anais do V SiGELMA: O cânone e suas margens*, com

base nas apresentações do *V SiGELMA — Simpósio do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literatura Maranhense*, no qual o pesquisador, utilizando como suporte teórico os estudos de autores como Nilo Odália e Slavoj Žižek, oferece uma abordagem sobre o estigma da violência tanto pela perspectiva física quanto pela simbólica e estrutural voltada a representações presentes em contos de Fernandes, com especial atenção para as coletâneas *O perfume de Roberta* e *A Paixão Mortal de Paulo*.

3.1.3.2 Capítulos de livros

- “Travessia dramática” foi publicado por Carlos Jesus Ribeiro no livro *Á luz das narrativas: escritos sobre obras e autores*, de 2009, em que o autor apresenta algumas ponderações sobre o romance *Rita no Pomar*, com especial atenção ao intenso fluxo de consciência que alimenta o “monólogo” da protagonista, a qual “reconstrói, de forma fragmentária, mas sem que se deixe perder o fio narrativo, uma história, na verdade, uma travessia – dramática – mas uma travessia cujas margens mantêm-se, ao final, opacas, indistintas, inquietantes, pois que o seu sentido, se existe, prescinde totalmente de uma conclusão⁵⁴⁸.
- Denise Hudson publicou o livro *A gente estancou de repente: fracasso e despersonalização em 11 romances da literatura brasileira do início do século XXI*, em 2022, obra em que a autora desenvolve uma pesquisa em torno da representação do da expressão intelectual do fracasso e do fracassado no âmbito da literatura contemporânea brasileira, dedicando um capítulo à análise do romance *Rita no Pomar*, dentre outros, como *Eles eram muitos cavalos* (Luiz Ruffato), *Obsceno abandono* (Marilene Felinto), *Manual prático do ódio* (Ferréz), *O falso mentiroso* (Silviano Santiago), *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* (Marçal Aquino), *Desumano* (Olivia Maia) etc.
- Amanda Torres Trajano, Hermano de França Rodrigues e Frederico de Lima Silva publicaram o texto intitulado “Da penúria do corpo aos dogmas do delito: a irmandade odiosa e violenta em “Eu não quis te ferir”, de Rinaldo de Fernandes”, no livro *O*

⁵⁴⁸ RIBEIRO, Carlos Jesus. Travessia dramática: Rita no pomar. In: RIBEIRO, Carlos Jesus. *Á luz das narrativas: escritos sobre obras e autores*. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 206.

regresso do Diabo: a Literatura invoca o Mal, exalta seus agentes e pactua com a morte, de 2024, onde apresentam uma análise acerca da representação das manifestações de “privação” e “deprivação”, presente na teoria psicanalítica winnicottiana, com vistas a salientar como esses elementos são essenciais no entendimento dos atos de violência que irrompem na narrativa.

- Frederico de Lima Silva e Hermano de França Rodrigues desenvolveram o capítulo “O mal beneplácito do eu: notas sobre o sufrágio do racismo traduzido no conto “Negro”, de Rinaldo de Fernandes”, que consta no livro *A (des)ordem subjetiva: a potência da palavra ou, quiçá, a claudicância do desejo, nos confessionários literários*, de 2024, texto em que os autores promovem umas reflexões no tocante aos códigos da perversão social, à luz da psicanálise, a qual se dilui nas ações e discursos que condicionam o protagonista, Edmundo, a um estado de privação dos seus direitos, tornando-se uma das primeiras obras de Fernandes a tratar a temática do racismo estrutural.

3.1.3.3 Prefácios, posfácios e comentários críticos

- “A arte do conto” é o título do prefácio da coletânea *O perfume de Roberta*, escrito pelo contista, romancista e imortal da Academia Brasileira de Letras, Moacyr Scliar. No texto, Scliar, além empreender uma breve recapitulação histórica sobre o gênero conto, pondera sobre como a contística de Fernandes responde à altura os desafios do gênero no contemporâneo, e salienta que viu em *O perfume de Roberta* “o trabalho de um contista consumado, que trabalha o gênero com grande talento e seriedade”⁵⁴⁹.
- Regina Zilberman, professora de literatura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e uma das mais importantes ensaístas brasileiras, compôs o posfácio da coletânea de contos *O professor de piano*, de 2010, intitulado “Mestre do conto”, no qual a pesquisadora se detém, entre outros aspectos, aos elementos estéticos dos contos de Fernandes, tais como o seu caráter breve, que remete às prescrições de Edgar Allan Poe acerca da capacidade de certas narrativas de capturar a essência

⁵⁴⁹ SCLIAR, Moacyr. A arte do conto. In: FERNANDES, Rinaldo de. *O perfume de Roberta*. 1 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 10.

dramática em poucas páginas. Após leituras críticas de alguns dos contos presentes na obra, Zilberman (2010) destaca a originalidade do autor, cuja obra sustenta "em todos os relatos, um ponto de vista que não corresponde tão-somente ao foco escolhido pelo narrador, mas à tematização do lugar ocupado pelo ser humano na sociedade"⁵⁵⁰.

- Em "Um ponto, uma âncora", prefácio de *Confidências de um amante quase idiota*, de 2013, escrito por Luís Augusto Fischer, escritor, crítico literário e professor de literatura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, observam-se apontamentos que também salientam a capacidade condensativa de Fernandes em relação à escrita de seus contos, utilizando-se de uma "linguagem justa, um que outro toque metafórico e algum raro surrealismo no tempero, mas tudo muito econômico e direto ao ponto, como precisa ser essa forma breve, o conto" (Fischer, 2013, p. 12). Referência

- O escritor, crítico literário e acadêmico Cristhiano Motta Aguiar, um dos maiores pesquisadores da literatura fantástica no Brasil, escreveu o comentário crítico "O perfume de Roberta", que integra a coletânea *Contos Reunidos*, publicada por Fernandes em 2016. O crítico, além de ressaltar a importância do escritor paraibano no atual cenário literário nacional, também destaca o elemento que consideramos de maior destaque na obra de Fernandes. Nas palavras de Aguiar (2016), "A violência é um tema central em várias das histórias do livro. Confirmando uma tendência da nossa prosa contemporânea de refletir sobre este tema. Isto, nos dois sentidos que a palavra "refletir" nos permite: espelhar o real ou introjetá-lo para, em seguida, transformar este real em questionamento sob forma de linguagem"⁵⁵¹.

- Sônia L. Ramalho de Farias, ensaísta, crítica literária e professora titular de Teoria da Literatura (UFPE/UFPB), escreveu o posfácio do romance *Eu não quis te ferir*, de 2022, de título "Entre o romance e o conto: laços de família e violência em Rinaldo de Fernandes". Em seu texto, Farias elege dois aspectos que se destacam na composição da narrativa que fecha a trilogia romanesca do autor: o primeiro é a utilização de um conto como peça basilar para o desenvolvimento dramático do romance, no caso em

⁵⁵⁰ ZILBERMAN, Regina. Mestre do conto. In: FERNANDES, Rinaldo de. *O professor de piano*. 1 ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010, p. 94.

⁵⁵¹ AGUIAR, Cristhiano Motta. Perfume de Roberta. In: FERNANDES, Rinaldo de (Org.). *Contos Reunidos*. 1. ed. Barueri: Novo Século, 2016. p. 297.

questão, o conto "Beleza", o qual é revisitado e problematizado sob uma ótica mais expansiva; o segundo é outro elemento fixo nos romances do autor, a falência dos laços familiares, geralmente aglutinados à problematizações sociais, como a violência psicológica, física, de classe etc.

3.1.3.4 Ensaaios

- Sônia L. Ramalho de Farias escreveu o ensaio "Reescritura de Guimarães Rosa por Ronaldo de Fernandes: entre "A hora e vez de Augusto Matraga" e Grande sertão: veredas", no qual desenvolveu umas comentários acerca do conto "Sariema", presente no livro *O perfume de Roberta*, de 2005, que, segundo a autora, é o resultado de um trabalho de reescrita de Fernandes a partir do conto "A hora e vez de Augusto Matraga", de Guimarães Rosa, que integra a obra *Sagarana*, de 1946, "reformulando, com significativas mudanças, o sentido da escritura primeira"⁵⁵².

- Arturo Gouveia, escritor, crítico literário e professor titular da Universidade Federal da Paraíba, é autor do ensaio "Recriação de enredos: potência e ato", que se encontra na coletânea *Contos Reunidos*, de 2016, texto em que também aborda o fenômeno da recriação estética na contística de Fernandes, tomando como exemplo o já citado "Sariema", conto que, segundo Gouveia (2016) apresenta algumas distinções daquela a qual se baseia: diferente do que ocorre na narrativa de Guimarães Rosa, pois no conto de Rinaldo "Sariema é enfocada com diferenças muito significativas, não apenas no que concerne a sua nova posição, elevada da condição extremamente secundária à hegemonia da ação, mas também no discurso que desloca inteiramente a interpretação dos fatos"⁵⁵³.

3.1.3.5 Resenhas

- "Rinaldo de Fernandes – *Rita no pomar*", de autoria de Luiz Antonio Mousinho, foi publicada no número 33 da revista *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*

⁵⁵² FARIAS, Sônia L. Ramalho de. Reescritura de Guimarães Rosa por Ronaldo de Fernandes: entre "A hora e vez de Augusto Matraga" e Grande sertão: veredas. *Revista Cerrados*, [S. l.], v. 14, n. 20, p. 147–157, 2014, p. 147.

⁵⁵³ GOUVEIA, Arturo. Recriação de enredos: potência e ato. In: FERNANDES, Rinaldo de. *Contos Reunidos*. 1. ed. Barueri, SP: Novo Século, 2016, p. 382.

(Universidade de Brasília), de 2009. Mousinho empreende uma síntese da composição estética do primeiro romance de Fernandes, na qual ressaltam a dinâmica de fuga, tanto literal quanto inconsciente, revelada não apenas na ação de se deslocar da metrópole para o interior, o reverso do movimento dos retirantes, mas no uso constante do efeito de fluxo de consciência.

- Eduardo Sabino, jornalista, escritor e vencedor do concurso Brasil em Prosa, de 2015, promovido pelo jornal *O Globo* e pela *Amazon*, escreveu a resenha *O professor de piano: o real e o absurdo em narrativas breves e vastas*, publicada no Portal Plurale, em 2011. No texto, Sabino apresenta alguns apontamentos sobre o livro *O professor de piano*, com destaque para a observação de que as personagens de Fernandes são "fadadas ao fracasso em suas relações com o semelhante e com o mundo, perdendo-se, frequentemente, em ações e circunstâncias inusitadas", assim como o fato de que "A violência em Rinaldo de Fernandes se aproxima da "paixão pelo real"".

- Frederico de Lima Silva redigiu o texto intitulado "Rinaldo de Fernandes e a inquietante escrita do mal", publicado no volume 11, número 4 da *Revista Letras Raras* (2022). Na resenha, o autor tece algumas considerações sobre a coletânea *A Paixão Mortal* de Paulo, lançada em 2022, demonstrando como os contos que a integram, procedentes do projeto experimental *O Livro dos 1001 microcontos*, expõem com maestria a dinâmica paradoxal do laço humano em sociedade, que tem nos derivativos da pulsão de agressividade, a saber o ódio, a crueldade e a violência, a maior ameaça a manutenção da ordem civilizatório e a própria existência da espécie.

- O escritor, professor universitário e crítico literário Carlos Gildemar Pontes (2014) escreveu a resenha "A arte de contar histórias de vida", provavelmente o primeiro texto do gênero a trazer algumas considerações acerca da coletânea de contos "A mulher que sequestrou Chico Buarque", publicada por Fernandes em 2024. Para Pontes, a leitura dessa obra de Fernandes suscita o prazer de um reencontro com a qualidade estética da ficção de escritores como Machado, Graciliano, Moreira, Rosa, Lygia, Clarice. Quanto às particularidades das narrativas que integram a coletânea em questão, o crítico pontua uma característica que pormenoriza muito bem o estilo, que é

a indefinição que o autor insere em sua estilística, de modo a permitir que o leitor exerça “[...] o seu direito de contemplar a narrativa pelas entrelinhas, preenchendo as colunas subjetivas inerentes aos personagens com as associações que fará se usar a sua capacidade de observação da realidade ficcional ou real”⁵⁵⁴.

- Frederico de Lima Silva e Hermano de França Rodrigues (2024) desenvolveram “Violência enquanto sintoma social em *Eu não quis te ferir*, de Rinaldo de Fernandes”, publicada no volume 25, número 2 da revista *A Cor das Letras* (Universidade Estadual de Feira de Santana), na qual os pesquisadores apresentam um panorama geral do terceiro romance de Fernandes, destacando como a narrativa consegue apresentar um panorama visceral e angustiante dos efeitos do racismo e da luta de classes no cotidiano social e privado do Brasil.

3.1.3.6 TCCs, dissertações e teses

- Gloria Maria Oliveira Gama (2012), orientada pela Prof.^a Liane Schneider, defendeu a tese de doutoramento intitulada *Escrita masculina/personagens femininas: os contos de Rinaldo de Fernandes*, na Universidade Federal da Paraíba, onde, tomando quatro contos da obra de Fernandes, analisou a forma como o escritor desenvolve as suas personagens femininas, com vistas a demonstrar que a representação das mulheres na literatura pode ser confortavelmente desenvolvida por um autor do sexo masculino.
- Jalusa Sarah Ferreira da Silva (2013), sob a orientação da Prof.^a Glaucia Vieira Machado, defendeu o TCC intitulado *Nos territórios das personagens femininas: uma leitura de A hora da estrela, de Clarice Lispector, e Rita no Pomar, de Rinaldo de Fernandes*, na Universidade Federal da Paraíba, em que estabeleceu uma leitura comparativa entre as personagens Macabéa, do romance *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, e Rita, do romance *Rita no Pomar*, de Rinaldo de Fernandes, demonstrando as aproximações e singularidades dos seus movimentos espaciais de deslocamento.

⁵⁵⁴ PONTES, Carlos Gildemar. A arte de contar histórias de vida. *Segunda Opinião*, [S. l.], 5 dez. 2024.

- Frederico de Lima Silva (2014), sob a orientação do Prof. Hermano de França Rodrigues, defendeu o TCC de título *Da letra ao inconsciente: dimensões do desejo perverso*, na Universidade Federal da Paraíba, oportunidade em que analisou, com base nos pressupostos da teoria psicanalítica freudiana, a representação dos códigos perversos no conto "O perfume de Roberta", que integra a coletânea homônima publicada por Fernandes de 2005, com especial atenção ao movimento fetichista do seu protagonista.
- Ademária Sales Oliveira Almeida (2014), orientada pelo Prof. José Mário da Silva Branco, defendeu o TCC *A personagem Rita: uma leitura da representação feminina no romance Rita no pomar de Rinaldo de Fernandes*, na Universidade Federal de Campina Grande, no qual a pesquisadora analisa a representação ficcional da personagem feminina Rita, no romance *Rita no Pomar*, demonstrando como a sua construção leva em consideração a importância do espaço e dos laços estabelecidos com os personagens masculinos com os quais interagem.
- Rossana Tavares de Almeida (2015), sob a orientação do Prof. Sérgio Castro Pinto, defendeu o TCC intitulado *A violência nos contos A Magia dos Excessos e O perfume de Roberta*, na Universidade Federal da Paraíba, em que utilizou a teoria do “poder simbólico”, do sociólogo Pierre Bourdieu, para demonstrar como os contos "A magia dos excessos", de Arturo Gouveia, e o "O perfume de Roberta", de Rinaldo de Fernandes, tomam a violência como elemento central do desenvolvimento narrativo.
- Bruna Belmont de Oliveira (2015), sob a orientação do Prof. Expedito Ferraz Júnior, defendeu a dissertação intitulada *A semiose da linguagem traumática em Rita no pomar*, na Universidade Federal da Paraíba, onde, alicerçada nos pressupostos da semiótica de Charles Sanders Peirce, desenvolveu uma leitura do romance *Rita no pomar*, de Rinaldo de Fernandes, no intuito de perceber como está delineada, na linguagem da narradora-protagonista, a subjetividade da condição traumatizante.
- Frederico de Lima Silva (2017), sob a orientação do Prof. Hermano de França Rodrigues, apresentou a dissertação *Literatura e violência: efeitos do desmentido na contística de Rinaldo de Fernandes*, na Universidade Federal da Paraíba, em que

estabeleceu uma análise dos atos de violência presentes nos contos “O perfume de Roberta” e “Ilhado”, de modo a vislumbrar como as representações dos instintos mais primitivos do ser humano, a agressividade e a sexualidade, correspondem a dois elementos que, ao se expressarem de forma desmedida, resultam em um funcionamento perverso dos laços humanos, em um apagamento da alteridade de um indivíduo em relação ao outro.

- Rayana Melo Barbosa (2018), orientada pela Prof.^a Rosângela de Melo Rodrigues, defendeu o TCC intitulado *As personagens femininas na ficção contemporânea: as mulheres no romance Romeu na Estrada, de Rinaldo de Fernandes*, na Universidade Federal de Campina Grande, onde a pesquisadora lança um olhar sobre as personagens femininas do segundo romance escrito por Fernandes, Romeu na Estrada, no intuito de evidenciar as estratégias narrativas empregadas na construção das personagens.
- Maria de Fátima Caxias do Nascimento (2018), sob a orientação do Prof. Willian Sampaio Lima de Sousa, defendeu o TCC *A repressão e a libertação presentes no conto " O perfume de Roberta"*, na Universidade Estadual da Paraíba, no qual analisou, a partir das concepções psicanalíticas freudianas, os mecanismos de repressão/*recalque* e libertação/projeção sexual por parte do personagem principal da narrativa, o pai da adolescente Roberta.
- Luiz Fernando Ferreira Moreira (2019), orientada pela Prof. Maria Neni de Freitas, confeccionou o TCC intitulado *O conto "O caçador": uma significação acionada pelo governo Collor*, na Universidade Estadual da Paraíba, onde apresentou uma comparação da crítica simbólica em seu meio à realidade histórica presente no conto “O caçador”.
- Jôse Pessoa de Lima (2020), com orientação da Profa. Dra. Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti, defendeu a dissertação intitulada *Práticas de letramentos na escola: produzindo minicontos multimodais por meio do aplicativo móvel Gachaverse*, no qual promove um estudo que visa demonstrar novas práticas de leitura e de escrita a partir das interpretações de minicontos do escritor Rinaldo de Fernandes.

- Amanda Torres Trajano (2024), orientada pelo Prof. Hermano de França Rodrigues, apresentou o TCC intitulado “*A polícia atrás de mim*”: *deprivação e delinquência em Eu não quis te ferir*, de Rinaldo de Fernandes, na Universidade Federal da Paraíba, cujo foco analítico concentrou-se na delimitação dos efeitos do preconceito racial e dos fenômenos da “deprivação” e da “delinquência”, com base no referencial teórico de Donald Woods Winnicott.

3.2 A CONTÍSTICA E AS PERSONAGENS PERVERSAS DE FERNANDES

Desde a publicação de *O Caçador*, em 1997, o gênero conto tem sido a grande vitrine de Fernandes, não apenas pela criatividade e olhar singular do escritor em relação ao trato com os elementos que fazem das narrativas curtas uma classe literária apreciada por muitos brasileiros, reflexo da dinâmica prática e urgente da vida urbana, mas sem o comodismo imaginativo que também faz do conto contemporâneo um gênero literário que ganha reflexos de narrativa sem o devido respeito àquilo que o elevou, em um passado não tão distante, ao patamar de ficção canônica. No grupo de escritores que manuseiam a arte contística levando em consideração a necessidade de delimitar com o devido cuidado as estratégias da criação narrativa, a exemplo do que pontuam contistas insignes como Edgar Allan Poe (1809-1849), para quem o contista deve primeiro determinar o efeito desejado no leitor para, em seguida, criar e organizar os eventos da narrativa de acordo com esse efeito. Ele recomenda eliminar todas as situações e elementos intermediários que não contribuam diretamente para a construção do efeito principal, focando sempre no desfecho do texto. O contista deve priorizar a construção de uma narrativa marcada pela intensidade e concisão, utilizando todos os recursos disponíveis para criar o efeito pretendido⁵⁵⁵. Esse posicionamento de unicidade de efeito que Poe traduz em seus próprios contos parece-nos também tomada como espeque na estética de Fernandes, ao passo que se percebe na escolha pela violência como ingrediente nuclear de suas composições uma forma de balizar o mal-estar como a experiência maior da cultura, daí a unidade de personagens cuja infelicidade impulsiona as ações transgressoras:

Meus personagens são infelizes, sempre, buscam e não atingem um amor estável, que de algum modo os plenifique. O mundo da literatura é infeliz e meus

⁵⁵⁵ Poe, 1984 *apud* VALENTIN, Leandro. Teoria do conto: uma introdução. *SOCIOPOÉTICA*, [S. l.], v. 2, n. 22, p. 43-53, 2020, p. 44.

personagens não são diferentes. A literatura se escreve com a alma. E nela se inserem as agonias, angústias e dramas profundos do homem.⁵⁵⁶

Fernandes faz dos seus contos uma perfeita assimilação daquilo que Poe (1999) pressupõe como a preocupação maior que os contistas devem se atentar, que é o fato de que, caso uma obra literária for longa demais para ser lida de uma só vez, é necessário aceitar que o efeito da unidade de impressão será comprometido⁵⁵⁷. Isso ocorre porque, ao dividir a leitura em duas ou mais sessões, as atividades diárias interferem e a sensação de totalidade é perdida. Isso se deve ao fato de seus contos não faltam nem sobram em conteúdo e efeito, algo observado por alguns dos críticos de Fernandes, tais como Regina Zilberman, uma das maiores estudiosas da História da Literatura no Brasil, que sinaliza essa configuração tradicional na contística do autor, em especial o que concerne a condensação dramática como potencializador do impacto narrativo, o qual corresponde àquela concisão descrita e preconizada pelo célebre escritor americano. Em comentário presente no posfácio de *O Professor de Piano*, de 2010, em que qualifica Fernandes como “mestre do conto”, a pesquisadora também expõe esse caráter de preservação, ao afirmar que

Da tradição do conto, Rinaldo de Fernandes retira seu nódulo básico – a brevidade do texto, já que, materialmente, as histórias consomem poucas páginas, suscitando, pois, o tipo de leitura previsto por Edgar Allan Poe a propósito da poesia, cuja apropriação se faz de uma só vez. Com efeito, a leitura dos contos de *O professor de piano* supõe um ato único por parte de seu destinatário, que não interrompe sua apreensão dos eventos apresentados antes de chegar a seu final.⁵⁵⁸

Mas como localizar Fernandes dentro do alfarrábio literário brasileiro? Marcelo Coelho, escritor e articulista, publicou no jornal *Folha de S. Paulo*, em 16 de abril de 2011, um artigo que transcreveu uma palestra sua, proferida numa universidade americana um ano antes, na qual ajuíza Rubens Fonseca como o autor daquela que chamou de escola da “Literatura da violência”, de quem boa parte dos contistas brasileiros se inspiraram para compor suas obras, quase sempre representativas do componente cruel da natureza humana, das barbáries urbanas e dos amores pestíferos, dentre os quais situa alguns nomes como sendo influenciados diretamente por Fonseca, por exemplo, Paulo Lins, Patrícia Melo, Fernando Bonassi, Ferréz, Marçal Aquino e Rinaldo de Fernandes, partícipes da segunda grande

⁵⁵⁶ Fernandes *apud* Paraíba Criativa, 2016.

⁵⁵⁷ POE, Edgar Allan. *Poemas e Ensaios*. Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado. 3ª Ed. Revista – São Paulo: Globo, 1999.

⁵⁵⁸ Zilberman, 2010, p. 89-94.

explosão do gênero no Brasil — a primeira foi nos anos 60-70 do século passado —, cujas obras convergem, mesmo diante das suas singularidades, para a ficção descritiva do mal-estar inerente, sobremaneira, aos laços sociais no contexto urbano, local de onde principiam os infortúnios dos protagonistas rinaldianos, num movimento reverso de retirância, como é possível observar no trânsito da cidade para o campo ou um local com características menos citadinas, a exemplo do romance *Rita no Pomar* (2008) ou dos contos “Duas margens” (2005) e “A morte da música” (2020), ou seja, é na vida *urbe* que as tramas ganham seu impulso propiciador.

Moacyr Scliar (1937-2011), ao tecer algumas ponderações acerca da obra *O perfume de Roberta*, salienta que o fazer literário de Fernandes se destaca pela sua habilidade de contornar os desafios que o gênero encontra no contemporâneo, especialmente no que diz respeito à crença de que o conto, pelo formalismo de sua estrutura, que o torna, à primeira vista, menos complexo que o romance, seria um gênero de fácil desenvolvimento criativo: “É curto, não tem regras definidas... Ou seja, é uma tentação para qualquer principiante”⁵⁵⁹. Segundo o autor, Fernandes afasta-se desse pensamento ao desenvolver narrativas carregadas não apenas de um jogo complexo de clímax e anticlímax, mas de experimentações no que tange à ordem temporal, ao fluxo de consciência de suas personagens, que o distanciam de qualquer amadorismo estético, ao não se permitir uma restrição comum aos escritores aventureiros, que é a fixação no meramente convencional e anedótico, recuperando o tom daquilo que é de mais marcante nos contos que tornaram o gênero tão famoso, a arte de não somente dar respostas, sob a forma ficcional; ao contrário, prioriza o despertar de inquietações. À vista disso, não foi sem fundamento que o “médico das palavras” afirmou que aquilo que se tem na coletânea *O perfume de Roberta* é “o trabalho de um contista consumado, que trabalha o gênero com grande talento e seriedade”⁵⁶⁰.

O escritor, jornalista e crítico literário José Castello (2005), por sua vez, orienta que Fernandes faz da sua literatura uma isca capaz de tomar da vida a sua partícula mais perfunctória e, disso, extrair algo de extremo valor reflexivo, às vezes hermético. Hábil na composição de contendas afetivas, Fernandes incorpora em sua escrita a perspectiva de que todas as relações transitam entre o céu e o inferno, os quais não se situam no alto ou abaixo de nós, mas dentro, em nossa incapacidade de lidar com os conflitos perenes que alimentam essa dimensão abissal que nos constitui e dela advém certa força impulsionadora, cujo corpo é o

⁵⁵⁹ Scliar, 2005, p. 10.

⁵⁶⁰ *Ibidem*.

seu limite maior, seja na expressão do amor ou do ódio, pois até nas encenações banais de um amor de conveniência as personagens rinaldianas podem revelar seu lado mais tenebroso.

É na representação da violência, em suas formas plurais, que a literatura de Fernandes ganha destaque na produção acadêmica; violência tal como conceitua Souza (2007) ao considerá-la uma ação que

[...] simplesmente não considera a outra pessoa, ou melhor, a considera como uma coisa, numa relação em que o outro não fala e se torna um objeto. Ela não precisa ser necessariamente de ordem física, também se manifesta em seu aspecto psicológico, ou simbólico, em suas formas sutis e quase imperceptíveis.⁵⁶¹

Abarcando tanto conflitos amorosos que desembocam em crimes passionais quanto as mazelas sociais que fazem do ser humano a maior ameaça a si próprio, a escrita do autor transita entre inúmeras searas, indo de temas como o racismo — conto “Negro” (1997) e o romance *Eu não quis te ferir* (2023) — ao feminicídio — “A morta” (2005) —, passando pela violência de classe — “Ilhado” (2005) — e chegando a temas espinhosos como a pedofilia — “Ofeta” (2005). Seja por meio de quaisquer dessas manifestações de violência, Fernandes faz da sua estética uma fotografia em alta resolução da plasticidade com que a crueldade humana opera em nossa dinâmica social, aos moldes do que brilhantemente Rubem Fonseca inaugurou a partir da década de sessenta, mas com um tom original, o qual faz da carga psicológica, da incapacidade de suas personagens, como *mimese* do nosso próprio mal-estar, de lidarem com “a instabilidade dos desejos humanos frente aos cerceamentos impostos pelo projeto civilizatório”⁵⁶².

No que tange à questão da mulher na literatura de Fernandes, em sua coluna no jornal Rascunho, um dos principais suplementos literários do Brasil na atualidade, o autor publicou o texto intitulado “O escritor e a condição feminina”, em 1º de outubro de 2009, no qual discorre, entre outras, sobre a necessidade de valia das mudanças históricas e sociais em relação à condição da mulher em sociedade e como tais cenários são representados ficcionalmente, *exempli gratia* aqueles ocorridos com maior relevância a partir da segunda metade do século XX, onde não apenas mulheres, mas também outros sujeitos sociais cujos direitos não possuíam equivalência, passam a exigir e adquirir espaço de expressão de fala.

⁵⁶¹ SOUZA, Valmir de. Violência e resistência na literatura brasileira. In: SOUZA, Valmir de. *Os sentidos da violência na literatura*. São Paulo: LCTE Editora, p. 47.

⁵⁶² Silva, 2022, p. 206.

Ante esse panorama, qual seria o papel do autor atento a esses fenômenos culturais? Fernandes argumenta que não há uma fórmula que possa ser usada como padrão, e sim uma indicação de tomada de rumo, cujo primeiro passo deve ser uma abertura à sensibilidade diante dessas transformações, onde o autor “deve se desbloquear, se sensibilizar para a justiça da causa feminina”⁵⁶³. O passo seguinte, afirma, é promover uma busca pessoal sobre como pode fazer do seu ofício uma forma de contribuir com essas transformações, aproximando-se do argumento de Sartre (2004) de que “ninguém é escritor por ter decidido dizer certas coisas, mas por haver decidido dizê-las de certa forma”⁵⁶⁴. Por esse ângulo, Fernandes pondera que a literatura não é um elemento indiferente à história e à sociedade, podendo, sim, ter uma atribuição transformadora, em virtude de que

Cada indivíduo que experimenta, com a sensibilidade e a razão, o teor de uma verdadeira obra literária tem amplas condições de mudança. Uma grande obra inquieta, aponta novos ângulos da realidade. Uma grande obra desestabiliza visões consagradas, redimensionando-as. O escritor que em sua obra retrate a mulher (ou o negro, ou o índio, ou o favelado) deve, ao que tudo indica, munir-se de duas noções — respeito e justiça.⁵⁶⁵

No próprio caso de Fernandes, a sensibilidade em relação à condição da mulher ganhou maior expressividade graças as leituras realizadas em torno da obra de Chico Buarque, nos anos 90, oportunidade em que estudou a representação feminina nas canções do compositor, a quem atribui importância substancial na composição de suas personagens femininas:

Chico me mostrou, em *Mulheres de Atenas*, que as mulheres são submissas porque o poder masculino as prepara, molda-as, para tal. Então é preciso repensar os poderes do homem, atribuindo também poderes à mulher. Chico me propôs, em *Las muchachas de Copacabana*, que a prostituta, aos olhos de um homem de posse e sequioso de prazer, é apenas corpo, carne, e que o corpo dela é uma mercadoria como outra qualquer; me provou, em *Tango de Nancy*, que as mulheres se prostituem sobretudo por problemas de sobrevivência, e que a alma e o sentimento delas sobram, se perdem, no ato de alugar o corpo. Chico me advertiu, em *Ela e sua janela* e em *O meu amor*, que o desejo da mulher é ativo, impetuoso, e não passivo, como certa tradição entende; me advertiu que sexo é um signo de felicidade forte também para a mulher — e que portanto, como homem, não posso pensar que só eu conduzo, que só eu sou o sujeito da união erótica; numa palavra, não posso pensar só em mim. Chico, aqui, atenuou grandemente o meu machismo (e como de algum modo não tê-lo, leitor, em sociedade de práticas, em vários contextos, ainda tão

⁵⁶³ FERNANDES, Rinaldo. O escritor e a condição feminina. *Rascunho*, Curitiba, ano 9, n. 108, p. 2, out. 2009.

⁵⁶⁴ SARTRE, Jean Paul. *Que é literatura?*. Tradução de Carlos Felipe Moisés. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004, p. 22.

⁵⁶⁵ Fernandes, 2009, 2.

marcadamente patriarcais?). Chico Buarque, por fim, me ajudou muito a elaborar, em meus contos e em meu romance, as minhas próprias personagens femininas.⁵⁶⁶

Retomando o filósofo e escritor francês, o qual atribui à literatura um papel de importância na luta pelos direitos das minorias, já que aqueles que assumem um posicionamento comprometido são responsáveis por espelhar tais ameaças, injustiças e apagamentos que ameaçam as bases do que chamamos democracia, isto é, “a arte da prosa é solidária com o único regime onde a prosa conserva um sentido: a democracia. Quando uma é ameaçada, a outra também é”⁵⁶⁷. Assim como faz Chico em suas composições, a exemplo do que também demonstramos em trabalhos já publicados⁵⁶⁸, onde expõe os imperativos de cerceamento impostos, especialmente, aos marginalizados, Fernandes também assume esse lugar de contribuinte da sensibilização à condição da mulher e de tantos outros sujeitos cujos direitos são ora negados, ora aviltados pelas forças repressivas não apenas da sociedade do capital em que vivemos, como também do próprio Estado⁵⁶⁹. Em vista disso, Fernandes conclui seu texto afirmando sua crença no fato de que, havendo consciência social por parte do autor, ele

[...] com sua liberdade, tendo, como ponto de partida, respeito e senso de justiça, pode representar qualquer tipo social, qualquer condição — da mulher, do negro, do favelado etc. —, e ser eficaz, pertinente, em sua representação. Em arte, em literatura, penso que não há questão de gênero. Há, antes, uma questão de talento: um escritor com sensibilidade e visão de mundo apurados, e amparado numa forma bem arranjada, bem construída, pode representar legitimamente a condição de qualquer minoria, ficando perto ou com o mesmo senso de humanidade que um representante de tal minoria pode ter.⁵⁷⁰

Essa convicção acerca da condição da mulher, apresentada pelo Fernandes, vai ao encontro daquilo que dois grandes estudiosos da literatura arrazoaram sobre o lugar do autor ante à realidade à sua volta. Todorov (2010), ao defender a literatura como instrumento de

⁵⁶⁶ Fernandes, 2009, 2.

⁵⁶⁷ Sartre, 2004, p. 53.

⁵⁶⁸ Fazemos referência ao artigo *Subjetividade à deriva em “Geni e o Zepelim”*, de Chico Buarque, publicado no volume 14, número 35 da Revista de Letras Norteamericanas, no qual realizamos algumas observações acerca da canção “Geni e o Zepelim”, que integra a Ópera do Malandro, um musical de 1977/1978, de Chico Buarque, na qual assinalamos como as “manifestações de intolerância, outrora reprimidas, rechaçadas, institucional e moralmente punidas, que retornam e ganham espaço nas relações cotidianas, domesticando, pelo ódio, a desigualdade” (Silva, 2021, p. 166).

⁵⁶⁹ Um exemplo cabal dessa afirmação, na obra de Fernandes, pode ser evidenciado no conto “Negro”, que integra a coletânea *O Caçador*, de 1997, como expomos no capítulo de livro “O mal beneplácito do eu: notas sobre o sufrágio do racismo traduzido no conto “Negro”, de Rinaldo de Fernandes”, que consta no livro *A (des)ordem subjetiva: a potência da palavra ou, quiçá, a claudicância do desejo, nos confessionários literários*, publicado em 2024.

⁵⁷⁰ Fernandes, 2009, 2.

emancipação em seu famoso escrito *A literatura em perigo*⁵⁷¹, argumenta que “o escritor é aquele que observa e compreende o mundo em que vive antes de encarnar esse conhecimento em histórias, personagens, encenações, imagens, sons”⁵⁷², ou seja, para o filósofo e linguista russo, tal como integra Fernandes à sua escrita ficcional, um aspecto primordial da produção literária é a capacidade de integrar uma sensibilidade autoral diante da interação com o outro. Desse modo, a literatura serve como um mecanismo de compreensão do mundo e como um instrumento de emancipação do pensamento frente aos múltiplos desafios, podendo resultar em uma sociedade mais madura e responsável por meio do exercício do autoconhecimento e do entendimento do outro e do mundo, o que também ratifica o posicionamento de Candido (1989), para quem “o peso da consciência social atua por vezes no estilo como fator positivo, dando lugar à procura de interessantes soluções adaptadas à representação da desigualdade e da injustiça”⁵⁷³.

Mas o que dizem as mulheres acerca da construção das personagens femininas na literatura de Fernandes? Sônia Lúcia Ramalho de Farias, em um ensaio apresentado no II Seminário Literatura em Curso, ocorrido em 2005, na Universidade Federal de Pernambuco, disserta que a literatura de Fernandes impõe uma discussão importante acerca da controvertida questão de “gênero”(sexual) na literatura, aludindo às personagens femininas do autor no sentido de problematizar o argumento de uma determinada parcela da crítica contemporânea feminista, chamada “ginocrítica”, termo difundido, entre outras, pela crítica literária feminista norte-americana Elaine Showalter, que utiliza o termo como expressão do movimento de pesquisa, releitura e resgate da literatura exclusivamente produzida por mulheres, em detrimento da produzida por homens, em que reivindica a representação autoral das vozes femininas produzidas por e sobre mulheres, “como se essas marcas pudessem por si só conferir legitimidade à representação da mulher na escrita ficcional”⁵⁷⁴.

No referido ensaio, a pesquisadora orienta sobre a existência de duas instâncias primordiais na condução das narrativas de Fernandes: *a instância autoral masculina*, a qual não é dramatizada na diegese; e *a instância enunciativa ou um modo narrativo dialógico*, em que a história é conduzida por uma narradora protagonista em primeira pessoa ou há um modo de condução pela via da interlocução em resposta. Citando o exemplo de três contos escritos

⁵⁷¹ TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 3. ed. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

⁵⁷² Todorov, 2010, p. 91.

⁵⁷³ CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*. Argumento. São Paulo: Paz e Terra, n. 1, 1973, p. 23.

⁵⁷⁴ FARIAS, Sônia Lúcia Ramalho de. Voz e representação da mulher na escrita masculina. In: FERNANDES, Rinaldo de. *O perfume de Roberta*. 1 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 179.

por Fernandes, “O mar é bem ali”, Rita e o cachorro” e “Sariema”, infere que “a fala textual, emancipada da tutela do autor, desnuda questões existenciais relativas à condição feminina em determinado contexto sociocultural”⁵⁷⁵. O ensaio aponta para o fato de que, conquanto não seja sem fundamento a questão de que o sistema sociocultural vigente em nossa sociedade situa específicas diferenças em relação ao que se entende por ser-homem e ser-mulher, o engenho criativo e a atenção à condição feminina no mundo permitem a autores como Fernandes um olhar desprovido do estabelecimento de padrões e discursos, isto é, estereotipações quanto à representação das mulheres. Essa afirmação não desabona a validade dos estudos da “ginocrítica”, cuja busca pelo reconhecimento da produção literária de autoria feminina e pela desconstrução de conceitos patriarcais hegemônicos, todavia, direciona para a necessidade de que o pensamento crítico não imponha à criação ficcional uma determinação de gênero para legitimação, para ratificação das representações sexuais nas narrativas, dado que, como conclui Farias (2005) em seu ensaio:

Nas diferentes possibilidades que o fingimento ficcional propicia, os contos de Rinaldo buscam iluminar a alteridade feminina, delegando voz à própria mulher para que fale de sua outricidade e exprima, sem mediação tutelar, sua forma de situar-se e resistir numa sociedade ainda com fortes traços patriarcais. Com isso, alinham-se ao lado de significativos títulos que representam a mulher na nossa literatura contemporânea, independentemente do gênero que possa distinguir a identidade sexual do autor.⁵⁷⁶

Glória Maria Oliveira Gama, primeira pesquisadora a defender tese sobre a obra do autor, em 2012, argumenta que a análise da sua contística expõe que “há inegavelmente um destaque dado à figura da mulher, ou, para a expressão que usamos no começo deste trabalho, há um protagonismo das mulheres”⁵⁷⁷. Nos textos analisados a seguir, perceber-se-á esse destaque dado às figuras femininas, na qual a criatividade literária de Fernandes não busca ser uma exímia representante do desejo feminino, mas alguns dos muitos modelos possíveis do seu processo de subjetivação, o qual tanto a psicanálise quanto parte da própria crítica literária feminista destacam, que, embora não possamos discordar que existam influências monológicas e patriarcais no desenvolvimento de muitas produções artísticas, marcas de seu tempo, o engenho literário, em sua essência, parte de um princípio “transímbolico

⁵⁷⁵ Farias, 2005, p. 179.

⁵⁷⁶ *Ibidem*, p. 183.

⁵⁷⁷ GAMA, Glória Maria Oliveira. *Escrita masculina/personagens femininas: os contos de Rinaldo de Fernandes*. 2012. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012, p. 108.

(transgenérico) da criação, como fluxo e transbordamento da identidade e do sentido”, conforme interpretado por pesquisadoras do quilate de Josefina Ludmer e Julia Kristeva (*apud* Richard, 2002, p. 132)⁵⁷⁸. Dito isto, as interpretações dos textos de Fernandes não buscam, em nenhuma medida, caracterizar o desejo feminino, muito menos sugerir, pela via da análise da linguagem literária, o grande questionamento que acerca do que querem as mulheres; antes, buscamos vislumbrar as configurações desse conflito entre as demandas subjetivas e o possível do desejo, cenário que os neuróticos convivem e buscam lidar em sua forma precarizada, mas viável frente o processo civilizatório, em que o funcionamento perverso não consegue vivenciar sem impor à cultura a sua incapacidade de lidar com a angústia, tal como as personagens de Fernandes nos revelam.

3.2.1 "Duas Margens"

“Sim, lamento o crime que vou praticar, porém maior do que minha vontade é o poder do ódio, causa de enormes males para nós mortais!”, diz Medeia diante da impotência em relação à decisão de matar os próprios filhos. A fala da personagem de Eurípides nos revela a luta que ela trava consigo mesma entre o amor e o ódio, o instinto materno e a vingança por infidelidade. Ao final, sabemos que Medeia se vinga, matando os filhos e tirando-os de Jasão; todavia, o sentimento de triunfo não suplanta a guerra interna, mas a reconfigura em outra na qual a personagem tem que lutar com um sentimento de perda incomensuravelmente maior e mais flagelante, que assinala a ironia de perder ao ganhar.

No parágrafo acima, embora situemos explicitamente a narrativa mítica de Medeia, a exposição também poderia servir, quase sem alterações, para descrever os conflitos anímico e do laço que constituem o escopo trágico daquela que consideramos, na contística de Fernandes, o texto de teor mais obtundente, por erigir-se, dentre outras temáticas, naquele elo que carrega o estrato de ser basilar à vida humana: a relação mãe-bebê. Referimo-nos ao conto “Duas margens”. A narrativa, que foi lançada inicialmente na coletânea *O perfume de Roberta*, de 2005, alcançou considerável impacto e expressão entre leitores e críticos, atraindo a atenção do cineasta Ian Abé, responsável por roteirizá-lo e adaptá-lo para o cinema a partir da produção de um média-metragem que já foi lançado no ano de 2012, ganhando diversos

⁵⁷⁸ Ludmer; Julia *apud* RICHARD, Nelly. *Intervenções Críticas*. Arte, Cultura, Gênero e política. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002, p. 132.

elogios pelos festivais de cinema em que foi selecionado. O conto também integra a coletânea *Contos Reunidos*, de 2016.

Fernandes nos apresenta o drama de duas personagens distintas, as quais compõem classes sociais diferentes, entretanto vivenciam uma situação que as une em uma condição de mal-estar comum, a descoberta da infidelidade dos seus maridos e, sobretudo, as consequências disruptivas no que concerne ao laço matrimonial e o seu reflexo no funcionamento comportamental das personagens. A narradora, uma mulher cuja descrição a coloca como integrante da classe média urbana, depara-se com a mulher de um garçom, moradora da região mais periférica da cidade, duas mulheres que possuem condições socioeconômicas muito díspares, mas que se encontram nesse lugar ordinário, o qual impõe à narradora, e a todos nós leitores “indefesos”, a difícil tarefa de assimilação da consequência perversa que esse abalroamento de dramas pessoais suscita nessas “duas margens” subjetivas.

Ao descobrir a traição do marido, vemos um movimento da narradora no sentido de se afastar do ambiente em que se encontra, em uma aparente tentativa de, ao se distanciar do rotineiro, dispensar-se também da aflição, da dor que a consome, um movimento comum das personagens rinaldianas, que tendem a promover um deslocamento geográfico do ponto em que a angústia se instaura, embora, como se constata na maioria das vezes, não há local em que alguém possa se proteger das “coisas de dentro”. Conduzindo o carro, sem rumo, afastava-se do seu trajeto cotidiano e, perdida em relação ao que sentia, onde estava e para onde ia, acabou por chegar a uma região aparentemente mais afastada do Centro, numa via às margens de um areal que cerca o rio, em que se destacavam os galpões abandonados e os bares mais precários da cidade, num dos quais, sem entender, acaba parando:

[...] eu agora indo muito lenta e olhando o areal e os cajueiros e desconfiando que tudo é muito perigoso, essa cidade está cheia de canalhas, de estupradores. E não dou por mim quando chego ao mais pobre dos bares, de tábuas fendidas, o garçom cochilando numa cadeira à entrada, o bar de onde vejo sozinha, diante de um copo de cerveja (mas por que faço isso, se não posso beber?).⁵⁷⁹

Em uma mesa no canto daquele bar, observa o sol poente tomando conta da outra margem do rio, enquanto maldiz o marido, cujo nome é Marcos, e volta a beber um pouco de cerveja, mesmo não podendo, pois estava grávida. De repente, vê sobre uma escada de madeira, que leva ao primeiro andar, uma mulher com uma criança no colo, que olhava diretamente para as águas do rio, ao mesmo tempo em que chorava e passava a mão sobre os

⁵⁷⁹ Fernandes, 2005, p. 62.

cabelos daquele que deveria ser seu filho. Tal cena a atrai e a inquieta, porque a narradora percebe que a mulher tem a intenção de descer as escadas, mas vacila por medo de ser vista pelo garçom, que, sentado em uma cadeira na porta do bar, oscilava entre passadas de mão no bigode e momentos em que parecia que desabaria de sono. Por que aquela mulher estava receosa de ser vista pelo garçom? Da mesa, observa por alguns instantes as tentativas e recuos daquela mulher, até que finalmente ela sobe ao quarto no primeiro andar e, ao descer, usando um vestido vermelho, a criança enrolada numa toalha, toma coragem para descer as escadas e, atenta ao estado de sono do garçom, sai (foge?) do bar. Sem ser vista pelo homem, cruza o bar e, ainda expressando desassossego, toma a pista na mesma direção em que a narradora-protagonista veio, a qual, por sua vez, convergindo curiosidade e preocupação, pergunta-se “Mas o que ela vai fazer com aquela criança? Está fugindo de quem?”⁵⁸⁰. Ao perder de vista aquela mulher, volta a se queixar do marido, que descobrimos ter traído a protagonista com a melhor amiga deles:

Era então aquela maldita, meu Deus?! E como eu pude ficar o tempo todo bobeando? Era uísque pro Fernando, era presente pra canalha... Ah, os bons e melhores amigos. Sim, tratar bem. Vai, mosca morte! Age! E a puta dando em cima do meu marido. Sei lá se ela, se ele, canalha, aquilo é um malicioso, esperto, deve ter sido primeiro ele. Cretinos! A Sílvia vai aniversariar, não comprou a blusa dela? Ah, se te apanho, peste!⁵⁸¹

Nesse que é o último momento da personagem naquele bar, podemos observar uma característica muito presente na literatura de Fernandes, que é a construção de monólogos ou discursos autoreflexivos pelos protagonistas, os quais, uma vez ou outra, recorrem ao autoquestionamento, quase sempre ao estado de solidão em que se encontram diante de suas vicissitudes, como uma pausa reflexiva que, por vezes, quebra o discurso corrente da cena, embora esteja diretamente relacionada à personagem, sobretudo ao seu estado de espírito. Esse recurso de enquadramento, ou frames, como argumenta Preti (1997), serve, entre outros, para dar voz aos objetos em mente ao falar, que geralmente são acompanhados por uma mudança no “Ritmo, intensidade da voz, tom irônico, vocábulos adequados ou aparentemente impróprios [...], para dar ideia de ofensa [...]”⁵⁸², tal como ocorre com a narradora-protagonista de “Duas margens”. Goffman (1981) conceitua esse fenômeno discursivo de

⁵⁸⁰ Fernandes, 2005, p. 63.

⁵⁸¹ *Ibidem*.

⁵⁸² PRETI, Dino. Mas, como devem falar as personagens literárias? *Revista da ANPOLL*, [S. l.], v. 1, n. 3, 1997, p. 52.

footing, descrevendo-o como uma mudança no alinhamento discursivo do indivíduo, o qual, sem aviso, muda o conteúdo e/ou o interlocutor ao falar⁵⁸³. Esse recurso é usado por Fernandes em outros momentos da narrativa, a exemplo de quando a protagonista, ao sair do bar, entremeia a ação presente e o conflito afetivo sem oferecer uma pausa ou conexão mínima entre os dois discursos:

Pago a cerveja e a batata frita, sigo para o carro, ando lenta ao lado do cercado com as plantas, a areia enroscando-se nas minhas sandálias. Quem descobriu a data do aniversário da cretina foi ele, muita folia, bebidas, bolo que encomendei (a velinha que pendeu na hora do parabéns retirada e enfiada com zelo pelo cretino!). Que delícia ela deve ter achado. E não foi ali que ela usava a bendita saia branca? [...] Piso com ódio na ponta da palha seca do coqueiro.⁵⁸⁴

Acerca desse mesmo artifício estilístico usado por Fernandes, Gama (2012) recorre às considerações do crítico literário francês Gerard Genette (1930-2018) (*apud* Reis; Lopes, 1988), para quem essa construção denominava narradora autodiegética, caracterizada pela personagem, que geralmente também é narradora, a exemplo dessa em questão, a qual consegue articular o fio narrativo linear com momento de introdução de relatos pessoais, e, para isso, organiza e reorganiza elementos como o tempo, o espaço, a distância. Esse argumento, como afirma Gama (2012), arrima não só a dinâmica interpolada conduzida pela protagonista, assim como o processo de projeção da dor que a sua interlocutora, a mulher com a criança, provocar-lhe-á mais adiante.

Ao retomar novamente à pista, sem aparente direção, a narradora volta a meditar e a maldizer o homem que a traiu. Nesse ponto, expõe o fato de não entender a traição cometida pelo marido e a amiga, sobretudo levando em consideração o fato de que proporcionava uma vida confortável para ele, ao custear a maior parte das despesas da família. Assim como ocorrera com Medeia, cujos favores e sacrifícios proporcionaram tanto a sobrevivência do herói grego como a ampliação da sua fama, em detrimento ao acúmulo de desafetos e à perda da identidade e nacionalidade que sofrera, a protagonista de “Duas margens” explicita a ironia presente na constatação de que todo o seu esforço em prol do bem-estar do marido e da família não foram suficientes para impedi-lo de cometer o adultério:

Marcos, você não pode fazer assim comigo, ai, meu pai, mas que coisa! O que aconteceu? E não viajamos no último verão, você disse que queria ir pro Rio ou então conhecer a Europa, fomos para a Europa, dei um jeito, financeiei a maior parte,

⁵⁸³ Goffman, 1981 *apud* Preti, 1997, p. 53.

⁵⁸⁴ Fernandes, 2005, p. 64.

tudo muito bom na Espanha, o jogo do Real Madrid contra o Barcelona (no quarto do hotel você falou “que dia inesquecível”), como podia desconfiar de alguma coisa? Eu te dei carinho, cuidei bem de mim e de nossa filha, há um ano tenho em minhas costas a maior parte das despesas... Ah, meu pai, o que foi isso? Ah, Marcos, o que você quer?⁵⁸⁵

Seguindo à beira do rio, a personagem para o carro mais à frente, sem condições de se manter dirigindo. Derrui-se sobre o volante, não conseguindo segurar as lágrimas e, dessa vez, vem à mente a sua impressão do quão mentiroso o seu marido era, pois dizia amar a família, a filha deles, Juliana, mas resolvera deixá-las em favor da amante. Nessa passagem, também descobrimos que a narradora estava à espera de outra criança, dando a entender que talvez ainda não tivesse comentado sobre a gravidez com o marido infiel. Ao recompor os acontecimentos, numa tentativa vã de encontrar explicação para o porquê da traição marital, se por falha sua ou apenas fraqueza de caráter do companheiro, a personagem, ali, parada na pista à margem do rio, parece concatenar o estranho sentimento de desorientação, que experimenta tanto externa quanto internamente:

E a Juliana, Marcos, você não disse que ama demais a nossa filha? Dou pancadas no volante, eu preciso gritar, não posso prender isso, ai, meu Deus!, ai, Marcos!, ai, que ódio! Você não podia fazer essa coisa comigo, pelo amor de Deus, não podia! Você não podia ter me deixado, ah, cretino, logo por aquela pobre! Passo a mão na barriga, tiro a cabeça do volante.⁵⁸⁶

A constatação de que a narradora está provavelmente grávida se torna um elemento muito importante no desenrolar do conto, haja vista que essa condição maternal lhe impõe, mesmo em meio a esse estado de perturbação, certos sentimentos típicos ao cuidado materno, como pode ser visto no instante em que, ainda chorando dentro do carro, percebe um vulto passar próximo ao veículo, que se trata daquela mulher que viu no bar, ainda com o bebê em seus braços. Instaura-se na narradora a mesma inquietação que sentiu ao avistá-la na escadaria do bar, sobretudo no que diz respeito ao que faria com a criança. Irrequieta de um modo que a faz, por um instante, capturar aquela afetação como uma preocupação maior do que a dor que sofria, decide seguir a mulher, a qual, ao ser avistada, sai do acostamento e adentra o areal. Os acontecimentos que advém dão traços ainda mais precisos às duas margens configuradas no drama das duas personagens. A mulher com a criança no colo caminha alguns metros dentro do areal, parando apenas ao chegar debaixo de um dos cajueiros do local. A narradora encosta

⁵⁸⁵ Fernandes, 2005, p. 64.

⁵⁸⁶ *Ibidem*, p. 65.

o carro, desce, retira as sandálias e vai em direção à mulher, que se assusta ao notar a aproximação. O que se tem a seguir é uma série de investidas da narradora no intuito de saber as motivações que levavam aquela mulher a empreender fuga, bem como o que faria com aquela criança. A mulher se mostra reticente aos questionamentos, mas, com a insistência, começa a ceder, e

[...] aperta ainda mais o menino e lágrimas começam a rolar no seu rosto. Em seguida, levanta os olhos para o galho baixo do cajueiro, me evita. [...] Ela vai retirando a toalha, deixando aparecer o rosto do menino. Mas ele está muito doente! – eu digo, roçando a ponta dos dedos no queixo da criança. A mulher soluça, esfrega o nariz nas costas da mão. Volta a ficar compenetrada, arredia.⁵⁸⁷

O estranhamento em relação ao estado daquela criança adquire uma proporção ainda mais acentuada quando, ao notar pequenos movimentos no frágil corpo, cujos olhos pareciam entreabrir, ouve da mãe uma afirmação segura que a contradiz e horroriza: “Ele está morto”⁵⁸⁸. Aturdida por aquela paradoxal alegação, adianta-se, de súbito, apanhando a criança nos braços e, notando a falta daqueles movimentos que acreditava ter visto, fica ainda mais atônita. Dirigindo à mãe sua angústia, interroga-a: “Este menino está mesmo morto?”⁵⁸⁹. A mulher não lhe responde, apenas, cabisbaixa, estende a toalha no chão, de onde tirou alguns galhos que estavam sobre a areia e, recebendo novamente a criança em seus braços, coloca-a cuidadosamente em cima da toalha. Embora insistisse em saber o que houvera, tinha apenas o silêncio da mãe como resposta, o que a fez voltar a maldizer aquele a quem julgava ser o propiciador de todo o mal que estava lhe acontecendo: “Ai, Marcos, você tinha necessidade de fazer isso comigo? Eu aqui, já quase escurecendo, no mato, diante de uma mãe com um filho morto, não, Marcos, você não devia ter feito isso comigo!”⁵⁹⁰. Após muita insistência, a mulher aquiesce e lhe conta o que a levou àquela situação. O que a protagonista ouve da sua interlocutora é um drama que as coloca, conquanto vivem contextos sociais muito distintos, em uma dinâmica comum, como as duas margens do rio que passa ali próximo, cuja configuração especular, como bem observou Gama (2012), suscita o questionamento no que concerne ao fato de a narrativa talvez ter mais de uma protagonista. A mãe da criança morta afirma que ela e o marido, aquele garçom, são casados e viveram felizes nos primeiros cinco anos de casamento, embora tivessem tentado ter um filho, mas sem sucesso, até que ficou

⁵⁸⁷ Fernandes, 2005, p. 65-66.

⁵⁸⁸ *Ibidem*, p. 66.

⁵⁸⁹ *Ibidem*.

⁵⁹⁰ *Ibidem*.

grávida daquele menino, que o pai amava mais do que tudo. Para a sua infelicidade, o marido arrumara uma amante, com quem ele começou a passar todas as noites:

Você não sabe como a partir daí minha vida virou um inferno. Ela é mais nova do que eu, é quase uma menina. Aí ele passou a chegar de madrugada, o bar fechando a noite toda, começou a faltar comida em casa, eu com medo de ladrão e sozinha com essa criança, ah, mais não gosto nem de lembrar! O menino foi ficando fraco, doentinho, você nem imagina, moça, o que é a pessoa no desespero sair no escuro atrás do marido, andar por essas pistas mal iluminadas, isso aqui é cheio de gente ruim! Então uma noite eu peitei ele, disse que ia dar uma surra na infeliz. Ele, meio tomado, veio para cima de mim, me deu um soco, disse que se eu tocasse o dedo nela ia me matar. Ele é muito violento, moça! Eu nunca pensava que ele fosse capaz de me bater. Mas me bateu muito, não pude fazer nada, ele ficou aí me ameaçando. Você imagina ele agora saber que essa criança tá morta?⁵⁹¹

Fragilizada pela sua própria desventura, a protagonista agora depara-se com alguém cujas circunstâncias são não só similares às suas, vítima da infidelidade de um marido que não soube respeitar o laço conjugal, mas em que os desdobramentos colocaram aquela mulher à sua frente em panorama potencialmente mais deletério. Ela tinha uma filha, Juliana, e estava à espera de outra criança, aquilo (a traição de Marcos) não havia tirado dela, diferentemente daquela pobre mulher, traída e desesperada pela morte do filho e pelo medo do que ocorreria quando o marido soubesse.

Observemos como a sagacidade criativa de Fernandes coloca a narradora em uma condição de aproximação e introjeção da angústia/mal-estar que circunscreve aquela mãe. O autor incorpora a este cenário um fenômeno comum do desenvolvimento narcísico, da criação de laços, uma operação inconsciente que se realiza por intermédio de um processo de identificação com o outro, que ganha seus mais drásticos contornos no registro da fantasia, fazendo com que assimile, nesse contexto específico da narrativa, as vicissitudes do sujeito sofredor. O processo de identificação é uma terminologia empregada pela psicanálise a partir das postulações freudianas acerca da teoria do desenvolvimento psicosssexual infantil, com vistas a designar “o processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos-chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam”⁵⁹². Esse fenômeno psicosssexual, não obstante Freud já ter indicado sua existência em correspondência direcionada a Wilhelm Fliess em 17 de dezembro de 1896, passou a ganhar aspecto conceitual na virada dos séculos XIX-XX, inicialmente com a publicação de *A Interpretação dos Sonhos*, ganhando três esquemas pelo

⁵⁹¹ Fernandes, 2005, p. 67.

⁵⁹² Roudinesco; Plon, 1998, p. 363.

fundador da psicanálise, dentre os quais o terceiro parece-nos mais condizente à tragicidade deste conto fernandiano, apresentado pelo psicanalista no ano de 1924, em seu escrito “A dissolução do complexo de Édipo”⁵⁹³, no qual discorre sobre o processo de identificação que se formaliza na ausência de investimentos sexuais intrínsecos, isto é, o

[...] produto da “capacidade ou [da] vontade de colocar-se numa situação idêntica” à do outro ou dos outros. Esse caso de identificação produz-se, em especial, no contexto das comunidades afetivas. É essa forma de identificação que liga entre si os membros de uma coletividade. Ela é comandada pelo vínculo estabelecido entre cada indivíduo da coletividade e o condutor das massas. Esse vínculo é constituído pela instalação deste último na posição de ideal do eu por cada um dos participantes da comunidade.⁵⁹⁴

Enlaçada⁵⁹⁵ nessa circunstância, em que inconscientemente as angústias da Mãe A são projetadas, via processo de identificação, para a Mãe B e, por sua vez, introjeta a penosidade alheia de, nas condições de mulher traída e mãe, perceber-se desamparada. Tal agnição institui, como assevera Freud (1924b/1976), uma conjuntura empática, em que a relação com o outro se dá em um quadro afetivo onde se misturam emoções e registros traumáticos próprios de um indivíduo com os de outrem, caracterizando um forte laço de orientação narcísica, como podemos ver representada na narrativa em análise, que a induz a uma espécie de abertura ao lugar do outro em si mesmo e do si mesmo no outro, corroborando a afirmação freudiana, em “Psicologia de grupo e a análise do ego”, de que “a identificação esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo”⁵⁹⁶, daí o fato de não vermos um esforço da Mãe A no sentido de se afastar daquela cena parca, pelo contrário, há um movimento de encontro consigo mesma na dor de sua interlocutora, o que arrima o seu auxílio em relação à aparente tarefa que levou a Mãe B a estar naquele local, enterrar o filho morto:

E o que vai fazer agora? – fico curiosa. Vou enterrar ele aqui – ela diz, olhando para as estacas adiante, sobras de uma cerca arruinada. Gira o corpo e, os movimentos firmes, começa a cavar com as mãos a cova. A respiração forte, enfia os dedos na

⁵⁹³ FREUD, Sigmund (1924b). A dissolução do complexo de Édipo. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19, p. 215-224.

⁵⁹⁴ Roudinesco; Plon, 1998, p. 364-365.

⁵⁹⁵ Deste parágrafo em diante, devido ao cruzamento profundo de características identificatórias, optamos por distinguir a narradora por meio da expressão Mãe A e a outra mulher como Mãe B, assim evitando possíveis ambigüações.

⁵⁹⁶ FREUD, Sigmund (1921). Psicologia de grupo e a análise do ego. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 18, p. 116.

areia, puxa-a com energia. *Sinto pena da mulher fazendo o serviço sozinha. Dobro-me e, os joelhos fincados na terra, meto as mãos e começo a cavar também.* [...] Em pouco tempo, o buraco raso, de meio metro, está pronto. Ela segue, apanha duas estacas à frente e, os olhos entre as moitas em volta, cata na areia um pedaço de arame. Vem, prende as estacas, improvisa uma cruz. Viro o rosto para um enorme caju no galho para não vê-la, aos prantos, pôr o menino na cova.⁵⁹⁷

Em seus momentos finais, o conto nos faz experimentar uma terrível reviravolta, estabelecendo o ponto central do acoplamento narrativo e temático em relação à tragédia escrita por Eurípedes, o qual mostra a destreza de Fernandes em atualizar o mito para um cenário contemporâneo, sem, no entanto, desvirtuar o potencial inquietante de seus tabus, tanto no que tange ao questionamento passionai das protagonistas como à manifestação perversa que impõe às personagens, ao mesmo tempo, uma aproximação ainda maior do que as traições sofridas, e um paradoxal distanciamento inerente ao esforço comum para enterrar o corpo do menino, que colocou a Mãe A em um impasse confrangedor.

Após enterrarem o corpo do seu filho, a Mãe B diz precisar viajar para a casa da irmã no interior. A narradora, também precisando sair daquele local, oferece carona até a rodoviária da cidade. No caminho, já aparentando uma feição menos consumida pela dor, a Mãe B pergunta se a Mãe A possui filhos, a qual responde ter uma filha, mas quando é sondada acerca do marido, se ele era um bom companheiro, se já havia batido nela, responde de forma a não deixar transparecer seu conflito particular: “Ah, sim, nunca, ele é muito bom pra mim – respondo, desviando de uma moto”⁵⁹⁸. Todavia, não consegue dissimular seu estado de espírito quando a outra indaga-lhe se nunca quiseram ter um menino, cuja resposta desvelou o mal-estar que a tomava no íntimo: “Estou grávida de um – digo e paro no sinal. Começo a chorar, a mão na barriga. As pessoas passando na faixa me observam. Ô Marcos! Ah, pilantra! Tiro um lenço da caixa no porta-luvas, limpo o rosto. A mulher me olha, põe a mão no meu braço”⁵⁹⁹. Em seu desfecho, a narrativa nos oferece uma reviravolta digna das maiores peripécias trágicas, ao colocar lado a lado aquelas duas mulheres e revelar algo que, tal como um rio que corta às suas margens, coloca-as em duas margens de um crime, revelado quando se despedem na rodoviária, impondo à protagonista — provavelmente a qualquer um que, distraído, chegue até esse momento da história — uma anagnórise premente:

Você foi muito boa comigo — ela diz. Dou-lhe um lenço, ela também limpa os olhos, ajeita o cabelo, o vestido triste, sujo. Depois que ela desce do carro, e quando

⁵⁹⁷ Fernandes, 2005, p. 68, grifo nosso.

⁵⁹⁸ *Ibidem*, p. 69.

⁵⁹⁹ *Ibidem*.

vai colocando a cabeça na janela para me agradecer, pergunto — você esqueceu de me dizer, o menino morreu de quê? Ela fecha o rosto e, já sem nenhum sinal de dor na voz, diz:

— Eu matei ele.

Viro-me, acomodando o braço no outro banco:

— Você matou o menino como?

Ela se afasta um pouco, olha para o ônibus que acabou de girar na direção da plataforma e, baixando a cabeça, sopra para quase eu não ouvir:

— Enterrei vivo.⁶⁰⁰

Na catástase dessa narrativa, Fernandes coloca suas coprotagonistas em "duas margens" daquilo que vem a ser um dos crimes mais terríveis para a cultura, a morte consanguínea, no caso, o filicídio. O que temos explicitamente posto é uma reelaboração do mito de Medeia, cujo crime filial foi imortalizado na tragédia composta pelo, nas palavras de Aristóteles, “mais trágico dos poetas”, Eurípedes. Ao propor essa reescrita da peça grega, Fernandes nos permite observar, pelo menos, dois pontos muito importantes. O *primeiro* se refere ao poder que o mito possui de representar a essência de certos elementos capazes de aludir aos mais diversos temas da natureza humana, sejam eles externos ou internos ao indivíduo. Conforme expomos na primeira seção desta tese, o mito, na medida em que constitui uma forma de narrativa ancestral, sobrepõe as mais preciosas reproduções ficcionais, configurando-se como uma representação multifacetada, a qual se adapta e se transforma em conformidade com os contextos culturais específicos nos quais se manifesta, ou seja, não são "meras historietas", mas sim estruturas complexas que expressam as preocupações e os valores de uma determinada sociedade, que, quando possuem o poder de ultrapassar as fronteiras de uma época ou cultura, isso indica quão presente essas configurações permanecem presente no inconsciente coletivo. Tal como vemos na narrativa de Fernandes, essa maleabilidade inerente ao mito permite uma prolífera gama de interpretações simbólicas, que variam consideravelmente de acordo com as peculiaridades de cada sociedade, não à toa, à sua maneira, o autor revisita o mito, ao mesmo tempo albergando a essência malfazeja do clássico euripediano, sem com isso renunciar à originalidade da forma como dá contornos à própria tragédia da sua Medeia.

O *segundo* ponto diz respeito ao fato de que, ao reabilitar o mito de Medeia na sua personagem filicida, Fernandes também nos injunge a angustiante tarefa de meditar sobre uma das bases mais firmes da civilização, que foi se construindo ao longo da história ocidental, ganhando especial destaque na figura de Maria: o mito do amor materno. Ao assassinar o

⁶⁰⁰ Fernandes, 2005, p. 69.

próprio filho, a personagem lança sobre todos nós leitores a inquietante pergunta sobre o porquê de uma mãe, cujo termo a cultura incorpora como o próprio sinônimo de cuidado, devoção e amor, ser capaz de praticar um ato tão "desnaturalizado". No prefácio de seu livro, *Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno*⁶⁰¹, filósofa e historiadora francesa Élisabeth Badinter indica como, no contemporâneo, a maternidade ainda constitui um tema sagrado para o ideário social, salientando como é custoso para a absoluta maioria dos entes sociais questionar a posição que a figura da mãe alcançou em nosso discurso, que faz dela "em nosso inconsciente coletivo, identificada a Maria, símbolo do indefectível amor oblatoivo"⁶⁰².

Se fatos como esse que Fernandes nos apresenta em sua narrativa é capaz de molestar a nossa tranquilidade, muito provavelmente se deve pela crença de que a maternidade e o amor materno são inerentes à natureza feminina, inscritos desde tempos imemoriais, e uma construção social que serve tanto à perpetuação de estereótipos como à inviabilização da percepção de que a experiência humana não permite generalizações, sobretudo quando nos referimos à mulher, alimentada pela visão essencialista de que toda ela nasce com um instinto materno inato, que a destina ao irremediável fadário de se tornar mãe e, sob esse manto, manifestar amor irrestrito e dedicação exclusiva à sua prole. Nas palavras de Badinter (1985),

A cultura não passa de um epifenômeno. Aos seus olhos, a maternidade e o amor que a acompanha estariam inscritos desde toda a eternidade na natureza feminina. Desse ponto de vista, uma mulher é feita para ser mãe, e mais, uma boa mãe. Toda exceção à norma será necessariamente analisada em termos de exceções patológicas. A mãe indiferente é um desafio lançado à natureza, anormal por excelência.⁶⁰³

A esse respeito, as simbólicas duas margens as quais as coprotagonistas da narrativa são colocadas também servem como ponto de elucubração quanto ao posicionamento do desejo feminino ante à maternidade. Se, por um lado, temos uma mulher traída, Mãe A, cujo luto gerado pela queda da ilusão romântica, embora esteja atormentando, parece não ameaçar ou influenciar o seu processo de maternagem⁶⁰⁴, dispondo-a na condição elevada de

⁶⁰¹ BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

⁶⁰² Badinter, 1985, p. 9.

⁶⁰³ *Ibidem*, p. 15.

⁶⁰⁴ É importante destacar que maternidade se refere à capacidade biológica das mulheres, salvo casos particulares que a impeçam, de gerar filhos, ao passo que a maternagem é um processo que agrupa inúmeras experiências físicas e psicológicas ligadas à maternidade, o qual, diferente da maternidade em si, cujo horizonte de significação sofre a influência profunda das instituições e da visão patriarcal, é definida e vivenciada como uma potencialidade das mulheres. À vista disso, a maternagem, diferente da maternidade em si, não está restrita ao contato físico da mãe com o bebê durante a gestação e o pós-parto, mas também a todo o conjunto

um ideal normativo, onde a "boa mãe" é aquela que se encaixa no modelo preestabelecido de abnegação e sacrifício; por outro, temos na Mãe B a inscrição de uma mulher em que o processo de maternagem se dá sob uma configuração que desvia da norma, colocando-a automaticamente num quadro que pode ser descrito como patologizado, rotulado como "anormal", levando-se em conta que a mulher que não sente o chamado da maternidade, ou que não empreende conforme as regulações atribuídas ao "ser mãe", que prioriza outras áreas da vida ou que experimenta ambivalência em relação à maternidade é vista como uma espécie de aberração, um desafio à ordem natural das coisas; não à toa, a provável primeira reação de todos que se deparam com o desenlace dessa tragédia rinaldiana é, muito provavelmente, o horror frente a incapacidade de não compreender como uma mãe pode dar fim a vida de um filho. Essa visão simplista e reducionista da maternidade, no entanto, ignora a diversidade de experiências e desejos femininos. A maternagem não é um instinto universal, mas sim uma construção social e cultural, moldada por fatores históricos, econômicos, políticos e psicológicos, aliás, disserta Badinter (1985),

Em princípio, a lei natural não admite nenhuma exceção. Mesmo se substituísimos o conceito de lei (universalidade) pelo de regra (geral), é necessário constatar que há demasiadas exceções à regra do amor materno para que não sejamos forçados a questionar a própria regra. O Amor, no reino humano, não é simplesmente uma norma. Nele intervêm numerosos fatores que não a respeitam. Ao contrário do reino animal, imerso na natureza e submetido ao seu determinismo, o humano — no caso, a mulher — é um ser histórico, o único vivente dotado da faculdade de simbolizar, o que o põe acima da esfera propriamente animal. Esse ser de desejo é sempre particular e diferente de todos os outros. Que os biólogos me perdoem a audácia, mas sou dos que pensam que o inconsciente da mulher predomina amplamente sobre os seus processos hormonais. Aliás, sabemos que a amamentação no seio e os gritos do recém-nascido estão longe de provocar em todas as mães as mesmas atitudes.⁶⁰⁵

É importante ponderar que a patologização do processo de maternagem representada pela mãe filicida do conto de Fernandes não constitui um ponto de interesse deste trabalho, tendo em vista que nem as Letras, nem a Psicanálise, servem a esse propósito, por isso que, ao trazermos esse ponto para discussão, estamos apenas sobrelevando a necessidade de se reconhecer a pluralidade de experiências e do desejo feminino. Dito isso, passemos ao enfoque nas configurações da perversão que podem ser evidenciados na representação da personagem. A exemplo do que ocorre com a Medeia de Eurípedes, a personagem de Fernandes (Mãe B), do ponto de vista psicanalítico, também expõe uma problemática

de experiências afetivas que impelem ou não a mãe à disponibilidade psíquica em relação a si mesma e ao seu bebê, que vão desde as palavras trocadas com este filho, até os maiores investimentos de desejo.

⁶⁰⁵ Badinter, 1985, p. 14-15.

lancinante no que diz respeito à forma como o conflito matrimonial interfere no processo de maternagem. Como evidenciamos na seção teórica, o fundador da psicanálise propõe que a mãe deve perceber o bebê como possuidor de uma "função fálica", ou seja, atribuir simbolicamente ao bebê um significado análogo ao do pênis. Essa atribuição simbólica não se refere a uma interpretação literal, mas sim à forma como a mãe inscreve o bebê em sua "cadeia simbólica materna". Essa cadeia representa o conjunto de significados e representações que a mãe internalizou sobre a sexualidade e o desejo em relação ao seu filho, os quais estão inscritos desde a sua experiência própria com o complexo edípico.

Dessarte, ao considerar o bebê como detentor desse papel simbólico, a mãe pode interagir com ele de maneira mais equilibrada, permitindo, dessa maneira, que ela atenda às necessidades emocionais e psicológicas do bebê sem se sentir sobrecarregada ou ameaçada por seus próprios desejos inconscientes. Em outras palavras, a atribuição simbólica permite que a mãe reconheça e valide a emergente sexualidade do bebê sem confundi-la com seus próprios desejos adultos. Todavia, quando observada em sua representação, a personagem filicida do conto "Duas margens", a exemplo de Medeia, não consegue sustentar a função simbólica do filho em relação à contenda conjugal, resultando em um movimento de ascensão do tormento psíquico que resultou, em ambos os casos, na tragédia filial. Como também argumentamos na seção anterior, uma das possibilidades que Freud sinaliza para a entrada do feminino na conjuntura perversa seria a maternidade. Ao mesmo tempo que a simbolização fálica da criança pode representar uma forma de compromisso da mãe com esse objeto de desejo, essa vivência afetiva também pode se codificar de maneiras que fogem totalmente ao horizonte das relações saudáveis, resultando desde mães que não permitem um processo de subjetivação emancipadora dos filhos, até cenários ainda mais tétricos, como o controle sobre a vida e a morte não apenas psíquica, mas também física do infante, como ocorrido nas tragédias clássica e moderna aqui associadas. Ao ponderar sobre a imprevisibilidade da forma como os laços humanos se estabelecem, o que engloba não apenas o amoroso, como também o fraternal, filial, de amizade etc., todos sempre permeados por forças conscientes e inconscientes, Muribeca (2019) adverte-nos a respeito de algo capital para o entendimento da inexistência de tangibilidade plena quando nos referimos ao comportamento humano

Somos um ser biopsicossocial ainda em estudo, um animal racional e emocional de categoria incerta. Um ser de pulsões sexuais de vida e de morte, cuja própria sexualidade é um enigma ainda indecifrável. Isso porque a sexualidade humana não é um fenômeno puramente natural e sim suscetível às influências sociais e culturais. Ser de inter-relações afetivas, cujos laços que o unem, também os entrelaçamentos o

desunem, permeados por forças contraditórias de amor e ódio, em que inúmeras personalidades se encontram na incrível arte de amar e ser amado, e se desencontram nas alamedas da rejeição e do abandono.⁶⁰⁶

As Medeias de Eurípedes e de Fernandes, sob o imperativo materno perverso, utilizam-se dos filhos como instrumentos de punição dos seus respectivos parceiros, de modo que esses, na condição de homens, portanto detentores do temor de castração, possam experimentar a dor “emasculadora” do luto paterno. Ao assumirem para si o poder manipulatório sobre a vida de seus filhos, as personagens inscrevem em suas representações uma espécie de *denegação*, de cisão tanto em relação ao imperativo marital de seus cônjuges, que descumpriram os pressupostos de fidelidade do casamento, como, ao mesmo tempo, no que diz respeito à sua própria condição de “simbolicamente castradas”, que é transferida, via filicídio, para seus maridos, algo que se dilui não somente na revisita às fantasias do poder materno que todos, seja homem ou mulher, costumam elaborar sob a forma do medo de *perder a existência*, isto é, na importância vital que a mãe possui para a criança em seus momentos iniciais, mas também como uma espécie de “vitória da vagina sobre o pênis”, do “não-fálico sobre o fálico”, que os iguala, em fantasia, no mesmo lugar de falta.

O ideário da “boa mãe” é suplantado pelo desejo de reparação instaurado mediante o descompromisso dos seus respectivos parceiros, o qual toma forma de vingança, similarmente premeditada e executada respeitando a regra da unidade de tempo das tragédias gregas⁶⁰⁷, o mesmo intervalo em que Medeia teve para cometer o crime e fugir de Corinto, bem como a mulher do garçom ao fugir de casa, enterrar o filho vivo e se dirigir à rodoviária. Perversamente, nesse escopo, a alteridade das crianças é negada, mediante posturas do desejo que se intercalam com outras, assumidamente manipuladoras e dominadoras, como ocorre no caso de Medeia, ao fazer crer que aceitou o exílio, enquanto trama e executa a morte de Creonte e Clauce, fazendo seus filhos de cúmplices involuntários, e na personagem Mãe B, de Fernandes, ao manipular sua interlocutora, fazendo-a, coautora do assassinato e ocultação do cadáver da criança, ou seja, mesclando nessas figuras tão distantes no tempo, mas tão próximas em seus arquétipos, traços evidentes de perversão substanciada por desvios de ordem sexual e narcísica.

A despeito dos atos funestos de filicídio aqui associados, é peremptório da nossa parte discorrer, enquanto compromissados com as éticas analíticas da crítica literária e da

⁶⁰⁶ MURIBECA, Maria das Mercês Maia. Relações amorosas com psicopatas. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 52, p. 119–126, dez. 2019, p. 119.

⁶⁰⁷ Que se restringia ao período em que o deus Hélio cruzava o céu, transportando o Sol em sua carruagem.

psicanálise, que a passagem ao ato nas manifestações perversas representadas seja por Medeia como pela personagem de Fernandes não poderia ser interpretada, nem pelo campo ficcional nem pela teoria/clínica psicanalítica, como uma ausência de amor por parte dessas figuras maternas na relação com seus filhos, detalhe exposto por Castello (2005) quando afirma que "[...] os sentimentos se medeiam pela frieza — o que não significa dizer que não estejam ali. A culpa é alijada pelo desejo, como costuma acontecer nos amores rápidos e nas situações em que o perigo é tão importante quanto o prazer"⁶⁰⁸. Medeia, apesar de não retroceder em momento algum no curso da perseguição e assassinio de seus filhos, não deixou de lamentar o crime que cometera e a dor que sentia ao dar cabo ao seu plano macabro, como assinalamos no início desta análise. A personagem filicida do conto "Duas margens", por sua vez, chora ao enterrar o filho. O que se sobressai, por fim, é que o elo afetivo não foi capaz de barrar o ódio, sentimento predecessor do próprio amor na gênese do desenvolvimento psicosssexual de qualquer ser humano, por isso o amor não conseguiu refrear a cólera, que, após consumado a sob a forma do filicídio, seja em Eurípedes ou Fernandes, permitiu a essas mulheres psiquicamente devastadas, uma espécie de reparação, de ressarcimento, de justificação, até mesmo de inteireza, permitindo-as a vivência simbólica de uma completude, de um desmentir a castração.

Nesses termos, a Mãe B apresenta um contingente de elementos que testemunham a sua inclinação perversa, a começar pelo fato de que o indivíduo que se manifesta perversamente possui uma disfunção quanto ao estabelecimento de relações empáticas, isto é, a capacidade de se identificar com sentimentos, em especial com o sofrimento dos outros, mas se utilizam habilmente da empatia alheia, configurando-se como exímios manipuladores afetivos. A Mãe B consegue incutir na narradora um sentimento de inquietação desde o primeiro contato, ainda no bar, posteriormente transformado em empatia. Essa capacidade de se identificar emocionalmente com o outro é observada pela Mãe B no segundo contato, no areal à margem do rio, momento em que passa a se utilizar dessa identificação da Mãe A para além de obter a sua compreensão e evitar uma denúncia, mas, e aqui está o ponto mais nódico, cooptá-la ao posto de cúmplice por, no mínimo, dois crimes: assassinato e ocultação de cadáver, o que se efetiva na narrativa de Fernandes e nos mostra como, de fato, o filicídio materno promovido pela Mãe B, conquanto desempenhe uma função importante no núcleo dramático do conto, torna-se, do ponto de vista da compreensão da arquitetura perversa, uma

⁶⁰⁸ CASTELLO, José. Comentário crítico sobre O perfume de Roberta. In: FERNANDES, Rinaldo. *O perfume de Roberta*: Rio de Janeiro, Garamond, 2005, p. 173.

questão quase complementar a todo o processo de manuseio da empatia, da identificação da narradora, com fins a instrumentalização do duplo gozo da Mãe B.

Esses detalhes são importantes no sentido de desconstruir não apenas a associação equivocada de que toda mulher é, intrínseca e psicologicamente provida de meios de suportar o processo de maternagem em equilíbrio a outras demandas do desejo, como observado em Medeia e na Mãe B, ambas filicidas em contexto de vingança e que suscitavam não necessariamente a sua função materna, mas de reivindicação de respeito ao seu lugar no laço conjugal; representações que explicitam a incapacidade dessas figuras femininas, na qualidade de figuras perversas, de tomar a vida alheia como elemento mais importante do que uma exigência subjetiva do desejo. Ao mesmo tempo, vemos como a personagem Mãe B opera algumas características patentes de personalidade psicopática, na medida em que deixa evidente a premeditação de toda a cena perversa. Diferente do que imaginamos até pouco antes do clímax do conto, a Mãe B não age de forma desorganizada, cometendo os crimes ao saber da emoção e do momento. Os detalhes do seu delito, da morte da criança, passando pela ocultação do corpo, à fuga para casa da irmã, já estavam planejados, como fica evidente nos momentos derradeiros da narrativa. O fato da Mãe A adentrar ao cenário só reforça o cuidado e capacidade que a Mãe B possui para reformular seu plano, incluindo a Mãe A não como mera observadora, mas coautora dos seus crimes, de modo a não apenas apagar os rastros que possam identificá-la, como também gozar da angustia alheia, tão bem descrita por Fernandes ao retratar a mudança de feição, anteriormente de dor para a de alívio e certo regozijo, da Mãe B ao assumir a forma macabra com que assassinou o próprio filho, o que corrobora o entendimento de Muribeca (2008)⁶⁰⁹, que, ao distinguir os crimes cometidos por perversos e por psicóticos, salienta o fato de que psicóticos tendem a apresentar um comportamento marcado por certo desleixo em relação às suas ações, porque costumam ser negligentes quanto aos atos que promovem e aos cuidados que deveriam ter para encobrir seus crimes, por isso são considerados inimputáveis perante a lei, ou seja, não são criminalmente responsabilizados, e sim retidos da sociedade para tratamento psiquiátrico em manicômios judiciários ou outras instituições, diferente dos que apresentam comportamento psicopático, cujas ações são organizadas em sua totalidade, desde aquilo que é premeditado até os

⁶⁰⁹ MURIBECA, Maria das Mercês Maia. A psicanálise frente ao fenômeno dos assassinos em série: a estrutura da maldade. In: PIMENTEL, Déborah; ARAÚJO, Maria das Graças. *Interfaces Entre a Psicanálise e a Psiquiatria*. 1. ed. Aracajú: Círculo Brasileiro de Psicanálise, 2008, p. 144-158.

possíveis imprevistos, já que possuem uma extraordinária capacidade de reorganização das peças do tabuleiro para estarem sempre um passo à frente da lei.

3.2.2 "Oferta"

"A talentosa representação do horrível é esteticamente belo? É. Disso os românticos já sabiam. Mas a consciência da mecânica do grotesco não expulsou o grotesco do planeta. Por isso muitas e muitas meninas continuam sendo curradas neste exato momento"⁶¹⁰, assevera o organizador do livro *Geração 90: os transgressores* (Boitempo, 2003), Nelson de Oliveira (2005). Lançado na coletânea *O perfume de Roberta*, de 2005, e relançado em *O Professor de Piano*, de 2010, "Oferta" é, muito provavelmente, um dos contos em que menos se observa a violência gráfica na literatura de Fernandes, mas não por isso menos perturbador em seu conteúdo, o qual serve como um "Reflexo do nosso tempo. Retrato do Brasil e do mundo"⁶¹¹, nas palavras da editora da Ed. Lamparina, Tereza Andrade (2005), em comentário sobre o conto.

A narrativa é dividida em duas partes e, na primeira delas, vemos se tratar de uma história contada em primeira pessoa por um narrador personagem, que para o seu carro embaixo de uma árvore à beira da estrada, aparentemente cansado e com sede, características sinalizadas pelo próprio narrador ao descrever a sua parada naquele local como muito similar a uma propaganda que vira na TV, em que um homem desce de uma caminhonete também à beira de uma estrada, em cuja margem havia um pequeno casebre no qual funcionava um bar:

O sol forte, ele olha outra vez em volta, desce a rampa que dá acesso ao casebre. Um homem de chapéu de palha, pele escura, e o espera no casebre, no bar ao lado do alpendre. O homem, sério, está atrás de um balcão rústico. O rapaz vai chegando, o suor pingando-lhe do rosto, e vê do outro lado do balcão, por trás do homem, o refrigerador vermelho. A um gesto do rapaz, o homem abre o refrigerador, tira de dentro uma cerveja bem gelada, a fumaça do gelo fugindo em torno. O rapaz toma um copo da cerveja de uma vez, estala a língua, o olhar parado no teto. Depois deixa o bar, a pobreza do ambiente, a cara satisfeita.⁶¹²

Essa passagem inicial, à primeira vista, surge com ares despretensiosos, já que parece apenas ilustrar a situação do narrador diante do cansaço e da sede que o faz parar naquele

⁶¹⁰ OLIVEIRA, Nelson de. Comentário crítico sobre *O perfume de Roberta*. In: FERNANDES, Rinaldo. *O perfume de Roberta*: Rio de Janeiro, Garamond, 2005, p. 172.

⁶¹¹ ANDRADE, Tereza. Comentário crítico sobre *O perfume de Roberta*. In: FERNANDES, Rinaldo. *O perfume de Roberta*: Rio de Janeiro, Garamond, 2005, p. 174.

⁶¹² Fernandes, 2005, p. 55.

ponto da estrada, ganhando traços mais determinantes quando, tal como o anúncio que descrevera, dirige-se a um casebre poucos metros de onde parou, só que, agora "Sou o rapaz caminhando no trecho de terra antes de chegar à parte do casebre onde há uma venda. Eu ando, a barba por fazer, a mochila nas costas (por que desci do carro com a mochila?)"⁶¹³. Diferente da propaganda, quem o espera ao se aproximar do balcão não é um homem, mas uma senhora idosa, de mãos enrugadas, que ao ouvir o pedido por uma cerveja e ver os sinais de esfalfamento do narrador, indica-lhe a porta que dá acesso a uma pequena sala na parte interna da pequena casa, onde se vê um sofá e uma mesa de centro desgastados e sujos, e uma geladeira cuja porta estava rebentada.

Olhando em volta, o narrador encontra uma janela, pela qual procura, no horizonte, o mar, a exemplo do que havia na propaganda, mas não encontra nada além de uma paisagem rubra, pedregosa, com poucas árvores rasteiras, seca e cujas casas de taipa deixavam evidente que não havia mar ali, e sim o sertão. A paisagem, muito provavelmente, sinaliza não apenas o caráter árido do local, o qual conduz o viajante à parada naquele casebre de beira de estrada. Ao propor o cenário agreste e pouco convidativo, o autor nos convida a vislumbrar como a secura da paisagem, que provoca a sede e a consequente necessidade de saciá-la está, nessa narrativa, diretamente relacionada à degradação pelo desejo. Sedento, e não vendo mais a senhora, a qual havia se retirado do balcão e se dirigido para o interior do casebre, o narrador se adianta e pega uma cerveja na geladeira. Onde estaria a mulher? Um bafo quente invade a sala, lembrando-o da secura do local, o que faz com que ele, à espera da idosa para lhe trazer um abridor de garrafa, ajeite mais profundamente o seu corpo exausto no sofá e, enquanto ouve o zunido de uma cigarra e o latido de um cachorro ao longe, do lado de fora da casa, põe "a cabeça nas mãos, os olhos vão se fechando, o latido vai ficando cada vez mais próximo e, no sono [...] o boi põe a cabeça na porta e me pergunta, com uma voz de mulher (voz de velha?), por que eu tenho tanta sede"⁶¹⁴. O panorama de tranquilidade em que o narrador se encontra é quebrado no final da primeira parte do conto, momento em que é acordado do seu devaneio por passos próximos a uma cortina que divide a sala do restante do casebre, cujo barulho é acompanhado por dois olhos que o observam atrás do tecido, os quais o fazem questionar, consigo mesmo, quem o olha e também desejar fazer simplesmente o que fizera o homem da propaganda, tomar rapidamente a cerveja gelada e seguir seu rumo.

⁶¹³ Fernandes, 2005, p. 56.

⁶¹⁴ *Ibidem*, p. 57.

A segunda parte do conto inicia com a tensão do protagonista ao notar-se observado por alguém:

A perna, com o vento que de repente afasta a cortina, se apresenta – e vejo o joelho magro. Quem me oferece essa coxa? Os olhos me vigiam, atentos em minha mochila ao lado do sofá. Seguro a mochila, puxo-a para perto de mim. A cortina balança – desaparecem os pés, a perna, o joelho. Quem me espiava?⁶¹⁵

De repente, o narrador ouve a voz da senhora, dizendo-lhe para pegar uma cerveja na geladeira e ir se servindo, ao mesmo tempo em que escuta, vindo do que parece ser um cômodo atrás da cortina, o barulho de alguém abrindo uma gaveta. "– Vai logo, Rosa!", diz a mulher, que já se encontrava de volta ao balcão da venda. Do cômodo, o narrador sente subir um cheiro doce de desodorante e, instantes depois, descobre finalmente quem o estava fitando detrás da cortina. Tratava-se de uma menina, vestindo um short curto, os lábios tingidos por um batom forte e brilhante, que adentra à sala segurando o abridor de garrafas. De que forma o seu desejo seria atendido?, perguntamo-nos. Seria uma cerveja, um refrigerante, que a jovem oferece ao protagonista, ou outra coisa, já que a idosa aparece na janela, olha rapidamente para a menina e, depois, desaparece, deixando-os totalmente sós?

Descobrimos que depois da primeira cerveja, e já pedindo a segunda, o protagonista demonstra estar satisfeito em relação à ânsia de matar a secura da sua garganta, então, desse momento em diante, o que lhe é oferecido é a possibilidade de mitigar sua volúpia. Tão logo se inclina para abrir a tampa da segunda cerveja, conta-nos o narrador, a menina "cata com a mão um dos seios, deixando-o exposto diante de mim. Gira o dedo na extremidade dura, arroxeadada. E encara-me sorrindo"⁶¹⁶. Em simultâneo, o protagonista recorre à propaganda novamente, dessa vez como uma ostensível dissimulação quanto ao que imagina ser a possível reação do homem do comercial de TV e a sua própria, sugerindo que, diferente daquele, é um homem mais voltado à decência e controla seus impulsos: "Se eu fosse o rapaz, aqui, sozinhos, iria pegá-la rapidamente pelo pescoço, iria parti-la num beijo. Mas na propaganda não aparece a menina, só o jovem, o homem atrás do balcão"⁶¹⁷. Essa tergiversação do narrador denota uma tentativa explícita de desassociar a cena em que se encontra, no que diz respeito à possibilidade de consumação do desejo, o qual dá indícios patentes de querer, para um panorama no qual não é ele, mas outro que cede à lascívia.

⁶¹⁵ Fernandes, 2005, p. 58.

⁶¹⁶ *Ibidem*, p. 59.

⁶¹⁷ *Ibidem*.

Notemos que a narrativa já expôs códigos que demonstram que aquela personagem se trata de uma menor de idade, seja pelas características corporais expressas pelo olhar do narrador, seja pela forma como a substantiva, sempre referindo-a como menina, jovem etc, o que os fatos que decorrem em seguida afixam ser verdade. Quando a garota se senta ao lado protagonista no sofá, sem tirar o olho da mochila do viajante, ele aproveita para interpelá-la sobre quem era aquela senhora. A menina afirma ser sua avó e que veio morar naquela casa há três anos. O que vemos no prosseguir da cena é a confirmação de que, com efeito, trata-se de uma menor de idade, já que, nas palavras do narrador, ele "tem 48 anos e a menina tem idade de também ser a sua neta"⁶¹⁸. Sem rodeios, a menina diz estar precisando de uma mochila e, incontinenti, mostra-lhe o que tem a oferecer nesse escambo perverso:

Ela me leva pelo braço para o quarto quente [...] Sobre o colchão, um lençol azul, um travesseiro esfiapado. *Sinto como se estivesse deitando com a minha filha mais nova*, amoleço o corpo em cima dessa menina franzina, passo os dedos nesse sexo de poucas penugens, abro a pequena e morna fenda por onde penetro, empurro tudo o que posso, encalcando-a firme na hora de gozar. *Limpo-me com o pano pendurado no prego*.⁶¹⁹

A relação sexual é levada a cabo, com, pelo menos, dois pontos a serem observados de imediato: *primeiro*, o protagonista reforça o caráter pubescente da garota, ao indicar que sente como se estivesse tendo relações com a sua própria filha caçula; *segundo*, o pano à disposição no prego pendurado na parede evidencia que as circunstâncias desse episódio podem ser as primeiras na vida do narrador, mas não na daquela menina, como um utensílio necessário aos viajantes que, recorrendo aquele bar de beira de estrada, desejosos por saciar a sede naquela paisagem agra, também possam usufruir de outros serviços, o que a conclusão do conto testifica quando, depois do intercuro sexual realizado, o narrador entrega algum dinheiro à garota, sem esquecer de lhe entregar, claro, o mais importante, a mochila, objeto tão ambicionado por ela. Ao voltar ao carro, o homem relembra o comercial, decepcionado por não existir, tal como na propaganda, um mar próximo àquele local, mas satisfeito com o que encontrou ali, uma jucumbidade que não lhe seria exclusiva, tendo em vista que, ao entrar no carro e retomar à pista, vê "pelo retrovisor o caminhão parar na sombra, o motorista, um gordo, apeando para o seu bom e merecido descanso"⁶²⁰.

⁶¹⁸ Fernandes, 2005, p. 60.

⁶¹⁹ *Ibidem*, p. 52, grifos nossos.

⁶²⁰ *Ibidem*, p. 60.

O que "Oferta" pode nos dizer acerca da perversão feminina na obra rinaldiana? Vejamos, caso a caso, como suas personagens depõem sobre as configurações perversas dos seus desejos, a começar pelo narrador, de quem não sabemos o nome, apenas que tem quarenta e oito anos, e cujo comportamento é descritivo e chancelador das contradições e dubiedades do fenômeno pedofílico. Em conformidade com aquilo que já sinalizamos em trabalho anterior sobre esse tema sensível, a pedofilia se trata de uma

[...] parafilia caracterizada pelo desejo persistente de um adulto em relação a indivíduos pré-púberes e adolescentes, tomando-os de fato, ou na fantasia, como objetos sexuais, [e] representa um dos temas mais incômodos no discurso social, haja vista constituir uma ação que, segundo o entendimento criminal, viola o corpo infantil.⁶²¹

Freud incluiu as manifestações pedofílicas no panorama das perversões sexuais desde os "Três ensaios...", onde faz menção aos indivíduos que tomam outros em estágio sexual imaturo, no caso crianças, como objetos de desejo, curiosamente observando, já naquela época, que a maioria das manifestações desse tipo eram da ordem daquilo que ele classificou como "aberrações sexuais esporádicas", ou seja, em que não há uma recorrência da manifestação, e sim o aproveitamento de uma situação que favorece a sua consumação. Isso não quer dizer, de forma alguma, que o desejo em relação ao infante seja fortuito, e sim que, em determinadas ocasiões, as circunstâncias ambientais favorecem o afrouxamento das já tênues barreiras psíquicas que limitam a passagem ao ato. Esse parecer freudiano do início do século passado nos permite confirmar um fato recorrente nos casos de pedofilia: o ambiente familiar ou o contexto de proximidade afetiva são os maiores favorecedores da dinâmica perversa desses indivíduos, já que se aproveitam dos laços e do respaldo dos elos construídos para oportunizar suas demandas de prazer.

O narrador de "Oferta" nos permite desenvolver o argumento freudiano acima exposto, alimentando-o com as recentes contribuições da psicanálise e da psiquiatria em torno dessa configuração do desejo. Os manuais psiquiátricos modernos, a exemplo do DSM-V (Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais)⁶²², tratam a pedofilia sob a visão de um transtorno sexual, definido a partir de três critérios diagnósticos observáveis: o *primeiro* diz respeito à recorrência, um período de pelo menos seis meses, de "fantasias sexualmente excitantes, impulsos sexuais ou comportamentos intensos e recorrentes envolvendo atividade

⁶²¹ Silva, Rodrigues, 2023, p. 146.

⁶²² AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-V)*. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento et al. 5 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014.

sexual com criança ou crianças pré-púberes (em geral, 13 anos ou menos)"⁶²³; *segundo*, que as fantasias, os impulsos ou as práticas decorrentes do desejo "causam sofrimento intenso ou dificuldades interpessoais"; *terceiro*, o sujeito possui "16 anos de idade e é pelo menos cinco anos mais velho que a criança ou as crianças" definidas no primeiro critério. O DSM-V exclui do diagnóstico aqueles indivíduos que ainda se encontram no final da adolescência, os quais se envolvem em relacionamento sexual contínuo com pessoa de 12 ou 13 anos de idade.

Não obstante ao fato de que muitos psicanalistas se utilizem desses tipos de manuais psiquiátricos como fonte de conhecimento para melhor interpretar os quadros em que se encontram seus pacientes, a forma como a teoria psicanalítica enxerga intimamente a pedofilia apresenta uma disparidade nuclear, haja vista que enquanto a psiquiatria enxerga a pedofilia atrelada a uma visão diagnóstica, portanto patologizada, nomeando-a como Transtorno Pedofílico, a psicanálise, desde as suas primeiras postulações por Freud (1905), busca interpretar a pedofilia, sim, como uma forma de adoecimento anímico, mas não apoiada numa perspectiva de doença mental, tendo em vista que a ciência da mente fundada pelo médico vienense circunscreve todas as manifestações perversas sob o domínio do desejo, que pode estar adoecido em relação à angustia que dele decorre no contato do ser desejante com os imperativos da cultura, não diferindo, nesse aspecto de adoecimento da alma, em relação às outras estruturas do comportamento: neurose e psicose.

Isso posto, é preciso que delimitemos por meio de quais códigos podemos ver impressos no narrador os traços que testificam seu desejo perverso. Levando em consideração o exposto no DSM-V e a nossa condição enquanto analistas da linguagem literária, a qual nos impõe a responsabilidade ética que limita nossa investigação àquilo que as configurações da linguagem literária de Rinaldo nos permitem, torna-se evidente que não podemos atribuir ao personagem o determinante pedófilo, porque, mesmo sob o ponto de vista clínico, a narrativa não nos oportuniza elementos mínimos para um ambiente de interpretação, e sim um breve recorte de algumas horas do dia de um sujeito, todavia, o autor consegue trazer para a sua narrativa aquela modalidade de manifestação do desejo pedofílico apresentado por Freud, o qual apresentamos anteriormente, que psicanalistas como Hisgail (2017) chamam de "pedofilia de situação", isto é, quando indivíduos que não possuem ocorrências pregressas da manifestação de desejos ou atos sexuais com crianças, cedem ao ditame lascivo, "acobertados" pela oportunidade que lhes é apresentada. Lembremo-nos de que o desejo

⁶²³ DSM-V, 2014, p. 698.

pedofílico, segundo a psicanálise, representa uma força legítima na instituição dos indivíduos, pois é esse movimento do desejo que permite os cuidados parentais e de outros entes sociais (demais parentes, Estado, professores, babás etc.) em relação às crianças, mas que se manifesta por meio de um desvio/fixação no caso dos pedófilos.

O desvio se caracteriza quando esse desejo é expresso sob a forma de uma violação da alteridade sexual infantil, como bem pontua uma das mais prestigiadas pesquisadoras do desejo no contemporâneo, a psicanalista neozelandesa Joyce McDougall (1920-2011), responsável por trazer ao debate o entendimento de que a perversão não se limita à forma como a sexualidade era expressa, já que, como Freud advertiu em algumas passagens de sua teoria, nem toda perversão é danosa ou patológica, mas também, e principalmente, mediante a organização e o respeito às subjetividades, em outras palavras, a analista afirma que "o único aspecto de uma fantasia que poderia legitimamente ser descrito como perverso seria a tentativa de impor a imaginação erótica a um outro que não consentisse nisso ou que não fosse responsável"⁶²⁴. Graças a essa consideração da psicanalista, o debate em torno das manifestações perversas ganhou uma nova dimensão, em que só estariam enquadradas em um âmbito negativo/perverso às práticas que comportassem a imposição do desejo sexual de um indivíduo sobre o outro, que participa do contexto na condição de ser desejante, como é contundente em casos de, por exemplo, estupro, voyeurismo⁶²⁵, exibicionismo⁶²⁶, frotteurismo⁶²⁷, necrofilia⁶²⁸, zoofilia⁶²⁹ e, no contexto desta análise, pedofilia. A importância desse modo de interpretação de McDougall se destaca ao passo em que ela possibilita distinguirmos aquilo que caracteriza os movimentos sexuais perversos daqueles que estão apenas expressando outros arranjos eróticos.

O narrador do conto de Fernandes, caracterizando-se pela “pedofilia de situação”, já que nada no texto sugere uma conduta contumaz, salvo a ausência de mecanismos psíquicos fortes o suficiente para repelir a relação com a criança, age sob o signo da barganha.

⁶²⁴ MCDOUGALL, Joyce. *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. Tradução de Pedro Henrique Bernardes Rondon. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.192.

⁶²⁵ Manifestação sexual em que há uma excitação sexual intensa e recorrente ao observar, dentro outras situações, pessoas nuas, se despindo ou envolvidas em atividade sexual, sem que haja anuência delas.

⁶²⁶ Manifestação sexual caracterizada pela excitação sexual intensa e recorrente mediante a exposição dos próprios genitais a um estranho desprevendo, desacompanhado.

⁶²⁷ Manifestação em que a excitação sexual intensa e recorrente advém do ato de tocar ou esfregar os genitais contra outra pessoa de forma não consensual.

⁶²⁸ Manifestação de excitação sexual intensa e recorrente envolvendo a manipulação ou práticas sexuais com cadáveres.

⁶²⁹ Manifestação sexual que se caracteriza pela excitação sexual intensa e recorrente envolvendo práticas sexuais com animais.

Lancemos um olhar sobre o fato de que, a princípio, a necessidade de satisfação do protagonista era decorrente da sede causada pela viagem exaustiva no ambiente árido do sertão. Ao se deparar com um cenário em que, além da possibilidade de satisfazer a sua sede, também lhe permite saciar um desejo, o "pedófilo de situação" tenderá a realizar o ato sexual, pois, como em todo panorama perverso, forças de refreamento, de inibição do desejo não dispõem de poder suficiente para barrar a injuntiva exigência de *gozo*. Arelada a essa conjectura, ainda vemos acrescido outro elemento recorrente do próprio contexto descrito na narrativa, e que reflete sobremaneira a concretude de muitos locais, o capital, partícipe da narrativa como instrumentalizador da permuta, da troca, da barganha, onde a carência da jovem pela mochila do viajante é sessada ao passo em que seu corpo é oferecido como meio de deleite desse homem. Conforme evidenciamos em nossa já mencionada dissertação:

[...] o capitalismo se tornou o grande fomentador do discurso perverso (Ter no lugar de Ser), consolidando-se no século XX e mantendo-se hegemônico até os dias atuais, o que o coloca em lugar de destaque no entendimento da perversa sintomática de nossa psicopatologia cotidiana, onde o sujeito é tanto objeto preliminar, como consumidor do *gozo* capitalista. Nesse ínterim, cabe-nos ressaltar que o sistema capitalista, mesmo promovendo o surgimento de nossas práticas de caráter tipicamente perverso, não é o responsável por fazer do homem um indivíduo estruturalmente perverso, tendo em vista que já somos, por natureza, abastecidos por essa instância; ele apenas contribui para que o ser humano não se limite às amarras que o prendem na busca por objetos parciais de satisfação.⁶³⁰

Nesse ponto, vale ressaltar uma questão muito patente à narrativa de Fernandes, que testemunha o caráter perverso da relação pedofílica entre o protagonista e a criança: o narrador parece alimentar a segurança que lhe é perceptível graças ao ambiente isolado em que aquele casebre se encontra e, sobretudo, pelo fato de que, na sua concepção, não é ele quem inicia o movimento de realização daquele intercuro, mas da jovem, a qual se insinua sem nenhuma ressalva. Essa aparente assimilação de segurança por parte do narrador arrima-se em uma característica inata ao desejo pedofílico, na qual, segundo nos orienta Hisgail (2007) o pedófilo "entende que há uma permissão infantil para o estreitamento do laço amoroso"⁶³¹, pensamento que ratifica o argumento de Sanderson (2005)⁶³², cujas pesquisas acerca dos indivíduos diagnosticados com o transtorno pedofílico indicam que quase 90% desse público apresentava a forte convicção de que há, desde bebês até pré-púberes, uma

⁶³⁰ Silva, 2017, p. 81-82.

⁶³¹ Hisgail, 2007, p. 64.

⁶³² SANDERSON, Christiane. *Abuso sexual em crianças: fortalecendo pais e professores para proteger crianças de abusos sexuais*. 1 ed. São Paulo: M. Books do Brasil, 2005.

espécie de autonomia do desejo, por meio da qual a falta de capacidade das crianças de, muitas vezes, identificar e repelir os avanços abusivos do adulto ao abuso é deduzida como um gesto beneplácito para a sua atuação.

Mas o que a observação dos códigos perversos representados no protagonista do conto de Fernandes contribui para o entendimento da conjuntura perversa das demais personagens? O narrador, enquanto modelo de "pedófilo de situação", permite-nos observar alguns signos fundamentais atrelados à cena perversa, na qual ele não é a peça principal, e sim um de seus componentes. Voltemos a nossa atenção para a avó, cujo comportamento diz muito sobre certos arranjos comuns em casos de abuso sexual infantil. No livro *Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e de adolescentes*⁶³³, Eva Teresinha Silveira Faleiros discorre que a violência cometida contra as crianças não se restringe ao ato sexual em si, mas a toda uma sistemática que envolve o ambiente familiar, já que

Muitas vezes a criança ou adolescente dominado sexualmente encontra-se duplamente vitimizado, pelo violentador e por uma rede de silêncio, tolerância, conivência, medo, impunidade, tanto de membros da família, como amigos, vizinhos, colegas de escola, trabalho e lazer, professores, pessoal dos serviços de saúde e de segurança, que protegem o violentador, que não raro mantém outras pessoas sob sua dominação.⁶³⁴

O comportamento não apenas conivente, mas aliciador da avó em relação ao corpo da neta, torna-a figura crucial dessa engrenagem perversa que impõe à criança uma situação de evidente prejuízo subjetivo. Por mais chocante que possa parecer, relatos de figuras maternas que são omissas à violência sexual praticada contra seus filhos e filhas, inclusive pelos maridos e/ou parentes próximos, não é algo raro de ser noticiado em telejornais, cenário em que essas mulheres costumam apontar variados motivos para não terem realizado a denúncia, entre os quais se destacam: medo da culpabilização pelo desmantelamento da estrutura familiar, represálias dos vizinhos/comunidade, a rivalidade feminina entre mãe e filha, que induz, muitas vezes, à crença de que a criança seduziu o adulto etc., ou seja, não há uma conformação básica, pois há numeroso e imbricado conjunto de fatores que incidem sobre o cenário. Em se tratando do conto "Oferta", Fernandes nos apresenta um contexto que mimetiza, sobremaneira, um panorama comum das comunidades interioranas do Brasil, que ganha acentuação devido ao fato de que locais isolados, como o sertão, que serve de plano de

⁶³³ FALEIROS, Eva Teresinha Silveira. *Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e de adolescentes*. Brasília: Thesaurus, 2000.

⁶³⁴ Faleiros, 2000, p. 13.

fundo para a narrativa, costumam favorecer ainda mais essa dinâmica, pois apresentam fatores além do isolamento e dificuldade de acesso de órgãos de proteção, máxime, pela debilitação econômica de seus moradores, como bem salientam as palavras de Hisgail (2007), ao afirmar que

Devido à pobreza, ao desemprego, à desestruturação familiar e à banalização da sexualidade, a pedofilia ressurgiu na calada da vida cotidiana como uma perversão sexual, a ponto de interferir de forma drástica no desenvolvimento psíquico infantil, provocando traumas irreversíveis e doenças transmissíveis por sexo.⁶³⁵

Em razão de insegurança econômica, não é inusual a "oferta" de serviços sexuais por crianças e adolescentes, inclusive com a conivência dos responsáveis legais, como ocorre frequentemente em postos de gasolina ao longo de rodovias. Recordemo-nos de que esse é um tema já discutido por Fernandes em outro conto, "O perfume de Roberta", onde vemos um advogado de quarenta e seis anos, integrante da classe média paulista, fazer uso de sua condição financeira para obter vantagens sexuais de Ana Rita, uma moradora de rua menor de idade, em troca de comida. Inclusive, além do uso de bens materiais para conseguir manter as relações sexuais com as menores, também temos outro detalhe em comum, o qual é bastante ilustrativo no que concerne às conformações da subjetividade perversa de ambos os personagens, presente no fato de que a consumação sexual com menores representa *uma via de efetivação para um desejo incestuoso*, como já sinalizado pelo narrador de "Oferta" ao afirmar: "Sinto como se estivesse deitando com a minha filha mais nova"⁶³⁶ e que também é expresso pelo narrador de "O perfume de Roberta" ao passo em que se excita e atinge o orgasmo graças ao fato da jovem moradora de rua utilizar o perfume da sua filha, Roberta: "Ana Rita mastigando e eu me enfiando embaixo dela, ela mastigando e já sentada em mim e eu penetrando-a fundo de novo, ela mastigando, eu fungando, *ela mastigando, eu fungando, e afinal gozando, derramando muito, ah, que perfume!*"⁶³⁷.

A avó é a única figura parental da jovem, o que também nos leva a cogitar a possibilidade de que o ambiente familiar em que ela se encontrava e nesse em que agora se encontra não oferecem os meios necessários à proteção da integridade física e psíquica da criança. Contextos familiares incúrios são fortes catalizadores para a ocorrência de abusos sexuais infantis, seja pela pouca importância dada pelos pais e/ou responsáveis às crianças,

⁶³⁵ Hisgail, 2007, p. 17.

⁶³⁶ Fernandes, 2005, p. 60.

⁶³⁷ *Ibidem*, p. 113, grifo nosso.

seja pelo fato de que a consumação do desejo pedofílico consiste, na subjetividade perversa, numa forma de humilhação da autoridade paterna, como pontua Hisgail (2007) no sentido de que “a encenação perversa constitui um desafio ao pai desmoralizado e humilhado”⁶³⁸, pensamento que reflete como a desordem dos laços familiares no contemporâneo instituem famílias que, pervertidas “em sua função de base social e estruturante do ponto de vista anímico, encontram-se com notável risco de decomposição, o que aludiria uma realidade de efeitos com potencialidade negativa para o processo subjetivo”⁶³⁹, o que implica, por sua vez, no desenvolvimento de crianças “sujeitas a uma nova modalidade de abandono afetivo, o que proporciona, entre outros efeitos, a abertura de investimentos libidinais outros, que suprem essas demandas atendidas precariamente por aqueles que exercem as funções parentais”⁶⁴⁰.

Consciente de que seu corpo não consegue estimular a excitação dos cansados viajantes que passam, sedentos, por aquele local, a avó perverte a função parental de cuidado, ao que parece, sob o provável e desavergonhado argumento de que, assim, conseguirá proporcionar “para a neta” o capital que lhes falta por outros expedientes, como o da pequena venda que, arriscamos cogitar, talvez sirva apenas como catalizador para as paradas dos passantes, conjuntura que expressa como o comportamento da tutora denota contornos precisos da dominação que se estabelece entre a criança abusada e o adulto que a alicia/abusa, tendo em conta que é por intermédio dessa (de)formação de laço que indivíduos como a personagem avó passam a se aproveitar “da confiança que gozam, do *status*, do papel e do poder que possuem, do lugar de privilegio que os põe em contato direto e continuado com a vítima, da cobertura legal e pouco sujeita a suspeitas que possuem”⁶⁴¹. Nesse quadro específico, questionamos se não seria a avó, diante da sua “consciência” sobre o desejo do outro, uma legítima representante daquele sujeito que, na cena perversa, tal como afirma Lacan (1968-1969/2008)⁶⁴², serviria de contraponto à castração, ou seja, a mulher fálica, a não-castrada, ordenadora das peças que compõem essa encenação do desejo?

A psicanálise nos instrui a entender que pai e mãe não são necessariamente homem e mulher no arranjo familiar, já que, na qualidade de função, podem ser operadas de diferentes formas, a depender da organização doméstica de cada lar. Winnicott (2000), provavelmente o psicanalista que melhor aprofundou a discussão sobre aquilo que a psicanálise chama de

⁶³⁸ Hisgail, 2007, p. 75.

⁶³⁹ Silva; Rodrigues, 2023, p. 153.

⁶⁴⁰ *Ibidem*, p. 153-154.

⁶⁴¹ Faleiros, 2000, p. 15.

⁶⁴² LACAN, Jacques (1968-1969). *O seminário, livro 16: De um Outro ao outro*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

função materna e a sua importância na configuração subjetiva infantil, sublinha que esse conjunto de cuidados tem, entre as suas prerrogativas, que servir como uma espécie de recipiente para as angústias e o desamparo experimentados inicialmente pela criança, garantindo, mesmo que de forma falha, alívio para as ansiedades que a acometem no contato tortuoso entre o seu mundo de experiências internas e externas, por meio da qual o psicanalista situa a função de *holding* ou *handling*, que dizem respeito à capacidade materna de segurar afetiva e fisicamente o bebê, ofertando-se não apenas uma diminuição considerável da angústia de desamparo, como também a instituição dos primeiros constructos de existência e integração do corpo infantil, já que é graças a função materna que se alicerçam as bases do ego primitivo, ou seja, por meio do qual a o indivíduo “começar a existir”⁶⁴³. Antes dele, Freud (1931/1974) discorreu que é nessa relação que o bebê adquire a função tamponadora da falta na mulher, já que ela, inconscientemente, identifica-o e o assimila enquanto objeto fálico, alienando-se nesse enquadre de desejo.

Essas cognições são importantes para entendermos como a avó, enquanto aquela que desempenha, ou deveria, a função materna para neta, perverte essa dinâmica, mostrando-nos como o escopo descrito por Fernandes para essa narrativa, de pobreza e dissolução da estrutura familiar, consegue revelar na representação dessa personagem uma mulher que não é aquela que simples e necessariamente inveja o pênis, e sim uma que “sabe sobre o gozo” que os homens desconhecem, mas que almejam de todas as formas obtê-lo. Dotada dessa “consciência” sobre o desejo, no que tange ao papel intermediador dessa avó em relação à fetichização da neta para fins de obtenção de bens materiais, compreendemos que tal atuação a torna um exemplar rotundo da manifestação que a psicanálise estabelece como montagem perversa.

Quando pensamos em perversão para a psicanálise, logo associamo-la ao conjunto de manifestações do comportamento humano (neurose, psicose e perversão), que, por sua vez, estão alinhadas a uma concepção estruturalista do desenvolvimento psicosssexual humano, o qual agrupa disposições, padrões e articulações tidos como bases de determinadas manifestações da subjetividade. Enquanto estruturas, em psicanálise, são pensadas como partes de uma mesma organização, dispostas em partes a partir de suas características e fundamentos particulares, mas interdependentes umas das outras. Na teoria psicanalítica, pensar de uma forma estruturalista requer uma associação direta com a primazia do complexo

⁶⁴³ WINNICOTT, Donald Woods. *Da Pediatria à Psicanálise*: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 404.

de Édipo, fenômeno responsável pelo estabelecimento de prolegômenos e mecanismos precípuos, como os amplamente conhecidos castração e identificação fálica⁶⁴⁴. Logo, em síntese, a partir do conflito edípico se pode emprazar operadores específicos, responsáveis pela intervenção dos fundamentos comportamentais de cada estrutura: na neurose, temos o *recalque* do saber sobre o desejo; na psicose, uma *foraclusão* como forma de sustar uma realidade psiquicamente insuportável; na perversão, a *recusa* da ausência fálica materna e, paralelamente, da autoridade paterna, com vistas a desmentir o temor de castração.

Meditar sobre a personagem avó a partir do ponto de vista de uma perversão enquanto montagem, isto é, de uma operação em que se possa "reunir as peças de um dispositivo, um mecanismo, ou qualquer objeto complexo, de modo que possa funcionar ou preencher o fim a que se destina"⁶⁴⁵, implica na observação da dinâmica perversa sob a ótica de uma parceria psicosssexual, em que um mínimo de dois sujeitos, perverso+neurótico, neurótico+neurótico ou perverso+perverso, juntam-se e cooperam para instituir/instrumentalizar uma guisa que lhes permita pôr em prática uma forma particular de modalidade de *gozo*⁶⁴⁶, como observamos em plena encenação na referida narrativa de Fernandes, em que avó e narrador articulam uma *mise-en-scène* com vistas a erigir uma articulação viável para atender, conjuntamente, as suas demandas perversas. A avó, como apontamos acima, "detém" um saber sobre o desejo, tornando-a, inclusive, sábia quanto às limitações de seu corpo na qualidade de artefato de excitação geral masculina, o que lhe permite direcionar para a sua neta, enquanto corpo simbolicamente virginal e socialmente interdito, o olhar desejante daqueles que veem na intermediação da tutora uma maneira de *denegar* a ilicitude do seu desejo.

Segundo argumenta Piera Aulagnier (1995), em seu instrutivo artigo "Angústia e identificação"⁶⁴⁷, devemos pensar a perversão não apenas restrita ao panorama da anatomia sexual e da sua ligação com o temor de castração, mas também ao seu caráter social intrínseco, sem o qual a dinâmica perversa não encontra lugar de efetivação, já que é por meio da entrada no contexto civilizatório e dos laços sociais que o perverso dispõe dos mecanismos suscitadores do próprio desmentir. O encontro entre o sujeito e esses objetos parciais, no movimento perverso, não esqueçamos, constitui, sem exceção, um direcionamento voltado

⁶⁴⁴ PIRES, Andréa Lucena de Souza et al. Perversão: estrutura ou montagem. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 26, n. 51, p. 43-50, 2004, p. 44.

⁶⁴⁵ Aurélio *apud* Pires et al., 2004, p. 47.

⁶⁴⁶ CALLIGARIS, Contardo. *Perversão: um laço social?*. Salvador: Cooperativa Cultural Jacques Lacan, 1986.

⁶⁴⁷ AULAGNIER, Piera. Angústia e identificação. *Percursos*, São Paulo, v. 8, n. 14, pp. 5-14, 1995.

para si mesmo, narcisista por excelência, em outras, "não é outra coisa senão a relação do sujeito [perverso] com seu próprio corpo"⁶⁴⁸. Basta atentarmos para a conjectura de que, na cena perversa, sempre haverá, no mínimo, dois sujeitos de desejo, cuja sistemática do encontro pode ser com base na suplantação da alteridade de um em favor do *gozo* do outro, como nas parafilias em geral, ou no alinhamento de posições para a encenação perversa, conforme esboçado pela avó e pelo viajante em "Oferta", respaldando o argumento de Pires *et al.* (2004) acerca de que, na perversão, existem dois lugares, "[...] o de um objeto que se tornou um instrumento ao apropriar-se do lugar do pai e o lugar de saber, saber sobre o domínio do *gozo* do Outro. Isso permite "estar-se ao menos dois no mesmo fantasma"⁶⁴⁹. Assim a perversão é "*semblant* de relação possível". Em ambos os cenários, mesmo de cooperação, o objetivo não é fundamentalmente o *gozo* do outro, mas o próprio.

Clavreul (1990), ao tratar sobre a formulação do casal perverso, considera ser possível, numa visão da perversão enquanto montagem, deliberar sobre a existência de um "casal" formado pelos pares, muitas vezes, vistos como os menos prováveis, análogo a laços do tipo: "atleta unido ao zé-ninguém; o intelectual refinado com o rude inculto; a mulher maciça ligada ao anjo da feminidade; o alcóolatra imoral com uma santa; o velho vicioso e o sedutor com a púbere inocente; o personagem social respeitável com o patife"⁶⁵⁰, ou a união perverso e neurótico, algo que para alguns seria aparentemente dubitável de se cogitar numa perspectiva vincular do desejo, já que, pensando do ponto de vista dinâmico, o neurótico é o alvo preferencial da ação do perverso, haja vista este enxergar aquele como suscetível à angústia de castração da qual goza em suscitá-lo. Essa espécie de acordo/contrato, que pode ser firmado de maneira consciente ou inconsciente, não necessariamente requer um laço socialmente estabelecido, como um namoro, noivado ou casamento, mas em cuja configuração estarão devidamente definidos os papéis que cada um assumirá nessa conjuntura. Em um "contrato" entre um neurótico e um perverso, a título de exemplificação, o perverso frequentemente terá uma postura descuidada em relação ao objetivo e à alteridade do seu parceiro, oferecendo-lhe apenas aquilo que o mantém cativo à condição de objeto/fetichismo/intermediador, como vemos sintetizado na simples mochila que o viajante leva consigo, mas que adquire um valor capaz de servir à barganha pelo corpo da menina, da saciedade frente ao desejo pedofílico. Por sua vez, nessa mesma formulação, o neurótico

⁶⁴⁸ Aulagnier, 1995, p. 8.

⁶⁴⁹ Pires *et al.*, 2004, p. 48.

⁶⁵⁰ CLAVREUL, Jean. O casal perverso. In: CLAVREUL, Jean et al. *O desejo e a perversão*. Campinas-SP: Papirus, 1990, p. 121.

também estaria "ciente" de que, mesmo não possuindo uma equivalência da sua alteridade frente à alteridade do perverso, ainda lhe restaria a prerrogativa de, junto a ele, definir os limites da montagem, como é facilmente observável em muitas relações sadomasoquistas, e, na narrativa de Fernandes, delineados pelo entendimento da avó de que ela e a neta estão em uma posição economicamente desfavorável em relação à daquele viajante, mas, ao mesmo tempo, a avó pode intermediar uma consecução do defeso apetite, ou seja, basta apenas que os integrantes da cena perversa saibam o necessário à desempenhar suas incumbências nesse teatro subjetivo, tomando o cuidado de "desconhecer o suficiente o campo do desejo do outro para que o jogo erótico se processe na ignorância, pelo menos fingida, do objetivo do parceiro, para que a angústia e o gozo surjam como a realização comum de um desejo desconhecido"⁶⁵¹, subscrito no conto por meio da engenhosa atenção de Fernandes ao capturar na sua descrição dramática os não-ditos, o implícito do desejo que contorna cada personagem em sua teatralidade, por isso a "oferta" não é, em momento algum, explicitamente pormenorizada, deixando a cargo de cada uma das personagens, bem como cada um de nós, leitores, também partícipes dessa tessitura fantasística, realizar um exercício de elaboração no que toca à trama dos desejos.

Por fim, não esqueçamos da criança, artigo de "oferta" da avó e de desejo do narrador, que desempenha uma função de objeto parcial para esse casal perverso. O narrador, representante da subjetividade perversa, crer possuir aquilo (saber/poder/*falo*) do qual o outro é desprovido, expresso na mochila que traz consigo. A menina, por sua vez, sabe que não a tem, o que demonstra como a escrita criativa de autores como Fernandes consegue dar lugar a questões atreladas ao inconsciente, em razão de que a vemos simbolicamente inscrita sob o signo da castração de, ao menos, duas formas: econômica e afetivamente. A avó, também na condição de faltante, une-se àquele que acredita possuir o objeto de desejo, para que, ao servir à sua demanda perversa, possa gozar simultaneidade. Nesse teatro do corpo e do desejo que Fernandes nos "oferta", a menina, esteja representada na qualidade de um fetiche próprio da dinamicidade da estrutura perversa ou de uma peça que compõe a montagem para outorgar o *gozo* do casal perverso, é a personagem que, assim como toda criança vítima de abuso sexual, figura no lugar de dominada, configurando-se não apenas em um panorama de violência, mas dois, algo que atesta a assertiva de Faleiros (2000) a respeito de que “Muitas vezes, a criança ou adolescente dominado sexualmente encontra-se duplamente vitimizado, pelo violentador e

⁶⁵¹ Clavreul, 1990, p. 122.

por uma rede de silêncio, tolerância, convivência, medo, impunidade, tanto de membros da família”⁶⁵². Por mais que sejamos, em alguma medida, forçados a questionar o modo como a jovem se permite participar da encenação, a psicanálise e a cultura comungam da perspectiva de que não existe reciprocidade na posição de desejo num contexto de consumação pedofílica, a julgar pelo fato de que não há equidade de arranjos na cena perversa, como apontamos anteriormente. Faleiros (2000) complementa e ratifica essa concepção ao quando pondera que

A questão da responsabilização do vitimizado sexual e sua participação nas situações de violência sexual tem de ser considerada no mesmo contexto do consentimento. Neste sentido, a argumentação sobre a responsabilização é a mesma que a do consentimento, ou seja, o vitimizado não pode ser responsabilizado por atos dos quais participa enquanto dominado.⁶⁵³

Panorama que a narrativa soube abarcar sordidamente bem, porque nos permite contemplar a ignóbil certeza de que a criança da narrativa de Fernandes, tal como qualquer criança vítima de aliciamento e exploração sexual, bem como pedofilia, em nenhuma hipótese ganha mais do que perde no seu processo de subjetivação. Por quê? Porque concordamos com a irremediável constatação de que todo ato perverso pressupõe algo parecido com um estupro, haja vista que o fenômeno perverso (tanto estrutura quanto montagem), requer a ilusão, por parte de quem manifesta o comportamento, de que possui o poder de arrastar o outro "contra a sua vontade, numa experiência que se inscreve em falso com relação a todo um contexto"⁶⁵⁴.

3.2.3 “Pescoço de frango”

O conto “Pescoço de frango” é uma das 112 narrativas curtas que integram a coletânea *A paixão mortal de Paulo*, de 2020, um conjunto de mini e microcontos que nasceu do projeto intitulado *Livro dos 1001 microcontos*, em que o autor publicou, entre os anos de 2003 e 2006, uma sequência contínua de pequenas narrativas, com frequência de publicação média de quatro textos semanais, na rede social Facebook. Em uma entrevista concedida ao poeta e crítico literário Linaldo Guedes, em 2020, Fernandes declarou que o projeto do “Livro dos 1001 microcontos”, “entre outros propósitos, funciona como um laboratório para o desenvolvimento da escrita de contos breves, bem como um meio instantâneo de recepção

⁶⁵² Faleiros, 2000, p. 12.

⁶⁵³ *Ibidem*, p.17.

⁶⁵⁴ Clavreul, 1990, p. 134.

crítica do seu público leitor”⁶⁵⁵. Fernandes considerou o projeto como um processo de experimentação artístico-criativo, “assim, não é literatura ainda, é projeto de literatura. É um esboço, um borrão, um primeiro movimento para o texto literário. Embora nele já apareçam uns tantos contos bem realizados”⁶⁵⁶. Anos depois de encerrar as publicações das narrativas no Facebook, Fernandes volta-se ao projeto e dele extrai os 112 textos que considerou mais bem acabados, publicando-os na obra *A paixão mortal de Paulo*, dentre eles, inclusive, alguns alçaram outros voos, caso de “Os filhos de Rosa”, que serviu como base para a escrita do romance *Eu não quis te ferir*, de 2022, e “A mulher que sequestrou Chico Buarque”, microconto que retorna na coletânea de contos homônima publicada pelo escritor em 2024.

A paixão mortal de Paulo nos apresenta um agrupamento de narrativas que mesclam praticamente todas as temáticas exploradas pelo autor em sua ficção, como a violência urbana, o declínio dos laços familiares, a luta de classes, o mal-estar humano decorrente do impasse entre o que deseja e o que a cultura lhe permite desfrutar etc. Dentre os textos, cuja extensão vai desde um parágrafo até pouco mais de uma página, apenas “Luana e Rosa” parece escapar à classificação de mini ou microconto, visto que ultrapassa e muito a brevidade dimensional de seus pares, contendo mais de 10 páginas e se destacando como a única, dentre as narrativas, a se configurar na, digamos, morfologia do conto clássico. “Luana e Rosa”, aliás, é um dos raros exemplares da incursão do autor pelo gênero fantástico, o que se percebe logo na epígrafe que Fernandes inclui no conto, um trecho de *A meningite e sua sombra*, de autoria do escritor uruguaio Horacio Silvestre Quiroga Forteza: “Explicação? Nenhuma. Nem a mínima explicação. O que você quer que se saiba disso?”. Conforme destacamos na resenha “Rinaldo de Fernandes e a inquietante escrita do mal”, “A menção ao contista uruguaio não ocorre à toa, isso porque Luana e Rosa conserva em seu tecido a mesma matéria das linhas quiroguianas, ao trazer em sua textura o estilo permeado pela associação entre o fantástico e o macabro”⁶⁵⁷, ponto de vista que corrobora a afirmação de Batista (2017), para quem o referido conto de Fernandes “recupera o *leitmotiv* do conto quiroguiano e recria o clima alucinatório de *La Meningitis y su sombra*. Em ambos os relatos, as personagens se veem envolvidos em uma situação constrangedora: são vítimas dos delírios de uma moribunda”⁶⁵⁸.

⁶⁵⁵ Fernandes, 2020 *apud* GUEDES, Linaldo. Rinaldo lança novo livro de contos e se afirma como mestre da narrativa. *Os Guedes*. João Pessoa. 27 de out. de 2020.

⁶⁵⁶ *Ibidem*.

⁶⁵⁷ Silva, 2022, p. 208.

⁶⁵⁸ BATISTA, Maria Luiza Teixeira. 100 anos de amor, loucura e morte. In: RIBEIRO, Bruno; SHIRUKAYA, Wander (orgs.). *Cem anos de amor, loucura e morte*. Belo Horizonte: Editora Moinhos, 2017, p. 13.

E como não comentar o pequeno, porém excruciante “Eu tenho vergonha de minha mãe”, narrativa que nos expede, de imediato, ao conto “A Caolha”, de Júlia Lopes de Almeida, cujo texto aqui é redramatizado para um contexto mais hodierno e reduzido, em que se observa o preconceito do filho em relação ao problema estético da mãe, aqui não uma caolha, e sim uma mãe considerada feia. Fernandes nos faz refletir sobre os efeitos psicológicos danosos “provenientes do tipo de violência que hoje denominamos de *bullying* [e de como ele afeta] não só as relações do extrato social dos sujeitos, mas, sobretudo, seus laços primários com o mundo, configurados, também em ambos os textos, tanto no de Almeida quanto no de Fernandes, a partir da figura materna”⁶⁵⁹. Nesse microconto, Fernandes sublinha o fato de que a ojeriza do menino em relação à própria mãe ganha traços mais proeminentes quando ouve de seus colegas algo que já considerava, mas que não alimentava: “Eu tenho vergonha porque um colega meu de classe já cochichou para um outro o que eu mesmo sei, que minha mãe é feia”⁶⁶⁰. Nesse cenário de vilipêndio da imagem materna, o autor nos convida a discutir como, na estética do capital, somos ainda muito influenciados por modelos de corpos e belezas padronizados, os quais afetam não apenas o modo como consumimos produtos, mas como enxergamos os corpos, que, quando não estão em acordo com as configurações do que se pode considerar belo, o fetichizado pelo padrão do mercado e da cultura, é segregado e marginalizado até mesmo dentro dos laços afetivos em que se espera que o amor seja o fio mantenedor dos vínculos, como dolorosamente Fernandes caracteriza na fala do protagonista: “Se vejo ela, de longe, entrando no portão, eu disfarço, desço para a quadra, ou me oculto detrás de uma coluna. Dificulto que ela me ache. Eu peço até perdão a Deus, mas, desde que os meninos cochicharam, eu não consigo ficar junto de minha mãe [...]”⁶⁶¹.

Dentre as narrativas que compõem *A paixão mortal de Paulo*, uma nos chama a atenção por descrever o itinerário cruel que expõe signos muito evidentes de uma manifestação perversa, o miniconto “Pescoço de frango”, protagonizado por uma personagem que, utilizando-se de um manto de aparente bondade, promove um jogo macabro de vida e morte. Totalmente integrado à dinâmica estrutural do gênero reduzido, em que, segundo descreve Spalding (2012) “a brevidade do conto é levada a extremos como textos de um

⁶⁵⁹ Silva, 2022, p. 2008.

⁶⁶⁰ Fernandes, 2020, p. 45.

⁶⁶¹ *Ibidem*.

parágrafo e, até de uma frase”⁶⁶², “Pescoço de frango” inicia e conclui seu drama em apenas um parágrafo, mostrando-nos como esse gênero parece comportar uma fotografia, o registro de um instante, diferente do conto clássico, que nos abona com um pouco mais de informações acerca do contexto. Fernandes (2020) nos apresenta uma mulher cujo comportamento, à primeira vista, inspira caridade, altruísmo e abnegação, já que possui uma rotina, realizada quase todas as segundas-feiras, em que distribui alimento para moradores de rua, os quais comem a refeição oferecida com a velocidade e a vontade que a fome os exige, a da urgência:

A mulher distribuía comida, tarde da noite, quase toda segunda-feira. Parava nos sinais do velho centro, nas ruas mais desertas, e esticava a mão para fora do carro. Passava a quentinha para uma velha pendendo, para um menino empoeirado, que se erguia sonolento da calçada. A velha, que recebia a dádiva recendendo a cebola se benzia. O menino abria-a logo e passava a se empanturrar com o macarrão, a quebrar o frango com todos os dentes.⁶⁶³

O gesto munificente, envolto em aparente bondade, pois susta a perceptível orexia dos moradores de rua, na verdade, apenas dissimula um comportamento assaz cruel e desumano, cujos contornos já são perceptíveis aos observadores mais atentos, levando em consideração o *modus operandi* da personagem, que opta por um itinerário muito propício para circular na cidade e manter o anonimato. Em um horário avançado, transita pelo Centro da cidade, local menos movimentado tarde da noite, sem descer do carro, longe da vista de potenciais testemunhas do seu gesto caridoso. Será? Apesar de manter a rotina quase sagrada de percorrer as ruas do Centro da cidade às segundas, a mulher se abstinha de retornar aos mesmos caminhos, sempre alterando a rota, como se a cada noite cumprisse o seu propósito, não mais necessitando revisitá-los: “A mulher se ia no carrão escuro, nunca mais passava por aquela rua, nem voltava para aquela região da cidade”⁶⁶⁴.

No trecho final da breve narrativa, Fernandes expõe uma conjuntura que, para a maioria de nós é facilmente observada como uma espécie de paradoxo comportamental, mas que, circunscrito numa dinâmica perversa, apenas desvela a representação do funcionamento subjetivo da personagem, que, após distribuir as quentinhas, retorna para casa, onde, “Chegando, se dirigia ao quarto do filho, corria a mão no rosto dele, via se já estava

⁶⁶² SPALDING, Marcelo. O protagonismo do leitor no miniconto contemporâneo. *Revista Enciclopédia. FACOS/CNEC Osório*, v. 9, n. 1, pp. 58-69, out. 2012, p. 58.

⁶⁶³ Fernandes, 2020, p. 124.

⁶⁶⁴ *Ibidem*, p. 124.

dormindo. Respirava fundo ao se deitar ao lado do marido, o coração saciado. Nos pescoços de frango das quentinhas ela mesma injetava o veneno”⁶⁶⁵.

Essa personagem de Fernandes nos convoca a um esforço analítico muito particular, primeiro porque, dessemelhante aos outros textos investigados, aqui não temos o seio familiar como o elemento norteador da cena perversa, ao menos aparentemente, embora esteja presente na condição de contraponto; segundo que não há nessa narrativa, como visto nas demais, um “argumento justificador”, um álibi que as personagens perversas “elencam” como mediador de suas ações. Se em “Duas margens” temos a infidelidade enquanto o porquê usado pela mãe para cometer o filicídio, e em “Oferta” se tem, mesmo que implicitamente, o estado de carência econômica como esteio para o aliciamento da neta pela própria avó, em “Pescoço de frango”, Fernandes não nos oferece um panorama que dá à sua protagonista qualquer fundamento para o mal que promove, o que nos coloca diante do mal pelo mal, cru e sem medo de expor suas vísceras. Temos em sua protagonista um modelo taxativo da subjetividade perversa, no caso em questão, um contundente exemplar de uma dinâmica psicopática, onde não há, na relação com outro, a quem se tem o domínio, uma comunhão afetiva benfazeja. Na operação subjetiva de um psicopata, o bem promovido na vida de outrem, sob a forma de filantropia por exemplo, nada mais é do que um dos códigos de sua configuração perversa, já que “o crime cometido estética ou gratuitamente, [...] mostra que a perversidade é fato de inteligência, talvez mesmo de uma inteligência superior, que não se submete à lei comum, de um pensamento apto a desafiar as leis universais e que não acompanha nenhuma vontade boa”⁶⁶⁶.

O mal promovido pela personagem de “Pescoço de frango” não é aquele imediato, à vista de todos, mas um que se traveste na promoção do bem alheio, pois há no fenômeno perverso a necessidade de uma teatralização do seu desejo, no qual o outro é tomado como personagem sem ao menos entender-se como tal, isto é, é posto em cena na condição de marionete para obtenção do *gozo* do perverso. A protagonista serve comida aos moradores de rua esfomeados, mas é ela, somente ela, quem se banqueteia no jogo de vida e de morte em que os coloca, apenas ela que tem “o coração saciado”⁶⁶⁷, alimentando-se do poder sobre a existência alheia. Vignoles (1991) sustenta o argumento de que o perverso costuma transladar o potencial cruel e mal de seus atos para seus alvos, colocando-os como motivadores de seu

⁶⁶⁵ Fernandes, 2020, p. 124.

⁶⁶⁶ VIGNOLES, Patrick. *A perversidade*. Tradução: Nícia Adan Bonatti – Campinas, São Paulo: Papirus, 1991, p. 85.

⁶⁶⁷ Fernandes, 2020, p. 124.

ímpeto. É comum a observação de assassinos em série que se utilizam do discurso de que o outro faz parte de um grupo que precisa ser eliminado para que haja um bem comum: prostitutas, negros, deficientes, moradores de rua etc., cujas características identitárias são elencadas como marcas de uma pressuposta inferioridade, mas, subjetivamente, representam o elemento elevado à posição de fetiche pelo perverso.

A personagem em questão tem nos moradores de rua o seu alvo, uma fonte quase que inesgotável no cenário urbano brasileiro, facilmente encontrados e propícios a se tornarem objetos da sua dinâmica, já que a insegurança alimentar é uma das mazelas que mais atingem esse público. Utilizando-se da necessidade básica alheia, veste um manto de humanização para incluí-los em seu jogo de poder e consequente extermínio, o que nos sugere a possibilidade de haver em seu íntimo um desejo de erradicar os moradores de rua da cidade, mediante uma eugenia silenciosa e anônima. Não suportando a realidade “indigna” daquelas pessoas, castradas das prerrogativas de bem-estar que a protagonista possui, uma casa, família e condições de comer o que quiser na hora que sentir vontade, a mulher conduz o seu teatro perverso como uma forma de eliminar aquilo que lhe angustia, já que “O perverso é animado pelo ressentimento em relação àquilo que não consegue “prender”: o ser como outro; ele vingava-se prendendo outrem para fazê-lo aceitar sua razão e mantê-lo sob controle”⁶⁶⁸.

Temos, portanto, uma representação subjetiva que nos fornece códigos pertinentes ao debate acerca do fenômeno da psicopatia, inclusive desmistificando alguns estereótipos comumente atrelados ao imaginário popular. A psicopatia não é precisamente classificada nos manuais médico-psiquiátricos, embora sua manifestação seja atrelada a fenômenos clínicos como o Transtorno de Personalidade Antissocial, no *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-V), e Transtorno de Personalidade Dissocial (F60.2), na *Classificação Internacional de Doenças* (CID-10). Sob o ponto de vista psicopatológico oferecido por esses manuais diagnósticos, a personagem da narrativa de Fernandes apresenta inúmeros traços característicos do TPA: *Autodirecionamento*: a ação empreendida pela protagonista se baseia única e exclusivamente na autogratificação, sendo o gesto de alimentar os moradores de rua uma maneira cruel de induzi-los à morte, o que mostra a “ausência de padrões pró-sociais internos, associada a falha em se adequar ao comportamento lícito ou ao comportamento ético em relação às normas da cultura”⁶⁶⁹; *Ausência de empatia*: a personagem não apresenta qualquer evidência de preocupação em relação aos sentimentos e

⁶⁶⁸ Vignoles, 1991, p.139.

⁶⁶⁹ DSM-5, 2014, p. 764.

ao sofrimento dos sujeitos alvos do seu crime, bem como a ausência de remorso após a prática dos delitos; *Manipulação*: “caracterizada pelo uso frequente de subterfúgios para influenciar ou controlar outras pessoas; uso de sedução, charme, loquacidade ou insinuação para atingir seus fins”⁶⁷⁰, conforme evidenciado no gesto persuasivo de oferecer comida aos indivíduos em estado de vulnerabilidade alimentar, transparecendo, falsamente, um caráter virtuoso; *Insensibilidade*: assim como na falta de empatia, a protagonista esboça ausência de preocupação no que toca aos problemas daqueles moradores de rua; comportamento que é acentuado pela “ausência de culpa ou remorso quanto aos efeitos negativos ou prejudiciais das próprias ações sobre os outros; agressão; sadismo”⁶⁷¹; *Desonestidade*: é perceptível a manifestação de códigos como desonestidade e fraudulência, o quais são representados pela deturpação de si mesmo, pelo mascaramento da crueldade, travestidos sob o manto da boa esposa e boa mãe; *Hostilidade*: conquanto as configurações da narrativa não nos permitam uma afirmação precisa, é tangível conjecturar que há nas ações da protagonista de “Pescoço de frango” um fator que atrela o sentimento de desprezo ao crime em si, de modo que sua hostilidade funciona como uma resposta subjetiva maldosa, grosseira e vingativa; *Exposição a risco*: tal como representado no comportamento da personagem rinaldiana, o psicopata possui uma tendência a se envolver em “atividades perigosas, arriscadas e potencialmente prejudiciais de forma desnecessária e sem dar importância às consequências”⁶⁷² e certa falta de “preocupação com as próprias limitações e negação da realidade do perigo pessoal”⁶⁷³.

Para manuais diagnósticos como o DSM-V, a presença de seis ou mais dessas características em indivíduos maiores de dezoito anos já qualifica um diagnóstico positivo. Embora seja comum psicanalistas recorrerem, de modo consultivo, a manuais como o DSM-V, com vistas a fortalecer suas análises mediante a observações desses traços diagnósticos, é raro observar o aparecimento de psicopatas na clínica psicanalítica, salvo nos casos em que os signos da perversão presentes na angústia que leva o sujeito a procurar apoio psicoterapêutico não constituam a força de maior expressão no alicerçamento subjetivo do sujeito, posto que o indivíduo que manifesta um grau patológico de psicopatia, entendimento pela psicanálise como o perverso por excelência, ou não reconhece em seus atos uma operação danosa à cultura ou, reconhecendo-os, interpreta os danos como algo necessário à sua necessidade de *gozo*. Nesse sentido, é importante afirmar que nem todo indivíduo que apresenta traços psicopáticos

⁶⁷⁰ DSM-5, 2014, p. 764.

⁶⁷¹ *Ibidem*.

⁶⁷² *Ibidem*.

⁶⁷³ *Ibidem*.

se tornará um criminoso, ou ainda uma serial-killer como a protagonista de “Pescoço de frango”, tendo em conta que a passagem ao ato, do desejo para a sua consumação, dependerá de inúmeros fatores. Muitos sujeitos diagnosticados com Transtorno da Personalidade Antissocial, aliás, só chegam a uma identificação do quadro graças a um histórico de “pequenas maldades”, nem sempre caracterizadas como delitos.

Outro ponto a se observar na configuração da protagonista é a sua relação familiar. Graças, em boa parte, às representações midiáticas, jungiu-se à imagem do psicopata a ideia da incapacidade ou da precarização afetiva em todos os aspectos da sua vida, o que tanto a psiquiatria como a psicanálise já provaram ser uma concepção que não contempla todos os casos. À vista disso, a personagem foco da nossa análise releva tanto como a composição da cena perversa, da qual é timoneira, serve à manutenção da sua estrutura familiar, isto é, sua manifestação perversa atua enquanto anteparo para a sustentação afetiva dos laços familiares, como também, assim cremos, uma ordenação capaz de evitar que seu impulso agressivo resvale nos seus familiares. Nesse ponto, talvez seja propício o seguinte questionamento: não é paradoxalmente angustiante observar essa mãe adentrar ao quarto do filho e recobri-lo com os cuidados que se espera de alguém que ocupa essa posição, sobretudo quando imaginamos não apenas a frieza com que ela se desloca contextual e psiquicamente de um cenário de configurações genocidas para adentar em outro, no qual oferece o zelo de uma mãe “suficientemente boa”, que, mesmo em sua imperfeição, consegue oportunizar um ambiente seguro para o desenvolvimento do seu filho? Além disso, permitam-nos levantar outra questão, talvez ainda mais inquietante: levando em consideração que tanto o marido quanto o filho da protagonista não sabem da sua rotina torpe, o que poderia ocorrer caso descobrissem e, possivelmente, emergissem como obstruções ao itinerário perverso da personagem, que, não esqueçamos, está alicerçado em um imperativo do desejo?

Outrossim, ao compor uma personagem que ilustra a psicopatia feminina, Fernandes depõe contra o entendimento de que as construções sociais enganchadas ao que a cultura considera como feminino impediriam a existência de comportamentos tão cruéis por parte das mulheres. Há ainda na protagonista de “Pescoço de frango” outra importante desconstrução, a de que a psicopatia feminina nada mais seria do que um movimento associativo ao desejo e aos crimes praticados por parceiros amorosos, como se na mulher a psicopatia nada mais fosse do que um fenômeno contíguo à “psicopatia real”, aquela manifestada pelo homem, como pontua Santos (2012) ao afiançar que, diferente daquilo que se observa na manifestação masculina, na mulher

[...] a psicopatia pode passar despercebida por muitas vezes, tendo em vista que os crimes cometidos por elas possuem uma publicidade inferior aos crimes realizados pelos homens. Quando seus delitos vêm à tona, descobre-se que geralmente são cometidos em dupla com um homem, e as co-autoras alegam sua defesa dizendo que foram forçadas ou que realizaram por amor ao parceiro. Tais alegações dão ao crime um caráter de cunho emocional muito elevado, e a consequência disso é o curto período de tempo em que as mulheres ficam presas e/ou nos hospitais psiquiátricos.⁶⁷⁴

Dessemelhante de Ana Palindrômica, do conto “O Cobrador”, de Rubem Fonseca, personagem que confirma a possibilidade de existência de uma montagem perversa em que a psicopatia feminina ganha contornos graças ao estabelecimento de um laço afetivo com um homem, o que temos na narrativa de Fernandes é uma mulher que opera a cena perversa com suas próprias mãos, onde o homem não encontra lugar nem no papel de cúmplice; unicamente no de vítima, ou seja, não temos em “Pescoço de frango” uma mulher no papel acessório ao desejo masculino, como o de Ana, que motivou o Cobrador a abrir uma exceção e incluí-la na sua teatralização perversa, e sim uma mulher-protagonista que atua de modo independente, forte, inteligente e estratégico, levando a cabo um comportamento contínuo, implacável e destrutivo, sem a presença de culpa, remorso ou preocupação com a consequências provocadas em suas vítimas.

Embora os estudos contemporâneos, em sua maioria promovidos por psiquiatras e médicos forenses, apontem para uma incidência de diagnósticos de psicopatia em homens muito maior do que em mulheres, mais precisamente, as mulheres correspondem a metade dos diagnósticos masculinos⁶⁷⁵, bem como os registros criminológicos asseverem uma diferença notável no conjunto de crimes, que denotam características particulares na manifestação perversa masculina e feminina, onde estas apresentam uma menor propensão ao cometimento de crimes violentos, díspar dos homens, cujas ações costumam revelar uma insensibilidade maior em relação às vítimas, a história guarda o testemunho de muitas mulheres que, tal como a representada na ficção de Fernandes, provocaram e ainda provocam reflexões sobre o potencial perverso feminino. Shelley Klein (2004), em sua obra *As mulheres mais perversas da história*⁶⁷⁶, ostenta um catálogo primoroso de mulheres cujos nomes ficaram marcados por crimes bárbaros, que não representa, nem poderia, um levantamento extenso, mas que

⁶⁷⁴ SANTOS, Jessica Medeiro Neres dos. *Psicopatas homicidas e o direito penal*. 2012.

⁶⁷⁵ Conforme indicam estudos como os realizados por Vitale *et al.* (2002) e Dolan; Vollm, (2009) *apud* Gomes (2010).

⁶⁷⁶ KLEIN, Shelley. *As mulheres mais perversas da história*. Tradução Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2004.

consegue, sim, exemplificar como existe também no feminino uma tendência à violência, a qual, encontrando condições favoráveis, pode levar a promoção de atos hediondos.

A julgar pelos apontamentos feitos até então, o que a protagonista de “Pescoço de frango” pode nos dizer da relação do feminino com a violência e com a perversão? Partindo da constatação de que estudos sobre a psicopatia feminina são uma parcela diminuta de todas as pesquisas sobre a temática, é importante que reconheçamos que as nossas ponderações a esse respeito não contemplam exclusivamente a manifestação feminina, todavia, buscaremos um direcionamento que, na medida do possível, nos permitam olhar para a mulher em sua particularidade.

No artigo “A divisão do ego no processo de defesa”⁶⁷⁷, Freud ([1938] 1940/1975) pontua sua visão acerca da psicopatia, atrelando a manifestação a uma provável patologia do superego, em que a instituição da autoridade parental se apresentou com graves problemas ou simplesmente inexistiu. Tendo em mente que, para a psicanálise, o sentimento de culpa necessita de uma saudável relação do ego com o superego, o fato da protagonista de “Pescoço de frango” não esboçar quaisquer traços de culpa ou arrependimento na sua dinâmica perversa representa o adoecimento do superego na psicopatia, cuja incapacidade de estabelecer as tensões necessárias com o ego acaba por refletir em uma conduta em que a crueldade no trato da subjetividade alheia não seria barrada por nenhum mecanismo psíquico de contenção, a exemplo do remorso, o que conduz, entre outras consequências, à contiguidade dos atos de violência e afronta à lei. Ou seja, se a decorrência de uma relação saudável entre o ego e o superego é a acomodação dos instintos em vias vantajosas aos princípios civilizatórios, como a capacidade de desenvolver empatia pelo semelhante, de se colocar no lugar do outro, portanto, de se conectar, em certa medida, à realidade de outrem, em indivíduos como este representado na ficção de Fernandes, a dor alheia não serve aos desígnios da empatia, funcionando de maneira oposta, já que o psicopata é intolerante ao reconhecimento no outro, enquanto espelho, da sua própria condição de ser faltante.

Ao recorrermos ao entendimento pré-psicanalítico do século XIX, veremos que a visão em torno da psicopatia feminina estava associada, diferente da estabelecida pela psicanálise, à perspectiva de que o caráter primitivo do psiquismo feminino seria o motivo chave para a incidência da psicopatia em mulheres, porque, como argumentavam personalidades a exemplo

⁶⁷⁷ FREUD, Sigmund ([1938] 1940). A divisão do ego no processo de defesa. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. 23, p. 309-312.

de Cesare Lombroso (1835-1909), importante médico e psiquiatra forense italiano, um dos fundadores da criminologia moderna, por sua natureza primitiva em relação ao homem, a dificuldade em desenvolver-se emocional e cognitivamente de forma plena, a mulher estaria inclinada à psicopatia. Esse pensamento higienista e preconceituoso que vigorou mais fortemente até século XIX, é óbvio, não encontra lastro na realidade, principalmente quando observamos que, embora representem um percentual menor nos diagnósticos, e uma infinitesimal parcela dos registros de assassinos em série, algo em torno de 2%, como situa Klein (2004), os crimes perpetrados por psicopatas femininas possuem um cuidado muito maior que o masculino no que tange à sua articulação e execução, como expressa a protagonista da narrativa em análise, que não opera de forma descuidada e sob o efeito da emoção, mas de maneira premeditada, com especial atenção para não ser vista e reconhecida por possíveis circunstantes, não saindo do carro no momento de oferecer as quentinhas e nunca voltando às mesmas ruas em que já estivera anteriormente.

Observemos, ainda, na representação ficcional de Fernandes, o fato de sua protagonista, após concluir a rotina de todas as segundas-feiras, retornar ao lar e, diferente do que podemos imaginar graças às estereotipações midiáticas, demonstra cuidado e carinho em relação ao filho: “Chegando, se dirigia ao quarto do filho, corria a mão no rosto dele, via se já estava dormindo”⁶⁷⁸. Oliver James (2004), observa que “o assassinato de crianças é o único crime violento que as mulheres têm mais probabilidade de cometer que os homens”⁶⁷⁹. Essa afirmação nos leva a reiterar o já comentado anteriormente, no sentido de que os códigos da psicopatia expressos na protagonista não adquirem um *status* ainda mais delituoso e destemperado porque a função afetiva que lhe falta no contato com os moradores de rua, que possui, supomos, uma relação direta com a regulação afetiva traumática que deu origem à ligação fetichista com esses indivíduos em específico, é tamponada pela relação, ao que tudo indica, saudável com os entes familiares. Paradoxalmente, o ambiente de cuidado ofertado ao filho transparece um zelo para que, diferente de si, o seu filho possua um desenvolvimento subjetivo em que não exista uma realidade ameaçadora como a da que a mãe vivencia em relação aos moradores de rua e, mais intimamente, à realidade traumática que a fixou à personalidade perversa.

Por fim, voltando-nos à visão lacaniana, talvez possamos entender a entrada da personagem na dimensão perversa na medida em que, da sua teatralidade, conseguimos

⁶⁷⁸ Fernandes, 2020, p. 124.

⁶⁷⁹ James, 1995 *apud* Klein, 2004, p. 15.

extrair uma explícita necessidade de *gozo*, entendida como uma experiência mais radical em relação ao desejo, por vezes paradoxal ao fusionar o prazer e a dor ligados ao Real, esse conteúdo que escapa a simbolização, incapaz de ser totalmente contornado pela linguagem. O gozo que a protagonista busca, sendo perversa, corresponde à irrupção desse Real no real, uma espécie de “atingir” algo que está para além do simbólico. No caso da perversão feminina, como observamos na representação ficcional de Rinaldo, não há uma maneira de contingenciar os signos daquilo que restou da experiência traumática, do *objeto a*, cuja perda, ironicamente, torna-se norteadora do desejo e dele liga-se à busca perversa/psicopática, sempre recorrente/repetitiva, para reencontrar essa experiência de gozo perdida. Quando Lacan (1972-1973/1985), no seminário *Mais, ainda*⁶⁸⁰ discorre que no feminino o que se tem é um *Gozo Outro*, um *gozo suplementar*, está indicando uma vivência que transcende à lógica fálica, de caráter enigmático e, por não estar submetido à castração, situa-se em uma dimensão não só de difícil simbolização, mas que se configura numa conjuntura de êxtase ou de dor que o masculino dificilmente experiencia no gozo fálico. O que esse *Gozo Outro* que alimenta as ações da protagonista de “Pescoço de frango” nos diz sobre o desejo perverso feminino? Seja pela falta de códigos fornecidos pela narrativa, seja pela própria opacidade do desejo feminino, é irremissível que não tenhamos uma resposta peremptória para essa questão, assim como a própria teoria psicanalítica ainda não encontrou, o que não nos impede de, num gesto próprio da mente irrequieta de todo pesquisador, ponderar que, tal como ocorre com todo perverso, seja homem ou mulher, há uma relação com o outro, com a lei, com a cultura em que o seus alvos, tomados como fetiches, e por isso mesmo símbolos de sua onipotência, são elencados à condição de devedores da sua necessidade de *gozo*, e, diante da sua posição de restituidor da dívida, portanto de vítima, por conseguinte, o único meio e fim que poderia operar diante daqueles que lhe devem é a agressividade, a violência e a destruição.

⁶⁸⁰ LACAN, Jacques (1972-1973). *O seminário, Livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qualquer tentativa de organizar uma história da perversão feminina é, decerto, uma tarefa inerentemente desafiadora, para não dizer impossível, haja vista estar permeada por complexidades teóricas, históricas e sociais, razão pela qual, ainda hoje, não há consenso sobre uma abordagem que a contemple. Elisabeth Roudinesco, com sua obra *A parte obscura de nós mesmos*, é reconhecida como a historiadora e psicanalista que mais se aproximou de desenvolver uma história da perversão. A repercussão de seu livro entre os pesquisadores do tema atesta sua relevância, mas é patente que a obra oferece "apenas" um pequeno recorte dentro do vasto horizonte das manifestações desviantes, como fica evidente ao considerarmos que o estudo se restringe ao contexto histórico ocidental, o que já demonstra quão limitados são os trabalhos dedicados a essa empreitada. Essa puerícia é ainda mais inequívoca quando o foco recai sobre a perversão feminina, já que a própria Roudinesco parece ter optado por seguir a visão canônica que atrela a perversão aos homens, o que em nada caracteriza um demérito à sua pesquisa, até porque, como este trabalho testifica, pensar uma história da perversão constitui um árduo desafio, construir um arranjo sobre a perversão feminina torna-se substancialmente mais complexo.

Por outro lado, Shelley Klein desenvolveu um trabalho interessante em *As mulheres mais perversas da história*, onde volta sua atenção para os desmedidos femininos, retratando mulheres que marcaram a história pelo potencial de perversidade dos seus atos, servindo como testemunhos de que, diferente do que ainda se pense, elas são capazes de empreender ações tão destrutivas quando os homens, e, certamente, causam ainda mais horror à sociedade, dada a perturbação que provocam na imagem de passividade que se construiu em torno das mulheres. Ressalta-se, todavia, o caráter puramente descritivo dos eventos associados a essas mulheres na obra de Klein, pois a autora não se aprofunda — e talvez nem pudesse — na esfera da interpretação dos fenômenos psíquicos que poderiam estar associados a esses crimes.

É preciso reconhecer que, ao longo da história, as áreas do conhecimento que se dedicaram ao estudo da sexualidade feminina estiveram majoritariamente ancoradas em uma visão tradicionalista e patriarcal. Essa perspectiva contribuiu para a formação de um entendimento limitado sobre a já complexa psique feminina, resultando na pouca atenção dada às suas manifestações desviantes. Consequentemente, a perversão foi tradicionalmente associada à figura masculina, criando um vácuo e inúmeros obstáculos para mapear e

compreender suas expressões no universo feminino. Por estarem socialmente confinadas a papéis sociais específicos — idealizadas como seres puros, passivos e focados na maternidade e no lar —, praticamente qualquer desvio desses emblemas era interpretado como adoecimento, seja na forma de histeria, loucura ou simplesmente descrito como imoralidade, em vez de se buscar compreender como a plasticidade subjetiva feminina permite que as mulheres operem sob uma estrutura psíquica tão complexa quanto a perversa. Essa visão limitada dificultou o reconhecimento e a teorização da perversão em mulheres, levando-as a muitas vezes disfarçar ou reprimir comportamentos e desejos considerados "perversos" para se encaixarem nas expectativas sociais.

Com isso em mente, buscamos apresentar um novo recorte historiográfico para, ainda que modestamente, contribuir com a ampliação dos materiais sobre o estudo das perversões femininas. Ao nosso modo, optamos por buscar nas representações mitológicas e literárias um viés, quem sabe, original para adicionar ao bojo que já contém recortes focados propriamente na historicidade, nos aspectos criminais e/ou psicanalíticos. Ao mencionar personagens como Medeia, Aracne, Lilith, as bruxas dos contos infantis, Joana D'Arc, Branca Dias entre outras, tencionamos fazer desse contorno documental, mitológico e literário um testigo de que, apesar de pouco estudadas no sentido subjetivo, as mulheres que ousaram desejar e atuar em desacordo com as prescrições e prerrogativas a elas importas sempre estiveram presentes em nossa história, mesmo que na condição de bodes-expiatórios, seja para promover a manutenção da imagem passiva que se atribui à maioria das mulheres no contexto social, seja para expressar a necessidade da regulação masculina no que diz respeito a qualquer movimento feminino no intuito de perverter os cerceamentos do desejo impostos pelo processo civilizatório, o que demonstra, entre outras coisas, como mulheres que escolheram (ou não) se rebelar e vivenciar a sua necessidade de gozo provocam uma angústia íntima nas bases masculinas e patriarcais da sociedade.

Em uma correspondência dirigida à sua analisanda, aprendiz e amiga Marie Bonaparte, Freud expressou uma de suas maiores inquietações e frustrações como pesquisador: "A grande pergunta que não foi nunca respondida e que eu não fui capaz ainda de responder, apesar de meus trinta anos de pesquisa sobre a alma feminina é: O que quer uma mulher?"⁶⁸¹. Essa célebre interrogação freudiana transcendeu o contexto de sua época e se tornou um marco na teoria psicanalítica, funcionando como balizadora das tentativas de

⁶⁸¹ BERTIN, Célia. *A última Bonaparte*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 250.

compreender a complexa relação da mulher com sua sexualidade e seu desejo. Mesmo hoje, quase cem anos após ter sido escrita na carta endereçada à Marie Bonaparte, ela permanece sem uma resposta definitiva, ecoando entre psicanalistas, filósofos e estudiosos de diversas áreas do saber como um desafio que continua a intrigar. Em muitos aspectos, a formulação freudiana parece não apenas evidenciar a dificuldade inerente ao tema, mas também funcionar como um convite para a reflexão contínua — um reconhecimento implícito de que tentar encapsular o desejo feminino em explicações absolutas pode ser uma tarefa destinada ao fracasso.

Curiosamente, é possível interpretar a interrogação de Freud como mais do que uma simples dúvida científica: ela poderia ser vista como uma pergunta retórica, sugerindo que o "não saber" sobre o desejo feminino talvez seja a sua maior contribuição à psicanálise. Afinal, essa ausência de resposta não só abre espaço para debate e pesquisa, como também enfatiza a singularidade e a complexidade do feminino, características que resistem a qualquer tentativa de uniformização. Essa abordagem não só reforça a profundidade do questionamento freudiano, como também sublinha o papel essencial da psicanálise em explorar e admitir as zonas de mistério e ambiguidade no humano. A pergunta "O que quer uma mulher?" permanece, assim, um ponto de partida fecundo para investigações que ultrapassam os limites do pioneirismo psicanalítico freudiano, permitindo que se explorem perspectivas culturais, sociais, históricas e até mesmo literárias, conforme demonstramos neste trabalho doutoral. Este legado freudiano continua a alimentar reflexões contemporâneas, consolidando-se como um horizonte desafiador e inesgotável para todos que se dedicam a entender o feminino em sua multiplicidade de formas.

Desse ponto de vista, ariscamo-nos a dizer que Freud não apenas mostrou reconhecer que possuía recursos limitados para dar conta dessa demanda, sobretudo naquele período, assim como se mostrou preciso ao não pluralizar o termo mulheres na sua interrogação, o que principia o único entendimento que parece encontrar linhas mais demarcadas quanto ao estudo sobre o desejo feminino no horizonte psicanalítico hodierno, o de que, diferente dos homens, em cuja sexualidade é possível observar configurações pariformes, embora seja possível encontrar certos signos análogos, a sexualidade feminina (ainda?) não é passível de compreensões coletivizadas, porque aquilo que no masculino serve como esteio para a formulação e solidificação subjetiva, não se aplica para uma possível coletivização interpretativa das exigências do desejo feminino. Mesmo diante das suas limitações enquanto homem (e do seu tempo), é terminante reconhecer em Freud, mesmo que nos derradeiros anos

da sua vida, uma pertinácia em direção à testificação de que a sexualidade feminina não se resumia à via materna, como defendeu durante grande parte do seu percurso psicanalítico, apontando para algo além que não caberia mais a ele lançar luz, e sim aos seus sucessores.

É um fato axiomático que Freud não se aprofundou teórica e clinicamente no estudo da arquitetura perversa. Suas contribuições visavam mais a observação da dinâmica traumática que serve como baldrame psíquico para a manifestação perversa, do que no oferecimento de modelos clínicos específicos, como fizeram seus predecessores, o que se torna ainda mais cingido quando relacionado à perversão feminina. No entanto, uma leitura mais ampla dos postulados freudianos revela preceitos que podem auxiliar aqueles que se dedicam ao estudo da subjetividade perversa feminina, desde que haja um dedicado esforço investigativo. Em suas últimas observações sobre a sexualidade feminina, que em maior ou menor grau também contemplam a sexualidade em seu escopo perverso, Freud foi honesto ao reconhecer que seus acréscimos teóricos não poderiam dar conta de um horizonte tão nebuloso, até porque, assegura o autor, “a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher — seria esta uma tarefa difícil de cumprir —, mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança”⁶⁸², e, por fim, outorga aos interessados, assim como nós, a seguinte tarefa: “Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes”⁶⁸³.

Nesse sentido, é digno de nota que, mesmo que possua uma extensão diminuta dentro da literatura psicanalítica freudiana, grande parte das suas formulações em torno da viabilidade da inscrição feminina na perversão conseguiram passar pela prova do tempo e permanecem servindo como baldrame para os debates atuais, não apenas por parte daqueles que são alinhados aos seus posicionamentos teórico-analíticos, mas também dos seus críticos, os quais reconhecem no vanguardismo teórico freudiano os dados vitais para quaisquer avanços sobre o tema da perversão feminina. Isso posto, é compulsório sublinhar que algumas das suas ideias sobre a sexualidade feminina e, por consequência, da perversão feminina, carecem de ser criticamente reavaliadas em virtude das novas informações decorrentes de uma variada gama de fontes, inclusive na observação direta das crianças no contemporâneo.

⁶⁸² Freud, 1933/1976, p. 144.

⁶⁸³ *Ibidem*, p. 165.

Por sua vez, Jacques Lacan, em sua (re)leitura das postulações freudianas, forneceu um importante prisma para a tentativa de compreensão do laborioso esquema de sustentação psíquica na perversão feminina. O psicanalista francês optou por um caminho interpretativo em que desassociou o fundamento freudiano sobre a distinção entre os sexos em relação à diferença anatômica, sugerindo que o adentramento dos sujeitos na lógica perversa não se dá exclusivamente como resultado da constatação do esquema ter ou não ter o *falo*/pênis, mas como o produto de um discurso sexual, das relações de identificação e das posições subjetivas decorrentes. Em outras palavras, Lacan, embora reconheça a importância do *falo* como organizador psíquico, já que a própria noção de gozo está inscrita na dinâmica fálica, também pondera que enquanto a posição masculina está, de fato, balizada por essa conjuntura, a posição feminina, sobretudo na perversão, não obedece aos mesmos princípios edípicos e fálicos, sendo regida por algo mais além, um *gozo* não fálico, que o psicanalista francês denomina de suplementar, deslocando o entendimento da perversão feminina para uma resposta à falta de um atributo para outro, no qual não se trata mais de uma ausência, e sim de algo sobre o desejo não acessível ao saber instituído pela organização fálica.

De modo a tentar complementar as elaborações freudianas e lacanianas, que, ainda hoje, constituem o centro das discussões sobre a perversão feminina, realizamos um trabalho de revisão da literatura psicanalítica contemporânea, no qual foi de fácil constatação que a temática ainda carece de atenção e aprofundamento. Todavia, nosso trabalho de revisão de literatura alcançou alguns nomes que acreditamos serem fundamentais ao debate no passadiço entre as perspectivas iniciais e as colocadas pelos estudos hodiernos. Dentre eles, Karen Horney (1933), uma das principais críticas e revisoras das ideias de Freud, particularmente no que tange à psicologia e à sexualidade feminina. Embora ela não tenha desenvolvido uma teoria específica da perversão feminina como um diagnóstico distinto, muito provavelmente pelas mesmas limitações diacrônicas enfrentadas pelo fundador da psicanálise, suas contribuições foram fundamentais para reavaliar a compreensão das patologias femininas e, por extensão, de comportamentos que poderiam ser vistos como perversos a partir de uma ótica psicanalítica mais ortodoxa.

Harriet Lerner (1982), partidária das críticas de Horney, colaborou para a discussão na medida em que nos ofereceu uma lente crítica e feminista para entender como dinâmicas de poder, gênero e relacionamento podem levar a comportamentos disfuncionais ou destrutivos em mulheres. O que nos permitiu enxergar como os estudiosos contemporâneos, mais alinhados, mas não exclusivamente, à crítica feminista oportunizam uma perspectiva antitética

às teorias psicanalíticas tradicionais, as quais, conforme nos orienta, podem direcionar as mulheres a se conformarem com as noções sobre a feminilidade definidas por homens, por conseguinte, desencorajando-as no que concerne a uma insurreição contra as imagens e prescrições impostas às mulheres no decurso da história, o que implica o risco de reiterar discursos em que a rebelião feminina é interpretada como patológica.

Wladimir Granoff e François Perrier (1991), psicanalistas que desenvolvem seus entendimentos em consonância com Lacan, situam a perversão não como um desvio de comportamento ou uma preferência sexual específica, mas como uma estrutura psíquica fundamental. Isso significa que a perversão é uma forma particular de o sujeito se relacionar com o desejo, a Lei e a falta, e não apenas uma lista de atos "perversos" pré-definidos. Dessa forma, ajudaram-nos a compreender como a discussão não deve girar em torno da busca de um tipo específico de "perversão", o qual denominaríamos de feminino, mas de entender como a mulher, enquanto sujeito de desejo, pode se posicionar na estrutura perversa. A sexualidade feminina, sublinham os autores, devido à sua complexidade e por escapar a uma "fórmula" universal, permanece ainda "misteriosa" em sua essência, o que nos permite espaço para compreensões diferenciadas da perversão em mulheres.

Janine Chasseguet-Smirgel (1991), com o seu *Ética e estética da perversão*, tornou-se fundamental em nossa pesquisa. De interpretação mais alinhada à vertente kleiniana, a psicanalista francesa é uma das autoras contemporâneas a se dedicar à uma teoria psicanalítica da perversão, e suas contribuições, embora focadas na estrutura perversa em geral, oferecem alguns discernimentos específicos sobre como essa estrutura pode se manifestar na mulher, já que sua percepção sobre a perversão não estava centrada exclusivamente nos desígnios da claudicância edípica, mas em uma configuração em que a perversão, para ambos os sexos, comportaria uma diligência subjetiva na direção de restaurar a relação fusional com o objeto primário, a partir do qual negaria a diferença entre os sexos e a castração, entendimento cujas implicações alargam consideravelmente os meios de entrada da mulher no cenário perverso, já que poderia manifestar-se perversamente desde uma "falsa" negação de sua própria alteridade sexual até na tentativa de se fundir ao objeto (parcial) de desejo, com vistas a abolir as diferenças. Suas ponderações refletem, categoricamente, alguns dos sintomas expressões nas representações ficcionais de Fernandes, sobretudo no que se refere ao movimento feminino em relação à fantasia de ser a "mulher perfeita" ou a "mãe completa", a qual tudo provê e nada falta; uma ilusão que pode conduzir a inúmeros cenários trágicos, manifestando-se sob a

forma de atuações perversas quando essa fantasia abalroa com a realidade da falta e da castração.

Esses pesquisadores, conjuntamente a outros como Parveen Adams (1997), Martin-Mattera (2014), Jean-Pierre Caillot (2022) entre outros, que tanto divergem como endossam os argumentos de Freud e Lacan, revelam-nos tanto um quadro de possibilidades como as dificuldades de se encontrar quaisquer indícios de unanimidade acerca do tema e o espinhoso labor a ser exercido ao trazê-la ao campo do debate acadêmico. Todavia, congregando as formulações apresentadas por esses notáveis pesquisadores e alinhando-as aos imprescindíveis subsídios que decorrem do questionamento “O que quer uma mulher?”, propomo-nos a contribuir, mesmo que modestamente, para o intento de demonstrar a importância de oferecer um espaço de referência ao debate sobre as figuras femininas perversas, cujos modelos de atuação foram tão bem representados na composição de certas personagens femininas de Rinaldo de Fernandes.

Integrante do realismo contemporâneo brasileiro, a literatura de Rinaldo de Fernandes é constitutivamente marcada por uma linguagem que vislumbra a tensão particular e coletiva que assinala o itinerário do ser humano na sociedade. Em suas narrativas, observa-se, sobretudo, o dilema inerente à entrada do sujeito no corpo social, sempre conflituoso, circunscrito pelo embate entre as necessidades pulsionais do id — próprias daquilo que nos aproxima e/ou nos identifica enquanto partícipes da animália — e os interditos impostos pela sociedade — marcados, mormente, pelas leis estabelecidas pelo Estado, pelas convenções e tradições concernentes à cada sociedade, pela impossibilidade de completude no encontro com o outro, pelas inúmeras desigualdades que atuam, concomitantemente, como emblema e ferrugem disso que conhecemos como cultura. Nos vastos alfarrábios literários de Fernandes, ele se destaca por uma abordagem notável das personagens femininas, as quais, longe de serem meras coadjuvantes para as manifestações de ódio, agressividade e violência, elementos frequentemente atribuídos ao masculino, são apresentadas como protagonistas de suas próprias indignações, anseios, desejos, além de suscetíveis à promoção da barbárie que, por vezes, iguala ou até excede a dos personagens masculinos. Representações como as protagonistas de “Duas margens”, “Oferta” e “Pescoço de frango” não sugerem, todavia, que exista uma tendência feminina à violência, ao mal, mas servem em sua literatura, assim observamos, como uma potente metáfora das demandas psíquicas/do desejo que, ao longo da história das mulheres, foram negadas e/ou atribuídas a um dito misticismo pecaminoso do feminino, a uma propensão à loucura.

A partir da convergência de ângulos psicanalíticos que se dispõem a tratar da mulher no âmbito da perversão, buscamos demonstrar como as protagonistas — de fato ou elevadas à tal posição — que selecionamos na extensa ficção de Fernandes esboçam signos ilustrativos dos pleitos subjetivos femininos, com vistas não a elencá-las, enquanto espelhos da subjetividade feminina no real, como figuras abjetas, como personagens ignominiosas, e sim demonstrar como a dinâmica em que estão inscritas nas narrativas de Fernandes nos permite, pela mimese literária, vislumbrar a teatralização do desejo perverso feminino, vista neste trabalho a partir de uma ótica que tentou não privilegiar os contornos deletérios, mas examinar o possível sobre aquilo que dos seus funcionamentos se pode extrair do saber no tocante ao desejo perverso feminino.

Por consequência, estas análises servem também como um exercício de reflexão crucial: a subjetividade perversa, assim como qualquer outra forma de expressão psíquica (neurótica, psicótica), independentemente de nos tocar ou nos inquietar, sempre revela o que o psiquismo do sujeito, em sua busca por sustentação anímica, foi capaz de instituir. Nosso objetivo é que este trabalho possa contribuir para uma contínua e salubre interrogação sobre o desejo feminino em suas mais diversas conformações. Assim como os célebres pesquisadores cujos argumentos foram mencionados ao longo desta tese, não temos a pretensão de oferecer conclusões — afinal, tudo sobre o desejo, sobre o *gozo* é(são) preliminar(es) —, mas sim de promover a expansão do debate, posto que, na condição de pesquisadores (e, sobretudo, de homens), é nosso dever continuar a oportunizar leitura e escuta atentas às personagens, às mulheres e, por que não, a nós mesmos, para que possamos, nesse diálogo literário-humano-psicanalítico, talvez, não chegar a uma conclusão — o que julgamos ser impossível —, mas, quem sabe, a uma compreensão mais próxima e nuançada sobre a pergunta cruciforme que só pode ser feita no singular: "O que quer uma mulher (perversa)?"

Não obstante, se nos for permitida tamanha audácia, podemos finalizar este texto doutoral com a afirmação de que, do nosso ponto de vista, parece haver poucas dúvidas, após a conclusão deste trabalho, de que a mulher perversa existe, que não está entranhada, em desejo, ao desejo masculino, e de que sua subjetividade desviante não se manifesta à sombra da do homem. Por fim, o que as personagens da literatura de Rinaldo de Fernandes nos contam/revelam livremente, em leitura e escuta atentas, é que, como representações miméticas das muitas faces da sexualidade feminina, incluindo a perversa, elas desejam.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Parveen. A servidão feminina. In: BRENNAN, Teresa (Org.). *Para além do fato: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher*. Tradução de Alice Xavier. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, pp. 333-358.

AGUIAR, Cristhiano Motta. Perfume de Roberta. In: FERNANDES, Rinaldo de (Org.). *Contos Reunidos*. 1. ed. Barueri: Novo Século, 2016. p. 296-299.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ALMEIDA, Ademária Sales Oliveira. *A personagem Rita: uma leitura da representação feminina no romance Rita no Pomar de Rinaldo de Fernandes*. 2014. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2014. Disponível em: <https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/28565>. Acesso em: 25 mar. 2025.

ALMEIDA, Nilton Melo. *Cristãos-novos, seus descendentes e Inquisição no Ceará*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2021.

ALMEIDA, Rossana Tavares de. *A violência nos contos A Magia dos Excessos e O perfume de Roberta*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, João Pessoa, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/4435>. Acesso em: 25 mar. 2025.

ALTENHOFEN, Maiara Cristina. *Manuais Inquisitoriais: A Bruxa vista sob a ótica do Malleus Maleficarum e Directorium Inquisitorum (Séculos XIV a XVI)*. 2017. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC, 2017. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1700/1/ALTENHOFEN.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2023.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-V)*. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento et al. 5 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014.

AMÉRICO, Anna Carolyn Franco; BELMIRO, Celia Abicalil. A representação da personagem bruxa nos livros de literatura infantil contemporâneos. In: XII JOGO DO LIVRO E II SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO: PALAVRAS EM DERIVA. *Anais...* Belo Horizonte: FaE/UFGM, 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/mrx7vxdt>. Acesso em: 28 dez. 2023.

ANDRADE, Marta Mega de. Palavra de Mulher: sobre a “voz das mulheres” e a história grega antiga. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 40, n. 84, pp. 119-140, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472020v40n84-06>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbh/a/TwrQKFVXpjhNcpqsrWwnTTC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 out. 2023.

ANDRADE, Paulo; TANNUS, Lara. Joana d'Arc é executada pela Igreja Católica. *Hoje na História*. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/638>. Acesso em: 30 nov. 2023.

ANDRADE, Tereza. Comentário crítico sobre O perfume de Roberta. In: FERNANDES, Rinaldo. *O perfume de Roberta*: Rio de Janeiro, Garamond, 2005, p. 174.

ARISTÓTELES. *A Política*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução e notas de Ana Maria Valente. 3 ed. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

AROUCA, Sergio. *O dilema preventivista*: contribuição para a compreensão e crítica da medicina preventiva. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Origem, fundação e missão da Igreja*: O mistério da igreja. s.d. Disponível em: https://arquisp.org.br/sites/default/files/arquivos/regiao-lapa/estudo_catecismo_40_tema_758-780.pdf. Acesso em: 7 nov. 2023.

ARRUDA, José Jobson de Andrade; PILETTI, Nelson. *Toda a História*. História Geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 1999

ASSIS, Luciara Lourdes Silva de. Personagens judeus: O Santo Inquerito, de Dias Gomes, e Sobre os rios que vão, de Maria José de Queiróz. *Revista Estudos Judaicos Brasil*, Belo Horizonte, 2007.

AULAGNIER, Piera. Angústia e identificação. *Percurso*, São Paulo, v. 8, n. 14, pp. 5-14, 1995. Disponível em: <https://percurso.openjournalsolutions.com.br/index.php/ojs/article/view/496/518>. Acesso em: 13 abr. 2025.

AULAGNIER-SPAIRANI, Pietra. Observações sobre a feminidade e suas transformações. In: CLAVREUL, Jean (Org.). *O desejo e a perversão*. Campinas-SP: Papirus, 1990, pp. 67-111.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado*: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBOSA, Rayana Melo. *As personagens femininas na ficção contemporânea*: as mulheres no romance Romeu na Estrada, de Rinaldo de Fernandes. 2018. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2018. Disponível em: <https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/28685>. Acesso em: 27 mar. 2025.

BARROS, José D'Assunção. Heresias entre os séculos XI e XV: uma revisitação das fontes e da discussão historiográfica – notas de leitura. *ARQUIPÉLAGO • HISTÓRIA*, 2ª série, XI -

XII, pp. 125-162, 2008. Disponível em:

https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/626/1/JoseAssuncaoBarros_p125-162.pdf. Acesso em: 15 nov. 2023.

BARROS, Rita Maria Manso de; MENDONÇA, Ligia Gama e Silva Furtado de. Mulher Perversa? *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 16, n. 2, pp. 218-231, jun. 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/WfhJfznvfhynTxNbbDnjSMM/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: do ano 1000 à colonização da América*. Tradução Marcelo Rede; prefácio Jacques Le Goff. São Paulo: Editora Globo, 2006.

BATISTA, Maria Luiza Teixeira. 100 anos de amor, locura e muerte. In: RIBEIRO, Bruno; SHIRUKAYA, Wander (orgs.). *Cem anos de amor, loucura e morte*. Belo Horizonte: Editora Moinhos, 2017.

BELLEMIN-NOËL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nittrini. São Paulo: Cultrix, 1978.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

BERTIN, Célia. *A última Bonaparte*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

BLEICHMAR, Hugo. *Introdução ao estudo das perversões: a teoria do Édipo em Freud e Lacan*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BOFF, Leonardo. *Introdução do Manual dos Inquisidores*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

BORGES, Jorge Luis. Prólogo. In: CASARES, Adolfo Bioy. *A invenção de Morel*. Tradução de Vera Neves Pedrosa. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, pp. 7-10.

BOSI, Alfredo. As fronteiras da literatura. In: AGUIAR, Flávio (Org.); MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.); VASCONCELOS, Sandra T. (Org.). *Gêneros de fronteira*. São Paulo: Xamã, 1997.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega*. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, v. II, 1997.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *Literatura e psicanálise*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1996.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: Histórias de deuses e heróis*. Tradução de David Jardim Júnior. 26 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CAILLOT, Jean-Pierre. A Inveja e a Perversão. In: PRADO, Maria do Carmo Cintra de Almeida (Org.). *Perversão Narcísica: incesto, assassinato e seus equivalentes*. Belo Horizonte: Artesã, 2022, pp. 177-183.

CALLIGARIS, Contardo. *Perversão: um laço social?* Salvador: Cooperativa Cultural Jacques Lacan, 1986.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. *Argumento*. São Paulo: Paz e Terra, n. 1, 1973.

CARDOSO, Ronnie Francisco. Por uma estética da perversão. In: *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações e Convergências*. USP. São Paulo, 2008. Disponível em: https://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/010/RONNIE_CARDOSO.pdf. Acesso em: 21 mai. 2023.

CARVALHO, Gilzi Franco e Lima. *Perversão no Feminino: do Desejo Neurótico ao Gozo Perverso*. 2013. 115 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia Pontifícia, Goiânia, 2013. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/1815/1/Gilzi%20Franco%20e%20Lima%20Carvalho.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2024.

CARVALHO, Priscila dal Molin; FULGENCIO, Leopoldo. O caso do Homem Dos Lobos: um estudo psicanalítico sobre as interpretações pós-Freud. In: XVII ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. *Anais [...]*. Campinas-SP: Puc Campinas, 2012, pp. 1-5. Disponível em: https://www.puc-campinas.edu.br/websist/Rep/Sic08/Resumo/2012821_18318_323823635_resris.pdf. Acesso em: 3 mar. 2024.

CASHDAN, Sheldon. *Os 7 pecados capitais nos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

CASTELLO, José. Comentário crítico sobre O perfume de Roberta. In: FERNANDES, Rinaldo. *O perfume de Roberta*: Rio de Janeiro, Garamond, 2005, p. 173-174.

CASTRO, Larissa Lis Verlindo. *Literatura e mito em A Rainha do Ignoto, de Emília Freitas*. 2023. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/10798>. Acesso em: 23 jun. 2024.

CASTRO, Valdiney Valente Lobato de. Em cena: a Bruxa, a diva dos contos de fadas. In: ROCHA, Denise (Org.). *Matizes da Literatura Contemporânea*. Ponta Grossa: Editora Atena, 2021.

CATÃO, Inês. A transgeracionalidade do significante. *Revista da Escola Letra Freudiana*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 33, pp. 49-54. Disponível em:

<https://escolaletrafreudiana.com.br/produto/rev-33-o-corpo-do-outro-e-a-crianca/>. Acesso em: 3 abr. 2025.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.

CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine. *Ética e estética da perversão*. Tradução de Vera Jacques. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

CHIOVATTO, Ana Carolina Lazzari. *A consolidação do estereótipo da bruxa e sua ressignificação na contemporaneidade: nuances de uma alteridade disforizada*. 2022. 310 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Modernas, São Paulo, 2022. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-04102022-160656/publico/2022_AnaCarolinaLazzariChiovatto_VCorr.pdf. Acesso em: 19 nov. 2023.

CLAVREUL, Jean. O casal perverso. In: CLAVREUL, Jean et al. *O desejo e a perversão*. Campinas-SP: Papirus, 1990, pp. 113-155.

COELHO, Marcelo. Literatura da Violência. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 de abr. de 2011.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos*. São Paulo: DCL, 2003.

COITINHO, Denis. Virtudes, Caráter e Responsabilidade. *Dissertatio*, v. 39, pp. 121-142, 2014. Disponível em: <https://periodicos-old.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/dissertatio/article/view/8583/5602>. Acesso em: 7 nov. 2023.

COLLING, Ana Maria. O corpo que os gregos inventaram. In: STREY, Marlene Neves (Org.); CABELA, Sonia T. Lisboa (Org.). *Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, pp. 49-64. (Coleção Gênero e Contemporaneidade, 3)

COSTA, Ana; BONFIM, Flávia. Um percurso sobre o falo na psicanálise: primazia, querela, significante e objeto a*. *Ágora (Rio de Janeiro)*, v. 17, n. 2, pp. 229-245, jul./dez 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/gpzcvrZkmPnjzNHCpFVNJ3w/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 jun. 2024.

COSTA, Lorenzo. The Argo. *The Yorck Project*. 2002. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Lorenzo_Costa_001.jpg. Acesso em: 23 nov. 2023.

COUTO, Luis Flávio Silva. Uma classificação dos sentidos do termo gozo em Freud. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 11, n. 2, pp. 179-190, mai. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/Fpdqd4vSCV4hsRxykn6LSRc/#>. Acesso em: 1 mai. 2024.

CUNHA, Eduardo Leal. Sexualidade e perversão entre o homossexual e o transgênero: notas sobre psicanálise e teoria Queer. *Rev. Epos* [online], Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, dez. 2013.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2013000200004. Acesso em: 12 jun. 2024.

DELACROIX, Eugène Ferdinand Victor. *Medea about to Murder Her Children*. Louvre Museum, Paris. 1862 p. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/image/16886/medea-about-to-murder-her-children/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

DELEUZE, Gilles. *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

DIAS, Elsa Oliveira. Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 2, n. 1, pp. 9-48, jun. 2000. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302000000100001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 mai. 2023.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA MITOLOGIA GREGA (DEMGOL). [S. L.]: ISPSN, 2013. Disponível em: https://www.ispsn.org/sites/default/files/documentos-virtuais/pdf/dicionario_mitologico_grego.pdf. Acesso em: 23 mar. 2023.

DRUMOND, Greice. A phyxanoria das Danaides em *Suplicantes* de Ésquilo. *CALÍOPE: Presença Clássica*, Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Departamento de Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro: 7Letras, v. 23, pp. 47-61, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/caliope/issue/view/1500>. Acesso: 11 abr. 2023.

DÖR, Joel. *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1991a.

DÖR, Joel. *Estrutura e perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991b.

ELIADE, Mircea. *História das Ideias e Crenças Religiosas*. Porto: RÉS-Editora, 1988. v.1.

EURÍPIDES. *Teatro completo*. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Editora 34, 2022, v. 1.

FALBEL, Nachman. As heresias dos séculos XII e XIII. *Revista de História*, v. 38, n. 78, pp. 325-352, 1969. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/128786>. Acesso em: 11 nov. 2023.

FALBEL, Nachman. *Heresias medievais*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

FALCONI, Isabela Mendes; FARAGO, Alessandra Corrêa. Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro-SP, v. 2, n. 1, pp. 85-111, 2015. Disponível em: <https://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200330.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2023.

FALEIROS, Eva Teresinha Silveira. *Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e de adolescentes*. Brasília: Thesaurus, 2000.

FARIAS, Sônia Lúcia Ramalho de. Voz e representação da mulher na escrita masculina. In: FERNANDES, Rinaldo de. *O perfume de Roberta*. 1 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, pp. 179-183.

FARIAS, Sônia L. Ramalho de. Reescritura de Guimarães Rosa por Ronaldo de Fernandes: entre "A hora e vez de Augusto Matraga" e Grande sertão: veredas. *Revista Cerrados*, [S. l.], v. 14, n. 20, p. 147–157, 2014, p. 147. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/1201>. Acesso em: 21 ago. 2025.

FARIAS, Sônia L. Ramalho de. Entre o romance e o conto: laços de família e violência em Rinaldo de Fernandes. In: FERNANDES, Rinaldo de. *Eu não quis te ferir*. 1 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2022, pp. 115-122.

FEITOSA, Márcia Manir Miguel. “O Caçador”, de Rinaldo de Fernandes: o viver o jogo e a experiência urbana da ocupação. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 1, n. 34, pp. 39-48, jan./jun. 2015. DOI: 10.36517/2525-3468.rdl.v1i34.2015.2403. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2403>. Acesso em: 23 mar. 2025.

FELSKI, Rita. *O Gênero da Modernidade*. Tradução de Maria Lúcia Santaella Braga. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

FERGUSON, Sinclair Buchanan; WRIGHT, David F. *Novo dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009.

FERNANDES, Paulo Kussy Correia. *Anatomia do Centauro: um ser hipotético*. 2014. 121 f. Dissertação (Mestrado em Anatomia Artística) - Universidade de Lisboa, Lisboa. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/15922>. Acesso em: 5 out. 2023.

FERNANDES, Rinaldo de. *O Caçador*. 1 ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1997.

FERNANDES, Rinaldo de (Org.). *O clarim e a oração: cem anos de Os sertões*. 1 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

FERNANDES, Rinaldo de (Org.). *Chico Buarque do Brasil: textos sobre as canções, o teatro e a ficção de um artista brasileiro*. 1 ed. Rio de Janeiro: Garamond/Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

FERNANDES, Rinaldo de. *O perfume de Roberta*. 1 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FERNANDES, Rinaldo de (Org.). *Contos cruéis: as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea*. 1 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2006.

FERNANDES, Rinaldo de (Org.). *Quartas histórias: contos baseados em narrativas de Guimarães Rosa*. 1 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

FERNANDES, Rinaldo de. *Rita no pomar*. 1 ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

FERNANDES, Rinaldo de (Org.). *Capitu mandou flores: contos para Machado de Assis nos cem anos de sua morte*. 1 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2008.

FERNANDES, Rinaldo. O escritor e a condição feminina. *Rascunho*, Curitiba, ano 9, n. 108, p. 6, out. 2009. Disponível em: https://rascunho.com.br/wp-content/uploads/2023/12/Book_Rascunho_108.pdf. Acesso em: 21 ago. 2025.

FERNANDES, Rinaldo de. *O Professor de Piano*. 1 ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

FERNANDES, Rinaldo de. *Confidências de um amante quase idiota*. 1 ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

FERNANDES, Rinaldo de. *Vargas Llosa - Um Prêmio Nobel Em Canudos: Ensaio de Literatura Brasileira e Hispano-americana*. 1 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

FERNANDES, Rinaldo de (Org.). *50 versões de amor e prazer*. 1 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2012.

FERNANDES, Rinaldo de (Org.). *Chico Buarque: o poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos – ensaios sobre a mulher, o pobre e a repressão militar nas canções de Chico*. 1 ed. São Paulo: LeYa, 2013.

FERNANDES, Rinaldo de. *Romeu na estrada*. 1 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

FERNANDES, Rinaldo de. *Contos Reunidos*. 1 ed. Rio de Janeiro: Novo Século, 2016. (Talentos da Literatura Brasileira).

FERNANDES, Rinaldo. Preparar antologias não é só juntar textos... *Paraíba Criativa*, João Pessoa, 22 dez. 2016. Disponível em: <https://paraibacriativa.com.br/artista/rinaldo-de-fernandes>. Acesso em: 21 ago. 2025.

FERNANDES, Rinaldo de. *Rita no pomar*. 1 ed. Barueri: Novo Século, 2017.

FERNANDES, Rinaldo de. *A Paixão Mortal de Paulo*. 1 ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2020.

FERNANDES, Rinaldo de. *Eu não quis te ferir*. 1 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.

FERNANDES, Rinaldo de. *Eu sou Miguel dos Passos*. 1 ed. João Pessoa: DigitalPud, 2023.

FERNANDES, Rinaldo de. *A mulher que sequestrou Chico Buarque*. 1 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2024.

FERRARI, Ilka Franco. Agressividade e violência. *Revista Psicanálise Clínica*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 32, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pc/v18n2/a05v18n2.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2021.

FERRAZ, Flávio Carvalho. *Perversão*. 5 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. Tradução Araújo Nabuco. — São Paulo: Abril Cultural, 1981.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhaon Albuquerque. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A idade média, nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FRANGIOTTI, Roque. *História das heresias (século I a VII)*. São Paulo: Paulus, 1995.

FREUD, Sigmund (1893-1895). Estudos sobre a histeria. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 2.

FREUD, Sigmund (1894). As neuropsicoses de defesa. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 3, p. 57-82.

FREUD, Sigmund (1896). Carta 52. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 1, pp. 317-324.

FREUD, Sigmund (1897). Carta 75. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 1, pp. 361-366.

FREUD, Sigmund (1900). A Interpretação dos Sonhos. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 4.

FREUD, Sigmund ([1901] 1905). Fragmento da análise de um caso de histeria. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 7, pp. 5-119.

FREUD, Sigmund (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. 7, pp. 121-237.

FREUD, Sigmund (1907). Atos obsessivos e práticas religiosas. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 9, pp. 121-131.

FREUD, Sigmund (1907-1908). Escritores criativos e devaneio. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 9, pp. 149-158.

FREUD, Sigmund (1908a). Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 9, pp. 187-208.

FREUD, Sigmund (1908b). Sobre as teorias sexuais das crianças. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 9, pp. 213-228.

FREUD, Sigmund (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (O pequeno Hans). In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 10, pp. 15-154.

FREUD, Sigmund (1913). Totem e Tabu. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. 13, pp. 13-194.

FREUD, Sigmund (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 14, pp. 137-162.

FREUD, Sigmund (1916-1917). Conferências introdutórias sobre psicanálise (Parte III). In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 16, pp. 289-539.

FREUD, Sigmund (1918). História de uma Neurose Infantil. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. 17, pp. 13-153.

FREUD, Sigmund (1919). 'Uma criança é espancada': uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 17, pp. 225-253.

FREUD, Sigmund (1921). Psicologia de grupo e a análise do ego. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 18, pp. 91-179.

FREUD, Sigmund (1923a). O id e o ego. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19, p. 25-83.

FREUD, Sigmund (1923b). A organização genital infantil. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19, pp. 175-184.

FREUD, Sigmund (1924a). O problema econômico do masoquismo. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19, pp. 195-212.

FREUD, Sigmund (1924b). A dissolução do complexo de Édipo. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19, pp. 215-224.

FREUD, Sigmund ([1924] 1925). Um estudo autobiográfico. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 20, pp. 17-87.

FREUD, Sigmund (1927). Fetichismo. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 21, pp. 175-185.

FREUD, Sigmund (1930). O Mal-estar na Civilização. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 21, p. 81-171.

FREUD, Sigmund (1931). A sexualidade feminina. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 21, p. 255-279.

FREUD, Sigmund (1933). Feminilidade. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. 22, pp. 139-165.

FREUD, Sigmund (1933 [1932]). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 22.

FREUD, Sigmund ([1938] 1940). A divisão do ego no processo de defesa. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. 23, pp. 309-312.

GAMA, Gloria Maria Oliveira. *Escrita masculina/personagens femininas: os contos de Rinaldo de Fernandes*. 2012. 174 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Letras, João Pessoa, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6221>. Acesso em: 25 mar. 2025.

GEETS, Claude. *Melanie Klein*. Tradução de Fernando de Castro Ferro; revisão técnica de Amélia Thereza de Moura Vasconcelos. São Paulo: Melhoramentos, Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

GEVEHR, Daniel Luciano; SOUZA, Vera Lucia de. As Mulheres e a Igreja na Idade Média: misoginia, demonização e caça às bruxas. *Revista Acadêmica Licenciaturas*, Ivoti, v. 2, n. 1, pp. 113-121, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://ws2.institutoivoti.com.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/31/31>. Acesso em: 14 nov. 2023.

GOMES, Bárbara Lemos Corrêa. *Malleus Maleficarum*: a imagem da mulher no manual da caça às bruxas. 2017. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade de Brasília, Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas, Brasília, 2017. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/17906/1/2017_BarbaraLemosCorreaGomes_tcc.pdf. Acesso em: 16 nov. 2023.

GOMES, Cema Cardona. Psicopatia e agressividade em mulheres apenadas. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2010. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2905>. Acesso em: 05 mai. 2025.

GOMES, Antônio Maspoli de Araújo; ALMEIDA, Vanessa Ponstinnicoff de. O mito de Lilith e a integração do feminismo na sociedade contemporânea. *Revista Âncora*, [S. l.], v. 2, 22 p., jun. 2007. Disponível em: https://www.revistaancora.com.br/revista_2/01.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.

GOMES, Dias. *O Santo Inquérito*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

GOUVEIA, Arturo. Recriação de enredos: potência e ato. In: FERNANDES, Rinaldo de. *Contos Reunidos*. 1 ed. Barueri, SP: Novo Século, 2016, pp. 378-388. (Talentos da Literatura Brasileira).

GRANOFF, Wladimir; PERRIER, François. *Le désir et le féminin*: Paris. Éditions Aubier-Montaigne, 1979.

GREEN, André. *Narcisismo de Morte*. São Paulo: Editora Escuta, 1988.

GREENE, Liz; SHARMAN-BURKE, Juliet. *Uma Viagem através dos Mitos*: o significado dos mitos como um guia para a vida. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GRIECO, Sara. Corpo e sexualidade na Europa do Antigo Regime. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do Corpo*: da Renascença às Luzes. Rio de Janeiro: Vozes, 2009, pp. 217-301.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

GRIMBERG, Luís Paulo. *Jun*: o homem criativo. São Paulo: FTD, 2003.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Contos de fadas*: obra completa. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

GRUNER, Clóvis; SILVA, Evander Ruthieri S. da. História e Literatura: monstruosidades femininas, degenerescência e ansiedades modernas em *Drácula* (1897), de Bram Stoker. *História Unisinos*, v. 19, n. 2, pp. 183-193, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5798/579866786007.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2024.

HERÓDOTO. *História*. Tradução de J. Brito Broca. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 2006. (Recurso digital).

HERÓDOTO. *Los Nueve Libros de la Historia* - Tomo IV. [S. l.]: Domínio Público, 2013. Disponível: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bk000440.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2023.

HISGAIL, Fani. *Pedofilia: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Iluminuras, 2007.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

HORNEY, Karen (1933). A negação da vagina. In: HORNEY, Karen. *Psicologia feminina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991, pp. 145-158.

HUDSON, Denise. *A gente estancou de repente: fracasso e despersonalização em 11 romances da literatura brasileira do início do século XXI*. Curitiba: CRV, 2022.

HÉRACLES, Nesso e Dejanira. The Trustees of the The British Museum. Londres. Disponível em: <https://greeciantiga.org/arquivo.asp?num=0989>. Acesso em: 14 mar. 2023.

IZCOVICH, Luis. *A perversão e a psicanálise*. Tradução de Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Aller Editora, 2019.

JACOBY, Sissa. A bruxa no imaginário infantil: A última bruxa de Josué Guimarães. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 44, n. 4, pp. 86-91, 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/6549/4755>. Acesso em: 22 dez. 2023.

JOFFILY, Geraldo. Branca Dias, legendária vítima da Inquisição. *Revista de História*, São Paulo, v. 43, n. 87, pp. 221-224, 1971. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/130911>. Acesso em: 17 ago. 2025.

KLAPISCH-ZUBER, Christiane. Introdução. In: DUBY, Georges (Org.). PERROT, Michelle (Org.). *História das Mulheres no Ocidente: A Idade Média*. Tradução de Maria Helena da Cruz Coelho, Irene Maria Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilhermina Mota. Porto: Edições Afrontamento, v. 2, 1990, pp. 9-23.

KLEIN, Melanie (1952). *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

KLEIN, Melanie (1957). *Inveja e Gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KLEIN, Shelley. *As mulheres mais perversas da história*. Tradução Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2004.

KRAFFT-EBING, Richard von (1886). *Psychopathia Sexualis: as histórias de casos*. Tradução de Cláudia Berliner. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia Sexualis: Contrary Sexual Instinct; a medico legal study*. London: The F.A. Davis Company London: F.J. Rebman., Publishers, 1894.

Disponível em:

<https://dn790009.ca.archive.org/0/items/sexualinstinctcon00krafuoft/sexualinstinctcon00krafuoft.pdf>. Acesso em: 4 de mar. 2024.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O Martelo das Feiticeiras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2015.

LABADESSA, Vanessa Milani; ONOFRE, Mariangela Aloise. Abuso Sexual Infantil: Breve Histórico e Perspectivas na Defesa dos Direitos Humanos. *Revista Olhar Científico*, v. 1, n. 1, pp. 1-17, jan./jul. 2010. Disponível em: <https://institutochamaeleon.files.wordpress.com/2013/04/abuso-sexual-infantil.pdf>. Acesso em: 1 jan. 2024.

LACAN, Jacques (1948). A agressividade em psicanálise. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, pp. 104-126.

LACAN, Jacques (1948). Radiofonia. In: LACAN, Jacques. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp. 400-447.

LACAN, Jacques (1956-1957). *O seminário, livro 4: A relação de objeto*. Tradução de Dulce Duque Estrada e revisão de Angelina Harari. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, Jacques (1958-1959). *O seminário, livro 6: Desejo e sua Interpretação*. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2002.

LACAN, Jacques (1960). Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques (1966-1967). *A Lógica do Fantasma*. Tradução Amélia Lyra et al. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2008.

LACAN, Jacques (1968-1969). *O seminário, livro 16: De um Outro ao outro*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

LACAN, Jacques (1971). *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

LACAN, Jacques (1972-1973). *O seminário, Livro 20: Mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LANTERI-LAURA, Georges. *Leitura das perversões: história de sua apropriação médica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. 11 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LAROCCA, Liliana Müller; MARQUES, Vera Regina Beltrão. Higienizar, cuidar e civilizar: o discurso médico para a escola paranaense (1920-1937). *Interface – Comunicação, Saúde,*

Educação, v. 14, n. 35, pp. 753-766, out. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/VmMC6jZvfGRLtbvfNhPfpdg/>. Acesso em: 4 fev. 2024.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LEITE, Lourenço. *Do Simbólico ao Racional: Ensaios Sobre a Gênese da Mitologia Grega como Introdução à Filosofia*. Secretaria de Cultura da Bahia, 2001. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/3744/1/LIVRO%20DE%20MITO-2011-revisado%20e%20ampliado.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2023.

LEMAIRE, Ria. Song for a sleepless night: um imenso palimpsesto.... In: BROCHADO, Cláudia Costa (Org.); DEPLAGNE, Luciana Calado (Org.). *Vozes de mulheres da Idade Média*. João Pessoa: Editora UFPB, 2018, pp. 180-198.

LE MOS, Maria Alzira Brum (Org.); OLIVEIRA, Nelson de (Org.). *90-00: cuentos brasileños contemporáneos*. Lima: PetroPeru/Ediciones Cope, 2009.

LERNER, Harriet F. A má rotulação dos genitais femininos como determinante da inveja do pênis e das inibições de aprendizagem. In: BLUM, Harold P. *Psicologia feminina: uma visão psicanalítica contemporânea*. Tradução Helena Mascarenhas de Souza, Porto Alegre: Artes Médicas, 1982, pp. 190-200.

LESKY, Albin. *A tragédia grega*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LÉTOUBLON, Françoise. Femmes, tissage et mythologie. *I Quaderni del Ramo d'oro On-Line* – Periodico del Centro Interdipartimentale di Studi Antropologici sulla Cultura Antica, n. 3, pp. 18-36, 2010. Disponível em: http://www.qro.unisi.it/frontend/sites/default/files/Femmes_tissage_mythologie.pdf. Acesso em: 30 ago. 2023.

MÄDER, Maria Joana. Avaliação neuropsicológica: aspectos históricos e situação atual. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 16, n. 3, p. 12-18, 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/3HbDmGVsn6WbXFVgFNX3JpQ/?lang=pt>. Acesso em: 23 abr. 2024.

MAGNAN, Jacques-Joseph-Valentin. *Les dégénérés: (état mental et syndromes épisodiques)*. Paris: Rueff, 1895. Disponível em: <https://archive.org/details/b21926669/mode/2up>. Acesso em: 29 nov. 2023.

MAINKA, Peter Johann. A Bruxaria nos tempos modernos: Sintoma de crise na transição para a Modernidade. *Revista História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 37, pp. 111-142, 2002. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/viewFile/2705/2242>. Acesso em: 18 nov. 2023.

MARISSAL, Claudine. *Femmes & Hommes dans l'histoire - un passé commun: Antiquité et Moyen âge*. Namur: Labor Éducation, 2013.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. Instruir para fazer ciência e a medicina chegar ao povo no Setecentos. *Varia História*, v. 20, n. 32, pp. 171-183, jul. 2004. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/572cad5620c647e2e6e346d4/1462545754477/02_Marques%2C+Vera+Regina.pdf. Acesso em: 20 dez. 2024.

MARTIN-MATTERA, Patrick. Perversão nas mulheres ou perversão feminina. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 17, n. 3 (supl.), pp. 720-737, set. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/zTKdFNBzbvw8sktznBbmr8r/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 mai. 2024.

MARTÍNEZ, Viviana Carola Velasco; SOUZA, Ivy Semiguen Freitas de. O mito das Amazonas em cena: uma discussão psicanalítica sobre a feminilidade e o gênero. *Cadernos de psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 30, pp. 171-197. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952014000100010. Acesso em: 1 out. 2023.

MASSARA, Izabel Haddad Marques; PINTO, Jeferson Machado. Clérambault: o gozo feminino. *Psicologia USP*, v. 21, n. 3, pp. 585-598, jul. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/TSN6Mj7KbYtbvqQDThkk6hd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 fev. 2024.

MASSON, Jeffrey Moussaieff. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MATIOLI, Aline Spaciari; MARTINEZ, Viviana Carola Velasco. De Medeia à alienação parental: traduções trágicas para o excesso pulsional. *Tempo Psicanalítico*, v. 53, n. 2, pp. 164-193, 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v53n2/v53n2a07.pdf>. Acesso em: 29 out. 2023.

MCDUGALL, Joyce. *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicoanalítica da sexualidade humana*. Tradução de Pedro Henrique Bernardes Rondon. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MENDES, Fábio Marques. *Realismo e violência na literatura contemporânea: os contos de Famílias terrivelmente felizes*, de Marçal Aquino. 1 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/32yjm/pdf/mendes-9788579837005.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

MICHEL, Bernard. *Sacher-Masoch (1836-1895)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 17 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

MOREIRA, Luiz Fernando Ferreira. *O conto "O caçador": uma significação acionada pelo governo Collor*. 2019. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, PB, 2019. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/21556>. Acesso em: 27 mar. 2025.

MOREL, Benedict-Augustin. *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine et les causes qui produisent ces variétés maladives*. Paris: Baillière, 1857. Disponível em: <https://archive.org/details/traitedesdg1857more/page/n51/mode/2up>. Acesso em: 4 fev. 2024.

MOREL, Benedict-Augustin. Tratado das degenerescências na espécie humana. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. Tradução Maria Vera Pompeo de Camargo Pacheco, v. 11, n. 3, 497-501 p, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/KTqYsW78pq6j8qhW4SKHYbz/>. Acesso em: 5 fev. 2024.

MOSSÉ, Claude. *Dicionário da Civilização Grega*. Tradução de Carlos Ramalhete. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1998.

MOUSINHO, Luiz Antonio. Rinaldo de Fernandes – Rita no pomar. *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 33, pp. 217–222, 2009. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9596/8477>. Acesso em: 25 mar. 2025.

MURIBECA, Maria das Mercês Maia. A psicanálise frente ao fenômeno dos assassinos em série: a estrutura da maldade. In: PIMENTEL, Déborah; ARAÚJO, Maria das Graças. *Interfaces Entre a Psicanálise e a Psiquiatria*. Aracajú: Círculo Brasileiro de Psicanálise, 2008, pp. 144-158.

MURIBECA, Maria das Mercês Maia. Relações amorosas com psicopatas. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 52, p. 119–126, dez. 2019. Disponível em: <https://cbp-rj.org.br/n52a14.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2025.

NASCIMENTO, Antonio Naéliton do; TAVARES, Márcia; BARBOSA, Roberto. Letramento literário e constituição estética em uma experiência com “Pássaros”, de Rinaldo de Fernandes. *Revista de Letras - Juçara*, v. 3, n. 2, pp. 76–95, 2019. DOI: 10.18817/rlj.v3i2.2052. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/2052>. Acesso em: 23 mar. 2025.

NASCIMENTO, Maria de Fátima Caxias do. *A repressão e a libertação presentes no conto "O perfume de Roberta"*. 2019. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, PB, 2019. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/19775>. Acesso em: 27 mar. 2025.

NASIO, Juan-David. *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

NERES, José. Dor e violência nos contos de Rinaldo de Fernandes. In: V SIGELMA - SIMPÓSIO DO GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM LITERATURA MARANHENSE. 2025. *Anais eletrônicos [...]*. São Luís, 2025, pp. 31-48. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1ArOR6qAjA8RU5j0RQ8l3dlGgg2QlZVYX/view>. Acesso em: 17 ago. 2025.

NISKIER, Arnaldo. *Branca Dias: o martírio*. [recurso digital]. Rio de Janeiro: Consultor, 2007.

NORA, Pierre (1993). Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*. Tradução de Yara Aun Khoury, São Paulo, v. 10, pp. 7-28, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 1 abr. 2025.

OGDEN, Benjamin H.; OGDEN, Thomas H. *O ouvido do analista e o olho do crítico: repensando psicanálise e literatura*. Tradução de Tania Mara Zalcberg. Rio de Janeiro: Escuta, 2014.

OLIVEIRA, Aline Fabre de. *Nós estamos aqui: os sentidos da bruxa, da opressão à resistência*. 2021. 156 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social) - Universidade de São Paulo, Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/8f625ef5-f0ff-4f48-a9c9-c0106941885e/tc4754-Aline-Oliveira-Nos.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2023.

OLIVEIRA, Bruna Belmont de. A semiose em Rita no Pomar. *Graphos*, João Pessoa, v. 16, n. 2, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/23724>. Acesso em: 23 mar. 2014.

OLIVEIRA, Bruna Belmont de. *A semiose da linguagem traumática em Rita no pomar*. 2016. 74 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Letras, João Pessoa, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8255>. Acesso em: 27 mar. 2025.

OLIVEIRA, Nathália Fernandes de. *A repressão policial às religiões de matriz afro brasileiras no Estado Novo (1937-1945)*. 2015. 173 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2015. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1903.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2023.

OLIVEIRA, Leandro da Motta. *Marguerite Porete e as Beguinhas: a importante participação das mulheres nos movimentos espirituais e políticos da Idade Média*. 2018. 124 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/33093>. Acesso em: 15 nov. 2023.

OLIVEIRA, Luciene de Lima. A agogé espartana. *PRINCIPIA*, n. 38, pp. 63-74, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/principia/article/view/46515>. Acesso em: 22 jun. 2022.

OLIVEIRA, Nelson de. Comentário crítico sobre O perfume de Roberta. In: FERNANDES, Rinaldo. *O perfume de Roberta*: Rio de Janeiro, Garamond, 2005, p. 172.

OLIVEIRA, Nelson de (Org.). *Futuro Presente: Dezoito Ficções Sobre o Futuro*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

OLIVEIRA, Silvana Kelly Gomes de; SOUZA, Olavo Barreto de; BRANCO, José Mário da Silva. A representação da violência no conto “Ilhado”, de Rinaldo de Fernandes. *Letras & Ideias*, João Pessoa, v. 1, n. 1, pp. 29-48, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/letraseideias/article/view/26436>. Acesso em: 23 mar. 2025.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução Haroldo de Campos. São Paulo: Editora 34, 2000.

PAPA BENTO XVI. Santa Joana d’Arc. *Audiência Geral de 26 de Janeiro de 2011*, Libreria Editrice Vaticana, 2011. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110126.html. Acesso em: 30 nov. 2023.

PAZ, Ravel Giordano. Até tu, Pet, ou Rita no Pomar e a arte de (des)pentear cachorros. *Remate de Males*, Campinas, SP, v. 29, n. 2, pp. 333-342, 2009. DOI: 10.20396/remate.v29i2.8636283. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636283>. Acesso em: 18 jan. 2025.

PEREIRA, Ana Margarida Santos. Terceira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil: capitânias do Sul, 1627-1628. *Politeia: História e Sociedade, Vitória da Conquista*, v. 11, n. 1, pp. 35-60, 2011. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/3792/3117>. Acesso em: 28 nov. 2023.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Morel e a questão da degenerescência. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 11, n. 3, pp. 490-496, set. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/z7jd4V4RsPPDddy5KzHzCJb/>. Acesso em: 4 fev. 2024.

PEREIRA, Juliana Avila. O Malleus Maleficarum e a questão da bruxaria: a mulher nos tempos da Inquisição. *Revista Eletrônica Trilhas da História*, v. 11, n. 21, p. 209-227, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/13081>. Acesso em: 30 mai. 2023.

PERNOUD, Régine. *Joana D’Arc: a mulher forte*. Tradução de Jairo Veloso Vargas. São Paulo: Paulinas, 1996. (Coleção testemunhas. Série santos).

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. *História dos quartos*. São Paulo: Paz & Terra, 2009.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2012.

PIMENTA, Leonardo et al. Considerações jurídicas sobre a Inquisição. *Revista Eletrônica de Direito do Centro Universitário Newton Paiva*, [S. l.], n. 18, pp. 200-204, 2012. Disponível

em: <https://revistas.newtonpaiva.br/redcunp/wp-content/uploads/2020/05/D18-22.pdf>. Acesso em: 14 de jun. 2023.

PIMENTEL, Rhayana Antunes. *A Fonte de todo Mal: sexualidade e bruxaria no Malleus Maleficarum*. 2023. 121 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em História) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História, 2023. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/bitstream/jspui/6633/2/2023%20-%20Rhayana%20Antunes%20Pimentel.Pdf>. Acesso em: 18 nov. 2023.

PINTO, José Nêumanne. *Os Cem Melhores Poetas Brasileiros do Século XX*. 2 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

PIRES, Francisco Murari. A areté heróica e a Guerra de Tróia: o melhor dos aqueus (Aquiles, Ajax e Odisseu). *Classica* - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, [S. l.], v. 9, n. 9/10, p. 145–162, 1997. DOI: 10.24277/classica.v9i9/10.519. Disponível em: <https://classica.emnuvens.com.br/classica/article/view/519>. Acesso em 3 abril. 2023.

PIRES, Andréa Lucena de Souza *et al.* Perversão: estrutura ou montagem. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 26, n. 51, pp. 43-50, 2004. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5469973.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2025.

PIRES, João Davi Avelar. Visões sobre o feminino e o corpo na Idade Média. *Revista Feminismos*, v. 3, n. 2, p. 14-23, mai.-dez. 2015. Disponível em: <https://tinyurl.com/3mkze2bs>. Acesso em: 9 nov. 2023.

PIRES, João Davi Avelar. Misoginia medieval: a construção da justificação da subserviência feminina a partir de Eva e do pecado original. *Faces da História*, Assis-SP, pp. 128-142, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/311/275>. Acesso em: 11 nov. 2023.

PIZAN, Christiane de. *A cidade das damas*. Tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012.

PLATÃO. *As Leis (ou Da Legislação)*: Incluindo Epinomis. Tradução e notas de Edson Bini. Bauru: Edipro, 2010.

POE, Edgar Allan. *Poemas e Ensaios*. Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado. 3ª Ed. Revista – São Paulo: Globo, 1999.

POLI, Maria Cristina. *Feminino/Masculino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

POMEROY, Sarah B. *Les femmes dans la Grèce antique*. Paris: Les Belles Lettres, 1997.

PONTES, Carlos Gildemar. A arte de contar histórias de vida. *Segunda Opinião*, [S. l.], 5 dez. 2024. Disponível em: <https://segundaopinio.jor.br/a-arte-de-contar-historias-de-vida/>. Acesso em: 22 fev. 2025.

PORTANSKY, Thais. O infanticídio à luz das emoções na Medeia de Eurípides. *Classica*, v. 36, n. 2, pp. 1-18, 2023. Disponível em: <https://classica.emnuvens.com.br/classica/article/view/1047/1089>. Acesso em: 6 nov. 2023.

PRETI, Dino. Mas, como devem falar as personagens literárias? *Revista da ANPOLL*, [S. l.], v. 1, n. 3, 1997. DOI: 10.18309/anp.v1i3.256. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/256>. Acesso em: 1 jan. 2025.

QUEIROZ, Edilene Freire de. A perversão no feminino. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 5, n. 3, pp. 92-108, set. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/vRktsxzcT8xCP4sCsNd8CkC/?lang=pt>. Acesso em: 23 abr. 2024.

QUEIROZ, Edilene Freire de. *A clínica da perversão*. São Paulo: Escuta, 2004.

QUEM eram as beguinhas, mulheres que viviam em comunidades sem homens na Idade Média. BBC News Brasil. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cer2krllk7go>. Acesso em: 14 mar. 2024.

QUINET, Antônio. *Édipo ao pé da letra*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

RABINOVICH, Diana. *A significação do falo: uma leitura*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2005.

RAIMUNDO, Mariana de Matos Ponte. A trajetória intelectual do Concílio Vaticano II e a memória da Igreja Cristã tardo-antiga. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, pp. 24-40, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/26887/18569>. Acesso em: 7 nov. 2023.

RIBEIRO JR., Wilson A. Héracles, Nesso e Dejanira. Portal Graecia Antiqua, São Carlos. [s.d.]. Disponível em: <https://greeciantiga.org/arquivo.asp?num=0989>. Acesso em: 14 mar. 2023.

RIBEIRO JR., Wilson A. *Atena e Aracne*. Portal Graecia Antiqua. São Carlos. Disponível em: <https://greeciantiga.org/img.asp?num=0419>. Acesso em: 14 mar. 2023.

RIBEIRO, Carlos Jesus. Travessia dramática: Rita no pomar. In: RIBEIRO, Carlos Jesus. *À luz das narrativas: escritos sobre obras e autores*. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 205-207. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/110/1/A%20luz%20das%20narrativas.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2025.

RIBEIRO, Carolina Nassau. A metapsicologia do masoquismo: o enigma do masoquismo feminino e sua relação com a fantasia masculina. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, pp. 477-490, ago. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-44142017002009>. Acesso em: 1 mar. 2024.

RICHARD, Nelly. *Intervenções Críticas*. Arte, Cultura, Gênero e política. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.

ROBLES, Martha. *Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos*. Tradução de William Lagos e Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006.

ROCHA, Sidney (Org.); AGUIAR, Cristhiano (Org.). *Tempo bom*,. 1 ed. São Paulo: Iluminuras, 2010.

RODES, Apolônio de. *Argonáuticas*. Tradução de Fernando Rodrigues Junior. 1 ed. São Paulo: Perspectiva; Fapesp - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2021. (Textos 40).

RODRIGUES, Rosângela de Melo. Os amores de Romeu: o anti-Édipo em Romeu na Estrada, de Rinaldo de Fernandes. *REVELL* – Revista de Estudos Literários da UEMS, v. 2, n. 11, pp. 37-49, 2015. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/866>. Acesso em: 23 mar. 2025.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário da psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos: Uma história dos perversos*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

RUST, Leandro Duarte. *A Reforma Papal (1050-1150): trajetórias e críticas de uma história*. Cuiabá: Ed. UFMT, 2013.

SABINO, Eduardo. O professor de piano: o real e o absurdo em narrativas breves e vastas. *Plurale*. 2011. Disponível em: <https://www.plurale.com.br/site/noticias-detalhes.php?cod=10101&codSecao=2&q=O+professor+de+piano%3A+o+real+e+o+absurdo+em+narrativas+breves+e+vastas&bsc=ativar>. Acesso em: 25 mar. 2025.

SADE, Marquês de. *A Filosofia na Alcova, ou, Os Preceptores Imorais*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

SAFOUAN, Moustapha. *A sexualidade feminina na doutrina freudiana*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

SANDERSON, Christiane. *Abuso sexual em crianças: fortalecendo pais e professores para proteger crianças de abusos sexuais*. 1 ed. São Paulo: M. Books do Brasil, 2005.

SANTOS, Fábio Candido dos. O problema da hybris na filosofia da grega antiga. *Principia*, Rio de Janeiro, n. 39, pp. 15-25, jul -dez 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/principia/article/viewFile/48167/32296>. Acesso em: 3 ago. 2023.

SANTOS, Carlos Alberto dos. O mito de Perseu. *E-disciplinas da USP*, 2023. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5304088/course/section/5969805/O%20mito%20de%20Perseu.pdf>. Acesso em: 14 out. 2023.

SANTOS, Jessica Medeiro Neres dos. *Psicopatas homicidas e o direito penal*. 2012. Disponível: https://www.jurisway.org.br/monografias/monografia.asp?id_dh=8885. Acesso em: 05 mai. 2025.

SARMET, Yvanna Aires Gadelha. Os filhos de Medeia e a Síndrome da Alienação Parental. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 482-491, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420140113>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/ndMqKS6L34WSWkJVrtmgfQM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 abr. 2023.

SARTRE, Jean Paul. *Que é literatura?*. Tradução de Carlos Felipe Moisés. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

SCHUELER, Donaldo. *A construção da Ilíada: uma análise de sua elaboração*. Porto Alegre: L&PM, 2004.

SCLIAR, Moacyr. A arte do conto. In: FERNANDES, Rinaldo de. *O perfume de Roberta*. 1 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, pp. 9-11.

SELLERS, Terence. Introdução. In: KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia Sexualis: as histórias de casos*. Tradução de Claudia Berliner. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, pp. VII-XXI.

SELVATICI, Monica. Igreja Católica e sentimento religioso na Inglaterra do século XIV. In: BELLOTTI, Karina K. (Org.); VALÉRIO, Mairon Escorsi (Org.). *Revista Aulas*. Dossiê Religião, v. 4, 2007, pp. 1-20. Disponível em: https://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20II/4_14.pdf. Acesso em: 14 nov. 2023.

SERPA JR., Octavio Domont de. O degenerado. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 17, supl. 2, pp. 447-473, dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/spqMfKFXKQrs7Gv58MKNNWG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 fev. 2024.

SILVA, Alexander Meireles da. A redenção de Lilith: o corpo feminino como estratégia transgressora na ficção de Octavia e. Butler. *REDISCO – Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo*, Vitória da Conquista-BA, v. 1, n. 2, p. 7-15, 2012. Disponível em: <https://app-testes-periodicos.uesb.br/redisco/article/view/2657/2204>. Acesso em: 02 jun. 2025.

SILVA, Frederico de Lima. *Da letra ao inconsciente: dimensões do desejo perverso*. 2014. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/3086>. Acesso em: 25 mar. 2025.

SILVA, Frederico de Lima. *Literatura e violência: efeitos do desmentido na contística de Rinaldo de Fernandes*. 2017. 205 f. Dissertação (Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11915>. Acesso em: 27 mar. 2025.

SILVA, Frederico de Lima. *Corpos à deriva ou o naufrágio da alteridade em “Ilhado”, de Rinaldo de Fernandes. Revista Lumen et Virtus*, v. 9, n. 22, pp. 1-15, ago. 2018. Disponível em: https://www.jackbran.com.br/lumen_et_virtus/numero_22/PDF/CORPOS%20%C3%80%20DERIVA%20OU%20O%20NAUFR%C3%81GIO%20DA%20ALTERIDADE%20.pdf. Acesso em: 23 mar. 2025.

SILVA, Frederico de Lima. Rinaldo de Fernandes e a inquietante escrita do mal. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 11, n. 4, p. 205-211, dez 2022. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/RLR/article/download/769/683/1216>. Acesso em: 23 fev. 2025.

SILVA, Frederico de Lima; RODRIGUES, Hermano de França. O itinerário concupiscente do desejo: signos perversos em Pierrô da caverna, de Rubem Fonseca. *Guaracá Revista de Filosofia*, Guarapuava-PR, v. 39, n. 2, pp. 146-158, 2023. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/guaiaraca/article/view/7568/5621>. Acesso em: 10 jun. 2024.

SILVA, Frederico de Lima; RODRIGUES, Hermano de França. Fetichismo como o possível do desejo no aroma incestuoso de "O perfume de Roberta", de Rinaldo de Fernandes. *Revista LiteralMENTE*, João Pessoa, v. 4, n. 1, pp. 11-29, jul./dez. 2024. DOI: 10.22478/ufpb.2764-4251.2024.n1.69749. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rl/article/view/69749>. Acesso em: 23 mar. 2025.

SILVA, Frederico de Lima; RODRIGUES, Hermano de França. O mal beneplácito do eu: notas sobre o sufrágio do racismo traduzido no conto "Negro", de Rinaldo de Fernandes. In: ALBERTIM, Alcione Lucena de (Org) et al. *A (des)ordem subjetiva: a potência da palavra ou, quiçá, a claudicância do desejo, nos confessionários literários*. João Pessoa: Editora do CCTA, 2024, pp. 108-115. (Coleção Pós-Letras - PPGL/UFPB Poéticas da Subjetividade). Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/letras-1/a-des-ordem-subjetiva-a-potencia-da-palavra-ou-quica-a-claudicancia-do-desejo-nos-confessionarios-literarios/livro3-desordem-subjetiva-0209int.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2025.

SILVA, Frederico de Lima; RODRIGUES, Hermano de França. Violência enquanto sintoma social em *Eu não quis te ferir* de Rinaldo de Fernandes. *A Cor das Letras*, Feira de Santana, v. 25, n. 2, p. 417-421, dez. 2024. DOI: 10.13102/cl.v25i2.9232. Disponível em: <https://ojs3.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/9232/9516>. Acesso em: 25 mar. 2025.

SILVA, Gelbart Souza. Uma mulher no campo de batalha: Pentesileia em *Ephemeris belli Troiani*, de Díctis Cretense. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 12, n. 2, pp. 236-251, 2020. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/view/749/621>. Acesso em: 1 jul. 2023.

SILVA, Jalusa Sarah Ferreira da. *Nos territórios das personagens femininas: uma leitura de A hora da estrela de Clarice Lispector, e Rita no Pomar, de Rinaldo de Fernandes*. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, João Pessoa, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/3107>. Acesso em: 25 mar. 2025.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. Plutarco e a participação feminina em Esparta. *Saeculum* – Revista de História, João Pessoa, n. 12, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/11312>. Acesso em: 20 jan. 2024.

SILVA, Márcia Regina de Faria da. Medéia, amor e erro, em Ovídio. *PRINCIPIA*, v. 22, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/principia/article/view/6484>. Acesso em: 3 nov. 2023.

SILVEIRA, Danieli Munique Fontes da. *O arquétipo da Grande Mãe na representação da bruxa em contos fantásticos hispânicos*. 2015. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/138421>. Acesso em: 19 fev. 2024.

SIMIÃO, Anna Rita Maciel. Extrato de Estudo em História da Psicologia: o Masoquismo na Psychopathia Sexualis de Krafft-Ebing. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v. 14, pp. 1-16, 2023. DOI: 10.36517/revpsiufc.14.2023.e023008. Disponível em: <https://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/81478>. Acesso em: 19 fev. 2024.

SIMIÃO, Anna Rita Maciel; SIMANKE, Richard Theisen. Extrato de estudo em História da Psiquiatria: o fetichismo na Psychopathia Sexualis de Richard von Krafft-Ebing. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 24, n. 1, pp. 164-187, jan. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/tf7L4t8SjqVy39jwYSyH8cz/?lang=pt>. Acesso em: 21 fev. 2024.

SOARES, Luiz Carlos. *Rameiras, ilhoas, polacas...: A prostituição no Rio de Janeiro do século XIX*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

SOUBBOTNIK, Olga Maria M. C. Souza. A psicanálise e as Letras. In: MORAES, Alexandre (Org.). *Modernidades e pós-modernidades: literatura em dois tempos*. Vitória: Edufes, 2002, pp. 264-291.

SOUZA, Valmir de. Violência e resistência na literatura brasileira. In: SOUZA, Valmir de. *Os sentidos da violência na literatura*. São Paulo: LCTE Editora, 2007.

SOUZA, Marcus Vinícius de. A cruzada albigense e o modelo de papado de Inocêncio III. In: ANAIS DO XVIII ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ANPUH RIO - HISTÓRIAS E PARCERIAS. *Anais eletrônicos* [...] Niterói-RJ: Anpuh-Rio, 2018, pp. 1-8. Disponível em: https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529369240_ARQUIVO_textodaanpuhrj.pdf. Acesso em: 23 dez. 2023.

SPALDING, Marcelo. O protagonismo do leitor no miniconto contemporâneo. *Revista Enciclopédia*. FACOS/CNEC Osório, v. 9, n. 1, pp. 58-69, out. 2012.

STOKER, Bram (1897). *Drácula*. Tradução Adriana Lisboa. [edição especial]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. (Saraiva de Bolso)

TATAR, Maria. *Contos de Fadas: edição comentada e ilustrada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

TEDESCHI, Losandro Antonio. As representações da moral católica. In: *História das Mulheres e as Representações do feminino*. Campinas-SP: Editora Curt Nimendajú, 2008.

TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Homofobia e sua relação com as práticas “psi”. In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 6ª REGIÃO. *Psicologia e diversidade sexual*. São Paulo: CRPSP, 2011, pp. 41-57. Disponível em: <https://unisalesiano.com.br/lins/wp-content/uploads/2021/08/CRP-SP-PSICOLOGIA-E-DIVERSIDADE-SEXUAL.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2024.

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY. *Burning witches*. The Miriam and Ira D. Wallach Division of Art, Prints and Photographs: Picture Collection, 1886. Disponível em: <https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47e1-0dc2-a3d9-e040-e00a18064a99>. Acesso em: 16 mar. 2023.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 3. ed. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

TORRANO, Jaa. As súplicas a Zeus Suplicante na tragédia *As Suplicantes* de Ésquilo. *Classica*, v. 20, n. 2, pp. 293-325, 2007. Disponível em: <https://classica.emnuvens.com.br/classica/article/view/150/140>. Acesso em: 5 out. 2023.

TRAJANO, Amanda Torres. "*A polícia atrás de mim*": deprivação e delinquência em "Eu não quis te ferir", de Rinaldo Fernandes. 2024. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, João Pessoa, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/33121>. Acesso em: 27 mar. 2025.

TRAJANO, Amanda Torres; PONTES, Carlos Gildemar. Uma leitura decolonial de Eu não quis te ferir. *Revista de Estudos Decoloniais*, v. 2, n. 1, pp. 1-12, 2024. Disponível em: <https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/estudosdecoloniais/article/view/2081>. Acesso em: 23 mar. 2025.

TRAJANO, Amanda Torres; RODRIGUES, Hermano de França; SILVA, Frederico de Lima. Da penúria do corpo aos dogmas do delito: a irmandade odiosa e violenta em "Eu não quis te ferir", de Rinaldo de Fernandes. In: RODRIGUES, Hermano de França (Org.) et al. *O regresso do Diabo: a Literatura invoca o Mal, exalta seus agentes e pactua com a morte*. João Pessoa: Sal da Terra Editora, 2024, pp. 54-65. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1aDBVIXkLt4CCIUyM2EHySzBvHU4TRcbG>. Acesso em: 23 mar. 2025.

TYSON, Lois. *Critical theory today: a user-friendly guide*. 2 ed. New York: Routledge, 2006.

ULISSES, Layssa Franco Jacob. O monstro da sexualidade infantil: a resposta penal mais adequada ao pedófilo. *Revista de Doutrina e Jurisprudência*, Brasília, v. 111, n. 1, pp. 152-165, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://revistajuridica.tjdft.jus.br/index.php/rdj/article/view/543/104>. Acesso em: 4 jun. 2023.

VALAS, Patrick. *Freud e a perversão*. Tradução Dulce Duque Estrada e reunião de textos Manoel Barros Motta. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

VALENTIN, Leandro. Teoria do conto: uma introdução. *SOCIOPOÉTICA*, v. 2, n. 22, pp. 43-53, 2020. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/SOCIOPOETICA/article/view/308>. Acesso em: 27 mar. 2025.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Religião na Grécia Antiga*. Tradução Joana Angélica D'Ávila Melo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

VIGNOLES, Patrick. *A perversidade*. Tradução: Nícia Adan Bonatti – Campinas, São Paulo: Papirus, 1991.

WATERHOUSE, John William. *Jason and Medea*. 1907. Disponível em: <http://www.jwwaterhouse.com/view.cfm?recordid=90>. Acesso em: 20 out. 2023.

WINNICOTT, Donald Woods (1964). Roots of Agression. In WINNICOTT, Donald Woods (Org.). *Deprivation and Delinquency*. London and New York: Routledge Classics, 2012, pp. 80-85.

WINNICOTT, Donald Woods (1969). Melanie Klein: sobre o conceito de inveja. Contribuição a um Simpósio sobre Inveja e Ciúme. In: WINNICOTT, Clare (Org.). *Explorações Psicanalíticas: Winnicott, D.W.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p. 350-352.

WINNICOTT, Donald Woods. *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WRIGHT, Elizabeth. Crítica feminista inteiramente pós-moderna. In: BRENNAN, Teresa (Org.). *Para além do falo: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher*. Tradução Alice Xavier. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, pp. 189-203.

ZILBERMAN, Regina. Mestre do conto. In: FERNANDES, Rinaldo de. *O professor de piano*. 1 ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010, pp. 89-94.

ZIMERMAN, David E.. *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. Bruxas: figuras de poder. *Estudos Femininos*, Florianópolis, v. 13, n. 2, pp. 331-341, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/HqZwyqV5PwdyYL5Pz5bnLBG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 nov. 2023.

ANEXO A – “DUAS MARGENS”

Duas margens

*Por um incerto lado,
o do Nascente – ensejo do Acaso,
tudo é mesmo perigoso
as fendas dos cajus
o amor cantando.*

*Mas por um outro certo lado,
o do Poente – beira do Ocaso:
o amor caduco e velho
desacriançando.*

*Uma margem cobrando
a outra margem.*

(Edônio Alves Nascimento)

1

Não sei o que ocorre comigo, mas a verdade é que aciono a seta indicando que vou entrar à direita e deixo o carro seguir devagar pela pista vazia, sem casas, restaurantes, muros, eu indo e escutando o som baixo do rádio, eu andando ainda mais lenta e cruzando a estrada de ferro onde à margem direita estende-se o areal, o branco areal que segue até os cajueiros, um tanto distantes, com suas folhas secas girando ao vento no espaço entre os postes

altos da outra pista, uma delas presa ao fio da corrente elétrica. O céu está amarelado, o sol já vai descendo sobre os matos ao fundo da pista e também sobre o teto de um armazém abandonado, e eu aqui, eu não devo, algo me conduzindo para a beira do rio onde alguns turistas vêm ver o pôr-do-sol, uma Van afinal aparecendo na curva e me ultrapassando, eu agora indo muito lenta e olhando o areal e os cajueiros e desconfiando que tudo é muito perigoso, essa cidade está cheia de canalhas, de estupradores. E não dou por mim quando chego ao mais pobre dos bares, de tábuas fendidas, o garçom cochilando numa cadeira à entrada, o bar de onde vejo sozinha, diante de um copo de cerveja (mas por que faço isso, se não posso beber?), o poente tomando toda a outra margem do rio, encardindo as águas e as lanchas com suas cordas presas às estacas fincadas na lama. E é desta mesa do canto, ao lado da grade rompida, escura, sem enxergar muito, encandeada pelo sol, é daqui, mandando nomes, maldizendo tudo o que o peste do Marcos fez com a minha vida, é daqui, apertando nos olhos o lenço de papel, bebendo a cerveja e mordendo sem sabor um fiapo de batata frita (mas por que estou comendo essa porcaria?), que vejo no meio da escada de madeira (um pequeno quarto ali no primeiro andar?), os olhos parados nas águas do rio, a mulher com um menino no colo. Olho em volta e noto que o garçom voltou para a sua cadeira à porta do bar, seu sono agora dando cabeçadas, vejo o balcão vazio, as poucas garrafas nas prateleiras, a réstia vermelha de sol caindo no tampo da mesa perto da caixa-d'água emborcada e ferindo meus olhos. O cachorro vira o rabo para o crepúsculo, vai dobrar o corpo embaixo da cadeira do garçom e fica dando patadas contra os mosquitos. O garçom vez por outra passa a mão no bigode, sopra forte, parecendo que a qualquer momento vai desabar no chão com nódoas

e pontas de cigarro. Percebo que a mulher chora, passando a mão na cabeça do menino. Vejo que ela avança e, logo em seguida, recua, para não aparecer no campo de visão do garçom. Vai e vem na escada, indecisa. Esconde-se mesmo do garçom ou tem receio de que o cachorro a descubra ali e vá fazer festa na sua saia, roçar o rabo com rasgões em suas pernas? A saia é velha, remendada. De repente ela sobe, entra no quarto e, em poucos minutos, usando agora um vestido, sai com o menino todo enrolado numa toalha. O garçom pende a cabeça para o lado, o cachorro lambe-lhe o sapato. Ela afinal desce a escada e, atenta no garçom e no cachorro, rápida, abraçada ao menino, cruza o bar sem ser vista por eles, escorrega por trás das plantas num pequeno cercado, anda com cuidado, olhando sempre pros lados, sobre as palhas secas de um coqueiro e, à frente, toma a pista por onde eu vim. Mas o que ela vai fazer com aquela criança? Está fugindo de quem? Mordo a batata e mando o Marcos pra puta que pariu – a água do rio treme. Volto a olhar o pôr-do-sol, já agora uma ponta do céu escurecendo, lá pros lados do centro da cidade, os prédios sob uma nuvem arroxada. Era então aquela maldita, meu Deus?! E como eu pude ficar o tempo todo bobeando? Era uísque pro Fernando, era presente pra canalha... Ah, os bons e melhores amigos. Sim, tratar bem. Vai, mosca morta! Age! E a puta dando em cima do meu marido. Sei lá se ela, se ele, canalha, aquilo é um malicioso, esperto, deve ter sido primeiro ele. Cretinos! A Sílvia vai aniversariar, não comprou a blusa dela? Ah, se te apanho, peste!

Lanço um último olhar para a escada, me levanto da cadeira – o cachorro se assusta, empina as orelhas. Pago a cerveja e a batata frita, sigo para o carro, ando lenta ao lado do cercado com as plantas, a areia enroscando-se em minhas sandálias. Quem descobriu a

data do aniversário dela foi ele, muita folia, bebidas, bolo que encomendei (a velinha que pendeu na hora do parabéns retirada e enfiada com zelo pelo cretino!). Que delícia ela deve ter achado. E não foi ali que ela usava a bendita da saia branca? Não foi ali que percebi que ele, quando voltava da pia, reparava nas coxas da donzela? Sou uma imbecil. E bota imbecil nisso! Fazendo sala pros dois, o corno do Fernando pedindo tudo do bom e do melhor, ela retardando a ida, pode ser mais um pouquinho, bem? Hein?! Aqui, com os meninos, só mais um pouquinho? Meninos... Meninos? Eu menina. Eu. E também o triste do Fernando.

Piso com ódio na ponta da palha seca do coqueiro.

2

Tento ouvir uma música, a cerveja me deixou um pouco tonta, não, Marcos, você não pode fazer assim comigo, ai, meu pai, mas que coisa! O que aconteceu? E não viajamos juntos no último verão, você disse que queria ir pro Rio ou então conhecer a Europa, fomos pra Europa, dei um jeito, financiei a maior parte, tudo muito bom na Espanha, o jogo do Real Madrid contra o Barcelona (no quarto do hotel você falou "que dia inesquecível"), como podia desconfiar de alguma coisa? Eu te dei carinho, cuidei bem de mim e de nossa filha, há um ano tenho em minhas costas a maior parte das despesas... Ah, meu pai, o que foi isso? Ah, Marcos, o que você quer? Enxugo as lágrimas na manga da blusa, ligo o carro. Na outra margem do rio, resta apenas uma ponta laranja do sol. Sigo devagar pela pista, paro adiante, depois de andar alguns minutos, baixo a cabeça no volante, as lágrimas pulam no banco, sobre as minhas pernas, ai, meu pai, mas por que isso? E a

Juliana, Marcos, você não disse que ama demais a nossa filha? Dou pancadas no volante, eu preciso, e fecho os vidros, eu preciso gritar, não posso prender isso, ai, meu Deus!, ai, Marcos!, ai, que ódio! Você não podia fazer essa coisa comigo, pelo amor de Deus, não podia! Você não podia ter me deixado, ah, cretino, logo por aquela podre! Passo a mão na barriga, tiro a cabeça do volante. Encaro a pista: um vulto surge lá na frente, saindo do mato. Olho, atentamente, e descubro quem é: a mulher, ainda com o menino no colo. Ligo o carro novamente, parto.

Quando vê que me aproximo, que vou parando o carro no acostamento, a mulher, desconfiada, caminha na direção do areal. Desço do carro, digo que ela espere um pouco. Ela só pára à frente, debaixo de um dos cajueiros. Resolvo ir até onde ela está, retiro as sandálias, vou andando pela parte mais limpa da areia. Quando vou chegando, a mulher ainda tenta se esconder atrás de uma moita, mas falo para ela ter calma, ela fica quieta. Digo para ela se aproximar, ela vem, os olhos no chão, encosta-se no tronco do cajueiro, sempre abraçada ao menino, que permanece enrolado. A areia aqui é bem alva, sinto-a fresca sob meus pés. Pergunto por que ela veio, ela fica calada, olhando para o teto do armazém do outro lado da pista. Insisto, quero saber por que ela fugiu. Ela continua calada, o dedão do pé, fora da chinela, desencavando uma folha seca enfiada na areia. Mas o que houve? – pergunto. Ela aperta ainda mais o menino e lágrimas começam a rolar no seu rosto. Em seguida, levanta os olhos para o galho baixo do cajueiro, me evita. O que está acontecendo? – pergunto de novo, me encostando de vez nela. Ela vai retirando a toalha, deixando aparecer o rosto do menino. Mas ele está muito doente! – eu digo, roçando a ponta dos dedos no queixo da criança. A mulher soluça, esfrega o nariz nas costas da mão. Volta a ficar compene-

trada, arredia. Ajeita a posição do menino no colo. O ombrinho dele se mexe. As pestanas se abrem um pouco, talvez curioso por minha presença aqui. O que é que ele sente? – falo e afasto um pouco a toalha, o corpo frágil da criança surgindo sob o resto de claridade. Um pássaro se agasalha nas folhas do cajueiro. Toco de novo no rosto do menino. Ele tem uma expressão aberta, contente. Agora ficou alegre, o danado, acho que está gostando de mim – digo, tentando descontraír um pouco. Ela cobre o peito da criança com a toalha. Respira forte, lança um olhar para os fundos do areal, e diz:

– Ele está morto.

Então me adianto, tomo o menino nos braços e noto que ele não tem movimentos. Meu pai, que coisa! Observo a mulher, o seu semblante. Este menino está mesmo morto? – tenho dúvida. Está – ela confirma. Em seguida, a mulher puxa a toalha e, virando-se, afastando com os pés uns garranchos, estira-a no chão. Vem, pega o menino e o põe com muito cuidado sobre a toalha. Ajoelha-se, alisa a cabeça da criança, e recomeça o choro. Mas por que você fugiu de casa? – quero detalhes. Ela fica silenciosa, passa a mão na perna do menino. Sim, me diga, o que foi mesmo que aconteceu? – agacho-me diante dela, o menino, os olhos ainda semi-abertos, deitado entre nós duas. Ela olha para um poste da pista, a lâmpada começando a acender. Me diga, minha senhora, o que lhe fizeram? – me irrita um pouco. Ela fecha a toalha sobre o corpo do menino, tira um cisco pregado no vestido, volta a soluçar. Ai, Marcos, você tinha necessidade de fazer isso comigo? Tinha necessidade de eu me deparar com uma situação dessas? Eu aqui, já quase escurecendo, no mato, diante de uma mãe com um filho morto, não, Marcos, você não devia ter feito isso comigo! A mulher afinal começa a falar. Ela diz que o marido, o gar-

com lá do bar, sempre foi uma pessoa muito boa para ela – foi, minha filha, sempre me deu tudo o que eu precisava. Nunca faltou nada em nossa casa. Ficamos cinco anos sem ter filho, até que veio este menino. Ele é maluco por essa criança, você nem imagina! Mas aí arrumou uma bandida e passou a ir toda noite pra casa dela. Ah, mas quando eu soube, desabei, meus pés fugiram de mim! Você não sabe como a partir daí minha vida virou um inferno. Ela é mais nova do que eu, é quase uma menina. Aí ele passou a chegar de madrugada, o bar fechado a noite toda, começou a faltar comida em casa, eu com medo de ladrão e sozinha com essa criança, ah, mas não gosto nem de lembrar! O menino foi ficando fraco, doentinho, você não imagina, moça, o que é a pessoa no desespero sair no escuro atrás do marido, andar por essas pistas mal iluminadas, isso aqui é cheio de gente ruim! Então uma noite eu peitei ele, disse que ia dar uma surra na infeliz. Ele, meio tomado, veio pra cima de mim, me deu um soco, disse que se eu tocasse o dedo nela ia me matar. Ele é muito violento, moça! Eu nunca pensava que ele fosse capaz de me bater. Mas me bateu muito, não pude fazer nada, ele ficou aí me ameaçando. Você imagina ele agora saber que essa criança tá morta? Ah, não quero nem tá perto, Deus me livre! Vai berrar que eu sou mesmo desajeitada, que deixou o menino comigo e o menino morreu. Aí não vai me perdoar, tenho quase certeza, ele me mata. É por que estava entrando no mato, escapando de mim? – pergunto. Não sei, pensei que a moça queria me levar de volta, mas não adianta, nunca mais quero ver aquele patife – ela responde, retocando o cabelo do menino.

Uma Van passa na pista, o motorista olhando em volta, curioso por ver meu carro no acostamento. O menino ainda entre nós duas, pergunto – ele sentia mesmo o quê, não deu para saber?

Um outro pássaro chega, também se abriga nas folhas. Veja, ele pode falar o que falar, aquele ordinário, mas eu nunca descuidei dessa criança – ela diz, com ar de revolta. Bate na toalha, espancando um mosquito que parou no rosto do menino, agora ainda mais branco. E o que você vai fazer agora? – fico curiosa. Vou enterrar ele aqui – ela diz, olhando para as estacas adiante, sobras de uma cerca arruinada. Gira o corpo e, os movimentos firmes, começa a cavar com as mãos a cova. A respiração forte, enfia os dedos na areia, puxa-a com energia. Sinto pena da mulher fazendo o serviço sozinha. Dobro-me e, os joelhos fincados na terra, meto as mãos e começo a cavar também. Nossas mãos se chocam, retiramos folhas deterioradas, umedecidas. Após alguns minutos, paro e observo, aproveitando o restinho de claridade, as minhas unhas encardidas. Eu merecia isso, peste?! Em certo momento, meio tonta, vou me sentar numa pedra. Ela, os braços ágeis, suados. Em pouco tempo, o buraco raso, de meio metro, está pronto. Ela segue, apanha duas estacas à frente e, os olhos entre as moitas em volta, cata na areia um pedaço de arame. Vem, prende as estacas, improvisa uma cruz. Viro o rosto para um enorme caju no galho para não vê-la, aos prantos, pôr o menino na cova.

Após enterrar a criança, ela diz que está precisando ir – vai para a casa de uma irmã no interior. Pergunta se posso deixá-la na rodoviária. Digo que não há problema. Seguimos para o carro, evitando as moitas e os garranchos, ela sempre voltando a vista para a sepultura debaixo do cajueiro. Depois que acelero o carro, ela fica silenciosa no banco ao meu lado. Vez por outra, virando o rosto para os matos já escuros da margem, limpa a lágrima na mão. Após andarmos uns dez minutos, de cruzarmos ruas e avenidas iluminadas (um último trecho vermelho do céu lá pras bandas do aeroporto), ela pergunta se tenho filhos. Digo que

tenho uma filha. E seu marido, ele é bom pra você? – ela quer saber. Como? – eu tusso. Seu marido já bateu em você? – ela pergunta, tirando terra da unha. Ah, sim, nunca, ele é muito bom pra mim – respondo, desviando de uma moto. E nunca quis ter um menino? – ela esfrega os dedos. Eu estou grávida de um – digo e paro no sinal. Começo a chorar, a mão na barriga. As pessoas passando na faixa me observam. Ô Marcos! Ah, pilantra! Tiro um lenço da caixa no porta-luvas, limpo o rosto. A mulher me olha, põe a mão no meu braço. Seguimos e, ao lado da rodoviária, encosto o carro. Você foi muito boa comigo – ela diz. Dou-lhe um lenço, ela também limpa os olhos, ajeita o cabelo, o vestido triste, sujo. Depois que ela desce do carro, e quando vai colocando a cabeça na janela para me agradecer, pergunto – você esqueceu de me dizer, o menino morreu de quê? Ela fecha o rosto e, já sem nenhum sinal de dor na voz, diz:

– Eu matei ele.

Viro-me, acomodando o braço no outro banco:

– Você matou o menino como?

Ela se afasta um pouco, olha para o ônibus que acabou de girar na direção da plataforma e, baixando a cabeça, sopra para quase eu não ouvir:

– Enterrei vivo.

ANEXO B – “OFERTA”

Oferta

para Mário Chamie

1

Vou parando o carro, encostando-o embaixo da árvore, a sombra extensa. A cena parece que eu já vi, a cena do casebre beirando a estrada. Eu já vi, sim, naquela propaganda na TV, era uma casa muito pobre, o rapaz desce da camionete de carroceria já apodrecendo, a madeira fendida em várias partes. A camionete segue, o rapaz fica na beira da pista olhando o tempo, o espaço em volta. O sol forte, ele olha outra vez em volta, desce a rampa que dá acesso ao casebre. Um homem de chapéu de palha, pele escura, o espera no casebre, no bar ao lado do alpendre. O homem, sério, está atrás de um balcão rústico. O rapaz vai chegando, o suor pingando-lhe do rosto, e vê do outro lado do balcão, por trás do homem, o refrigerador vermelho. A um gesto do rapaz, o homem abre o refrigerador, tira de dentro uma cerveja bem gelada, a fumaça do gelo fugindo em torno. O rapaz toma um copo da cerveja de uma vez, estala a língua, o olhar parado no teto. Depois deixa o bar, a pobreza do ambiente, a cara satisfeita.

Agora, novamente, o casebre. Sou o rapaz caminhando no trecho de terra antes de chegar à parte do casebre onde há uma venda. Eu ando, a barba por fazer, a mochila nas costas (por que desci do carro com a mochila?), os cabelos sobre o rosto, o olhar duro, eu ando do mesmo jeito que o jovem da propaganda e já vou me aproximando da porta da venda. Encosto-me no balcão, onde já estão as mãos enrugadas para atender a cerveja que eu penso, a voz rouca da velha que, ao me ver, com um gesto impreciso, indica-me o rumo da porta que dá para uma pequena sala na outra parte do casebre, onde há um sofá sujo (a mesinha de centro com manchas) e uma geladeira de porta rebentada. Ela oferta-me o sofá desconfiando que eu vim de longe, sabendo que cheguei cansado.

Pela janela olho em volta, procurando o mar, sim, o mar, pois na propaganda o casebre ficava à beira-mar, a pista seguia beirando a praia onde, fechando a cena, o rapaz se perdia nas areias alvas. Não há mar, mas uma paisagem rubra, de pedras pretas e raros arbustos, paisagem seca, de muitos gravetos. Sim, afinal reconheço, longe, as toscas casas de pau-a-pique do sertão. O calor é forte e, ao espiar a geladeira, sinto que a fria fumaça dorme ali dentro, espera que eu a solte pela sala. Adianto-me um pouco, puxo a porta e vejo as cervejas (qual a marca daquelas outras?) bem postas dentro da geladeira. É necessário que, além do sofá, a velha me ofereça um abridor para eu espocar uma das cervejas, eu preciso muito, como o jovem da propaganda, pois a sede dói. Porém eu percebo que a velha sumiu, deixou a venda por algum motivo, indo para o interior, para o mistério que é o restante desse casebre. Não vem o vento do mar, mas um bafo quente misturado ao cheiro do asfalto onde, vez por outra, passa um caminhão. Não brilha a onda, mas a grande pedra fincada ao lado do cercado, perto das bananeiras.

Uma dormência invade-me as pernas, o corpo amolecendo com o calor, as costas suando contra o tecido do sofá. Ajeito melhor as costas, estico-me, vou afundando no sofá rasgado, vou descendo o corpo para um descanso, para um pouso merecido, enquanto não chega minha cerveja, enquanto não escapa da geladeira a fumaça que, se intensa, certamente irá roçar na cumeeira e nas paredes com rachaduras da sala. Sem que ouça mais um movimento da velha (há pouco ela tossiu lá dentro), vou baixando cada vez mais meu corpo nessa paz de cigarra no bico de alguma pedra próxima, vendo através da janela que dá para a lateral da casa as bananeiras pensas, as folhas brilhando ao sol do meio-dia. Tanta sonolência não abafa um latido distante de um cachorro, um berro lento de um boi, aviso de que, além do vento agora balançando a cortina de fitas sebatas onde zune uma mosca, algo sobrevive a esta casa. Ponho a cabeça nas mãos, os olhos vão se fechando, o latido vai ficando cada vez mais próximo e, no sono, o cachorro espanta a velha, que fecha a venda e foge sem me trazer um suco bem gelado que ela preparava, o boi põe a cabeça na porta e me pergunta, com uma voz de mulher (voz de velha?), por que eu tenho tanta sede.

O sono é interrompido por uns passos no pequeno corredor, passos que trazem uns olhos que de repente eu descubro por trás da cortina, olhos que me vigiam atentos, como quem não quer perder a presa. E, também atento, nada me escapa nesse instante, nem os olhos escondidos nem o vôo rápido da mosca da parede para a porta da geladeira e, em seguida, da porta da geladeira para a fita verde da cortina. Quem me olha? Ah, como ele, ter tomado a cerveja em goles firmes, o líquido descendo no canto da boca. Como ele, ter retomado a pista, seguido para a praia ao fundo, voltando apenas um olhar vago, satisfeito, para o bar, o

homem já no alpendre. Quem me olha não olha como se eu fosse um desconhecido, mas alguém esperado. Desde quando? Alguém mexe em algo lá na venda, o cheiro de cachaça espanta a mosca na vareta de pescar. A velha afinal reapareceu? A mosca pára um pouco na foto na parede, anda no rosto do candidato, mas retorna à vareta. Quem pesca aqui? Em que águas? Um açude, sim, deve existir um açude por estas bandas, o mar à beira do qual deverei seguir após a minha gelada. Quem me olha? O cheiro de cachaça agita a mosca, que foge da vareta para a folha da bananeira, lá fora.

2

Ainda sonolento, fico olhando os pés com nódoas atrás da cortina, as unhas azuladas. A perna, com o vento que de repente afasta a cortina, se apresenta – e vejo o joelho magro. Quem me oferece essa coxa? Os olhos me vigiam, atentos em minha mochila ao lado do sofá. Seguro a mochila, puxo-a para perto de mim. A cortina balança – desaparecem os pés, a perna, o joelho. Quem me espiava?

Fico vendo as folhas da bananeira lá fora, a cigarra quebrando na pedra um canto fino, em ziguezague. A rocha onde pousa um anum faísca. A voz da velha pula lá de dentro:

– Tem bebida aí na geladeira! Se quiser logo, pode ir pegando...

Sim, agora entendo, aqui nesta sala se descansa, mas também se bebe, sentado ou recostado no sofá, a garrafa posta na mesinha. Aqui é o recanto dos fatigados, dos que, como eu, velho vendedor, merecem uns minutos para pôr os pés sobre a mesinha

com manchas esverdeadas. Aqui a sombra amolece o viajante, mas também lhe dá vigor, repõe-lhe as forças.

Ouçó um barulho atrás da parede do único quarto (é mesmo um quarto?), alguém abre alguma coisa, a gaveta de uma cômoda, a porta de um guarda-roupa. É isso? Da venda parte a voz rouca da velha:

– Vai logo, Rosa!

Alguém volta a se movimentar do outro lado da parede, sobe um cheiro doce de desodorante. Passados alguns minutos, sai, de trás da cortina, uma menina segurando um abridor de garrafas, o short curto, os lábios brilhosos de batom.

– Cerveja ou refrigerante? – quer saber.

Em pouco tempo, diligente, ela empurra a cerveja na mesinha, passa o pano na borracha da geladeira, encosta-se na porta, fica mexendo nas fitas da cortina – vez por outra manda um olhar para a mochila. Reconheço a perna, o joelho, mas os pés agora estão num tênis laranja. A velha vem, mete o rosto na porta, lança um olhar para a menina e, após dizer que já está saindo, desaparece. O anum, vôo torto, desce na pedra. A cortina balança – a menina me sorri.

Quando peço a segunda cerveja, a menina, após abri-la, cata com a mão um dos seios, deixa-o exposto diante de mim. Gira o dedo na extremidade dura, arroxeadada. E encara-me sorrindo. Se eu fosse o rapaz, aqui, sozinhos, pegaria-a rapidamente pelo pescoço, partiria-a num beijo. Mas na propaganda não aparece a menina, só o jovem, o homem atrás do balcão. E a estrada, o casebre, a praia. Vejo pela janela que a velha já vai longe, na pista.

Não peço, mas ela se senta do meu lado, fica olhando a mochila.

– Quem é ela?

– Minha avó.

As duas moram juntas há 3 anos, sozinhas nesse recanto de estrada. Tenho 48 anos e a menina tem idade de também ser minha neta. Digo que preciso de mais uma cerveja, ela diz, sem maiores rodeios, que está lhe faltando uma mochila. Sinto vontade de cantar.

Assim que a cigarra pára de zoar, a menina vem, ergue a perna, senta-se no meu colo. Passa a mão na minha barba, põe a língua na minha boca, toca-a na minha orelha. A folha da bananeira treme lá fora.

Ela me leva pelo braço para o quarto quente, com um buraco ao pé da parede (e se vem um cachorro?). Sobre o colchão, um lençol azul, um travesseiro esfiapado. Sinto como se estivesse deitando com a minha filha mais nova, amoleço o corpo em cima dessa menina franzina, passo os dedos nesse sexo de poucas penugens, abro a pequena e morna fenda por onde penetro, empurro tudo o que posso, encalcando-a firme na hora de gozar. Limpo-me com o pano pendurado no prego. O buraco aberto – o cachorro não veio.

Após pagar as cervejas, estico-lhe uma nota. Retiro alguns papéis, enrolo-os nas bermudas e camisas que trago, ofereço-lhe a mochila de presente. Ela beija minha mão. Quando vou para o carro na sombra, vejo-a abraçada com a mochila, dando-me adeus. Definitivamente, não há mar aqui para eu contornar, não há praia onde, depois dessas cervejas, eu possa pôr os pés – apenas a pista tremulando entre as rochas. A velha deve perambular por alguma vereda. Entro no carro, parto. Ainda vejo pelo retrovisor o caminhão parar na sombra, o motorista, um gordo, apeando para o seu bom e merecido descanso.

Começo a assoviar.

ANEXO C – “PESCOÇO DE FRANGO”

Pescoço de frango

para Luís Antonio Cajazeira Ramos

A mulher distribuía comida, tarde da noite, quase toda segunda-feira. Parava nos sinais do velho centro, nas ruas mais desertas, e esticava a mão para fora do carro. Passava a quentinha para uma velha pendendo, para um menino empoeirado, que se erguia sonolento da calçada. A velha que recebia a dádiva recendendo a cebola se benzia. O menino abria-a logo e passava a se empanturrar com o macarrão, a quebrar o frango com os tocos dos dentes. A mulher se ia no carrão escuro, nunca mais passava por aquela rua, nem voltava para aquela região da cidade. Ia para casa. Chegando, se dirigia ao quarto do filho, corria a mão no rosto dele, via se já estava dormindo. Respirava fundo ao se deitar ao lado do marido, o coração saciado. Nos pescoços de frango das quentinhas ela mesma injetava o veneno.